

O AMOR É UM JOGO QUE ELES NÃO PODEM PERDER

RUCKING AROUND

JACKSONVILLE RAYS

LIVRO 1

EMILY RATH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Emily Blunt

PUCKING AROUND

Como é um jogo que eles não podem perder

Trilha Sonora
Paul Henning

Quarta-Feira

Ficha Técnica

Título: Pucking Around
Título original: Jacksonville Rays #1: Pucking Around
Autor: Emily Rath
Tradução: Paula Antunes
Revisão: Isabel Garcia
ISBN: 9789895811502

QUINTA ESSÊNCIA
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

© 2023, Emily Rath Books
Edição publicada por acordo com Jabberwocky Literary Agency Inc.,
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Ficha Técnica

TEMAS, TAGS E AVISOS DE CONTEÚDO

CONHEÇA O RAYS

PALAVRAS E FRASES FINLANDESAS

AQUELA NOITE

1 *RACHEL*

2 *JAKE*

3 *RACHEL*

4 *RACHEL*

5 *JAKE*

6 *RACHEL*

7 *JAKE*

8 *RACHEL*

9 *JAKE*

PUCKING AROUND

1 *RACHEL*

2 *RACHEL*

3 *CALEB*

4 *RACHEL*

5 *RACHEL*

6 *RACHEL*

7 *RACHEL*

8 *CALEB*

9 *RACHEL*

10 *RACHEL*

11 *RACHEL*

12 *JAKE*

13 *RACHEL*

14 *ILMARI*

15 *RACHEL*

16 *RACHEL*

17 *JAKE*

18 *RACHEL*

19 *CALEB*

20 *RACHEL*

21 *RACHEL*

22 *RACHEL*

23 *ILMARI*

24 *RACHEL*

25 *RACHEL*

26 *JAKE*

27 *RACHEL*

28 *CALEB*

29 *RACHEL*

30 *RACHEL*

31 *JAKE*

32 *RACHEL*

33 *CALEB*

34 *RACHEL*

35 *RACHEL*

36 *RACHEL*

37 *ILMARI*

38 *RACHEL*

39 *ILMARI*

40 *RACHEL*

41 *RACHEL*

42 *RACHEL*

43 *JAKE*

44 *RACHEL*

45 *RACHEL*

46 *RACHEL*

47 *JAKE*

48 *JAKE*

49 *CALEB*

50 *ILMARI*

51 *RACHEL*

52 *RACHEL*

53 *RACHEL*

54 *RACHEL*

55 *RACHEL*

56 *CALEB*

57 *RACHEL*

58 *ILMARI*

59 *RACHEL*

60 *ILMARI*

61 *RACHEL*

62 *RACHEL*

63 *ILMARI*

64 *RACHEL*

65 *RACHEL*

66 *RACHEL*

67 *JAKE*

68 *CALEB*

69 *JAKE*

70 *RACHEL*

71 *RACHEL*

72 *CALEB*

73 *RACHEL*

74 *JAKE*

75 *RACHEL*

76 *ILMARI*

77 *RACHEL*

78 *JAKE*

79 *RACHEL*

80 *ILMARI*

81 *RACHEL*

82 *RACHEL*

83 *RACHEL*

84 *CALEB*

85 *RACHEL*

86 *CALEB*

87 *RACHEL*

88 *RACHEL*

89 *JAKE*

90 *CALEB*

91 *ILMARI*

92 *JAKE*

93 *RACHEL*

94 *JAKE*

95 *ILMARI*

96 *RACHEL*

97 *RACHEL*

98 *CALEB*

99 *RACHEL*

100 *RACHEL*

101 *JAKE*

102 *RACHEL*

103 *RACHEL*

104 *RACHEL*

105 *RACHEL*

EPÍLOGO *RACHEL*

AGRADECIMENTOS

Para todos os que odeiam e acham que esta história seria melhor sem o
Ilmari...
quem vos magoou?
Ah, e *suksi vittuun*.

E a todos os amantes que aceitaram esta história de braços abertos...
obrigada.
Mä rakastan sua.

TEMAS, TAGS E AVISOS DE CONTEÚDO

TEMAS

Romance de hóquei, «porquê escolher», de amigos a amantes, *instalove*

TAGS

MF, MM, MMF, MFM, MMFM, romance de hóquei, comédia romântica, *instalove*, de amigos a amantes, despertar *queer*, demasiado sexo, não provoques o urso, *golden retriever*, todos têm tatuagens, querida, inclina-te, papá, finlandês 101

AVISOS DE CONTEÚDO

Este livro contém alguns temas que podem ser perturbadores para os leitores incluindo o historial de uma família que foi alvo de assédio, *bullying* cruel ligado à homofobia, e uma breve discussão sobre a tentativa de suicídio de um membro da família. Mais do que uma personagem principal tem um historial de abuso de substâncias; uma delas foi para reabilitação (discutido, não demonstrado). Uma personagem principal também tem um historial de desordem alimentar (brevemente discutido como parte do seu passado).

Este livro contém cenas detalhadas de sexo entre duas, três e quatro pessoas que incluem *spanking*, asfixia, *voyeurismo*, *bondage*, dupla penetração, dupla penetração vaginal, uso de brinquedos sexuais, degradação, dominação/submissão, jogo do cuspo, bola de neve e fetiche reprodutivo.

SIGNOS

•

RACHEL: Caranguejo (água): intuitiva, emocional, reservada

•

ILMARI: Carneiro (fogo): ousado, ambicioso, temperamental

-

JAKE: Touro (terra): focado, sensual, firme

-

CALEB: Sagitário (fogo): aventureiro, adaptável, direto

CONHEÇA O RAYS

JOGADORES

Compton, Jake (n.º 42): defesa
Davidson, Tyler (n.º 65): guarda-redes suplente
Gerard, Jean-Luc «J-Lo» (n.º 6): defesa
Hanner, Paul (n.º 24): defesa
Karlsson, Henrik (n.º 17): avançado
Kinnunen, Ilmari «Mars» (n.º 31): guarda-redes
Langley, Ryan (n.º 20): avançado
Morrow, Cole (n.º 3): defesa
Novikov, Lukas «Novy» (n.º 22): defesa
O'Sullivan, Josh «Sully» (n.º 19): avançado
Perry, David «DJ» (n.º 13): avançado
Walsh, Cade (n.º 10): avançado

TREINADORES

Andrews, Brody: Treinador-adjunto
Johnson, Harold «Hodge»: Treinador Principal
Tomlin, Eric: Treinador de Guarda-Redes

APOIO À EQUIPA

Gordon, Jerry: Responsável pelo Equipamento
Sanford, Caleb: Assistente do Responsável pelo Equipamento

APOIO MÉDICO

Avery, Todd: Diretor de Fisioterapia
Jacobs, Hillary: Enfermeira da Equipa
O'Connor, Teddy: Estagiário de Fisioterapia
Price, Rachel: Bolseira Barkley
Tyler, Scott: Médico da Equipa

GESTÃO/RELAÇÕES PÚBLICAS

Francis, Vicki: Diretora Administrativa

Ortiz, Claribel: Gestora de Redes Sociais

St. James, Poppy: Diretora de Relações Públicas

PALAVRAS E FRASES FINLANDESAS

En voi elää ilman sua/Não consigo viver sem ti

Haluun tätä/Eu quero isto

Joo/Sim

Kulta/Querida

Leijona/Leoa

Mä haluun sut/Quero-te

Mä kuulun sulle/Pertença-te

Mä rakastan sua/Amo-te

Mä tuun/Estou a vir-me

Mennään naimisiin/Casa comigo

Mitä helvettiä/Mas que raio?

Mitä vittua/Que caralho?

Mun leijona/Minha leoa

Niin mäkin sua/Também te amo

No niin/*Significados versáteis

Oon sun/Sou teu

Oot kaunis, rakas/És linda, querida

Rakas/Querida

Saatana/Maldição

Suksi vittuun/Sai daqui (literalmente: «esquia para a vagina»)

Tule tänne/Vem cá

Vain sun/Só teu

Voi helvetti/Oh, que inferno

AQUELA NOITE

***PREQUELA DE UM ROMANCE SOBRE OS
JACKSONVILLE RAYS***

RACHEL

– Já foste a uma regata, beleza?

O Chad McCaraDeCu, que está a monopolizar o ar todo junto a mim, ainda não parou de falar há dez minutos. Este aprendiz de modelo idiota não deve saber ler, porque eu tenho «desaparece» escrito na testa.

Meu Deus, só quero estar sozinha para me perder em autocomiseração. Será que é pedir demasiado?

Agito o que resta do gelo no meu Old Fashioned, observando a cereja a girar no fundo do copo. Estou sentada sozinha neste bar de hotel... bem, quem me dera estar sozinha. As paredes têm painéis escuros e um tema náutico sofisticado. Perfeito para o Chad. Eu suspiro para o meu copo. Ele não repara. Estarei a ser demasiado dura com ele?

Oh, meu Deus, definitivamente não!

O Chad é o tipo de homem que fala *para nós*, não *connosco*. Claro, ele tem um sorriso e uns caracóis loiros que dão vontade de afagar, mas também está sempre a olhar por cima do ombro, piscando o olho ao resto do seu grupo.

Estão sentados no canto, com uma ótima vista sobre a linha do horizonte de Seattle, emoldurada atrás deles. São quase três horas, e o seu *brunch* tardio está quase terminado. Eles continuam a mostrar-nos sorrisos de troca.

Ele não estava a um banco de distância há dois minutos? Raios, vou ter de levar esta festa de piedade para o meu quarto.

Baixo o olhar para o meu telemóvel e clico na caixa de entrada, tocando no *e-mail* do topo. Devo ter um problema de concentração, porque reli as três primeiras linhas deste *e-mail* cinquenta vezes na última hora. É a razão pela qual deixei o meu próprio *brunch* mais cedo.

É um formulário de correio eletrónico, isso é óbvio. Desperdicei um ano da minha vida a candidatar-me a algo e a ter esperanças, só para receber um *e-*

mail com um formulário que nem sequer consegue escrever bem a porra do meu nome.

Cara Dra. Rachum Price,

Obrigado pelo seu interesse na Bolsa Barkley, o principal parceiro nacional em medicina desportiva avançada. Este ano ficámos impressionados com o número de candidatos verdadeiramente excecionais. O comité de seleção analisou cuidadosamente a sua candidatura. Infelizmente...

Não continuo a ler. Desligo o meu telemóvel e o ecrã fica escuro.

É por isso que estou aqui com o Chad e não no *brunch* do casamento do meu irmão. Chamem-me egoísta, mas não conseguia suportar ter de fingir à frente do Harrison, do seu novo marido e de toda a família alargada. Por isso, escapuli-me, pedi um táxi e voltei para aqui para me afogar nas minhas mágoas.

Não é que esteja a perder o casamento. Isso foi ontem. O *brunch* de hoje é só para as pessoas que não apanharam voos cedo. Fiz o meu papel durante o fim de semana inteiro, sorrindo em todos os eventos. Fiz o meu discurso de irmã orgulhosa no jantar de ensaio e dancei como uma louca na receção de ontem à noite.

Estou feliz por ele, a sério. Ele e o Somchai são a definição de amor perseverante. Mas também estou triste por mim. O Harrison vai compreender; é uma coisa de gémeos.

O meu voo para casa parte amanhã logo pela manhã. Conhecendo o Som, ele vai organizar um pequeno exército de tias tailandesas para me trazerem comida durante a próxima semana, para tentar animar-me. E ele nem sequer é de Cincinnati, mas tem contactos em todo o lado. Ele e o Harrison são ambos chefes de cozinha de renome, e estão a contruir lentamente o seu império. Não me posso queixar quando isso significa que o meu frigorífico está sempre cheio de comida fantástica e, ainda por cima, grátis.

Perder esta bolsa é uma pena, mas a vida continua. Por agora, tenho de ir para casa. Vou deixar-me abater por um dia ou dois e a minha colega de quarto vai chorar comigo. Ela é basicamente empática. A Tess chora quando os atores da televisão choram. Chora quando os animais dos desenhos animados choram. Mas eu sou uma pessoa emocionalmente indisponível e fechada (palavras dela, não minhas).

Por isso, acho que vou tentar chorar. Mas depois preciso de um plano. Preciso de começar a fase dois. Preciso de...

Que inferno!

Preciso que o Chad se afaste agora mesmo!

Ele está a inclinar-se no meu espaço, quase a atingir-me com aquelas pestanas loiras. Isto é ele a seduzir-me? É suposto eu estar a desmaiar? Como é que um homem não consegue ler todos os sinais que uma mulher lhe está a

dar? Estou quase a cair do meu banco quando ele se inclina ainda mais para junto de mim, cheirando o meu cabelo de forma exagerada.

Fico paralisada.

– Hum, cheiras bem – murmura ele. – Isso é Chanel N.º 9?

Sim, este é o meu limite absoluto. É altura de levar o Chad de volta à sua mesa. Respiro fundo, empurrando a Dragão Rachel de volta para a sua gaiola. Não há razão para fazer uma cena. Vou simplesmente mandá-lo embora com as minhas palavras de menina crescida.

Mas depois o maldito atreve-se a estender a mão e a passar os dedos pelas minhas costas. Este macacão não tem costas, por isso ele está a tocar diretamente na minha pele.

Bato com a minha bebida no balcão e viro-me no banco, quebrando o contacto.

– Tira as mãos de cima de mim – sibilo. – Está na hora de ires.

O Chad atreve-se a encarar-me com os olhos arregalados e levanta-se.

– Calma, calma. Porquê essa atitude? Só estamos a ter uma conversa agradável.

As minhas narinas inflamam-se.

– Uma conversa agradável? – digo, totalmente incrédula.

Ele solta uma gargalhada.

– Ouve...

– Amy! – diz uma voz grave. – Amy, mas que raio!

O Chad olha por cima do meu ombro, estreitando a visão na direção da voz.

– Estou à tua espera há uns vinte minutos. Pensei que nos íamos encontrar lá em baixo.

Rodo o meu banco e vejo um homem a caminhar em direção ao balcão.

Mas que merda, será que põem alguma coisa na água aqui?!

Este tipo também é lindo. O seu cabelo castanho-chocolate cai-lhe sobre a testa e perco-me naqueles olhos cor de avelã. Tem a quantidade perfeita de barba por fazer a cobrir aquele maxilar cinzelado. Para não falar da forma como o seu peito e os seus braços preenchem a *t-shirt* demasiado justa.

Aposto que é um atleta profissional. Passei demasiado tempo no setor para não reconhecer um jogador quando o vejo. Talvez futebol. Defesa. Não é só o corpo, é a confiança, o ar de sofisticação, a arrogância sem esforço que suga todo o ar da sala.

Oh, e ele vem a pavonear-se agora, mesmo até ao Chad. Tem facilmente quinze centímetros a mais e cinquenta quilos de músculo.

– Este tipo está a incomodar-te, Amy? Estás a incomodar a minha irmã, idiota?

Eu respiro fundo. *Irmã?* Estou assim tão bêbeda? Este não é o Harrison, eu... *oh!*, estamos a representar. Ele está a oferecer-me uma saída. Eu entro na personagem.

– Não te preocupes. Ele estava apenas a...

– Eu não estava a fazer nada. – Chad enfrenta com confiança a sua nova concorrência.

O tipo novo cruza os braços sobre o peito largo.

– Bem, dali parecia que estavas a tocar na minha irmã, e ela não estava a gostar. Queres que te parta uma mão?

– Não...

– Porque *ninguém* toca na minha irmã a não ser que ela o peça – rosna ele.

Por reflexo, estendo a mão para o braço dele.

– Eu sei tomar conta de mim própria – aviso. – E ele já estava de saída.

– Olho fixamente para o Chad. – Não estavas?

– Sim... sim, tenho de ir andando. Mas deixa-me dar-te o meu número... – diz o Chad a sorrir.

– Não, ela está bem. – O meu novo amigo olha para mim. É rápido, mas o olhar está lá, a preocupação genuína, a pergunta não dita. *Estás bem?*

Aceno-lhe com a cabeça.

– Eh pá, eu posso dar-lhe o meu número – resmunga o Chad. Ele está a deixar que o seu medo do embaraço se sobreponha aos seus instintos de sobrevivência. Não me surpreende, visto que os seus amigos idiotas estão sentados do outro lado do bar a rir-se de nós. – Estou na cidade durante o resto da semana, e há a regata de que te falei...

– Olha, eu não quero ser um entrave, mas não atravessei o país para ver a minha irmã a namoriscar com um modelo da Cabela's. – Ele baixa o olhar para mim, e passa rapidamente de mal-humorado para um ar de cachorrinho. – Vá lá, Amy – queixa-se ele, com a voz mais suave agora. – Por favor, não faças isso. Não faças isso outra vez. Chega de encontros aleatórios em bares enquanto estamos de férias. Prometeste que íamos ver o Space Needle. E eu quero vê-los a atirar peixe ao cais.

Estou a lutar contra o meu riso agora. Este tipo é demais.

– Está bem, sim – respondo. – Podemos ir ao Space Needle. E que tal se eu te trazer um chá original de pitaia do Starbucks?

– Espetacular. – Ele mete-se entre mim e o Chad, obrigando-o a dar mais um passo atrás.

– Bem, eu vou-me embora – murmura o Chad.

Mas o meu novo companheiro está a ignorá-lo completamente. Está a ler o código QR do menu com o telemóvel.

– Viste que têm palitos de mozzarella? – diz ele, num tom falsamente alegre e animado. – Vou pedir alguns. Queres partilhar? Oh, merda, és alérgica a laticínios. Bem, vou pedir na mesma.

Agora estou a sorrir. Não o consigo evitar. Este tipo neutralizou eficazmente o meu problema com o Chad sem eu ter de fazer uma cena. E o *barman* está a anotar o seu pedido: cerveja artesanal, palitos de mozzarella e um cesto de batatas fritas com molho de queijo azul em vez de *ketchup*.

Chad tira o seu Macallan puro do bar e regressa à sua mesa. Recebem-no

com gritos e troças.

– Parvalhões – murmura o tipo novo, aceitando a cerveja que o *barman* lhe oferece.

Recosto-me no meu banco, incapaz de negar a súbita mudança de energia. Porque é que me sinto nervosa? A presença deste tipo é incontornável. É como se ele fosse um íman e eu estivesse a ser atraída para ele contra a minha vontade.

Ótimo, agora sou eu a anormal.

Suspiro, bebo o último gole do meu Old Fashioned e faço sinal ao empregado do bar. Peço antes um chá quente. Já chega de bebidas alcoólicas para a Rachel.

– Peço desculpa se me excedi. Juro que não estava a tentar ser um idiota, mas parecia que precisavas de ser salva – diz.

– Não faz mal – respondo, aceitando o meu chá quente. Espremo uma rodela de limão na chávena e acrescento: – Foi divertido.

Ele sorri para mim, aqueles olhos cor de avelã brilham divertidos, mas rapidamente voltam a ficar tristes. O que é que este homem lindo tem para estar triste? Ainda há pouco, parecia um cachorrinho a abanar a cauda, agora é um cachorrinho solitário.

– E não te preocupes – acrescenta, olhando por cima do ombro para a mesa do *brunch*. – Vou ficar aqui sentado só para manter as aparências, mas prometo que não te vou incomodar. Sei que queres que te deixem em paz.

Faço uma pausa, com a chávena de chá a meio caminho dos meus lábios.

– O que te faz pensar que eu quero ficar sozinha?

Ele resfolega, bebendo um gole da cerveja.

– Queres dizer, para além do grande «desaparece» que tens tatuado na testa? – Ele faz um gesto para o meu rosto com a mão.

Eu comprimo os lábios.

– Oh, então tu consegues ver. Que bom. Por um minuto, pensei que se tinha apagado no duche.

– Não. Estavas a dar a esse tipo todos os sinais para se ir embora. Já para não falar que estavas praticamente a cair do banco para te afastares. Depois vi-o tocar-te – murmura ele, passando de triste a zangado. – E encolheste-te.

Eu retraio-me, sentindo o fantasma daquele toque indesejado entre os meus ombros.

– Odeio tipos assim – diz ele, bebendo mais um gole da cerveja.

– Assim como?

– Tipos que pensam que podem conseguir o que quiserem de uma mulher. Eu estava a falar a sério – acrescenta, virando-se ligeiramente para me encarar, com aqueles olhos cor de avelã a prenderem-me. – A minha irmã, Amy... nem sempre teve a melhor sorte com os homens – explica ele. – Eu vejo uma mulher que está claramente desconfortável, e fico passado. Ela chamar-me-ia um macho alfa protetor. Provavelmente tu também. Mas sabes, tanto faz. As miúdas dizem sempre que nada vai melhorar até que os bons se

levantem e ponham os maus na linha. Se isso mantiver a minha Amy a salvo, eu serei o parvo. E talvez tipos como o Idiota McClubeDeIate ali, para a próxima, tenham maneiras.

Eu suspiro, pousando o meu chá com um estrondo.

– Meu Deus, cala-te.

Ele levanta uma sobrancelha escura, confuso.

– O quê? Aquele tipo estava a ser um completo idiota.

Eu sorrio, passando a mão pelo seu braço, inclinando-me para ele com uma gargalhada.

– Tenho-lhe chamado Chad McCaraDeCu na minha cabeça este tempo todo. – Ele olha para trás por cima do ombro e ri-se também. – Sim... sim, esse tipo é um Chad completo.

Volto a sentar-me no meu banco. Ambos olhamos para as televisões. Está a dar um jogo de basebol ao lado do jogo de futebol. O empregado do bar traz dois cestos fumegantes de comida frita.

Os palitos de mozzarella cheiram muito bem. E eu não sou *realmente* intolerante à lactose. Se o meu cavaleiro em brilhante algodão cinzento se oferecer para partilhar, não vou dizer que não. Além disso, um palito de queijo frito pode ajudar a absorver um pouco do *bourbon* que está atualmente no meu estômago vazio.

– Queres um pouco disto? – pergunta ele, deslizando um prato para partilhar. Eu sorrio e pego num palito de mozzarella.

– Claro, obrigada.

Ele pega na comida e verifica o telemóvel.

Assim que começa um anúncio nos dois ecrãs de televisão, aclaro a garganta.

– Então... o que te traz a Seattle?

JAKE

É tudo o que posso fazer para agir naturalmente, comer as minhas batatas fritas e fingir que estou a ver basebol, como se não estivesse sentado ao lado da mulher mais bonita do mundo. Não fazia ideia de como ela era quando entrei. Esteve sempre de costas. Vi uma mulher claramente desesperada por ser deixada em paz, e não pensei, apenas agi, chamando pelo nome da minha irmã.

Quando ela se virou no banco do balcão, juro por Deus, roubou-me o ar dos pulmões como se fosse uma cena em câmara lenta de um filme de miúdas. O seu cabelo castanho-escuro fluía-lhe pelas costas em ondas, as pontas douradas à luz do sol que entrava pela parede de janelas do bar que vão do chão ao teto.

Ela está a usar um fato preto sensual, aberto atrás até à cintura. A parte da frente faz um «V» baixo entre os seus seios. E, *caramba*, ela tem tatuagens. São todas pequenas, nada maior do que uma carta de baralho, mas pontuam os dois braços, o ombro, algumas nos dedos. Consigo ver a sugestão de uma nas costelas a desaparecer por baixo da roupa. Coisas giras e femininas, como corações, setas e notas de música.

E até tem um pequeno padrão geométrico sensual no esterno, a desaparecer entre os seios. Agora sou eu o porco que quer ver até onde vai. Quero lambê-lo. E ela cheira tão bem. É floral e suave, mas com um toque de especiarias.

Que merda! Foda-se! Para com isso, Compton.

Abafo um gemido, disfarço-o pigarreando e pego na minha comida.

Agarrar a batata frita. Levar à boca. Mastigar.

Oh, e já mencionei o *piercing*? Sim, ela tem um *piercing* no nariz com um pequeno anel de ouro torcido. Entre isso e os seus olhos escuros pintados de preto e os seus lábios vermelhos, acho que estou apaixonado.

E nem sequer sei o seu nome.

E não o vou saber, porque ela não quer falar. Quer que a deixem em paz. E raios me partam se vou ser o tipo que a salva de um parvalhão só para me tornar noutro. Não, vou manter os olhos no meu cesto de batatas fritas, a minha pila nas calças e as minhas perguntas para mim próprio.

Mas depois sinto-a a mexer-se ao meu lado, aclarando a garganta.

– Então... o que te traz a Seattle? – pergunta ela com aquela voz suave.

– Hum, a minha irmã – respondo.

– A Amy? – Aceno com a cabeça. – Ela não está prestes a entrar aqui e a estragar a nossa história, pois não? – pergunta com um sorriso.

Suspiro, deixei-me levar pela autocompaixão desde que falei com ela ao telefone há trinta minutos. Eu não podia ficar sentado sozinho no meu quarto, por isso fui até o bar.

Jake Compton, mesa de falhados para um.

– Ela não vem – respondo. – Devíamos encontrar-nos aqui como uma espécie de ponto intermédio. Íamos passar a semana a passear e a fazer coisas turísticas. Mas o voo dela foi cancelado.

– Isso é uma treta – murmura.

– Sim – respondo. É *mesmo* uma treta. Com os nossos horários malucos, a mudança de hora e a distância, já não vejo a minha irmã há quase um ano. Tenho imensas saudades dela.

A sobranceira dela franze-se.

– Como é que Seattle é um ponto intermédio? Estou a tentar perceber pela geografia...

– A Amy vive no Japão e eu estou na costa leste neste momento – respondo. – Portanto, é mais ou menos a meio caminho. Eu estou mais perto e não tenho alfândega, por isso ela fez-me pagar o hotel.

– Uau... isso é fixe. O que é que ela está lá a fazer?

Olho para a minha direita, tentando manter a calma. Só preciso de a ver outra vez. Preciso de saber que isto é real, que não a estou a inventar na minha cabeça. Sim, ela continua a ser linda. E está a olhar diretamente para mim, à espera que eu responda. Ela está a iniciar isto, por isso não sou eu o idiota, certo? Estava a meter-me na minha vida. Ela é que está a fazer as perguntas.

– Hum... merda, sou péssimo com os pormenores – digo com uma gargalhada. – A Amy é a gémea inteligente. Tipo, superinteligente. Dois mestrados em engenharia e um emprego fantástico numa empresa de robótica.

Ela suspira, aqueles lábios carnudos abrem-se e os seus olhos brilham com interesse.

– Eu também sou gémea – diz a sorrir.

– Não acredito. Falsa?

– Sim, tenho um irmão, o Harrison. Ele é oito minutos mais velho – acrescenta ela, tomando um gole do seu chá de limão.

– Eu sabia que havia algo em ti. – Sorrio para ela, levantando a mão. – Dá cá mais cinco para os gémeos falsos!

Ela ri-se e revira os olhos, a brincar. Levanta a mão direita e as finas pulseiras de ouro no braço tilintam enquanto me dá um *high five*.

Voltamos a sentar-nos e eu sinto-me um pouco mais leve. Quero saber o seu nome, mas tenho medo de perguntar. Parece que se o fizer, ela pode desaparecer como uma nuvem de fumo.

Com a Amy desaparecida em combate, e o meu novo voo para casa só marcado para terça-feira de manhã, estou sozinho aqui em Seattle durante os próximos dois dias. Talvez as coisas estejam a melhorar... talvez seja o destino. E se eu tiver de adiar a visita à Amy até ao Dia de Ação de Graças? Tenho uma rapariga bonita a fazer-me companhia, e ela não parece detestar falar comigo.

– Então... o que estás a fazer em Seattle? – pergunto.

– Também estou aqui em negócios de gémeos – responde ela. – O casamento do meu irmão foi este fim de semana.

– É por isso que estás toda aperaltada?

Ela acena com a cabeça e o sorriso desvanece-se.

– Sim, tive um *brunch* pós-casamento hoje, mas não me estava a sentir muito festiva. Talvez tenha fugido. Depois mando uma mensagem ao Harrison a pedir desculpa – murmura, verificando o telemóvel.

Ela é linda, mas também é óbvio que está deprimida com alguma coisa. Não quero abusar da sorte, mas sou uma pessoa sociável... e muito intrometido. Deixo os meus colegas de equipa loucos por estar sempre a meter-me na vida pessoal deles. O que posso dizer? Gosto de mexericos e gosto muito de ajudar quando posso. Até me podem chamar *Conserta Tudo*.

Mas não quero afugentá-la, por isso, contento-me com um simples:

– Queres falar sobre isso?

Ela abana a cabeça.

– São só más notícias. Eu vou ficar bem. Estou a fazer um plano.

Aceno com a cabeça.

– Os planos são bons. Os planos são... bem, eu sou péssimo a fazer planos – admito. – Mas sou muito bom a perceber os méritos de um plano. E quando os planos são feitos para mim, eu agarro-me a eles como se a minha vida dependesse disso. Qualquer um: planos de viagem, planos de dieta, planos de treino. A minha vida é, basicamente, um grande livro cheio de planos.

Ela olha para mim, com os seus olhos escuros a estreitarem-se. Eu sei que ela quer perguntar. Foda-se, gostava que o fizesse. Está a morrer para perguntar. Tem aquele olhar. O olhar de «eu sei que és um atleta profissional, mas diz-me qual é o desporto». Já o vi milhares de vezes.

A maioria das mulheres nem sequer se importa. É como se tivessem um radar para os profissionais. Elas farejam-nos e seguem-nos como se tivéssemos grandes faróis vermelhos a brilhar no topo da cabeça. A Miúda Mistério não é esse tipo de rapariga. Depois de quase dez anos nesta vida, eu tenho um radar muito bom para farejar as coelhinhas do disco.

– Então... vais perguntar-me? – digo, mostrando-lhe um sorriso enquanto acabo a minha cerveja.

– Não – responde ela, escondendo o seu próprio sorriso ao comer algumas das minhas batatas fritas.

Inclino-me para ela, dando-lhe um empurrão com o meu cotovelo.

– Vá lá... tu sabes que queres.

– Não quero mesmo.

– Porquê?

Ela olha para mim, aqueles olhos escuros tão abertos e honestos. Porra, ela está a despir-me com aquele olhar.

– Porque eu ainda não quero que isto acabe.

Oh, merda, isto está a tomar um rumo. Eu consigo senti-lo. Ambos o sentimos. Isto não é energia de coelhinho do disco. Em todas estas trocas, sou eu que estou a tomar a iniciativa. Eu escolho a coelha; a coelha nunca me escolhe. Isto é totalmente diferente. Esta *rapariga* é diferente. É uma loucura dizê-lo quando nem sequer a conheço, mas ela é demasiado para mim.

– E... *o que é isto?* – digo, abafando o meu sorriso pateta.

Ela mantém o meu olhar. A sua beleza está a arrasar-me.

– *Okay*, vou só dizer uma coisa, e preciso que não te passes nem fijas. – Eu reteso-me, o sorriso desvanece-se, totalmente pronto para fazer as duas coisas.

– *Oookay...*

– Eu sou uma rapariga do zodíaco.

Eu gemo.

– Oh, foda-se! *Okay*, hum... eu sou Touro – respondo. – Só sei que, aparentemente, isso é irónico.

Ela suspira, tentando tapar o som com a mão. Os seus olhos brilham de alegria enquanto murmura:

– Claro que és.

– Então, isso significa que eu perco, certo? Isto acaba antes de começar? Devo pagar a minha conta e ir-me embora, certo?

Ela fixa o meu olhar novamente, os seus olhos escuros mantém-me no meu banco. A minha pila não consegue evitar, ela não sabe que não vamos levar isto mais longe. Dói-me nas calças. Foda-se, porque é que eu tinha de usar as minhas calças justas? Demasiados treinos de primavera fizeram com que as minhas calças ficassem apertadas. Preciso de aumentar um tamanho.

Concentra-te, idiota.

Certo, concentra-te.

Mas agora ela está ali, sentada, sem se mexer. Estivemos sequer a namoriscar? Eu sei que não. Estou apenas a ser... eu. Isto é tão diferente da minha habitual ofensiva de sedução. Sinto que é ela que tem o disco e eu estou à espera de que ela faça alguma coisa com ele.

Talvez eu tenha interpretado isto mal. Estou só e triste por causa da Amy, e esta rapariga é mesmo linda. Estou a ver as coisas de forma errada.

Ela não me quer. Eu suspiro.

– Deixa-me ir pagar a conta. Eu acompanho-te ao elevador, pelo menos, para ver se o Chad McClubeDeLates não te segue.

Quando vou buscar a carteira, ela põe-me a mão no braço e eu fico imóvel. Completamente paralisado. Construam um pedestal de mármore e mandem-me para um museu.

– Eu acredito em sinais – murmura ela, baixando o olhar para se concentrar no nosso ponto de ligação comum.

O seu toque é leve como uma pena, mas a energia crepita entre nós com o calor de um relâmpago seco. Tudo em que me consigo concentrar é no padrão simples de quatro estrelas no polegar dela. O que é que elas representam? E porque é que este toque é mais sensual do que algumas das relações sexuais que tive com as coelhinhas?

Mal consigo respirar. Juro, se isto se torna uma provocação... se ela me dá corda só para se rir na minha cara e ir embora...

– Tu acreditas em sinais – repito.

Ela acena com a cabeça.

– Sim, acredito. E, neste momento, todos os sinais apontam para que eu te leve para o meu quarto e te foda até ao tutano.

Morri.

RIP Jake Compton, o melhor marcador que a NHL já teve. Morreu a fazer o que mais gostava.

– Tenho um voo logo pela manhã – continua ela. – E não quero ficar sozinha esta noite. – Ela olha para mim através daquelas pestanas escuras. – Acho que... tu também talvez não queiras ficar sozinho.

– Não quero – engasgo-me.

Ela sorri-me de novo.

– Ótimo. Então talvez devêssemos...

– Eu vou pagar – digo, já a tirar a carteira do bolso.

Ela escorrega do seu banco enquanto eu me inclino sobre o balcão, acenando com o meu cartão de crédito ao *barman*. Olho para ela por cima do ombro assim que o empregado se afasta para tratar da nossa conta.

Bem, isto é incrível!

Agora que ela está de pé, apetece-me cair de joelhos. O corpo dela é um dez. Não, ela é um onze. Um treze. Tem curvas em todos os sítios certos, e ainda um pouco mais. Tem as ancas redondas, e eu consigo ver que não está a usar sutiã com aquela roupa. As suas mamas perfeitas têm algum peso. Ficam um pouco penduradas, pesadas dentro do seu *top* de alças. Os seus mamilos estão levantados de excitação.

A minha pila contorce-se só de pensar em soltar as alças e vê-la em plena exibição. Ela tem muito mais do que uma boca bem cheia para brincar. Quero vê-la a montar a minha pila. Quero-a a cavalgar-me, e quero aquelas mamas perfeitas a saltarem enquanto ela grita, toda molhada a estrangular-me. Quero fodê-las. Quero deslizar a minha pila entre elas, e quero tocar naquela

micro tatuagem no seu esterno.

Toma um comprimido para relaxar, seu psicopata louco por sexo.

Solto um suspiro trémulo, assinando a conta de forma mecânica quando o empregado de balcão ma entrega.

Ela está à minha espera quando me viro e a energia parece um fio elétrico entre nós. Caramba, não me lembro da última vez que fiquei tão excitado. Se calhar nunca.

Esta rapariga está a fazer algum tipo de magia em mim.

Ela vira-se, pronta para liderar o caminho para a saída.

Eu mal sei o que estou a fazer quando digo:

– Espera...

Ela olha por cima do ombro, com a excitação a morrer-lhe nos olhos.

Oh, merda, ela pensa que eu estou a desistir!

Dou um passo em frente, passando os meus dedos pelo seu braço.

– Eu nem sequer sei o teu nome.

Ela olha para mim por um instante, depois abana a cabeça e o seu sorriso regressa agarrando-me pela mão e levando-me na direção dos elevadores.

– Sem nomes. Sem empregos. Sem vida real. Esta noite, somos apenas duas pessoas perdidas numa cidade que não é a nossa. – Ela olha por cima do ombro com aqueles olhos castanhos derretidos de necessidade. – Vem encontrar-me. – Eu sorrio largamente.

Rapariga Mistério, tenciono encontrar-te outra vez... e outra vez... e outra vez.

RACHEL

O meu pulso está acelerado quando me levanto. Isto é de loucos. Estarei embriagada? Faço um teste de sobriedade rápido, de costas, enquanto ele paga a conta. A minha visão está boa, não estou a cambalear, consigo andar em linha reta. Acho que estou só alegre. O chá e os palitos de mozzarella estão a fazer a sua magia.

De todas as formas de lidar com o meu coração partido por ter perdido a bolsa, ir para a cama com este tipo é definitivamente a menos madura. Mas eu estou sozinha, e agora estou excitada, e ele está a dizer que sim. Além disso, fui criada num ambiente muito positivo em termos de sexo. A Rachel gosta de sexo. E muito. Não sinto vergonha nenhuma em ter um caso de uma noite. Desde que ele saiba o que isso é, aceito.

Além disso, há qualquer coisa nele. Não estava a mentir quando disse que sou uma rapariga do zodíaco e acredito nos signos. Também acredito em energia. Ele é uma boa pessoa, gentil e compassivo. É generoso.

Consigo sentir os olhos dele em mim, a fixar-me. A minha pele fica arrepiada. Porque é que estou nervosa? Viro-me para o encarar e ele abafa um gemido de desejo. O som vai direto para a minha vagina. O seu olhar percorre-me antes de se virar para trás, para tratar da conta.

Ele é alto, talvez 1,90 m. Com saltos altos, tenho 1,70 m, por isso mal lhe chego aos ombros. Os músculos dele são firmes por baixo da *t-shirt* cinzenta e as calças de ganga estão a fazer o trabalho do Senhor. Podia lascar um dente naquele rabo. Quero percorrer a pele dele com as minhas unhas, quero vê-lo tremer. Quero...

Ele fecha a caderneta com a conta e entrega-a ao empregado do bar, voltando a meter o cartão de crédito na carteira. Vejo-o guardá-la no bolso de trás, desejando poder ser essa mão.

Rapariga, recompõe-te.

Afasto-me, tentando respirar. Já há algum tempo que não faço isto. Tenho andado tão ocupada com o trabalho e a vida. Nos últimos três meses, tenho andado mais na estrada do que em casa. Talvez este momento seja perfeito. Eu não quero apenas isto; eu preciso disto. Uma porta fechou-se para mim hoje, é altura de abrir uma nova.

– Espera... – ele chama atrás de mim.

O meu entusiasmo afunda-se como uma pedra no meu peito.

Oh, meu Deus, ele mudou de ideias. Eu fui demasiado incisiva.

Olho por cima do ombro, e vejo o seu rosto a vacilar com cinco emoções ao mesmo tempo... antecipação, confusão, necessidade. Depois, ele aproxima-se por trás de mim.

– Nem sequer sei o teu nome – murmura, com uma voz baixa e doce como mel.

A minha respiração fica suspensa. Certo, nomes seriam bons.

Ou talvez não...

Sinais, lembras-te? Tenho a sensação de que estamos destinados a ser duas almas que se encontram, mas só por este momento. Depois ele segue o seu caminho e eu o meu. Sorrio e abano a cabeça, agarrando a mão dele. É tão grande na minha, mas eu gosto do ajuste. Gosto da forma como ele a envolve com firmeza e segurança.

– Nada de nomes – digo eu. – Nada de empregos. Nada de vida real. Esta noite, somos apenas duas pessoas perdidas numa cidade que não é a nossa. – Olho por cima do ombro, com o coração na garganta, quando ele me oferece aquele sorriso ansioso. Está interessado. Ele quer perder-se tanto quanto eu.

Aperto-lhe a mão.

– Vem ter comigo.

Ele aproxima-se mais, totalmente empenhado no que vem a seguir. Sinto o calor do seu sorriso até à ponta dos pés.

– Indica o caminho, Rapariga Mistério.

Mantenho os meus dedos ligados aos dele e puxo-o. Estamos a passar pela receção vazia quando o grupo do *brunch* vem a caminhar pela parte de trás de uma fila de cabines. Os amigos do Chad riem-se todos quando nos veem. Dois deles acenam para mim. Um deles está tão bêbedo que precisa do braço do amigo para se apoiar.

Ele deixa cair a minha mão, colocando-se ligeiramente à minha frente, enquanto deixamos o outro grupo passar por nós. Sinto-o tenso, como se estivesse pronto para uma luta. Por instinto, levanto a mão, passando os dedos pelo seu ombro. Ele acalma-se ao meu toque, soltando um suspiro.

O seu cheiro é tão bom. Luto contra a vontade de me aproximar. É amadeirado e floral, suave e discreto. Quero enroscar-me no seu peito e respirar o tecido da sua *t-shirt*.

– A última oportunidade de conseguires aquele bilhete para a regata, minha linda – diz o Chad. – Porque não deixas o teu irmão e vens brincar com

um homem a sério?

– Aquele tipo não é irmão dela – diz o bêbado. Dois dos outros riem-se.

Descontraído, o meu novo amigo dá um passo em frente e estende a mão ao Chad.

– Acho que não me lembro do teu nome.

Chad faz uma pausa, olhando para a mão.

– É Brad – diz ele, pegando nela e apertando-a com firmeza. – Brad Hollingsworth.

– Brad... certo – responde ele, mantendo a calma.

Não apanho os seus próximos comentários porque me encostei às suas costas, abafando o riso com a minha mão e escondendo-me contra o seu volume. Os meus ombros estão a tremer tentando conter uma gargalhada. A mão dele envolve-me por trás, apertando-me contra ele, enquanto acena e diz algo cavalheiresco para se despedir do grupo de velejadores embriagados.

Assim que eles passam pelas portas, ele vira-se, com uma mão na minha anca e a outra debaixo do meu queixo, inclinando-o para cima. Está a sorrir como um idiota. Estamos os dois.

– O nome dele é Brad.

Volto a suspirar. Meu Deus, tenho lágrimas nos olhos.

– Eu juro que não sabia – digo, sugando uma respiração.

Ele está tão perto que é praticamente um abraço. O seu olhar aquece enquanto percorre os traços do meu rosto. Ele estende a mão para me acariciar o maxilar, e eu sinto esse toque em todo o lado.

Os meus seios estão pesados e começo a sentir dores, aquela sensação ardente de vazio a instalar-se no fundo do meu coração. Já passou demasiado tempo desde que desejei um homem como este.

– Tinhas medo de me perder para um homem a sério? – murmuro.

– Nem pensar, linda – responde ele. – Tens aqui o homem de que precisas.

Eu sorrio. Caramba, aquela é uma boa frase. O meu sexo deve concordar porque a nossa menina está a sentir-se esfomeada. Estou pronta para trepar este homem como uma árvore.

RACHEL

Sem esperar nem mais um segundo, viro-me e atravesso as portas do bar para o átrio interior do hotel. Brad e o seu grupo já se foram embora no elevador em direção ao piso inferior. Os meus saltos fazem barulho nos mosaicos enquanto ele se move silenciosamente atrás de mim. Para além dos meus saltos, o único outro som é a música *jazz* suave que se filtra do bar.

Consigo ver os nossos reflexos no aço inoxidável das portas do elevador. Ele é maior do que eu, pelo menos a cabeça e os ombros mais alto. Estico a mão e carrego na seta para baixo, observando as luzes brancas a piscar sobre as portas enquanto um dos elevadores vem para o último andar para nos apanhar.

Ele aproxima-se atrás de mim.

– Posso tocar-te? – murmura ele, com o seu hálito quente na minha orelha.

Luto contra um arrepio de desejo e aceno com a cabeça.

As suas mãos tocam os meus ombros, passando suavemente por baixo do meu cabelo, até ficarmos pele com pele. As suas palmas ásperas deslizam sobre os meus ombros e descem pelos meus braços.

Assim que o elevador soa e as portas se abrem, entro com os meus saltos altos e vou diretamente para as traseiras. Ele segue-me, a sua presença é avassaladora quando as portas se fecham. Há uma finalidade nisso. Uma promessa de tudo o que está para vir.

Viro-me, agarrando-me ao corrimão de metal frio. Ele aproxima-se, segurando-me o rosto. Ambos respiramos fundo, as nossas almas encaixam-se como as engrenagens de uma máquina. Expiramos e sinto-o em todo o lado. Quero-o em todo o lado.

– Posso beijar-te? – pergunta ele, já quase a roçar os seus lábios nos meus.

Solto um suspiro de desejo, largo o corrimão para agarrar a sua camisola macia com as duas mãos.

– Meu Deus, sim...

E ele já está a beijar-me. O seu corpo cobre o meu enquanto ele reclama todo o meu ar. Abro-me para ele, as minhas mãos soltam-se da sua camisola para se enroscarem no seu pescoço. Enlaço os meus dedos no seu cabelo, erguendo-me na ponta dos pés. Há apenas o suficiente para agarrar e eu percorro a sua nuca com as minhas unhas, provocando um gemido que o faz pressionar contra mim com as suas ancas.

Brincamos enquanto exploramos, as nossas bocas abrem-se até eu lhe passar a língua e provocar o lábio inferior.

Dlim.

A mão dele desce do meu rosto, traçando a linha do meu pescoço. Luto contra um gemido de carência. Adoro as mãos de um homem à volta do meu pescoço. Arquejo-me contra ele, desafiando-o a apertar, mas ele baixa as mãos rapidamente e eu perco aquela pressão tentadora.

Mais devagar, rapariga. Só passaram dois segundos. Não ser sufocada num elevador é provavelmente uma coisa boa.

Ele está a entrar na minha pele, a enterrar-se profundamente. A nossa energia dança, enrosca-se e une-se. É etéreo e real ao mesmo tempo. Continuamos a beijar-nos e sinto-o com cada parte de mim.

Dlim.

Os seus dedos traçam a minha pele nua desde a minha garganta até entre os seios. Este macacão está a derrapar na linha ténue entre a alta-costura e a despedida de solteira de Las Vegas. O «V» é recortado praticamente até ao meu umbigo. Não é preciso nada para ele enfiar uma mão dentro do tecido elástico. Eu tremo, arqueando-me ao seu toque enquanto ele apalpa o meu peito descoberto.

– Quero-te tanto – geme ele na minha boca, avaliando o meu peito antes de me beliscar o mamilo de forma brincalhona.

– *Ahh-sim* – eu sibilo em resposta. O meu sexo grita por atenção e eu pressiono as ancas dele, sentindo a sua dureza. Porque é que vesti um macacão? Ele não pode dar-me o que eu preciso sem me despir, e não há nenhuma maneira de eu me despir neste elevador.

Dlim.

– Foda-se... Ele interrompe o nosso beijo, tirando a mão do meu *top*, e quase se afasta de mim quando se vira. Arrasta a mão pelo seu cabelo despenteado enquanto praticamente tropeça para o outro lado do elevador. – Tenho de escolher um andar – murmura ele.

Ah, esse é o som. Estamos aqui parados no último andar do hotel, num elevador cada vez mais enervado por não termos escolhido um andar.

– Dezassete – digo.

Ele marca o número com o polegar e volta-se. O elevador começa imediatamente a descer. Ele permanece do outro lado da cabina, com os olhos

arregalados, observando-me. Os seus ombros estão a tremer e os seus lábios entreabertos. O atleta profissional está sem fôlego. Estou a afetá-lo e isso faz maravilhas à minha confiança. Dou um passo em frente e ele levanta a mão.

– Não... espera.

Eu pestanejo, engolindo os meus nervos enquanto lambo os meus lábios timidamente.

– Tu não...

– Nem sequer acabes essa frase – rosna ele. – Tens de ficar ali porque, se não ficares, como-te aqui mesmo neste elevador e isso não vai acontecer de maneira nenhuma. Estou a demorar o meu tempo contigo.

A dragão Rachel ronrona dentro da sua jaula. Este homem está metido num grande sarilho.

O elevador apita novamente no piso dezassete e as portas abrem-se atrás dele. Ele estende a mão, colocando o seu corpo entre as portas. Faço um movimento de salto para a frente. Ele vira-se para o lado, deixando-me sair.

Segue-me como um cachorrinho ávido pelo corredor colorido. Uma mão está na minha cintura enquanto eu o conduzo em direção ao meu quarto. Paro junto à porta, procurando na minha mala o cartão de acesso.

Ele inclina-se, dando-me beijos quentes no pescoço. A sua mão na minha anca sobe mais até roçar com o polegar na minha mama lateral exposta.

Sim... talvez este macacão deva ser retirado do uso público. Ele solta uma risada suave.

– Quarto 1742?

– Sim. – Coloco o cartão-chave no leitor e a porta emite um sinal sonoro acendendo a luz verde. Dou um puxão na maçaneta, empurrando-a para abrir. – Há alguma coisa de engraçado com o número do quarto?

– Não é engraçado – responde ele, seguindo-me para dentro. – Acho que a tua mania dos sinais está a passar para mim, só isso.

A porta fecha-se atrás de nós e ele vira-se para a trancar. Eu quase tropeço para dentro do quarto, descalçando os meus saltos na direção do armário.

É um quarto lindo. O papá nunca usa nada barato. Todos os convidados do casamento que vieram de fora da cidade tiveram quartos melhorados, e a família e os noivos tiveram suítes. Este é um quarto de canto, com duas paredes com janelas do chão ao teto, que oferecem uma vista fantástica do horizonte da Baixa e da baía de Elliott. Ainda é de dia, mas estamos em Seattle. A luz do sol mal durou trinta minutos. O céu está agora encoberto, com nuvens cinzentas baixas. Provavelmente vai chover esta noite.

– Ena... este quarto é fantástico – murmura. – Ainda bem que a minha irmã não está a ver isto. Ela ia pensar que eu sou forreta, e eu nunca mais me livrava disso.

Vejo-o olhar em volta. A casa de banho fica perto da porta. Há um bar abastecido e uma televisão estendida ao longo de uma parede, com um sofá e um par de cadeiras de bar a emoldurá-la. Uma lareira elétrica está ligada por

baixo da televisão, com o fogo a crepitar.

O único outro espaço de parede que não são janelas é ocupado por uma cama de tamanho *kingsize*. Há espaço suficiente no chão, no canto onde as janelas se encontram com uma coisa parecida com uma *chaise longue*. É muito macia e confortável, quase como se estivesse deitada numa nuvem. Estive a ler ali, enrolada no meu roupão, antes de sair para o *brunch*.

– Queres que te traga alguma coisa? – indago, tirando o telemóvel do bolso e pousando-o na estação de carregamento ao lado da cama.

Ele atravessa o quarto em direção a mim, mexendo no bolso. Também tira o telemóvel e pousa-o no outro círculo de carregamento. O ecrã brilha quando a bateria se liga e eu vejo uma fotografia dele no ecrã de bloqueio, com o braço à volta de uma rapariga bonita. Ela tem o mesmo cabelo castanho-escuro e os mesmos olhos cor de avelã que ele. Os seus sorrisos são magnéticos.

– É a Amy?

– Sim. – Ele pega no telemóvel e mostra-me o ecrã de bloqueio. – Aqui estávamos nós no Japão há cerca de um ano e meio.

Eu sorrio.

– Ela é linda. É estranho, não é?

– O quê?

– As pessoas gostam sempre de jogar aquele jogo em que nos perguntamos como seríamos se fôssemos rapazes ou raparigas. Nós não precisamos de nos questionar. O Harrison é a prova. – Eu daria um homem muito bonito.

Ele suspira, pousando novamente o telemóvel.

– Sim... acho que sim. – Sinto a sua súbita mudança de humor.

– O que é que se passa?

A mão dele roça-me a bochecha.

– Sei o nome do teu irmão, mas não o teu.

– E eu sei o nome da tua irmã – respondo.

– Tens de me dizer alguma coisa.

Luto contra a vontade de ficar rígida.

– O quê?

– Qualquer coisa – responde ele, com as duas mãos no meu cabelo. Para um homem tão grande, ele é tão gentil. – Eu sei o que é isto. – Ele beija-me a testa. – Sei que queres que nós dois saíamos ilesos. Eu percebo, e vou alinhar. Mas eu não posso simplesmente... – Ele suspira e os seus dedos roçam levemente a minha clavícula. – Preciso que me digas *alguma coisa*.

Eu solto um suspiro, dando-lhe um pequeno aceno. Ele tem razão. Esta atração que estou a sentir por ele tem de ser satisfeita de alguma forma. Precisamos de honrar esta ligação. Vou dizer-lhe algo importante. Levanto uma mão para lhe acariciar a face. Depois passo a unha sobre o ponto de pulsação no seu pescoço. Faço uma pausa, lançando-lhe um sorriso sensual.

– Muito bem, aqui está a tua coisa: eu podia matar-te e fazer com que

parecesse um acidente.

Ele retrai-se.

– Foda-se, isso é... és uma assassina? Isto é como aquela coisa da Viúva Negra e alguém está prestes a entrar pela janela? – Ele olha por cima do meu ombro em direção à parede dupla de vidro.

Eu rio-me, aproximando-me mais.

– Não... mas fico melhor do que ela num macacão de cabedal.

Isso faz com que a atenção dele volte para mim.

– Aposto que sim, porra – murmura ele, os seus lábios provocando os meus.

– Mais dois palpites. – Deixo a minha mão vaguear, os meus dedos a percorrerem o seu peito. Quando chego à sua cintura, puxo a parte de baixo da camisa, metendo a mão por dentro. A pele dele é tão quente, e os músculos do seu estômago estão contraídos. Deixo a minha outra mão envolver a cintura dele, entrando no bolso de trás das calças de ganga.

– Foda-se... – sibila ele, com os dedos a cravarem-se no meu cabelo, puxando-me a cabeça para trás. – Estou a tentar ser um cavalheiro e tu estás a distrair-me.

– Não estás a adivinhar – provoco. – Precisas de uma demonstração das minhas capacidades?

Ele geme de novo.

– Tu... uhh. Oh, *merda*...

Eu deslizo a minha mão para dentro da parte superior das calças e os meus dedos roçam a pele bronzeada do seu rabo escultural. Eu tenho de ver este homem nu. Preciso de o adorar. Preciso que ele me adore.

Ele baixa o rosto para o meu pescoço, respirando-me antes de se agarrar, os seus lábios sugando o meu ponto de pulsação. O meu coração dispara e a minha vagina contrai-se com força. Não sei quanto tempo mais posso adiar isto. Preciso de preliminares físicos. E depois preciso de ser fodida. Com força.

– És enfermeira? – geme ele, com a mão a escorregar para dentro do meu *top* e a amassar o meu peito excitado.

Suspiro, arqueando-me ao seu toque.

– Não exatamente. Mas estás a ficar mais quente.

O seu hálito é sensual no meu ouvido, as suas mãos estão em todo o lado ao mesmo tempo.

– Podes tirá-lo?

O facto de ele perguntar em vez de dizer – ou simplesmente arrancar-mo – faz com que o meu coração se derreta como um gelado. Os homens podem ser neandertais quando se trata de um engate rápido. Entrar e sair. Rápido e furioso. Açam que têm de se exibir, que têm de ser donos do meu corpo como se estivessem a ser donos do momento. Já tive a minha dose desse tipo de engate na faculdade.

Mas eu estava certa sobre este tipo. Não é o estilo dele. Ele é doce como

o açúcar. Tenho a certeza de que esta máquina de músculos letal tem capacidade para ser violenta no jogo, mas fora do equipamento é um grande querido.

Eu abafro um gemido, a minha missão para esta noite é clara. Quero destruí-lo. Quero fazê-lo implorar, fazê-lo rastejar. E por favor, Deus, que ele tire estas roupas e me faça rastejar também.

– Último palpite – respondo. – Se acertares, podes despir-me e foder-me com essa língua talentosa.

Ele estremece e afunda-se contra mim, roçando os dentes no meu pescoço.

– Gostas desse plano? – provoco, os meus dedos a pentear o seu cabelo. A minha outra mão ainda está dentro da parte de cima das suas calças, segurando-o contra mim. – Tens fome da minha vagina? Queres provar?

– Estou esfomeado – responde ele, com as suas mãos grandes a mexer no fecho das minhas costas.

– Então o que é que eu sou? – sussurro contra os seus lábios, mordendo levemente o inferior.

Ele sibila, puxando o fecho para baixo até expor o meu rabo.

– *Ui...* médica. És médica?

Eu sorrio para ele.

– Boa, rapaz. Agora já sabes algo sobre mim.

Ele pisca-me o olho, com os lábios molhados de beijos.

– Espera... a sério? – Eu aceno com a cabeça.

A cara dele abre-se num sorriso.

– És médica? Como um médico de verdade?

Eu rio-me.

– Não sou um médica da televisão ou de estofos de móveis. Sou uma médica de verdade, honesta, licenciada para exercer medicina.

O seu sorriso alarga-se enquanto passa uma mão pelo seu cabelo escuro.

– Isso é tão excitante. – Ele solta uma gargalhada, abanando a cabeça. – Meu Deus, estás tão longe da minha liga. Que raio estás a fazer com um tipo como eu?

Ele está a tentar fazer uma piada, mas eu sinto a verdade nas suas palavras. Ele está realmente confuso. Aproximo-me, passando o polegar pelos seus lábios.

– És um rapaz perdido, lembras-te? Devias estar a encontrar-me.

A testa dele encosta-se à minha enquanto inspiramos um ao outro. Passado um momento, ele afasta-se, olhando para mim com aqueles lindos olhos cor de avelã.

– Posso comer-te agora, por favor?

Dou um passo atrás e levanto as duas mãos, desapertando os fechos do meu *top*. Deixo-o cair e sacudo um pouco as ancas. O macacão inteiro escorrega para o chão num sussurro de tecido preto, deixando-me nua.

– Pensei que nunca mais ias perguntar.

JAKE

Nunca mais saio deste quarto. Tranquem a porta. Fechem-nos aqui dentro, tijolo a tijolo. Deixaremos um espaço no fundo para que o pessoal do hotel nos traga comida e água e toalhas limpas e merdas assim. Mas eu quero ficar aqui para sempre.

A minha Rapariga Mistério – espera, risca isso – a *Doutora* Rapariga Mistério está à minha frente nua e a minha pila acabou de desmaiar de excitação excessiva. Ela é perfeita. Inteligente e divertida e tão bonita que quero gritar do edifício mais alto de Seattle que ela é minha... bem, pelo menos por esta noite.

Nem sequer me apercebo que me mexi até a ter nos meus braços. As minhas mãos exploram rapidamente, sentindo cada centímetro dela, passando pelas costelas, avaliando os dois seios, deslizando sobre as ancas curvas para apertar o rabo perfeito.

Foda-se, adoro o peso dela, a sensação dela... tão suave e macia, tão febril de necessidade. Ela quer-me. Raios, ela *anseia* por mim.

– Ela está molhada para mim? – Tenho de saber. Agarro-a pelas ancas, levantando-a. – Braços à minha volta, menina.

Ela suspira, com os braços a serpentear à volta do meu pescoço e as pernas nuas a envolverem-me a cintura. Ainda estou completamente vestido e estou a carregar esta deusa nua como um coala até à cama. Deixo-a cair e ela afunda-se. A posição das suas mãos pressiona os seus seios para cima e para fora, na minha direção. É um convite demasiado bom para deixar passar. Inclino-me sobre a cama, as minhas mãos afundam-se no colchão de cada lado dela e cubro-lhe a mama com a minha boca, chupando-lhe o mamilo rosado.

– Oh, *porra* – grita ela, arqueando-se contra mim. Ela segura-se com uma mão, a outra dentro do meu cabelo para me conseguir segurar. Lambo e

brinco sugando o seu mamilo, sentindo-a a gemer por baixo de mim.

– Diz-me do que gostas – peço, saltando de cima dela para lhe fixar o olhar. – Gostas de coisas lentas e doces? Gostas de sexo bruto? Diz-me o que precisas para chegar lá, querida, e eu serei o teu novo Mestre.

Ela recosta-se apoiada nos cotovelos, com os seios ainda na minha cara. Agora consigo ver a pequena tatuagem sensual no peito. Começa entre os seios e desce um pouco depois do esterno – um desenho feminino de linhas e pontos que termina numa simples flor de lótus.

E, sim, eu sei que é uma lótus. Não se cresce com a Amy Compton, guru licenciada em ioga, sem saber o que é uma flor de lótus. Foda-se, eu vou fazer isto. Queria fazer isto desde o bar. Baixo a cabeça, traço a tatuagem com a língua, subindo por entre os seus seios.

Ela estremece debaixo de mim, os joelhos apertando-me os flancos.

– Diz-me, querida.

– Eu preciso de *mais* – suspira ela. – Deixa de ser tão educado e fode-me. Pega em mim e usa-me até eu ficar a pingar. Podes bater-me, provocar-me, usar qualquer buraco. E se esperas só ir a uma ronda, é melhor ajustares as tuas expectativas porque...

Silencio-a com um beijo selvagem, o meu peso pressionando-a enquanto me apodero da sua boca porca. Juro por Deus, morri e fui para o céu. Claro que a minha rapariga perfeita gosta de brincar. Aposto que ela tem muitas taras.

Deus não colocaria uma mulher tão linda no meu caminho para que ela fosse uma simples vagem de baunilha. Ele não a colocaria num quarto com o mesmo número da minha camisola. Sou o número 42 desde a faculdade. É o meu número da sorte. E agora esta rapariga está a olhar para mim, nua e a implorar por isso, a dizer «usa qualquer buraco». *Oh, querida, espera só.*

Eu empurro-a e ponho-me de pé.

Ela arqueja de olhos arregalados, a observar-me.

Eu mantenho o seu olhar enquanto tiro a minha camisa com uma mão, deixando-a cair no chão. Os seus olhos arregalam-se, apreciando o meu corpo. É bom que o faça. Eu trabalhei este corpo em modo de desempenho máximo, aperfeiçoando-o e moldando-o sete dias por semana, cinquenta e duas semanas por ano, desde que eu tinha quinze anos de idade. Este corpo vale sete milhões de dólares por ano.

Arrebata o meu coração, Rapariga Mistério.

Ela senta-se enquanto eu descalço os sapatos. Depois, mexo na fivela do meu cinto, deixando-a suspirar de frustração e ela deita-se na cama. O seu cabelo escuro esvoaça atrás dela, contra a colcha branca. Com os olhos fixos em mim, ela abre lentamente os joelhos. Está nua e depilada. Os lábios da sua vagina abrem-se, e eu sou agraciado com uma visão perfeita do seu centro cor-de-rosa reluzente.

– Toca-te – grunho eu, segurando a minha pila por cima das cuecas. A hora dela vai chegar, mas definitivamente não é agora. – Eu quero ver-te

primeiro. Prepara esse sexo para mim, querida.

Ela sorri. Levanta dois dedos e chupa-os.

Oh, foda-se... a minha miúda não brinca em serviço.

Os seus olhos escuros provocam-me enquanto ela solta um gemido de carência. Depois tira-os da boca e fá-los percorrer pelo seu peito, passa pela sua pequena tatuagem sensual, e mergulha-os entre os seus lábios cor-de-rosa. Ela estremece com o contacto, os seus dedos molhados deslizam pela pele escorregadia.

Isto é uma tortura, mas também sabe bem. O que é que eu posso dizer? Sou um guloso por castigos. Dor é prazer e tudo isso. Seja como for, todos podemos ter manias.

Ela está agora a gemer na cama, de olhos fechados enquanto me deixa observá-la, a meter os dedos. Foda-se, ela está a empurrar aqueles dedos até ao fim.

– Por favor – diz ela num suspiro, rodeando o seu clitóris. – Por favor...

A minha pila contorce-se com o seu pedido.

– O que é que precisas, querida? Estás pronta para mim?

– *Sim.*

Ótimo, porque não posso esperar nem mais um segundo. Com um gemido faminto, ponho-me de joelhos.

RACHEL

Não sei se alguma vez vi um ser humano mais bonito. Não se trata apenas da sua beleza física. Não me interpretem mal, ver os seus músculos a ondularem enquanto ele tira a camisa é como ver poesia em ação. Quero-o em cima de mim, à minha volta. Quero sentir a força daqueles músculos a trabalhar para me dar prazer.

Mas a sua beleza é muito mais profunda. Ele tem uma alma linda.

Ele ajoelha-se ao lado da cama e agarra os meus tornozelos. Eu suspiro quando ele me empurra para a frente, arrastando-me para a borda. Ele vira os meus joelhos sobre os seus ombros e olha para mim, com os seus olhos cor de avelã cobertos de luxúria. O seu hálito quente bate no meu clitóris e ele diz:

– Não seas tímida, querida. Diz-me se estou a fazer algo de que gostes.

Antes que eu possa responder, a sua boca está em cima de mim, aquela língua talentosa a passar pelo meu clitóris. Suspiro de alívio, afundando-me de novo na cama. Respiro fundo, deixando que as minhas pernas se abram à medida que ele se baixa.

– Isso sabe bem – declaro. – Não pares...

Este homem não retém nada. Acho que ele não sabe como. Se ele está dentro, ele está *todo* dentro. Só posso imaginar o nível de concentração e profissionalismo que ele traz ao seu jogo. Ele devasta-me com a sua língua, lambendo e chupando, aprendendo o que me faz arfar e o que me faz pressionar contra ele, desesperada por mais.

O meu primeiro orgasmo aperta-me o coração. Meu Deus, ele é bom. Estou mesmo ali, e só passaram dois minutos. Aquela sensação de calor espalha-se pelo meu clitóris até que todo o meu corpo está a zumbir. Sinto-o até aos meus dedos dos pés.

– Oh, meu Deus, tão bom, mesmo aí, *mais...*

Ele pressiona com dois dedos, a sua língua a trabalhar a dobrar contra o

meu clítoris, e eu desapareço. Arqueio as costas, com as mãos a agarrar os lençóis, murmurando disparates enquanto me inclino para a borda. A minha passarinha aperta-se com força à volta dos seus dedos, e ele geme de desejo, esfregando-se mesmo ao longo da parede frontal da minha vagina. Entretanto, o meu clítoris vibra, as ondas do meu orgasmo a baterem contra mim.

Num instante, fico mole, o meu corpo trémulo e quente, enquanto rebento.

Ele tira os dedos de dentro de mim, inclina-se sobre mim com a necessidade nos olhos, o rosto ainda enterrado entre as minhas pernas.

– Chupa – diz ele, os seus dedos molhados a traçar-me os lábios.

O meu núcleo agita-se enquanto me inclino para a frente, sugando os seus dedos com a minha boca. Sinto o sabor da minha própria libertação, picante e quente.

– Que menina tão bonita – afirma.

Eu tremo. Normalmente gosto de ser eu a elogiar, mas vindo deste querido, parece-me sujo e eu adoro. Adoro ser a sua menina bonita. Adoro ganhar os seus elogios. Quero mais.

Tiro as pernas dos seus ombros e sento-me.

– Foi bom para ti? – pergunta ele, com as sobrancelhas escuras erguidas em ânsia.

O seu olhar sério, de cachorrinho, é demais. Eu seguro o seu rosto com as duas mãos e puxo-o para a frente, pressionando a minha boca na dele. Não me importo que os seus lábios ainda estejam molhados com a minha libertação. Na verdade, isso excita-me. Ele sabe a mim. Mesmo que seja só por uma noite, este homem lindo é *meu*.

Interrompo o nosso beijo, afastando-lhe o cabelo da testa.

– Diz-me uma coisa – murmuro. – Qualquer coisa.

O seu sorriso ilumina-o por dentro e beija-me o queixo, a bochecha.

– Eu jogo à defesa – responde ele, ficando por aí. É o suficiente para confirmar a minha suspeita de atleta profissional, mas não demasiado para revelar o seu desporto ou a sua equipa. O nosso anonimato mantém-se intacto.

Se quisesse, podia pesquisar todas as equipas desportivas profissionais no Google e procurá-lo, mas isso parece-me uma violação das regras. Decido oferecer-lhe outra migalha.

– Eu já sabia disso.

Ele para, mantendo as mãos nos meus seios enquanto tira a boca do meu peito.

– *Como assim?*

Sorriso, beijando-lhe a ponta do nariz.

– Li-o por todo o teu corpo assim que te pus os olhos em cima. – Perante o seu olhar de confusão, acrescento: – A minha especialidade é medicina desportiva.

Os olhos dele arregalam-se.

– Oh, merda... trabalhas para uma equipa? Qual delas?

– Ah... ah... – Eu coloco dois dedos sobre os lábios dele. – Chega de conversa de trabalho. Se não te importas, gostava de continuar a fazer sexo.

Ele suspira, revirando os olhos, enquanto se apoia nos calcanhares e se levanta. O novo ângulo coloca-me ao nível da enorme protuberância nos seus *boxers*.

– Ah, sim? E o que é que a minha Rapariga Mistério, que fala sujo, quer a seguir? – pergunta ele, com os dedos a passar pelo meu cabelo despenteado.

As minhas mãos já estão a apalpar as suas pernas, roçando a bainha inferior dos seus *boxers*. Ele geme, a sua mão aperta-se no meu cabelo. Arrasto com as minhas unhas o tecido até às ancas e ele estremece.

– Não brinques comigo, minha menina. Fico feliz por ficar neste quarto a dar-te o que precisas toda a noite. Vou comer essa vagina como se fosse o meu maldito trabalho. Diz a palavra, e eu fico de joelhos.

Não consigo esconder o meu sorriso. Vês? Ele é um dador. Aparentemente, ele também é um falador, e eu estou aqui para isso. O meu sexo guloso aperta-se de excitação quando os meus dedos roçam o cóis das suas cuecas, dando-lhes um puxão brincalhão.

– E se eu quiser mais do que a tua boca?

Ele geme de novo, apertando o meu cabelo com força. Inclina a minha cabeça para trás, olhando-me de cima a baixo.

– Quando estas cuecas saírem, está tudo acabado. Não sabes o significado da palavra resistência até teres estado comigo. Eu vou-te foder. Vou foder-te sem sentido e vais implorar-me por mais.

Oh, graças a Deus!

Puxo-lhe as cuecas outra vez, pronta para o ver solto, mas ele impede-me, com as duas mãos a agarrar-me os pulsos.

– Espera... diz-me outra vez que queres isto – diz ele, com uma ponta de incerteza na voz. – Diz-me que me queres... a mim. Ele quase estremece quando as palavras são ditas e as suas mãos soltam-se dos meus pulsos. Acho que ele não queria dizer aquilo em voz alta.

Sento-me, olhando para ele, as minhas mãos ainda nas suas ancas. Sinto-o como se fosse parte de mim. Sinto a sua excitação, os seus nervos, a sua necessidade. Não é possível que este doce *golden retriever* não seja um mulherengo. Ele é demasiado talentoso para que esta seja a sua primeira vez. Não, tudo nele grita experiência.

Então porquê o nervosismo? Porquê esta hesitação? Desde o momento em que pagámos a conta, ele tem vindo a colocar barreiras de velocidade, quando tudo o que eu queria era conduzir-nos a 100 km/h diretamente para a Cidade das Cuecas. Eu estudo-o, com a minha mente acelerada. Isto é diferente para ele, de alguma forma. Porque é que ele duvida que eu o queira? Em que momento é que eu lhe dei essa impressão? Depois apercebo-me.

Ele nunca tinha feito isto antes.

Tenho a certeza de que ele já teve engates. Que atleta profissional não se aproveitou em algum momento da sua carreira? As mulheres atiram-se

literalmente a estes homens todos os dias da semana. Mas quando o fazem, sabem quem são os homens... ou, pelo menos, sabem o seu número, a sua posição, os seus salários e bónus de assinatura.

As raparigas mais agressivas até sabem as suas estatísticas – e não estou a falar das suas estatísticas de jogo. Algumas destas malucas gerem *sites* inteiros dedicados aos engates de um jogador. Partilham informações sobre o que ele gosta. Será que a pila dele tem alguma coisa de estranho? Ele gosta das raparigas depiladas ou ao natural? Ele faz sexo oral?

É humilhante e nojento, mas faz parte da vida. Os rapazes só têm de se habituar e aprender a ter muito cuidado. As fãs não querem saber dos atletas. Só se preocupam em conseguir o que querem – uns dias ou semanas a serem mimados, alguns presentes gratuitos, acesso a clubes e festas exclusivas.

É isso que ele pensa que isto é para mim? Que estou a usá-lo como uma fã?

Nem pensar.

Não sei o nome dele nem o seu desporto. Não sei o salário dele. E não estou a pedir nada. Nunca faria isso. Raios, ainda faço terapia bimensal por ter sido criada num ambiente semelhante. É o que acontece quando o teu pai é uma estrela de *rock* mundialmente famosa. Mais uma razão para eu gostar do anonimato quando se trata dos meus engates. Ainda partilhamos o apelido, e a imprensa pode ser implacável e cruel. Aprendi da maneira mais difícil como manter a cabeça baixa e evitar toda essa treta de partilhar os holofotes.

Olho novamente para o homem bonito que está tão perto de mim. Ele quer-me. Ele quer isto. Mas ele quer mais. Ele não quer ser usado. E sente-se fora de controlo. Tenho sido eu a conduzir este caso desde o início.

Oh, meu Deus, ele sente-se como uma fã.

Ele não foi ao bar à procura de um engate. Foi beber um copo e sentir-se triste por ter saudades da irmã. Ele só está aqui agora porque não conseguiu evitar a minha atração, tal como eu não consegui evitar a dele.

Levanto-me, passando as mãos pelos seus flancos, pousando-as nos seus ombros.

– Olha para mim.

Ele olha para baixo, com necessidade e hesitação nos seus olhos cor de avelã.

– Eu quero-te – sussurro. – Não pela tua fama ou pelo teu nome. Quando muito, a fama faz-me fugir. Não me atraí. E isto não tem que ver com o teu corpo ou com o facto de eu ter uma queca rápida – acrescento. – Talvez tenha começado assim durante dois segundos no bar – admito. – Eu estava só e triste com uma notícia que recebi hoje. Mas agora quero-te aqui porque és gentil e divertido. Quero-te aqui porque sinto uma *ligação* a ti.

Aproximo-me mais, as minhas mamas roçam o seu peito nu enquanto coloco a minha mão sobre o seu coração, sentindo o seu forte batimento cardíaco. Também pego na mão dele, colocando-a sobre o meu coração. Fecho os olhos, deixando o meu coração bater sob a sua palma.

– Sentes isto? – murmuro.

– Sim.

– Sentes a sincronia? Estamos a bater ao mesmo ritmo. Sinto-me ligada a ti...

– Eu também sinto – diz ele. – Desde o momento em que te viraste no banco do bar, tenho-me sentido um pouco assustado. Eu não faço isto. Não tenho sentimentos com engates – acrescenta ele, sem jeito. – Isto é de loucos. Sinto-me como se tivesse um fogo de artifício aceso no meu peito. – Ele inclina-se, segurando a minha bochecha com a mão livre, o polegar roçando os meus lábios entreabertos. – Quem és tu, porra?

Ficamos a olhar um para o outro por um longo momento antes de eu responder.

– Acho que já me conheces... não conheces?

Ele acena com a cabeça, o seu olhar suaviza-se.

– Sim... sim, acho que talvez conheça.

Essa verdade instala-se entre nós. Conhecemo-nos um ao outro. Não num sentido real, obviamente. Somos dois estranhos sem nome. Mas conhecemo-nos na mesma. Por vezes, as pessoas entram na nossa vida e é um encontro. Mas, às vezes, é um reencontro. Um *déjà vu*. Um reconhecimento da alma. Seja o que for, nós temo-lo.

Eu conheço-o. Sinto-me segura com ele. Eu *quero-o*.

Afundo-me de novo na beira da cama e recuo. Ele segue-me, arrastando-se por cima de mim com facilidade, os músculos dos seus braços esticados enquanto se prepara. Ele afunda-se nas minhas ancas, o seu comprimento duro ainda preso atrás de uma camada de tecido. Com as mãos nos seus ombros, puxo-o para baixo.

Os nossos lábios encontram-se noutra beijo. Este é mais lento, mais profundo, mas igualmente faminto. Eu contentava-me em beijá-lo durante o resto da noite. Uma boa sessão de beijos pode ser mais íntima do que sexo. Graças a Deus que ele parece querer mais.

Trabalhamos um para o outro enquanto exploramos com as nossas mãos. Não sou magricela. Tenho curvas e adoro-as. Sardas, celulite, cicatrizes. Ele parece mais do que satisfeito com o meu corpo, agarrando-me por baixo da coxa para me abrir mais, pressionando com as suas ancas. A sua pila dura bate no meu clítoris, a fricção das suas cuecas é áspera e deliciosa.

Eu luto contra um arrepio, o calor a crescer no meu núcleo. Aquela dor vazia está a crescer. Preciso de ser preenchida. Quero-o dentro de mim. Demasiado curiosa para o meu próprio bem, deslizo uma mão pelo seu peito esculpido em mármore, passando as pontas dos dedos pelo pequeno trilho de pelos escuros no seu estômago que leva ao topo das suas cuecas.

Ele sabe o que eu quero e inclina as ancas para cima, sem interromper o beijo. Viro a minha mão, metendo-a dentro das suas cuecas. A minha mão envolve o seu comprimento impressionante e ele geme, mordendo o meu lábio inferior.

– Foda-se, sim, toca-lhe – diz ele contra a minha boca. – Sente-me todo. Toma-me, querida.

Suspiro, acariciando-o da base à ponta com uma mão ávida. Ele é grosso e comprido, a sua pele é aveludada e macia. Ele vai sentir-se tão bem dentro de mim. Mal posso esperar. Estou mais do que pronta para a segunda ronda.

Puxo-lhe as cuecas, deslizando-as pelas ancas, libertando o seu comprimento. Ele vira-se para o lado, atirando-as para o chão. As suas coxas grossas não são mais do que músculo, polvilhadas de pelos escuros. Os seus gémeos são iguais, longos e esculpidos.

O meu olhar fixa-se na sua pila dura, e lembro-me de novo que sou deliciosamente heterossexual. Foda-se, eu adoro pilas. Estou literalmente a salivar só de o ver neste momento. Preciso de provar, preciso de saber do que ele gosta. Antes que ele me possa prender outra vez, viro-me sobre o cotovelo, descaindo pela cama, ansiosa por o provar.

Ele fica de costas, estendido e à espera, totalmente à vontade comigo. Tem um braço atrás da cabeça e o outro no meu cabelo. Eu ajoelho-me, deixo-me apreciar por mais um segundo, antes de pôr a minha boca em redor da sua ponta.

– Foda-se, boa menina! Chupa-me – geme ele, com uma perna a deslizar para cima até ficar com o pé plantado na cama. A outra relaxa, os músculos da anca rodam para se abrirem para mim.

Eu provoco-o avidamente, lambendo e chupando, passando a língua à volta da sua ponta. A minha mão mantém-se firme à volta da sua base grossa.

– Não brinques comigo – rosna ele, com a mão a apertar-me o cabelo. – Mostra-me o que essa boca pode fazer. Possui-me, menina. Leva-me bem fundo.

Eu obedeço alegremente, relaxando enquanto o engulo, sentindo-o no fundo da minha garganta. Chupo, sem me importar com o facto de estar a fazer ruídos de sucção.

– É uma sensação incrível – diz ele, com a mão no meu cabelo.

E ele tem um gosto incrível, um cheiro incrível. Estou a afogar-me nele. A colónia dele deve ser um gel de banho para o corpo, porque ele cheira assim tão bem em todo o lado. Fica na pele dele. Só o cheiro dele está a deixar-me mais excitada. É quente e exuberante, a madeira, e tão masculino.

Meu Deus, este cheiro é a minha valeriana. O meu vício.

Que pensamento estúpido. E agora estou a sorrir à volta da sua pila perfeita, engasgando-me enquanto me rio da minha própria piada. Ele endurece, puxando-me o cabelo com cuidado.

– Ei, estás a *rir-te*? – Saio de cima dele, com os olhos a lacrimejar enquanto abano a cabeça, mordendo o lábio.

Mas ele já sabe ler-me tão bem. Com um grunhido, agarra-me pelos ombros e arrasta-me pelo seu corpo, fazendo-nos rolar até ficar de novo entre as minhas pernas.

– Achas que há alguma coisa engraçada?

– Não... – Abano a cabeça, ofegante, quando ele agarra as minhas pernas, abrindo-me bem.

Os seus olhos estão derretidos, o avelã quase engolido pelo negro das pupilas. Ele balança-se contra mim, a sua pila escorrega com a minha saliva e desliza sobre o meu clítoris escorregadio. Deus, estou tão molhada para ele.

Ambos gememos. Eu luto contra um arrepio, movendo a minha perna para me dar o ângulo certo de penetração, enquanto ele se move contra mim.

– Queres partilhar com a equipa porque te estavas a rir com a boca na minha pila? – pergunta ele, com a sua voz perigosamente baixa. – Acho que preciso de foder essa boca com mais força. Enfiar na tua garganta até te engasgares.

Abano a cabeça, com o coração a vibrar perante as suas palavras.

– Não... quero dizer, *sim* – acrescento com um sorriso de safada. – Mas não. Eu só estava... Deus, tu cheiras tão bem – admito num suspiro.

Ele ri-se, pousando o nariz no meu pescoço enquanto me inspira.

– Tu também, querida.

– Não, tu cheiras *mesmo* bem – declaro. – Fica agarrado a cada centímetro da tua pele e está a excitar-me tanto. Sinto-me... voraz. Na minha cabeça, disse que era como a minha valeriana.

Ele murmura em concordância, a sua língua percorre o meu pescoço até me morder o lóbulo da orelha. Ao mesmo tempo, a sua mão serpenteia entre nós e enfia dois dedos grossos na minha vagina.

– Mais como o teu vício – murmura ele com a sua própria gargalhada, e juro por todos os deuses que me apaixonei por este homem.

Continuo por baixo dele, procurando o seu olhar. Ele encontra-me. Os seus lábios estão entreabertos, brilhando com os meus beijos.

– Quem és tu? – sussurro.

Ele também para.

– Espera... a sério? O jogo acabou? Agora estamos a partilhar nomes e histórias trágicas?

Abano a cabeça, com uma perna a envolvê-lo até o meu calcanhar se cravar no rabo.

– Por favor, não pares – sussurro. – Eu preciso de ti. Por favor. Preciso de te sentir. Preciso de ti em mim.

Ele afunda-se sobre mim.

– Oh, querida, eu nunca vou parar. Tu és minha. Toda minha, porra. – Balança-se contra mim, levantando a minha perna para obter o ângulo certo enquanto pressiona com a ponta do seu pau.

Estou tão pronta para o sentir encher-me. Quero que ele toque em cada parte de mim, corpo e alma. Mesmo que só tenhamos esta noite, sei que nunca vou conseguir desprender este homem da minha essência. Sei que ele também o sente.

Mas depois ele para.

– Merda... bebé... *foda-se*... – Ele afasta-se com um gemido quase

doloroso.

Eu ofego, tentando agarrá-lo.

– O que é que se passa?

– Eu não tenho um preservativo.

JAKE

O mundo está oficialmente a acabar. O Jake Compton não tem preservativo. Eu saio de cima dela, a minha pila literalmente a gritar de dor. Eu tinha razão. Foda-se! Ali. A ponta estava lá dentro! Pela primeira vez na minha vida, eu estava prestes a montar uma rapariga nua. Estava tão apanhado pelo momento, por ela, por esta magia estranha e louca entre nós, que quase ultrapassei mesmo a linha.

Consigo ouvir a voz de todos os treinadores e enfermeiros de equipa que já tive a gritar na minha cabeça. *Estás louco, Compton? A segurança em primeiro lugar! Sempre a segurança em primeiro lugar!*

Ela senta-se enquanto eu me ajoelho, tentando tirar a minha carteira do bolso de trás das minhas calças de ganga. Mas eu sei o que vou encontrar.

Um zero. Nada. Nadinha. Mas mesmo assim verifico.

– Tens um?

Resmungo, batendo com a carteira no chão.

– Não.

Ela franze os lábios, colocando o cabelo atrás de uma orelha.

– Não pareces ser do tipo que vem desprevenido...

– Não sou! – grito, o meu desespero a fazer-me sentir maníaco. De maneira nenhuma vou perder a oportunidade de estar com esta rapariga por causa de um pequeno contratempo de não ter um preservativo. A Rapariga Mistério será minha nem que eu tenha de correr nu por este hotel e invadir o átrio.

Pronto, se calhar essa não é a *melhor* ideia. O meu agente matava-me se essas fotografias aparecessem na imprensa... mas só se o treinador não se antecipasse a ele. Há também a nova e assustadora relações públicas da equipa. Ela só tem 1,50 m e 50 quilos, mas é intimidante como o caraças. Sinto-me sempre intimidado por uma mulher de saia justa.

– Bem... tens algum no teu quarto?

Abano a cabeça, soltando uma gargalhada sem vontade.

– Claro, sim, trouxe uma caixa de preservativos para passar uma semana com a minha *irmã*! – Ouço-a rir baixinho atrás de mim.

– Não estava propriamente a planear ter sorte enquanto partilhávamos o mesmo quarto – acrescento.

Ela solta outra pequena gargalhada, tapando a boca com a mão. Olho para ela e ela engasga-se.

– Desculpa – murmura, com um sorriso nos olhos. – Não tem piada.

– Suponho que não tens nenhum? – pergunto, esperando contra a corrente que talvez ela estivesse a planear montar a pila de alguém este fim de semana. Porque é que esse pensamento me evoca uma imagem mental tão vívida?

E porque é que agora me sinto irracionalmente zangado?

Ela não vai montar a pila de ninguém a não ser a *minha*.

Nunca mais, se eu puder evitar.

Foda-se, cala-te, Compton! Não te podes apaixonar por esta rapariga. Nem sequer sabes o nome dela.

– Desculpa, grandalhão – responde ela. – Não estava a planear ter sorte no casamento *gay* do meu irmão... onde as únicas pessoas que não são *gays* são membros da minha própria família.

Volto a gemer, passando as mãos pelo cabelo.

– Meu Deus!... *Okay*, quais são as hipóteses de eu sair daqui e voltar e encontrar-te realmente disposta a deixar-me voltar para o quarto?

Ela afunda-se na cama, com as mamas a balançar e o cabelo escuro a espalhar-se à sua volta.

– És giro – murmura ela, ainda a sorrir.

– Estou desesperado – rosno, pegando nas minhas cuecas descartadas.

– Quero dizer... estou limpa se tu estiveres.

Para tudo. Oh, meu Deus, o meu cérebro vai explodir. Se não for o meu cérebro, a minha pila também está pronta a explodir. Ela acabou de dizer isso? Não. *Sim*.

Nem pensar. Eu nunca estive com uma rapariga sem proteção. *Nunca*. Não é seguro. Tens de usar preservativo. Sem borracha, nada feito. Não é?

– Não podemos – digo automaticamente. – Não é seguro.

Ela vira-se de lado, o que faz maravilhas às suas mamas. Apoiando-se no cotovelo, ela sorri para mim.

– Não precisas de te preocupar com gravidez. Eu tenho um DIU, e esses são mais eficazes do que os preservativos.

Eu pestanejo.

– Merda... a sério?

– Doutora, lembras-te? – diz ela, apontando para o seu rosto sorridente.

– Sou também uma mulher sexualmente ativa e proativa em termos de saúde na era da Internet – acrescenta. – Os preservativos têm uma taxa de falha de

mais de 18%, e o DIU é inferior a 9%.

O meu cérebro está confuso. Que tipo de viragem à esquerda para a Cidade dos Malucos é que nós fizemos para que a minha rapariga de sonho esteja a tentar usar a matemática para me convencer a fodê-la?

– E estou limpa – continua ela. – Não tenho doença sexualmente transmissível. Não há hipótese de ter uma, a sério. Já lá vai algum tempo, graças ao trabalho e à vida e... Oh, Deus!... – Ela senta-se, escorregando da cama. – Juro que não estou a tentar pressionar-te. – Ela levanta uma mão suave, passando os dedos pelo meu braço.

É assim tão óbvio que me estou a passar? Sinto-me como se tivesse acabado de fazer uma corrida suicida. O meu coração está acelerado. Em breve vou começar a suar.

– Não temos de fazer nada – acrescenta ela suavemente. – A tua saúde e o teu conforto estão em primeiro lugar. Sempre. Isto tem de ser correto para nós os dois. Podes ir buscar os preservativos e...

– Eu estou limpo – deixo escapar, estendendo a mão para lhe agarrar os braços. Puxo-a para mim, precisando de a sentir perto de mim outra vez. – Tenho de fazer análises a toda a hora. Drogas, esteroides, todos os produtos ilegais. Fazem-nos análises ao sangue e à urina duas vezes por mês, às vezes mais quando estamos na época dos *playoffs*. Aposto que tenho registos médicos mais completos do que alguns dos teus pacientes.

– E tu estás limpo? – pergunta ela, com uma sobrancelha levantada.

– Limpinho – respondo, levantando dois dedos. – Palavra de escuteiro.

Ela ri-se, o som é suave e musical. Levantando a mão com as tatuagens de estrelinhas, ela passa-a pelo meu cabelo. Está sempre a fazer isso. Está sempre a tocar no meu cabelo, e eu adoro. Normalmente não deixo as coelhinhas aproximarem-se assim. Muitas vezes nem sequer saímos do bar ou do estádio ou de onde quer que eu as vá buscar. Também não gosto de as beijar. Os lábios delas ficam sempre pegajosos por causa daquele *gloss* que as miúdas usam.

A Rapariga Mistério não. Os lábios dela são suaves como manteiga. Ela deixa-me todo enrolado. Eu já a beijei mais esta noite do que beijei alguém em anos. Quero inclinar-me para cada toque dela como um cão. Quero enroscar-me no seu colo, com a minha cara enterrada naquela vagina doce, e nunca mais me quero ir embora.

– Eu espero por ti para ir buscar preservativos – murmura, passando beijos pelo meu peito.

Foda-se, os lábios dela são tão bons, suaves e envolventes. – Fico à espera com todo o gosto. Prometo que te deixo entrar de novo – acrescenta, sorrindo para mim. – Ainda não acabei contigo, Rapaz Mistério.

Gemo com todo o meu peito. Esta rapariga tem sido uma surpresa desde o momento em que entrei naquele bar. Ela está a pedir, e eu estou a dizer que sim. Estou a dizer que sim, raios. Juro por Deus, se isto fosse Las Vegas, eu estaria a pedir ao serviço de quartos uma caixa de preservativos, um pouco de

Gatorade e um ministro Elvis. É assim que me sinto, neste momento, louco por esta rapariga.

Ela olha para mim com aqueles olhos escuros. A maquilhagem preta dos olhos está um pouco esborratada, fazendo-a parecer nebulosa, como um filtro de *polaroid*. Tem uma camada de sardas suaves nas bochechas e no nariz. O meu olhar fixa-se naquele anel no nariz. É pequeno, duas faixas finas de ouro torcido. Será loucura eu querer tocar-lhe?

Atrás dela, emoldurado pela parede dupla de janelas, um relâmpago divide o céu. Estala por cima da linha do horizonte de Seattle, correndo da esquerda para a direita, ramificando-se e espicando-se.

Ela salta de susto, rodopiando. As suas costas pressionam-se contra mim e eu envolvo os meus braços em redor dos seus ombros, abraçando-a. A nossa pele nua é quente, e ela encaixa-se perfeitamente contra as minhas costelas. A minha pila está aninhada no fundo das suas costas. Não é preciso nada para me pôr duro outra vez. Já estou a meio caminho, e tudo o que estou a fazer é abraçá-la.

Encosto a minha cara ao seu cabelo e inspiro-a. O cheiro é diferente do seu perfume. Há um leve toque de menta. Ficamos nus juntos e vemos o céu abrir-se e a chuva começar a cair sobre a cidade. O trovão ressoa tão alto que o sinto no meu peito.

– Sempre gostei de tempestades – murmura ela, com as mãos pousadas nos meus antebraços. – A complexidade, o poder. A natureza a mostrar-se a nós. Atravemo-nos a enclausurá-la, mas as tempestades são a sua forma de nos mostrar a verdade. Ela é ilimitada.

Porra, a forma como ela encadeia as palavras... Podia ouvi-la falar a noite toda. Mas, neste momento, quero algo mais. Preciso de me ligar a ela. Preciso de sentir novamente os nossos corações a bater como um só.

Movo-me lentamente, mantendo-a pressionada contra mim enquanto afrouxo o meu aperto, as minhas mãos passando pelo seu peito, os meus polegares roçando as suas clavículas. Ela solta um som suave no fundo da garganta que faz com que a minha pila endureça nas suas costas. As minhas mãos descem até aos seus seios. São pesados e quentes, os seus mamilos estão excitados.

Ela pressiona as ancas contra mim, e observamos a tempestade enquanto eu a exploro, provocando os seus mamilos e massajando-a. Ela arqueia as costas, as ancas fechadas contra mim, a cabeça no meu peito. Inclina a cabeça para trás, olhando-me com aqueles olhos escuros e sensuais, com os lábios entreabertos. A pergunta não dita está escrita em todo o seu rosto. Ela quer mais.

Olho para trás, mantendo o contacto visual, enquanto deixo a minha mão esquerda deslizar para baixo, passando pela curva da sua anca, antes de me enfiar entre as suas pernas. Os meus dedos indicador e anelar abrem-lhe os lábios da vagina, deixando o meu dedo médio deslizar ao longo da sua fenda, rodeando suavemente o seu clítoris.

Ela murmura a sua apreciação, com os olhos a encherem-se de luxúria. Eu brinco, sentindo como ela está molhada para mim. Deslizo dois dedos, com a outra mão ainda a segurar-lhe o peito. Ela pega nas suas mãos e coloca-as sobre as minhas, uma entre as pernas, outra na sua mama perfeita. Ela acompanha os meus movimentos, totalmente à vontade. Lentamente, ela muda o aperto da minha mão direita, arrastando-a do seu seio, para cima. Deixo-a guiar-me até que a palma da minha mão envolve a sua garganta, os meus dedos roçam o seu ponto de pulsação. Ela aperta-me um pouco a mão e depois estremece de necessidade.

Oh, meu Deus, estou morto por esta rapariga. Não há maneira de parar agora. Podia haver um terramoto e eu fodia-a nos escombros.

Enfio dois dedos dentro dela, adorando o som do seu suspiro. Ela mexe as ancas com a minha mão, cavalcando-me. Deixo a mão na garganta dela apertar, e ela recupera o fôlego, agudo e doce. Com um gemido, levo a minha boca à sua orelha, mordendo-lhe o lóbulo.

– Gostas disto, minha menina? A minha mão na tua garganta, os meus dedos no teu centro... Vou reclamar-te, fazer-te minha.

Ela geme, o seu corpo a derreter-se contra mim. Faço um pouco de fricção no clitóris com a palma da mão e a sua vagina apertada fecha-se à volta dos meus dedos.

Beijo-lhe o pescoço, mordisco-lhe de novo a orelha.

– Eu nunca fodi uma rapariga sem preservativo. Nunca na minha vida.

– Oh, meu Deus! – suplica ela, contorcendo-se na minha mão. Ela está mesmo ali. Não lhe vou comer a vagina até a sentir desfazer-se de novo.

– Só tu – digo-lhe eu, as palavras rasgando o meu próprio coração, fazendo-o sangrar. – Só existes tu.

– Foda-se! – geme ela. – Não pares. *Por favor...*

Parar? Não posso parar, porra. Estou prestes a dar-lhe *tudo*. Cada pedaço de mim. Vou-me vir dentro de uma rapariga pela primeira vez na minha vida. Foda-se, já estou mesmo aí. Tenho esperma a sair da minha ponta. Estou tão pronto para a sentir a apertar-se à volta da minha pila como ela está a apertar os meus dedos. Não sei como vou sobreviver a mais do que umas quantas bombadas rápidas.

Deus, preciso que isto dure. Preciso que ela me queira. Não o Jake Compton, o defesa titular da NHL. Não o Jake Compton *playboy*, o milionário. Preciso que ela *me* queira. Só a mim.

– Oh... *oh...*

Os seus gemidos fazem-me voltar a mim. Aperto-lhe o pescoço, adorando a forma como ela monta a minha mão, usando a sua para me ajudar a dar-lhe a pressão que ela deseja.

– Uma menina tão boa – eu rosno ao seu ouvido. – Cavalga a minha mão como se fosses a dona dela. Assim que te quebrar, levo-te para aquela cama e encho-te com a minha pila.

– *Sim* – canta ela, soltando a sua mão da minha no seu pescoço para

cobrir seu próprio peito, mexendo no seu mamilo. A sua passarinha aperta os meus dedos com tanta força que está pronta a explodir.

– É isso, querida – digo eu. Acho que ela está a ficar excitada com a conversa porca. Foda-se, também eu. – Sabes que estás a desejar mais do que os meus dedos. Despedaça-te para mim, e podes ter a minha pila onde quiseres.

– Ah... *deus*... – O corpo dela fica imóvel, o rabo apertado contra as minhas coxas, a cabeça encostada ao meu peito.

Enrolo os meus dedos ao longo do seu ponto «G», pressionando o seu clítoris com a palma da mão, e sussurro-lhe ao ouvido:

– És uma rapariga suja, que gosta de ser fodida. Agora, vem-te.

E foda-se, ela fá-lo. Ela vem-se toda na minha mão, o seu corpo a tremer nos meus braços enquanto ela estremece e geme. É tudo o que posso fazer para conter a minha própria libertação enquanto ela cavalga a minha mão, o seu sexo a pulsar à volta dos meus dedos. Ela estremece, o seu corpo fica frouxo, e eu sei que ela está desfeita.

Primeiro tiro-lhe a mão da garganta, pondo-a à volta da cintura para a manter direita. Depois tiro os meus dedos da sua vagina encharcada. Ela está quase a pingar na minha mão. Levo os dedos à boca, sem me preocupar em abafar o gemido.

O sabor de uma boa vagina na minha língua tem o mesmo efeito que a primeira queda de um disco no gelo. O meu coração para no meu peito e todo o meu corpo entra em modo de desempenho. É hora de jogar. Hora de *ganhar*.

Com um grunhido, agarro-a, puxando-a para os meus braços. Faço-a dar os quatro passos de volta para a cama. Ela ri-se, com a cabeça inclinada para trás enquanto canta:

– Oh, obrigada. Obrigada, deuses.

Deito-a, abrindo-lhe as pernas enquanto ela rasteja para trás. Estou mesmo ali, a persegui-la. Não há sítio para onde ela possa ir que eu não a siga. Mas ela não quer a perseguição. Esse momento já passou. Ela quer-me a mim. Ela quer-nos a nós.

O meu coração está na garganta, e sinto-me sem fôlego quando pego na minha pila com uma mão, traçando a sua fenda molhada com a ponta. Ela sabe tão bem que me arrepio. Todo o meu corpo está iluminado como uma árvore de Natal. Estou quente, estou frio, estou uma confusão do caracas.

As suas mãos deslizam pelos meus braços até aos ombros, antes de me tocarem nas bochechas.

– Ei – murmura ela. – Olha para mim.

Afasto o meu olhar de onde a minha pila está a deslizar contra o seu clítoris.

Não sei o que ela vê quando olha para mim, mas o seu olhar suaviza-se, e ela puxa-me para baixo para um beijo.

– Vou fazer com que isto seja tão bom para ti – diz ela. – Sou tua. Tu ganhaste-me, eu sou tua.

Eu já ganhei. Ela é minha.

Sem esperar nem mais um segundo, encosto a minha pila à sua entrada e pressiono.

Oh, meu Deus, vou morrer!

Não me interpretem mal, sexo com preservativo é sempre bom. Eu sou o rei do sexo com preservativo. Mas sexo sem preservativo é... não há palavras. Estou a cair e a voar. A minha pila parece ter encontrado a sua casa. Ela está tão quente e molhada, o seu sexo a abrir espaço para mim. Dou umas quantas estocadas, trabalhando o meu caminho para dentro, e o deslizar da sua humidade pelo meu eixo deixa-me pronto para me vir em segundos. Não vou durar nada.

– Hum – murmura ela, com as mãos no meu cabelo, as pernas a apertarem-se à volta da minha cintura. – Sabes tão bem. Tão grande.

Abro os olhos, sem saber que os tinha fechado. Ela tem a cabeça atirada para trás, o cabelo escuro espalhado à sua volta na cama, e está a sorrir. Com a maquilhagem escura borrada e os *piercings*, parece um anjo caído. O meu anjo.

Agora já não me posso conter. Enfio-me profundamente, enterrando-me até ao fundo. Ela geme de prazer, as suas mãos voltam para os meus ombros. Faço-o de novo, adorando o olhar dos seus seios a saltar, aqueles mamilos pontiagudos e perfeitos. Deslizo a minha boca para o seu peito, arqueando as costas enquanto a penetro.

– *Sim* – diz ela, com os braços a caírem sobre a cama, emoldurando-lhe o rosto. – Meu Deus, adoro sentir-te dentro de mim. Tão cheio. Tens uma pila linda.

Eu rio-me, puxando-lhe a mama. Ela também está a sorrir, feliz com o orgasmo que acabei de lhe dar. Tenho de a provar. Preciso da sua boca inteligente na minha. Enterro a minha língua entre os seus lábios abertos, precisando de a encher por todo o lado.

Ela geme com o beijo, e fodemo-nos com a língua, o braço dela à volta do meu pescoço. Ela desce a outra mão, agarrando-me o rabo com força. As suas unhas roçam a bochecha do meu rabo e eu gemo, aumentando a velocidade das minhas investidas.

Ao primeiro aperto da sua vagina à volta da minha pila, estou feito. O meu corpo inteiro faz faísca como um pau de dinamite. Rugindo profundamente, interrompo o nosso beijo, as minhas mãos agarram-lhe as coxas. Quero *mais*. Quero estar enterrado nesta rapariga tão fundo quando me vier. Quero fazer parte dela. Inclino-me para trás, trabalhando-lhe as ancas e as coxas até ela estar quase dobrada ao meio, as pernas nos meus ombros, os dedos dos pés apontados para o ar.

– Oh, meu Deus... oh, meu Deus! – grita ela, a sua boca aberta enquanto se desfaz.

Ela está a apertar-me com tanta força. Esta rapariga é o meu novo tudo. Ela é tão sensível a mim, tão perfeitamente fodível. Envolver os meus braços à

volta das suas pernas, segurando-a no lugar, mantendo-a bem apertada, e dou-lhe uma tarefa eterna.

– Não te atrevas a parar – grita ela. – Oh, Deus, estou mesmo aí... estás tão fundo...

– Eu sei, querida, eu sei, meu *Deus*... – Sou uma confusão trémula, a minha pila a bater nela, a possuí-la, enquanto as minhas ancas lhe dão tudo o que tenho. O meu coração está acelerado. Não me consigo aguentar mais. Bolas, eu queria que ela se viesse outra vez primeiro. – Querida, não consigo, vou-me vir...

– Faz isso – grita ela. – Vem-te dentro de mim. *Ah*... Ela aperta-me outra vez.

– *Agora*...

E eu faço-o. As minhas costas arqueiam-se e eu grito enquanto me descarrego dentro do seu sexo apertado. É a sensação mais incrível, e ela toma-me todo. Está a apertar-me com tanta força e sei que ela também se vai vir.

Tremo, sentindo o último estremecimento da minha pila dentro dela. Debaixo de mim, ela está a ofegar, o seu peito sobe e desce. Estamos ambos suados e a tremer. Solto-lhe as pernas e elas caem inertes sobre a cama. A mudança de ângulo faz a minha pila contorcer-se de novo.

Retiro-me de dentro dela e ambos gememos. O meu corpo sente-se sem ar, como se de repente fosse um pneu furado. Nem sequer me dou ao trabalho de tentar rebolar, apenas me afundo em cima dela, entre as suas coxas, com o meu rosto apoiado na sua barriga.

Ela suspira satisfeita, com as mãos no meu cabelo. Eu mexo-me ligeiramente, grunhindo numa névoa pós-sexo, até conseguir ficar confortável. Ela recosta-se, com os mamilos eretos felizes por terem a tenda das minhas mãos sobre eles. Arrasta os dedos pelo meu couro cabeludo e eu deixo escapar um suspiro pesado.

Do lado de fora das janelas do quarto de hotel, a tempestade assola, a chuva batendo contra os vidros. Os trovões ainda ribombam, mas agora soam mais distantes. As luzes da cidade brilham enquanto o fim da tarde começa a parecer noite.

– Fica comigo esta noite – murmura ela. Não é uma pergunta.

– Sim.

Como se houvesse outro sítio onde eu preferisse estar.

RACHEL

Depois de o Rapaz Mistério me presentear graciosamente com dois dos melhores orgasmos da minha vida, revezamo-nos na casa de banho para nos limparmos. Enquanto ele está lá dentro, eu peço o serviço de quartos. É quase hora de jantar e estou a morrer de fome. Mas nem pensar em sair deste quarto. Parece que assim que o fizer, a magia se vai quebrar.

Visto o meu roupão branco do hotel e prendo o cabelo num nó desarrumado. Quando foi a minha vez na casa de banho, fiz o mínimo necessário para limpar a maquilhagem do rosto e tirar as lentes de contacto. A minha visão não é ótima, mas é suficientemente boa para passar sem me incomodar com os óculos. Desde que ele não me peça para o levar a lado nenhum esta noite, não há problema.

Ele sai da casa de banho nu, totalmente à vontade na sua própria pele. Atravessando a suíte, pega nas suas cuecas descartadas e veste-as, o que faz o mínimo para esconder a perfeita redondeza do seu rabo. Deus tenha piedade, quantos agachamentos são precisos para ter uns glúteos tão suculentos? Todas as mulheres têm de saber.

Eu abafio um sorriso, ocupando-me em procurar o comando da televisão.

Ele junta-se a mim no sofá, afundando-se com um gemido suave. Senta-se mesmo ao meu lado, sem se importar que haja uma outra extremidade. Agarra as minhas pernas, virando-me até ficar parcialmente no seu colo. O seu polegar calejado faz pequenos círculos no meu tornozelo enquanto ele relaxa visivelmente. Ele só precisa de me tocar. Compreendo o sentimento; estou a sentir o mesmo em relação a ele.

– Pedi o serviço de quartos. Espero que não te importes de comer bife.

Ele sorri, com a cabeça encostada às costas do sofá, de olhos fechados.

– Parece-me perfeito.

Passo o canal para o SportsCenter. Por baixo da televisão, a lareira

elétrica arde. Aproveitei para acender também alguns candeeiros. Este canto da suíte está agora banhado por uma luz dourada, enquanto a outra extremidade, perto das janelas, está escura e tempestuosa. As sombras da chuva dançam sobre a colcha branca amarrotada. Adoro o contraste de me sentir quente e luminosa nos seus braços enquanto uma tempestade fria e cinzenta se abate sobre nós.

Sinto os seus olhos em mim e esboço um leve sorriso.

Ele está a massajar-me o pé, fazendo círculos com os polegares.

– Diz-me outra coisa. – Ele aproxima uma mão, passando-a no meu roupão. O decote abre-se um pouco mais, e ele passa o dedo pela tatuagem do meu peito. – Fala-me sobre isto. O que é que significa?

Solto uma gargalhada, espreguiçando-me um pouco.

– Significa que eu tinha quinze anos e estava pedrada com cogumelos num festival de música e um tipo chamado Hector tinha uma pistola de tatuagens.

Ele fica parado, olhando para mim com uma sobrancelha levantada.

– Quinze, não é? – Eu encolho os ombros. – Tive uma educação pouco ortodoxa.

Não menciono que o festival era o Coachella ou que a banda do meu pai era a cabeça de cartaz... ou que os cogumelos foram roubados do esconderijo pessoal do meu pai. O que é que posso dizer? Eu era uma adolescente rebelde. Zangada e amarga, era praticamente a caricatura da filha mimada e estragada de uma estrela de *rock*. Demorei algum tempo a perceber o equilíbrio entre privilégio e objetivo. Perdi demasiados anos a pensar que tudo na vida me ia ser entregue de bandeja por causa do meu apelido.

O Harrison apercebeu-se muito mais depressa. Ele pode ter usado o nome do papá para se iniciar na indústria culinária, mas construiu tudo o que tem com trabalho árduo e competência. Passei anos a tentar recuperar o atraso, lutando com unhas e dentes para provar que também posso alcançar o meu próprio caminho.

É por isso que perder esta bolsa dói tanto. Eu queria-a.

Lutei por ela. Consegui acabar a faculdade em dois anos e meio, com uma licenciatura em cinesiologia. Terminei a faculdade de medicina em quatro, especializando-me em medicina desportiva.

Agora estou a terminar o meu segundo ano de residência num dos melhores centros de anca e joelho do país. É uma mistura fantástica de fisioterapia e tratamento de lesões ortopédicas, o que é perfeito para mim. Adoro o equilíbrio entre a utilização da fisioterapia pró-ativa para proteger contra lesões, em vez de me limitar a limpar a confusão quando as lesões acontecem.

A Bolsa Barkley seria o ponto de partida para me lançar no mais alto nível da medicina desportiva. Este programa associa médicos a equipas desportivas da NBA à NHL. Dez meses de experiência prática a trabalhar com os melhores ortopedistas e fisioterapeutas do mundo, que trabalham com os

atletas de maior rendimento do mundo.

Os últimos três candidatos do meu programa ganharam todos. Todos os três têm agora posições permanentes em equipas profissionais. E o meu mentor disse que eu era uma candidata fácil. Ele diz que nunca viu um talento tão natural. Não sei o que lhe vou dizer. Como é que lhe vou dizer que o recorde dele foi batido, graças a mim?

Foda-se, o meu terapeuta vai ter um dia em cheio com isto. O meu medo debilitante de desiludir figuras de autoridade reaparece.

– Ei...

Eu levanto o olhar dos meus joelhos. Ele está a olhar para mim com tanta ternura, tanta curiosidade sincera.

– Queres falar sobre isso?

Encolho os ombros. Talvez me sinta melhor se falar da minha alma. Abro a boca e ouço uma batida forte na porta.

– Serviço de quartos.

Ele está a sorrir.

– Salvo pelo pacote.

Quando me vou levantar, ele põe-me uma mão no joelho.

– Fica. Eu vou buscar. – Ele sai debaixo das minhas pernas e vai a trote até à porta. Desaparece atrás da esquina e eu ouço-o a falar com o estafeta.

Um tipo magro com um polo de hotel entra a empurrar um carrinho.

– Boa noite, minha senhora. Onde é que o quer?



Em minutos, temos um banquete espalhado pela mesa baixa de vidro – *filet mignon*, brócolos e batatas recheadas, pão fresco com manteiga, uma salada para partilhar, uma garrafa de *pinot noir* com dois copos, duas garrafas grandes de água e duas doses de pudim de pão de mirtilo com molho de caramelo. Sentamo-nos no chão entre o sofá e a mesa, partilhando tudo.

Durante mais de uma hora, falamos de tudo e de nada. A Amy é a sua única irmã. Tinham um irmão mais velho que morreu de um problema cardíaco raro antes de ele e a Amy nascerem. Aparentemente, o melhor amigo dele tem um cão e ele quer roubá-lo. Ele jura que o cão gosta mais dele.

Conto-lhe um pouco sobre o casamento do Harrison. Ele está curioso sobre a forma como misturámos os costumes tailandeses para honrar a família do Somchai. Ontem de manhã, houve uma bela cerimónia de mérito para dar início às festividades. Nove monges do templo budista do centro da cidade vieram entoar orações e oferecer bênçãos.

– E não me faças começar a falar da comida – digo eu.

Ele cantarola, com a boca cheia de pudim de pão. Depois de engolir, diz:

– Presumo que estava muito boa, então?

Sorrio, demorando-me com a minha própria comida. Estou neste

momento a cortar o meu bife. Ele acabou de engolir o dele.

– Acho que a palavra que me vem à cabeça é *orgásmico* – respondo com uma piscadela.

– Oh, não brinques comigo – resmunga ele, pousando o garfo. – Se vais dizer que o teu jantar de ontem foi melhor do que os três orgasmos que te dei esta noite, vais fazer-me chorar.

Ele avança, envolvendo-me com o braço e puxando-me para o seu colo enquanto eu me rio, contorcendo-me para me afastar. Não que me esteja a esforçar muito.

– É isso que queres? – grunhe ele, com a mão a mergulhar na abertura do meu roupão para me acariciar o seio e tocar no mamilo. – Queres ver um homem adulto a chorar na sua tarte de mirtilo?

Eu rio-me, ainda a contorcer-me.

– É pudim de pão...

– Não me interessa como se chama. É delicioso. Mas tu *és* mais saborosa – acrescenta, mordiscando-me a orelha. A sua outra mão desliza pela minha coxa, tocando-me entre as pernas.

Eu suspiro. Isto já não me parece tão divertido.

– Abre – grunhe ele, os seus lábios sugam a pele sensível atrás da minha orelha.

As minhas pernas abrem-se para ele como se eu fosse um génio da lâmpada que só pode cumprir as ordens do seu mestre.

– Linda menina – murmura ele, brincando com o meu clitóris. – Tão molhada para mim. Estás sempre assim tão molhada? Deus, espero que não – ele responde. – Quero-te assim para mim. *Só* para mim. Diz que és minha.

Tremo, lutando contra a vontade de mexer as ancas ao ritmo dos seus dedos.

– Eu sou tua.

– Porra, tenho de te ter outra vez – geme ele. – Por favor, diz que te posso ter outra vez. Preciso de ti. – Ele já está a empurrar-me do seu colo enquanto eu ofego um sim desesperado. – De joelhos, menina – diz ele, puxando o cinto do meu roupão.

Estamos presos entre o sofá e a mesa de café, mas estou determinada a fazer com que isto resulte. Também não posso esperar nem mais um segundo para o ter. Ponho-me de gatas, virada para as janelas. Atrás de mim, ele abre-me o roupão, expondo-me o rabo. Inclina-se sobre mim e a sua mão passa por entre as minhas pernas para me tocar de novo.

– Abre um pouco, querida. Sabes como eu sou grande.

Eu mostro-lhe outro sorriso provocador.

– Alguém se está a sentir convencido.

Ele ri-se, agarra-me o queixo e dá-me um beijo que sabe a molho de caramelo.

– Sim, *tu*. Agora mesmo. Estás prestes a ficar tão cheia da minha pila. Vais sentir-me em todo o lado. Quero-te assim mesmo. Deita-te sobre os

cotovelos – diz ele, fazendo um pouco de pressão nas minhas costas com a mão. – Mostra-me esse sexo doce.

Deito-me sobre os cotovelos, com o rosto apoiado nos antebraços dobrados. Isso deixa-me o rabo no ar, para ele ver. Deus, eu adoro este ângulo. Algumas raparigas dizem que o estilo à canzana é sobrevalorizado, mas para mim? Meu Deus, eu vivo para isso. Adoro sentir uma pila a entrar tão fundo. Com a sua pila linda, ele vai acertar-me em cheio.

– Uma rapariga tão bem-comportada – elogia ele, colocando a sua pila à minha entrada. A minha vagina aperta-se com ânsia quando ele empurra para dentro. Eu ofego com a plenitude, lutando contra um gemido enquanto ele segura com força as minhas ancas. Penetra-me lentamente, deixando-me adaptar ao seu comprimento à medida que se aprofunda.

– É incrível – murmuro, pronta para perseguir esta sensação de plenitude, de estar completa. – Fazes-me sentir fantástica. Por favor, não pares.

Ele detém-se, inclina-se sobre mim. Os seus dedos roçam suavemente a linha do meu maxilar.

– Olha para mim, querida.

Olho para ele, com o coração parado no peito. Ele está em cima de mim, a possuir-me. Estamos unidos por mais do que apenas os nossos corpos. Sinto-o em todo o lado.

– Diz as palavras, e eu não paro. – A sua voz é tão sincera, o seu tom tão ansioso.

As lágrimas picam-me os olhos enquanto o observo.

– Não pares. – E ele não para.



Depois da nossa maratona de sexo no chão, que se transformou em sexo no sofá, caímos um contra o outro, eu presa debaixo dele, suportando todo o seu peso. É como aconchegarmo-nos debaixo do cobertor mais sensual do mundo. Os meus mamilos estão doridos devido à forma como ele os tem tocado e chupado, e o seu esperma está pegajoso entre as minhas pernas. Eu adoro-o.

Ele adormece a murmurar qualquer coisa sobre uma má decisão na televisão, com a cara encostada aos meus seios. Eu também devo ter adormecido a certa altura, porque acordo umas horas mais tarde e vejo que ele se foi embora. Estou sozinha no sofá, com o meu roupão a cobrir-me como um cobertor. A televisão está desligada, mas a lareira continua acesa. Sento-me e o roupão cai-me à volta da cintura, os meus seios nus a levantar-se com o ar fresco.

Ele foi-se embora sem dizer uma palavra? O meu coração aperta-se com força. Uma noite com este tipo e sinto-me pronta a repensar tudo. Queria que ele soubesse o meu nome. Queria dar-lhe o meu número. Talvez isto pudesse

ter sido mais. Talvez... Mas agora nunca saberei.

Luto contra as lágrimas que me picam os olhos, mas é então que ouço o autoclismo. Passados uns momentos, ouve-se o som da água a correr no lavatório. Ele está na casa de banho. O ar escapa-me com gratidão dos pulmões e olho para as costas do sofá. As calças de ganga dele ainda estão amontoadas no chão, junto aos sapatos. Tal como o meu macacão e a camisa dele.

Encosto-me à beira do sofá com alívio. Bem, o meu coração sente-se aliviado. A minha mente está a zumbir como uma colmeia de abelhas. Isto é mais do que uma loucura. Estou a sentir demasiado por este tipo. Sinto-me sem peso, como um balão de ar quente sem amarras.

Entretanto, todo o meu corpo está desfeito de demasiado sexo fantástico. Existe tal coisa como demasiado sexo? Sinto uma dor agradável entre as pernas e estou a perder a conta dos meus orgasmos. Cinco? Acho que pode ter havido um mini sexto sorrateiro lá dentro. Estava a meio do orgasmo, e o idiota deu-me uma palmada no clítoris. *Boom*, foi dinamite.

Essa foi a «coisa» que ele aprendeu sobre mim durante esta última ronda. Agora o Rapaz Mistério sabe que eu gosto de asfixia e bofetadas. Se chegarmos ao *bondage* esta noite, acho que devo fazer as malas e casar com ele. Saberei o nome dele no altar.

Deslizo-me do sofá, o meu robe cai no chão, e vou nua para a cama. Verifico as horas no meu telemóvel. Três da manhã. Tenho de ir para o aeroporto dentro de quatro horas.

Perdi uma tonelada de mensagens. A minha colega de quarto Tess enviou uma mensagem e telefonou duas vezes. O papá mandou uma mensagem. E a mãe. Estavam ambos a perguntar o que me tinha acontecido no *brunch*, a perguntar se eu estava bem. Duas mensagens do Harrison. Um «Estás bem?» e um GIF da Moira Rose com aquela coisa esquisita na cabeça. Ótimo, preferia que ele pensasse que eu estava demasiado resacada do casamento de ontem à noite e não demasiado envergonhada com o meu fracasso na bolsa.

Envio uma série de mensagens rápidas. Uma para a Tess a dizer que lhe telefono amanhã e outra para o grupo de conversa da família Price com a mãe, o pai e o Harrison. Sorrio quando vejo que alguém já adicionou o Som.

Certifico-me de que o alarme do meu telemóvel está programado e volto a colocá-lo no carregador. Olho para a parede de vidro. A tempestade já passou, mas ainda está tudo molhado. A cidade inteira brilha, as luzes do centro de Seattle estão enevoadas. Contorno a cama até à janela, com os braços cruzados debaixo do peito.

Atrás de mim, a porta da casa de banho abre-se.

– Merda, acordei-te? – pergunta ele.

Abano a cabeça.

Ele junta-se a mim à janela, envolvendo-me nos seus braços. Encosto-me à sua pele quente. A justaposição do seu calor com o ar frio da parede de

vidro provoca-me um arrepio. Ele esfrega a parte interna do meu pulso com o polegar e baixa-se para beijar o meu ombro.

Suspiro, tão confortável no seu abraço.

– Adoro cidades à noite – murmura ele ao meu ouvido.

Eu sorrio.

– É essa a tua nova moda?

Ele ri-se.

– Sim, acho que sim. É uma das minhas partes favoritas de todas as viagens que faço. Adoro horizontes. Adoro a forma que eles têm... como uma silhueta, sabes. Como o corpo de uma mulher. Podemos memorizá-lo. Podemos ver apenas a silhueta de Seattle e conhecê-la – cantarolo baixinho na minha garganta. – Por causa do Space Needle.

– Sim. – Ele beija-me o ombro outra vez.

Inclino-me um pouco para a frente, espreitando por entre os edifícios.

– Acho que dá para ver Pike Place daqui.

Ele aproxima-se atrás de mim, seguindo a ponta do meu dedo contra o vidro.

– Sim... acho que tens razão. Ei... – Ele passa a mão no meu cabelo, dando um pequeno puxão no meu carrapito desarrumado para inclinar a minha cabeça para trás. Olho para ele e ele está a sorrir.

– Queres ir lá de manhã, antes do teu voo? Ainda me debes um chá de pitaia lembras-te? Quer dizer, vou obrigar-te a mudar o pedido para um grande café americano, mas mesmo assim...

– Não posso – digo rapidamente. – Tenho de ir para o aeroporto daqui a quatro horas.

As minhas palavras instalam-se entre nós. A minha cabeça dizia-as mais depressa do que o meu coração conseguia gritar para *parar*.

Ele está imóvel como pedra atrás de mim, o seu corpo tenso. Passado um minuto, solta um suspiro pesado, o seu corpo enrola-se à minha volta.

– Fica. – Fecho os olhos com força, o coração acelerado. – Fica a semana comigo – diz ele, beijando-me o ombro outra vez, o seu hálito quente espalhando-se pela minha pele. – Muda o teu voo. Eu pago. O hotel já está reservado. Eu cubro tudo. Só não vás já embora.

Abano a cabeça, o meu corpo em guerra consigo próprio.

– Eu não posso ficar. Tenho um emprego e uma vida e... obrigações.

Sim, como a obrigação de dizer ao Dr. Halla que sou um fracasso e que não serei a sua próxima estrela em ascensão na medicina desportiva. Ele estava a planear que eu ganhasse a bolsa, por isso já estava a entrevistar candidatos para o meu lugar na residência. Agora tenho de rastejar de volta para Cincinnati e implorar-lhe que não desista do meu lugar.

– Bem... então fica mais um dia – insiste ele, virando-me nos seus braços. Coloca uma mão firme sob o meu queixo, inclinando o meu rosto para cima. – Não quero que vás embora. Não quero que isto acabe tão cedo. Dá-me mais um dia.

Porque é que parece que o meu coração se está a partir? Envolve a minha mão suavemente no seu pulso.

– Ouve, a minha vida neste momento é... caótica. Hoje recebi uma má notícia sobre um emprego e, sinceramente, não sei o que vem a seguir. Tenho de ir para casa. Tenho de lidar com isto, e não posso...

Calo-me. Não posso deixá-lo saber o que estou realmente a pensar neste momento. A verdade é quase demasiado dolorosa para eu a admitir a mim própria.

Não posso ter mais uma pessoa na plateia a ver-me falhar.

Ele suspira e eu sei que não vai lutar contra a minha partida. Ele é demasiado querido para isso... mas isso não significa que não vá lutar na mesma.

Como se estivéssemos a partilhar um comprimento de onda, ele inclina-se, roçando os seus lábios nos meus.

– O que temos aqui é magnético. Eu sei que tu também o sentes. E não posso deixar-te ir embora. Diz-me o teu nome.

Abano a cabeça, com os lábios franzidos. É mais fácil assim. Desta maneira não me vou magoar.

– O meu nome é Rapariga Mistério.

Ele geme, beijando-me a sério, os seus lábios trabalhando febrilmente contra os meus. Eu deixo-o guiar, adorando o seu sabor. Ele quebra o beijo, sugando o ar.

– Dá-me o teu número, querida. Por favor...

Silencio-o com o meu próprio beijo, com os meus braços a envolverem o seu pescoço. Ele grunhe de frustração, mas devolve-me o beijo, derramando a sua necessidade em mim. Sinto-o endurecer dentro das cuecas. Quero mais dele, e não me refiro apenas a sexo. Mais um dia não seria suficiente. Uma semana não seria suficiente. Sei com toda a certeza, até à medula, que ele é um vício que nunca conseguirei deixar.

Mas eu não estava a mentir-lhe antes. A minha vida está num caos total. Não posso começar algo novo com um homem. Tenho de ir para casa e juntar os cacos. Tenho de descobrir se tenho emprego na próxima semana. Tanto quanto sei, o Dr. Halla já encontrou o meu substituto perfeito.

Ele quebra o nosso beijo com outro gemido de frustração.

– Estou a ir abaixo, linda. Diz-me apenas o Estado onde resides. Posso trabalhar com isso.

Eu rio-me. Não consigo conter-me. Ele é tão genuíno. Ele quer-me e não se dá ao trabalho de o esconder. Mas eu não vou ceder. Não posso. E eu sou uma rapariga do zodíaco, lembras-te? O meu Rapaz Mistério é um Touro de corpo e alma. Sente-se atraído por tudo o que é amor e sexo. Ele vai ser teimoso até ao fim.

Infelizmente para o meu querido Touro, eu sou um duplo Caranguejo. Sei quando devo traçar uma linha na areia e ela não deve ser ultrapassada. É altura de me recolher na minha concha. Posso estar destruçãda por dentro,

mas não o vou deixar ver. Seja o que for que se passe entre nós, não vai ser ele a afastar-se primeiro. Tenho de ser eu.

Mas ainda tenho quatro horas.

Abraço-o, desesperada por me perder no seu cheiro.

– Por favor...

– O que é que precisas, querida? – suspira ele, o nosso hálito quente passando entre as nossas bocas abertas. – Eu dou-te tudo. Diz, e é teu.

Eu choramingo.

– Faz com que tudo pare. Fica aqui comigo.

– Estou mesmo aqui – diz ele. – Não vou a lado nenhum.

– Fica comigo. Entrega-te a mim. Aceita tudo. – Sinto-me como se não conseguisse recuperar o fôlego. Isto está a tirar toda a energia que me resta. O meu coração está a partir-se.

– Está bem, bebé – ele acalma. – Está bem. Aqui, vira-te.

Estou a tremer nos seus braços quando ele me vira. Pega nas minhas mãos e levanta-as, pressionando-as contra a janela. Ele está encostado mesmo atrás de mim, as suas mãos descem pelos meus braços, pelas minhas costelas, até chegarem às minhas ancas. Ele beija uma linha no meu ombro antes de eu sentir a sua voz no meu ouvido.

– Olha pela janela, querida. Mantém os olhos abertos. Seattle é o nosso lugar. Aqui, nesta sala, nesta cidade, nada nos pode separar.

Deixo que as suas palavras me invadam, aquecendo-me de dentro para fora, enquanto olho para as luzes intermitentes da cidade.

As suas mãos passeiam, aquecendo-me.

– Tu és minha. A minha rapariga de sonho. O meu mistério perfeito. Diz.

As minhas mãos estão frias contra o vidro. Isso dá-me força. Estou numa encruzilhada na vida e na realidade. O calor dos seus braços e o frio da cidade.

Uma porta fecha-se e outra abre-se.

– Diz – grunhe ele, a sua pila a tocar a minha entrada.

Inclino a cabeça para trás com um suspiro desesperado, os meus olhos fixos na linha do horizonte de Seattle e afundo as ancas contra ele, enterrando-o dentro de mim até ao fundo.

– Eu sou tua. Só tua. Nada nos pode separar.

JAKE

Acordo com o som do meu telemóvel a tocar. O toque é Tears for Fears. *Caleb*. Porque é que ele está a ligar tão cedo? Deve ter-se esquecido da mudança de hora. Ligo-lhe mais tarde. Pego no telemóvel às cegas e desligo a chamada. Não quero que o som acorde... *porra*.

Ela ainda não me disse o raio do nome dela. Bem, estou farto de jogos. Vou quebrá-la esta manhã. Juro por Deus, esta rapariga não me vai escapar.

Viro-me, pronto para puxar o seu doce corpo contra o meu pau matinal. Espero que tenhamos tempo para uma rapidinha antes dos nossos alarmes tocarem às 7h00 da manhã.

Deus, não me lembro da última vez que fiz tanto sexo. E cada vez foi mais arrebatador do que a anterior. Da última vez, fodemos contra a janela. Ela gritou, apertando-me com tanta força, e eu vim-me com tanta força que vi manchas brancas.

Nunca na minha vida tinha visto uma rapariga literalmente a pingar com o meu esperma. Agora percebo porque é que alguns tipos têm a mania da reprodução. Eu não estava a mentir antes. Se isto fosse Las Vegas, eu estaria a telefonar para a receção a pedir um ministro Elvis.

Lavámo-nos no duche, ambos bêbados de sexo sob o jato. Depois deitámo-nos na cama. Acho que já estava a dormir antes de a minha cabeça tocar na almofada.

Nem pensar que a vou deixar escapar. Vou com ela para o aeroporto. Vou tentar usar o cartão de «sou um jogador famoso da NHL» para passar pela segurança com ela. Se só tenho Seattle, vou aproveitar cada segundo. Não vou desistir até o agente da porta de embarque fechar aquela porta.

E tenciono jogar sujo. Tudo para ganhar. Não é como se houvesse uma caixa de castigos onde ela me pudesse enfiar. As primeiras quatro palavras da minha boca estão prestes a ser «Chamo-me Jake Compton.»

Estendo o braço, a minha mão agarra os lençóis frios. Ela não está na cama. Os meus olhos abrem-se e eu estremeço. A luz fraca da manhã entra pelas janelas. Fico imediatamente nervoso.

Algo está errado.

Viro-me, torcendo-me nos lençóis enquanto procuro o meu telemóvel. Toco no ecrã e o meu coração sai do peito: 8h37. *Não! Não, não, não, porra! Ela desligou o alarme do meu telemóvel!*

Eu tropeço nu para fora da cama, o meu olhar percorre a suíte do hotel. Já sei o que vou encontrar. A mala dela desapareceu. Os seus saltos altos descartados, o seu macacão preto sexy... desapareceu tudo. O seu Kindle estava no saquinho e havia uma pequena pilha de joias na mesa de cabeceira e um carregador de telefone extra. Desapareceu tudo.

Ela foi-se embora. A Rapariga Mistério foi-se embora.

Nem sequer me acordou para se despedir. O meu coração parte-se no peito.

Atravesso a suíte aos tropeções até à casa de banho e acendo a luz. Retenho a minha respiração quando vejo que ela deixou algo em cima da bancada. Meu Deus, é um bilhete. Vai ser o nome e o número de telefone dela!

Pego no papel de carta do hotel, mas um rápido exame faz-me afundar o coração. Nenhum sinal de um dígito. Nenhum nome. Encosto-me ao lavatório e leio:

Querido Rapaz Mistério,

Obrigada pela noite passada. Não fazes ideia do que significou para mim partilhar este momento perfeito. Lamento ir-me embora sem me despedir como deve ser, mas é melhor assim. Enquanto fazia as malas, lembrei-me de um poema de Rumi:

«Assim que ouvi a minha primeira história de amor, comecei a procurar-te, sem saber como isso era cego.

Os amantes não se encontram finalmente algures, estão sempre um no outro.»

Talvez nos voltemos a encontrar. Talvez não. Seja como for, sempre estivemos um no outro.

Beijo,

Rapariga Mistério

Volto a olhar para o lavatório. Ela deixou-me outra coisa. Pousei o papel e peguei no frasco fino de perfume de viagem. Desaperto a tampa. Cheiro e começo a gemer, a pila a contorcer-se. É o perfume *dela*. Não é uma pista para a sua identidade, mas pelo menos é alguma coisa, algum pedaço dela, alguma prova de que isto era real. Aconteceu. Aconteceu-*nos*.

Não estou a desistir. Vou encontrar a minha Rapariga Mistério, nem que seja a última coisa que faça. E quando a encontrar, *nunca* mais a vou deixar ir.

PUCKING AROUND

JACKSONVILLE RAYS HOCKEY # 1

RACHEL

—Rachel!

Eu gemo, sem estar preparada para abrir os olhos e encarar a verdade. É manhã. *De novo*. E vou oficialmente matar a minha colega de quarto Tess... assim que me lembrar como funcionam as pálpebras. Porque é que a deixei convencer-me a sair ontem à noite?

Porque tens 27 anos e és solteira, rapariga. Vive o raio da tua vida! Consigo ouvir a voz dela a ecoar na minha cabeça, juntamente com o som constante da música de dança de ontem à noite.

Tenho quase a certeza de que houve bebida ontem à noite. O que mais explicaria o facto de a minha língua estar totalmente colada ao céu da boca? Oh, meu Deus, acho que vou ficar doente. Estou a ficar demasiado velha para isto. Não consigo recuperar como quando tinha dezoito anos. Só há uma solução: Nunca mais vou beber. Nunca mais vou dançar. Nunca mais vou a bares. Considerem isto a minha reforma da vida noturna.

— *Rachel! Miúda, levanta-te!*

Viro-me de costas, com dificuldade em olhar para as pás da ventoinha de teto que rodam lentamente. Acho que dormi com as lentes de contacto. Tenho tanta comichão nos olhos.

Faz uma lista, Rach. Faz um plano.

Este tem sido o meu mantra nos últimos dois meses, enquanto tento juntar as peças da minha vida despedaçada.

Um duche quente, café forte, talvez umas gotas para os olhos...

— Rach! — A Tess desce o corredor e fica à porta, com os seus caracóis vermelhos e selvagens a cair sobre os ombros. É uma boazona, com um corpo perfeito em forma de pera. Como de costume, está vestida apenas com um *top* curto e as suas cuecas, com uma mancha de sardas cor de pêssego a pontilhar

o seu peito. A rapariga espalha roupa por este apartamento como um *husky* espalha cabelo.

Não que me importe. Sou a filha de uma estrela de *rock* famosa. Nascida na Califórnia e criada num autocarro de digressão, já vi coisas muito loucas. Uma Tess nua não me incomoda nem um bocadinho.

– Miúda, não me ouviste a gritar por ti? – Ela põe uma mão na anca e atira o meu telemóvel para cima da cama. – Alguém está a tentar ligar-te há uns trinta minutos.

Pego nele às cegas, sem virar a cabeça.

– Quem é?

– Não sei. Um número de Nova Iorque, acho eu. E havia uma chamada perdida do Dr. H.

Levanto-me, engolindo a onda instantânea de náuseas que me atinge.

– Oh, meu Deus, Tess! – Agarro no meu telemóvel. – O meu patrão está a ligar e tu deixas que continue a tocar?

– Tenho o meu próprio patrão a chatear-me, muito obrigada – diz ela, com um murmúrio. – Tu tratas do teu idiota arrogante, eu trato do meu. – Ela sacode o cabelo por cima do ombro enquanto se vira. As suas cuecas atrevidas mostram o seu rabo sardento quando ela se afasta.

Reviro os olhos, sabendo que ela tem boas intenções. A Tess está apenas a ser superprotetora porque nunca gostou do Dr. Halla. Ela não gosta da forma como ele me controla, nem da sua maneira fria e distante. Acho que isso nunca me incomodou. Ele não pode evitar o facto de ser europeu.

Passo uma mão pelo meu cabelo despenteado, verificando as minhas mensagens de texto enquanto espero que o meu cérebro recupere. Seis mensagens e uma chamada perdida do meu irmão gémeo e do seu marido. Tenho quase a certeza de que o Somchai está de volta a Seattle, o que significa que isto é cedo para ele.

harrison (8h01): *Em Nova Iorque para o programa de culinária. Queres vir à gravação no sábado?*

harrison (8h04): *Tu *emoji caveira*???*

harrison (8h05): chamada não atendida

Sorrio, abanando a cabeça. É como um gémeo que me dá exatamente três minutos para responder a uma pergunta antes de saltar para o *rigor mortis* na sua mente.

harrison (8h07): *Olá *emoji olhos**

som (8h12): *Miúda, é bom que estejas morta, porque o estúpido do teu irmão acabou de me acordar às 5 da manhã. liga-lhe de volta*

som (8h14): *Por favor, não estejas mesmo morta*

harrison (8h20): *Eu mandei uma mensagem para a Tess e ela disse que tu estás de ressaca, e não *emoji caveira* Avisa-me sobre sábado*

Agora estou a rir-me. Estes dois são demais. O meu irmão e o marido dele são estrelas em ascensão no mundo da culinária. Aparentemente, pediram ao Harrison para ser juiz convidado num novo programa de culinária. Ele sempre se sentiu mais à vontade a usar o nome e os contactos do nosso famoso pai. Não me surpreenderia se ele o arrastasse para a gravação.

O que significa que, se eu for, ficarei sentada na sombra do meu pai quando as câmaras inevitavelmente se dirigirem a ele para um grande plano. Depois, vou ter três semanas de chatices quando os tabloides se lembrarem que eu existo.

Pois, não obrigada.

Escrevo uma resposta rápida na nossa conversa de grupo.

rachel (8h31): *Não estou morta. Não posso ir porque tenho de trabalhar. Mas boa sorte *emoji beijo**

O brilho dos holofotes é literalmente a última coisa de que preciso neste momento porque, há dois meses, o foguetão da minha carreira caiu do céu. Estava em Seattle para o casamento do Harrison quando recebi a notícia de que tinha perdido a bolsa Barkley. É a bolsa de medicina desportiva mais importante do sector e associa médicos e fisioterapeutas em início de carreira a equipas desportivas profissionais. Os últimos três residentes que o Dr. Halla pôs a concurso ganharam. Depois de terminarem as suas rotações de dez meses, foram-lhes oferecidos cargos permanentes.

Era suposto eu ser o número quatro da sorte. O Dr. Halla tinha tanta certeza de que eu ia ganhar que começou a entrevistar o meu substituto no programa de residência. Tive de rastejar de Seattle com o rabo entre as pernas e implorar-lhe que não desse o meu lugar. Ele foi gentil, e sentiu-se indignado, jurando que nunca mais recomendaria um médico para o programa de residência deles.

É assim que tenho estado nos últimos dois meses, de volta a Cincinnati, a fazer as coisas no dia a dia. Quando não estou a fazer as minhas horas de residência na clínica de anca e joelho, estou a fazer exercício ou a esconder-me... até a Tess se fartar e me arrastar para fora.

O meu terapeuta pode estar pronto a receitar-me Prozac, mas a Tess tem em mente um outro tipo de terapia. Terapia da pila. Desde que voltei de Seattle, ela tem estado numa missão para me levar para a cama. Ela acha que uma noite selvagem com um tipo me vai curar da minha depressão. Mas só a ideia de tocar noutro homem me faz tremer.

Fico imóvel, com o telemóvel equilibrado na mão.

Outro tipo. Meu Deus, estou tão confusa. Como se eu já tivesse um tipo e o Sr. Engate Aleatório fosse o *outro* tipo. Eu não tenho um tipo. Nem de perto. Mas uma rapariga pode sonhar, certo?

No meu caso, os meus sonhos noturnos têm apenas um homem. O tipo. O meu Rapaz Mistério. Não contei a ninguém sobre ele. Nem mesmo à Tess. Conhecemo-nos na minha última noite em Seattle. Foi o melhor encontro de uma noite da minha vida. Nunca me tinha sentido tão ligada a outra alma humana. Mas era só isso que podia ser para mim. Uma noite perfeita. Sem nomes. Sem números. Acordei de manhã e fiz as malas em silêncio, deixando-o nu na minha cama, como se fosse o meu sonho.

Arrependo-me de não lhe ter dito o meu nome. Ele pediu-me para ficar. Ele queria-me como eu o queria... *quero*.

Eu gemo, passando a mão pelo meu cabelo novamente desalinhado. Não posso pensar no Rapaz Mistério neste momento. Tenho de lidar com o Dr. Halla.

dr. halla (8h08): *Price, liga-me o mais depressa possível*

dr. halla (8h15): chamada não atendida

Respirando fundo, levanto o telemóvel até ao ouvido e carrego no pequeno botão verde de chamada. O tom de marcação toca três vezes antes de atender.

– Doutor Halla, desculpe não ter atendido a sua chamada...

– Price, estás aqui? Vem ao meu gabinete – diz ele com aquela voz elegante e ligeiramente acentuada.

– Não, doutor Halla. Só tenho a tarde agendada.

– Bolas! Bem, eu não queria fazer isto pelo telefone...

Faço um inventário rápido. Um duche é praticamente inegociável. E tenho de pôr alguma comida no estômago. E café. Muito café.

– Hum... posso estar aí em trinta minutos...

– Não. Eles não podem ficar à espera.

Eles? Porque é que me sinto subitamente nervosa?

– Doutor o que...

– Conseguieste.

A minha mente funciona como um par de engrenagens enferrujadas enquanto tento perceber o que ele quer dizer.

– Consegui o quê?

– A Bolsa Barkley. É isso mesmo – repete ele. A sua expressão é tão impassível que não sei bem o que dizer. Estará a brincar? Porque não tem piada. – Price? Ouviste-me?

– Sim. – O meu coração está a acelerar a uma quilómetro por minuto. – Não estou a perceber...

– Acabei de falar ao telefone com a doutora Ahmed do comité de seleção da Fundação – explica ele. – Aparentemente, estavas em primeiro lugar na lista de espera.

– Oh, meu Deus! – Levanto-me da cama e ponho-me de pé com as pernas trémulas, olhando desamparadamente à volta do meu quarto.

– Aparentemente, um dos colegas tomou a decisão genial de fazer *rafting* e a sua jangada capotou – continua o Dr. Halla. – Partiu as duas tíbias e deslocou o ombro, por isso está fora.

– Oh, meu Deus! – suspiro, dirigindo-me da cama para a janela. – Então, o que é que isso...

– Significa que estás dentro – responde ele, indo direto ao assunto. – A doutora Ahmed ligou-me porque sabe que és a minha residente. Queria ter a certeza de que estavas a falar a sério sobre aceitar. Eu disse-lhe que sim. Espero não me ter excedido – acrescenta rapidamente.

– Não, doutor, eu... – Quase não tenho palavras para falar. Isto não pode estar a acontecer.

– Ainda *queres* isso, certo?

– Claro – quase grito para o telefone. – Eu... não estava à espera disto. As bolsas não começaram já?

– Só começaram esta semana – responde ele. – Essa era a outra razão pela qual ela estava a ligar. Normalmente, os bolsеiros têm alguma influência na sua colocação. Se não numa equipa específica, pelo menos o género e o desporto. Tens de estar disposta a ocupar o lugar do outro colega. Já está decidido e é demasiado tarde para o mudar agora.

Estranhamente, a total falta de controlo está a dar-me uma espécie de emoção. Sinto-me como se estivesse a fazer paraquedismo.

– Sim – digo eu. – Eu faço-o. Seja o que for, eu alinho. – Agora estou a sorrir.

– Excelente – responde ele. – Será mais uma função de fisioterapia do que de cuidados primários, mas eles estão entusiasmados com a tua experiência em ambos. A doutora Ahmed quis falar comigo para se certificar de que a tua experiência na clínica vai correr bem. Eu disse-lhe que eras a

candidata perfeita.

O meu coração palpita.

– Obrigada, doutor. Muito obrigada pelo seu apoio...

– Não digas nada disso – diz ele bruscamente. Não é muito dado a manifestações de carinho. Um dos residentes abraçou-o na festa de Natal do ano passado, e eu pensei que ele se ia transformar em pedra. – Creio que a doutora Ahmed já tentou telefonar-te esta manhã. Liga-lhe e aceita formalmente a bolsa. E não te preocupes com o teu turno desta tarde – acrescenta. – Vou informar a Wendy da situação.

– Obrigada – gaguejo novamente.

– Esta é uma ótima oportunidade, Price. Fico contente por ti. Talvez me consigas arranjar bilhetes para um jogo esta época.

As palavras dele ficam registadas e eu paro de andar de um lado para o outro. A bolsa começou esta semana. O que significa que tenho de me despedir do meu emprego, arrumar a minha vida e mudar-me, e nem sequer sei para onde!

– Espere... qual é a equipa? – pergunto. – Que desporto? Que cidade? Ela disse-lhe?

– Sim – responde ele. – A tua bolsa de estudo será com os Jacksonville Rays.

A minha mente rodopia. Jacksonville. O lado atlântico da Florida, isso eu sei. Mas a minha mente está a ficar em branco com os Rays. Os Jaguars são a equipa da NFL... baseball, talvez? Meu Deus, se isto é um teste à minha adequação ao programa deles, estou a falhar redondamente.

– Nunca ouvi falar dos Rays – admito.

Ele ri-se.

– Bem, claro que não ouviste. Os Rays são a mais recente equipa de expansão da NHL. Acho que ainda nem sequer acabaram o novo centro desportivo.

Eu quase grito de excitação, o que é completamente antiprofissional, mas não me importo.

Hóquei. É um dos desportos mais cruéis e propensos a lesões. Os homens jogam literalmente com facas presas aos pés. Muitos ossos partidos. Muitas lesões nos ombros, ancas e joelhos. Deslocações. Distensões na virilha. É a minha colocação de sonho. E uma nova equipa significa equipamento novo, novas instalações, fãs demasiado ansiosos.

– Doutor... – digo eu, sem conseguir pensar noutras palavras.

Ele apenas se ri novamente.

– Diverte-te, Price. Mereceste isto. – Depois desliga.

Fico ali com o telefone na mão, completamente sem palavras. Ganhei a bolsa de estudo Barkley.

A Tess volta a meter a cabeça no meu quarto, com um batido verde na mão.

– Falaste com o doutor H? O que foi, miúda, que sorriso é esse? O que é

que aconteceu? – Começo a rir-me, com lágrimas nos olhos. Ela empurra a ombreira da porta. – Miúda, o que...

– Vou mudar-me para Jacksonville – digo.

– O quê? *Quando?*

Limpo uma lágrima debaixo do olho, abanando a cabeça com uma incredulidade chocada.

– Assim que possível.

RACHEL

— Não sei mais o que lhe dizer, minha senhora. Estou a olhar para o ecrã e não vejo qualquer registo das suas malas — diz a funcionária da companhia aérea pela terceira vez.

Deixo escapar um gemido exasperado, fazendo malabarismos com a minha pesada mochila e a mala ao ombro enquanto apanho os recibos no balcão.

— Então explique-me *estes* — digo, agitando-os no ar. — O tipo em Cincinatti verificou as minhas três malas. Claramente, estavam ligadas algures, porque... *olhe...* tenho uma aqui mesmo! — Faço um gesto para o saco que está a meus pés. É um dos sacos antigos da Tess, que está prestes a desfazer-se.

Isto é oficialmente um desastre. Os dois sacos que faltam têm praticamente todos os meus objetos essenciais. O saco que consegui reclamar foi um trabalho de última hora com coisas que não são essenciais — alguns livros de medicina, algumas roupas de inverno volumosas, dois vestidos de noite e coisas de treino aleatórias. Amanhã vou começar o meu primeiro dia de trabalho com um vestido Chanel sem costas personalizado e os meus ténis.

— Pode verificar outra vez, *por favor?* — peço, pousando os recibos no balcão.

Foram 32 horas de puro caos. Tenho fome, estou exausta e sinto-me completamente nervosa depois de um longo dia a lidar com vários voos atrasados. Nem sequer dormi ontem à noite, estava demasiado ocupada a fazer as malas. Despedi-me da Tess com lágrimas nos olhos antes de estar no aeroporto às seis da manhã para o meu primeiro voo.

Mas uma série de atrasos significa que já passa das 17h00 e eu acabei de aterrar em Jacksonville. E agora esta figura humana com um crachá no colete

que diz *I love corgis* diz-me que a minha bagagem desapareceu da face da terra.

– Não percebo como é que duas malas podem simplesmente desaparecer...

– Oh... espere – murmura ela, o ecrã do computador a brilhar no reflexo dos seus óculos. – Sim... aqui estão elas. Enganei-me a escrever o número do voo.

Eu fico muito quieta. É mais fácil assim. Assim não sou interpelada por um gerente... ou por um polícia.

– Por favor, encontre-as.

Enquanto ela começa a clicar, eu ponho as malas ao ombro e olho para o meu telemóvel. Está a dar sinal de vida desde que me aproximei do balcão. Parece que finalmente decidiu acordar do modo avião. Todas as mensagens chegam de uma só vez.

Tenho a certeza de que a Tess quer atualizações. Também há algumas mensagens no *chat* de grupo da família Price. Também tenho algumas mensagens de um número desconhecido. Leio-as primeiro.

desconhecido (17h05): *Olá, fala Caleb Sanford dos Rays. Vou buscá-la ao aeroporto. Conduzo um jipe azul*

desconhecido (17h15): *Estou aqui. Do lado de fora da porta 2*

desconhecido (17h20): *Não posso ficar aqui muito mais tempo antes que o homem me obrigue a dar a volta outra vez*

Que merda. Ninguém disse que haveria uma recolha no aeroporto!

desconhecido (17h30): chamada não atendida

desconhecido (17h45): *Olhe, não quero ser um idiota, mas não posso esperar muito mais. Diz aqui que o seu voo chegou há 45 minutos*

desconhecido (17h47): *É a Dra. Price, certo?*

– Oh, meu Deus! – grito, remexendo as minhas coisas no ombro.

Ótimo, agora pareço uma idiota total que ignora chamadas e mensagens de texto durante uma hora, deixando as pessoas à minha espera. Tenho de ligar de volta a este tipo. Preciso de sair deste maldito aeroporto!

– Por favor – digo, por cima do balcão pelo que parece ser a centésima

vez. – Se as malas não estiverem aqui, eu posso voltar, mas não posso ficar aqui parada...

Ela levanta uma mão na minha cara.

– Minha senhora, preciso que se acalme. – *Oh, não, ela não fez isso.*

– Acalmar-me? – Eu irrito-me. – Eu não comecei a ficar nervosa. Foi você que disse que as minhas malas nem sequer estavam no sistema há dois segundos... – Eu engasgo-me com o resto da minha frase. Não vale a pena. – *Por favor* – digo novamente. – Diga-me só...

– Já está – murmura ela, com os olhos de novo no ecrã. – Parece que duas das malas foram desviadas durante o seu voo de ligação em Charlotte. Podemos reencaminhá-las para cá amanhã de manhã.

Suspiro de alívio.

– Graças a Deus! O que é que precisam de mim?

– Nada – responde ela, fazendo deslizar os recibos das malas para o outro lado do balcão. – Temos todos os seus dados de contacto. Alguém entrará em contacto consigo para a informar quando as malas chegarem.

Pego nos recibos.

– Obrigada – murmuro, acrescentando apenas o «de nada» dentro da minha cabeça.

– Bem-vinda a Jacksonville – diz ela, já acenando para a próxima pessoa na fila.

Luto com a alça da minha bolsa, que agora está enrolada na tira da minha mochila e presa à minha garrafa de água de metal. Ao mesmo tempo, agarro na pega da minha mala registada. É um daqueles retângulos pretos, em forma de caixa, com a parte da frente cheia de coisas que enfiei lá dentro. A coisa pesa uma tonelada! Seja como for, rola. E agora estou a rolar.

Afasto-me apressadamente do balcão de bagagem perdida, arrastando a minha única mala solitária atrás de mim. Tenho a minha mala presa ao corpo, para que a minha mão esquerda possa estar livre. Já estou a carregar no botão de chamada do meu telemóvel. O telemóvel toca e ele atende imediatamente.

– Estou? – A voz dele é grave.

– Olá... – *Merda, como é que ele se chama?* – Aqui é Rachel Price – digo. – Peço imensa desculpa! As minhas malas perderam-se e o meu telemóvel ficou em modo avião... enfim. Estou a sair agora!

– Estou a dar a volta outra vez – diz ele. Oiço música a tocar ao fundo. – Jipe azul. – Ele desliga.

Corro para as portas duplas marcadas com um grande número 2 e saio. O calor da Florida atinge-me como uma bofetada na cara. Estou habituada ao calor seco de um verão na Califórnia, não a este pântano. Graças a Deus que o meu cabelo já está num nó. Tenho de tirar este capuz imediatamente.

Um jipe azul-escuro, com a capota recolhida, para na passadeira a uns dez metros de distância. Uma prancha de *surf* está presa às calhas superiores e um cão espreita do banco de trás. É adorável – orelhas pretas e pontiagudas, com um focinho branco como o de um *border collie*. A sua língua cor-de-rosa

sai-lhe da boca.

Corro em direção ao jipe, com as rodas da minha mala a chocalhar contra o cimento. Levanto a mão que segura o telemóvel, acenando desajeitadamente para o jipe parar. O tipo no lugar do condutor acena com a cabeça. Usa óculos de aviador e um boné com a aba baixa.

– Olá – digo eu, sem fôlego, quando paro do lado do passageiro. – Chamo-me Rachel Price. Peço *imensa* desculpa, mais uma vez! O meu telemóvel não estava a funcionar, faltam duas malas, estou acordada há 36 horas e estou uma desgraça. Mas agora estou aqui, e estou pronta para ir e... meu Deus, és *tão* giro...

O tipo no banco da frente contrai-se, a boca abre-se um pouco, mas eu não estou a prestar-lhe atenção. Enquanto eu falava, o cão saltou por entre os bancos e passou com o focinho por cima do rebordo da porta do passageiro. Tem uns lindos olhos azuis gelados, tão brilhantes e curiosos. Sou uma grande fã de animais. Nunca pude ter um em criança, devido à forma como sempre viajámos, por isso agora fico dolorosamente estranha em ambientes sociais se houver um cão envolvido.

– Sy, para trás – ordena o seu dono, pondo o jipe no parque.

O cão agita o corpo todo, com a cauda a abanar na cara do homem, antes de saltar obedientemente para o banco de trás.

– Precisa de ajuda com as malas?

– Oh, não. Eu consigo – digo, com o meu olhar a voltar-se para ele.

Oh, merda!

Aqui estou eu a bajular um cão giro quando o seu dono é ainda mais giro. Ele tira os óculos de aviador, enfiando-os na parte de cima da *t-shirt*, e eu fico com o efeito completo daqueles olhos escuros e das maçãs do rosto durante dias. Ele tem um ou dois dias de barba por fazer ao longo do maxilar e um beicinho muito sensual nos lábios.

– Eu...

Rapariga, recompõe-te.

Fecho a boca.

Merda, quando é que ela se abriu?

– Eu estou bem – repito. – Deixe-me só... – Nem sequer me dou ao trabalho de acabar a frase. Baixei a cabeça envergonhada e fui para a parte de trás do jipe.

– Ora, deixe-me... – diz ele. – A porta às vezes encrava. – É então que ele se levanta do banco do condutor e... oh, meu Deus! É uma perfeição esculpida. Eu conseguia ver-lhe os ombros do jipe, mas não estava a pensar também na altura.

É gracioso quando se move, virando-me as costas para mexer na porta. Tatuagens cobrem-lhe o braço direito do pulso para cima, desaparecendo por baixo da manga da *t-shirt*. Redemoinhos de cor e padrões pormenorizados. Ele abre a porta, e eu dou um passo atrás, pronta para meter o meu saco lá dentro.

– Aqui, deixe-me carregá-lo – murmura ele.

– Não, não se incomode. – Porque é que a minha voz está a sair tão estridente?

– Isso parece pesado.

– Sou uma rapariga crescida – respondo, levantando-a pela pega.

Depois acontecem algumas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, o carro atrás de nós buzina, fazendo-me saltar e o cão ladrar. Depois, o sistema de som começa a tocar sobre estacionar em áreas restritas. Por fim, quando levanto o saco, agarro-me à extremidade da porta. Deve ter sido a força suficiente para quebrar a última vontade de viver do velho saco. Ouço o tecido a rasgar-se e, de seguida, o inferno começa.

E por inferno, refiro-me ao conteúdo do meu saco. Sim, fico ali, com a boca aberta de horror, a ver todos os meus pertences a saírem da lona rasgada, espalhados pelo passeio aos nossos pés.

O rapaz surfista troca comigo um olhar espantado antes de entrarmos em ação, tentando apanhar todas as minhas coisas que caem. Eu grito quando um livro cai sobre os meus dedos dos pés expostos. Isto fez-me bater contra a porta aberta do jipe. Agora o cão está a ladrar de alarme, vendo-nos a lutar para evitar que as minhas coisas rolem para o trânsito em sentido contrário.

Assim que colocamos o saco no chão, ponho-me de joelhos, desesperada por enfiar tudo lá dentro.

É isto. Finalmente encontrei-o.

Olá, limite. Chamo-me Rachel.

Trabalho rapidamente, enfiando as coisas novamente no saco rasgado. Passam alguns segundos quando me apercebo que o surfista está ali parado, sem fazer qualquer esforço para me ajudar. Olho para cima, os meus olhos percorrem as suas pernas cobertas de areia. Será que ele veio diretamente da praia? Passo pelos seus calções de banho, subo pelo seu tronco musculado e chego ao seu rosto.

Ele está a olhar para baixo, mas não está a olhar para mim. Não, está a olhar para a coisa que tem nas mãos. A expressão dele está congelada no rosto, totalmente ilegível.

E realmente a *coisa* está certa porque... *Oh, meu Deus!*

O meu coração cai-me do peito. Alguém me enterre na terra, aqui mesmo, nesta zona de carga do aeroporto. E não se esqueçam de cavar um buraco para a Tess mesmo ao meu lado, porque tenciono assombrá-la até à morte! O surfista está a segurar um vibrador. O meu dildo. Foi uma prenda da Tess, e é certamente uma piada que ela o tenha embalado para mim. Só pode ser, porque o vibrador é grande, roxo e tem a forma de um tentáculo de polvo.

CALEB

Estou na zona de «não estacionar» do aeroporto de Jacksonville com um dildo tentáculo na mão. É roxo fluorescente e de borracha, e posso dizer pelo peso que funciona a pilhas.

Grande merda!

Como é que eu vim aqui parar?

Estou à espera desta mulher há quase uma hora, cada vez mais irritado com os médicos que não têm consideração pelos outros. Estava pronto para odiar. Estava pronto para me ir embora e deixá-la aqui.

Mas então o meu telefone finalmente tocou, e um furacão ambulante de uma rapariga atravessou as portas automáticas, sugando-me para o seu vórtice. Ela falava tão depressa que eu mal conseguia perceber as palavras. Tudo o que podia fazer era observar o elegante arco da sua garganta enquanto se movia. Depois o Sy teve de andar aos saltos, distraíndo-nos aos dois.

Ela é linda, tenho de o admitir. O seu corpo curvilíneo está vestido com umas *leggings* pretas de cintura alta e uma camisola de capuz aberta para mostrar o seu decote. Ela fez um favor ao mundo ao prender a mala entre os seios e correr na minha direção como uma modelo da série *Marés Vivas*. Quando ela está suficientemente perto, vejo o pequeno brilho de ouro no seu nariz.

Foda-se, ela tem um piercing no nariz.

Eu sou um fanático por uma rapariga com *piercings* e tatuagens. Ela também tem tatuagens? Não sei dizer. O que eu posso dizer é que os tipos vão ficar loucos. Ela vai partir corações até ao fim do dia de amanhã. O treinador vai ter de colocar uma vedação elétrica à volta do gabinete dela. Provavelmente vamos ter de obrigar os novatos a tomar duches frios antes de ela os examinar.

E aqui estou eu, ainda a segurar o vibrador dela.

Ela está de joelhos, a tentar apanhar as suas coisas, a praguejar baixinho. Olha para mim e eu continuo parado, como se tivesse sido transformado em pedra. O seu olhar sombrio desce da minha face para a minha mão e os seus lábios abrem-se num «O».

– Oh, meu Deus! – grita ela, lançando-se para os seus pés. – Dá-me isso... – Ela quase me arranca o vibrador da mão.

Diz qualquer coisa, idiota.

– Só estou a tentar ajudar – murmuro, enfiando as mãos nos bolsos dos meus calções de banho, decididamente sem ajudar. Agora tenho medo de ajudar. Com medo do que mais posso encontrar... do que mais posso tocar. Será que ela usa mesmo aquela coisa ou...

– Foi uma prenda de brincadeira – diz ela rapidamente.

Espero que ela não consiga ler os meus pensamentos, porque não vou negar o momento em que me imaginei a carregar naquele pequeno interruptor e a ligá-lo. Estou curioso para testar a amplitude de movimentos do brinquedo.

– A ideia de presente de despedida da minha colega de quarto – acrescenta ela, enfiando o brinquedo no fundo da mala. – Eu não... eu nunca... *meu Deus*, podes chegar aqui e ajudar-me antes que sejamos rebocados?

Não me dou ao trabalho de esconder o meu sorriso. Então, ela nunca o usou antes?

Não me partas o coração, Furacão.

Dobro o meu joelho bom, caindo com um ligeiro estremecimento, e ajudo-a a enfiar as coisas de volta no saco roto. O resto da pilha é bastante inocente – livros, carregadores aleatórios e cabos. Pego numa bota de neve.

– Estás à espera de neve na praia?

Ela resmunga e pega nela, enfiando-a dentro da abertura do saco.

– É sempre bom estar preparada. Pensei que talvez precisasse de levar equipamento de neve para um jogo fora de casa ou assim.

Isso é inteligente. Eu também não gostaria de ficar preso apenas com os meus chinelos de dedo em Toronto.

Acabámos de juntar as coisas dela o mais depressa possível e, em equipa, colocámos o saco na parte de trás do jipe. O que não cabia lá dentro é atirado sem cerimónias para cima. Ela guarda a mochila em segurança no banco de trás, mantendo a mala com ela enquanto sobe para a frente.

Eu deslizo para o lado do condutor e ponho os meus óculos de sol.

– Alguma preferência musical?

– Não – responde ela, servindo-se do meu carregador de telemóvel. – Desculpa, a minha bateria está a acabar.

– Está bem, mas vai estar um bocadinho de vento – digo eu. – Talvez queiras...

– Eu sei como funcionam os jipes – diz ela, apertando o cinto de segurança.

Ficamos os dois parados no silêncio da sua resposta.

Depois ela geme, enterrando a cara nas mãos.

– Oh, merda! – peço imensa desculpa. Isso foi a coisa mais estúpida de se dizer.

– Está tudo bem...

– Não, eu sinto *muito*, eu só estou... *meu Deus...* eu estou tão cansada – diz ela com uma nota de desespero em sua voz. – Acho que estou a ficar um pouco delirante.

Juro que se tiver de lidar com um vibrador tentacular *e* lágrimas na mesma viagem de carro, vou pedir um aumento. As viagens de aeroporto já não fazem parte das minhas funções, mas estou a tentar fazer o meu trabalho, ser um jogador de equipa. Olha o que recebo pelo meu esforço.

– Não durmo há dois dias – continua ela.

Sim, são lágrimas na voz dela. Agora estou oficialmente desconfortável.

– E tenho tanta fome. Não comi nada para além de um saco de *pretzels* ao pequeno-almoço. Mas isso não é desculpa – acrescenta rapidamente. Vira-se para mim, os dedos roçando levemente na tatuagem do meu antebraço. – Eu sinto muito. Meu Deus, estou tão confusa que nem me lembro do teu nome. Sinto-me uma grande cabra. Puseste-o no teu SMS, mas eu estava com tanta pressa que não pude voltar a verificar. E estive à minha espera durante tanto tempo, e tenho a certeza de que pensas que sou uma idiota, mas não sou...

As palavras só param porque ela fica sem ar. Sim, esta rapariga é um vórtice de caos em massa.

Ela fecha os olhos e respira fundo. Depois abre-os, com aquelas piscinas castanhas-escuras a sugarem-me.

– Podemos começar de novo? *Por favor*, deixa-nos começar de novo. – Ela estende-me a mão. – Chamo-me Rachel Price. Sou a nova bolseira Barkley, e tive dois dias *muito* difíceis.

Olho para a mão que ela me ofereceu. Ela puxou a manga do capuz um pouco para cima e agora consigo ver que tem tatuagens.

Fica quieto, meu coração frio e morto.

Um par de corações delineados no pulso, um pequeno e detalhado esboço de uma guitarra elétrica no antebraço. Há uma assinatura ao lado da guitarra.

Sy escolhe este momento para meter a cabeça entre os assentos, mordiscando a palma da mão aberta dela, o que dissipa a tensão. Ela ri-se, fazendo-lhe um carinho entre as orelhas.

– Pelo menos alguém quer dar-me outra oportunidade. Juro que não sou uma cabra. Não, não sou – canta ela com aquela voz doce e açucarada que todas as pessoas parecem ter quando falam com um cão. – Não, não sou. Sou muito simpática. Sim, sou.

Sy aproveita tudo, lambendo-lhe a mão enquanto ela se ri alto.

Com um gemido, empurro-o gentilmente para trás e estendo a minha

mão, deixando-a apertá-la.

– Chamo-me Caleb Sanford, assistente do responsável pelo equipamento.

Ela sorri.

– Uau, trabalho difícil. Vocês trabalham imenso.

– Sim. – Eu largo a mão dela, colocando a minha de volta no volante.

– E quem é este anjo? – pergunta ela, virando-se no seu lugar para dar mais atenção a Sy. – Os olhos dele são *tão* lindos. Podia comer-te. Sim, podia – diz ela.

O idiota peludo é um íman total de miúdas. É pena que ele as aqueça só para eu as voltar a pôr no frio.

– O nome dele é *Poseidon* – respondo. – Eu chamo-lhe Sy para abreviar.

– Uau, que real – diz ela, com os dedos a coçar o pelo espesso do pescoço dele. – Estás um pouco salgado, Sy. Estiveste a nadar no oceano com o papá hoje cedo?

Fico rígido.

Espera, não. Os meus braços... a minha... *merda*, não a minha pila. A minha pila não está definitivamente a ficar dura ao ouvir uma mulher linda chamar-me «papá».

Com um gemido, afasto-me dela, com os olhos bem postos na estrada, enquanto engreno o jipe. Ao mesmo tempo, aumento o volume do rádio, fazendo soar no ar a minha mistura favorita de música *rock*.

Ela tira um par de óculos de sol da bolsa e coloca-os, recostando-se no assento com um sorriso quando atingimos o sol da Flórida. Entre o vento e a música, é difícil ter uma conversa num jipe... que é uma das razões pelas quais gosto de conduzir com a capota aberta.

Ela não parece importar-se. De facto, parece que a relaxa. Em poucos minutos, tem um braço apoiado na porta lateral, com a mão a mexer-se ao ritmo da música, enquanto eu conduzo para a autoestrada.

RACHEL

— Bem, aqui está, querida. Lar doce lar.

Eu sigo a agente imobiliária até à porta aberta do meu novo apartamento. Tenho as mãos ocupadas com a minha mala, a papelada do apartamento, um copo de bebida a escorrer com gelo estaladiço e um saco com restos de tacos. Coloco tudo no balcão da cozinha e viro-me para contemplar a vista.

Este é um apartamento totalmente mobiliado no quarto andar de um complexo novinho em folha, a menos de oito quilómetros do centro desportivo. Caleb disse que os Rays compraram os três últimos andares deste edifício para ter lugares para alojar pessoal rotativo como eu, bem como para manter os apartamentos prontos para os rapazes da equipa que vêm de fora.

— Tem todas as comodidades — diz ela. — Máquina de lavar loiça, fogão, micro-ondas estão aqui. E há uma pequena máquina de lavar e secar roupa na casa de banho do corredor. — Ela aponta para uma porta aberta.

Passo por ela e entro na sala de estar. Tem apenas um quarto, mas tem uma cozinha com uma pequena bancada para o pequeno-almoço e uma sala de estar estreita com uma parede de vidro que dá para uma varanda. Para lá da varanda, vejo que tenho vista para a floresta.

— O quarto é por aqui — diz Loretta. — Tem uma casa de banho completa e um armário embutido.

Sigo-a até ao quarto, reparando nas cores de praia por todo o lado — azul-marinho, bege-areia e branco. Tudo no espaço é acentuado com vime e conchas. Há um tapete de juta na cozinha. Uma impressão de arte em forma de dólar de areia está emoldurada sobre a cama *queen size*. Nem um único elemento de decoração é o que eu teria escolhido para mim. É chique costeiro e eu adoro-o.

Vou-me habituar a isso.

Está bem, vou ter de comprar uma colcha diferente, no mínimo. Quem consegue aguentar tanto bege-areia deve ser meio camelo.

– É perfeito – digo.

Passos atrás de nós fazem-me virar. Caleb está na minha cozinha, olhando em volta com uma ligeira careta no rosto.

– Uau... esqueci-me de que elas são assim quando nos mudamos para cá.

– Assim como? – pergunto, pegando na minha mochila pesada quando ele ma entrega.

Ele torce o nariz.

– Como o corredor quatro de uma loja de artigos para o lar.

Eu sufoco uma risada. Sim, vou esconder pelo menos um quarto destas decorações num armário.

– Já estás a fazer novos amigos? – Loretta chama-me. – Não te preocupes, querida. Não somos todos tão mal-humorados como este. – Ela aponta-lhe o polegar.

Caleb pega ruidosamente na taça de vidro com conchas da minha bancada.

– Só por curiosidade, Lo, há conchas nas *praias* da Flórida, ou estão todas nestas taças de salada?

– Disseste algo sobre reciclagem? – digo por cima dele.

Ele sorri, pousando novamente a taça.

– Sim, nós reciclamos aqui. Há uma lista plastificada no balcão com o que precisa de ser separado – explica Loretta. – E se formos apanhados a quebrar as regras, há uma multa de 20 dólares. A coima seguinte vai até aos 50 dólares.

– Levamos a conservação dos oceanos muito a sério – diz Caleb.

Como é que ele passou à minha volta e entrou na sala de estar tão depressa?

– Tirar apenas fotografias, deixar apenas pegadas – diz ele. Ao mesmo tempo, está agora a segurar o que parece ser uma esponja-do-mar seca.

Reviro os olhos para ele. Este tipo é tão difícil de perceber. É parvalhão ou é encantador? Se calhar é um idiota charmoso. Sorrio, tentando concentrar-me na longa explicação de Loretta sobre o uso correto da máquina de lavar louça.

Enquanto ela fala, não posso deixar de olhar para ele. Está a sentir-se em casa no meu sofá, a encostar-se nas almofadas às riscas. No início, ele estava tão distante. É compreensível, uma vez que pensou que eu o estava a deixar à espera... o que realmente estava, mas sem querer. Depois houve o desastre com o vibrador, sobre o qual ele foi superfixe e não voltou a falar. Durante a viagem, ele parecia distante. Claramente não queria falar, o que me pareceu ótimo. Especialmente porque ele tem um ótimo gosto musical.

Pensava que o tinha identificado como o tipo de solitário idiota. Mas depois, mesmo antes de chegarmos ao complexo de apartamentos, ele parou num pequeno centro comercial e comprou-me tacos.

– Disseste que tinhas fome – disse ele com um encolher de ombros indiferente.

Claro, comemos em silêncio, mas não foi um silêncio confrangedor. Sentámo-nos no exterior, numa pequena mesa de metal de um café, partilhando as nossas batatas fritas com um Sy muito feliz.

O que quer que falte a Caleb em encanto, o seu cão mais do que compensa.

– Oh, não, o Sy – grito, interrompendo a Loretta. – Não o podem deixar no jipe. Tragam-no para cima.

O Caleb tem o nariz enterrado no livro que estava na mesa de apoio: *As Conchas da Florida: Guia de Um Amante de Praias*.

– Não faz mal – responde ele, fechando o livro pesado e atirando-o para o chão. – Eu deixei-o em casa quando trouxe a tua mochila.

– Deixaste-o em casa?

– Este rabugento não te disse? – Loretta ri-se.

Olho de relance para ele e para a Loretta.

– Não me disse o quê?

Caleb dirige-se a mim.

– Sou o teu novo vizinho, Doc.

O meu coração salta uma batida.

– Vizinho?

– Sim, ele está mesmo aqui ao lado, no apartamento 403 – diz Loretta.

– Por que outra razão achas que me pediram para te ir buscar ao aeroporto?

Olho fixamente para os seus olhos escuros e sinto algo na minha barriga a mexer.

E não, não são os tacos. Oh, isto não está mesmo a acontecer. Não pode ser.

Alerta vermelho. Para trás, Rachel. Desliga isso.

Não me vou envolver com um colega de trabalho. Não me interessa se ele é uma brasa tão quente que queima.

– Então, se alguma vez precisares de açúcar – ele murmura. – Sabes a quem pedir.

RACHEL

Suspiro de exaustão, balançando-me na bancada da cozinha enquanto me sirvo de um generoso copo de *chardonnay*. Consegui chegar ao fim desta maratona de dois dias. Nesta altura, não sei bem do que preciso mais: dormir ou apanhar ar. É uma incógnita, na verdade. Assim que beber este vinho, tenciono ir deitar-me.

Assim que Caleb saiu, desempacotei a minha única mala ridícula, confirmando o que eu já sabia. A única escolha de roupa para amanhã são dois vestidos de noite, dois biquínis, um fato de banho branco rendado ou o meu equipamento de inverno. Por isso, chamei um Uber e fui ao Target. Três horas e 600 dólares depois, estava de volta ao meu apartamento, com o frigorífico e a despensa cheios, um edredão novo na cama, almofadas novas no sofá e uma carga de roupa a rodar na minha minimáquina de lavar – incluindo batas e roupa interior novas.

Assim que a máquina de lavar faz um zumbido, atiro a roupa para a máquina de secar e vou dormir.

Pesquisei no telemóvel, ponho uma música a tocar. Tirei as *leggings* assim que cheguei a casa. O sutiã desportivo também. Por isso, agora só tenho as cuecas vestidas e a *t-shirt* de alças mais macia que encontrei na secção de criança.

Pego no meu telemóvel e no meu copo de vinho e atravesso o meu apartamento em direção à varanda. Sou uma snobe no que toca a tornar os meus espaços exteriores confortáveis, e já estou a planear uma remodelação da varanda para este fim de semana – uma espreguiçadeira aveludada, umas luzes de cordas, plantas para o parapeito. Podia ter um só vaso para ervas aromáticas. Manjerição e endro, talvez um pouco de alecrim. Tomo nota no meu telemóvel, usando o cotovelo para fechar a porta de vidro atrás de mim.

Está tão bonito aqui fora. A humidade do dia finalmente diminuiu, por isso agora está apenas quente. E tão maravilhosamente calmo. A minha música toca enquanto mexo sem pensar no meu telemóvel, bebendo lentamente o meu *chardonnay*. Estou a algumas páginas do meu último romance monstruoso quando ouço o apito da minha máquina de secar a roupa. Esvazio o resto do meu vinho e tento abrir a porta de vidro deslizante.

Não se mexe.

– Só podem estar a brincar comigo – murmuro. Enfio o telemóvel debaixo do braço e puxo o puxador com mais força.

Puxa.. Puxa.

– Oh, não! Foda-se, foda-se, foda-se! – sibilo, pousando o telemóvel e o copo de vinho vazio. – Vá lá, porta. Por favor, não me faças isto – choramingo, tentando ver se me falta alguma coisa, alguma alavanca que precise de ser levantada ou um trinco que precise de ser aberto. Mas não. Nada. Não há literalmente nada deste lado do vidro, exceto o puxador.

– Oh, vá lá! – Pego no meu telemóvel e passo rapidamente pelos meus contactos, procurando o número da receção. Claro que ainda não o inseri no raio do telemóvel!

– Isto é perfeito – murmuro, abrindo a Internet para fazer uma pesquisa no Google.

Juro por Deus que, quando me livrar disto, vou para a cama e não volto a acordar. Aproximo o telefone do ouvido, esperando que o tom de marcação toque uma música de elevador da treta. Depois do que parece ser uma eternidade, um serviço de atendimento telefónico finalmente atende.

– *Obrigado por ligar para o Serviço de Manutenção da Silver Shells. O nosso escritório encontra-se fechado. Se for uma emergência, por favor desligue e ligue para o 112...* – Desligo.

Meu Deus, *não* vou chamar a polícia para me vir salvar! Surge-me uma imagem súbita de um carro de bombeiros a subir uma escada para a varanda do meu quarto andar. Um belo bombeiro estende as mãos, pronto para me levantar por cima do corrimão como se eu fosse um gatinho preso numa árvore. Tenho a certeza de que todos os meus novos vizinhos vão gostar de me ver a passar com o meu rabo nu por cima da varanda, numa coisa tipo escada de bombeiro.

Eu suspiro.

Conheço o meu novo vizinho!

Olho por cima da borda da minha varanda em direção ao apartamento do Caleb. Menos de dois metros de espaço separam as nossas grades. O ângulo não me permite ver o interior do apartamento dele, mas consigo ver que há uma luz acesa.

– Por favor, oh, por favor! – murmuro, carregando no botão de chamada do seu contacto.

Toca e toca. Não atende.

– Não – choramingo, deixando pousar o telemóvel nas duas mãos para

enviar uma mensagem.

rachel (23h04): *Olá, Caleb, é a Rachel. Estás em casa? Estou a ver que a luz está acesa. Podes vir à tua varanda?*

rachel (23h04): *Agora mesmo. É uma espécie de emergência*

Espero, desesperada para ver os três pontinhos a piscar em baixo ou, melhor ainda, para o ouvir abrir a porta de vidro deslizante. Nada.

rachel (23h06): *Caleb, por favor! Estou presa na minha varanda!*

Continuo à espera.

Nada.

Meu Deus, o meu coração começa a acelerar de ansiedade e agora tenho *mesmo* de fazer chichi!

Vou à luta, respiro fundo e começo a chamar pelo nome dele.

– Caleb Sanford! Ei, Caleb! – Fico à espera. – Caaaaaleb!

Dentro do apartamento dele, ouço o Sy a ladrar.

– Sim, ajuda-me, Sy! – Eu grito como uma idiota. – Chama a atenção do papá para mim! CALEB!

E sinto alívio perante o som da porta de vidro deslizante que se abre. Sy salta para fora, com a sua pequena cabeça preta e branca a passar por entre as barras do corrimão enquanto ladra para mim.

– O que é que...

– Caleb! – Chamo-o de novo. – Oh, graças a Deus!

– Rachel? – Ele espreita-me ao virar da esquina. Está sem camisa, com o cabelo acobreado despenteado. Vejo que a manga da tatuagem lhe sobe pelo braço acima do ombro. O resto do corpo é longo e magro, musculado. – O que é que tu...

– Alguma vez vês o teu telemóvel? – grito com as bochechas a arder de vergonha.

Ele levanta uma sobancelha confusa.

– Está no meu quarto. Rachel, o que é que...

– Estou trancada cá fora – desabafo eu.

– O quê?

– Saí para a minha varanda, fechei a porta atrás de mim e, aparentemente, ela trancou-se!

Ele ri-se, passando uma mão pelo seu cabelo desalinhado.

– Pois é, a Lo devia ter-te avisado. Não feches a porta até ao fim, a não

ser que queiras ficar trancada cá fora.

Eu fico inexpressiva.

– Sim, caramba, obrigada. Acho que aprendi essa lição. Agora, podes *ajudar-me?*

Ele olha em redor.

– Bem... ligaste para o número da manutenção?

– A receção está fechada. A mensagem automática dizia para ligar para o 112.

– Provavelmente é a melhor opção. Eles podem abrir o teu apartamento e libertar-te.

Eu choramingo, já a um passo de fazer a dança do chichi.

– Mas isso vai levar *séculos*.

Ele sorri.

– Tens algum sítio chique para estar? – Eu fico imóvel.

Claro que sim, porra!

Se o consigo ver ali parado só com os calções, ele consegue ver-me com a minha tanga e a *t-shirt* dos Guns N’ Roses. Cruzo os braços sobre as minhas mamas sem sutiã. Nem pensar que ele vai ter mais um espetáculo meu hoje. Ele já viu o meu vibrador e agora viu-me em roupa interior. Ele não vai ter um vislumbre das meninas também.

– Posso fazer-te companhia, se quiseres – diz ele com um encolher de ombros. – Enquanto esperas pela polícia.

Volto a gemer. A última coisa que quero é ficar aqui sentada, possivelmente durante horas, à espera de que a polícia arrombe o meu apartamento e me venha libertar desta prisão na varanda. Se isso acontecer, vão encontrar uma mulher a soluçar, sentada numa poça do seu próprio chichi.

E é então que me vem à cabeça a pior e mais genial ideia do mundo.

– Ou...

– Ou o quê? – responde Caleb, com um cotovelo apoiado no corrimão.

Eu avalio a distância. Não chega a dois metros, com espaço mais do que suficiente entre os dois parapeitos da varanda. É fácil. É só não olhar para baixo.

– Ou eu poderia simplesmente trepar até aí.

Ele pestaneja.

– Que raio dizes? Estamos no quarto andar. Se caíres, caís para a morte, doutora. Pumba.

– Eu não vou cair – resmungo. – Olha, estende os braços e podemos avaliar melhor a distância...

– Não – grita ele, dando um passo para trás. – Nem pensar. Não vou ajudar-te a rastejar como uma ninja até aqui. Como é que isso ia ajudar? Ficarias na mesma trancada cá fora.

– Mas tens uma casa de banho – suplico. – E se o pior acontecer, talvez eu possa dormir no teu sofá e a manutenção pode abrir-me a porta logo de manhã. Assim, não temos de envolver a polícia. *Por favor*, Caleb...

– És doida, Furacão – murmura ele, abanando a cabeça. – Eu não te vou ajudar. Já sabes a minha resposta. Nem sequer perguntes.

Eu choramingo, as mãos caindo para os meus lados. Meu Deus, estou a sentir as lágrimas a chegar. Quando o lábio inferior começa a tremer, não há como parar. E eu não sou uma chorona. Foram apenas dois dias ridiculamente stressantes.

– Oh, o que é isso? – diz ele, com um tom cauteloso. Eu fungo.

– Nada. Está tudo bem.

Oh, meu Deus, este homem vai *odiar-me*! Entre a forma como nos conhecemos, o vibrador e agora isto, não o censurava se nunca mais me falasse. E temos de trabalhar juntos! Ele ia dar-me boleia para o centro desportivo de manhã.

Agora está ali como um belo Hércules de peito nu, debruçado sobre o corrimão, a olhar para mim como se eu fosse uma hidra de três cabeças.

– Não o faças. – Ele abana a cabeça. – Por favor, não faças isso. Não chores, porra. Não suporto quando as pessoas choram...

– Eu não consigo evitar – grito com ele. Meu Deus, não posso deixá-lo ver-me a chorar. Afasto-me da borda do corrimão, usando a nossa parede comum como barreira enquanto me desfaço em pedaços.

Passado um minuto, ele geme e Sy choraminga.

– Vá lá... Rachel?

– Está tudo bem – balbucio. – Eu fico bem. Volta para dentro. Eu chamo a polícia e espero aqui.

Consigo ouvi-lo a murmurar para o cão.

– Está tudo *bem* uma porra! – grita ele para mim. – Rachel, eu ajudo-te.

Imobilizo-me.

– Ajudas?

– Sim, porra – murmura ele outra vez. – Mas se cáíres e morreres, vou dizer à polícia que uma mulher maluca estava a tentar entrar no meu apartamento.

Limpo o nariz com as costas da mão, para afastar as lágrimas.

– É justo – digo. – Toma, agarra primeiro o meu telemóvel. – Reapareço à beira da varanda, inclinando-me com o braço estendido e o telemóvel na mão.

Ele alcança-o facilmente. Veem? Isto vai mesmo resultar. Ele pega no telemóvel e mete-o no bolso dos calções. A sua boca está fechada numa linha sombria.

– Como é que quer fazer isto, doutora?

Eu observo a cena.

– Hum... acho que se subir, consigo esticar uma mão. – Faço mímica enquanto falo. – Depois talvez me possas apoiar enquanto me solto e estendo a mão com a outra. Depois, eu salto e tu vais-me puxando para dentro. O que achas?

– Sim, acho que esta é a ideia mais estúpida de sempre.

Eu franzo o sobrolho para ele.

– Cala-te, vamos fazê-lo.

– Porque é que não te podes sentar ali e esperar pela polícia?

– Porque... – eu resmungo, testando o corrimão enquanto subo.

– Porquê?

– Porque estou a retomar o controlo da minha vida! – grito. – Nas últimas trinta e seis horas, passei de estar a chafurdar nas profundezas de uma depressão, pensando que não tinha ganho esta bolsa, para saber que ganhei. – Subo, usando todo o meu equilíbrio de ioga para me agarrar como um macaco às barras do meu corrimão. – Empacotei a minha vida, despedi-me do minha melhor amiga, mudei-me para um Estado e uma cidade que não conheço, para aceitar um trabalho que não tenho a certeza se consigo fazer, com uma equipa que não conheço – continuo com um suspiro, largando cuidadosamente a parede para lhe estender a mão.

Ele está lá num instante, a sua mão quente envolvendo o meu pulso, dando-me equilíbrio e apoio.

– Sobrevivi a atrasos de voos e malas extraviadas. Um estranho acariciou o meu vibrador em público, um vibrador que uso totalmente, já agora – acrescento enquanto estendo o meu outro braço na direção dele.

– *Merda* – grunhe ele, com as mãos a passarem dos meus pulsos para debaixo das minhas costelas e a agarrar-me com toda a força. – Espera... a sério?

– Sim, eu menti-te – respondo. – E antes que perguntes, sim, vibra e *sim*, é uma sensação incrível. E agora nunca mais vamos falar sobre isso. *Nunca* mais. Estás a perceber?

– *Sim...*

Estamos os dois ofegantes e eu estou agora numa espécie de postura de cão esticado para baixo, com os pés encostados ao topo do corrimão da varanda e as mãos agarradas aos seus ombros nus.

Ele afasta-se de mim e fica parado.

– Ui... Doc?

– Sim? – Ofego, mexendo os dedos dos pés e fazendo o meu melhor para não olhar para baixo.

– A minha mão está a hum...

– Totalmente a agarrar a minha mama? – termino para ele. Porque sim, este *top* é demasiado grande, e a mão dele escorregou mesmo por baixo da bainha inferior. Ele agarra-me com força a caixa torácica e sinto o polegar a roçar a parte de baixo da minha mama. – Sim, já percebi, Caleb, obrigada. Puxa-me para cima. Pronto?

– Sim, porra, por *favor*, não morras...

– Por favor, não me deixes cair – repito. – *3-2-1-agora!*

Empurro com os dedos dos pés e os seus braços envolvem-me com mais força do que um torno, puxando-me para o outro lado do vazio. A sua pele é quente e o seu hálito está no meu ouvido, enquanto um braço me aperta os

ombros e o outro desce, com a sua mão forte na minha cintura.

Eu grito quando as minhas canelas batem no corrimão, mas ele põe uma mão no meu rabo e levanta-me para um lugar seguro. Ele tropeça para trás enquanto eu me atiro a ele como um coala. Estamos envolvidos num abraço mais íntimo do que o que já partilhei com alguns dos meus antigos amantes. Não sei onde acaba a pele dele e começa a minha. Agarramo-nos um ao outro, com o coração acelerado, enquanto Sy dança aos nossos pés.

– Uh... Doc? – Caleb diz após um minuto, a sua respiração quente no meu ouvido.

Eu solto um riso apertado.

– A tua mão está a tocar no meu rabo? Sim, eu sei. Obrigada pelo relato, Sanford. Porque é que não me pões no chão agora.

Ele resmunga, afrouxando o aperto na minha bochecha. Eu solto-me, deslizando pela sua frente com todo o meu corpo enquanto ele me põe de pé. Ficamos ali, ambos ainda a tremer, as minhas mãos nos seus ombros e as dele na pele nua da minha cintura.

Há uma energia a faiscar entre nós. Isso deixa-me nervosa. Não a sinto desde... *Não, não vás por aí.*

Não posso voltar a fazer isto. Não posso deixar que as minhas noções ridículas sobre vibrações e energia me arrastem para mais um caminho de mágoa. O Rapaz Mistério foi um encontro único. Sexo de arrasar? Sim. Despedaçar a alma ao partir na manhã seguinte? *Claro* que sim.

O Caleb é diferente. Isto tem de ser diferente. Eu conheço-o e ele conhece-me. Estamos prestes a trabalhar juntos. O meu contrato já está assinado. Nós *trabalhamos* juntos. Isto é errado. Isto é perigoso. Isto não está a acontecer.

Afasto-me dele, com o meu corpo rígido.

– Estás bem? – murmura ele, levantando a mão para passar suavemente ao longo do meu queixo.

Fecho os olhos perante o seu toque suave.

– Não sejas simpático comigo – murmuro. – Por favor...

Ele para. A sua mão está debaixo do meu queixo, inclinando-o para cima.

– Olha para mim, Furacão.

Furacão? É suposto ser eu? Porque é que a alcunha me faz palpar?

Abro os olhos e olho para ele. A luz do seu apartamento é suave, ensombrando metade do seu rosto. Ele é lindo. Aquelas maçãs do rosto afiadas e os olhos escuros fazem-me lembrar um príncipe feérico, frio e misterioso. Já para não falar daqueles lábios carnudos e beijáveis.

– Estás bem? – repete ele.

Eu aceno com a cabeça. Depois, passado um momento, abano a cabeça.

Nem sei como acontece, mas num instante estou de novo nos seus braços, a chorar contra o seu peito enquanto ele me abraça, com a sua mão a descer pelas minhas costas. Agarro-me a ele enquanto liberto toda a minha

exaustão, angústia e dor. Quando não há mais nada para sentir, só resta um pensamento.

– Queres falar sobre isso? – murmura ele.

Solto um suspiro suave, o meu corpo relaxa contra o dele.

– Tenho saudades dele. – Ele contrai-se ligeiramente. – Saudades de quem? Do teu namorado?

Eu sacudo a cabeça. Não. Não é o meu namorado. Não é nada meu.

– Do teu marido?

Sorrio, afastando-me do seu peito.

– Não. Nunca casei.

– Eu também não. Irmão então?

Eu rio-me, abanando a cabeça outra vez.

– Não. Ele não é... ninguém – respondo, mesmo quando o meu coração diz a palavra que realmente quero dizer.

Alguém.

Ele é o meu alguém. Algures por aí, ele está a ser uma pessoa completa. E eu estou aqui, com medo de me deixar levar pela energia que se acende entre mim e este homem lindo. Quem sabe, talvez este assistente rude de equipamento esteja destinado a ser o meu *novo* alguém.

Mas eu não estou pronta para o próximo. Não estou pronta para nenhuma das mudanças que a vida de repente me lançou. E, no entanto, tenho de encontrar uma forma de fingir até conseguir, porque a minha vida está a acontecer neste momento. Tenho as canelas a latejar para o provar.

– Vamos lá – diz Caleb, estendendo a mão. – Estás de rastos, doutora. Vai instalar-te no sofá, sim? Viver para lutar noutro dia.

Acenando com a cabeça, agarro-lhe na mão.

RACHEL

—**P**ronta para ir? – Caleb está à minha porta a segurar uma caneca térmica. Está vestido com uma camisola dos Jacksonville Rays, umas calças de treino e umas sapatilhas. O seu cabelo castanho acobreado está ligeiramente húmido, enrolado na nuca, e não se deu ao trabalho de fazer a barba. A sua sombra das cinco horas de ontem é oficialmente barba por fazer hoje, e eu não odeio isso.

– Sim, dá-me só um segundo – digo, deixando a porta aberta enquanto entro para ir buscar as minhas coisas à bancada.

Só saí do apartamento dele há cerca de uma hora. Passei a noite no seu sofá, vestindo um par de calças de fato de treino cinzentas para esconder o meu rabo nu. A certa altura da noite, Sy juntou-se a mim. Acordei com o despertador, com o corpo a suar e com sessenta quilos de cão enroscados entre as minhas pernas.

Esgueirei-me para fora enquanto Caleb ainda dormia e fiz uma caminhada descalça e cheia de vergonha até ao escritório da imobiliária. Fiquei à espera até o tipo chegar às 7h00 da manhã. Ele foi fixe, largando tudo para me ajudar a entrar para o meu apartamento. Mal tive tempo de tomar banho e vestir-me antes de Caleb bater à minha porta, pronto para me levar ao complexo desportivo.

– Aqui – digo eu, apressando-me a voltar.

Ele estende a mão livre e eu dou-lhe a minha chave suplente.

– Mas que raio é isto? – murmura ele, olhando para a chave como se fosse uma tarântula viva. – Um pouco atrevido, não achas, Furacão?

– Ah, ah! – digo eu, com ar de desânimo, fechando a porta atrás de mim.
– Olha, tu és literalmente a única pessoa que eu conheço nesta cidade. Trabalhamos juntos e agora partilhamos uma parede. Por agora, és a minha pessoa. Assim que encontrar alguém que te liberte desta pesada

responsabilidade, peço-te a chave, poupando-te assim ao horror contínuo de estares associado a mim.

Ele franze o sobrolho, fechando a mão à volta da chave.

– Como é que sabes que não vou usar o meu novo poder para o mal?

Eu sorrio, arrancando-lhe a caneca térmica da mão. Claro que a única coisa de que me esqueci no Target ontem à noite foi de café. Preciso mais de uma dose do que de ar. Bebo um gole do dele e arrependo-me imediatamente.

– *Que* horror, isso é tão doce. – Devolvo-lhe a caneca térmica e ele ri.

– Ninguém te pediu para experimentar.

Que nojo! Agora quero uma lixa para a minha língua para tirar este sabor.

– Que tipo de psicopata bebe moca de hortelã-pimenta a meio do verão?

Ele continua a rir-se, abrindo caminho em direção às escadas.

– Retiro o que disse – digo eu.

Ele faz uma pausa, olhando por cima do ombro.

– O quê?

– Não se pode confiar a chave a um tipo que bebe café de menta. – Eu estendo a minha mão. – Devolve-a, por favor.

Ele continua a andar.

– Demasiado tarde, Furacão. A chave agora é minha. E se achas que não a vou usar para entrar ali e reorganizar a tua coleção de conchas sempre que quiser, então é porque não pensaste bem nisto.

– Odeio-te – murmuro, baixando a mão para fechar o fecho da mochila.

Ele limita-se a grunhir.

Acho que esta é a nossa nova linguagem de amigos. Insultos e grunhidos.

Ponho a mochila ao ombro e sigo atrás dele. O movimento dele tira-me a atenção do telemóvel. Esta manhã, ele está com um passo muito mais curto, favorecendo a perna esquerda.

– Estás a coxear. Estás bem?

Os seus ombros retraem-se mas ele não se vira.

– Sim, estou ótimo. O joelho só está tenso.

Aperto os lábios, observando-o a descer o primeiro lanço de escadas. O meu alarme de fisioterapeuta toca enquanto avalio a sua postura e marcha. Ele tem dores. Estava a coxear ontem? Não me parece...

Eu suspiro.

– Meu Deus, isso foi de ontem à noite? Caleb, magoei-te? Sabes que podemos apanhar o elevador...

– Não – grunhe ele novamente. – Deixa-me em paz. – *Ótimo, agora irritaste-o.*

Aparentemente, vai ser um passo em frente, três passos atrás com este tipo.

Chegamos ao jipe dele e a primeira coisa em que reparo é que está com a capota. Fico secretamente grata. Gosto tanto de um passeio de jipe com vento

como qualquer outra rapariga da Califórnia, mas estava à espera de causar uma boa impressão hoje. E o cabelo de jipe e o cabelo de sexo formam um círculo perfeito.

Eu estava pronta para o caso de não ter posto a capota. O meu cabelo está num rabo-de-cavalo alto. Mais uma coisa para adicionar à minha lista de compras: solução para lentes de contacto. Já não tenho, por isso, em vez de usar lentes de contacto o dia todo, tive de optar pelos meus óculos. São giros. A armação preta bem grossa que a Tess diz que me faz parecer uma Elle Woods morena.

Bem, doutora Elle, estou a usar uma bata azul-marinho, não sei qual será o uniforme, mas um médico nunca pode errar com uma bata.

– Temos tempo de parar para beber café? – pergunto, enquanto entramos.

– Há café no centro de treinos – responde ele, ainda a agir de forma rude. – Geralmente, também há um bufete. É para jogadores, mas eles nunca comem tudo, e ninguém se importa quando a equipa come.

Assim que o jipe começa a andar para trás, meu telefone toca com uma mensagem. Scott Tyler é o médico da equipa recém-nomeado para os Rays. Conversámos ao telefone duas vezes no dia em que ganhei a bolsa. Ele é animado e usou muito a palavra «fixe». Uma grande mudança em relação ao estoico Doutor Halla.

dr. tyler (8h13): Bem-vinda ao Jax! O meu filho tem uma marcação no dentista esta manhã, por isso vou chegar um pouco mais tarde. Diga ao Sanford para a levar à Vicki. Depois acompanhe o Avery até eu chegar.

Comprimo os lábios, olhando para Caleb. Estou a tentar medir seu nível persistente de mau-humor. Ele parece calmo o suficiente, bebericando o seu café nojento com os olhos na estrada.

– O doutor Tyler acabou de mandar uma mensagem – digo.

Nenhuma reação.

– Ele vai chegar atrasado hoje – continuo. – Diz para me levares à Vicki.

Quem é a Vicki?

– A diretora de operações – responde. – Ela é um verdadeiro carrasco.

– E quem é o Avery?

– É o diretor de fisioterapia.

Percorro a crescente lista de nomes e cargos na minha cabeça. Sim, Todd Avery é o nome dele, acho eu.

– E é simpático?

– Não trabalho muito com ele – responde Caleb. – É duro. Tem uma certa arrogância. Os rapazes ainda não têm muito a dizer dele. Ainda não tivemos grandes lesões, por isso é melhor perguntares daqui a um mês.

Certo, equipa nova. Pessoal novo. Novo começo. Ninguém ainda foi testado, não sou só eu.

– No entanto, o Doc Tyler é popular – acrescenta ele. – Tem boa energia. E a primeira coisa que ele fez foi pedir aos nutricionistas para aumentar a ingestão diária de hidratos de carbono. Isso correu muito bem.

Sorrio. É uma forma inteligente de obter lealdade. As pessoas não mordem a mão que as alimenta.

Recosto-me no meu banco.

– Então o que achas da equipa até agora? Têm perspetivas para um boa primeira época?

Ele encolhe os ombros.

– As primeiras épocas são sempre duras. Os rapazes têm de se conhecer bem. Podem treinar o quanto quiserem, mas a única maneira é jogar. Eles precisam de experiência. Experiência a sério a jogar como equipa quando conta.

– Hum, prova de fogo – digo. – Ou, neste caso, de gelo.

– Exato. Já se vê o centro – acrescenta ele.

Espreito pelo para-brisas, incapaz de evitar o sorriso ao ver a incontornável silhueta de um complexo desportivo.

– Ainda estão a terminar a construção – diz ele, apontando desnecessariamente para duas gruas. – Mas o centro de treinos fica ali à esquerda. – Ele aponta para um pavilhão mais pequeno. – O centro está terminado assim como todos os espaços de apoio, os ginásios e os escritórios. Os primeiros dez jogos da época tiveram de ser mudados para outro lado para poderem terminar o novo ringue. As viagens são brutais, mas em compensação jogaremos em casa durante um mês inteiro. Isso quase nunca acontece.

Volto a sentar-me, lutando contra o zumbido dos nervos que me sobe ao estômago. Parece o primeiro dia de aulas.

– Então, fala-me dos rapazes. Alguma diva que eu deva saber? Más pessoas? Briguentos?

Ele olha para mim com um olhar de reprovação.

– Fizeste alguma pesquisa antes de aceitar este trabalho?

– Não – respondo alegremente. – Não houve tempo. Estava na lista de espera para a bolsa Barkley e só soube que ia sair do banco exatamente... – Verifico a hora no meu telemóvel. – Sim, há quarenta e oito horas. Durante esse tempo, estive um pouco preocupada em fazer as malas, ficar presa em aeroportos, procurar malas, ficar trancada na minha própria varanda e lidar com um tipo rabugento – acrescento com um olhar de lado. – Portanto, posso dizer honestamente que não sei nada sobre os Jacksonville Rays. Não te consigo dizer o nome de um único jogador. Nem sequer sabia que a equipa existia até me terem dito que me ia mudar para cá. Mas eu aprendo depressa.

Ele solta uma gargalhada.

– Caramba. Isto é que é uma prova de fogo.

– Não é? – Eu acrescento com um sorriso. – Então, talvez o meu novo colega de parede com chave possa ajudar uma rapariga... dá-me os detalhes. O que é que se passa? Os podres?

Ele geme.

– Por favor, para.

– Fala ou eu continuo – provoco. – Quero um relatório, os mexericos, o...

– Foda-se, *para* – ele rosna. – Meu Deus, és pior que um chihuahua.

– E eu ainda nem tomei cafeína – respondo com um sorriso.

Ele suspira, com as mãos a contraírem-se no volante.

– Os rapazes são fixos. Alguns já trabalharam juntos antes, como o Karlsson e o Langley. Eles são os laterais titulares. Têm um bom ritmo. O guarda-redes é fantástico. Foi o primeiro tipo que os Rays contrataram. Mars Kinnunen. Chamam-lhe o Urso.

– Ui, porque é que lhe chamam o Urso?

Ele sorri.

– Conhece-o e descobre.

– E a defesa? – Sei o suficiente sobre hóquei para saber como os jogadores da defesa são importantes. Normalmente trabalham em pares, e alguns jogadores podem passar anos a patinar com o mesmo tipo se a química for boa.

– Sólida – responde ele. – Mais sólida do que o ataque. Hoje eles têm um jogo de apresentação.

Eu aceno com a cabeça. Estamos a entrar no centro de treinos e eu inclino-me para a frente, com o entusiasmo a invadir-me.

– O meu amigo está na equipa – diz Caleb quando entramos no parque de estacionamento subterrâneo. – Ele foi o primeiro defesa que contrataram.

Olho de relance para ele, tiro os óculos de sol e troco-os pelas minhas armações normais.

– Isso é tão fixe. E agora vão trabalhar juntos?

– Bem, perguntaste sobre divas – diz ele. – Fica a saber que foste avisada.

– Ui, ui. Como é que ele se chama?

– Compton – responde ele. – Não. 42, Jake Compton. Não te esqueças de o fazer passar pelo inferno. Garanto que ele merece.

Ele encosta num lugar de estacionamento e desliga o motor enquanto eu me rio.

– Está bem, assim farei. O Jake Compton está oficialmente na minha lista de safados.

RACHEL

Depois de me trazer uma chávena de café, Caleb leva-me pelo elevador até aos escritórios, no quarto andar. Enquanto subimos, o meu telemóvel toca com uma mensagem automática. As minhas duas malas desaparecidas estão a caminho de Jacksonville! Mas ainda me sinto nervosa. Tenho um café na mão e, no final do dia, terei novamente um guarda-roupa completo.

Bebo um gole do líquido paradisíaco enquanto as portas do elevador se abrem, revelando um longo corredor pontilhado de portas. As claraboias deixam entrar a luz do sol e o chão tem uma pintura personalizada que o faz parecer água. As paredes estão pintadas com as cores dos Rays – uma base azul-petróleo com toques de branco, azul-marinho e laranja-torrado.

Caleb mostra-me a primeira porta à esquerda, que dá para uma pequena sala de espera. Não há rececionista, apenas uma série de mais quatro portas de gabinetes.

– Esta é a secção dos diretores de operações – diz Caleb. – A Vicki está aqui – diz, batendo na primeira porta à direita.

– Entre! – diz uma voz de mulher.

Caleb abre a porta.

– Olá, Vic.

– Oh, olá querido.

Espreito à volta dele para ver uma mulher negra mais velha, de batom e pérolas, com um elegante fato executivo.

– Trago a médica que faltava – diz ele.

– Oh, meu Deus! – grita Vicki, levantando-se de trás da secretária. – Oh, Doutora Price, venha cá, querida. Já sei tudo sobre os seus desagradáveis atrasos no voo.

Nem me apercebo que as minhas pernas se estão a mexer antes de ela me

abraçar com força, envolvendo-me no seu perfume floral.

– Que bela maneira de lhe dar as boas-vindas a Jacksonville. Realmente, já quase não vale a pena andar de avião.

Eu rio-me, abraçando-a.

– Sim, foi terrível. Ainda me faltam duas malas. Mas o Caleb foi ótimo – acrescento. – Ele foi buscar-me ao aeroporto e instalou-me no apartamento.

Ela deixa-me ir, lançando-lhe um olhar severo.

– Ele portou-se bem? – Ele revira os olhos. Aparentemente, eu tinha adivinhado a sua personalidade rabugenta.

– Comprou-me tacos – respondo.

– Lindo menino – diz Vicki, dando-lhe uma palmadinha na bochecha enquanto se dirige para a secretária. – Apresenta o recibo se precisares de ser reembolsado.

Ele resmunga, com as mãos nos bolsos.

– Acho que posso comprar uns tacos, Vic. – Depois, olha para mim. – Então, doutora, está bem? Tenho de... – Faz um gesto com o polegar por cima do ombro.

– Claro – digo rapidamente. – Mais uma vez obrigada, Caleb. A sério.

Ele acena-nos com a cabeça e sai.

– Bem, senta-te, querida – diz Vicki, baralhando papéis na secretária. – Temos aqui mais umas coisas para assinares. E tenho uma atualização do concessionário. Devemos ter o teu carro pronto esta tarde. Eles têm estado a fazer jogo duro comigo sobre os preços de aluguer. Acabei por ter de adoçar o negócio com alguns bilhetes para a época.

– Ótimo – digo eu com um misto de alívio e pavor. Detesto conduzir. Essa é a única desvantagem de Jacksonville até agora. A cidade está muito espalhada, por isso conduzir é a minha única opção.

– E o apartamento é bom para ti? Não há queixas?

Ainda estou com a chávena de café a meio caminho dos lábios. Ainda não decidi se quero partilhar a minha história da varanda com alguém. O facto de Caleb saber parece-me uma humilhação suficiente.

– Hum... sim, é perfeito.

– Ela está aqui? – pergunta uma voz alta vinda do corredor.

Olho por cima do ombro e vejo uma mulher minúscula com caracóis loiros perfeitamente penteados a entrar pela porta principal do escritório. Tem olhos azuis brilhantes e um sorriso largo. Tal como a Vicki, está vestida com um fato de executiva, os seus elegantes saltos pretos fazem barulho quando entra, deixando cair a sua enorme mala no chão. Ok, ela tem uma energia feroz de Elle Woods, eu não.

– És a nossa nova bolsreira Barkley? – Ela tem um forte sotaque sulista. Geórgia, talvez? Alabama?

Eu levanto-me, estendo a mão.

– Sim, olá. Doutora Rachel Price.

Ela olha para a minha mão e ri-se.

– Oh, querida, aqui no Sul nós abraçamo-nos.

Quando dou por mim, estou a ser apertada pela segunda vez em poucos minutos.

Ela larga-me.

– Chamo-me Poppy St. James, sou a diretora de relações públicas dos Rays. E posso apenas dizer que estou muito entusiasmada por a nossa equipa participar no programa da Bolsa este ano. Quero dizer, quem é que não gosta de boa publicidade? E quando soube que ias ser o nosso novo membro? Bem, quase morri! – acrescenta, colocando uma mão sobre o coração enquanto lança um sorriso a Vicki.

O meu próprio sorriso começa a vacilar. Acho que sei onde isto vai dar.

– Quero dizer, já é suficiente que sejas linda e *muito talentosa* – acrescenta ela, enfatizando cada palavra. – Mas depois descobri sobre a tua família. Nada combina mais com hóquei do que *rock and roll*, certo?

Espera só por isso...

– Olha, achas que o teu pai pode estar interessado em vir a um jogo esta época? – *Aí está.*

O meu sorriso é oficialmente falso. Mas esta é a vida da filha de uma celebridade. Assim que as pessoas fazem a ligação, deixo de existir. Torno-me apenas um canal através do qual as pessoas tentam contactá-lo.

– Hum, sabes, não tenho bem a certeza da agenda dele – arrisco.

– De que é que vocês estão a falar? – pergunta a Vicki, claramente confusa.

A Poppy olha à minha volta.

– Oh, não sabias? A nossa nova e talentosa bolseira Barkley tem um poder de estrela adicional. O pai dela é o Hal Price dos The Ferryman!

Vicki pestaneja.

– Isso é uma banda?

Poppy suspira.

– Uma *banda*? Vicki, eles são apenas uma das *maiores* bandas de *rock* de *todos* os tempos! Os Rolling Stones, os Aerosmith, os Led Zeppelin... eles estão no Rock and Roll Hall of Fame, por amor de Deus! – Ela volta-se para mim, com a mão no meu braço. – Juro que quando contei ao meu irmão, ele quase caiu da cadeira.

– Isso é espetacular – digo eu, ainda com o meu sorriso paciente.

– Diz lá, ele costuma tocar o hino nacional? Sabes, como o Hendrix? Oh, não seria espetacular, Vic? – Ela quase grita de excitação. – Os Ferryman no nosso rinque! Consegues imaginar?

– Isso seria mesmo fantástico – responde Vicki.

– Sim, posso perguntar – digo eu, sabendo que isto não vai acabar até eu dizer alguma coisa.

A Poppy tem os olhos postos no telemóvel enquanto mexe na mala enorme que deixou cair à porta.

– Desculpa, tenho três eventos de imprensa agendados para esta manhã e

estou a tentar encontrar a Claribel. Queria que ela tirasse umas fotos da Rachel em ação... *oh*, importas-te que te trate por tu?

– Poppy, querida, *respira* – diz Vicki, com um risinho.

Poppy fica quieta e fecha os olhos. Respira fundo e abre-os de novo.

– Obrigada, Vic. Estava a precisar disto. Desculpa, estou uma grande confusão nestes dias. É todo este nervosismo que antecede o primeiro dia de jogo.

– Estamos todos um pouco nervosos – assegura-lhe Vicki.

Poppy sorri, dando um passo em frente com uma pasta na mão.

– Prometo que não sou sempre assim. Posso ser normal. Vais ver. Espero que quando a época começar, todos encontremos o nosso ritmo.

– Claro – respondo. A minha estima por ela está a aumentar novamente. Aprecio o facto de ela ser honesta. Está a ser totalmente neurótica neste momento, mas pelo menos sabe disso e pede desculpa.

Tiro-lhe a pasta.

– O que é isto?

– É um calendário para alguns eventos de relações públicas futuros – explica ela. – Com uma nova equipa, não podemos deixar que sejam apenas os jogadores a ajudar a colocar os Rays no mapa.

Tiro o papel de cima e digitalizo-o. Caramba. É um calendário para os próximos dois meses, com todo o tipo de eventos, desde um encontro num hospital até uma coisa chamada Fin Fest, na próxima semana. Não há praticamente nenhum dia que não esteja marcado, incluindo alguns fins de semana.

– Eu vou participar em todos estes eventos? – pergunto, olhando para ela por cima da minha lista.

– Sim, não achas que vai ser ótimo? – diz ela com um sorriso. – Também temos os treinadores a visitar a cidade, os jogadores e até o pessoal. Como eu disse, é tudo mãos à obra. Espero mesmo que gostes de trabalhar em equipa, porque queremos ganhar este jogo.

– Que jogo? – pergunto, devolvendo o papel à minha pasta.

Ela levanta finalmente o olhar do telemóvel.

– O jogo. O único que importa. – Ela estreita os olhos para mim, com os lábios franzidos. – O desporto a este nível nunca é só o desporto, Rachel. Tem que ver com tudo o resto. O nosso jogo mais importante este ano não vai ser jogado no gelo. Trata-se de conquistar os corações e as mentes das pessoas de Jacksonville. Temos de fazer ver ao mundo do hóquei que os Rays estão aqui para jogar e que vieram para ficar.

CALEB

Se alguém me dissesse, há dez anos, que eu passaria de número três da NHL a um glorioso afiador de lâminas, eu teria rido na cara dessa pessoa. O hóquei é a minha vida. Sempre foi a minha vida. Mas a *jogar* o jogo, não a sentar-me nas linhas laterais.

Cresci no Minnesota e andei de *skate* quase desde que comecei a andar. Patinei até ao fim do liceu e consegui um lugar cobiçado como avançado inicial na Universidade de Michigan. A minha alcunha era «O Relâmpago», porque era muito rápido. Eu era a grande esperança da família Sanford de chegar à NHL.

E consegui... durante sete minutos.

Sete minutos e treze segundos, para ser exato. Foi o tempo que estive no gelo. Um mau golpe nas tabelas, um joelho brutalmente partido, uma carreira terminada antes mesmo de começar.

O Pittsburgh manteve-me na lista de lesionados durante mais de um ano, antes de se tornar claro que a minha reabilitação não iria restaurar muitas funções. Tive demasiados contratempos: uma inflamação inesperada, uma infeção desagradável, uma terceira cirurgia. Ainda tenho três parafusos a segurar tudo.

Na minha vida antes da lesão, tudo fazia sentido. Eu sabia exatamente o que queria. Tinha a vontade e o talento natural. Quase não estudava na escola e mesmo assim tinha boas notas. Se quisesse raparigas, só tinha de mexer um dedo. Festas, bebidas, amigos, eu tinha tudo isso antes.

Mas agora vivo no depois. O depois é um sítio onde acordo todos os dias com o joelho a doer. O depois é um lugar escuro onde estou mais na minha cabeça do que fora dela. O depois é onde o risco de entrar numa espiral descendente está sempre ao alcance. No espaço de dois anos, passei de

começar na NHL com um contrato multimilionário de dois anos para servir às mesas de um bar desportivo em Duluth, Minnesota.

Foi o Jake que me salvou a vida. Crescemos a jogar na mesma liga de juniores. Eventualmente, ambos ganhámos lugares como titulares no Michigan. Eu fui o terceiro a ser escolhido no nosso ano para entrar na NHL, ele foi o décimo terceiro. Fomos ambos para os Pinguins.

Depois da lesão, excluí-o, tal como fiz com todos os outros. Mas ele não é do género de deixar passar nada nem ninguém. Não me devia ter surpreendido quando ele apareceu uma noite, durante o meu turno no bar, com um bilhete de avião de ida na mão. Tinha acabado de ser transferido para os LA Kings e estava ansioso por ter de atravessar o país sozinho. Deu-me o bilhete de avião, pediu um hambúrguer com batatas fritas e deixou-me uma gorjeta de dez mil dólares com uma nota no fim do recibo que dizia: «Terás o teu próprio quarto. Ah, e inscrevi-te em aulas de *surf*. Começas na segunda-feira.»

Eu não pensei. Saí do bar, meti a minha vida em duas malas e mudei-me para o outro lado do país, para o quarto vago do apartamento dele no centro de LA. Nunca olhámos para trás.

Aqui estamos nós, seis anos depois, e Jake é um dos melhores defensores da Liga, famoso pela sua capacidade de esmagar homens contra as tabelas. Foi uma das primeiras contratações que Jacksonville fez. E ele não esconde nada de mim. Sei que tem um contrato de cinco anos no valor de mais de sete milhões por ano. Havia também um belo bónus de assinatura. Suficientemente bom para ele comprar uma casa de praia. Um sítio lindo, a um quarteirão da água, com uma vista fantástica para o oceano.

Mais importante ainda, sei que foi ele que me arranjou este emprego como assistente do responsável de equipamento. Ele não disse nada, nem vai dizer, mas eu sei. Este é o primeiro emprego que tenho no mundo do hóquei em seis anos. Era altura de voltar para casa. Ele sabia-o e eu também.

Então, aqui estou eu no corredor estreito do lado de fora do centro de treinos, afiando as lâminas de Jake, o meu melhor amigo, o meu guia através do mundo louco e confuso do depois.

Eu paro o afiador, dando uma olhada mais de perto na lâmina. Alguns dos rapazes vêm a arrastar-se atrás de mim com os seus uniformes de treino novinhos em folha.

– Olá, malta, estão com bom aspeto – digo-lhes.

Ambos sorriem. São jovens, ambos novos recrutas. Sully segue logo atrás deles, dando-me uma palmadinha no ombro com a mão enluvada. O número 19, Josh O’Sullivan, é um veterano de doze anos da NHL. Espero que o treinador lhe dê o título de capitão. Ele é uma ótima escolha: um homem de família, mantém-se limpo com a imprensa e, aparentemente, sabe mexer num grelhador.

– Ei, jantar hoje à noite no Rip’s – diz ele ao passar por mim. – Estamos a celebrar o fim da pré-temporada. Aparece lá!

Aceno-lhe, indo na direção oposta, para a sala do responsável de equipamento. Os patins do Jake foram o último conjunto de lâminas que precisei de afiar esta manhã. Levo uma carga de roupa lavada para o balneário.

– Olá, Sanny – chama-me o Morrow. Ele também é defesa. – Soubeste do Rip's esta noite?

– Sim, o Sully acabou de me dizer.

– Fixe. Vens?

– Provavelmente. – Atiro-lhe a camisola. – Um homem tem de comer.

Ele enfia a cabeça dentro da camisola.

– Fixe. Trazes o PVD?

PVD. Parceiro de Vida Doméstica. Uma das primeiras coisas que os jogadores fizeram quando foram transferidos para os Rays foi criar um grupo de conversação. Nem todos os rapazes participam. Na verdade, é um assunto delicado para alguns dos novatos mais ansiosos o facto de não serem considerados suficientemente «por dentro» para serem adicionados.

Quando alguns dos rapazes descobriram que eu tinha sido adicionado, perderam a cabeça. A piada espalhou-se que eu tinha de ser adicionado porque sou o parceiro de vida doméstica do Compton. Já nem sequer vivemos juntos, mas a alcunha pegou e agora um de nós, ou os dois, usa a desculpa do PVD a toda a hora para fugir aos planos.

– Não faço ideia – respondo. Pensando bem, não o vi durante toda a manhã. – Onde é que ele está?

Morrow apenas encolhe os ombros.

– Não sei. Não estava na reunião da manhã.

Ele passa por mim enquanto eu tiro o telemóvel do bolso e envio uma mensagem.

caleb (10h45): *Onde raio estás tu? O jogo de apresentação começa às 11*

Imediatamente aparecem os pontinhos no fundo do meu ecrã.

jake (10h45): *Tens saudades minhas, querida? Precisas de algo bonito para ver?*

Eu resmungo, abanando a cabeça. Mas depois a minha mente vê imagens de um rosto muito mais bonito do que o dele... um rosto com olhos escuros, pestanas longas e escuras e lábios carnudos. Um rosto emoldurado por um cabelo castanho cor de noz e acentuado por um pequeno anel de ouro no nariz. Ela tirou-o esta manhã. Foi a primeira coisa em que reparei quando ela abriu a porta.

Evocar a imagem da Rachel faz mais. Agora é como se a pudesse sentir de novo, encostada a mim, tão perto que praticamente partilhávamos uma pele. Sinto o batimento cardíaco dela nas minhas costelas, sinto a suavidade da sua pele contra as minhas mãos, as suas ancas, o seu rabo nu.

Foda-se, quase me passei quando percebi que ela estava só de tanga, a trepar pela varanda como um maldito macaco. Ela é destemida. Louca. Um furacão total.

Não vou mentir, por um momento pensei que ela me ia beijar. Isso teria sido um grande erro. Depois de seis anos a lidar com todas as minhas tretas físicas e emocionais, ainda estou uma confusão. Não seria bom para ninguém, muito menos para uma colega de trabalho com quem agora partilho uma parede.

Levanto o telemóvel e tiro uma fotografia do J-Lo enquanto ele ainda está sem camisa. O seu peito de pelo preto encaracolado está à vista de todos.

caleb (10h48): *Não, tenho este urso fofinho para me manter quente*

O Jake imediatamente repudia a mensagem. Momentos depois, o meu telemóvel toca.

jake (10h49): *Se me deixares pela J-Lo, juro que vou contra o trânsito em sentido contrário*

O meu telemóvel toca com uma fotografia. É um grande plano dele, com o chapéu a cobrir-lhe a cara. Está a fazer cara feia. No fundo, por cima da cabeça dele, consigo ver as palavras de um sinal.

caleb (10h50): *Por que raio estás na DGV?*

O meu telemóvel toca e eu atendo, metendo-o debaixo da orelha enquanto início o processo de organização do balneário. Sempre que os rapazes o usam, parece que foi atingido por um tornado.

– Meu, não me faças perder a cabeça – murmura Jake.

– O que é que aconteceu? – Eu aceno com a cabeça para Jerry, o outro assistente do diretor de equipamentos. Começamos os dois a trabalhar para arrumar as coisas.

Jake resmunga.

– Aparentemente, o génio que me ajudou da última vez baralhou a merda da minha identificação. Inverteu a minha data de nascimento.

– Isso é uma merda.

– Sim, acho que a Vicki estava pronta para cancelar o meu contrato se eu não o viesse mudar. Ela tem andado a perseguir-me há duas semanas. Eu estava sempre a esquecer-me.

– Vais perder este jogo, então?

– Sim, todos temos de manter a Vic feliz, certo?

– Completamente – respondo, atirando uma casca de banana para o lixo.

Ele resmunga outra vez.

– Ainda há umas mil pessoas à minha frente nesta fila. E nunca me disseste o que aconteceu com a nova médica. Como é que ela se chama mesmo?

O *chat* de grupo tem estado a rebentar durante a última hora, à medida que a notícia da presença de Rachel se espalha. O Novy foi o primeiro a entrar no *chat* com um alerta de «uau, médica boazona.» Desde então, a malta tem estado a jogar ao «médica boazona avistada.» Acho que, com base no último toque, ela está algures no departamento de fisioterapia.

– Uh... não aconteceu mais nada – digo eu, mentindo por entre os dentes.

Eu contei-lhes sobre o vibrador. Não sei porque não lhe estou a contar sobre a varanda. Havia qualquer coisa naquilo... a vulnerabilidade dela no fim. Foi engraçado até deixar de o ser. Sinto-me protetor em relação a ela.

– Oh, merda, acabaram de chamar o meu número. Tenho de ir.

– Ei, vens cá hoje?

Mas ele desliga antes mesmo de eu terminar a frase. Parvalhão. Ele está sempre a fazer isso.

– Olá – diz o Jerry. – O que é isto que ouvi sobre uma nova médica gira na zona?

Eu resmungo. Ainda só passaram duas horas do seu primeiro dia e a equipa já está a zumbir como uma colmeia de abelhas. Isto só pode acabar em desastre. O meu plano é sentar-me, pegar nas pipocas e ver como ela os come a todos vivos.

RACHEL

— Parece que está tudo bem com os seus registos, Price – diz o Dr. Tyler. É um tipo de meia-idade, magro, com o corpo de um maratonista. Cabelo prateado, olhos escuros. Parece que nunca para de sorrir. É uma grande mudança em relação ao Dr. Halla.

Ele clica no ecrã do portátil.

– Tem uma ótima combinação de cuidados primários e fisioterapia, o que gosto sempre de ver. Tem sido um grande ato de malabarismo. À medida que nos aproximamos do início da época, sinto-me a precisar de um banco de clínicos mais vasto.

– Bem, eu consigo fazer malabarismos com os melhores – digo a rir-me.

– Parece que sim – responde ele.

– Por favor, não me peça para fazer malabarismo *a sério* – acrescento rapidamente.

Ele sorri.

– Não vou mentir, acho que se encaixa melhor na nossa equipa do que o primeiro colega que eles designaram. Fiz alguma pesquisa sobre o centro de reabilitação do Dr. Halla e admiro a abordagem holística que ele adota com todas as suas terapias preventivas. Cura o corpo antes que ele se vá abaixo. Muito inovador. Quero esse tipo de estratégia para os Rays.

– Bem, estou pronta para trazer esse tipo de tratamentos para cá – digo.

Ele aplaude.

– Excelente. Bem, para começar, temos alguns tipos na nossa lista de lesionados. Vais trabalhar com eles de perto, para os manteres no caminho da recuperação.

Aceno com a cabeça, tirando o meu *tablet* da mochila, pronta para tomar notas.

– Esta época, vais trabalhar com o Avery. Mas vai com calma – adverte.
– Ele gosta de pensar que sabe tudo... se é que me entendes – acrescenta com um olhar conhecedor.

– Sim, doutor Tyler.

Já faço isto há tempo suficiente para ler nas entrelinhas. E visto que acabei de passar uma hora com o Avery no centro de reabilitação, o aviso não tão subtil do Tyler é uma pista. O Avery é um maníaco por controlo e é provável que tenha dificuldade em aceitar conselhos de uma mulher. Talvez eu esteja enganada, mas ele transmite essa sensação.

– Todos os nossos titulares estão prestes a fazer a última ronda de exames físicos – continua Tyler. – Adorava que participasses – acrescenta. – Vais ser a nossa especialista da anca e do joelho. Nenhum jogador vai para o gelo se não tiver a tua aprovação primeiro.

Os nervos agitam-se no meu estômago e chego-me para a frente.

– Uau, isso é... ainda nem sequer me viu em ação. Quer mesmo dar-me o poder de pôr os seus jogadores no banco?

– Bem, há alguma coisa nos teus registos que seja mentira, Price?

– O quê? Não, claro que não...

– Formaste-te *summa cum laude* com uma licenciatura em cinesiologia da USC?

– Sim.

– Um mestrado da UCLA especializado em medicina desportiva e estagiaste com os LA Lakers e os Galaxy?

Ele memorizou o meu currículo? Parece-me estranho tê-lo listado desta forma.

– Sim, mas...

– Mais recentemente, estiveste dois anos num programa de residência de três anos em cuidados primários na Clínica Desportiva de Cincinnati.

– Sim.

– Trabalhaste diretamente com o doutor Benjamin Halla, um dos melhores do ramo... não lhe digas que eu disse isto – acrescenta ele, num sussurro falso.

Agora estou a sorrir.

– Sim, doutor Tyler.

– E, enquanto lá estiveste, trataste atletas, fizeste fisioterapia, cuidados primários, injeções de cortisona, até fizeste horas na sala de operações – acrescenta ele, claramente impressionado.

É tudo verdade, mas faz-me parecer mais fixe do que sou. A sala de operações não é o meu sítio preferido. Prefiro trabalhar com os atletas antes e depois dos cirurgões. Mas o Dr. Halla exige uma educação holística para todos os seus residentes, por isso, quer quisesse quer não, passei horas a observar cirurgias de substituição da anca e do joelho.

– Com base nos teus registos, trabalhaste com tudo, desde nadadores olímpicos a profissionais de golfe, passando por... creio que foram *doze* dos

Cincinnati Bengals?

Suspiro, frustrada comigo mesma por ter deixado que a dúvida se instalasse.

– Sim, doutor Tyler.

– Bem, então, Price, acho que não há muito mais a dizer – ele conclui com um encolher de ombros e o mesmo sorriso gentil. – Tu és qualificada. Diabos, és *mais* do que qualificada. Os nossos rapazes vão estar em boas mãos. E preciso que todos façam a sua parte. Estás pronta para suar a camisola?

Eu aceno com a cabeça.

– Sim, doutor Tyler. Mais do que pronta.

– Perfeito. Então vamos lá. O jogo de apresentação começa às onze, e quero que vejas os rapazes em ação. Vou pedir à Hillary que inscreva os jogadores para fazerem exames físicos contigo a partir de... oh, digamos segunda-feira? Vou dar-te o fim de semana para te instalares. É suficiente? – Eu sorrio, levantando-me quando ele se levanta.

– Sim, doutor Tyler. Mais do que suficiente.

Ele suspira.

– Sim, e podes deixar de lado o «doutor». Chama-me Scott, chama-me Tyler, qualquer coisa menos senhor. Faz-me lembrar o meu pai – acrescenta ele com um arrepio.

Rio-me.

– Percebi. E pode chamar-me Rachel.

Ele inclina-se sobre a sua secretária, oferecendo-me a sua mão novamente.

– Bem-vinda ao Rays, Rachel. Agora vamos conhecer a equipa.

RACHEL

O rinque está a fervilhar de atividade. Tyler leva-me para uma secção restrita das bancadas, mesmo no centro, atrás do acrílico. O frio do gelo faz eriçar os pelos finos dos meus braços. Já há outras pessoas sentadas nesta secção, com *tablets* e pranchetas na mão. Fazemos uma ronda rápida de apresentações, mas é difícil ouvir por causa do sistema de som.

O Avery já o conheço. É um tipo grande, com a constituição de um defesa. Mantém o cabelo rapado e tem a testa franzida com rugas. Está sentado ao lado de um jovem que vi há pouco na sala de fisioterapia. Acho que deve ser um estagiário. É muito bem-parecido – alto e magro, com a pele profundamente bronzeada e o rosto polvilhado de sardas. Os olhos são de um verde penetrante e o cabelo preto está firmemente preso, afastado do rosto com uma bandolete desportiva. Quando nos vê, lança um sorriso e acena a Tyler.

Do outro lado do rinque, as cadeiras da bancada estão cheias de fãs entusiasmados, ansiosos por assistir ao jogo de apresentação. A música toca nos altifalantes enquanto os rapazes patinam.

– Aquele é o Urso? – pergunto ao Tyler, apontando para o guarda-redes.

O Tyler ri-se.

– Kinnunen? Não. É o Kelso, o terceiro guarda-redes. Ele está a lutar com o Davidson por um lugar no banco. Confia em mim, quando o Kinnunen estiver no gelo, vais saber.

Vejo o Caleb, com as costas curvadas sobre o patim de um tipo, a soltar uma lâmina. Coloca uma nova e dá uma palmada no tornozelo do tipo. Num instante, o jogador salta a barreira e está de volta ao gelo.

Caleb olha em volta, vê-me e eu aceno. Ele faz-me um aceno de cabeça de tipo fixe e vira-se para trás. Eu reviro os olhos, mas num instante o meu

telemóvel toca.

caleb (11h03): *Como é que está a correr o primeiro dia, doutora boazona?*

Eu solto uma gargalhada, olho para ele, mas ele já se foi embora.

rachel (11h03): *Doutora boazona? A sério? O que é que aconteceu ao Furacão?*

A campanha toca e todos os rapazes saem do gelo.

caleb (11h04): *Para mim, és a Furacão. Para o resto do pessoal, és a Doutora Boazona*

Para meu horror, o meu telemóvel recebe imagens de uma conversa de grupo. Aparentemente, os rapazes têm andado a seguir o meu paradeiro durante a última hora como se eu fosse uma chita fugitiva à solta no edifício. É para lá de embaraçoso.

– Oh, meu Deus! – resmungo, escrevendo uma resposta.

rachel (11h04): *Quanto é que me vai custar para que me ajudes a acabar com a alcunha de Doutora Boazona?*

O meu telemóvel fica em silêncio durante alguns minutos e eu acomodo-me com o meu *tablet*, pronta para tomar notas enquanto os rapazes começam a entrar no gelo sob os aplausos dos fãs. É apenas uma apresentação, por isso é Rays contra Rays. Metade dos rapazes está a usar camisolas brancas de treino, a outra metade está a usar camisolas azuis. Kelso, o terceiro guarda-redes, está com uma camisola branca.

A multidão ruge quando um novo guarda-redes entra no gelo vestido de azul-petróleo e a minha respiração fica suspensa. Ele é enorme. As almofadas de guarda-redes já fazem um tipo normal parecer o Optimus Prime. Este homem podia engolir o Kelso inteiro.

– Este é o Kinnunen – diz Tyler com um sorriso. – Duas vezes vencedor da Taça Stanley, estrela da Liga finlandesa. Ele é que é o Urso.

– Sim, já percebi – respondo. O meu telemóvel toca, mas não consigo tirar os olhos dele. Como é que um homem tão grande pode jogar a guarda-

redes? Não é possível que tenha a agilidade necessária para se mover suficientemente depressa. Neste momento, caminha em direção à baliza como um urso pardo, duas vezes maior do que o homem mais próximo.

Kinnunen ocupa o seu lugar em frente à baliza, levantando o capacete para beber água. É difícil distinguir muito mais do que uma barba loira.

– Kinnunen está na lista dos pré-selecionados para a equipa olímpica finlandesa – diz Tyler. – Temos olheiros que vêm à cidade para ver alguns jogos.

– Fixe. – Sento-me à frente no banco. – Algum dos outros rapazes está à espera de ser olímpico este ano?

– Não tenho a certeza – responde ele. – Só sei do Kinnunen porque os representantes da Associação Finlandesa de Hóquei no Gelo me contactaram a pedir os registos médicos dele.

– E podemos fazer isso?

– Com o consentimento do jogador, sim. Se ele consentir, podemos enviar os seus registos médicos.

Volto a rir-me e verifico o meu telemóvel.

caleb (11h10): *Todo o chá da China, Furacão*

Eu sorrio, olhando de relance para o banco para ver Caleb lá dentro novamente. Ele está a falar com um dos tipos de azul-petróleo, entregando-lhe o capacete quando o seu número é chamado e o tipo patina.

– Número 19, Josh O’Sullivan – diz Tyler, apontando para o jogador. – Os rapazes chamam-lhe Sully. Teve a sua quota-parte de lesões. O ombro esquerdo está a mexer muito. Fica de olho nele como um falcão. – Aceno com a cabeça, anotando o número dele. – E o tipo de branco ali, o número 22 é o Novy. Lukas Novikov. Ele é um grande brincalhão. O idiota tropeçou na passadeira há dois dias por causa de um atacador desatado e caiu com força. Verifica o joelho dele nos próximos dias. Ele diz que está bem, mas estes tipos escondem um pulmão perfurado se acharem que isso significa tempo longe do gelo. – Anoto o nome dele também. – Tenho a certeza de que já sabes isto, Price, mas há o que te dizem que está errado, depois há o que vês com os teus próprios olhos e, por último, há o que o teu instinto te diz – explica. – É preciso os três para chegar à verdade das coisas.

– Oh, eu sei – digo. – Já tentaste dizer a um defesa que não pode ser titular com uma lesão no menisco durante os *playoffs*?

Ele ri-se.

– Sim, tu percebes. Nem sempre é divertido fazer de polícia mau, mas, em última análise, estamos aqui para os proteger, até deles próprios – acrescenta. – O jogo só dura dois anos, se tiverem sorte. Depois têm o resto das suas vidas para lidar com os danos.

Vejo os rapazes a patinarem em formação quando o disco é lançado. Estão a jogar contra a sua própria equipa, por isso não há grandes golpes, nem violência. O ataque da equipa branca está constantemente a levar o disco pelo gelo. É óbvio que têm a linha mais forte.

Observo Kinnunen com atenção. As suas primeiras defesas são bastante fáceis. Quase não teve de mexer a proteção ou o *stick*. Dois remates bateram nas suas proteções, e ele passou o disco a um defensor que estava à espera.

Deve ter mais de 1,90 m de altura. Está encurvado na sua posição, com o seu enorme corpo a bloquear o acesso ao topo e aos lados da rede. É uma tática inteligente, colocar o tipo maior que se consegue encontrar à frente da rede, mas a sua altura coloca-o em desvantagem. Ele tem um enorme buraco entre as pernas. O disco tem uma grande abertura para passar...

– Uau – murmuro, com os olhos arregalados.

Kinnunen moveu-se tão depressa que pestanejei e não vi. Num segundo, ele estava casualmente agachado, no outro estava em plena borboleta, com as ancas curvadas para dentro e os joelhos torcidos para fora, totalmente encostados ao gelo. Ele fechou efetivamente todo o acesso à rede. Mais um piscar de olhos e ele está de pé, agachado e descontraído.

– Ele é muito rápido – murmuro. – Pensaria que com o tamanho dele...

– Que ele é demasiado grande para jogar? – Tyler diz com uma gargalhada. – Não, o Mars Kinnunen é suave como manteiga. Ele não se esforça muito num jogo de apresentação. Deixa passar alguns golos só para dar um impulso ao ego da malta, como... sim...

A multidão aplaude quando os brancos marcam um golo. Mas eu estava a sempre a observar o Kinnunen. Ele nem sequer tentou bloquear o golo.

– Espera até os pontos serem realmente importantes – diz Tyler. – Nessa altura, verás que o Urso está mesmo a jogar.

Ainda só estávamos a meio do jogo de apresentação quando aparece um jovem com um polo dos Rays.

– Desculpe, doutor – diz ele ao Tyler. – A Vicki está a perguntar pela doutora Price.

Lanço-lhe um olhar apologetico, mas ele afasta-me com um aceno simpático.

– Vai, vai. Ninguém deixa a Vicki à espera.

Sigo o estagiário pelos corredores em direção aos gabinetes administrativos.

– Ali está ela. – Vicki chama-me junto às portas principais que dão para o parque de estacionamento. – Acabei de voltar do almoço e recebi uma chamada a dizer que o teu carro de aluguer chegou. Preciso que assines o termo de responsabilidade e depois posso entregar-te as chaves.

– Oh, ótimo. – A minha caneta passa sobre a linha da assinatura quando reparo na marca e no modelo. – Hum, Vicki? É esta... era esta a minha única

opção de aluguer?

Ela levanta o olhar do telemóvel.

– O que é isso, querida? Oh... sim, conseguimos um ótimo preço junto do concessionário – explica. – A maior parte da malta prefere algo com um pouco de capacidade de reboque. Todos eles têm barcos e motas de água e sabe Deus o que mais. Isso não será um problema, pois não? Sabes conduzir uma carrinha, certo?

Aceno com a cabeça, assinando o formulário.

– Sim, tenho a certeza que vai correr tudo bem.

Na realidade, estou aterrorizada. A Tess vai rir-se à minha custa quando eu lhe disser que agora tenho um tanque blindado.

A Vicki entrega-me um porta-chaves elétrico.

– Bem, vamos até ao parque de estacionamento e eu mostro-te onde está estacionado. – Ela abre uma das portas duplas, deixando-me espaço para passar.

Ela diz mais alguma coisa, mas eu não estou a ouvir. Tudo o que consigo ouvir é o zumbido do meu corpo. O meu cérebro tenta entender a verdade que os meus olhos e o meu coração já sabem.

O meu Rapaz Mistério caminha na minha direção.

RACHEL

Eu mal consigo respirar enquanto o vejo aproximar-se, de olhos postos no telemóvel. Continua a usar os óculos de sol, o cabelo escuro escondido debaixo de um boné de basebol. Está um pouco mais curto do que quando o vi em Seattle, um pouco mais rente à nuca. E tem a barba feita.

Mas é ele. Não tenho dúvidas. Aqueles ombros largos estão a esticar a camisola desportiva da NHL sobre o peito. As suas pernas longas e musculadas estão envoltas em nada mais do que um par de calções de desporto. Está a usar sapatilhas com as cores dos Rays.

É um jogador de hóquei. O Rapaz Mistério joga na defesa dos Jacksonville Rays... a equipa para a qual eu agora trabalho oficialmente... como sua médica.

Oh, foda-se, foda-se, foda-se!

Acho que vou desmaiar. Mas depois ele atreve-se a olhar por cima do telemóvel e mostra-nos um sorriso de derreter.

Estou morta. Enterrem-me já.

– Vicki, minha deusa, minha rainha! – diz ele, com aquela voz grave que já ouvi mil vezes nos meus sonhos.

– Hum – diz ela, de braços cruzados. Claramente, ela não está impressionada. – Conseguieste finalmente?

– Atrever-me-ia a desafiar a tua ordem direta? – responde ele, enfiando a mão no bolso dos calções de desporto para lhe mostrar a carta de condução. – Está tudo arranjado. Estamos prontos para continuar.

– Trá-la ao meu escritório antes do fecho do dia para que eu possa fazer uma cópia.

Enquanto eles falam, eu fico aqui como se fosse a sua estátua privada. Ele vê-me, certo? Ele olhou diretamente para mim. Não percebo o que se está

a passar. Porque é que ele finge que não me conhece?

- Rachel, este é o Jake Compton, e ele é um problema com P maiúsculo
- diz a Vicki em jeito de apresentação.

Meu Deus, o nome dele é Jake. O meu coração dá um pequeno salto. Jake Compton. O melhor amigo de Caleb. Ele vira o seu olhar para mim e eu juro que não consigo respirar. Aqueles olhos cor de avelã prendem-me.

- Jake, esta é a nossa nova colega de Barkley, a doutora Rachel Price.
- Olá, doutora, prazer em conhecê-la – diz ele estendendo a mão, aparentemente ainda alheio.

Nem consigo acreditar no que estou a fazer enquanto estendo lentamente a mão. Passei os últimos dois meses a ter todos os meus sonhos à volta deste tipo. Agora estou aqui, mesmo à frente dele, e ele nem sequer me reconhece!

JAKE

Tive a melhor manhã de sempre. Sem ginásio matinal, sem reunião de treinadores, sem aquecimento ou treino. Em vez disso, dormi até tarde e preparei o pequeno-almoço para mim. Claro que tive de esperar mais de uma hora na DGV, mas isso deu-me tempo para relaxar.

Os últimos meses têm sido uma loucura. Entre a Vicki e a Poppy, estamos a ser apanhados todos os dias. Se não estamos nos treinos ou a fazer exercício, estamos em reuniões intermináveis de Recursos Humanos, reuniões de viagens ou a lidar com as tretas da imprensa. Nem sei quantas vezes já me tiraram uma fotografia para diferentes ações promocionais.

Por isso, sim, tirar uma manhã de folga para beber o meu café e ir à DGV foi muito bom.

A sorte brilha enquanto atravesso o parque de estacionamento. A Vicki está mesmo ali, com uma estagiária a reboque. Ela tem sempre alguém novo a segui-la. O meu telemóvel toca e eu olho para baixo.

caleb (11h45): *O Novy está com ótimo aspeto. Vão patinar bem juntos contra a Carolina*

Suspiro de alívio. A nossa linha inicial está a ficar mais sólida a cada dia que passa. Talvez tenhamos mesmo uma hipótese de ganhar esta época.

caleb (11h45): *O Kelso está uma desgraça. Parece que o Davidson está dentro... o que significa que eu ganho *emoji de dinheiro empilhado**emoji sushi**

Eu resmungo, escrevendo uma resposta rápida. Fizemos uma aposta sobre qual dos guarda-redes sairia vencedor e ele ganhou, o que significa que lhe pago o jantar esta noite.

Tiro os olhos do telemóvel e lanço a Vicki um sorriso de vitória.

– Vicki, minha deusa, minha rainha!

Ela franze os lábios, revirando os olhos para mim. Estou sempre a provocá-la, mas ela retribui. Eu sabia que ela estava a falar a sério sobre o BI quando a provocação parou.

– Hum. Conseguiu finalmente?

– Atrever-me-ia a desafiar a tua ordem direta? – digo, tirando a minha identificação do bolso. – Está tudo arranjado. Estamos prontos para continuar.

– Trá-la ao meu escritório antes do fecho do dia para que eu possa fazer uma cópia. – Ela vira-se para a sua estagiária. – Rachel, este é o Jake Compton, e ele é um problema com P maiúsculo.

Olho para a estagiária. Foda-se, ela é bonita. Como é que não me apercebi disso? A malta tem falado de uma nova médica boazona que anda pelos corredores hoje, mas eu, sinceramente, não quero saber. Só há um médico que eu quero.

Uau, esta rapariga é muito parecida com a minha Rapariga Mistério...

– Jake, esta é a nossa nova colega de Barkley, a doutora Rachel Price – continua a Vicki.

Espera... ela é médica? A rapariga bonita que dispensei com um olhar não é uma estagiária, é uma médica. A médica que se parece com a *minha* médica é uma médica...

E depois o meu cérebro explode. Não consigo pensar, não consigo respirar. De alguma forma, estou a estender a mão e tenho quase a certeza de que disse alguma coisa. Será que a minha boca acabou de formar palavras? Não faço a mínima ideia. Estou aqui parado, à espera de que o meu corpo consiga alcançar o meu cérebro. E não tenho coração para bater porque ele se desfez no chão.

Ela está a olhar para mim como se eu tivesse duas cabeças. Doutora Rachel Price. A nova médica da equipa. A minha médica. Doutora Rapariga Mistério. Tudo se encaixa e eu digo:

– Oh, meu Deus!

– Oh, *meu* Deus! – ela choraminga, com lágrimas nos olhos.

Que merda. Oh, meu Deus, está a acontecer. Ela está aqui. Está mesmo à minha frente. A minha Rapariga Mistério. Só que ela já não é um mistério. Ela tem um nome.

Rachel.

Foda-se, só de o dizer na minha cabeça vai dar-me um ataque cardíaco... ou uma tesão. As duas coisas. Já pensei neste momento tantas vezes. Dei-lhe tantos nomes na minha mente. Talvez ela já tenha sido uma Rachel. Agora

não existe outro nome.

Rachel Price.

Eu sorrio. Mistério resolvido. Mas espera – *merda* – porque é que ela está a olhar para mim daquela maneira? Porque é que a Vicki ainda está aqui? Porque é que não nos estamos a beijar? Porque é que as nossas roupas estão vestidas?

– Será que me está a escapar alguma coisa? – diz a Vicki, olhando entre nós. – Vocês já se conhecem?

Olho para a Rachel, pronto a seguir o seu exemplo. Ela é tão inteligente. Vai saber o que fazer, o que dizer.

– Conhecemo-nos há uns meses – murmura ela. – Nós... *hum...* viajámos juntos no avião.

Olho de relance para a Vicki. Merda, ela está a acreditar?

A Vicki solta uma pequena gargalhada.

– Ui, o mundo é pequeno, não é? Sabes que uma vez sentei-me na classe executiva com o Denzel Washington?

Nenhum de nós responde. Continuo a não conseguir respirar e parece que a Rachel está a esforçar-se por aperfeiçoar o poder do teletransporte. A minha miúda preferia claramente estar em qualquer outro lugar que não aqui.

Foda-se, estou a estragar tudo. Não sei como, mas estou. Preciso de falar com ela. Preciso que seja a Vicki a teletransportar-se para outro sítio.

– Bem, querida, vamos experimentar a tua carrinha – diz a Vicki. – Deve ser uma destas – acrescenta, apontando para uma fila de carrinhas brancas estacionadas nas traseiras da garagem.

Rachel mexe na chave que tem na mão, com o olhar fixo nela enquanto aperta o comando. A carrinha ao fundo pisca as luzes quando as portas se abrem.

– É aquela – diz Vicki. – Avisa-me se precisares de mais alguma coisa, está bem? E tu – diz ela, olhando para mim. – Traz-me a identificação ou vais voar para todos os jogos fora esta época amarrado à asa do jato!

Com isso, aperta o ombro de Rachel e sai, atravessando as portas do edifício.

A Rachel e eu ficamos ali, a olhar um para o outro, sem falar. Os nossos cérebros estão ambos danificados.

Eu mexo-me primeiro, estendo a mão para ela.

– Eu...

– Não consigo fazer isto – sussurra ela, afastando-se da minha mão estendida.

– O quê? Espera... *uau...* espera! – Eu viro-me, correndo atrás dela. – Rachel!

Ela fica parada, com o corpo todo rígido, enquanto eu a apanho, ficando atrás dela.

Não consigo evitar; estou a sorrir como um idiota apaixonado.

– Rachel – digo novamente, só porque eu posso. Ponho tudo o que estou

a sentir na palavra.

Foda-se, é um nome bonito.

– Não – murmura ela, com a voz embargada.

– Ei – digo gentilmente, minha mão estende-se e acaricia o braço dela. É o mais simples dos toques. – Querida, vira-te. Olha para mim.

Ela respira fundo e vira-se.

– Querida? – Oh, merda! Ela parece zangada.

– Eu não sou a tua querida – diz ela. – Nem sequer me reconheceste! – Ela afasta-se, dirigindo-se para a sua carrinha.

As palavras dela tiram-me o ar do peito.

– O quê? Reconheci, sim! Volta aqui! – grito, perseguindo-a. – Rachel, para...

Ela chega à carrinha e agarra a porta do lado do condutor. Eu empurro o meu peso contra ela, fechando-a. Ela suspira, virando-se, com as costas pressionadas contra a porta. Eu encurralei-a, com as minhas mãos de cada lado da sua cabeça.

Foda-se, o meu corpo está a arder. O que ela me faz... não consigo explicar. Nunca ninguém me fez sentir assim. Estou a tremer como um miúdo de quinze anos prestes a receber o seu primeiro beijo.

– Para de fugir – imploro. – Rachel, *fala* comigo. Que raio se passa na tua cabeça neste momento? Estás a passar-te. Eu sei que estás, porque eu também estou, e não faz mal. Vamos apenas... vamos passar-nos juntos, está bem? E vamos usar *palavras*...

– Oh, queres palavras? Eu estive mesmo à tua frente durante cinco minutos e tu nem sequer me *viste*! Sou assim tão esquecível para ti? *Meu Deus*...

Ela arrasta os dedos pelo cabelo, afastando as madeixas soltas do rosto. Apetece-me bater-lhe na mão por estar a fazer o meu trabalho. Sou eu que lhe penteio o cabelo para trás. Sou eu que cuido dela. É a porra do meu trabalho, e juro por Deus que ninguém o vai fazer melhor do que eu. Nem mesmo ela. Ela é *minha*.

– Estava distraído – digo. – Foi um dia de loucos, e não estava à espera de te ver aqui e... e tu estás... diferente – admito, franzindo o nariz.

Ela faz-me uma careta, com aqueles lábios perfeitos franzidos em aborrecimento.

– Diferente?

Eu encolho os ombros.

– Sim, sabes como... a tua maquilhagem está toda diferente, e não estás a usar o *piercing* no nariz, e tens óculos...

– Oh, meu Deus! – choraminga, tentando sair de perto de mim. – És pior do que um príncipe da Disney! O quê, a rapariga põe óculos, e de repente fica irreconhecível para ti?

– Foi durante *cinco* segundos – contraponho. – E tu sabes que eu levo pancadas na cabeça para viver! Eu estava a tratar da minha vida, a caminho do

trabalho. Nem nos meus sonhos mais loucos esperava ver-te no parque de estacionamento do centro, por isso não te vi. Não te vi, Rachel... até que vi.

Ela abana a cabeça, com o lábio inferior a tremer como se estivesse prestes a chorar.

– Do que é que se trata realmente? – murmuro, aproximando-me mais. Estendo uma mão e levanto-lhe suavemente o rosto para que olhe para mim. – Não se trata de eu não te reconhecer, porque tu sabes que eu reconheci. Eu *reconheço*. Achas que me esqueci de ti... achas que deixei aquele quarto de hotel e segui em frente?

Ela fecha os olhos.

– Por favor...

Eu passo os meus dedos suavemente pela linha do seu maxilar.

– Achas mesmo que eu podia esquecer a minha Rapariga de Seattle? Querida, *só* penso em ti.

– Não – implora.

Eu franzo a testa, frustrado.

– Deixaste-me naquela cama, lembras-te? Eu é que devia estar a andar por aí. Eu queria o teu nome. Podíamos estar há mais de dois meses a fazer alguma coisa em vez de ter de começar do zero.

– Não – suspira ela, afastando-se. Tem os braços cruzados em redor dela, uma espécie de armadura patética. – Jake, não podemos fazer isto.

Oh, foda-se! O meu nome nos lábios dela é mais forte do que um tiro do arco do cupido diretamente para a minha pila.

– Diz outra vez.

Ela olha para mim.

– Não podemos fazer isto.

– Não. – Eu abano a cabeça. – Diz o meu nome.

– Não, murmura ela. – Por favor, não.

– Não o quê? – respondo, aproximando-me mais, com a minha mão a tocar-lhe a face. Ela cheira tão bem. Deixou-me o seu perfume em Seattle, mas não há nada como sentir a combinação desse cheiro na sua pele misturado com os seus produtos para o cabelo e o seu detergente e simplesmente... *ela*.

Quero envolvê-la nos meus braços e nunca mais a largar. Quero usar as *t-shirts* dela na cama como um idiota apaixonado. Ok, não há maneira de elas me servirem, mas eu poderia agarrar duas, cortá-las e costurá-las novamente. Ou o Caleb pode fazer isso por mim. Ele é bom com máquinas de costura e...

Oh, merda, Caleb! A Rachel e o Caleb. A Rachel é a médica boazona que o Caleb foi buscar ao aeroporto ontem. A médica com o vibrador pervertido que agora partilha a parede com ele. A médica boazona que ele trouxe para o trabalho esta manhã.

Estava prestes a encontrá-lo e a pedir-lhe mais pormenores, porque sei que aconteceu mais alguma coisa ontem à noite. Ele estava a ser muito cauteloso sobre isso. Agora o meu pulso está acelerado e a minha língua

parece demasiado grande para a minha boca. Será que quero saber o que aconteceu? Não sei se consigo aguentar. Partilhámos uma coelhinha ocasionalmente na faculdade, mas isto é totalmente diferente. A Rachel é... ela é *tudo*.

– Por favor, olha para mim – murmuro.

Ela olha para cima, com a mão a envolver-me o pulso, enquanto eu lhe acaricio o rosto.

– Não podemos fazer isso – sussurra ela. – Eu agora trabalho para a equipa. Acabei de assinar uma centena de páginas do contrato. Sou a tua médica.

– Não.

– Tu és meu paciente. Não posso cruzar essa linha... não podemos...

– Não – rosno outra vez, pressionando-a com as minhas ancas.

Ela suspira. Sim, a minha miúda está louca por mim. Eu sinto-o. Afasto a minha mão do seu maxilar, envolvendo os meus dedos suavemente à volta da sua garganta, as pontas dos meus dedos roçando a sua pulsação acelerada. Ela geme, o seu pescoço arqueia-se. Ela não consegue evitar. Adora as minhas mãos sobre ela.

Estamos ambos a arder, a tremer de necessidade. Nunca me senti tão excitado por outra pessoa na minha vida. Ela respira perto de mim, e eu estou pronto para ir. Tenho-a de novo nas minhas mãos e não posso esperar nem mais um momento para a saborear. Baixando o rosto, encosto os meus lábios aos dela.

Bum.

Como querosene atirada para uma fogueira, incendiamo-nos. Estamos tão perto que as minhas mãos correm pelas suas ancas para lhe agarrar o rabo e levantá-la, envolvendo as suas pernas à volta das minhas ancas para que as nossas alturas coincidam. Vamos contra a lateral da carrinha. Ela sibila na minha boca, as nossas línguas a perseguirem-se, as mãos desesperadas.

Foda-se, ela é a rapariga que eu quero beijar para o resto da minha vida. Não me importa o quão louco isso soa. Ela está voraz, gemendo enquanto a prendo com as minhas ancas, a minha dureza ali mesmo. Se estivéssemos nus, eu estaria dentro dela. Foda-se, eu estaria a comê-la na lateral desta carrinha.

As suas mãos apalpadoras tiram-me o chapéu e as suas unhas arrastam-se sobre o meu couro cabeludo. Todo o meu corpo estremece e a minha pila contorce-se. Preciso de estar dentro dela. Preciso de me enterrar nela e nunca mais voltar à superfície.

Mas então ela está a ofegar, o seu corpo a contorcer-se na minha mão.

– Jake – ela geme. – *Por favor...*

E eu sei o que ela está a dizer sem o dizer, porque é assim que somos juntos. *Por favor, põe-me no chão. Por favor, para.* E então o meu coração parte-se em pedaços.

Solto-a e ela desliza pelo meu corpo até ao chão do parque de estacionamento. Estamos ambos a tremer, a necessidade a martelar em nós. O

que temos é vulcânico. Ela sabe-o também. Eu não posso fazer isso. Não posso estar sem ela. Ela está na minha cidade, na minha equipa, nos meus braços... e ela diz que não.

– Não me afastes outra vez – suplico, com o coração partido. – Não consigo fazer isto duas vezes, Rachel. Não me peças para fingir que não somos nada. Não quero saber do raio do contrato.

O queixo dela levanta-se em desafio, os lábios brilhando com os meus beijos, os olhos lacrimejantes escuros e perigosos.

– Bem, *eu* importo-me. Esta é a minha vida, Jake. Esta é a *minha* oportunidade – diz ela com tanta determinação. – Esta bolsa, esta equipa. É toda a minha carreira que está em jogo. Tu não tens de te preocupar em quebrar as regras, mas *eu* preocupo-me.

Ela está a afastar-se, a excluir-me. Raios partam, ela fez a mesma coisa em Seattle.

– Não – rosno. – Rachel, *por favor*... – Estou a implorar? Foda-se, eu não tenho orgulho quando se trata desta rapariga. Não tenho calma. Não jogo. Estou perdido por ela. Estava desde o momento em que ela se virou no banco do bar. – Não faças isso. Não me afastes.

Mas eu vejo a determinação a brilhar nos seus olhos.

– O meu contrato dura a época inteira – diz ela, com a voz embargada. – Podemos ser amigos. Podemos ser colegas... mas nada mais.

Afasto as minhas mãos dela, a nossa ligação é quebrada, e ambos respiramos ofegantemente.

A minha Rapariga Mistério está a pôr-me de lado. Ela quer concentrar-se na sua carreira, e eu respeito isso. Eu também sou viciado na carreira. Não se chega ao meu nível no desporto sem se ser obsessivo com o trabalho.

Engulo em seco, com o coração descontrolado.

– Dez meses – digo, com o olhar fixo nela. – Cumpre o teu contrato. Eu vou portar-me bem. – Inclino-me. – Mas assim que acabar, tu és minha, Seattle. Não vais voltar a deixar-me.

RACHEL

Ando com as pernas bambas de regresso ao edifício, o Rapaz Mistério a caminhar silenciosamente ao meu lado. *Jake*. O nome dele é Jake Compton, e ele não é um mistério. Jake Compton, defesa titular dos Jacksonville Rays.

E eu não imaginava a nossa química. Nos últimos dois meses, desvalorizei-a na minha mente. O sexo não era assim tão bom. A nossa ligação não era assim tão profunda. Eu estava embriagada. Perdi-me no momento. Agora sei a verdade. Foi real. Tudo isso. A nossa ligação, a nossa excitação, a paixão instantânea, a forma como ele me lê, a forma como eu o leio. E o pior é que ele também o sabe. Ele sabe que eu não lhe consigo resistir.

Conseguirei mesmo sobreviver a dez meses disto?

Faz uma lista, Rach. Faz um plano. Repito o mantra na minha cabeça.

– Eu vou por aqui – murmura Jake, apontando para um corredor aberto que acho que conduz ao ginásio.

Aceno com a cabeça, olhando para os meus pés.

– Não sei como fazer isto – diz ele. – Não consigo... – suspira, puxando a aba do chapéu. – Sou um mau mentiroso, Rach. Os rapazes já nem me deixam jogar póquer porque dizem que é como tirar um doce a um bebé. Vou tentar – acrescenta. – Vou... não vou dizer nada sobre nós. Mas não sou um bom mentiroso.

– Está bem. – Não sei o que mais há para dizer.

– No mínimo, o Caleb vai perceber – acrescenta. – Nós não temos segredos, Rachel.

Eu olho para ele. Há algo no seu tom, preocupação, ciúme, dor. Ele tem razão, ele tem todas as emoções na manga. Mas porque é que ele tem ciúmes?

– Pergunta-me – digo eu, desesperada por aliviar aquele olhar de dor.

Ele olha para o corredor vazio antes de dizer:

– Foste para a cama com o Caleb?

Os meus olhos arregalam-se.

– O quê?

– Ontem à noite, tu... – Ele geme novamente. – Foda-se, acho que consigo aguentar. Diz logo. Arranca o penso rápido.

– Jake, não – digo, colocando a minha mão no braço dele. Mas depois a minha indignação aumenta. – Ele disse-te que nós fizemos...

– Não – diz ele rapidamente. – Não, ele não me disse nada sobre o que aconteceu ontem à noite... mas *aconteceu* alguma coisa entre vocês – acrescenta. – Não foi?

Suspiro, tirando a minha mão do seu braço.

– Deixo que seja ele a dar-te os detalhes humilhantes, mas não, Jake, eu não fiz sexo com o Caleb ontem à noite. Eu dormi no sofá dele com o cão.

Os seus olhos cor de avelã arregalam-se.

– Tu... *porque*...

– Apesar do que possas pensar, eu não ando por aí a ter casos de uma noite com todos os homens bonitos que encontro – acrescento, com o meu tom de voz a subir.

As sobrancelhas escuras de Jake juntam-se.

– Então, admites que ele é bonito.

Cerro os dentes, pronta para o repreender, mas depois vejo um sorriso na cara dele. Ele está a sofrer, não está contente com as condições que eu estabeleci para nós, mas está a tentar. Respiro um pouco de alívio.

– Eu também não sei como fazer isto – admito. – Vamos apenas... um pé à frente do outro, está bem?

Ele acena com a cabeça, com um ar de cachorrinho magoado que me faz apetecer abraçá-lo. Mas contenho-me. Tenho de me manter forte por nós os dois. É fácil para ele dizer que não se importa, mas pode meter-se em sarilhos, tal como eu. Ele também assinou contratos de não-fraternização.

– Vejo-te por aí, Rapariga de Seattle – murmura ele, os seus olhos tocando-me de todas as formas que as suas mãos não podem.

Nem sequer tento reprimir o meu arrepio de desejo, mesmo quando o encaro.

– A sério, Compton?

Ele sorri.

– Oh, querida, espera só. Tenho os próximos dez meses para queimar lentamente. – Ele anima-se um pouco com a ideia. Depois ri-se a sério. – Oh, merda. Isto está prestes a tornar-se o meu novo jogo favorito.

Eu levanto uma sobrancelha desconfiada.

– Que jogo?

Ele sorri, baixando o rosto para perto do meu.

– Operação Desvendar Rachel. Posso não poder tocar-te, mas por Deus posso olhar – diz com uma piscadela que eu sinto como uma bofetada na

minha vagina carente.

Oh, ele que se foda. Isto não está a acontecer. Eu não vou passar os próximos dez meses sendo encurralada por Jake Compton. Dou-lhe o meu melhor olhar de má.

– Não te atrevas a fazer o que eu penso que vais fazer.

– Demasiado tarde, Seattle – diz ele com uma gargalhada. – Vou ver-te por aí. Todo o dia. Todos os dias. Durante os próximos dez meses.

Eu gemo, vendo-o afastar-se com um novo impulso no seu passo.

Estou tão tramada.

ILMARI

Ela está a observar-me. A nova médica não tira os olhos de mim. Os rapazes têm estado a falar dela no *chat* de grupo toda a manhã. Mais uma razão para eu odiar as conversas de grupo. Normalmente, usam-no para fazer trocas sobre fantasias de futebol e para falar dos resultados de golfe uns dos outros. Estou sempre a sair, mas eles voltam sempre a adicionar-me.

Concentração.

Eu sigo o disco pelo gelo, tranquilo na minha posição. É apenas um jogo de apresentação. Não preciso de me magoar a defender o remate desleixado de um novato. O tipo com o disco tem bom jogo de pés, admito, mas é demasiado óbvio com as mãos. Ele vai acertar no meu lado da luva. *Alto ou baixo?*

A minha luva já está no ar antes de ele atirar. Apanho o disco facilmente. Nem sequer mexi os pés. A multidão aplaude como se eu tivesse feito uma grande defesa. Estou a fazer com que pareça sem esforço, porque isto não exige esforço nenhum. Ele devia voltar para os escalões inferiores, onde é o seu lugar.

O jogo continua no gelo até Novikov pegar no disco. Eu animo-me um pouco. Ele é um defensor com grande capacidade ofensiva. Não tenho nada contra o facto de ser russo. Bem, russo-canadiano.

Sigo-o enquanto ele corre pelo gelo numa fuga. Novikov é imprevisível. Estou curioso para ver o que acontece se eu defender a sério. Posiciono-me, com meus olhos fixos no disco, enquanto instintivamente meço a distância dele até mim. Ele está a mover-se rapidamente, cortando para a esquerda. Vai passar o disco para o outro lado. Passe interior para Fielder. Preciso de me baixar. Afundo-me na zona, um empurrão com o patim direito, e o disco bate no meu protetor.

Bloqueado.

Rotação. Duplo empurrão para defender o outro poste. Estão a patinar para apanhar um ressalto. O disco é passado para Novikov. A perna direita estende-se e eu estico-me. O disco volta a bater na minha almofada e eu tiro-o com o meu *stick* e passo para uma defesa que o atira para um extremo que está à espera.

Salvo.

Mas custou-me. Gemo, levantando-me o mais depressa que posso. O empurrão seguido de uma extensão total esticou o meu músculo da virilha. A dor atravessa-me a anca direita. Não devia ter feito aquilo. Devia tê-lo deixado entrar.

O disco está na outra extremidade do gelo, por isso paro um momento para me levantar, juntando as pernas. Foi um erro equipar-me para este jogo. Vou faltar ao próximo. Arranjarei qualquer desculpa.

A verdade que tentei ignorar durante semanas afunda-se no meu peito: a dor está a piorar. E raios me partam se a médica não está ainda a observar-me. Reparei nela nas bancadas, sentada ao lado do Dr. Tyler. Agora está mesmo junto ao acrílico, na minha linha de visão, de braços cruzados e boca firme.

O treinador Tomlin aproxima-se e fica ao lado dela e eu vejo-os apertar as mãos. Ela finalmente desvia o olhar de mim e eu percebo, com uma pontada de curiosidade, que não estou a gostar. Eric tem toda a atenção dela agora, enquanto a faz rir. O que é que ele lhe está a dizer?

– Saatana – praguejo e quase levo com um disco na cara. Ele bate na trave e bate no meu ombro antes de cair na rede. Os brancos marcam porque eu estava demasiado ocupado a ver o meu treinador a namoriscar com a médica bonita para guardar a porcaria da minha baliza.

– Cabeça no jogo, Mars! – Sully grita-me.

Eu abano a cabeça. Mas que raio é que acabou de acontecer? Será que fui enfeitiçado? Nada quebra a minha concentração no gelo. A raiva borbulha-me no peito. Não gosto de me ter distraído.

Concentração.

A campainha ecoa por todo o lado, terminando o jogo e eu relaxo. Mesmo com o último golo que deixei passar, os brancos ainda perdem por 3-6.

Sully patina, deslizando até parar.

– Estás bem, grandalhão?

– Sim – digo através da máscara. – Ótimo. – Ele patina, seguindo os outros para fora do gelo.

Pego na minha garrafa de água e viro-me.

– *Voi helvetti* – murmuro, patinando até onde o treinador Tomlin espera com a médica.

– Estás a adormecer, Mars? – diz o treinador. – Quase levaste com um disco na cara.

– O jogo já tinha acabado – murmuro eu. – O Fielder precisava mais do

golo do que eu da defesa.

Ele apenas ri, gesticulando para a médica.

– Mars, esta é a doutora Rachel Price.

Deixo-me olhar para ela abertamente. Ela está de pé com os braços cruzados à volta da cintura. Tem frio. Então não está habituada ao rinque. Tem olhos escuros escondidos por detrás de óculos de armação grossa e retangular. Tem o cabelo apanhado, com algumas madeixas a emoldurar o rosto. É linda.

E continua a olhar para mim. O seu olhar percorre-me sem pudor, desde os patins ao capacete. Eu elevo-me sobre ela com o meu equipamento completo. Somos como o gatinho e o gorila. Lentamente, tiro o capacete, mantendo o olhar dela sem a grade no caminho.

– Doutora Price, este é o Mars Kinnunen – diz o treinador. – Ele é o melhor guarda-redes da Liga.

Entrego o meu capacete ao treinador e enfio o meu *stick* na joelheira. Depois tiro o meu protetor e estendo a minha mão direita. Está suada, mas se a nova médica tem problemas com isso, está no negócio errado.

Ela inclina-se sobre as tábuas com um sorriso e aceita-a.

– É um prazer conhecê-lo, Mars – diz ela.

Quero saber o que ela está a pensar. Será que ela viu a minha defesa? Será que viu a minha lenta recuperação? O treinador estava distraído a tentar fazê-la rir. Quase falhei o bloqueio porque tenho demasiado medo de fazer uma extensão completa do lado direito. Demasiado medo de piorar o músculo da virilha.

Tenho feito tudo o que posso para o reabilitar sozinho. Não é a minha primeira distensão e não será a última. Só preciso de mais gelo, massagens e uma boa rotina de alongamentos. Os olheiros da FIHA vêm ver-me jogar, por isso não posso estar sentado no banco com uma distensão na virilha.

Quero fazer parte desta equipa olímpica mais do que alguma vez quis. É o meu legado. O meu avô jogou pela Finlândia nos Jogos Olímpicos de Oslo em 1952. O meu pai esteve em Lake Placid em 1980. Este é o meu momento. A equipa do meu pai ficou em quarto lugar. Quero chegar ao pódio. Os Leijonat são suficientemente bons. Sei quem mais eles estão a procurar. Eles conseguem. Podem ganhar. Quero estar na baliza quando o fizerem.

– Sentes-te preparado para o início da época? – pergunta a Dra. Price. A voz dela é mais profunda do que eu esperava, suave como mel.

Aceno com a cabeça, deixando cair a mão dela enquanto o treinador bate no meu ombro.

– O Mars já nasceu pronto. Ele está na melhor forma da vida dele.

– Ótimo – diz ela. – Então deves passar no teu exame físico sem problemas. Basta dizer à Hillary qual o horário de treino dele e eu terei todo o gosto em adaptar-me a ele – diz ela ao treinador.

– Com certeza – responde ele.

Estou aqui parado no gelo quando ela se vira para se ir embora.

– Espera... – Ela olha por cima do ombro, com uma sobrancelha escura levantada. – Que exame físico?

Ela sorri de novo. Os americanos fazem sempre isso, sorriem quando não têm razão para tal. Suponho que seja para deixar as pessoas à vontade, e funciona com a maioria dos outros americanos. Para mim, é sempre falso. Não sorrio a não ser que seja a sério. E eu não quero os sorrisos falsos *dela*. Quero merecê-los.

– Todos os jogadores titulares têm os últimos exames físicos na próxima semana – responde. – Sou nova na equipa, por isso estou um pouco atrasada, mas prometo que vou ser minuciosa. Não queremos perder nada com os olhos do mundo do hóquei focados nos Rays.

– Agradecemos, Doc – responde Eric.

Claro, ele pode sorrir. Não é ele que está a ser inspecionado. Entretanto, o meu coração para.

– Qual é a sua especialidade? – pergunto.

– Joelhos – responde ela. – Ancas e joelhos. Imagino que isso signifique que nos vamos tornar bons amigos esta época. – Com outro aceno de cabeça, ela vira-se e sai.

Que maldição!

RACHEL

Mars Kinnunen talvez seja o homem mais intimidante que já vi. Eu achava que o homem parecia grande do outro lado do gelo. Em pessoa, é um gigante. Depois ele tirou a máscara e o meu estômago deu uma reviravolta.

O Jake e o Caleb são rapazes bonitos com maxilares perfeitos, maçãs do rosto de perder de vista, o cabelo à escovinha. Atletas totalmente americanos. Mas Mars é... selvagem. Parece que o tipo mais duro de uma equipa de hóquei teve sexo com uma *viking* e fez um superbebé.

Tem uma barba loira de um centímetro de comprimento, aparada mais abaixo do queixo. O resto do cabelo está rapado até à pele à volta da nuca, deixando uma cabeça cheia de cabelo louro rebelde na coroa, suficientemente comprido para ser puxado para trás num nó desalinhado.

As suas feições também são rugosas. O nariz fica um pouco torto na ponte, provavelmente devido a uma fratura; a sobrancelha esquerda tem duas cicatrizes. Mas ele tem os mais belos olhos azuis-oceânicos, penetrantes na sua intensidade. Senti que ele estava a olhar para a minha alma enquanto me olhava de soslaio.

Abano a cabeça com um riso suave. Este foi um primeiro dia muito interessante.

Encontro-me com o Tyler no seu gabinete para ir buscar a minha mochila e ele apresenta-me a Hillary, a enfermeira da equipa. É uma senhora adorável, mais velha, com cabelo grisalho encaracolado e olhos bondosos. Será ela a responsável pela marcação das minhas consultas.

– Temos um gabinete preparado para si aqui em baixo – diz ela, conduzindo-me em direção ao ginásio. – É mais fácil apanhar os rapazes durante o seu tempo de musculação, por isso temos algumas salas de exame montadas mesmo ao lado do ginásio. É um pouco como pastorear ovelhas –

acrescenta com uma risada. – Por vezes, temos de meter a mão na massa e apanhar uma. Descobri que a forma mais fácil de os fazer vir de livre vontade é apanhá-los na passadeira. Se me mostrarem um jogador de hóquei que goste da passadeira, eu mostro-vos um mentiroso.

Eu rio-me.

– Evitar fortemente a passadeira. Já percebi.

Já consigo ouvir o tilintar do equipamento de ginástica por cima do som da música *rock*.

– Eles costumam baixar o volume se não nos conseguimos ouvir a pensar – diz ela por cima da música, abrindo uma porta de vidro.

– Uau! – murmuro, entrando.

As instalações são fantásticas. Não se percebe pelo corredor um pouco indefinido, mas a sala abre-se para um espaço semelhante a um ginásio, distribuído por dois níveis. Há o piso principal, que é só para levantamento de pesos. Vários rapazes andam por ali, a fazer séries e a observarem-se uns aos outros. A maioria são jogadores, mas os rapazes de polo devem ser da equipa de musculação.

Uma parede de vidro com passadeiras à minha direita permite que os rapazes vejam o ringue de treinos principal. Já foi limpo depois do jogo de apresentação, e parece que agora estão a decorrer aulas de patinagem artística. No andar de cima há uma pista de corrida.

– Todo o equipamento de terapia está ali – diz Hillary, apontando para um grande conjunto de portas abertas à esquerda. – Temos banheiras de água quente e fria, mesas e cadeiras de massagem, todo o equipamento de fisioterapia que se possa desejar, espaço para alongamentos. E o nosso canto do mundo é mesmo aqui – termina com um aceno de mão para um conjunto de três portas ao longo da parede.

Ela abre a primeira porta e afasta-se. Eu espreito para dentro. É apenas um armário de vassouras sem janelas, com uma secretária e uma cadeira. Sinceramente, já trabalhei em espaços mais pequenos. Atrás de nós, ouvem-se gritos e aplausos enquanto alguém baixa a música.

– Uau...

– Pessoal!

– Ei, Jacobs, esta é a nova doutora?

– Doutora boazona à vista!

– Nova médica na zona!

Todos os rapazes estão a gritar e a rir enquanto abandonam o seu equipamento.

A Hillary revira os olhos para mim.

– Ignora-os. Eles vão atrás do pessoal novo como cães a um osso.

Um dos rapazes vem direito a mim, com a cara toda suada. Parece jovem, de olhos brilhantes e simpático.

– Olá, doutora – diz ele, estendendo a mão. – Ryan Langley, avançado.

– Sim, és tu – diz Hillary. – Para trás, antes que nos encharques com o

teu suor.

Eu rio-me, pegando na mão suada dele e apertando-a.

– Rachel Price.

– Rachel – diz ele, por cima do ombro.

– O nome dela é Rachel – grita um rapaz, e depois todos os outros estão a repetir.

– Price – Hillary corrige-os. – Para ti, o nome dela é *Doutora* Price.

Um tipo grande, de cabeça rapada, tira o Langley do caminho com um cotovelo.

– Cole Morrow, doutora. O melhor defesa da Liga. – Os rapazes riem-se todos quando lhe aperto a mão.

– Sim, é isso mesmo, Coley. Qual é a tua posição na tabela da EA agora? – alguém grita.

Morrow faz-lhe uma careta, dando-lhe uma palmada bem-humorada no ombro.

O tipo ri-se e eu não posso deixar de sorrir ao ver que lhe faltam os dois dentes da frente. O hóquei é mesmo um desporto brutal.

– Chamo-me Gerard – diz ele.

– Ei, J-Lo, sai da frente!

Eu sorrio para ele com uma sobrancelha levantada.

– J-Lo?

Ele encolhe os ombros.

– O meu nome é Jean-Luc, e os tipos são uns idiotas.

– Oh, não fiques irritado, J-Lo. Sabes que te adoramos!

– Muito bem, já chega – diz um dos treinadores de musculação e condicionamento físico. – Deixem a doutora em paz e voltem às vossas repetições. *Agora*.

– Bem-vinda à equipa, Doc – cumprimenta um louro giro com um sorriso arrogante.

Todos eles se afastam, ainda a rir e a empurrarem-se uns aos outros. Eu apenas sorrio, abanando a cabeça. Os rapazes podem tornar-se homens, mas nunca crescem realmente.

– Quanto tempo é que vai durar a praxe? – pergunto, olhando de relance para a Hillary.

Ela franze os lábios.

– Com a tua beleza? O meu palpite é para sempre.

– Ótimo – murmuro.

Estes vão ser os dez meses mais longos da minha vida.

Como se precisasse de uma confirmação direta desta afirmação, o meu telemóvel recebe uma mensagem. Depois outra.

caleb (14h07): *Não tive nada que ver com isto. O idiota tirou-me o telemóvel*

desconhecido (14h07): *E agora tenho o teu número. Encara a realidade, somos inevitáveis, Seattle*

Esta mensagem é seguida de uma fotografia do Jake a fazer um olhar de «estás lixada». Depois, uma segunda em que ele está com o Caleb num braço de ferro.

Eu gemo. Estou frita!

RACHEL

—Então... espera. Estás a dizer que conhecestes este tipo em Seattle, no casamento do Harrison? — Tess está incrédula, com a sobrancelha grossa levantada por detrás dos óculos no ecrã do telemóvel.

É domingo à noite, e eu evitei o Jake durante todo o fim de semana. Fui convidada para ir ao Rip's na sexta-feira à noite para celebrar o fim da pré-temporada, mas recusei. Ainda tinha as malas para ir buscar ao aeroporto e precisava de tempo para respirar e recompor-me.

Ontem, escondi-me o dia todo, só fui ao IKEA para dar um jeitinho à minha varanda, o que incluiu comprar um batente para a porta de vidro deslizante, porque *nunca mais* vou ficar presa aqui fora de tanga.

Passei o dia de hoje a explorar a cidade sozinha, apanhei algumas flores e agora estou aninhada no canto do meu novo minissófá. Uma fila de flores e fetos acabados de plantar está pendurada ao longo do corrimão. Acrescentei um tapete de exterior, algumas velas elétricas e um pequeno cesto de junco para o meu equipamento de ioga. Dois conjuntos de luzes exteriores estão pendurados no teto, deixando um suave brilho dourado.

Em suma, estou orgulhosa de mim própria por este trabalho de arromba.

Bebo um gole do meu vinho, olhando a Tess pelo telefone.

— Sim, conhecemo-nos em Seattle.

Ela pestaneja para mim, depois mexe-se e senta-se na cama.

— Oh, rapariga... espera. Quando dizes «conhecer»... *conheceste-o?*

Eu aceno com a cabeça e ela grita através do telefone.

— Oh, meu Deus, isso é fantástico! — ela ri-se. — Sua tarada. Engataste um jogador da NHL no casamento do teu irmão...

— Não *no* casamento — corrijo. — E eu não sabia que ele jogava na NHL. Não sabia nada sobre ele. Não trocámos nomes. — A Tess ri-se.

– Meu Deus, és mesmo *selvagem*, miúda.

– Não me senti muito selvagem no momento – admito. – Pareceu-me... correto. *Ele* sentiu-se bem. Foi... – Tenho dificuldade em encontrar as palavras para explicar o que Seattle significava para mim. – Cósmico – digo. – Tínhamos uma ligação cósmica... temos – acrescento suavemente.

Tess solta um suspiro dramático.

– Mas agora assinaste com a equipa dele e estás a atormentar-te porque és médica e ele é um jogador e tens de manter as tuas mãos excitadas só para ti, certo? É esse o problema?

– Claro que é o problema – digo. – Tess, eu não posso... – gemo, pondo o meu copo de vinho de lado com um tilintar. – Não posso começar algo com ele outra vez. Não posso estragar esta oportunidade. Aos últimos três bolseiros Barkley da clínica foram oferecidos cargos permanentes quando as suas bolsas terminaram. Este pode ser o início da minha nova carreira.

Tess está pensativa, com os lábios franzidos enquanto acena com a cabeça.

– Sim... ou pode ser o início do resto da tua vida com o Rapaz Mágico...

– Rapaz Mistério.

Ela suspira de novo.

– Olha, Rach. Tu sabes que eu te amo. Sabes isso, não sabes?

– Sim.

– Bem, tens esta coisa de sabotar todas as tuas relações. Não lhes dás pernas para se aguentarem antes de as cortares pelos joelhos. E agora estás a dizer-me que tens uma ligação cósmica com o Rapaz Mágico...

– Rapaz Mistério – corrijo outra vez.

– Tanto faz. – Ela acena com a mão. – Estamos a falar de planetas que se alinham, estrelas que brilham, e tu estás sentada sozinha num domingo à noite, a falar *comigo*? Rach, vives na mesma cidade que este rapaz mágico e... *espera*... estou a assumir que o sexo foi bom? Por favor, diz-me que foi bom. Diz-me que ele tem um membro lindo de vinte e cinco centímetros que vibra.

Eu quase choramingo quando as memórias me inundam, engolindo um gole do meu vinho.

– Tess, estou sem palavras. Não há palavras.

Ela está a gritar outra vez.

– Meu Deus, estou com *tanta* inveja. Preciso de uma queca decente como preciso de um bom *spray* desembaraçador – diz ela, afofando os seus caracóis ruivos com os dedos. – Ele tentou contactar-te?

Tentou? Abro a minha aplicação de mensagens e clico no nome dele. Uma longa série de mensagens dos últimos dois dias enche o meu telemóvel. A maioria é de ontem.

jake (7h37): *Bom dia, Rapariga de Seattle. Mais um dia lindo em Jax.*

*Perfeito para um passeio na praia *emoji onda**emoji palmeira**emoji sol**

A seguir, enviou uma fotografia dele sem camisa na praia como se fosse um maldito petisco.

jake (9h45): *Ei, como é que tomas o teu café? Nunca chegámos a comparar as nossas rotinas matinais*

jake (9h46): *Espera... tu bebes café? Por favor, não me digas que bebes kombucha ou uma porcaria de fruta com espuma*

jake (9h48): *O Cay bebe mochas de hortelã-pimenta como se fosse um duende de Natal esquisito. Juro que, se não gostasse do parvo, a nossa amizade tinha acabado*

Eu estava no corredor de terra para vasos da loja de jardinagem quando essa mensagem chegou e sorvi um gole do meu café americano perfeitamente normal com natas e dois cubos de açúcar.

jake (12h37): *Adoro o dia da batota!*

Depois enviou uma foto de um prato enorme de *sushi* colorido.

jake (17h50): *Qual é a tua cor favorita? A minha é *emoji coração azul**

jake (21h45): *Boa noite, linda. Para tua informação, eu vou dormir muito cedo*

jake (21h45): *A não ser que estejas na minha cama, claro*

A última coisa que enviou no sábado foi uma fotografia dele, sem camisa, no escuro, estendido na cama. Tinha um sorriso sonolento na cara, com uma mão a despentear o cabelo.

Não consigo parar de sorrir.

– Rapariga, o que se passa? – pergunta Tess com um sorriso. – Que cara é essa? Ele tem estado a enviar-te mensagens, não tem? Meu Deus, o que é que ele está a dizer?

– Nada – respondo, tocando no ecrã dela para esconder as mensagens.

– Sua mentirosa – ela brinca. – Tens praticamente corações nos olhos. São coisas sujas? Manda-lhe uma mensagem de volta.

– Não...

– Oh, meu Deus, por favor manda-lhe uma foto porca. Faz isso agora...

– Tess! – grito, pondo o meu vinho de lado novamente.

– As tuas mamas! – grita ela. – Manda-lhe uma foto sensual das tuas mamas. Tens umas mamas fantásticas, miúda. Partilha o amor. Por favor, Rach. Faz isso por mim.

– Que tipo de exemplo de contenção é que estou a dar, se o deixo em estado de latência todo o fim de semana para depois lhe enviar uma foto das minhas mamas?

– Ei, dois podem jogar o jogo dele – diz ela com um encolher de ombros. – Ele pode olhar, mas não pode tocar. Deixa-o louco.

O meu coração palpita com a ideia.

– Acho que isso seria considerado tortura em, pelo menos, trinta países. Castigo cruel e invulgar.

Tess apenas revira os olhos.

– Confia em mim quando digo que nenhum homem heterossexual nesta terra consideraria um castigo receber uma foto de mamas não solicitada da Rachel Price.

Eu sorrio, pegando no meu copo de vinho e dando um gole.

– Se eu mandar uma, tu também tens de mandar uma.

Ela engasga-se com uma gargalhada.

– O quê, para o Rapaz Mágico? Querida, a imponência das minhas mamas acabava com a vidinha dele.

– Não – digo eu, quase a emborcar o meu vinho. – Não para ele. De certeza que tens alguém cuja alma gostarias de ver ascender a um plano superior de existência?

Ela sorri.

– Talvez haja alguém.

Agora também estou a sorrir. Esta é a ideia mais terrível do mundo, mas já bebi dois copos de *chardonnay* e ele tem andado a encher o meu telefone todo o fim de semana. Dois podem jogar o seu jogo.

– Vou fazer isto.

A Tess está a gozar.

– Yeess, apanha-o, rapariga! Fá-lo suar! E liga-me amanhã! – Ela desliga antes que eu possa responder.

Assim que ela se vai embora, a minha confiança vacila. A Rachel Price *não* envia fotografias nua a homens. De repente, fico nervosa. Pego no meu vinho e no telemóvel e vou para dentro.

Não devia mesmo fazer isto. Não o quero enganar.

Mas tu queres mesmo ter um orgasmo.

Tremo só de pensar nisso, e a minha boca faz um sorriso. Sim, só de imaginar a cara do Jake quando o telemóvel toca é o suficiente para me deixar excitada. E não há literalmente *nenhuma* maneira de ele não responder. Se eu não tiver cuidado, posso tê-lo a violar as leis do trânsito, a correr para aqui para tratar dos negócios pessoalmente.

Isso seria assim tão mau?

Resmungo, pousando o meu copo de vinho. Dispo a camisola dos Ferrymen e atiro-a para o fundo da cama. Agora estou apenas com os meus calções de pijama sedosos. Nem pensar em mandar uma foto do meu traseiro. Nem sequer o vou deixar ver as minhas mamas todas.

Rastejo para a cama, sentando-me contra as almofadas. Cruzo o braço direito sobre as meninas, apertando-as um pouco e levantando-as. A iluminação é boa, apenas um brilho suave do meu candeeiro lateral. E se eu inclinar bem a fotografia, aparece apenas o meu pescoço e peito. Está tudo coberto e o ângulo termina nas minhas ancas.

Antes de perder a coragem, tiro a fotografia. Isto é uma loucura, mas tenho um plano. Envio a fotografia e fico à espera.

JAKE

Depois de um longo dia de treinos, sabe bem descontraír com a malta.

Estamos a experimentar um novo restaurante esta noite, comendo o nosso peso em asas de frango e salada. A comida é uma porcária e a música está demasiado alta, mas temos uma ótima vista para o oceano.

Caleb senta-se ao meu lado, lendo as estatísticas dos jogos de apresentação das outras equipas da NHL. Morrow e Novy sentam-se à nossa frente, com os cotovelos a baterem na mesa estreita.

– Oi, rapazes – diz Novy com uma gargalhada. – Vejam quem temos aqui. – Caleb e eu olhamos por cima dos nossos ombros.

– Aparentemente aquele idiota acha que é bom demais para se sentar connosco – diz Novy, com um suspiro.

É então que o vejo. Mars Kinnunen é um gigante. Está sentado sozinho no balcão, a olhar para o telemóvel enquanto janta.

Se reparou em nós, sentados a quinze metros de distância, não o demonstrou.

– Ele odeia-me – acrescenta Novy, pegando na sua cerveja e dando um gole.

– Ele gosta de ti, Novy – diz Caleb, voltando-se para trás.

– Não, ele é finlandês – contrapõe Novy. – Quando nos conhecemos, ele tentou falar comigo em russo e eu fiquei a olhar para ele. O único russo que conheço são os palavrões do meu avô. Ele revirou os olhos e foi-se embora.

– Não, ele é simpático – diz Morrow. – É um ótimo jogador. Os guarda-redes são sempre estranhos, não é?

– Já tentaste falar com ele? – Caleb pergunta-me.

Eu também encolho os ombros. Não tem havido muitas oportunidades. Os guarda-redes têm sempre horários ligeiramente diferentes. Têm os seus

próprios treinadores, as suas próprias horas de treino. Quer dizer, tenho-o visto por aí, e falamos no gelo quando é preciso, mas não lhe sei dizer nada sobre ele para além das suas estatísticas.

Caleb dá-me um empurrão forte.

– Mas que raio? – resmungo, enquanto os outros rapazes riem.

– Vai falar com ele. Vai cumprimentá-lo.

– *Vai tu* falar com ele – resmungo.

– Eu falo com ele a toda a hora – responde Caleb. – Ele é um tipo fixe.

Sim, é calado, mas experimenta ter aquele ar e vê como não é fácil as pessoas aproximarem-se de ti primeiro.

Eu olho para trás em direção ao gigante finlandês. Caleb está certo, mesmo neste restaurante lotado, há uma aura em torno dele. O tipo transmite uma energia séria de «não se metam comigo.» Uma vez vi uma gravação dele numa luta no gelo. Ele derrubou o tipo com um soco.

– Faz isso – troça Novy.

– Sim, diz-lhe para vir para aqui – acrescenta Morrow. – Nós podemos puxar uma cadeira.

Eu gemo quando Caleb me dá outro empurrão. Ele tem razão. É a coisa mais educada a fazer. Dirijo-me para o bar.

– Olá – chamo-o, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

O Mars retrai-se sob a minha mão. Ele tem uma tatuagem fantástica nas costas, que se estende até à nuca. Consigo ver a tinta a espreitar pela parte de cima da *t-shirt*. Sei, por tê-la visto no balneário, que são as pontas das penas das asas abertas de um corvo.

Lentamente, ele vira-se para mim. Eu tenho 1,90 m, mas mesmo sentado no banco ele é mais alto do que eu.

– O que é? – murmura ele.

– Vi-te aqui – digo por cima da música. – Só queria cumprimentar. – Ele apenas pisca os olhos para mim.

Que bom. Isto já está a correr tão bem.

– Hum... então, o que achas da comida?

Ele olha para o salmão e a batata cozida do qual só comeu metade.

– É horrível.

Eu solto uma gargalhada.

– Sim, as asas de frango também são muito más. – Ele espera que eu continue a falar. A minha coragem está a começar a vacilar.

– Então... o que te traz aqui?

– Estava com fome.

Foda-se, isto é doloroso. Abortar missão.

Esfrego a parte de trás do meu pescoço.

– Ótimo, sim... bem, eu e alguns dos rapazes estamos ali – digo, apontando para a nossa mesa com vista para o mar.

Novy e Morrow acenam como um par de idiotas.

Mars acena-lhes com a cabeça.

- Queres juntar-te a nós?
- Ele olha para trás, para mim.
- Não.

Mayday. Mayday. Prepara-te para te despenhares e arderes.

Desloco o meu peso, com as mãos enfiadas nos bolsos.

- Fixe, hum... bem...

Sabes que mais? Que se lixe. Estou a tentar ser simpático, e ele está a ser um idiota total neste momento. Não vou andar em bicos de pés à volta do rabo dele durante toda a época.

- Posso perguntar porque não te sentas connosco?

Ele olha para mim com aquele olhar sem expressão.

– Estou no último capítulo do meu livro – explica ele, tocando no ecrã do telemóvel. O ecrã ilumina-se para mostrar um livro eletrónico. – Seria falta de educação ler numa mesa partilhada. Não quero ser mal-educado.

Eu pestanejo para ele, com a boca ligeiramente aberta de surpresa.

Bem, agora eu é que sou o parvalhão.

Não posso deixar de me rir. Pensei que este tipo estava a ser um idiota, mas na verdade, ele só está a tentar *não* ser um idiota. Vá-se lá saber porquê. Os finlandeses são tão estranhos.

– Claro, hum... bem, está bem então – digo, afastando-me. – Tem uma boa noite, Kinnunen.

Ele acena-me com a cabeça em sinal de despedida, voltando ao telemóvel.

Volto para a mesa. Porque é que me sinto como se tivesse tentado atirar-me a uma rapariga e tivesse sido rejeitado?

- Nenhuma sorte? – diz Caleb.

– Eu disse-te. Ele odeia-nos – diz Novy, a comer outra asa de frango.

Enquanto me afundo na cadeira, o meu telemóvel vibra no bolso.

Caleb desliza o seu cesto de batatas fritas para mim.

- Toma, mereceste-as.

Mas eu não consigo pensar em batatas fritas. Não consigo pensar em nada. Porque depois de dois dias a fotografar e a receber apenas o silêncio, estou a olhar para uma fotografia em *topless* da minha Rapariga de Seattle.

RACHEL

Mexo-me na cama, sentindo-me um pouco constrangida, mas depois o meu telemóvel toca.

jake (20h15): *Que merda. Da próxima vez avisa-me. O Caleb está sentado mesmo ao meu lado*

Sorrio para o meu telemóvel. Porque é que a ideia de o Caleb ver a minha fotografia no telemóvel do Jake me dá uma emoção secreta? Deito-me de costas e escrevo uma resposta.

raquel (20h16): *Bem, então afasta o telemóvel *emoji piscar de olhos**

O meu sorriso alarga-se quando levanto a câmara e tiro uma nova fotografia de outro ângulo. Desta vez, a minha mão com as tatuagens de estrelas está a segurar o meu peito, com os dedos abertos numa bela fotografia de peito lateral. Continua a não se ver nada, e só ele saberia que sou eu por causa das tatuagens à mostra. Eu envio-a. De imediato, vejo três pontos a dançar.

jake (20h18): *Foda-se. Seattle, estou em público. Espera...*

Só demora um minuto ou dois até o telefone tocar. Claro que é ele. Respiro fundo e atendo.

– Estou?

Onde quer que o Jake esteja, está muito barulho. Ele suspira ao telefone.

– Que raio me estás a fazer, Seattle?

– Estou a responder às tuas muitas e muitas mensagens – respondo. – Porquê, não querias que eu respondesse?

– Estou com os rapazes. Quase caí da cadeira e vim para a casa de banho com um ataque de coração.

– Onde estás? – pergunto, esticando-me na cama. Só o som da sua voz me acalma, mesmo quando me aperta mais.

– Não sei. Num restaurante de praia qualquer. Seattle, porque é que tenho uma foto tua em *topless* no meu telemóvel?

– Passaste o fim de semana a mandar-me fotos em *topless*. Achei que era justo retribuir.

Ele fica calado por um instante.

– Isto é um truque. Isto é... não sei onde fica o alçapão, mas estás prestes a puxar uma alavanca, não estás?

Eu rio-me.

– Não há truques. Nada de alçapões. Considera isto o meu pedido de desculpas.

– Desculpas?

– Hum! – Descaradamente deixo a minha mão livre vaguear sobre o meu peito nu. Saber que o tenho só para mim está a deixar-me tão molhada e necessitada.

– Porque estás a pedir desculpa? Espera... – Ele rosna a sua frustração. – Seattle, que raio estás a fazer?

Suspiro enquanto deslizo os dedos por baixo da parte de cima das minhas cuecas.

– A tocar-me.

– Oh, foda-se! Muda para o vídeo.

Eu rodo os meus dedos sobre o meu clitóris.

– Não.

– Querida, o que estás a fazer? Fala comigo.

– Tenho a mão dentro das cuecas – respondo. – Estou a tocar-me. Jake, estou tão molhada – gemo, com a ponta do meu dedo a entrar na minha vagina.

O som grave do seu gemido é como uma bofetada direta no clitóris. Arqueio as costas num suspiro, afundando um dedo ainda mais.

– Querida, tens de falar comigo. Diz-me o que se passa.

– Eu... – Eu suspiro de frustração. Nunca tive jeito para conversas porcas ao telefone. Se alguma vez trabalhasse para uma linha telefónica de sexo, os rapazes provavelmente pediriam um reembolso. – Espera aí. – Tiro os meus calções de dormir de seda e a minha roupa interior.

– Estás a dar cabo de mim, querida...

– Espera *aí* – digo outra vez, tocando no ícone do telefone para mudar para vídeo.

– Oh, porra, sim... – As palavras dele são interrompidas quando a chamada muda.

Seguro o telemóvel com uma mão, para que o meu rosto fique à vista. A câmara dele liga-se e vejo o seu belo rosto de perto no ecrã. Está escuro. Há uma parede fortemente grafitada atrás dele.

– Onde estás? – murmuro.

– Sei lá – responde ele. – Numa casa de banho de um restaurante de praia da treta. Tranquei a porta, mas não posso acampar aqui. Agora, chamaste-me por alguma razão.

– Sim – respondo, abrindo as pernas e deixando os meus dedos explorarem de novo. Não consigo evitar. Ao vê-lo e ao sentir-me tão excitada, não consigo deixar de me tocar.

– Ligaste-me para pedir desculpa – insiste ele.

– Hum – digo, circulando o meu clitóris novamente. Estou a morder o lábio inferior para conter o meu gemido.

– E porque é que estás a pedir desculpa?

Eu continuo com a minha mão, mantendo o seu olhar escuro.

– Não quero magoar-te – respondo. – *Nunca* te quis magoar.

Ele acena com a cabeça, passando uma mão pelo cabelo.

– Bem, é o que é, não é?

Eu abano a cabeça.

– Não. Isto é real, Jake. O que nós temos... – Se eu tentar pôr isso em palavras, vou chorar. E eu não quero chorar esta noite. Só me quero sentir bem. Quero que ele se sinta bem também. – Deixei-te em Seattle. Não chegaste a despedir-te.

– Sim, foi mau – murmura ele.

Eu respiro fundo, soltando o ar.

– Então, agora é a tua oportunidade. – Ele levanta uma sobrancelha escura.

– O quê?

– De dizer adeus.

– Seattle, o que é que tu...

– Roubei-te a oportunidade de me teres uma última vez – explico. – Eu sabia que se o fizesses, não seria capaz de me afastar. Eu teria ficado. Ter-te-ia dito o meu nome. Bem, agora o jogo mudou. Nenhum de nós se pode ir embora. E tu sabes o meu nome, de qualquer maneira. As razões que me levaram a fugir já não importam. Então aqui estou eu. Estou nua e digo sim a tudo o que quiseses para os próximos... – Toco no ecrã para ver as horas. – Cinco minutos.

Ele geme, passando uma mão pelo cabelo.

– Cinco minutos? Mas que raio?

– Ei, eu tenho um avião para apanhar, lembras-te? – provoco-o. – Diz adeus, Jake.

– Estás metida em sarilhos.

– O relógio está a contar, meu anjo. Vais fazer-me vir?

– Com tanta força que se veem estrelas – responde ele, virando-se para se encostar à parede da casa de banho. – Toca-te. Toca nos teus seios. E mostra-me – acrescenta, com uma voz dura de comando.

Inclino o telemóvel um pouco para baixo até as minhas mamas ficarem na imagem. Toco em cada uma delas para ele, apertando cada mamilo com força até ficar a tremer de necessidade.

– Linda menina. Estás tão bonita – diz ele. – Tão desejável. Sabes que, se eu estivesse aí, estaria a tocar nessas mamas com a minha língua, a mordê-las até deixar marcas de dentes, a marcá-las. Tu és *minha*, Seattle.

– Hum... por mais quatro minutos – provoco. – Vais apressar isto?

– Tira as cuecas – ordena. – Abre as pernas.

Sorrio, levantando o telemóvel para mostrar o meu rosto.

– Já vou muito à tua frente. – Levanto um pouco o telemóvel e viro a câmara para que faça uma panorâmica sobre o meu corpo nu.

– Oh, porra! – ele geme. – Mata um homem, porque não? Abre essas pernas, querida. Toca-te. Usa os teus dedos. Dois na vagina, o polegar no clitóris.

Apresso-me a obedecer, adorando a sensação de receber ordens dele. Os meus dedos afundam-se no meu centro apertado e húmido, e deixo o polegar fazer pequenos círculos no meu clitóris.

– Oh, meu Deus! – gemo. – Jake, estás duro para mim?

– Como aço, querida. Não fazes ideia.

Respiro fundo, sentindo aquela espiral gloriosa de um orgasmo iminente no fundo das minhas entranhas. Essa sensação quente está a espalhar-se.

– Estou quase – ofego. – Tira a tua pila para fora. Vem-te comigo.

Ele geme de novo. Nem sequer o consigo ver deste ângulo, mas consigo ouvi-lo, consigo ouvir o seu desejo por mim.

– Tens um vibrador? Não aquela coisa de tentáculos. Não vais usar isso a não ser que eu esteja lá para o segurar.

Eu suspiro, os meus dedos parados dentro de mim.

– Ele contou-te sobre isso?

– Claro que me contou – diz ele, com uma risada baixa. – Mas podemos não falar do Cay enquanto tenho a mão na minha pila? Arranja um vibrador. Quero ver-te a montar um brinquedo e fingir que sou eu.

Viro-me, abrindo a gaveta da minha mesinha de cabeceira. Tiro o meu fiel vibrador cor-de-rosa com um estimulador de clitóris. A coisa vem com umas quinze configurações, mas eu só gosto de uma. Alta voltagem. Arruína-me sempre. Eu seguro-o para ele e sorrio, ligando-o.

– Oh, foda-se, sim! Mete-o devagar e com cuidado. Monta-o para mim e deixa-me ver. Foda-se, estou tão perto. Vou-me vir nesta merda de casa de

banho a ver-te desfazeres-te, querida.

Introduzo-o, ajustando-o no meu clitóris com um suspiro suave. Vibra tão bem, atingindo-me por dentro e por fora. Mudo o ângulo da câmara para que ele possa ver como eu mexo o brinquedo, as minhas ancas arqueadas.

– Oh, meu Deus, eu estou tão perto, Jake – sussurro.

– Também eu. Foda-se, és tão linda. Tão perfeita. Vem-te para mim, querida.

Entre a sua voz e as vibrações, chego ao auge do meu orgasmo com tanta força e tão depressa. Desfaço-me em pedaços, gritando por ele, convulsionando-me com cada onda do meu orgasmo. Aperto-me à volta do brinquedo, estrangulando-o com a minha vagina, enquanto ele vibra contra o meu clitóris. Estou toda quente e depois tremo, solto-o e atiro-o para a cama ao meu lado.

Encosto-me às almofadas e viro a câmara para olhar para ele. Ele também está a respirar com dificuldade, com os olhos vidrados. Viemo-nos juntos. Mesmo através do telefone, os nossos corpos estão tão sincronizados um com o outro. Podemos estar separados pelas circunstâncias, mas este homem tem um pedaço da minha alma.

Lambo os meus lábios ressequidos, à espera que ele olhe para mim. Quando ele o faz, vejo o relaxamento.

– Melhor? – murmuro.

– Muito – responde-me ele.

– Não posso oferecer-te mais agora, Jake.

Ele acena com a cabeça.

– Eu sei.

– Mas pelo menos pudeste despedir-te.

– Foi um adeus a quem éramos em Seattle. Dois estranhos perdidos e sozinhos. – Ele olha diretamente para mim, os seus olhos ardem com intensidade. – Mas nós já não somos estranhos. O meu nome é Jake Compton e sou o defesa titular dos Jacksonville Rays. Gosto de *sushi*, a minha cor favorita é azul e bebo o meu café forte. Tenho uma irmã gémea e odeio todos os sabores de água com gás. E não vou a *lado nenhum*, Rachel.

– Jake...

– Se me deres uma oportunidade, serei tão bom para ti. Vou tratar-te tão bem, querida. Para mim, és a única.

Eu sento-me, com os olhos arregalados.

– Jake... o quê?

Ele ri-se.

– Calma, eu não estou aqui a pedir-te em casamento. Não sou *assim tão* louco. Só estou a dizer que estou dentro. Se queres um amigo, tens um. Um namorado, ótimo. Um amigo com benefícios, estou lá. É só dizeres a hora e o local. Porque *não* somos estranhos, Rachel. E eu recuso-me a agir como tal. Não vou andar em bicos de pés na minha vida a fingir que não estás nela, quando estás. E se não gostares, então... bem, isso é uma pena. Fizeste uma

escolha por nós os dois em Seattle, agora eu estou a fazer esta escolha.

Sorrio, encostando-me às almofadas.

– Relaxa, Jake. Eu também gosto. Nós somos amigos.

Ele levanta uma sobrancelha escura.

– Com benefícios? – Eu cerro os lábios.

– Amigos.

– Certo, amigos a trabalhar nas condições da sua amizade, para incluir uma cláusula sobre benefícios.

Eu rio-me, revirando os olhos.

– É melhor voltares para a tua mesa.

– Garanto-te que se foram embora sem mim. Aposto que pensam que me fui embora para não pagar a conta.

Nesse momento, ouço uma batida estrondosa na porta.

– Jake! Caramba, meu, estás a morrer aí dentro?

– Espera! – grita Jake.

– Boa noite, Seattle. Vejo-te amanhã, logo de manhãzinha.

– De manhãzinha? – franzo o sobrolho.

Ele lança-me um sorriso diabólico.

– Não verificaste a tua agenda? Vamos fazer exames físicos amanhã.

– Sim...

– Bem, eu serei o teu primeiro paciente.

Eu resmungo.

– É melhor dormires o teu sono de beleza, Rapariga de Seattle. Eu sou bastante chato de manhã. E não sou nada comparado com os outros rapazes.

– Oh, meu Deus! – Eles vão começar a gozar comigo amanhã, não vão?

Ele ri-se.

– Tu sabes que sim. – Depois ele desliga, deixando-me sozinha na cama com um vibrador a funcionar.

CALEB

—Vá lá, estamos atrasados – murmuro.

O Sy está a demorar tempo esta manhã. Normalmente, tentamos ir para a praia e fazer uma caminhada ao nascer do sol ou ele rema e eu surfo. Mas hoje tenho de entrar mais cedo. Este cão tem de se despachar e fazer o que tem a fazer para o poder levar novamente para cima.

Verifico o meu telemóvel, escrevendo a mensagem para o Jake. A noite passada foi esquisita. Ele desapareceu na casa de banho durante vinte minutos. Quando saiu estava todo corado e de olhar vidrado. Se eu não o conhecesse bem, juraria que ele esteve a fazer sexo lá. Mas eu estava ali quando a porta se abriu e ele saiu sozinho.

Perguntei-lhe sobre isso no caminho para casa e ele ficou todo reservado, mudando o assunto. Algo se passa. Odeio pensar que ele está a esconder-me alguma coisa. Não é assim que funcionamos juntos. Ou, pelo menos, não era... mas ele já anda esquisito há alguns meses.

Culpo esta Rapariga de Seattle.

O Jake foi a Seattle para se encontrar com a Amy antes de começar a época de treino. Também andava muito excitado com isso. Só falou nisso durante semanas. Eu não o estou a culpar. A Amy é fantástica. Mas depois recebo um telefonema desesperado dele a dizer que o voo da Amy tinha sido cancelado e ele estava sozinho. O Jake *odeia* estar sozinho. Falei com ele e ele prometeu ligar-me depois de mudar o voo.

A seguir, o idiota não fala comigo durante *dois* dias. Estava prestes a ligar à polícia de Seattle e dar início a uma busca. Depois ele aparece no Jax com estrelas nos olhos, a falar da sua preciosa Rapariga de Seattle. O melhor sexo da sua vida, o seu sonho tornado realidade. *Blá, blá, blá*.

Se ela era assim tão boa, porque nunca lhe disse nada? Esgueirou-se

antes do nascer do sol sem deixar o nome nem o número de telefone. Não estou a tentar ser agoirento, mas não me parece o início de nenhuma história de amor que conheça.

Nos últimos dois meses, vi-o mudar. Ficou mais calmo, mais temperamental. Quero dizer, é tudo relativo, estamos a falar da versão de calma do Jake. O homem não tem filtro, nem vergonha, nem interruptor de «desligar». Ele costumava largar tudo e ligar-me se visse um pássaro interessante enquanto conduzia. Não consegue comer uma refeição se não me enviar primeiro uma foto dela. Agora está a fazer alguma coisa na casa de banho e a escondê-lo de mim.

Acho que o início da temporada está a chegar na hora certa. Vamos voltar à estrada, e ele pode desabafar as suas frustrações sobre a perda da sua Rapariga de Seattle com algumas coelhinhas. Não vou mentir, estou a contorcer-me só de pensar nisso. Depois de algumas más experiências na faculdade, o brilho da vida de coelhinhas desapareceu rapidamente para mim.

Foi preciso perder tudo com a minha lesão no joelho para enfrentar a verdade que escondi de todos, inclusive de mim mesmo: sou homossexual. Ao crescer nos vestiários dos homens, encontrei maneiras de dissociar-me dessa parte de mim. Se alguém me tivesse tentado dizer que gostava de sexo com homens, ter-me-ia rido na sua cara.

Quando o fardo de ser uma estrela da NHL me foi subitamente arrancado, eu respirei pela primeira vez sem restrições. Estava livre para explorar o que eu tinha mantido enterrado todos esses anos. Alguns engates bêbados na parte de trás de bares revelou a verdade surpreendente. Eu realmente gosto da sensação de um pau na minha boca.

Não que eu me delicie com muita frequência. Na verdade, eu não faço sexo há um ano. Estou farto do vazio dos engates de bar. Eu posso tratar do desejo com a minha mão. O que eu desejo é algo... mais profundo. Eu quero conexão e intimidade. Alguém que me desafie. Alguém que... me entenda.

Se não posso ter isso, prefiro ficar sozinho.

Eu dou um pequeno puxão à coleira do Sy, virando-me para voltar para o apartamento. Quando me viro, vejo a Rachel a pular pelas escadas, de telefone numa mão e caneca térmica de café na outra. O seu cabelo escuro está torcido num nó.

Ela não repara em mim ou no Sy quando se dirige para a carrinha. Eu vejo-a parar em frente à porta do lado do condutor. Ela fica ali, a olhar para o puxador. Depois de um minuto, ela entra e fecha a porta, mas não arranca.

Curioso, eu espero. Ela liga a carrinha, e esta começa a trabalhar. Ela quase salta no banco com o som e eu sorrio. Porque é que esta rapariga está a conduzir uma carrinha tão grande? Ela fica somente sentada, com as duas mãos agarradas ao topo do volante e o motor ligado.

Maldição.

Dirijo-me lá, dando à trela do Sy outro puxão suave. Ele saltita feliz. Chego à janela dela e bato.

Ela dá um salto, com uma mão sobre o peito, enquanto baixa a janela.

– Oh, meu Deus, assustaste-me! Não sabes que não deves surpreender uma mulher num parque de estacionamento?

– Eu estive sempre aqui – respondo, com um encolher de ombros. – Simplesmente não estavas a prestar atenção ao que te rodeava.

– Mesmo assim – murmura ela, pondo a mão novamente no volante.

– Então... o que estás a fazer aí, Furacão?

Ela estreita os olhos escuros.

– Se eu te disser, gozas comigo.

Levanto as duas mãos, um dos punhos com a trela do Sy.

– Nunca me passaria pela cabeça.

Ela suspira.

– Ótimo. Estou a ambientar-me.

Levanto uma sobancelha.

– O quê?

– Posso estar um tanto nervosa por conduzir esta carrinha – admite ela. – Ainda não me habituei a ela – acrescenta rapidamente.

– Porque escolheste uma coisa tão grande se...

– Não escolhi – resmunga ela. – Eu... aparentemente era a única opção. A Vicki disse que conseguiram um bom negócio.

– Tu *sabes* conduzir, certo? Ou seja, estás legalmente habilitada a guiar veículos motorizados?

– Sim, Caleb – diz ela, revirando os olhos. – Sou uma mulher adulta, médica e tenho carta de condução. Eu só... – Ela fica silenciosa, as duas mãos ainda agarradas firmemente ao volante.

– Tu só... o quê?

– Ugh, *está bem*! Eu não sou uma condutora muito confiante, *okay*? Odeio conduzir e não sou boa nisso. Algumas pessoas são boas condutoras e eu... eu não sou. O gene simplesmente ignorou-me – acrescenta ela baixinho.

Oh, caramba! Ela está prestes a chorar outra vez?

– Tenho a certeza de que te vais sair bem – respondo, mexendo os pés. Devia ir-me embora agora. Ela claramente tem isto controlado. Não há nada para ver aqui.

Ela ri-se, mas soa estranho. É muito alto e estridente.

– Oh, sim. Sou ótima. Supersegura e fiável. Só chumbei no exame de condução *três* vezes!

– Tu... *três* vezes? Como é que isso é possível?

– Ei, eu *passei* no meu exame de admissão a medicina, muito obrigada! – atira ela. – Conduzir é difícil para algumas pessoas. E eu nunca tive de aprender quando crescia.

– Onde raio vivias para não precisares de conduzir?

– Sempre tive motorista – diz ela, encolhendo os ombros.

Junto as peças e sorrio.

– Oh... merda! Furacão, tu comias com talheres de prata?

Ela olha bruscamente para mim antes de baixar o olhar para o volante.

– Era mais do género platina.

– Rachel...

– Tudo bem, Caleb. Sou uma menina crescida com uma carrinha enorme e assustadora. Estou só a dar-me alguns minutos antes de ir para a estrada – acrescenta ela. – Tu sabes, para tua própria segurança.

Tomo a decisão que já devia ter tomado há três minutos, e encolho os ombros.

– Porque não te dou boleia para o trabalho? – O olhar dela atinge-me.

– Não.

– Porque não? Vamos para o mesmo sítio. É melhor assim. Mais amigo do ambiente.

– Eu não preciso de ser levada como uma menina rica e mimada. E não quero aborrecer a Vicki – acrescenta. – A equipa está a pagar para que eu tenha uma carrinha como parte da minha bolsa. Não posso simplesmente não a conduzir. Estou bem, a sério – diz ela, novamente.

Eu abano a cabeça a rir-me, batendo nos meus bolsos. A rapariga é tão teimosa. Já tenho as minhas chaves e a minha carteira. Abro a porta do carro.

Ela guincha.

– Caleb... O que...

– Sai daí.

– O que raio estás a fazer?

– Não me deixas levar-te no meu carro, por isso vou eu conduzir este. Ao contrário de ti, eu adoro conduzir e sou excelente nisso. Agora, vai para o outro banco.

– Meu Deus, isto é tão embaraçoso – murmura ela, libertando o cinto de segurança e passando por cima da consola central. Tenho um belo vislumbre do seu rabo.

– Sy, sobe – digo, batendo no banco.

Ele salta para o banco do condutor, e ela suspira de alegria.

– Oh, meu Deus! Ele vem connosco? – Ela já tem as duas mãos estendidas a coçar-lhe as orelhas. O pequeno traidor está a abanar a cauda na minha cara. Eu tento metê-lo para baixo.

– Sim, Sy, para lá – aponto, com um estalar de dedos.

Sy salta do banco para o colo dela.

– És tão giro. Sim, és. Ui, estou obcecada pelos olhos dele – diz ela, passando os braços em redor do Sy enquanto ele sobe para o seu colo e lhe lambe o rosto. – Vens trabalhar comigo. O papá vai ver-te a toda a hora. Sim, vai. Nunca mais te vou largar. – Ela beija-lhe o focinho e ele adora.

Idiota sortudo.

Eu suspiro irritado comigo mesmo. Não faço ideia de onde surgiu esse pensamento. Claro que ela é linda, mas também é neurótica e meio irritante. Eu sorrio para mim mesmo. Ela e o Jake seriam perfeitos um para o outro. O meu sorriso descai e eu fico parado com a mão na porta da carrinha.

Rachel e Jake. Porque é que pensar neles juntos me excita tanto quanto me aterroriza? Eu olho para ela, observando-a a apertar o cinto enquanto fala parvoíces para o meu cão. Se esta médica linda, sofisticada e ligeiramente neurótica decidisse dar ao Jake Compton o melhor da vida, seria o fim do jogo. Ela tê-lo-ia como sua sombra para o resto da sua vida natural.

E depois eu perdia-o.

Com uma coelhinha reformada transformada em professora de jardim de infância eu poderia competir sem problemas. Mas a Furacão? Claro que não. Ela levava-o ao céu e arrastava-o com ela.

Merda, porque é que, de repente, me sinto a transpirar?

Ele tirou o número dela do meu telefone no outro dia. Disse que o queria para que ela ficasse confusa. Ele e o Novy encarregavam-se sempre de tratar de todos os novos funcionários, por isso não me preocupei muito com o assunto no momento. Agora acho que fui um idiota.

Mas a sua confissão silenciosa na nossa primeira noite juntos ainda ferve no fundo da minha mente. Eu segurei-a na varanda, a sua pele nua como seda aquecida sob os meus dedos. *Tenho saudades dele*, disse ela de lágrimas nos olhos. Ela já tem alguém por quem está totalmente apanhada. De momento, pelo menos, o Jake está seguro.

RACHEL

O Caleb e eu separamo-nos junto ao café na entrada. Depois de jurar pela sua vida que me vai deixar ter outra festa de pijama com o Sy em breve, ele e o cão dirigiram-se aos vestiários. Eu vou para o ginásio, e apenas me engano no caminho uma vez.

Sinto-me envergonhada com o que aconteceu? Claro. Nesta altura, estou só a fazer uma lista mental. Se houver um momento embaraçoso, o Caleb vai arranjar maneira de o testemunhar. Espero realmente que o círculo cósmico encontre uma forma de equilibrar esta nossa relação em breve. Adorava sentir que, por uma vez, fosse eu a ajudá-lo.

Entro no ginásio e encontro a zona de levantamento de pesos cheia e a música a bombar. Já aqui há pelo menos vinte homens. Vários deles acenam-me e cumprimentam-me à medida que vou passando por entre o equipamento.

– Bom dia, Doc! – lança o rapaz louro e giraço.

Ontem passei algum tempo a rever a lista e a tentar dar nomes às caras. O nome dele é Langley e consta da minha lista para fazer exames físicos hoje.

– Bom dia, Langley – respondo com um acenar estranho, ainda a lutar com os meus disparates.

Ele sorri par mim com o peito inchado como se tivesse acabado de lhe dar uma estrela dourada pelo seu trabalho de casa.

– Lembrou-se do meu nome.

– Claro – respondo a sorrir.

O bom é que a maior parte dos rapazes responde pelo apelido. Entre o primeiro nome, o apelido e as hordas de alcunhas que dão uns aos outros, penso que será confuso nos primeiros tempos.

Arrasto-me até ao meu pequeno gabinete. Mal tenho oportunidade de pousar as minhas coisas antes de o sentir. Viro-me na minha cadeira rotativa,

batendo com o cotovelo na parede.

– Oh... merda... – Esfrego o cotovelo, olhando para cima para ver o impressionante Jake Compton.

Ele está a sorrir para mim e eu sinto-o por todo o corpo.

– Bom dia, doutora Price.

Reviro os olhos, agarrando a minha caneca.

– *Okay*, campeão, volta atrás um pouco.

– O quê? Não te posso chamar Doutora Price?

– Não, claro que me podes chamar Doutora Price – digo eu, bebendo o meu café. – Queria dizer para voltares atrás com os olhos.

Ele encosta-se à porta de braços cruzados.

– Os meus olhos?

– Sim, eles denunciam-te.

– Ah, sim? E o que dizem os meus olhos esta manhã? – Ele pestaneja como se estivesse a engatar-me.

Levanto-me da minha cadeira, o que pouco faz para me sentir que estou a recuperar o meu lugar. Ele continua a ser muito mais alto do que eu.

– Eles estão a dizer que me viram vir-me ontem à noite.

Ele finge um suspiro.

– Doutora, não faço ideia daquilo que está a dizer. Os meus olhos estiveram comigo toda a noite. Pode perguntar ao Caleb. Ele dir-lhe-á que em nenhuma altura eu a vi a montar um brinquedo e atingir o clímax.

Fico parada mesmo em frente a ele, agarrando o meu café e o meu *tablet*.

– Vais desviar-te?

– Hum?

– Fazes uma porta melhor do que aquela que eu tenho, Jake. Desvia-te.

– Oh... – Ele ri-se, afastando-se da entrada.

– Ei, Doc, se o Compton a estiver a chatear, avise! – grita um dos rapazes. – Nós ensinamos-lhe as boas maneiras!

Alguns dos outros rapazes riem-se e também gritam, o ruído alternando com a batida da música.

Abro a sala de exames e ele pestaneja entrando, virando-se para subir obedientemente para a marquesa. Esta sala tem um tamanho muito melhor, com espaço suficiente para um pequeno lavatório, um armário e a mesa de exames. Há alguns equipamentos que posso usar para testar a flexibilidade e o alcance do movimento.

Pouso o café na bancada junto ao lavatório e ligo o *tablet*. Encosto-me à parede junto à porta aberta e abro os seus ficheiros médicos eletrónicos.

– Então... vejamos o que temos aqui.

Jake cruza os braços sobre o seu largo peito, ainda a dar-me o olhar de «já te vi nua». Preferia que não fossem tão bonitos. São de um castanho caramelo no exterior, desvanecendo para um verde maçã junto à íris.

– Vais fechar a porta, Seattle?

Olho por cima do *tablet*.

– Hum? – O meu olhar dirige-se para a porta aberta. – Acho que não precisamos de fechar a porta para este exame. Não vou pedir que dispas a roupa. Isto é mais uma formalidade. Vou só tocar e estimular os joelhos um pouco.

– Bem, eu sou muito tímido – diz ele com um encolher de ombros e aquele sorriso sensual. – Prefiro saber que a minha confidencialidade médico-paciente não é quebrada por algum novato metediço. Estes tipos farejam as fraquezas como tubarões na água atrás do isco.

Faço uma pausa na minha leitura e olho para ele novamente.

– Se eu fechar aquela porta, vais comportar-te?

Ele assente, levantando dois dedos da sua mão direita.

– Palavra de escuteiro.

Oh, que maldição! Ele também fez aquele movimento giro em Seattle... mesmo antes de me foder e fazer gritar com os tornozelos nos seus ombros. Sei dizer pelo seu olhar neste momento que ele também se está a lembrar.

– Compton, eu juro que...

Ele solta uma gargalhada, levantando as duas mãos em sinal de rendição.

– Tudo bem, eu vou comportar-me. Olha, estou mesmo a portar-me bem. Faz as tuas perguntas, Doc. Isto é sobre ancas e joelhos, certo? Nada de mentiras, estou na minha melhor forma. Tive alguns problemas no meu menisco há cerca de dois anos. Fiz uma pequena cirurgia. Tenho jogado muito bem desde então.

Estreito os meus olhos para ele.

– Hum. Sabias que eu tenho um talento mágico?

Ele franze o sobrolho.

– Pôr um homem com tesão só com um olhar?

Abano a cabeça.

– Não. Basicamente, eu sou uma detetora de mentiras humana. Por isso, vou rever este ficheiro, examino-te e faço as perguntas, Compton. E se achar que me estás a mentir, faço mais perguntas. Faço mais exames. Vou tocar e verificar e fazer raios-X e perscrutar até os teus ficheiros serem tão grossos como uma lista telefónica.

O seu sorriso convencido desvanece um pouco. Não há nada que os atletas profissionais mais odeiem do que a ameaça de testes médicos. E aposto que o Jake Compton tem medo de agulhas. Vou dar-lhe um sumo de laranja depois de ele se passar e bater com a cabeça na minha mesa.

– Deves saber que o Doutor Tyler me deu poder de aprovação para os testes finais de pré-temporada – acrescento. – Queres jogar na próxima semana?

Ele acena a cabeça.

– Sim, claro que quero.

– Ótimo. Então acaba com o olhar porco. Neste momento, eu não sou a Seattle. Sou a Doutora Price. Por isso, diz-me quanto tempo durou a tua

recuperação pós-operatória ao menisco? Qual foi o regime de cuidados? E tenta não deixar nada de fora. – Retiro a caneta da parte lateral do *tablet*, olhando para ele, à espera.

Ele suspira, relaxando um pouco os ombros.

– Está bem, Doc. Vamos fazer isto à tua maneira.

O Jake é um perfeito cavalheiro durante o resto do exame. Ele responde às minhas perguntas, realiza toda a gama de testes de movimento que eu pedi, e só gemeu uma vez quando eu fiz uma verificação rápida às suas articulações da anca, com os meus dedos a verificar os músculos, e a sondar a tensão ou sensibilidade. Deixei-o ir com um sorriso e uma promessa rápida de que a sua posição inicial era segura.

A minha manhã está a correr bem, à medida que vou percorrendo a minha lista de titulares. Todos estes tipos foram aprovados pelo treinador para o plantel ativo. Desde que passem no meu exame, vão vestir o equipamento para o primeiro jogo.

Depois do Jake, apresento-me ao Lukas Novikov. É outro defesa. Alto e corpulento, tem uma cara que parece ter levado mais do que alguns golpes. Mas é simpático e sedutor. Parece estar bem da queda que deu na passadeira no outro dia, e deixo-o com a provocação para ter a certeza de que sabe atar os dois nós dos atacadores.

O próximo a entrar é Jean-Luc Gerard, a quem os rapazes chamam J-Lo. A primeira coisa em que reparo quando ele entra, para além dos dentes que lhe faltam, é a aliança de casamento que tem no dedo.

– És casado? – pergunto enquanto lhe massajo a rótula.

– Sim, doutora. Seis anos e a contar.

– Isso é bom. Tens filhos?

O resto do exame passa depressa enquanto ele percorre o telemóvel, mostrando-me inúmeras fotografias das suas duas filhas, que aparentemente passam todos os momentos em coroas e tiaras de princesa. Eu rio-me com a foto dele no meio, com um sorriso desdentado e grandes círculos de batom vermelho nas bochechas. Sim, todos os atletas que conheci são durões até as suas filhas nascerem. Depois derretem-se como manteiga. Aposto que ele sabe dizer mais nomes de princesas da Disney do que eu.

Ele aperta-me a mão quando sai, e eu verifico a minha lista.

– Kinnunen, és o próximo! – chamo pela sala de musculação cheia de gente, com os olhos no meu *tablet* enquanto fecho a ficha do Gerard.

Passado um minuto ou dois, olho para cima, para o ginásio. Nenhum sinal de Kinnunen. É impossível não reparar no homem. Dirijo-me a Novikov, que está prestes a entrar numa passadeira.

– Ei, viste o Kinnunen esta manhã?

Ele encolhe os ombros, olhando por cima do ombro para analisar a sala.

– Se calhar o treino foi longo. Eu não o vi, doutora. Ele acaba por

aparecer.

Suspiro, verificando a minha lista.

– Langley! É a tua vez!

Ouço um estrondo vindo de perto e viro-me.

– Ótimo. Sim, doutora. Vou já para aí! – O loirinho levanta-se do seu suporte de pesos, sorrindo como se fosse a estrela de um anúncio de pastilhas elásticas.

– Porque não vais andando para o gabinete? – digo. – Eu vou só ver uma coisa no escritório.

Separamo-nos nas portas, ele para a sala de exames, eu para o gabinete onde só cabem pessoas de pé. Agarro no meu telemóvel, para ver se tenho alguma mensagem perdida de Kinnunen ou do treinador de guarda-redes. Nada.

Entro na sala de exames, com o *tablet* debaixo do braço e envio uma mensagem a Hillary a pedir a remarcação de Kinnunen. Enfiando o telemóvel no bolso, volto a olhar para o *tablet*.

– Muito bem, Langley. Vamos lá começar. *Oh, meu Deus*, que raio estás a fazer?

Ele salta para a frente, com os olhos arregalados e os calções de ginástica a cair no chão. Está de pé junto à mesa só com os *boxers*, meias e sapatinhas.

– Eu não vi uma daquelas batas de papel.

Os meus olhos arregalam-se e abraço o *tablet* ao peito. Este tipo é um pedaço de mau caminho. Não há um único grama de gordura nele. E estava a meio de um treino, por isso os seus peitorais perfeitos estão brilhantes de suor.

– Por que raio estás a despir-te, Langley?

Agora ele está a olhar para mim como se eu fosse a maluca.

– Isto é um exame físico... não é?

Fico a olhar para ele.

– Isto... eu sou especialista em *joelhos*, Langley. Já estavas a usar calções. – Faço um gesto para a pilha de poliéster a seus pés.

A cara dele fica mais branca do que uma amêndoa.

– Mas os outros tipos disseram todos... – Ele faz uma pausa e ficamos a olhar um para o outro. Depois as suas bochechas passam de brancas a vermelhas. – Oh, malditos! Eu vou matar o Novy. – E ajoelha-se para apanhar os calções.

Eu não consigo esconder o meu sorriso enquanto abano a cabeça.

– Volta a vestir-te. Eu espero lá fora.

Assim que saio, o ginásio explode em gargalhadas. Todos os rapazes estavam aparentemente à espera de ver o que ia acontecer. O Jake está ao pé do Novikov, com o braço à volta do ombro dele. Os dois com sorrisos parvos iguais.

– Vê aí alguma coisa que lhe agrade, Doc? – provoca Novikov.

– De quem é que estão a troçar aqui, dele ou de mim? – pergunto.

– Dos dois! – grita um tipo, penso que se chama Karlsson. É sueco e tem um ar muito atraente.

O Langley aparece-me junto ao ombro, completamente vestido, e os rapazes voltam a gritar e a uivar.

– Vai-te lixar, Novy! Vocês são todos uns parvalhões! – grita ele antes de desaparecer de novo na sala.

– Por favor, diga-me que ele se despiu completamente – diz Novikov, com lágrimas nos olhos.

– Não, não despiu – respondo. – E só para referência futura... O primeiro tipo que se despir na minha sala de exames vai ficar no banco durante uma semana. É má ideia chatear a pessoa que assina as vossas autorizações médicas – acrescento, lançando um olhar mortal a Novikov e Jake.

– O que é que se passa, doutora? Não consegue apreciar um bom corpo masculino? – zomba Novikov.

– Oh, eu aprecio imenso um bom corpo masculino – respondo. – Só gostava de ter acabado o raio do meu café primeiro.

– Então, quer ver-nos nus... só que mais tarde – diz Jake. – Depois de ter acabado de beber o café.

– Sim, é tudo uma questão de *timing* – acrescenta Novikov, com um aceno de cabeça.

– Anotado, doutora – diz Jake com um sorriso.

– Podíamos tentar outra vez depois do almoço! – diz alguém. Ao mesmo tempo, um tipo começa a cantar «Afternoon Delight» e os rapazes desatam-se de novo a rir.

– Vocês são todos iguais – resmungo, virando-me para entrar na sala de exames.

– E adora os nossos rabos idiotas!

Fecho a porta com um estalido, abafando o riso deles, enquanto encaro um Langley apaziguado.

– Vamos lá acabar com isto, sim, doutora?

RACHEL

Termino o meu último exame físico da manhã com Josh O'Sullivan, o avançado que acabou de ser nomeado capitão dos Rays. É um tipo simpático com um corpo que dificilmente está a conseguir manter em forma. O meu palpite é que os joelhos dele podem estar a viver a sua última época. De todos os meus homens desta manhã, ele é o que vai precisar de mais cuidados preventivos.

Assim que ele se vai embora, vou até à ala dos fisioterapeutas para comparar as minhas notas com as do Avery. Ele está a meio de uns alongamentos com um jovem de cabelo preto encaracolado que tem o joelho artisticamente envolvido em fita adesiva.

– Precisas mesmo de uma ama para verificar o teu trabalho, Price? – diz o Avery com um murmúrio. – És assim tão incompetente que não consegues fazer uns testes básicos de amplitude de movimentos?

O atleta em que ele está a trabalhar fica imóvel, esforçando-se por fingir que não está a ouvir.

Ainda não conheço o Avery suficientemente bem para saber se está apenas a ter um dia mau ou se é mesmo o maior idiota do mundo.

– Não estava a pedir-lhe para tomar conta de mim – respondo, mantendo o meu tom profissional. – Só queria falar com um colega. O Avery conhece melhor os rapazes nesta altura e...

– Bem, primeiro tenho de acabar aqui com o Jonesy – diz ele, dando uma palmadinha no ombro do miúdo. – Não posso largar tudo para fazer o meu trabalho e o teu.

– Tudo bem – respondo. – Vou almoçar e depois volto cá.

Ele acena-me e o Jones lança-me um olhar de desculpas.

Saio da ala destinada à fisioterapia e solto um suspiro trémulo. Nem

pensar em deixar que um idiota me arraste para o fundo do poço. Ele vai ter de se esforçar muito mais do que isso para me magoar. Afastando todos os pensamentos sobre ele da minha mente, deixo o meu nariz seguir o cheiro tentador dos cachorros-quentes, levando-me ao longo corredor.

Este complexo de treinos é tecnicamente para os Rays, mas os rinques podem ser alugados para outros fins: hóquei júnior, aulas de patinagem artística, ou mesmo apenas uma sessão de patinagem para o público em geral. Quando um rinque está aberto ao público, abrem também uma pequena banca de concessão.

Ponho-me na fila e peço um cachorro-quente, uma dose de batatas fritas de churrasco e uma Coca-Cola Diet. Levando o meu almoço comigo, vagueio entre os rinques até encontrar alguns dos rapazes a fazer exercícios. Sento-me no banco, almoçando tranquilamente, observando enquanto eles patinam rapidamente através de alguns cones, movendo o disco pelo gelo em direção à baliza. O balançar dos patins e o bater do disco nos *sticks* é quase hipnótico.

Estes homens são tubarões no gelo. Cada um deles remata à baliza encurralado por um falso guarda-redes. É como um daqueles jogos de bola de esqui com buracos cortados para as cinco bolsas. Cada disco passa por um buraco, atingindo o fundo da rede sem falhas.

– O teu trabalho de pés é desleixado, Walsh! E bloqueia o *stick*, não estás a jogar minigolfe.

Olho de relance para a esquerda e vejo Caleb junto às tabelas. Ele tem os braços cruzados e a tatuagem à mostra. Eu estava a observá-la na carrinha, quando vinha para cá. É uma confusão de tatuagens individuais que foram tecidas em conjunto com um padrão consistente de ondas do oceano e uma colmeia geométrica para criar um efeito de manga.

O tipo com quem ele estava a gritar patina até às tábuas, deslizando até parar.

– O que estou a fazer de errado, chefe?

Ponho uma batata frita na boca e mastigo-a, enquanto vejo Caleb a falar-lhe da sua forma e do manuseamento do disco.

– Faz outra série – diz ele. – E tenta melhorar desta vez.

O tipo acena com a cabeça, como se Caleb fosse um treinador e não um responsável de equipamento, patinando para o meio do rinque para tirar um disco novo da pilha. Fico a ver como ele faz um círculo para ganhar velocidade. Depois voa entre os cones, com as lâminas a cortar à esquerda e à direita, enquanto trabalha o disco. Ele sai do fim dos cones e faz um remate à baliza, apontando para o buraco cinco. Em vez disso, o disco bate na tábua, fazendo ricochete.

– Estás a esforçar-te demasiado para controlar o disco – grita Caleb. – Está tudo no teu *stick*, Walsh. Sai da tua própria cabeça.

Um dos outros rapazes está a respirar contra as tábuas, com uma garrafa de água na mão.

– Dá para acreditar que este palhaço vai ser titular na próxima semana?

– diz ele, esguichando um pouco de água na cabeça até lhe escorrer pelo pescoço para as almofadas.

Caleb abana a cabeça.

– Ele acha que o seu trabalho de pés vistoso vai compensar o manuseamento desleixado do *stick*. Aposto que o vão pôr no banco depois do segundo jogo.

Diz isto suficientemente alto para Walsh ouvir enquanto patina até às tabelas. O pobre rapaz parece desanimado. Ele sabe que é um jogador da NHL, certo? Talvez com todas estas críticas se tenha esquecido.

Olho de soslaio para o Caleb.

– Caramba, Sanford – chamo-lhe a atenção. – Quem é que morreu e te nomeou treinador principal? Se é assim tão fácil, calça uns patins e mostra-lhe como se faz.

Assim que as palavras saem da minha boca, sei que disse algo errado. O olhar de Caleb torna-se assassino. Ao mesmo tempo, os dois rapazes partilham um olhar nervoso.

Olho de relance para eles, confusa.

– O que foi?

– Vejo-vos por aí – murmura Caleb para os outros dois, virando-se de costas e afastando-se.

Eu vejo-o partir, sentindo-me subitamente culpada.

– Caramba – murmura Walsh. – Isso foi duro, doutora.

– Sim, foi para matar – diz o tipo de cabelo escuro.

– É óbvio que acabei de fazer asneira – digo eu, saindo do banco e dirigindo-me para as tábuas.

– O Sanny vai ficar bem – declara o tipo de cabelo escuro. Ele patina, pronto para fazer outro exercício.

Olho para o Walsh.

– Achas?

Ele encolhe os ombros.

– Sim, provavelmente. Mas talvez devesses pesquisar no Google. E dar-lhe alguma margem de manobra – acrescenta enquanto põe de lado a sua garrafa de água. – Não deve ser fácil para ele. – Com isso, vai-se embora, deixando-me com a cabeça a andar à roda.

Assim que volto ao meu escritório, fecho a porta e tiro o telemóvel do bolso. Pesquiso «hóquei Caleb Sanford» no Google e, depois de dar uma olhadela superficial à página de resultados da pesquisa, estou prestes a rastejar para dentro de um buraco.

Ele era jogador. Um avançado, tal como Walsh. Os artigos são uma mistura das suas estatísticas universitárias e entrevistas, críticas brilhantes à sua velocidade e capacidade de marcar golos. Li o comunicado de imprensa que o anunciava como a terceira escolha do *draft* para a NHL. Ele assinou

com os Pittsburgh Penguins antes mesmo de sair da faculdade.

Mas depois há os artigos... e os vídeos. São quase demasiado horríveis para ver. Ele foi afastado no primeiro jogo da sua primeira época na NHL. Uma pancada brutal por trás esmagou-o contra as tábuas. O defesa tinha o dobro do seu tamanho. Foi ao chão e não voltou a levantar-se, contorcendo-se de dor, com a boca aberta num grito que não se ouve quando a câmara corta.

Um artigo deixou-me perplexa, com os olhos colados ao telemóvel. Inclui uma fotografia do início do primeiro jogo. Caleb está a patinar em direção à câmara com o braço à volta dos ombros de um sorridente n.º 42.

Jake.

Os dois foram contratados pelos Penguins. Por um momento brilhante, os seus sonhos comuns da NHL tornaram-se realidade. Mas, depois, o Jake viu o seu melhor amigo cair. Teve de o ver a ser levado para fora do gelo, com os seus sonhos destruídos juntamente com a perna.

Pus o telemóvel de lado, com lágrimas nos olhos. Era por isso que o Caleb estava a coxear no outro dia. Ele nunca recuperou da lesão de hóquei que lhe pôs fim à carreira. Já não pode jogar, muito menos ao nível exigido pela NHL. Por isso, agora, o Jake vive o seu sonho sozinho, enquanto o Caleb vê tipos como o Walsh, que têm menos talento do que ele, a patinar no gelo com um manuseamento desleixado do *stick*.

Sim, sou uma completa idiota.

Tenho de dizer alguma coisa. Tenho de pedir desculpa. Saio do meu gabinete e vou à procura dele. Não conheço muito bem a parte de trás dos rinques. É tudo em um: lavandaria, cais de carga, serviço de alimentação, manutenção. Ao passar pelos balneários, pergunto a alguns rapazes e eles indicam-me uma escada que dá para um corredor largo.

Sy surge de uma porta e eu sorrio, sabendo que devo estar no sítio certo. Ele vem a correr, com a cauda a abanar. É tão querido. Tem a cor de um *border collie*, mas um corpo mais parecido com um *pointer*, mais comprido nas pernas, com manchas pretas por baixo do pelo branco. A minha característica favorita são os seus olhos azuis.

Como gelo, apercebo-me com um sorriso. Os olhos dele têm a mesma cor branca-azulada e brilhante do gelo fresco num ringue de hóquei.

– Onde está o papá? Ele está cá em baixo? – murmuro, fazendo-lhe festas.

Vou até ao fundo do corredor e respiro fundo antes de espreitar pela porta aberta. No interior da sala luminosa há uma parede de máquinas de lavar e secar de tamanho industrial. Uma mesa está colocada no meio para dobrar e passar a roupa. Uma pilha enorme de toalhas brancas está na ponta da mesa, quase escondendo Caleb da vista. Ele está de pé, dobrando calmamente mais toalhas.

O Sy entra a correr, farejando o chão e esconde-se atrás do Caleb.

Fazendo cara de menina grande, entro.

– Olá – chamo.

Caleb olha para cima, a sua expressão cuidadosamente velada. O olhar dele volta para o seu trabalho.

– Olá. – *Ótimo começo.*

Atravesso a sala, contornando a pilha de toalhas.

– Ouve, desculpa. Eu não sabia.

Ele fica parado, sem olhar para mim.

– Quem te disse?

– O Google.

Ele continua a dobrar a roupa. Aproximo-me um pouco mais.

– Eu não sabia, mas isso não é desculpa. Não percebi o contexto do que estava a acontecer e meti os pés pelas mãos. Sou nova nesta equipa e neste mundo. Vou cometer erros, mas vou aprender. Peço desculpa, Caleb...

– Não faz mal – diz ele, pegando numa pilha de toalhas e afastando-se. Carrega-as para um enorme carrinho de lavandaria, suficientemente grande para três homens adultos.

Eu devia deixá-lo em paz. Ele claramente não me quer ver nem falar comigo. Devia ir-me embora. Mas não o faço. Em vez disso, os meus pés estão a mexer-se. Antes que me aperceba, a minha mão está no seu antebraço tatuado.

– Ei... podes ao menos olhar para mim?

Ele para, o seu olhar desce para a minha mão pousada no seu braço.

– Tira a mão de cima de mim, Rachel – diz ele baixinho, a sua voz fria como gelo.

Deixo-a cair, o meu estômago dá uma pequena cambalhota ao reconhecer a força da sua ordem. Não gosto que ele use o meu nome verdadeiro. Quero voltar a ser Furacão.

– Caleb...

– *Para* – rosna ele, virando-se para olhar para mim. Os seus olhos são tão escuros, quase pretos. É uma bela combinação com o seu cabelo castanho-avermelhado. Junte-se a isso as maçãs do rosto, os lábios carnudos e a energia que escorre dos seus poros, e estou pronta para lutar contra um gemido quando ele se inclina. – Não percebes o que estás a fazer? Estás a piorar as coisas. Vai-te *embora*.

Ele afasta-se de mim e volta para a mesa para pegar em mais toalhas.

Eu viro-me, com o coração aos saltos, seguindo-o.

– Como é que estou a piorar as coisas ao pedir desculpa?

Ele vira-se novamente e o seu ombro quase me bate. A mão dele passa por baixo do meu queixo, inclinando-me o rosto para cima com força. Os nossos peitos estão quase a tocar-se enquanto ele me olha de cima a baixo.

– Vês esse olhar nos teus olhos agora? Esse olhar de pena. O pobre Caleb já não pode jogar. Vou dar-lhe uma palmadinha na mão para ele se sentir melhor. Odeio *esse* olhar.

– Eu não...

– Achas que sabes o que aconteceu? – rosna ele, aproximando-se mais.

– Achas que tens alguma ideia do que eu perdi? Ou como é que eu recuperei os pedaços? Não sabes nada, Doc. Não me conheces.

Ele tem razão. Claro que tem razão. Conhecemo-nos há uma semana. Eu não o conheço. Mas não me consigo concentrar nisso. A minha mente está a rodopiar.

Oh, meu Deus, ele está tão perto. Consigo sentir o calor da sua pele. Consigo cheirar o *aftershave* dele. É fresco e limpo, com suaves notas de citrinos. Também consigo saborear o seu ressentimento ardente na minha língua.

Levanto uma mão, envolvendo-a suavemente à volta do seu pulso.

– Não tenho pena de ti – murmuro, mantendo o seu olhar sombrio. – Empatia e pena não são a mesma coisa.

– Para mim, são – murmura ele, tentando afastar-se.

– Não – digo eu, mantendo-o imóvel. – Piedade implica que eu sinta pena de ti. O pobre e triste Caleb não teve nada de bom, certo? Bem, ambos sabemos que isso é uma treta.

Ele olha-me de relance, com as sobrancelhas escuras a estreitarem-se.

– Tu sabias o que estavas a fazer – explico. – Estavas no topo num desporto perigoso. Eras um avançado, e dos bons, pelos teus registos, o que fazia de ti um alvo. Mas conhecias os riscos. – As pontas dos meus dedos roçam a parte interna do seu pulso. – Porque haveria de ter pena de ti por fazeres o teu trabalho e lebares o golpe que sempre soubeste que poderia vir?

Ele amolece ligeiramente. Baixa o olhar para os meus lábios, e eu luto contra a vontade de os lamber. A minha boca fica subitamente seca.

– Não és o primeiro atleta que conheço com uma lesão que pôs fim à carreira, Caleb. E certamente não serás o último – continuo. – E eu vi aquela pancada. Vi o vídeo e *compreendo* a tua dor...

– Ah, sim? – suspira ele, tentando afastar-se outra vez, mas eu aperto-lhe o pulso tatuado.

– Sim, eu sei. Posso não ter visto a tua ficha, mas posso imaginar como lutaste na reabilitação para recuperar o nível de função que tens agora. – Estou determinada a falar com ele, a corrigir isto. – Mas acho que é isso que tu és. Um lutador. Agora estás a lutar comigo – acrescento, apontando para a forma como ele está a recuar. – Então não, Caleb. Eu não tenho pena de ti. *Nunca* teria pena de ti. Admiro a força e a determinação. Admiro a resiliência. O que significa que te admiro a ti. – Com isso, deixo cair a minha mão.

O seu olhar ergue-se novamente e aqueles olhos escuros penetram-me, prendendo-me. Algo está a mudar entre nós. Tenho a certeza de que ele também o deve sentir. A escuridão nos seus olhos muda de veemência para algo mais quente. Mal posso acreditar quando ele ajusta a sua mão por baixo do meu queixo.

De repente, o polegar dele está a passar suavemente sobre os meus lábios.

Oh, meu Deus, ele vai beijar-me!

O pensamento ecoa dentro da minha cabeça enquanto os meus lábios se abrem. Ele atreve-se a dar um ligeiro puxão no meu lábio inferior, molhando a ponta do polegar contra os meus dentes. A minha respiração fica presa e inclino-me para ele. Ele está tão perto. Quero que ele o faça. Quero saber como são os seus lábios contra os meus. Quero perseguir cada beijo. Quero...

– Obrigado – murmura ele. Depois retira a mão de cima de mim e afasta-se.

Fico ali de pé, balançando-me ligeiramente com os lábios entreabertos, o coração acelerado, completamente sem beijos.

Ele já se virou para trás, pegando noutra toalha para dobrar.

– Oh, e ei... – Ele vai no bolso e atira-me algo.

Eu apanho-o por reflexo, agarrando o porta-chaves ao peito.

– Vou apanhar boleia com o Jake. Achas que consegues conduzir até casa sem bateres?

Aceno com a cabeça, metendo a chave no bolso.

Não sei que raio acabou de acontecer aqui. Os sinais dele estão por todo o lado. Tem sido assim desde que nos conhecemos. Está em brasa, depois está gelado. É rabugento, é engraçado, é sensual, é triste. É como se ele fosse um anel de humor ambulante.

Viro-me e ponho-me a andar. O Sy segue-me numa corrida até chegar às escadas.

Estes rapazes vão ser a minha morte. Já tenho um jogador de hóquei na minha cama... bem, estive na minha cama. Agora ele está... Deus, eu nem sei o que chamar ao meu não-relacionamento com o Jake. Ele continua a enviar-me mensagens. Tem estado a enviá-las para o meu telemóvel o dia todo. Coisas aleatórias como uma foto do seu almoço e algo que ele está a chamar de «observação de pelicanos». Aparentemente, um pelicano está sempre a pousar no parapeito do seu terraço. É isso mesmo. É a observação do pelicano. O pássaro pousa e ele tira uma foto e envia-ma.

Tenho o Jake a levar-me ao orgasmo pelo telefone e a enviar fotos de pelicanos. Tenho o Caleb a ajudar-me a trepar varandas e a fazer-me sexo sem sequer tentar. Já disse que eles são os melhores amigos?

Isto é um desastre. Preciso de espaço. Preciso de uma pila descomplicada.

Não! Rachel má.

Faço uma pausa nas escadas, com a mão agarrada ao corrimão. Acabaram-se as pilas. Acabaram-se os reis do drama. Preciso de fazer o meu trabalho. E o meu trabalho são os exames físicos.

O que significa que tenho de ir à procura do meu guarda-redes desaparecido.

RACHEL

Kinnunen não aparece durante o resto do dia. Finalmente recebo notícias do seu treinador quando estou prestes a sair. Algo sobre sessões extra de revisão de vídeo com os jogadores da segunda e terceira equipa. Seja como for, não faz mal. Ainda temos muito tempo.

Envio uma mensagem de texto ao treinador Tomlin e o Kinnunen é reagendado para amanhã. Agora que o plantel está definido, tenho de acrescentar Davidson à minha lista. Ele vai jogar como guarda-redes juntamente com Kinnunen nos dois primeiros jogos.

O meu primeiro dia oficial em Ray correu bastante bem. Para além da praxe desta manhã com Langley, os rapazes foram todos uns perfeitos cavalheiros. O Jake encheu-me o telemóvel com mais algumas mensagens. Uma foto de um cachorro-quente com mostarda que ele deve ter roubado da banca de concessão. Uma fotografia dele com o Sy a perguntar qual era a cara mais bonita. Isso fez-me responder. Eu disse que era o cão. E ele continuou o seu jogo de vinte perguntas que, por agora, vou deixar sem resposta.

Caleb, por outro lado, permaneceu desaparecido. Se ele estava algures neste complexo desportivo, eu não o vi. Nem um vislumbre dele. Ou do Sy. Esperava que ele mudasse de ideias sobre a condução. Não porque eu não queira conduzir... o que, claro, não quero. Só esperava que talvez fosse um sinal de que ele me perdoava.

Eu pedi desculpa. E estava a falar a sério. Tivemos o nosso segundo momento confuso de quase-beijo. Não quero que este tipo me odeie ou fique estranho ao pé de mim. Partilhamos uma equipa e uma parede. Vamos viajar juntos para 41 jogos fora e 41 jogos em casa. Isso é muita ligação.

Não importa. Se ele não quer aceitar as minhas desculpas, se está determinado a pensar que toda a gente o olha com arrogância e tem pena dele,

tudo bem. Não posso mudar a sua má atitude. Resmungo, pondo a mochila ao ombro, enquanto saio para o parque de estacionamento.

Talvez vá à praia esta noite. Estou em Jacksonville há quase uma semana e ainda nem sequer vi o mar...

Paro. Uma sensação estranha aperta-me a nuca, a sensação de estar a ser observada. Olho para o parque de estacionamento. Está um dia claro e soalheiro, por isso a garagem está bem iluminada. Como não vejo nem ouço ninguém, dirijo-me rapidamente para a minha carrinha, carregando no comando para destrancar as portas. A carrinha enorme apita no silêncio misterioso, com os faróis traseiros a piscar.

Apresso-me e abro a porta do lado do condutor. É então que dou um grito.

A minha alma abandona o meu corpo quando uma enxurrada de bolas coloridas sai pela porta aberta, espalhando-se à minha volta numa cacofonia de som. Vermelhas, amarelas, azuis, verdes – são pequenas e de plástico, como as de um ginásio de brincar para crianças.

Alguém encheu o interior da minha carrinha com um monte de bolas!

Grito, tropeçando para trás. É aí que os ouço. Uivos de riso. Viro-me e vejo dez tipos parados à distância de uma fila de carros com os telemóveis na mão a filmar-me, incluindo o Jake e o Caleb. Sy está na parte de trás de um Mercedes elegante, com a cabeça a espreitar pela janela e a ladrar.

– Vocês são mesmo parvos! – grito, tropeçando nas bolas quando saio de entre os carros, com as mãos nas ancas.

– Bem-vinda aos Rays, Doc! – grita Novikov.

– Não tive *nada* que ver com isto – acrescenta Langley, parecendo quase nervoso por ter sido incluído na partida.

– Oh, eu sei *exatamente* quem fez isto – respondo. O meu olhar fixa-se em Caleb, o tipo que esteve com as minhas chaves toda a manhã.

Caleb não diz nada, aquele sorrisinho sensual dispensa palavras.

– Há quanto tempo estão todos aqui fora à minha espera? – pergunto, observando as bolas a rolar livremente pelo chão.

– Há cerca de uma hora – responde Jake com um encolher de ombros.

– A J-Lo arranjou-nos umas cervejas para beber enquanto esperávamos – acrescenta Novy, esmagando a sua lata vazia.

– E obrigámos o Porter a esperar no ginásio para nos dizer quando é que saías – diz Morrow.

Eu reviro os olhos. É uma partida muito elaborada para os dois segundos de diversão que eles tiveram.

Jake dá um passo em frente.

– Vá lá, doutora. Vem jantar connosco. – Ele passa um braço à minha volta, puxando-me para longe da carrinha.

Eu estremeço.

– Bem, eu...

– Não, não vamos aceitar um não como resposta – diz ele, cortando o

meu protesto. – Enganámos-te duas vezes hoje, e isso não pode ficar sem resposta. Vamos levar-te a jantar, e podes pedir a coisa mais cara do menu. É o Novy que paga.

– Ei...

Sorrio quando todos os rapazes começam a dirigir-se para os seus carros.

– Esperem.

Eu chamo, gesticulando à volta.

– Temos de limpar esta confusão!

Há mais de mil bolas coloridas a rolar pelo chão da garagem.

– Não te preocupes com isso – ri-se Jake, o seu braço deixando o meu ombro enquanto chuta algumas bolas para longe do seu carro.

– O Walsh e o Perry vão tratar da limpeza – acrescenta Caleb, entrando atrás de mim.

Olho por cima do ombro e vejo os dois avançados desta tarde já a meterem as bolas em grandes sacos de plástico. Ah, ser um novato. Só posso imaginar o tempo que eles vão demorar a juntar todas as bolas.

– Vamos, Furacão – murmura Caleb, apontando para o lado do passageiro do carro de Jake.

Não sei de que sensação gosto mais: o brilho quente do seu perdão tácito, o uso suave da minha alcunha, ou o roçar dos seus dedos nas minhas costas quando me abre a porta do carro.

ILMARI

A pior parte de ser um jogador profissional de hóquei? As viagens constantes. As pessoas do meu tamanho não foram feitas para estar em aviões. Então, digam-me porque escolhi uma carreira que me obriga a viajar de avião durante um terço do ano.

Desloco-me pelo corredor, verificando os números dos lugares à medida que vou avançando. Não há lugares marcados, mas todos nós temos as nossas rotinas. Alguns podem até chamar-lhes superstições. Eu sou guarda-redes, claro que as tenho. Um dos meus hábitos é que gosto de me sentar do lado direito, à janela, na fila 20. Não me perguntem porquê. Mas este é o primeiro voo. Tenho de me afirmar, para que os rapazes saibam que não devem ocupar o meu lugar.

Os meus olhos estreitam-se e sinto um rugido na garganta. Alguém já está sentado no meu lugar. É nada mais nada menos do que a nova médica. Claro que ela vai viajar connosco. Temos sempre a nossa própria equipa médica nos jogos fora. Ela saberia que este era o meu lugar? Como?

Evitei-a toda a semana. Ela tem andado a chatear-me para completar o meu exame físico. Quer verificar a minha amplitude de movimentos, fazer-me alongamentos e testes de equilíbrio. Os outros rapazes disseram-me que ela é minuciosa. É a minha sorte que a equipa contrate uma médica nova e ansiosa, especializada em ancas e joelhos, quando estou a fazer tudo o que está ao meu alcance para evitar que esta dor piore. Assim que ela começar a espetar os dedos nas minhas articulações, vai perceber.

Ela ainda não reparou em mim. Os seus olhos estão baixos, os dedos a escrever no telemóvel. Tenho duas opções: desistir do meu lugar ou chamar-lhe a atenção pedindo-lhe que se mude. Olho em redor. Há lugares vazios um pouco mais atrás. Ou posso sentar-me do lado oposto do corredor. Mas o

Compton já lá está sentado com o tipo do equipamento. Teria de os obrigar a mexerem-se.

Raios partam.

Sinto comichão nas palmas das mãos só de pensar em sentar-me num lugar que não seja a janela da fila 20. Respiro fundo e aclaro a garganta.

Ela olha para cima, o seu rosto brilhando com uma enxurrada de emoções antes de se estabelecer firmemente no aborrecimento.

– Boa, *estás* vivo. Não tinha a certeza, pela forma como tens andado a esconder-te toda a semana.

Eu resmungo, colocando a minha mala no compartimento superior.

– Esse é o meu lugar.

Ela pestaneja, com os lábios ligeiramente entreabertos.

– Desculpa?

– Estás no meu lugar – repito.

– Não há lugares marcados, Ilmari – murmura ela, voltando a olhar para o telemóvel.

A utilização do meu nome surpreende-me ligeiramente. Ninguém me trata pelo meu nome aqui nos Estados Unidos. Não é um nome difícil de pronunciar, os americanos são apenas preguiçosos. A única vez que ouço o meu nome verdadeiro ser pronunciado é quando os locutores o gritam no início de cada jogo.

Afrouxo um pouco a gravata. De certeza que podemos ser razoáveis em relação a isto.

– Há outros lugares.

– Ótimo, vai sentar-te num deles – murmura ela, sem olhar para mim.

Porque é que ela está a tornar isto tão difícil? Um jogador já se teria mudado, sem fazer perguntas. Resmungo e volto a olhar em redor. Estou oficialmente a atrasar a fila. Langley está atrás de mim, espreitando por cima do meu ombro.

– Eu... não consigo – admito.

Ela olha-me de relance, com aqueles lindos olhos castanhos a estreitarem-se.

– Não podes sentar-te noutra lugar? Tens de te sentar exatamente neste lugar? Naquele em que eu já estou sentada?

– Sim.

– Não estou com disposição para mais praxes, Kinnunen. E se fores tu a fazer algum tipo de *flirt* estranho, poupa o fôlego – acrescenta, olhando de novo para o telemóvel.

– Eu... – Espera... a namoriscar? Ela pensa que estou a namoriscar com ela?

– *Mitä helvettiä* – resmungo. – Eu preciso deste lugar.

– Meu Deus, Kinnunen, qual é o teu problema? – Agora ela está a olhar para mim.

– Está tudo bem? – pergunta Compton do meu lado esquerdo, tirando os

auscultadores.

– Aparentemente, estou no lugar do Kinnunen – diz ela com um aceno de mão. – Ele está a dizer-me que tenho de me mudar.

– O que é que se passa? – Langley pergunta por detrás de mim.

Ótimo, vamos todos ter uma conversa sobre isto.

O Compton olha para mim.

– Precisas desse lugar, meu?

Faço-lhe um aceno brusco. Para minha surpresa, ele inclina-se à minha volta.

– Desculpe, doutora. Se o guarda-redes diz para se mudar, tem de se mudar.

Os olhos dela arregalam-se, os lábios entreabrem-se de surpresa.

– O quê?

O Compton encolhe os ombros.

– Não sou eu que faço as regras, mas de certeza que as sigo. Regra número um no hóquei: nunca tocar no guarda-redes. Regra número dois: nunca o irritar. Se ele diz que aquele é o lugar dele, é o lugar dele. Tens de te mudar.

– Inacreditável – murmura ela, desapertando o cinto de segurança e enfiando a garrafa de refrigerante e o telemóvel novamente na mala.

Dou um passo atrás, deixando-a sair.

– Aqui tens, Ilmari. Aqui está o teu precioso lugar. Podias ter dito «por favor», sabes. Ou ter usado mais do que cinco palavras para explicar porque é que precisavas que eu saísse – acrescenta ela.

Ela passa por mim quando sai e sinto o cheiro floral do seu champô.

– Obrigado – murmuro, deslizo para o par de bancos e sento-me.

Assim que me instalo, ela ocupa o lugar do corredor mesmo ao meu lado.

– O que está a fazer?

Ela enfia a mala debaixo do assento à sua frente, com o telemóvel na mão outra vez.

– Estou a sentar-me. Ou o quê... também precisas deste lugar?

Eu gemo. *Sim.*

Passam alguns jogadores e funcionários enquanto eu ganho coragem para lhe dizer para se mudar outra vez. Sou um tipo grande. Não gosto de partilhar uma fila. Respiro fundo e desabafo.

– Doutora...

Ela olha para mim, com o sobrolho franzido.

– Meu Deus, precisas mesmo deste lugar. Queres que eu me mude outra vez. Queres aquele lugar *e* este.

– Sim.

Ficamos a olhar um para o outro durante um longo momento. Lentamente, ela cruza os braços.

– Dá-me *uma* boa razão para eu te respeitar, quando tu claramente não

me respeitas.

– O quê?

– Esta semana, deixaste-me pendurada *quatro* vezes, Kinnunen – diz ela. – Combinei com o Tomlin para te marcar um exame físico, e nunca apareceste. Apareces a horas em todas as reuniões de equipa, todos os treinos, todos os exercícios, todas as conferências de imprensa. – Ela conta-os pelos dedos. – Já notaste um padrão? Respeitas o tempo de toda a gente nesta equipa, exceto o meu. E não posso deixar de me perguntar por que razão. – Ela está a olhar fixamente para mim.

– Doutora Price...

– É por eu ser mulher?

– O quê? Não! Como é que pode pensar isso?

– É porque achas que sou demasiado nova para ser médica?

– Não...

– Pouco qualificada?

Eu gemo, com os punhos cerrados nos joelhos.

– Não.

– Então o quê, Kinnunen? Porque é que me estás a evitar? Não saio daqui até me dizeres, e é bom que não seja uma resposta da treta sobre treinos extra.

Antes que eu possa responder, uma hospedeira de bordo inclina-se.

– Minha senhora, tem de apertar o cinto de segurança. Estamos prestes a descolar.

A doutora Price olha para ela.

– Espere um pouco. Aparentemente, tenho de mudar de lugar. *Outra vez.*

– Não, minha senhora, vai ter de ficar nesse lugar – responde a assistente. – Já fechámos a porta da cabina. Pode mudar-se quando atingirmos a altitude de cruzeiro.

Eu resmungo.

– Algum de vós quer beber alguma coisa?

– Não – dizemos em unísono e a assistente de bordo retira-se.

– Preciso desse lugar – murmuro, sem esperança.

– Que pena, Kinnunen – responde a Price. – Eu sou a carraça no teu rabo durante o resto do voo. E enquanto não me deres o que quero e não fizeres o teu exame físico, vou estar sentada neste lugar em todos os voos a partir de agora até os Rays ganharem a Taça Stanley. Por isso, ou apareces na minha sala de exames ou habituas-te a mim a ocupar todo o teu ar. – Com isso, o braço dela estica-se sobre as nossas cabeças e ela vira a minha saída de ar na sua direção com um suspiro irritado.

Quando o avião começa a recuar, considero as minhas opções. Deixar esta médica examinar-me e, muito provavelmente, pôr-me no banco durante metade da época... ou deixá-la sentar-se ao meu lado, quebrando o conforto das minhas rotinas há muito estabelecidas e perturbando toda a minha concentração com aquele cheiro maravilhoso que ela tem.

Foda-se.

RACHEL

Vitória! Os Jacksonville Rays venceram os Carolina Hurricanes por 4-0 no seu primeiro jogo da época. Os rapazes estavam em brasa esta noite. Mesmo sendo a equipa visitante, o ambiente no ringue era elétrico e todos os adeptos pareciam entusiasmados por verem uma nova equipa da NHL entrar no gelo. É claro que vaiaram sempre que os Rays marcaram, mas Kinnunen fez algumas defesas realmente espetaculares que obrigaram os adeptos da Carolina a gritarem nas cadeiras de frustração e admiração.

E eu tinha um lugar na primeira fila para assistir a tudo. Bem, tecnicamente eu estava de pé *atrás* da primeira fila. Tentei tornar-me o mais pequena possível, enfiada no canto do banco dos jogadores, a ver como os rapazes passavam o disco e batiam com a outra equipa nas tabelas.

Não vou mentir, mas ver Jake Compton no gelo provocava coisas profanas às minhas partes femininas. Ele esteve a rir-se e a brincar durante o aquecimento, mostrando-me aqueles olhos cor de avelã que dizem «come-me». Mas assim que despiu a camisola de aquecimento, e patinou sob a música e as luzes, foi como se ele se tivesse tornado uma pessoa diferente. Já não era o meu divertido Rapaz Mistério. Ele era o nº 42, Jake Compton, e era letal.

Quando eu não estava a observar os rapazes no gelo, o meu olhar dirigia-se sempre para o outro lado do banco dos jogadores, onde Caleb estava a trabalhar arduamente. Ele e Jerry estavam incansáveis, a distribuir *sticks*, a mudar lâminas, a entregar garrafas de água e toalhas. Isso fez-me sentir culpada pelo meu papel, que era ficar no canto, ocupando o mínimo de espaço possível, e rezando para não ser necessária.

Segundos antes do apito final, os Rays irrompem em aplausos, com o disco a deslizar esquecido pelo gelo. Os adeptos da Carolina batem palmas

para nós e para a nossa primeira vitória de equipa na NHL.

A bancada esvazia-se e os rapazes regressam ao balneário. Temos um calendário apertado e todos conhecem os seus papéis. A maior parte da equipa apressa-se a tomar um duche, tirando rapidamente os equipamentos para que os assistentes possam acabar de arrumar tudo. Os rapazes que precisam de tratamento médico ou terapia vão tê-lo, enquanto, pelo menos, um par de rapazes tem de ir com os treinadores para a conferência de imprensa.

– Então, Rapariga de Seattle? – diz Jake com um sorriso largo e a cara molhada de suor. – O que achaste do teu primeiro jogo na NHL?

– Foste fantástico, Jake. Realmente incrível – digo, sorrindo para ele.

Ele inclina-se, o seu corpo duas vezes maior do que o habitual no seu equipamento completo.

– Foda-se... meu Deus, desejo tanto beijar-te agora.

Eu afasto-me com uma gargalhada.

– Nem pensar, quarenta e dois. Cheiras a texugo meio morto.

– Estavas linda esta noite, querida.

– Ui, ui. – Estou a tentar impedir que o meu estúpido estômago se agite.

– O que é preciso para que uses a minha camisola num jogo? – pergunta ele, com os olhos a examinar o meu polo dos Rays. – Claro que vais ter de ter o desfibrilador à mão, porque ver um grande quarenta e dois nas tuas costas pode matar-me.

Caramba, ele é mesmo bom a namoriscar.

– Não conseguia tirar os olhos de ti. Vais ter de usar um saco de papel na cabeça para não me distraíres no próximo jogo.

Reviro os olhos.

– Parecias-me muito atento.

– Sou muito polivalente – responde ele. – E se continuássemos esta conversa mais tarde, a beber um copo? Talvez te possas sentar ao meu colo, nua, e elogiar-me mais.

Dou-lhe um empurrão.

– Vai, quarenta e dois. Toma um duche, antes que atraias abutres.

– Não vou a desistir de nós, Seattle. Somos inevitáveis.

– Sim, sim. Muda de roupa, antes que irrites o Caleb.

Isso faz com que o sorriso dele diminua.

– Oh, merda... sim. E eu tenho de ir à conferência de imprensa esta noite. Vemo-nos no autocarro!

Ele corre para o vestiário, e eu sigo pelo corredor até a sala reservada à fisioterapia. Tem um bom espaço no interior, com um tanque de água quente e fria, mesas de massagem, equipamento de alongamentos, bicicletas de exercício. Walsh e Karlsson aparecem frescos do duche. Ambos se dirigem diretamente para as mesas de massagem para receberem massagens nas pernas. Mais uns quantos rapazes entram, sobem para as bicicletas e começam a bombear as pernas, para quebrar a acumulação de ácido láctico. Um ou dois querem apenas um espaço para fazer alongamentos.

Depois aparece Kinnunen, a falar baixo com o treinador Tomlin. Ele parece tão diferente sem o seu equipamento. Continua a ser um urso, mas agora parece mais acessível, mais humano. A única vez que o vi hoje foi no avião e, valha-me Deus, como aquele homem fica bem de fato. Quer dizer, todos os rapazes têm um ótimo aspeto, mas o Ilmari tem uma vibração sensual de chefe da máfia *viking* que derreteria qualquer um como manteiga. É pena que ele tenha de ser sempre tão trombudo.

Neste momento, ele está a usar o equipamento de aquecimento dos Rays: calções, camisola e sapatilhas. O cabelo ainda está molhado do duche, preso com um nó no topo. Deixando de lado o meu aborrecimento, chamo-o.

– Ei, Kinnunen, grande jogo.

– Aquela última defesa torceu-lhe o joelho esquerdo – diz Tomlin.

Os meus olhos estreitam-se imediatamente para as suas pernas. Os músculos dos quadríceps são grossos e bem definidos, envolvendo a parte superior dos joelhos. Eu já tinha lido os ficheiros dele. Como a maioria desses jogadores, os joelhos dele sofreram muito durante a carreira. Várias distensões nos tendões e ligamentos. Não me surpreenderia se ele tivesse problemas com o menisco. Não se pode fazer os movimentos constantes que um guarda-redes faz e não romper o menisco.

– Qual é o problema?

– Caí demasiado depressa – explica Kinnunen. – O meu ângulo estava errado, e o meu joelho torceu-se.

– Vamos dar uma olhadela.

Ele sobe para a mesa e eu começo a trabalhar, começando por um exame visual. Não há vermelhidão ou inchaço definido em nenhum dos joelhos. Primeiro, apalpo o joelho direito, à procura de sensibilidade ou calor excessivo.

– Isto dói? – murmuro, baixando-me para um joelho enquanto olho para ele.

– Não.

Passo para o outro joelho e não vejo nem sinto qualquer diferença. Faço alguns testes padrão de amplitude de movimentos em ambos os joelhos e ele não parece estar a sentir qualquer dor.

– Numa escala de 1 a 10, qual foi a intensidade das dores no gelo?

– Seis.

Volto a olhar para cima.

– E agora?

– Três.

Levanto uma sobranceira.

– E qual é o teu nível de dor em repouso nestes joelhos?

Os seus olhos azuis piscam, mas ele esconde o que está a pensar.

– Três – murmura. – Estou ótimo.

Suspiro, pondo-me de pé.

– Bem, não estou a sentir nenhum dano visível. A tua amplitude de

movimentos é boa. Ainda não há calor ou inchaço, mas vamos ficar atentos – acrescento para Tomlin, que está de pé sobre o ombro dele como uma mãe galinha nervosa. – Se a dor persistir, talvez precisemos de fazer uns exames...

– Nada de exames – diz Kinnunen. – Vou colocar gelo no hotel. O treinador está a exagerar.

– Todos nós só queremos que estejas em forma e o mais livre de dores possível – respondo. – Não sei se sabes, mas és uma espécie de milagreiro.

O rosto dele contrai-se em algo que quase poderia ser uma emoção antes de se ir embora. A imprensa está ansiosa por ouvir uma palavra dele sobre o seu primeiro jogo.

Já eram quase onze horas quando chegámos ao aeroporto e nos instalámos todos no avião. Não diria que o meu exame ao joelho foi um exame físico adequado, mas foi melhor do que nada. E estou a sentir-me generosa, por isso deixo o Ilmari com os seus preciosos lugares na fila 20, encontrando um lugar um pouco mais atrás ao lado do Morrow, que já está a dormir à janela.

Estou de cabeça baixa, com o telemóvel na mão, a enviar à Tess fotos do jogo.

– O que estás a fazer?

Olho de relance para cima e vejo Kinnunen, com ar de bilionário *viking*, a olhar para mim.

– O quê?

– Tens de te sentar comigo.

Juro por Deus, a única razão pela qual acredito que ele disse essas palavras em voz alta é porque vi os seus lábios a mexerem-se.

– Ilmari, o que é que...

– Vem – murmura ele, virando-se para trás.

– Não, obrigada – digo.

Ele vira-se, olhando para mim.

– A culpa é tua. Tens de vir. Depressa, antes que nos obriguem a sentar para a descolagem.

Os meus olhos arregalam-se quando o meu olhar vai de um Morrow confuso para o enorme guarda-redes.

– De que raio estás a falar? Obrigaste-me literalmente a mudar de lugar no último voo. Disseste que a fila vinte era tua. Disseste que eu não me podia sentar ao teu lado. E agora, qual é o teu problema?

– És o amuleto da sorte dele – diz Langley do outro lado do corredor estreito, com os olhos postos na sua Nintendo Switch.

– O quê?

– Oh, merda, sim – diz Morrow, remexendo-se no seu lugar à janela. – Doc, tens de ir. O Mars precisa de ti.

Cruzo os braços com um suspiro.

– Alguém pode explicar-me esta loucura com os assentos antes que eu

deixe de me sentar e fique de pé o voo inteiro?

– Se quebrares, vais ter de pagar, doutora – diz Langley com um encolher de ombros.

– Quebrar o *quê*?

– O padrão dele – responde Morrow. – Quebraste o padrão ao ocupar o seu lugar e sentaste-te na mesma fila. Ninguém se senta com o Mars. Nem às refeições, nem no autocarro. Definitivamente, não no avião. É a coisa dele. Mantém-no seguro. Sentaste-te com ele. Quebraste-lhe o padrão. E, esta noite, ele fez um jogo de arromba.

– Então agora ele tem de saber – acrescenta Langley, com os olhos ainda no seu Mario Kart.

– Saber o *quê*?

– Talvez a vitória tenha sido uma combinação da sua habilidade e de maus remates à baliza – diz Morrow.

– Mas talvez tenha sido sorte – acrescenta Langley.

– Talvez tenha sido a *doutora* a quebrar o padrão dele.

Finalmente compreendo e solto um gemido de cansaço.

– Meu Deus, então isto é uma coisa do tipo «não posso lavar as minhas meias»? – Olho de relance para Ilmari, que ainda está ali parado, com uma carranca no seu belo rosto.

– Basicamente – responde Morrow. – O Mars precisa de saber se dás sorte. Tens de ir sentar-se com ele.

– Espera aí – digo eu, levantando a mão. – O que é que acontece se ganharmos amanhã? – Volto a olhar para o Kinnunen. – E se não for uma vitória? E se perdermos? Vais culpar-me, não vais? A culpa será toda minha, do teu amuleto podre e sem sorte, certo?

– Basicamente – diz Langley. – A doutora é dura. Consegue aguentar.

– Mas não te podes sentar aqui – acrescenta Morrow, dando-me um pequeno empurrão. – Desculpa, doutora. Tenho de manter os guarda-redes felizes.

Murmurando para mim própria, pego novamente nas minhas coisas e levanto-me do meu lugar. Percorro o corredor em direção a Kinnunen.

– Quando eu saltar deste avião por ti, a minha mochila terá um paraquedas? Só quero saber as minhas hipóteses de sobrevivência.

Ele não responde, mas juro que vejo um ligeiro movimento no canto da sua boca quando se vira. Acho que essa era a versão de Ilmari para um sorriso.

Sigo-o pelo corredor e instalamo-nos na fila 20. Jake e Caleb também estão nos seus lugares. Caleb já tem os olhos fechados, encostado à janela, mas Jake anima-se.

– Ei, Seattle. O que é que tu... – O seu olhar passa entre nós, enquanto o Sr. Surly, ao meu lado, se acomoda.

– Oh! – Ele ri-se. – Então, agora és o amuleto da sorte dele, eh?

Eu gemo novamente, enterrando o meu rosto cansado nas mãos.

Estúpidos jogadores de hóquei supersticiosos!

RACHEL

Mais uma vitória! Sexto jogo da época, e os Washington Capitals nem sabiam o que os tinha atingido. Os Rays jogaram mesmo bem. Sully e a sua linha ofensiva mantiveram o disco na zona, obrigando o guarda-redes dos Capitals a aplicar-se durante toda a noite. No primeiro período, ele lutou muito e conseguiu manter o quadro no 0 a 0. Mas não conseguiu fazer as defesas no segundo período, deixando passar dois golos consecutivos de Karlsson.

No terceiro período, os Capitals estavam famintos por um golo. Eram ferozes, dando cotoveladas e batendo os jogadores contra as tábuas. As penalidades aumentaram. Tive de tratar Langley que se feriu na sobrancelha, e Sully levou uma pancada muito forte de um ogre que o colocou no banco durante o resto do jogo. Surpreende-me que não tenha partido nenhuma costela.

Mas Kinnunen foi o rei do gelo. Era o dono da rede, guardando furiosamente os seus postes. Vi com admiração o Jake e os outros defesas a ajudá-lo uma e outra vez, tirando o disco dos cantos e atirando-o para o gelo. Foi um jogo horrível, mas os Rays conseguiram, mantendo o resultado em 2-0 e dando a Kinnunen um duche de cerveja no balneário.

Johnson, o treinador, está a dar a entrevista pós-jogo com Kinnunen e Karlsson, enquanto o resto do pessoal acaba de mudar de roupa. Vamos passar mais uma noite aqui em D.C. O nosso voo para casa parte logo pela manhã.

– Certo, fiz uma reserva no Club 7 para as vinte e três horas! A área VIP está toda preparada! – diz Poppy para o balneário. Tem a mão a tapar os olhos como se tivesse medo daquilo que vai ver. Meu Deus, ela é adorável. Conhecemo-nos um pouco melhor nas últimas semanas e ela é muito engraçada quando recupera o fôlego, e é muito querida.

– Só precisam de ficar uma hora, mas quero que haja um bom número de rapazes – diz, pondo a outra mão na anca. Ela é toda negócios num fato de saia e casaco elegante e com saltos de oito centímetros. – A primeira rodada de bebidas é por conta da casa. E não se esqueçam de tirar essas fotografias!

Observo-a com os braços cruzados encostada à parede do corredor exterior. Assim que o Sully tomar banho e mudar de roupa, tenho de o examinar. E Langley provavelmente vai precisar de um penso borboleta para cobrir o corte feio que tem na testa.

– Vais sair com a equipa esta noite? – pergunta Poppy, virando-se para trás. A sua sombra, Claribel, está junto ao seu ombro, de olhos postos no telemóvel, com os polegares a voar pelo ecrã.

Claribel é a nova administradora de redes sociais dos Rays. Tem um ar de rapariga gótica que não combina com o aspeto de uma equipa da NHL. O seu cabelo está pintado de preto azeviche, com pontas violeta. Usa maquilhagem preta e espessa nos olhos e tem um *piercing* duplo no lábio inferior. Vê-la com um polo dos Rays enfiado nas calças daqui é um pouco perturbador.

– Oh, *por favor*, diz que vais – pede Poppy, agarrando-me no braço. – A Claribel é menor de idade, por isso não pode entrar.

– Já te disse que não há problema – murmura Claribel, com os olhos ainda no telemóvel.

– *Não* vamos infringir nenhuma lei, menina atrevida – contrapõe Poppy com um olhar fixo. – E eu não quero que o Sanford seja o único adulto sensato por lá. Por *favor*, Rachel – suplica. – Por favor, vem comigo. Por favor, *por favor*...

– Está bem, está bem – aceito com uma gargalhada, afastando a mão dela.

– Ei, Doc! – diz Langley, saindo do vestiário em calções. Ele aponta para o seu corte vermelho brilhante.

– Sim, estou a ir! – digo com um aceno.

– Tens de estar pronta às dez e meia no átrio – grita a Poppy nas minhas costas. – E vem maravilhosa! Temos uma marca para promover!

Sorrio para mim própria. Posso ou não ter feito uma mala com uma roupa especial para esta viagem. Só para o caso de precisar dela.

JAKE

Foda-se!

Estou no átrio do hotel com alguns dos rapazes quando as portas do elevador se abrem e sai a minha miúda de Seattle. Ela está a usar o fato. *O* fato. Aquele que tem assombrado os meus sonhos há quase três meses. É um macacão preto *sexy* com um «V» decotado na frente e absolutamente sem costas. Ela usou-o na noite em que nos conhecemos.

Esta rapariga, juro por Deus... Há semanas que ando aqui a brincar com as minhas estúpidas fotos de tacos e as minhas perguntas intermináveis, só para tentar arrancar-lhe alguma coisa. *Qualquer coisa*. Ela deixa por ler noventa por cento delas. Eu diria que não dói, mas isso é mentira. Estou a ser arrasado por esta distância. Não ando a dormir bem, não ando a comer. Estou distraído dentro e fora do ringue. O Caleb apercebeu-se perfeitamente. Está sempre a perguntar-me o que se passa e eu detesto mentir-lhe.

Mas aí vem a minha miúda, a sair do elevador e, com um movimento do cabelo, sei que está a jogar. Ela quer que eu continue a persegui-la. Essa é a única razão pela qual ela está a usar esta roupa. Não é para ela. Definitivamente não é para um tipo qualquer que ela possa conhecer na discoteca esta noite... meu Deus, só de pensar nisso fico furioso. Não, é tudo para mim.

Foda-se, ela está linda. O seu cabelo escuro está solto e encaracolado, um pouco dourado nas pontas. E está a usar uma mistura de joias de ouro, incluindo o seu pequeno *piercing*. Não a vejo usar isso desde que chegou a Jax. *Tive saudades tuas, linda*, quero dizer àquele anel de metal retorcido.

Nunca gostei muito de *piercings* na cara, mas nela fico pronto para me ajoelhar. A minha pila contorce-se em desespero. Estou no auge da nossa vitória, e preciso de um maldito alívio esta noite. E sei que ela sabe

exatamente o que me está a fazer. Está a provocar-me, à espera que eu rebente.

Bem, tique, taque, bum, menina.

Alguns dos rapazes lançam assobios e batem palmas. É só então que a minha visão se volta a focar e vejo que ela não está sozinha. A Poppy St. James caminha ao seu lado parecendo um biscoito num vestido azul justo. Quer dizer, ela também é linda. Tudo bem, tanto faz. Não me interessa. Só me interessa Seattle. Se algum dos rapazes se atrever a *olhar* para ela de lado esta noite, sou capaz de lhe partir alguns dentes. Já estou ao lado dela antes de me aperceber que me estava a mexer.

– Olá, Compton – diz ela com aqueles lábios pintados de vermelho. Quero essa cor espalhada na minha pila esta noite. – Estás com bom aspeto – acrescenta ela.

Claro que estou com bom aspeto. Sou um tipo em plena forma física, a usar calças Armani. Mas eu não quero saber de mim. Não vou sair hoje à noite para dar uma volta com uma coelhinha qualquer. Já andei com a minha miúda. A *única* rapariga. Vou sair porque se tiver de respirar ar esta noite, vai ser o ar da Rachel.

Estendo-lhe o braço e ela agarra-o, mudando a sua pequena mala de mão para a outra. Na verdade, estou a lutar contra a vontade de me oferecer para lhe segurar. Meu Deus, eu estou tão apanhado por esta rapariga.

Novy está logo atrás de mim, oferecendo seu braço à Poppy. O grupo sai pelas portas para o trio de Ubers à espera e entramos todos. Eu praticamente empurro Langley para fora do caminho para ser o próximo a entrar na carrinha, atrás de Rachel. Sou demasiado grande para que caiba uma terceira pessoa na última fila de bancos, por isso só temos um lugar para nós. A Poppy e o Novy ocupam os dois lugares do meio e o Langley vai à frente. A nossa carrinha arranca e o Langley começa a ouvir música.

Sinto que tudo está a andar em câmara lenta. A Rachel está ao meu lado e o cheiro do seu perfume está a provocar-me. As nossas pernas estão a tocar-se da anca ao joelho e ela inclina-se para a frente, rindo e dizendo algo a Poppy por cima da música.

As suas costas nuas estão à mostra para mim. Ela tem aquela tatuagem no ombro com três linhas de coordenadas. Nunca lhe perguntei para que servem. O meu palpite é que são os pais e o irmão. Como ele é gémeo dela, deve ser para ela também.

Tem outra tatuagem debaixo das costelas que desaparece ao longo da parte lateral do *top*. Não a consigo ver, mas sei que está lá. A minha mão desce das costas do assento até passar a ponta dos dedos sobre ela. Ela estremece um pouco, mas não interrompe a conversa com a Poppy.

Eu sorrio. Sim, ela deseja-me. Está a inclinar-se com o braço na minha perna. Para qualquer outra pessoa, ela está apenas a inclinar-se para a frente para conversar com a amiga. Mas eu sei o que ela está a fazer.

Está muito escuro nesta carrinha e os bancos estão no caminho. A Poppy

não consegue ver nada, e o Novy está ao telemóvel. Eu deixo a minha mão serpentear um pouco mais até roçar a orla de seu *top* com as pontas dos meus dedos. Mais um pequeno movimento e já lá estou, os meus dedos a alisar a curva exterior do seu peito.

Mexo-me no meu assento, a minha pila a gritar, e depois deixo a minha mão escorregar tocando o seu peito cheio. Foda-se, adoro o peso dele. Tão pesado e cheio. Quero tirar-lhe o macaco agora mesmo e chupar-lhe os mamilos cor-de-rosa. Quero tocá-los com a minha língua até ela gemer, beliscá-los com os meus dentes até ela cravar os dedos no meu cabelo e me puxar.

Deixo que o dedo indicador e o médio subam, beliscando o seu mamilo levantado, até que ela aperta o braço sobre o meu, cravando o cotovelo no meu quadril. Sorrindo, afasto-me, deixando a minha mão sair do seu *top* e voltar para o seu lado assim que o motorista para à porta do clube.

A porta abre-se e Langley, Novy e Poppy saem.

– Vais sair da carrinha, Compton? – pergunta Rachel com a sua voz sensual. – Ou precisas de um minuto primeiro?

Olho-a fixamente. Esta química que temos é de outro mundo.

– Gostas de saber que a minha pila está dura por ti, miúda?

Ela engole em seco, com os dentes a enrolar o lábio inferior, mordendo-o. Inclino-me, afastando-lhe o cabelo do ombro enquanto lhe sussurro ao ouvido.

– Diz-me que não estás molhada por mim neste momento e eu saio.

Ela estremece de novo e a minha pila fica a latejar.

– Jake...

– Mente para mim – rosno.

Ela inclina-se para trás, mantendo o meu olhar.

– Eu não estou molhada por ti.

Então a minha feiticeira quase faz o meu pau explodir quando pega na minha mão e a coloca entre as pernas, apertando-me com as coxas. Oh, raios, consigo sentir o seu calor. Ela está a irradiar com ele.

– Eu não me derreto por ti, Jake Compton – ela murmura, mantendo o meu olhar. – Eu ardo.

Com isso, ela desliza sobre o meu joelho e sai da carrinha.

Oh, querida, a perseguição mantém-se.

RACHEL

A discoteca está cheia. É moderna e elegante, com um piso principal para dançar e algumas cabines reservadas. O segundo andar é em forma de U e inclui todas as áreas VIP. Um palco à frente tem um DJ a passar música enquanto pessoas numa série de cabines dançam, protegidas por uma cortina que parece saída do Moulin Rouge.

Não é bem a minha preferência de música de dança, mas a energia é ótima e apetece-me mexer. Assim que pedimos as bebidas, a maioria dos Rays dirige-se para a área VIP. Mas eu entrelaço os meus dedos nos do Jake, puxando-o para a pista de dança. Nem sequer sei se ele gosta de dançar, mas é impossível que não me siga.

Detesto mantê-lo sempre à distância de um braço. Não que ele seja muito bom a manter-se afastado. A maioria dos rapazes pode interpretar o silêncio de uma rapariga como desinteresse, mas eu acho que isso só estimula o Jake. Ele manda-me mensagens o dia todo, todos os dias, e às vezes telefona. Também é matreiro, normalmente oferece-se para ir buscar comida ou deixa claro que outras pessoas também vão lá estar. E uma rapariga tem de comer.

Se não abrandarmos, as pessoas vão aperceber-se de que somos mais do que meros colegas. Mas preocupar-me-ei com isso amanhã. Esta noite, só me apetece dançar. Bebendo um gole do meu *mojito*, levo-o atrás de mim. A música está a bombar e a energia é primitiva à medida que Jake e eu contornamos a extremidade da pista de dança. A mão dele está na minha anca, os seus dedos deslizam facilmente para dentro da orla do tecido.

Escondemo-nos no canto escuro sob o rebordo da varanda superior e a sua mão vai até à minha cintura, a outra mão segura a sua cerveja. Puxa-me contra ele, o meu rabo bate contra as suas ancas. Ele ainda está duro como

uma rocha, com o seu pénis inclinado para cima, enfiado no cinto das suas calças justas cor de carvão. Ele parece um sonho com uma camisa branca de mangas curtas, desabotoada no pescoço. A camisa assenta-lhe bem nos músculos, conferindo-lhe bíceps bem torneados que apetece lamber.

Controla-te, rapariga.

Mantém a mão na minha anca enquanto começamos a balançar com a pressão dos outros corpos humanos. Eu mantenho o meu rabo contra a sua dureza enquanto dançamos, o meu braço levanta-se para envolver o seu pescoço. Ele passa os dedos para cima e para baixo na pele das minhas costas, abanando-se contra mim ao ritmo da batida. Estamos praticamente a foder com as nossas roupas vestidas.

Eu menti totalmente na carrinha. Se ele pusesse a mão dentro das minhas cuecas, sentiria como estou molhada para ele. Estou a lutar contra a vontade de o arrastar para a casa de banho. Quero-o de joelhos. Quero-o a afogar-se no meu sexo, e quero gritar o seu nome enquanto me desfago.

Nem sequer seria uma pergunta. Se eu perguntar, ele dirá que sim. Se calhar, atirava-me por cima do ombro como um homem das cavernas e usava os seus dotes de defesa para afastar as pessoas do seu caminho. Sorrio ao imaginar isso.

Meu Deus, o que eu não daria para que ele me agarrasse com o seu uniforme. Nunca vi o espetáculo completo dos rapazes a vestirem todo o seu equipamento. Tenho curiosidade em saber como é que todas as peças funcionam... como é que se tiram...

– Ei, Compton!

Eu suspiro, arrancada dos meus pensamentos obscenos quando Langley se aproxima de nós.

Jake está nervoso, com o braço ainda na minha cintura.

– O que é?

– Alerta Aspen – diz Langley, apontando para o outro lado da varanda.

Jake passa de excitado a irritado num piscar de olhos.

– O quê? – berra ele, virando-se. Os seus olhos estreitam-se quando olha para as luzes roxas e azuis da pista de dança.

Eu também me viro.

– O que é que está a acontecer?

– Oh, foda-se, não! Isto *não* está a acontecer, porra!

– Ela encurralou-o, meu. Foi direita a ele – diz Langley. – Devia saber que ele estava aqui. É mesmo jogada de coelhinha.

– Do que é que estamos a falar? – grito, ainda a tentar ver através das luzes intermitentes.

– Avistamento de demónio – Langley grita no meu ouvido.

– Às duas horas – acrescenta Jake. – Rays VIP. A loira a falar com o Caleb.

E então eu vejo-a. Alta e pernuda, num vestido preto brilhante. Tem um rabo-de-cavalo comprido e elegante. Enquanto observo, ela passa o cabelo por

cima do ombro, sorrindo enquanto fala com Caleb. Eu encolho-me por dentro e a minha primeira emoção é o ciúme. Aqui estou eu, praticamente a montar o pau de Jake através das minhas roupas, e a sentir-me territorial porque outra mulher se atreveu a falar com Caleb?

– Quem é ela? – pergunto.

– A ex tóxica do Caleb – responde Jake. – Vamos lá. Tenho de ir salvar-lhe o coiro.

Ele entrelaça os nossos dedos e puxa-me para fora da pista de dança. Seguimos Langley ao longo da extremidade da pista principal, em direção às escadas.

O segurança verifica os nossos carimbos e deixa-nos passar.

Está mais calmo nas escadas, por isso pergunto:

– O que é que se passa?

– A coelhinha apanhada a falar com o Caleb é a Aspen Albright – responde Jake. – Eles namoraram durante mais de um ano na faculdade. Era a namorada dele quando ambos nos formámos e nos mudámos para Pittsburgh para começar a treinar com os Pinguins. Ele partiu o joelho no primeiro jogo e ela nem sequer esperou duas semanas para estar a montar a pila de outro jogador.

– Ela é uma coelhinha, meu – diz Langley. – Elas só veem verde.

– Deu-lhe com os pés? – pergunto.

– Sim, quando ele ainda estava na porra do hospital – responde Jake.

Chegamos ao topo das escadas e consigo ver melhor a área VIP dos Rays. Caleb já não está de pé. Está sentado numa cadeira, com um copo daquilo que parece ser uma vodca tônica nas mãos. Mas eu aprendi nas últimas semanas que ele não bebe.

A Barbie Coelhinha está à frente dele, a falar com as mãos, a rir e a sorrir como uma rainha da beleza. Já conheci suficientes *groupies* e perseguidores de celebridades para saber *exatamente* o que ela está a fazer. Ela não quer o Caleb. Está apenas a usá-lo. Está acima dele para se manter em exibição. Para quem ela está realmente a atuar é para a mesa atrás dele. A mesa dos Rays. Estou a ver o Morrow, o Novy e o Karlsson. Até a J-Lo e o Sully estão lá. Ambos têm um casamento feliz, mas de certeza que ela não é exigente.

– Como raio é que ela chegou aqui? – rosna Jake. Ele está a avançar, pronto para a atirar pelo lado da varanda.

Eu agarro-lhe o braço.

– Ei... *espera*... – Estou a pensar numa ideia e sorrio lentamente.

Ele vira-se, a olhar para mim.

– O que foi?

– Deixa-me ser eu a tratar dela – digo. Há um mês que estou à espera da oportunidade de corrigir o desequilíbrio cósmico entre mim e o Caleb. Este parece ser o momento perfeito. É uma oportunidade, na verdade. Consigo banir *groupies* até a dormir.

– O que é que vais fazer? – pergunta Jake, com uma sobrancelha levantada.

Bebo um gole do meu *mojito*.

– Apenas uma simples extração de coelho. – Estendo o copo. – Langley, segura a minha bebida.

– Oh, merda! – diz ele, agarrando o *mojito* com um sorriso largo e juvenil. – Nem pensar que vou perder isto.

Os olhos do Jake brilham com um tal olhar de fome que quase jurava que acabei de ficar grávida. Sim, pensei que ele ia gostar que eu defendesse o seu melhor amigo.

– Vejam e aprendam, rapazes – digo eu, pondo-me a andar.

– Não a magoe, Doc! – Langley chama por mim.

Quando me aproximo, a Barbie Coelhinha inclina-se e passa a mão pelo ombro do Caleb. Vejo-o recuar, com a cara fechada numa careta. Ele está tão desconfortável que me faz doer o coração. É óbvio que ele só quer que ela o deixe em paz.

Entra a Rachel.

CALEB

A maldita Aspen Albright. Como se esta noite não pudesse ficar ainda pior. Eu nem sequer queria sair hoje. Estou exausto e odeio multidões. O Jake obrigou-me a vir, e depois o idiota abandonou-me assim que a Furacão saiu do elevador.

Foda-se, aquela roupa que ela está a usar devia ser ilegal. Quero dizer, acho que cobre tudo. Tem mais tecido do que o guarda-roupa da maioria das coelhinhas. E mesmo assim não deixa nada à imaginação. O corpo dela é dinamite. Não me surpreende que o Jake estivesse a tropeçar em si próprio para ser ele a pegar no braço dela.

Eles têm uma química fantástica e nem sequer tentam escondê-la. São como um par de ímanes. Ele mexe-se quando ela se mexe. Fico feliz por ele, se perseguir a Rachel implicar que se esqueça da sua Rapariga de Seattle. Não quero que ele fique preso à espera de um fantasma.

E, no entanto, não consigo evitar o sentimento de ciúme que cresce no fundo do meu estômago. Ele podia ter escolhido qualquer uma. Porque é que tinha de ser a Furacão? Observo-os na pista de dança, quase a foder com as roupas vestidas. Eles são hipnóticos. Não consigo desviar o olhar.

Não sei o que raio me está a acontecer. A Rachel Price está tão fora do meu alcance. Raparigas como ela não se apaixonam por ex-atletas profissionais mal-humorados, com joelhos defeituosos e um problema de bebida. Não, ela apaixona-se por tipos como o Jake: estrelas de hóquei americanas no auge da sua carreira, a ganhar dinheiro e a granjear elogios.

Casal poderoso; é esse o termo, certo?

Esvaziei o meu copo de gasosa duas vezes, rezando para que milagrosamente se transformasse em vodca. E depois aparece a Aspen.

Não acredito que desperdicei um ano da minha vida com ela. O Jake

tentou avisar-me, mas eu era um miúdo estúpido. Estava tão ocupado com o hóquei e com as aulas que não vi todos os sinais... ou simplesmente optei por não os ver. Nunca tivemos muito em comum, honestamente. Ela era extrovertida, divertida e muito atraente. Já para não falar que me chupava a pila como um aspirador. Que mais poderia um miúdo de dezanove anos querer?

– O que estás a fazer aqui, Aspen? – murmuro, desviando o olhar de Rachel e Jake. A minha tesão está a encolher como uma minhoca numa calçada quente, agora que Aspen está a bloquear a minha visão.

– Não acredito que estejas aqui, Cay. Agora trabalhas com os Rays? Como é que estás? – Ela está a falar tão alto.

– Cansado.

– És um avô velhinho, Cay – brinca ela. – Queres dançar?

– Eu estou bem – respondo, mexendo o gelo da minha bebida.

Detesto que ela esteja a usar a minha alcunha. Já não namoramos. Nem sequer somos amigos. Não somos nada. Não quero que ela me chame assim.

Ela passa o rabo-de-cavalo por cima do ombro outra vez.

– Então, porque não me apresentas aos teus amigos?

Olho-a fixamente.

– Eu estou bem.

Antes que ela possa responder, uma nova voz faz-nos virar.

– Estás aí! Meu Deus, procurei-te por todo o lado, querido.

Os meus olhos arregalam-se quando a Furacão se aproxima a passos largos, com o corte decotado do seu *top* a mostrar uma pequena e delicada tatuagem no esterno. Nem me apercebo das suas palavras antes de ela se lançar para a frente, quase derrubando Aspen enquanto se afunda no meu colo. O seu braço envolve os meus ombros e ela inclina-se e beija a minha têmpora com aqueles lábios vermelhos de fogo.

Atrás de nós, a malta grita.

– Sim, Sanny!

– Arranjem um quarto!

– Beija-a, Sanford!

O meu braço envolve a cintura dela por instinto, segurando-a no meu colo. Estou ligeiramente consciente de que esta roupa não tem costas. Estamos pele com pele, os meus dedos a roçar-lhe as costelas.

Ela ri-se.

– *Ups*. Desculpa, querido. – Ela mergulha o polegar no meu refrigerante e esfrega-me a têmpora, limpando a marca do seu batom.

Caramba.

– Ei... quem és tu?

Olhamos ambos para cima e vemos Aspen parada ali, com uma mão no quadril.

A Furacão mexe-se e o seu seio meio exposto quase me bate na cara. O cheiro suavemente floral do seu perfume é quente contra a sua pele e ela está a

abraçar-me tão perto. Merda, acho que vou ficar duro se ela continuar assim.

– Desculpa? – diz Rachel com uma sobrelance escura levantada.

Não, ela não desculpa. Ela é uma gata do inferno. Olho de relance na direção de onde ela veio e vejo o Jake e o Langley parados, o Langley com uma cerveja e um *cocktail* na mão. Ele está a sorrir como um idiota. Mas o olhar de Jake está impassível, difícil de ler.

– Eu perguntei quem és tu – repete Aspen, com o sorriso a desvanecer-se.

– Sou a Rachel – responde a Furacão, estendendo-lhe a mão. – A miúda do Caleb. Quem raio és tu?

Eu não sei quem está mais surpreso, a Aspen ou eu. Esforço-me rapidamente para controlar as minhas emoções.

A Aspen cruza os braços por baixo das mamas.

– Ah, sim? E como é que vocês se conheceram? Não, espera, deixa-me adivinhar – diz ela com uma doçura suave. – Eras enfermeira dele? Ou talvez a fisioterapeuta?

Sem perder o ritmo, Rachel ri-se, sacudindo o cabelo escuro por cima do ombro, num movimento reflexo para Aspen.

– Na verdade, sou médica. Medicina desportiva. Mas o Caleb nunca foi meu paciente. Bem, exceto às vezes, quando nos apetece fazer uma pequena encenação. Não é, Snuffy? – diz ela, encostando o nariz ao meu com uma gargalhada abafada. – Mas os exames físicos que fazemos um ao outro não seriam nada éticos – acrescenta com uma piscadela de olho a Aspen. – Quer dizer, não que eu esteja a reclamar. O homem é ótimo com as mãos – diz ela num sussurro falso.

Então, a minha alma abandona o meu corpo quando ela se agita no meu colo, montada em mim com o rabo pressionado contra a minha virilha. Pega nas minhas mãos pelos pulsos, estende as palmas das mãos sobre as suas ancas, entrelaçando os nossos dedos.

Da forma como estamos sentados agora, posso roçar os meus lábios pelo seu ombro nu. Sinto a forma como ela fica tensa, e não é por hesitação. Oh, meu Deus, que raio estamos a fazer? Mudo o braço, puxando-a um pouco mais para perto, até que suas costas estejam totalmente encostadas ao meu peito.

Aspen zomba.

– Oh, por favor, podes parar de fingir, querida. Eu sei que não és namorada dele.

Rachel estreita os olhos, os seus dedos roçam levemente o meu antebraço com tatuagens.

– Ah, sim? E como é que sabes isso?

Aspen franze os lábios.

– Porque eu conheço o Cay. Nós somos amigos há anos.

Falso. Nós namorávamos casualmente até eu partir o joelho. Depois ela andou a comer o meu colega de equipa antes de eu assinar os papéis da alta

hospitalar.

– E eu sigo-o em todas as suas contas nas redes sociais – acrescenta ela.

É novidade para mim. Bloqueei-a há anos. Além disso, nunca uso as redes sociais.

– Eu saberia se ele andasse com uma médica misteriosa. – Ela estreita o olhar para mim. – De quem é realmente namorada, Cay? Do Compton? Do Novy? É simpático da parte deles emprestarem-na a ti para não teres de parecer patético em frente à tua ex. Mas a sério, querida, já recebi essa mensagem há muito tempo.

Rachel fica incrivelmente imóvel no meu colo. Poder-se-ia pensar que ela tinha sido transformada em pedra, mas eu sei a verdade. A Furacão acabou de entrar em modo de cobra, e está prestes a atacar. As mãos dela ficam tensas no meu braço, mesmo que ela não deixe o sorriso cair do seu rosto.

– Qual era mesmo o teu nome? Apple?

– Aspen.

– Sim, tanto faz. – Ela acena com a mão em sinal de despedida. – Olha, querida, isto é triste, está bem? Todos sabemos que passaste pelo segurança oferecendo-lhe uma «mãozinha» só para vires até aqui e reencontrares a tua antiga paixão da faculdade.

– Cabra, tu não me conheces... – grunhe Aspen.

– Eu conheço-te, Aspen. Conheci raparigas como tu toda a minha vida. O Caleb partiu o joelho e tu trataste-o como lixo. Bem, felizmente para ele, deitá-lo para o lixo foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido. Porque agora ele tem-me a mim.

Ela inclina-se para a frente, o que pressiona o seu rabo ainda mais contra a minha virilha.

– Tiveste a tua oportunidade com um tipo fantástico e estragaste tudo, Asteroide. Ele foi-se embora e não vai voltar. Estás tão longe do radar dele agora, que mais valia estares perdida no espaço. E nem por um segundo penses que ele vai perder o fôlego a apresentar-te a qualquer um dos tipos grandes que estão sentados atrás de nós – acrescenta. – Queres o meu conselho? Vai orbitar para outra secção VIP. Esta é privada. Só Rays.

As bochechas de Aspen ficam rosadas, os seus olhos brilham de raiva.

– És uma cabra!

A Furacão ri-se, com as suas mãos a percorrerem-me os braços.

– Sim, sou. E bem satisfeita. Não é, Snuffy? – Ela torce-se no meu colo, beijando a ponta do meu nariz.

– Controla a tua miúda, Cay – diz Aspen. – Ela precisa de um açaime e de uma trela!

Sentindo uma leveza no meu peito, afasto o cabelo de Rachel, rindo contra a pele quente do seu ombro.

– Não é uma má ideia. Ficarias bem com uma trela, Furacão. Algo com espinhos.

Ela mostra-me um sorriso sensual.

– Oh, papá, não me provoques.

– Meu Deus, vocês são os dois malucos! – grita Aspen, saindo de rompante com os seus saltos altos.

– Adeus, Abacate! – Rachel chama por ela, acenando como uma cabra.

Demora apenas 2,7 segundos até a cabine atrás de nós explodir. Os rapazes gritam e aplaudem, batendo com os punhos na mesa. Vários gritam e acenam adeus para Aspen.

– Até logo, Aligator!

– Adeus, Asteroide!

– Não são permitidas coelhinhas!

Langley avança a correr, entornando a bebida de Rachel quando a entrega.

– Que merda! Foi a coisa mais escaldante que alguma vez vi. Foi como um ataque de tubarão do Planeta Animal, mas com saltos altos e o cabelo a esvoaçar...

– Tu acabaste com ela! – zomba Novy.

– Fazemos uma vénia ao mestre – diz Morrow com uma falsa vénia.

Novy dá-lhe uma cotovelada.

– É *senhora*, parvalhão.

Trocam mais alguns murros enquanto Gerard os evita.

– Sanford, casa com ela ou caso eu – diz ele, dando-me uma palmada no ombro. O Sully dá-lhe uma bofetada no peito.

– J-Lo, meu. Tu já és casado.

– Pois. É isso que eu quero dizer. É o quanto estou a falar a sério – responde Gerard com aquele sotaque franco-canadiano, os olhos arregalados de inocência enquanto encolhe os ombros.

Os rapazes voltam a sentar-se, acenando a uma empregada para pagar as suas contas, e Rachel inclina-se.

– Desculpa lá isto tudo – murmura ela por cima da música. – O Jake pensou que podias precisar de ser salvo.

Olho de relance para a minha esquerda e vejo que o Jake ainda lá está, apoiado na extremidade da parede baixa que separa a nossa secção VIP. Ele tem os braços cruzados e está apenas a observar-nos.

Ela ainda está no meu colo. Gosto de a sentir nos meus braços. Gosto do seu cheiro. Gosto da forma como ela me toca, como me defende. Claro, ela e o Jake têm uma espécie de química magnética. Mas ela e eu temos... algo. Não sei o que é, mas é algo mais do que nada.

Antes que eu possa refletir mais sobre isso, Jake encaminha-se para nós com um olhar cuidadosamente velado.

– Queres dançar? – Ele estende a mão para a Rachel. É uma atitude tão parva. Ele está a afastá-la de mim, obrigando-a a escolhê-lo à minha frente.

Eu sabia que eles estavam a namoriscar, mas isto é diferente. Isto é territorial. Meu, ele é mau. O idiota apaixonou-se pela médica da equipa, e ainda mal passou um mês. Que raio está ele a fazer? Primeiro a miúda de

Seattle, agora a Furacão?

Ela olha para mim com hesitação nos olhos. Também há uma questão ali. Eu fico perfeitamente imóvel, sem oferecer nada.

É a tua vez, Furacão.

A devastação está a chegar de qualquer maneira.

Ela pega na mão dele, deixando-o puxá-la do meu colo, e eu expiro. É justo. Ele é a melhor escolha. Diabos, eu também o escolheria. Estrela da NHL. Rico, bonito, a brilhar na sua ribalta dourada. Eu sou apenas o tipo que coxeia e muda de lâminas.

Mas então ela surpreende-me quando se vira imediatamente, estendendo a outra mão.

– Anda lá, Snuffy – diz ela com um sorriso. – Vem dançar connosco.

Os meus olhos piscam para o Jake. Ele está tão surpreendido como eu e olha para mim, com as suas emoções à flor da pele. Ele sempre foi tão fácil de ler. Frustração, fome, ciúme, necessidade. Eu vejo tudo.

Lentamente, os seus ombros relaxam e ele solta uma gargalhada.

– Snuffy... esse é o tipo de merda que cola.

Rachel ri-se também. Tirando a minha mão do joelho, ela puxa-o, pondo-me de pé. Com uma mão no ombro do Jake e a outra ligada à minha, Rachel chama Novy:

– Ei! Fica de olho na Poppy! Ela transforma-se na Shirley Temple à meia-noite!

Novy acena com a cabeça, os seus olhos de águia já postos na gestora de relações públicas que se está a soltar na pista de dança.

Jake vai à frente em direção às escadas e Rachel leva-me atrás deles. O meu coração está acelerado. Não faço ideia do que raio estou a fazer. Eu não danço. Especialmente não danço com o Jake Compton. Posso ser bicha, mas sou mais um bicha que faz broches na casa de banho. Um maricas que deseja secretamente o seu melhor amigo, mas que nunca o vai admitir.

Mas a Furacão tem-me pela mão, e não há maneira nenhuma de eu a largar.

– Mexe-te, Sanford! – Morrow chama-nos.

– Diverte-te, Snuffy! – acrescenta Langley.

Os outros tipos riem-se todos.

E isso é ótimo. Vou dar-lhes esta noite para se rirem. Mas juro que o primeiro tipo que me chamar «Snuffy» amanhã vai ficar com a mala convenientemente «perdida» em todos os voos durante o resto da época.

RACHEL

Que raio estou eu a fazer? Tenho a minha mão no ombro do Jake enquanto ele nos leva para as escadas e estou a puxar o Caleb atrás de nós. Estarei mesmo prestes a ser o presunto numa sandes de jogadores de hóquei?

Estão ambos tão bonitos esta noite. O Caleb pode já não jogar, mas raios, ainda está em forma. O Jake é como o meu anjo em carvão e branco, enquanto o Caleb é o meu diabo, todo de preto, com um polo justo e calças de ganga.

Jake vira a esquina, tira-me a mão do ombro e puxa-me para a escada escura. Ele não chega a dar quatro passos antes de se virar. Mal tenho tempo para me recompor antes de ele me agarrar o rosto e me beijar sem parar. Dois degraus separam-nos, por isso estou praticamente ao nível do seu rosto. As minhas mãos vão para os seus ombros e agarro-me com força enquanto ele me roda, subindo um degrau para me pressionar contra a parede.

Suspiro com os seus beijos febris, perseguindo-o com abandono, enquanto as suas mãos deslizam pelo meu maxilar e pelo meu cabelo. As suas ancas pressionam, e então sinto-o. Todo. A sua necessidade, a sua fome, o poder que está a manter sob controlo. Ele quer soltar-se em mim. Tenho-o provocado toda a noite. Há semanas que isto está a crescer. Este é o Jake no limite do seu limite.

Eu quebro o nosso beijo, sugando o ar. O lado do seu rosto brilha em rosa-púrpura com as luzes da pista de dança, refletindo-se ao longo da linha do seu maxilar. Os seus lábios estão molhados com os meus beijos.

O seu olhar dirige-se para a direita e eu viro-me também. Caleb está lá, a poucos centímetros de distância. Ele viu-nos beijar. A sua expressão é ilegível.

O meu corpo está a zumbir como se eu estivesse embriagada, mas só

bebi meio *mojito*. São eles. A sua força, a sua presença. Eles consomem-me. Mesmo quando Caleb está a ser um idiota rabugento, sou atraída por ele. No treino estou sempre à procura dele, à espera de que ele me dê o seu aceno de aceitação. Ele é impecável no seu trabalho, organizado e eficiente. Não seria de esperar que houvesse muita graça em afiar lâminas e manusear paus partidos, mas tudo em Caleb é gracioso.

Eu quero agité-lo. Quero ser o seu furacão. Agarrando-o pela frente do seu polo, puxo-o para baixo um degrau. Ao mesmo tempo, dou um passo em frente. Ele não vai dar o primeiro passo. Tenho de ser eu. Seja qual for a energia que existe entre nós – nós os três – estou a deixar que ela me leve.

Os nossos lábios chocam e a boca dele abre-se num gemido suave. A música pulsa enquanto estamos no escuro, derramando a nossa necessidade reprimida um no outro. O seu braço com tatuagens passa à volta da minha cintura enquanto me abraça o rosto, inclinando-me para trás com a força do seu beijo ávido.

Os beijos de Jake são como lava, derretendo-me de dentro para fora. A paixão que sinto por ele é quente e incontrollável. Beijar o Caleb é elétrico. A minha pele estala de energia enquanto ele me provoca com a língua, sacudindo-a e possuindo-a antes de morder o meu lábio inferior.

Eu suspiro, afastando-me, e levo uma mão trémula aos meus lábios, passando por cima deles enquanto o meu olhar vai de Caleb para Jake. Eles estão de pé, ombro a ombro, encurralando-me, Jake dois passos abaixo. Ambos os homens parecem que me vão comer viva. Se o Jake está zangado comigo por ter beijado o Caleb, não o está a deixar transparecer. Na verdade, tudo o que eu sinto nele é que está *excitado*.

Que se lixe. Estou a fazer um pedido. Agarro a parte da frente da sua camisa branca, uma mão segurando cada um deles, reivindicando-os. O meu anjo e o meu demónio. Vamos ver se partilham bem. Puxo-o para a frente com um sorriso, os meus lábios separam-se para se encontrarem com os dele noutro beijo feroz. Jake agarra-me pelo cabelo, apertando-o com força suficiente para me fazer estremecer. A dor aguda atinge-me diretamente o âmagô. Eu gemo como uma criatura desesperada, derretendo-me contra ele.

Mas então eu dou um pequeno puxão no meu diabo. Ele está disposto a jogar? Não falámos sobre isto. Ele pode sempre ir-se embora. *Bum*.

Explodem fogos de artifício dentro do meu peito quando ele se aproxima, afastando o meu cabelo do ombro e afundando a boca no meu pescoço. Eu arqueio-me contra ele, levantando-me nas pontas dos pés enquanto ambos me apertam. O calor da boca de Caleb no meu ponto de pulsação chega diretamente ao meu clítoris, e agora estou a zumbir de necessidade. Eu quero isso. Quero-os aos dois.

Interrompo o meu beijo com Jake. Enfiando os meus dedos no cabelo do Caleb, empurro-o para longe de mim e enterro a minha língua na sua boca, com os meus lábios ainda molhados dos beijos do Jake. Ele persegue-me, a sua mão escorrega para dentro da parte de trás do meu macacão decotado e

apalpa-me a bochecha do rabo.

– Meu Deus! – suspiro, soltando o ar. – Oh, Deus...

– Ei!

Ficamos imóveis e viramos a cabeça para olhar para baixo das escadas.

– Para cima ou para baixo, pombinhos – resmunga o segurança, guardando a corda de veludo que mantém as escadas privadas.

Meu Deus, não teria sido preciso muito para alguém ficar junto à corda e olhar para cima. Então ter-nos-iam visto. Pelo menos está escuro. Mas as câmaras dos telemóveis têm flashes. Jake já está em modo protetor, descendo um degrau para me bloquear da vista do segurança.

– Foda-se – murmura Caleb.

Jake agarra a minha mão.

– Vamos lá.

Ele leva-me para baixo atrás dele, os dedos da minha outra mão entrelaçados nos de Caleb. Passamos pelo segurança e vamos para a pista de dança. O baixo da música martela através de mim, sacudindo os meus ossos enquanto as luzes pulsantes se apagam. Explosões de rosa, azul e verde cegam-me.

Os rapazes encurralam-me, colando-se na minha frente e nas minhas costas, enquanto o Jake abre caminho pela pista. O tamanho dele significa que me posso esconder nas suas costas e mover-me por entre a multidão, mantendo a cabeça baixa. Se alguém tirar uma fotografia agora, só vai apanhar a mancha do meu cabelo escuro.

Jake puxa-nos por um corredor escuro que leva às casas de banho. Várias mulheres estão ao longo da parede, à espera de entrar. Eu viro a cara para longe delas, tropeçando no escuro com os meus saltos altos. Ele agarra a maçaneta de uma porta onde está escrito «APENAS FUNCIONÁRIOS» e abre-a com um puxão, a porta mostra uma sala de armazenamento lotada – cadeiras empilhadas, uma prateleira de material de limpeza, caixas de cerveja e licor empilhadas em torres até o teto.

– Entra – rosna ele.

Mal dei um passo em frente, chego à prateleira e viro-me, assim que ele fecha a porta. O efeito é instantâneo, fazendo com que a música se reduza a um rugido mudo em vez de um ataque sensorial completo. Ele encosta-se à porta, rodando a fechadura com um clique. Caleb está entre nós, os seus olhos escuros fundidos com fome.

– O que é isto? – pergunta Jake.

– Não sei – admito, com o coração ainda acelerado pela emoção de estar nos seus braços. Meu Deus, basta estes homens respirarem na minha direção e, aparentemente, isso é suficiente para me fazer esquecer tudo. As nossas posições. Os nossos contratos assinados. As minhas aspirações profissionais. As suas reputações.

Alguém poderia ter tirado uma foto de Jake e eu a dançar. Claro, podemos encolher os ombros a isso. A Poppy dá a volta à situação. Dois

colegas a soltarem-se, a divertirem-se, a celebrarem uma vitória. Mas nós os três a foder com a língua numa escadaria?

– Rachel... o que é que queres que aconteça aqui? – pressiona Jake. – Queres-me a mim?

As palavras dele cortam a torrente dos meus pensamentos. Cada parte de mim amolece com o olhar dele. Oh, o meu doce Rapaz Mistério, sempre a duvidar de si próprio.

– Jake, sim – digo, aproximando-me dele. Seguro o seu rosto, inclinando-me sobre os dedos dos pés para o beijar uma, duas vezes. – Eu quero-te – murmuro contra os seus lábios. – Eu quero-te. Tu sabes que sim.

Ele segura-me pelos cotovelos.

– Mas tu também o queres... não queres? – Ele não parece zangado ou magoado. Ele só precisa de saber.

Oh, meu Deus, isto é possível? Eles já fizeram isto antes? O Jake não me parece ser do tipo que partilha. Caleb é a carta selvagem, sempre tão difícil de ler. Está ali, todo de preto, com aqueles olhos escuros a arder como brasas, à espera de que eu decida o seu destino. O que temos é novo e certamente muito diferente da minha ligação com Jake.

Viro-me nos braços do Jake, olhando para o seu melhor amigo. Este é o tipo de momento em que a melhor abordagem é a mais direta. Com o coração na garganta, abro os meus lábios e digo:

– Queres-me?

RACHEL

Caleb fixa o meu olhar, sem ver o seu melhor amigo.

– Sim.

As mãos de Jake descem pelos meus ombros e contornam as minhas ancas. Ele aconchega-me contra ele e inclina-se para baixo, beijando o meu ombro.

– Diz-nos o que queres, querida. O que acontece a seguir?

Os meus olhos ainda estão postos em Caleb. Ele está a observar-nos juntos, a ver as mãos de Jake a vaguear. A fome dele está a deixar-me desesperada. Um vislumbre de consciência formiga-me o fundo da minha mente.

– Eu quero-vos aos dois – admito. – Quero-vos ao mesmo tempo.

– Tu sabes que estou limpo – diz Jake, a sua mão escorrega para dentro do tecido elástico do meu *top*, para me acariciar o peito. Ele pesa-o na sua mão, beijando o meu pescoço e tocando no meu mamilo até eu me arquear contra ele. Faz uma pausa, com a mão no meu peito, e olha por cima do meu ombro para o seu melhor amigo. – Cay? Estás limpo? – Caleb acena-nos com a cabeça.

– Estás dormente? – provoca Jake.

Caleb abana a cabeça.

– Não.

Jake solta uma gargalhada.

– Bem, eu não saio deste quarto até ela se vir. Por isso, chega aqui e ajuda-me, ou sai. – Como que para provar a sua vontade de partilhar, ele puxa o tecido do meu *top*, esticando-o o suficiente para expor as minhas mamas nuas ao seu melhor amigo.

– Merda – murmura Caleb. Ele atravessa os poucos metros de espaço

que nos separam e esmaga a sua boca contra a minha, pressionando-me contra Jake, que já está encostado à porta.

Suspiro com o beijo de Caleb, arqueando as costas para as suas mãos nos meus seios.

Jake passa os dedos por baixo do meu cabelo, na minha nuca, mexendo no *top*. Este solta-se e as duas peças triangulares caem e ficam penduradas na minha cintura, deixando-me em *topless*. Caleb interrompe o nosso beijo, a sua boca percorre-me o pescoço e a clavícula até ao meu peito. Ele chupa e mordia, deixando-me louca.

A mão de Jake desliza entre nós, mergulhando dentro das minhas calças. As pontas dos seus dedos roçam a seda das minhas cuecas, mesmo por cima do meu clítoris.

– Foda-se, és tão mentirosa – rosna no meu ouvido. – Estás encharcada, minha menina. Diz-nos o que queres. A não ser que o Cay seja um tarado pervertido, duvido que tenhamos lubrificante.

– Nada de lubrificante – Caleb murmura. Ele segura a minha bochecha, passeando o seu olhar de mim para Jake por cima do meu ombro. – Mas talvez queiras ver no que te estás a meter antes de me convidares para jogar – admite ele.

Eu fico quieta, com as costas encostadas ao Jake.

– O quê?

Em resposta, Caleb desaperta o cinto e abre o fecho da braguilha. Pegando na minha mão, mete-a lá dentro, deixando-me sentir a sua pila dura. O seu...

– Oh, meu Deus! – digo num fôlego, o meu sorriso a espalhar-se. – Caramba, Caleb. – Acaricio-o da raiz à ponta e ele geme, com uma mão no meu ombro. A minha mão está enrolada na pila dele. No seu pau *furado*. Quatro vezes perfurado. Passo o polegar sobre quatro hastes metálicas rígidas, com barras em cada extremidade.

– O que é que se passa? – pergunta Jake, claramente preocupado. – Tiveste um acidente ou algo assim, meu?

Eu fungo, o meu sorriso a alargar-se.

– Oh não – respondo. – Ele está ótimo. – Os meus olhos fixam-se em Caleb enquanto lhe dou outra carícia, passando o meu polegar sobre a sua ponta. Ele contorce-se na minha mão. Quero-o na minha boca. – Terás de te esforçar muito mais do que isso para assustar um Furacão.

– Bem, eu estou com medo – diz Jake.

O sorriso de Caleb espelha o meu enquanto ele se inclina.

– Porque é que não a tiras? Mostra ao Jake.

Nunca tinha estado com um homem com um *piercing* na pila. A minha vagina já está a apertar-se de excitação nervosa. Levo as minhas mãos às ancas dele e baixo-lhe as calças uns centímetros, expondo a sua linda pila. Os *piercings* estão perfeitamente alinhados.

O Jake vira-se para o meu lado.

– O que é que tu estás... oh, *foda-se*... – Ele suspira, a sua mão vai à boca como uma senhora da igreja batista do sul. – Quando *raio* é que fizeste isso? Como é que fizeste isso? *Por que* fizeste isso? – O seu olhar dirige-se para o rosto de Caleb.

– Queres entrar nisso tudo agora? Ou queres foder a nossa rapariga antes que o pessoal nos expulse daqui? – responde Caleb.

– Bem... as duas coisas – admite Jake. – Quero dizer, isso ajuda?

Eu bufo de novo.

– Ajuda em quê? O equilíbrio dele? Eu duvido.

Jake revira os olhos para mim.

– Eu quis dizer tipo, com sexo. É... faz o sexo ficar muito bom ou algo assim? – Eu posso praticamente ver a competitividade dele borbulhando bem abaixo da superfície. Ele não quer ser superado por Caleb e pelo seu maravilhoso pau perfurado.

Viro-me, pondo as mãos à volta do pescoço dele.

– Achas que não me consegues fazer sentir bem, meu anjo? Estás preocupado que eu finja o meu orgasmo? Cantar o teu nome enquanto sonho com a pila dele com nervuras?

Atrás de mim, Caleb ri-se, as suas mãos roçam os meus ombros nus.

Jake faz uma careta para os dois.

– Não. – Mas os seus olhos denunciam-no. *Sim*.

Eu cerro os lábios, esforçando-me para não sorrir.

– Digo-te uma coisa, meu anjo – digo, lançando a Caleb um olhar acalorado por cima do meu ombro. – O Caleb vai ficar com a sua pila elegante na mão e observar-nos. Mostra-lhe como me fazes sentir bem. – Passo as minhas mãos pelo seu peito até ao topo das suas calças. – Ele só me toca quando te fartares.

Atrás de mim, Caleb está praticamente a rosnar, aproximando-se.

Agora é o Jake que está a sorrir.

– Oh, querida, não fazes ideia do que acabaste de começar.

Olho de relance entre eles.

– O quê?

– O Cay gosta de assistir – responde ele. – Ele gosta de mandar em mim... ou pelo menos fê-lo na faculdade. Nós não brincamos com uma rapariga há muito tempo.

Eu viro-me nos braços de Jake, agarrando o polo de Caleb e puxando-o para mais perto. Aquela sensação no fundo da minha mente estremece como a chama de uma pequena vela. – É isso mesmo, bonitão? Queres vê-lo a comer-me? Queres vê-lo a foder-me a boca?

– Sim.

Sorriso, empurrando-lhe os ombros até ele se afastar.

– Vou deixar-te mandar em mim. Já estou molhada só de pensar em ti a mandar nele. Mas eu também sou mandona – acrescento, empurrando-o novamente até que as suas costas batem na prateleira dos mantimentos com

um estrondo. Levo as mãos ao cinto e solto-o.

Ele grunhe, com a pila dura ainda a sair fora das calças.

– O que é que queres, Furacão?

– Quero que te excites por mim – respondo, agarrando-lhe os pulsos.

– Feito.

Mas eu abano a cabeça.

– Tu não sabes o significado da palavra. Ainda não. – Com isso, passo o cinto dele à volta dos pulsos e levanto-os por cima da cabeça.

Ele deixa-me, relaxando os braços para que repousem sobre a sua cabeça. Ele é tão alto que não consigo chegar muito mais alto.

– Oh, merda, miúda, o que estás a fazer? – diz Jake por trás de mim.

– Ele pode olhar, mas não pode tocar – respondo, arqueando-me sobre os dedos dos pés para o amarrar à prateleira dos mantimentos.

Caleb sorri para mim como a cobra para o coelho e eu luto contra um arrepio de fome. Este homem tem camadas. Um pouco de *bondage* leve é apenas o começo, posso dizer. Não seria preciso muito para que ele soltasse as mãos, mas sei que não o fará.

– Ele pode mandar em nós – digo, passando as mãos pelo seu peito. – Até as mãos dele descerem, fazemos o que ele disser. – Com as minhas regras estabelecidas, esfrego-lhe a ponta do pau com o polegar, fazendo-o contorcer-se. – Dás o teu consentimento, Caleb? – Ele acena com a cabeça.

Olho de relance para o Jake, com uma sobrancelha levantada em jeito de pergunta.

– Estás a brincar comigo? Foda-se, sim. Estou a morrer aqui. – Os olhos dele aquecem quando olha também para Caleb, à espera da sua primeira orientação. É o meu pequeno e bom jogador de hóquei, habituado a receber ordens do treinador. E ele claramente adora um jogo. Tenho a sensação de que estes homens me vão arruinar.

Caleb está ali de pé, amarrado à prateleira com o seu próprio cinto, as calças abertas e caídas à volta das ancas, a pila de fora e dura. As luzes piscam sobre a nossa cabeça. Isto é duro e sujo, e mal posso esperar para ver o que ele faz. Aqueles olhos escuros estão a arder.

– Beija-a. Naqueles lábios perfeitos, nas mamas dela. Fá-la gemer.

O meu âmagô aperta-se de excitação quando Jake me envolve nos seus braços, fazendo o que lhe mandam. A emoção da sua submissão a Caleb deixa-me pronta para me vir e ainda ninguém começou a tocar no meu clítoris.

Jake derrama-se sobre mim, não deixando nada por dizer com as suas mãos, os seus lábios ávidos. Meu Deus, ele beija tão bem. Como é que eu passei meses sem isto? Como é que me afastei dele em Seattle?

– Toca-lhe no clítoris – ordena Caleb. – Sente como ela está molhada.

Com um gemido ansioso, Jake desliza a sua mão novamente para dentro da frente das minhas calças, nunca quebrando o nosso beijo. Os seus dedos grandes separam os lábios da minha vagina e depois deslizam através da

minha humidade, tão escorregadia e quente, tão pronta para ele. Ambos gememos de desejo quando ele arrasta o dedo médio sobre o meu clitóris, fazendo-lhe círculos com a ponta do dedo.

– Ela está molhada? – pergunta Caleb.

– Tão molhada – responde Jake, quebrando o nosso beijo com uma respiração ofegante. Ele inclina-se para trás para me observar enquanto mete um dedo dentro de mim.

– Mostra-me – rosna Caleb.

Eu gemo com a perda quando o Jake retira os dedos. Ele mostra-os a brilhar na cara do Caleb.

– Prova.

Jake não hesita em chupar os dedos molhados na sua boca, deixando escapar um gemido de satisfação.

– Lindo menino.

Oh, meu Deus! Eu tremo quando o Jake treme. Estamos ambos tão excitados com isto, que podemos ter um orgasmo sem qualquer estimulação.

– De frente para mim, Furacão – diz Caleb. – Mãos em cima de mim. Olha para mim enquanto ele te fode com os dedos. Jake, não pares até ela se vir.

Jake vira-me e eu quase tropeço para a frente, as minhas mãos dirigem-se para o peito de Caleb. Jake está ali, apoiando-me com o seu corpo enquanto ele desliza uma mão de volta para dentro das minhas calças, dedilhando-me até que eu estou a tremer. A sua outra mão apalpa-me meus mamilos, provocando-me. Ele beija-me... o pescoço, o ombro, o lóbulo da orelha. Enquanto isso, mexe as ancas, fazendo-me ver o quanto está duro por mim.

E Caleb observa, aquele olhar negro tão quente e pesado, enquanto respira com os lábios entreabertos. Eu mantenho o seu olhar enquanto me venho com um longo gemido, os dedos de Jake no meu sexo e o seu polegar no meu clitóris, a sua respiração quente contra a minha orelha.

– Que menina tão bonita. Estás a apertar-me com tanta força.

– Foda-se, entra dentro dela – rosna Caleb. Os seus braços dobram, testando a fixação do cinto. – Eu preciso de te ver a fodê-la. Furacão, não te atrevas a desviar o olhar.

Eu sorrio. Ele está a perder a calma. Eu juro que vou quebrar este homem.

O Jake está atrás de mim, a abrir as suas calças e depois as minhas, deixando cair o meu macacão até aos tornozelos. Eu estou de pé entre eles, ainda no auge do meu orgasmo, somente com a minha tanga e saltos altos. Jake passa as mãos pelo meu rabo, os seus dedos curvam-se sob o fio da minha tanga. Ele dá um puxão, arrancando-a. Dá a volta com a mão e mete-as no bolso do Caleb.

– Abre-te para mim, querida – murmura ele.

Eu mexo mais os pés enquanto ele faz pressão nas minhas costas, dobrando-me um pouco para a frente. O ângulo aproxima-me muito mais do

rosto de Caleb.

– És tão bonita – diz Jake, enfiando os dedos entre as minhas pernas. Eu sei o que ele está a fazer. Está a usar a minha humidade para lubrificar a sua pila. Estou tão pronta para me vir outra vez. Quero este homem dentro de mim. Quero que o Caleb veja. – Meu Deus, tu deixas-nos loucos, querida – diz ele.

– Para de falar e fá-lo – rosna Caleb, os seus olhos ainda em mim.

– Queres que eu pare de falar também? – provoco. – Porque não pões a minha boca a trabalhar.

– Não fales, e terás exatamente o que queres – responde ele, com os olhos em brasa.

– Fica quieta – diz Jake. – Ele tem a mão e o pau entre as minhas pernas, a ponta roçando na minha entrada, antes que eu me abra um pouco mais e ele possa entrar.

Eu suspiro, afundando-me na sua ponta.

– Oh, aí mesmo...

– Foda-se, fica quieta... – Jake tira a mão, dobra os joelhos, e depois levanta-se e entra de uma vez, empalando-me na sua pila. A plenitude atinge-me, levantando-me nas pontas dos pés. Eu grito, mordendo o meu lábio para engolir o som, as minhas unhas cravam-se nos ombros de Caleb. Atrás de mim, Jake estremece, com as duas mãos nas minhas ancas, enquanto começa a mover-se, balançando em mim.

Sentindo-o ao meu redor e dentro de mim, eu não posso evitar o inchaço de emoção no meu peito. O meu Rapaz Mistério. O meu Jake. Oh, meu Deus, ele é meu. Eu sinto a espiral do meu próximo orgasmo e a inundação de calor percorrer o meu corpo.

– Oh, por favor – digo vezes sem conta. Estou a implorar, mas não sei para quê.

Depois, a mão de Jake está no meu cabelo, apertando-o num punho enquanto puxa a minha cabeça para trás, dobrando o meu pescoço. Eu grito, arqueando as costas enquanto ele bate em mim. Vou-me vir. Não consigo aguentar.

– Por favor, Cay – diz Jake atrás de mim, os seus quadris a bater no meu rabo enquanto ele me fode tão bem. Eu adoro estar entre eles. Eu só queria...

– Chupa-me a pila, Furacão.

Aí está.

O meu segundo orgasmo quebra-me quando Jake grunhe sua aprovação, mudando para trás, mesmo quando ele empurra a minha cabeça para baixo, a sua mão ainda torcida no meu cabelo. Ele também quer isto. Ele quer ver-me com o Caleb. Ele quer que todos nós participemos. Adoro a forma como ele me domina, mesmo quando se submete a Caleb, inclinando-me para a frente até que eu seja capaz de envolver a minha boca ávida em torno da ponta de Caleb.

Segurando Caleb pelas ancas, afundo a minha boca quente à volta do seu

eixo, levando-o bem fundo. O metal de cada *piercing* estala nos meus dentes de baixo enquanto eu o engulo, chupando-o até ele gritar.

A minha vagina estrangula a pila do Jake enquanto chupo o Caleb, adorando esta sensação de plenitude. O esperma de Caleb cobre a minha língua e eu sei que ele está à beira da libertação. Enfio a minha mão dentro das calças dele, agarrando-lhe os tomates.

– Foda-se... *merda*... – Ele puxa o cinto e as suas mãos libertam-se. Depois deixa-as cair na minha cabeça, o cinto ainda enrolado no seu pulso com tatuagens. Ele enterra os dedos no meu cabelo, substituindo o Jake. Amordaça-me com o seu pau, batendo na parte de trás da minha garganta enquanto eu me engasgo, adorando cada segundo. A prateleira atrás dele estremece quando as suas ancas batem nela. As barras dos seus *piercings* rolam sobre a minha língua. Só posso imaginar como seriam na minha vagina.

– Oh, querida, eu vou... – Jake geme atrás de mim.

Eu gemo de aprovação à volta da pila do Caleb, dando-lhes o meu consentimento. Não vamos parar até que todos nós tenhamos conseguido a nossa libertação. Eu quero-os desfeitos.

– Foda-se, és tão apertada, tão perfeita... – Jake bate as ancas contra as minhas mais duas vezes e depois grita, a sua libertação quente enchendo-me.

Eu chupo Caleb e ele solta-se também, o seu esperma enchendo a minha boca. Eu engulo-o, recuando para respirar. Quando penso que não tenho mais remédio, o Jake passa a mão por mim e toca-me no clítoris, provocando um último tremor de libertação. É um eco dos meus outros orgasmos, um choque posterior, um desenlace.

Eu caio para a frente, a minha testa pressionada contra o abdómen de Caleb. Atrás de mim, o Jake sai do meio das minhas pernas. O vazio que sinto deixa-me ao mesmo tempo oca e cheia. É uma sensação tão estranha. Tenho o sabor de Caleb na minha boca, o esperma de Jake entre as minhas pernas. Adoro isto. Não há nada que se compare à sensação de ser usada por dois homens ao mesmo tempo.

A minha adrenalina está a abrandar, o meu sangue passa de fogo a gelo. Tremo, todos os meus membros ficam subitamente desprovidos de ossos. Esta é a sensação que eu desejo quase tanto quanto o orgasmo. Esta sensação de estar vazia e cheia simultaneamente. Não dura muito tempo. Tenho de saborear cada segundo.

Caleb levanta-me suavemente por baixo dos braços, segurando o meu peso, envolvendo-me no seu abraço. É estranho estar nua enquanto os dois estão completamente vestidos. Da próxima vez que fizermos isto, quero-os despidos. São demasiado bonitos para esconderem toda aquela pele perfeita de mim.

O Jake ajoelha-se e enfia-me o fato pelas pernas acima, cobrindo-me. Quando chega às minhas ancas, ele fecha-me o fecho.

– Vamos lá – murmura Caleb, levantando-me até estar equilibrada nos meus pés. Lança-me um olhar avaliador antes de levantar as duas mãos,

passando os polegares levemente sob os meus olhos. Só posso imaginar como devo estar, o meu cabelo despenteado pelas suas mãos, a minha maquilhagem borrada das lágrimas por me ter engasgado com a pila dele. Mas não quero saber. Ele está a olhar para mim como se eu fosse a sua razão de viver, e neste momento, eu quero ser.

O som da discoteca aumenta novamente para lá da porta. As próprias paredes zumbem com ele. Vozes altas no corredor. Sinto o som do baixo no meu peito.

Estou a perdê-la. Essa sensação de vazio.

Atrás de mim, Jake vira cuidadosamente as peças do meu *top* para cima, movendo o meu cabelo para que consiga prender as alças. A minha roupa parece uma armadura. Mas também representa a realidade a instalar-se. Estou sozinha com um dos meus jogadores e o responsável do equipamento no armazém de um clube movimentado. Acabámos de foder. Os três. *Juntos*. A minha decisão de manter o Jake afastado durou apenas um mês.

Oh, meu Deus, isto é insano!

Não o posso negar. Não posso fugir.

– Vamos, linda – murmura Caleb, enfiando novamente o cinto de volta nas calças.

– Nós levamos-te de regresso ao hotel – acrescenta Jake.

Olhando de relance entre eles, a verdade retumbante instala-se. Eu quero o Jake Compton. E quero o Caleb Sanford. Separadamente. Juntos. Quero-os a ambos. Vou estar a contar as horas até que isto possa voltar a acontecer.

JAKE

Mal percorremos meio quilómetro no Uber e sinto a necessidade de dizer alguma coisa. A música *pop* coreana da nossa motorista está a pulsar nos altifalantes, a banda sonora surpreendentemente adequada aos meus pensamentos caóticos. Cada momento das últimas duas horas passa na minha mente como um daqueles projetores de slides da velha escola. As imagens estão a girar, a girar...

– O que é que isto significa? – pergunto.

Ao meu lado, a Rachel fica rígida, e eu ouço Caleb murmurar «pelo amor de Deus». O quê? Será que eles esperam mesmo que eu faça uma *ménage à trois* num armário de esfregonas e não faça comentários? Será que ao menos me *conhecem*?

– Deixa-te disso, Cay. Fizemos sexo e eu quero falar sobre isso.

– Talvez devas esperar até estarmos em privado, idiota – murmura Caleb.

– Eu não digo nada. – A nossa motorista grita do banco da frente com uma voz cantada.

– Sim, estás a ver? A Melanie não vai dizer nada – digo com um aceno de mão.

O olhar de Rachel passa de mim para a motorista e a sua boca abre-se de horror.

– *Conhece-la?*

– O quê? *Não...* O nome dela está mesmo ali. – Aponto para a placa laminada cor-de-rosa que ela colou no *tablier* e que diz «Olá, sou a Melanie» em cinco línguas.

A Rachel geme, e agora estou oficialmente a começar a entrar em pânico. Ela arrepende-se. Está a recuar outra vez. Meu Deus, não consigo

ganhar com esta rapariga! É sempre um passo à frente e cinco atrás.

Quero dizer, claro, o Caleb é uma surpresa. Ele tem sido um cretino tão rude desde o seu acidente que eu estava a começar a pensar se ele teria abandonado o romance por completo. Não me surpreende que ele esteja interessado na Rachel, porque ela faz totalmente o género dele. E não me surpreende nada que ela esteja interessada nele porque, mais uma vez, ele faz totalmente o género dela... E é aí que o meu coração me sai do peito.

Jake Compton, és mesmo um idiota.

Vou lembrar-me deste momento para sempre, sentado no banco de trás de um Uber com o meu melhor amigo e o amor da minha vida, enquanto «So Hot» das Wonder Girls passa na rádio. Este é o momento em que me apercebi que sou eu. Eu é que sou o problema. Eles não querem falar sobre a possibilidade de mais porque ambos querem menos. Uma *pessoa* a menos.

Com o coração em pedaços, olho para eles. Nem sequer reparei que o Caleb agarrou a mão dela. Os seus dedos estão entrelaçados em cima do joelho dele.

– Sim, está bem – respondo eu. – Está tudo bem. Eu percebo.

Não lhes vou dar o benefício de me verem a desmoronar neste maldito Uber. Assim que voltar ao meu quarto de hotel, vou ligar à minha irmã Amy. Um tipo duro pode chorar para a sua gémea sem medo de ser julgado.

E de manhã, vou falar com o meu agente. Certamente há alguma equipa na Liga aberta a uma troca a meio da época. Porque uma coisa é certa: já foi difícil deixar Seattle sabendo que nunca mais veria a Rachel. Nem pensar em viver na mesma cidade, jogar na mesma equipa, e tê-la sempre fora do meu alcance. Que se lixe sermos amigos. Quero tudo ou nada. Se ela não quer o meu tudo, então tenho de ser suficientemente forte para viver com o nada.

RACHEL

Olho de relance para o Jake, reparando na forma como todo o seu comportamento mudou de repente.

– O que é que se passa? – pergunto, colocando a minha mão no seu joelho. Ele retrai-se.

– Jake...

– Não – murmura ele. – Por favor, só... – Ele tira a minha mão do joelho e eu sinto isso como um murro no estômago.

– Mas o que raio se está a passar? – pressiono. – Acabaste de dizer «está tudo bem». O que é que isso quer dizer?

– Tu não queres isto – responde ele, ainda sem olhar para mim. – Não me queres a mim. Ele é mais adequado, eu percebo.

O meu olhar dirige-se de boca aberta para Caleb e ele geme.

– Jake, és um idiota de merda...

– Diz isso outra vez quando sairmos deste carro – diz Jake, os seus ombros agora subitamente duas vezes mais largos. Ele inclina-se sobre mim, apontando um dedo na cara dele. – Não me obrigues, Cay.

– Uau... *parem...* – atiro as minhas duas mãos para os lados.

– O que é isso? – pergunta a motorista do Uber. – Querem sair aqui?

– Não – dizemos os três ao mesmo tempo.

– Na verdade, sim – diz Jake. – Deixe-me sair. Eu vou a pé o resto do caminho.

– *Okie-dokie* – diz a doce loira, encostando.

– Jake, não – grito. – Isto é uma loucura...

Ele sai antes mesmo que eu consiga agarrar os seus ombros, batendo com a porta do carro na minha cara. Caleb já tem o seu lado aberto, seguindo-o para fora.

– Caramba, ele está muito chateado – murmura a condutora, com os olhos arregalados ao ver Jake a fugir e Caleb a correr atrás dele. – Quer que espere? Ou levo-a só a si para o hotel?

– Não – respondo. – Eu tenho de lidar com isto.

Saio pela porta aberta de Caleb, seguindo-os.

É quase uma da manhã. Todos os restaurantes e estabelecimentos comerciais desta rua estão fechados. Alguns têm sinais luminosos – comida chinesa, uma lavandaria, um bar de *striptease*. A música *rock* sai por uma porta aberta quando passo a correr atrás dos meus jogadores de hóquei.

Os meus saltos fazem barulho no passeio. Meu Deus, os meus pés estão a matar-me. Estou a um centímetro de me livrar destes saltos e correr descalça.

– Percebeste tudo ao contrário, meu! – Caleb chama por Jake.

– Não me digas o que eu vejo com os meus próprios olhos.

Caleb alcança-o, agarrando Jake pelos ombros.

– Não faças isso. Não te feches. Queres falar, então vamos falar...

– Eu *não* quero falar – rosna Jake. – Não posso fazer isto aqui. Não agora.

Eu apanho-os, ofegante.

– Jake, fala comigo antes que eu grite. Que raio foi aquilo ali atrás? – gesticulo para onde o nosso Uber ainda está estacionado no fundo da rua. – Num minuto estávamos todos a sentir o prazer de um orgasmo a três, e agora estás a correr como se um fantasma te estivesse a perseguir. Não está a fazer sentido.

Ele fixa o meu olhar, aqueles lindos olhos cor de avelã cheios de tanta dor.

– Rachel, eu não posso mais fazer isto.

A minha respiração fica suspensa quando as sobranceiras escuras de Caleb se estreitam em confusão.

– Fazer o quê? – diz ele, olhando para nós.

Jake olha para mim, à espera da minha autorização. Mesmo agora, ele está disposto a manter-nos em segredo. Ou talvez isto seja um teste? Ele quer saber quanto vale o nosso segredo para mim. Se estou disposta a contar a verdade a Caleb? A dor no seu rosto faz-me dar um passo em frente e agarrar a sua mão.

– Sei que isto tem sido difícil para ti. Também tem sido difícil para mim. Nunca esperei isto. Nenhum de nós esperava.

– Esperava o quê? – diz Caleb, o seu olhar sombrio passando de um para o outro. – Há quanto tempo é que isto se passa entre vocês os dois?

– Quase quatro meses – respondo, os meus olhos ainda fixos em Jake.

Fico à espera de que Caleb me acompanhe. Não é possível que o Jake não lhe tenha contado sobre mim. Espero cinco segundos para que Caleb comece a praguejar.

– Oh, que merda! – murmura. Ele olha para o Jake. – Estás a brincar

comigo agora, idiota? *Ela é* a tua Rapariga de Seattle? – Lentamente, Jake acena com a cabeça, os seus olhos ainda em mim.

– Oh, foda-se! – diz Caleb novamente, arrastando as mãos pelo seu cabelo despenteado. – Porque é que nenhum de vocês disse nada?

– Ela pediu-me para não dizer – responde Jake, com um tom de voz baixo.

Caleb dá-lhe um murro no braço.

– Sim, mas eu sou o teu melhor amigo. E tenho a certeza de que os segredos vão pela janela fora quando me convidas para foder a tua rapariga de sonho num armário!

– Ela não queria que ninguém soubesse – diz Jake, olhando na minha direção. – Por que raio não?

Jake encolhe os ombros.

– Terias de lhe perguntar. Aparentemente, é a Rachel que dá as ordens. Mas o meu palpíte é que ela tem vergonha de mim.

As palavras dele tiram-me todo o ar. Eu suspiro, levando a mão ao peito.

– Jake... que raio? Estás a falar a sério agora? Diz-me se estás a falar a sério, antes que eu chore aqui mesmo em frente ao Mr. Chen!

Um sinal de bolinhos meio iluminado pisca atrás da sua cabeça e ele cruza os braços.

– Diz-me que estou errado.

– Estás errado!

– Disseste que não podíamos estar juntos por causa dos contratos que assinaste – diz ele, apontando-me um dedo à cara. – Mas eu falei com a Vicki, e ela disse que só temos de assinar um formulário a dizer «estamos juntos» e que não podes ser a minha médica.

Os meus olhos arregalam-se.

– Perguntaste à Vicki sobre mim? Quando?

– No dia em que apareceste no raio do meu parque de estacionamento! Não é nada de especial, Rachel. Com a eliminação de um documento e a assinatura de outro, podemos ficar juntos. E acho que tu sabes isso – acrescenta. – Tu é que não me queres.

Como é que eu não percebi até que ponto o estava a magoar? Ele está sempre de tão bom humor, sempre a sorrir, sempre a provocar e a rir e a mandar-me mensagens com fotografias de tacos e pelicanos e de todas as chávenas de café que consome. Mas este tempo todo ele tem estado a mascarar a sua dor.

– Jake, eu sinto muito.

Ele estremece, sua última esperança desfaz-se.

– Espera... *não*... – Eu atiro-me a ele, agarrando-lhe o braço. – Jake, desculpa por te ter magoado. Por não ter percebido o quão difícil isto era para ti.

– Difícil? – rosna ele. – Isto tem sido *insuportável*, Rachel. Sabes como foi difícil acordar e descobrir que tinhas desaparecido em Seattle? Sabes o que

senti ao ver-te de novo? Como sofri ao saber que estavas na minha cidade, na minha maldita pista de gelo, no meu autocarro, no meu ginásio, no meu avião, estavas em *todo o lado*. Todo o dia. *Todos* os dias. E eu não posso tocar-te! Não te posso beijar. Não posso sentir esse coração a bater nas minhas mãos. – Ele passa a mão no meu peito.

– Não ando a comer, Rachel. Não ando a dormir. Não me consigo concentrar dentro ou fora do gelo. Pergunta ao Cay, ele sabe – acrescenta. – Há semanas que me anda a chatear a querer saber o que se passa. *Tu* é que és o problema.

Eu levanto uma mão, envolvendo-a em redor do seu pulso.

– Jake...

– Estou apaixonado por ti, Rachel. E podes dizer que isso é de loucos, mas não sou um tolo enamorado que se apaixona por qualquer rapariga ao primeiro movimento das suas pestanas. Tu viraste-te naquele banco de bar em Seattle, e eu soube. Tu és a tal.

Agora estou a chorar, com a cabeça a abanar.

– Jake, tu nem sequer me conheces...

– Eu conheço-te – contrapõe ele, segurando a minha cara com as duas mãos. – Eu conheço-te e tu conheces-me. Provámos isso em Seattle. Posso não saber o nome do teu liceu ou o teu molho de salada preferido, mas posso aprender. Eu quero aprender. Dá-me uma oportunidade, querida, por favor.

As minhas mãos voltam para os pulsos dele, tirando-lhe as mãos do meu rosto.

– Jake, tu não me queres – digo com um abanar de cabeça.

– Não – ele rosna. – Não me afares outra vez.

– Não te posso deixar ficar comigo – digo eu. – Não em público, pelo menos.

– Por que raio não?

– Não em público? – acrescenta Caleb, com os braços cruzados enquanto olha para mim. – O que é que tu és, Furacão? A porra de uma gueixa?

Eu luto contra as lágrimas que querem tão desesperadamente continuar a cair.

– Não posso estar contigo em público porque isso arruinaria a tua vida – admito finalmente. – Eu arruinaria a tua vida... da mesma forma que já arruinei a minha.

CALEB

A minha mente está acelerada. Há uma hora, eu tinha esta rapariga ao meu colo, deslumbrando-me com a sua demonstração de amizade. Trinta minutos depois, estava a foder a sua boca quente, a vir-me, enquanto via o Jake a penetrá-la por trás. Eram ambos perfeitos.

Eu queria voltar para o hotel e ir para o segundo *round*. Queria aquela rapariga linda a montar a minha pila, a bater aquelas ancas curvilíneas para baixo... *Porra, concentra-te*.

Agora estou numa esquina qualquer, a ligar os pontos que devia ter percebido há um mês. A Rachel Price é a Rapariga de Seattle do Jake.

– Rach, o que queres dizer com a tua vida estar arruinada? – indaga Jake. – És uma médica de sucesso. A tua carreira está em ascensão...

– Estou a tentar passar despercebida, sempre a uma indiscrição de distância da ruína total – responde ela. – Não posso culpar-te por isso, Jake. Não te posso arrastar para baixo comigo.

– Arrastar-me para baixo? – Ele olha bruscamente para mim. – Eu não entendo.

Um movimento no beco algumas montras abaixo deixa-me nervosa.

– Devíamos sair da rua – murmuro.

Descemos a calçada mais alguns quarteirões, e entramos num restaurante estreito, aberto 24 horas, que está praticamente vazio, exceto por um pequeno grupo de rapazes de fraternidade pedindo panquecas no balcão.

– Sentem-se em qualquer lugar, rapazes! – diz a empregada. – Já vos vou atender!

Jake leva-nos até à cabine no canto junto à janela. Rachel senta-se primeiro. O Jake surpreende-me quando se senta à frente dela. Eu deslizo para o lado dele.

A empregada aproxima-se com um par de cafeteiras.

– Café ou descafeinado, queridos?

Todos pedimos descafeinado, e ela enche-nos as canecas brancas até ao cimo.

– Vão comer alguma coisa esta noite?

– Só o café – digo. Assim que a empregada sai, inclino-me sobre o Jake, agarrando no frasco das natas. – Muito bem, Furacão. Desembucha.

Ela agarra também no leite, adiciona-o ao seu café e mexe-o com uma colher.

– Nenhum de vocês me pesquisou no Google, pois não?

Olhamos de relance um para o outro. Eu de certeza que não. Pesquisar no Google uma pessoa de quem se gosta parece-me uma coisa de coelhinhos.

– Não – respondo por ambos.

Ela segura a caneca com as duas mãos.

– Não acredito que fiz aquilo esta noite. Qualquer pessoa podia ter tirado uma fotografia de nós a beijarmo-nos naquela escadaria. Ou a sair do armário. Foi imprudente, e eu nunca sou imprudente. Mas vocês os dois... *meu Deus...* põem-me doida – diz ela, bebendo um gole do café.

– Porque é que estás tão preocupada com umas fotografias? – Jake pressiona.

Ela pousa a chávena no tampo da mesa de fórmica verde espuma do mar.

– Porque não seria a minha primeira indiscrição – admite suavemente. – E a imprensa é implacável. Teriam espalhado a notícia por todo o lado. Teriam dito as coisas mais horríveis... – Ela reprime as palavras, agarrando novamente na caneca de café.

Jake e eu partilhamos um olhar desconfiado.

– A imprensa? – diz ele.

Eu levanto uma sobancelha para ela.

– És alguma princesa secreta ou algo assim?

Ela encolhe os ombros e dá uma pequena gargalhada.

– Mais ou menos... de certa forma, acho eu.

– Pelo amor de Deus, deixa cair o véu – rosno.

Ela tamborila com os dedos na caneca.

– Algum de vocês conhece o nome Halston Price? – A minha mente está a zumbir.

– Halston Price? – repete Jake. – Espera... oh, merda... *espera...* – Ele suspira, inclinando-se para a frente, com os cotovelos sobre a mesa frágil. – Halston Price como em Hal Price? Tipo, Hal Price, vocalista dos The Ferryman? – Rachel acena com a cabeça, bebendo mais um gole do seu café.

– Oh, meu Deus! – exclama Jake.

– Calma – murmuro, olhando para o balcão. Os rapazes da fraternidade estão a olhar na nossa direção.

– O quê? – diz ele com uma gargalhada. – Desculpa, mas isto é de loucos. Os Ferryman são uma das minhas bandas favoritas de sempre. – Ele

vira-se para a Rachel, a sorrir. – Vi-os num concerto em Amesterdão com a Amy. O Hal Price é uma lenda do carações. Ele é a realeza do *rock*!

– Sim, é o papá.

O Jake ri-se outra vez.

– Oh, meu Deus, ela chama «papá» ao Hal Price. Não pode ser. – Ele agarra a caneca com as duas mãos, dando um grande gole.

Agora tudo faz sentido. O facto de ela querer manter o anonimato em Seattle, todas as *t-shirts* sensuais que a vi a usar quando corre, a sua vida de talher de prata com um motorista contratado, a guitarra eléctrica tatuada no antebraço. Aposto que a assinatura é do Hal.

Os meus olhos estreitam-se sobre ela.

– Então, o papá Hal é um deus do *rock*, e tu viveste sob os holofotes dele toda a tua vida? É esse o teu dano profundo e sombrio, Furacão?

Ela acena com a cabeça, com uma expressão solene.

– A minha família foi destruída vezes sem conta pela imprensa. O meu pai traiu a minha mãe quando éramos pequenos. Arrependeu-se e quis voltar para ela. Mas havia provas fotográficas e estávamos nos anos noventa, quando o divórcio ainda era um tabu. Isso arruinou-o durante algum tempo. A sua infidelidade foi ampliada dez vezes.

– Lamento – diz o Jake, atravessando a mesa para lhe dar a mão.

Ela olha para nós, com lágrimas nos olhos.

– O constante escrutínio da imprensa quase nos fez perder o Harrison.

– Oh, merda! – murmura Jake.

Eu olho para ele, com uma pergunta nos olhos.

– O irmão gémeo dela – responde ele.

A sério? Eu abano a cabeça, tomando um gole do meu café muito mau. Claro, são ambos gémeos. Se calhar, criaram laços por causa disso quando se conheceram em Seattle. Talvez seja por isso que ele e Rachel têm a vibração de ímanes.

– O que é que aconteceu? – pergunto.

Ela olha-me com um ar severo.

– A imprensa revelou-o ao mundo.

– Puta merda – murmura Jake. – Querida, isso é horrível.

– Não sabes nem metade da história – responde ela. – Uns idiotas da escola preparatória dele esconderam uma câmara no seu quarto e apanharam-no com outro rapaz. Venderam o vídeo aos tabloides. – Ela faz uma pausa com os olhos fixos na chávena de café. – Os meus pais descobriram que ele era homossexual quando o seu primeiro vídeo porno se tornou viral. Durou uns dois anos até conseguirmos ganhar a providência cautelar para que fosse retirado.

– Lamento imenso, querida – murmura Jake. – O que é que aconteceu ao Harrison?

– O assédio era tão mau na escola que ele tentou suicidar-se. Tomou uma quantidade de comprimidos de um armário de medicamentos. Tiveram

de lhe fazer uma lavagem ao estômago. Esteve inconsciente no hospital durante dias. Pensámos que ele podia não sobreviver – termina, com as lágrimas a cair.

– Onde é que tu te encaixas? – pergunto eu.

Ela agarra na caneca de café.

– Eu?

– Sim. O papá Hal é o deus do *rock* com um problema de infidelidade. O teu irmão é um *gay* assumido. O que é que a imprensa te fez?

– Eles perseguiram-me mais do que ao Harrison. As raparigas são sempre mais perseguidas – acrescenta. – E eu era um bocado rebelde na minha juventude. Negava muito a forma como a fama me afetava. Por isso, agi de forma estranha. Fiz muitas escolhas erradas. E a imprensa estava lá para cada uma delas. Pesquisem no Google e vão ver.

– Não vamos pesquisar no Google – digo gentilmente.

– Rachel, todos nós temos um passado – acrescenta Jake. – Não me interessa se eras uma princesa mimada do *rock* que se drogava e comia rapazes idiotas na carrinha do teu pai.

– Fiquei pedrada, comi rapazes e destruí um iate de três milhões de dólares na costa de Amalfi. E embebedei-me e vomitei-me toda na caça ao ovo da Páscoa da Casa Branca. Eu tinha onze anos nessa altura – acrescenta.

Que merda! Quando eu tinha onze anos, já estava a viver para jogar hóquei.

– Desperdicei três anos a tentar ser modelo quando isso me fazia sentir miserável a cada segundo, a morrer de fome, a perder o sono, a perder amigos. Isso levou-me a revoltar-me e a ficar noiva de um fotógrafo de moda vinte anos mais velho. O papá teve de voar para Paris e arrastar-me literalmente para casa.

Ela pousa a chávena vazia, afastando-a.

– Mas no fim, tudo se resolveu. Ele pôs-me numa clínica de reabilitação e eu acabei por sair dela. Uma das outras mulheres era uma cirurgiã cardíaca alcoólica. Criámos laços e ela disse-me que eu daria uma excelente médica. Eu tinha toda a motivação e inteligência, só me faltava a orientação. Então, terminei a reabilitação e fui para a faculdade. Nunca olhei para trás. Formei-me em cinesiologia, consegui uma ótima residência, ganhei a bolsa Barkley. Sou a Dra. Rachel Price há três anos... e a imprensa não noticiou nada disso. Só se preocuparam em ver-me falhar. É isso que eles querem para mim e para todos os filhos de celebridades. Querem o desastre, a bêbada desastrada, a modelo anorética que toma comprimidos. Eu já não lhes dou o que eles querem, por isso deixam-me em paz.

O Jake e eu ficamos em silêncio. Não faço ideia do que dizer. Ela viveu certamente uma vida diferente da nossa.

– Achas que estar comigo te vai trazer má publicidade? – diz Jake, com uma sobranceira levantada.

Ela abana a cabeça.

– Não, meu anjo. Acho que estar *comigo te* traria má publicidade – corrige ela. – Especialmente se formos apanhados a fazer o que estávamos a fazer esta noite – acrescenta.

E eu sei que ela tem razão. Fomos tão imprudentes.

Podíamos ter custado tudo ao Jake.

Mas o Jake está a abanar a cabeça.

– Não. Podíamos fazer com que resultasse.

Ela inclina-se sobre a mesa, apoiada nos cotovelos, com os olhos estreitados.

– Eles destruíram o Harrison por ser *gay*. O que achas que eles fariam a isto? – diz ela, gesticulando entre nós os três. – Achas mesmo que os teus fãs da NHL aceitariam que estivesse com a filha de uma estrela de *rock* que gosta de ser fodida pelo teu amigo enquanto tu assistes? Porque eu estou aqui para te dizer que eles te enterravam vivo, Jake. A imprensa desportiva é tão brutal como a imprensa de celebridades.

– Não é da conta deles com quem passo o meu tempo livre – rosna Jake.

– A Poppy discordaria – contrapõe ela. – Liga para o teu agente. Tenho a certeza de que eles também o fariam. – Enquanto fala, tira o telemóvel do bolso e toca no ecrã algumas vezes. Depois pausa-o na mesa. – Agora és uma figura pública, Jake. Se me pusesses sob os teus holofotes, eles incidiriam sobre mim e sobre as minhas duas décadas de bagagem. Achas que seria bom para nós que, com apenas um mês no meu novo emprego, eu já estivesse a foder o meu paciente *e* o responsável de equipamento?

– Quatro meses – rosna Jake. – E nós conhecemo-nos quando eu não era teu paciente.

– Queres dizer quando nos juntámos num bar de hotel? Conhecemo-nos cinco minutos antes de nos estarmos a beijar com a língua num elevador. Queres contar essa história à imprensa? Achas que isso ajudaria a nossa imagem?

– Não foi assim, e tu sabes disso – diz ele.

– E achas que a imprensa se preocupa com a história correta? Achas que vão querer verificar os factos connosco antes de publicarem os seus mexericos?

– Então, nós adiantamo-nos – contrapõe, ficando mais agitado. – Contamos a história à *nossa* maneira, controlamos a narrativa.

– Isso não é verdade. Eles vão distorcer cada palavra para pintar a história como querem vê-la. E quando se trata de Rachel Price e da imprensa, a única história é o caos...

– Eu não quero saber da merda da imprensa! – grita Jake, batendo com o punho na mesa e sacudindo todos os copos e talheres.

Os tipos do balcão viram-se todos para nós, com as sobrancelhas levantadas de curiosidade.

– Mantém a calma – murmuro para o Jake.

Ele resmunga, abanando a cabeça.

A Furacão toca no telemóvel e levanta-o, mostrando-nos o ecrã.

– Cinquenta e três segundos – murmura ela, a aplicação do cronómetro a mostrar os números a vermelho-vivo. – Levei cinquenta e três segundos para te entristecer, Jake.

– Não estou triste, só estou chateado...

– Sim, e eu percebo – diz ela. – Olha, eu tenho lidado com esta merda toda a minha vida. Durante vinte e sete anos foi a família Price contra o mundo. Finalmente aprendemos que a melhor maneira de sobreviver à imprensa é manter a cabeça baixa. Guardamos os segredos uns dos outros. Sem drama. Nada de partilhar os holofotes com outras celebridades... ou figuras públicas – acrescenta ela, suavemente.

Ele. Ela está a falar de Jake. Nada de partilhar as luzes da ribalta com uma estrela da NHL, se isso lhe puder trazer imprensa negativa. Ele resmunga, sentando-se e cruzando os braços sobre o peito.

– *Por favor*, acredita que te estou a proteger, Jake. Não te quero magoar. E não quero ser a razão pela qual te magoas.

– Ela tem razão, amigo – acrescento eu. – A imprensa teria um dia em cheio se alguma foto nossa na discoteca fosse divulgada. Temos de ter mais cuidado. Podes perder a tua posição de titular. Podes perder o teu contrato. Já houve carreiras que se afundaram por menos.

– Então onde é que isso me deixa? – pergunta ele, com o olhar fixo nela. – Isto acabou, Rachel? Eu digo-te «amo-te» em frente a um *takeaway* do Mr. Chen, com o meu esperma ainda pegajoso entre as tuas pernas, e tu sentas-te aqui e dizes-me que acabou? Eu posso agarrar no meu amor e engasgar-me com ele, acho eu.

Uma ideia está a ferver na minha mente. E porque, aparentemente, não tenho qualquer filtro quando se trata destes dois, as palavras saem da minha boca.

– Acho que deviam ir viver juntos.

O Jake engasga-se com o café e começa a tossir.

– Foda-se... au...

A Rachel vira-se lentamente para olhar para mim, com a maquilhagem dos olhos escura ainda esborratada por se ter engasgado com a minha pila. Os seus lábios carnudos abrem-se de surpresa.

– O que é que disseste?

– Furacão, devias ir viver com o Jake.

RACHEL

— Viver com o Jake? – grito, o batimento cardíaco ecoando nos meus ouvidos enquanto me inclino sobre a mesa. – Não ouviste uma palavra do meu discurso durante a última meia hora?

– Sim, ouvi – responde Caleb. – Também ouvi o Jake. Vocês estragaram mesmo tudo – diz ele, olhando de Jake para mim. – Puseram a carroça *muito* à frente dos bois, e depois foderam a carroça. Sem preservativos, aparentemente, o que, meu... – Ele dá um murro no braço do Jake. – És um psicopata de merda. Não há borracha, não há passeio, lembras-te?

– *Au*, idiota – rosna Jake, dando-lhe também um soco. – Eu disse isso em Seattle, mas ela estava toda tipo, «preservativos são menos eficazes» e depois ela soube-me tão bem sem preservativo que eu...

– *Chiu* – sibilo, com os meus olhos a espreitarem por trás dos ombros deles.

– Mais café, queridos? – pergunta a empregada e, sem esperar pela nossa resposta, começa a servir o descafeinado. – Avisem-me se precisarem de mais alguma coisa – diz ela por cima do ombro.

– De qualquer forma – murmura Caleb, abrindo a tampa do recipiente de natas e despejando-as no seu café. – Vocês os dois fizeram asneira e agora têm de voltar atrás. Acalmem-se e conheçam-se um ao outro fora das pressões do trabalho.

Eu zombo.

– Sim, e achas que ir viver juntos é a forma de nos «acalmarmos»? O que é que aconteceu aos encontros casuais sem compromisso ou... ah, não sei... somente ir sair? – Eu tiro as natas da mão do Caleb, e ele praticamente rosna para mim como um dragão. – Dá-me isso, seu monstro ganancioso.

– Preciso delas – murmura ele, despejando a sua terceira dose de natas

no café que é agora de uma cor bege doentia que Sherwin Williams provavelmente descontinuará.

– Foda-se... *toma...* – O Jake dá meia-volta, usando os seus braços compridos para apanhar o recipiente das natas da mesa atrás de nós. Fá-lo deslizar pela nossa mesa até mim, longe do alcance de Caleb.

– Ele não vai partilhar. Se lhe voltares a roubar as natas, ele mata-te.

– Podes ter a certeza – murmuro.

Caleb mexe o seu café cremoso com um chocalhar da colher.

– Olhem, malta, estou feliz pela primeira vez na minha vida. Tenho um emprego que adoro e tenho esta oportunidade fantástica de dar um grande passo na minha carreira. E estou a fazer tudo isto acontecer sem usar o nome do meu pai ou a sua fama. Sabes o que isso significa para mim? Consegues sequer imaginar o que é ter o espetro de ser a filha do Hal Price a assombrar-te noite e dia?

Seguro a minha chávena quente entre as mãos, respirando fundo.

– Mas o MCAT não se importava com o facto de eu ser filha de Hal Price – continuo. – Nem a bolsa de estudos Barkley. A única coisa que me trouxe até aqui foi o meu talento. O meu trabalho árduo. E, francamente, não quero que o meu trabalho seja ofuscado por uma relação neste momento – admito. – Se gostava de te ver mais vezes, de me rir mais contigo e de estar onde estás? Claro que sim. Adorei cada minuto que passámos juntos – digo, agarrando uma das mãos de cada um deles. Caleb retrai-se, mas Jake rapidamente entrelaça os nossos dedos. – E se eu gostaria de fazer mais sexo? – acrescento com um sorriso. – Claro que sim. Vocês os dois deixam-me louca e eu... *meu Deus...* eu mal consigo pensar perto de vocês.

– O sentimento é mútuo, Seattle – murmura Jake.

– Mas isso não implica que estou pronta para virar a minha vida do avesso e pôr-te à frente da minha carreira, ou arriscar-me a prejudicar a tua – acrescento. – De forma nenhuma. Não estou pronta para enfrentar o caos da imprensa. – Agarro no meu café e dou mais um gole. – Por isso, lamento, Cay. Mas eu acho que ir morar com o Jake é literalmente a *pior* ideia de sempre. Eu só iria acabar por magoá-lo... e já fiz isso o suficiente.

Encerro o meu caso, recosto-me, contente por terminar o meu café e regressar ao hotel.

Os dois tipos estão pensativos, com os ombros ligeiramente virados para dentro, enquanto trocam olhares incisivos. Já ouvi os outros tipos referirem-se a eles como PVD. Parceiros de Vida Doméstica. Caleb daria uma esposa muito melhor para Jake do que eu jamais conseguiria...

Fico incrivelmente imóvel, olhando para os dois, lendo a sua linguagem corporal. É então que me apercebo. Todos os meus sentimentos de curiosidade e confusão de repente fazem sentido. Eles comportam-se como parceiros de vida doméstica. Comportam-se como amantes. Como almas gémeas.

Respiro fundo, sentindo-me abalada pela minha revelação.

– Quer dizer, podíamos – murmura Jake.

Caleb franze o sobrolho.

– Mas tu... – Jake encolhe os ombros. – Melhor do que nada, certo?

– Tudo bem – declara Caleb. – A decisão é tua, meu. – Depois viram-se os dois para mim.

O Jake olha-me com os seus lindos olhos cor de avelã.

– Seattle, quero que te mudes para a minha casa.

Agora é a minha vez de ficar ali sentada, estupidamente, com um ar surpreendido na cara. Recuperando o juízo, exclamo.

– Mas que *raio*?

RACHEL

—Como? — digo, a minha voz a soar muito aguda e estridente. — Eu *literalmente* acabei de dizer que mudar-me para tua casa seria a pior ideia...

— Terias o teu próprio quarto — diz Jake rapidamente. — Casa de banho própria e tudo, tem fechadura e vista para o mar.

— É a um quarteirão da praia — acrescenta Caleb. — É lindo. Vais adorar, Furacão.

— E há estacionamento na rua para a tua carrinha — diz Jake. — E tenho um ginásio em casa e um terraço no telhado para ver o pôr do Sol. Podes cozinhar o que quiseres. Ou não cozinhar. Durante a época, tenho uma empresa que confeciona todas as minhas refeições, para que eu mantenha a minha dieta. Mas há um segundo frigorífico, e podemos enchê-lo com o que quisermos.

Sinto-me como se tivesse entrado numa dimensão bizarra onde as minhas palavras saem, mas não sou compreendida.

— Jake, não estás a ouvir. Não posso brincar às casinhas contigo. Acabei de dizer...

— O Cay também vem — acrescenta ele, apontando o polegar para o seu amigo.

Recosto-me, com as mãos pressionadas contra o tampo pegajoso da mesa de fórmica.

— O quê?

— Sim, tu disseste que querias mais de nós os dois — Jake pressiona. — Não uma relação, se isso te assusta — acrescenta. — Mas eu não posso continuar a fazer isto, Seattle. Não posso ter-te na minha cidade e na minha equipa e não estar perto de ti. Preciso de mais. E aceito tudo o que conseguir. Queres foder-me? Basta dizeres a hora e o local. Quere-lo a ele? — Ele aponta

o polegar para Caleb novamente. – Podes tê-lo. Comigo lá, sem mim, eu a observar de lado. Garanto-te que ele não vai dizer que não, e nem eu.

Olho para Caleb, e ele retribui o olhar sem hesitar.

– Mas isto não é só sexo para mim, Rachel – acrescenta Jake, com o rosto solene. – Diabos, nesta altura, contento-me apenas em respirar o teu ar. Massajar os teus pés no sofá depois de um longo dia. Lavo-te a roupa. Seguro a tua bolsa enquanto fazes compras. É assim que sou louco por ti. Tenho de ser eu, e isto é quem eu sou. É assim que me sinto. Vem para cá e fica comigo. Connosco. Seja o que for que isso te pareça, nós resolvemos isso. Mas dá-me mais do que este nada. Não aguento nem mais um segundo de nada. – *Rapariga, aguenta.*

Este homem é tão sincero. Ele ama-me. Ainda não me conhece, mas ama-me na mesma. Olho de relance entre eles.

– Não percebo a pressa de nos mudarmos. Podemos fazer todas essas coisas, Jake. Podemos sair, fazer compras e explorar a cidade. Podemos cozinhar na tua casa ou na minha e... o quê?

Caleb resmunga enquanto Jake apenas abana a cabeça.

– O que é que eu não estou a perceber?

– O Jake é jogador profissional de hóquei, Furacão – responde Caleb.

– Sim...

– E eu sou o responsável de equipamento. E tu és a médica da equipa. E a temporada já começou...

Levanto uma sobancelha.

– Sim? E então?

Ele puxa do telemóvel.

– Meu, mostra-lhe a tua agenda – murmura ele para o Jake.

Jake tira também o telemóvel e ambos me mostram os seus calendários para a semana seguinte. É uma loucura quando vejo todos os pontos e barras coloridas que indicam as atividades. Só no calendário de Jake há uma matriz complicada de treinos, exercícios, fisioterapia, viagens, jogos, relações públicas, reuniões de vídeo. O do Caleb está igualmente cheio.

– Aposto que o teu não está melhor – diz Caleb, guardando o telemóvel no bolso. – Queres um jogador de hóquei profissional na tua vida durante a época? Tens de viver com ele. De outra forma, nunca o verás.

Olho para Caleb.

– Então... o quê? Também vais viver com o Jake?

Ele encolhe os ombros.

– Nós já vivemos juntos antes. Não é nada de especial.

Eu estreito os olhos para ele.

– Sim, parceiros de vida doméstica, certo?

– Meu Deus, essa alcunha persegue-nos – murmura Jake, ainda a mexer no telemóvel.

Mas Caleb mantém o meu olhar fixo.

– Algo do género – diz ele suavemente.

– E qual é o teu objetivo aqui, Snuffy? Vais mudar-te para a casa do Jake com o teu cão giro e a tua prancha de *surf* e... o quê? Fazer-nos massagens aos pés e comprar-nos os cereais?

– Ei, não te preocupes, Seattle – diz o Jake. – O Cay faz umas excelentes massagens aos pés. Melhor do que eu, na verdade. Mas eu cozinho melhor. Só podemos confiar nele para não estragar o pequeno-almoço. Ele é estritamente do género ovos, *bacon* e torradas. – Inclina-se para a frente, com os cotovelos sobre a mesa. – Vens ter comigo se quiseres *carbonara* com *bacon*, camarão gigante grelhado com arroz de coco... ou, sabes, ajuda no duche.

– Vocês os dois são malucos. Isto está para lá da loucura – digo, abanando a cabeça.

– Sim, muito inteligentes. Vá lá, Seattle. Faz de mim o homem mais feliz do mundo e vem viver comigo... e com o Caleb... e com o *Poseidon*. Não nos podemos esquecer do melhor cão do mundo – acrescenta ele com um sorriso.

Merda, esqueci-me do cão. Oh, meu Deus, isto não está a acontecer. Será que a atração dos mimos ilimitados do cão fez mesmo pender a balança a favor dos rapazes?

– Tudo bem – ouço-me dizer.

Eles pestanejam para mim como um par de corujas sensuais. Depois o Jake quase se engasga.

– Espera... acabaste de dizer está bem?

– Ela acabou de dizer que *está bem* – Caleb murmura.

– Oh, meu Deus! Respirem, todos – diz Jake, com as mãos apoiadas na mesa e um largo sorriso no rosto. – Estamos mesmo a fazer isto. Vocês vão mudar-se para a minha casa. Vão-se mudar os dois. Amanhã.

Caleb desliza para fora da cabine, estendendo-me a mão.

– Três amigos platónicos e um cão hiperativo. O que é que pode correr mal?

RACHEL

Fico na fila ao fundo das escadas, mexendo a alça da mala no ombro. Ainda nem são sete da manhã e já toda a equipa se encontra na pista, à espera de embarcar no avião. O meu telemóvel vibra.

jake (7h04): *Olá, colega de quarto *emoji onda* A que horas devo passar para te ajudar a fazer as malas?*

jake (7h04): *O café neste avião é uma porcaria*

jake (7h04): *Só para que saibas, estou a tentar fazer a minha parte para poupar água, por isso vamos ter de designar colegas para os duches*

Não posso deixar de sorrir enquanto respondo.

rachel (7h05): *Eu escolho o Poseidon! Tu e o Sr. Peppermint Mocha divirtam-se *emoji de duche** emoji de beringela** emoji de sabonete**

Olho para o lado e vejo Caleb a trabalhar arduamente com os outros tipos do equipamento, a carregar os sacos. Ele está concentrado no trabalho, sem olhar para mim. Não consigo deixar de reparar nas linhas nítidas das suas costas, enquanto os seus músculos se esticam por baixo da camisola dos Rays.

- Olá? Terra chama Doc. – Langley ri-se, dando-me um leve empurrão.
- Hum? – Dou um solavanco, quase deixando cair o telemóvel.
- A fila está a andar, Doc.

Apresso-me a avançar, dando mentalmente um pontapé em mim própria. Porque é que não tenho calma nenhuma quando se trata daquele maldito responsável de equipamento? Agarro o corrimão de metal com uma mão e levanto o meu saco com a outra. Depois subo as escadas a correr e entro no avião.

As assistentes de bordo cumprimentam-me quando passo por elas. Não estou a prestar atenção, a tentar enfiar o telemóvel no bolso, quando sinto a minha mala bater em alguma coisa. Quase caio, mas uma mão firme agarra-me o ombro, impedindo-me de cair.

– Merda... desculpe, doutora – murmura Sully, retirando o seu enorme pé do corredor sem tirar os olhos da sua Nintendo Switch.

Eu suspiro, agarrando-me aos meus sacos enquanto olho para trás. Ilmari está lá no seu fato de Thor nos Óscares. O seu carrapito está tão despenteado como sempre, com algumas madeixas a emoldurar-lhe o rosto. Está a usar um fato castanho de três peças. Consigo ver a tatuagem preta a aparecer-lhe no pescoço. Ainda não consegui ver bem para onde vai essa pintura.

– Obrigada – murmuro.

O seu olhar percorre o comprimento do braço até à mão e ele levanta uma sobrancelha, como se estivesse surpreendido por a ver ali. Ele deixa-me à vontade.

Equilibro-me, aclarando a garganta antes de me deslocar pelo corredor. Ilmari ainda está a fazer a sua rotina de «senta-te comigo se queres viver», por isso dirijo-me diretamente para a fila 20. O Jake já está no lugar do corredor oposto, com os auscultadores postos e os olhos fixos na sua própria Nintendo. Aprendi rapidamente que a maioria dos rapazes joga jogos intermináveis de Mario Kart em todos os voos. É adorável, de facto. Dá para perceber quando as coisas estão a aquecer, porque todos eles praguejam e gemem em todo o avião.

Ao ver um compartimento superior aberto, inclino-me para pegar na minha mala.

– Deixa estar – murmura Ilmari, ainda atrás de mim.

Olho novamente por cima do ombro.

– O quê?

– Deixa a mala.

– Sou uma rapariga crescida, Mars. Consigo levantar o meu próprio saco... *ei...*

Ele aproxima-se, estica a mão à minha volta para agarrar a pega da minha mala de rodinhas. Levanta-a com uma mão para a parte de cima do compartimento, erguendo a sua ao mesmo tempo, fazendo-as deslizar lá para dentro.

Afasto-me com um suspiro, apontando para o nosso par de lugares.

– Podes passar.

– Espera aí.

Ele tira o casaco. Dobra-o cuidadosamente do avesso e coloca-o em cima dos nossos sacos no compartimento. De pé, tão perto dele, sinto o cheiro suave da sua água-de-colónia e resisto a um gemido. Este homem cheira tão bem como parece. Não consigo identificar bem este aroma. É amadeirado e fresco. Faz-me lembrar nas noites de outono no rancho da nossa família em Montana. O papá comprou-o como um lugar para fugir ao mundo. Imagino-me enrolada numa camisola de malha e calças de ganga desbotadas, com a cabeça inclinada para trás, a olhar para o manto de estrelas.

Paz. A palavra vem-me à cabeça sem ser solicitada. É a isso que Ilmari cheira: a paz e o sossego das noites de Montana, a calma frescura do outono...

– Com licença – murmura ele, acomodando-se no assento.

Eu pestanejo, inspirando. Uau, como é que um cheiro pode ser tão poderoso? Nem sequer reparei que Ilmari também despiu a sua camisa. Ver Ilmari Kinnunen só com uma camisola interior sem mangas dá-me palpitações no coração.

Santos bíceps proeminentes, Batman!

E desculpem, mas este homem tem uma tatuagem nas costas?! Quando ele se vira e desliza para o assento, o tecido branco fino estica-se para revelar uma sombra escura ao longo de todo o comprimento das suas costas. A tinta espreita pelos lados dos ombros expostos e pela parte de cima do pescoço. Agora consigo ver melhor o desenho. São asas de pássaro.

Aclarando a garganta, sento-me, roçando na pele nua do braço musculado de Ilmari enquanto aperto o cinto. Enfio os auriculares e o Kindle no bolso do assento e cruzo os braços, tentando evitar olhar para ele.

As tatuagens são arte. São feitas para serem vistas e apreciadas. Ele teve de se comprometer com várias sessões: cor de base, preenchimentos, retoques. Uma peça daquele tamanho deve estar impregnada de propósito e significado para ele e, raios, eu quero vê-la.

– Posso ver a tua tatuagem? – pergunto.

Ele para, olhando para cima a partir do seu telefone.

– O quê?

Oh, merda! Bem, agora já o disse.

– A tua tatuagem nas costas – insisto. – Posso vê-la?

Ele levanta uma sobrancelha para mim.

– Estamos num avião.

– Sim? E?

– Estás a pedir-me para me despir num avião.

Agora estou a rir-me.

– Desculpa, mas não é verdade que todos os tipos deste avião já te viram sem roupa umas mil vezes? No duche, no balneário...

– Não és meu colega de equipa, e isto não é um duche – diz ele.

Bem, que merda! Porque é que agora estou a imaginar isso?

Porque tu és uma pequena excitada com tesão, surge a voz provocadora da Tess na minha cabeça.

Meu Deus, apetece-me rastejar para debaixo do banco e esconder-me no meu colete salva-vidas insuflável.

– Tudo bem – murmuro. – Esquece que te pedi.

A assistente de bordo passa por nós e oferece-nos bebidas. Eu peço uma Coca-Cola Diet e a Ilmari pede leite. Nada de cereais, nada de bolachas. Só um copo de leite. Não me lembro da última vez que bebi um copo de leite simples. Os únicos laticínios que consumo são em forma de gelado ou queijo.

Acomodamo-nos nos nossos lugares com as nossas bebidas e as assistentes de bordo começam as suas demonstrações de segurança enquanto o avião se move. Em pouco tempo, estamos no ar e eu estou pronta para me instalar na minha rotina de ler em silêncio e fingir que não existo. Afinal de contas, Ilmari não me quer aqui, mas não pode deixar de me ter aqui.

Olho para a direita e sorrio. Sim, Caleb já está a dormir, com a cara encostada à janela, os lábios ligeiramente entreabertos num ronco suave que não consigo ouvir por causa do barulho do avião. Parece uma criança quando dorme, com o cabelo despenteado e desalinhado, as defesas totalmente em baixo.

Ao lado dele, Jake tem os polegares a trabalhar furiosamente no seu comando de jogo, o seu pequeno Yoshi verde a voar pela pista colorida.

Se o Caleb é um cubo de Rubik, o Jake é um Bop It. E não quero dizer isto no mau sentido. Ele é exatamente quem é. Não há artifícios com o Jake. Não há complicações. Ele é divertido e engraçado e faz-me sentir bem.

Quero viver com eles.

A honestidade tranquila do pensamento acalma as minhas emoções agitadas. Eu quero isto. Será que é a coisa certa? A coisa inteligente? Sei lá. Mas só se vive uma vez, e eles fazem-me feliz, por isso vou fazê-lo. Vou mudar-me para a casa de praia do Jake Compton.

Vou dizer à Tess assim que aterrarmos e torná-lo oficial. *Carpe diem*. Estou a aproveitar a merda deste dia. E sabes que mais? Que se lixe o Ilmari Kinnunen e as suas esquisitices. Não me vou sentar aqui como uma planta de casa e refrescar o ar dele para nada. Pego na minha Cola Diet e viro-me para o encarar.

– Então, fala-me de ti, Kinnunen.

ILMARI

Tenho o telemóvel na mão, mas não estou a olhar para ele. Não consigo concentrar-me. Não consigo parar de reviver os momentos do jogo de ontem à noite. Foi outra vitória, mas por pouco. Cada defesa custou-me. Estava a fazer mais defesas em borboleta do que outras. Doía-me sempre que me baixava.

Antes de ser contratado pelos Rays, eu já tinha uma das taxas mais altas de defesas da Liga. O meu tamanho ajuda, e a minha habilidade também. Eu não estaria na NHL se não fosse habilidoso. Mas as defesas não têm apenas a ver com o facto de o guarda-redes fazer o *seu* trabalho. Preciso da minha equipa. Mas eles ainda não são uma equipa. Estes primeiros jogos provaram-no. Precisamos de mais tempo no gelo, mais tempo a jogar quando é importante. E eu não posso carregar o peso todo sozinho.

– Então, fala-me de ti, Kinnunen.

Eu pestanejo, olhando para ela. Ela está sentada ao meu lado. Doutora Price. *Rachel*. Gosto do nome dela. Tem um toque musical. Em finlandês diríamos Raakel. É tão parecido com Rakas. O meu amor. Minha querida. Tão suave, tão docemente feminino.

Mas não há nada de doce na mulher sentada ao meu lado. A minha mente enche-se de imagens da noite passada – ela a atravessar o átrio do hotel como se fosse a dona dele. Os seus seios perfeitos balançavam naquele macacão preto, e os lábios cor de cereja abriram-se num sorriso sensual quando Compton se apressou a pegar-lhe no braço. Fiquei a ver tudo do meu lugar no bar do hotel.

Não há muita coisa que consiga prender a minha atenção fora do hóquei ou de um bom livro, mas ela consegue. E eu não gosto disso. Não gosto do facto de ela estar sentada ao meu lado. Não gosto mesmo nada de sentir o cheiro das notas suaves do seu perfume de cada vez que ela se inclina para

ajustar o ar. Ela domina-me. Sinto-me fora de controlo. Porque é que fui ter com ela? Porque é que a fiz sentar-se comigo? Porque é que não gosto da ideia de ela se sentar noutro lugar?

Raios, ela ainda está a olhar para mim. Não está a usar o *piercing* no nariz. Estava a usá-lo ontem à noite. Foi a primeira coisa em que reparei. Nisso e na tatuagem a descer entre os seus seios fartos.

– O quê? – Eu sei exatamente o que ela disse.

Ela franze os lábios. Ela também sabe.

– Eu disse para me falares de ti – repete, bebendo um gole da sua cola.

Eu pego na minha bebida também, para fazer alguma coisa com as minhas mãos.

– Já sabes o suficiente.

Ela zomba.

– Sei o teu nome: Ilmari Kinnunen. Sei que és finlandês. Guarda-redes da NHL. Conheço as tuas estatísticas. Mas não te conheço *a ti*.

Nunca tive jeito para isto. Conversa fiada. Se houvesse um troféu para a conversa mais pequena, eu ganhava-o sempre. Falo tão pouco que a maioria dos tipos assume que eu não percebo inglês. Americanos ignorantes. O meu inglês é melhor do que o deles.

Como se ela conseguisse ler-me a mente, as palavras seguintes que saem da sua boca são:

– Não gostas muito de falar, pois não?

– Não – respondo.

Ela solta uma pequena gargalhada, colocando uma madeixa de cabelo escuro atrás da orelha.

– Certo, diz-me a verdade. Quantas vezes finges não saber inglês só para não ter de falar com as pessoas?

Eu sorrio, cruzando os braços.

– Muitas vezes.

Observo o movimento da sua garganta enquanto ela bebe mais um gole da sua bebida.

– Pois, então novo jogo.

– Jogo?

– Sim. – Ela vira os ombros e os seus olhos escuros fixam-se em mim. São castanhos com manchas douradas perto da íris. – Tens de me fazer três perguntas.

– Preciso de me concentrar – murmuro, baixando o olhar para o meu telemóvel.

– Oh, não precisas nada. – Ela estende a mão, cobrindo o meu telemóvel. – Não estou a acreditar na tua treta de «tenho de estar concentrado», Kinnunen. Fizeste defesas fantásticas. O que foi espetacular, já agora – acrescenta, dando-me uma palmadinha no ombro. – Posso respeitar o facto de, antes dos jogos, precisares de estar concentrado. Mas agora estamos a voltar para casa, e não vais ter outro jogo durante cinco dias. Podes ficar a

humanizar um pouco comigo.

A minha boca estremece.

– Estás a insinuar que não sou humano?

Ela estreita aqueles lindos olhos castanhos para mim.

– Estou indecisa. É por isso que quero que me faças perguntas.

Pergunta-me o que quiseses e eu respondo.

– Eu não tenho perguntas.

O sorriso dela desvanece-se e, de repente, apetece-me bater em mim próprio. Eu estava a fazê-la sorrir e agora ela já não sorri.

– Podes deixar de fingir que não te preocupas com alguém ou alguma coisa para além do hóquei durante cinco minutos?

As palavras dela magoam-me. Não é a primeira vez que alguém me acusa de estar demasiado concentrado no meu jogo. Mas não se chega ao meu nível sendo complacente. A obsessão é uma necessidade. A motivação. A tenacidade. São quase mais importantes do que a habilidade natural no gelo.

– Tenho-te observado, sabes – continua ela. – És sempre reservado.

– Os guarda-redes têm um horário diferente.

– Também não vais aos jantares. Não participas nas conversas de grupo. Ser jogador de hóquei é mais do que o jogo, Mars.

– E como é que tu sabes? Não estás no grupo de conversação.

– Os jogadores de hóquei são notoriamente um grupo tagarela. Excluindo a presente companhia – acrescenta. – Eles querem conhecer-te, Ilmari. Quer queiras quer não, fazes parte desta equipa. Durante os próximos anos, Jax é a tua casa, assim como os Rays. Atira-lhes um osso. De vez em quando, aceita ir jantar com eles.

Suspiro, esfregando a parte de trás do meu pescoço, o meu cotovelo a bater na parede.

– Isto é uma recomendação oficial do meu médico?

Ela ri-se, bebendo mais um gole da sua cola.

– Sabes que mais? Sim, na verdade é. Porque acho que não é saudável a forma como te manténs tão isolado do resto dos rapazes. O hóquei é um desporto de equipa, Mars. E também não tens de ser sempre o guarda-redes – acrescenta. – Estás tão ocupado a manter os discos fora das redes que acho que não te apercebes que estás a manter todos os outros fora também. Talvez fosse bom pensares em deixar alguns de nós entrar de vez em quando. Pousa o teu bastão, tira o teu protetor e deixa-nos ser simpáticos contigo... deixa-nos conhecer-te.

– Sou uma pessoa reservada – respondo. – Não conheço outra forma.

– Posso apreciar isso. Sou protetora da minha família, da minha vida privada. Mas não posso ficar aqui presa no teu silêncio durante toda a temporada, Mars. Sou uma pessoa faladora e não consigo dormir em aviões. E eu não pedi isto – acrescenta ela, gesticulando entre nós. – Estás a obrigar-me a sentar aqui, apesar de preferires que eu salte para o lado...

– Eu não quero isso – digo rapidamente. A minha pulsação acelera só

com a ideia de lhe fazer mal. Vi-a tropeçar no corredor há pouco e agi sem pensar.

Ela fica a olhar para mim.

– Bem... obrigada por não queres que eu caia para a morte.

Estou a estragar isto. De alguma forma, estou a deixá-la mais zangada comigo.

– Eis o que vamos fazer, Kinnunen. Faz-me três perguntas, está bem? Eu respondo às perguntas, e depois deixo-te em paz durante o resto do voo. Combinado?

Sinto o coração na garganta. Tenho medo de lhe fazer perguntas. Falar parece estar a piorar as coisas, não a melhorá-las. Além disso, a minha mente está completamente em branco.

– E se eu não fizer?

O seu sobrolho franze-se.

– Bem, se não me mostras o mínimo de interesse, então vou mudar de lugar. É demasiado constrangedor para mim, está bem? Não me posso sentar aqui, Mars. Sinto-me... acorrentada a ti. Ou como se, de alguma forma, perdesse o meu poder de ação cada vez que me alimento do teu tique, sentando-me aqui como uma planta doméstica, purificando o teu ar de mau vodu.

– Vodu?

Ela acena com a mão.

– Não interessa. Fazes-me o raio de uma pergunta antes que eu fique completamente stressada e beba o teu copo de leite?

Solto uma expiração lenta, a minha mente é uma sala vazia de nada. Quanto tempo podem duas pessoas ficar sentadas num avião, a olhar uma para a outra, sem dizer nada?

Pensa numa pergunta, Ilmari.

Porque não usas sempre o teu piercing no nariz?

Não, é demasiado invasivo. Não se pode perguntar a uma mulher sobre o seu corpo. E ela não é uma mulher qualquer, é a tua médica.

Qual é a marca do teu perfume?

Raios, não. Queres que ela saiba que também a cheiras agora?

– Eu... – Não sai mais nada.

– Ótimo – murmura ela. – Vemo-nos por aí. – Ela agarra na fivela do cinto de segurança com as duas mãos e eu estendo a minha mão.

– Não... *por favor*... – Não quero que ela se vá embora.

Ela fica a olhar, com aqueles olhos castanhos fixos em mim.

– Ei, Mars? – murmura ela. A sua voz é tão suave. Os olhos dela atraem-me para dentro, como duas piscinas escuras onde quero nadar.

– Hum?

– Tira a mão da minha virilha.

Olho para baixo e vejo que tenho a minha mão pressionada sobre o seu cinto de segurança, o que significa que a minha mão está pressionada no seu

colo...

– *Mitä vittua* – praguejo, afastando a minha mão.

Agora ela está a rir-se.

– Estás bem, grandalhão? Vais conseguir? – resmungo, deixando cair a minha mão no meu colo.

– Vou ter piedade, está bem? – provoca ela. – Duas perguntas. Faz-me só duas perguntinhas e eu deixo-te em paz o resto do voo.

Abano a cabeça, deixando-me olhar de novo para ela.

– Tu... bebes sempre *diet* cola?

O sorriso dela desvanece-se e ela revira os olhos. Estou pronto para a sua desilusão.

– A sério, Kinnunen? Podes perguntar-me o que quiseses, e é essa a tua pergunta? Não, eu não bebo sempre *diet* cola. Na verdade, tens estado sentado mesmo ao meu lado enquanto eu peço uma série de bebidas que incluem café, água e *ginger ale*.

Ela tem razão. Claro que tem.

– Vamos chamar a isso a tua pergunta de aquecimento, está bem? Tenta outra vez – diz ela mais suavemente. Como se soubesse que isto é difícil para mim, acrescenta: – Tu consegues fazer isto, Ilmari. Se ajudar, pensa em mim como médica. Os conselhos médicos gratuitos podem ser teus, meu amigo. Ou podemos falar de livros, música, filmes, comida...

Conselhos médicos.

O meu coração bate mais depressa e as minhas mãos fecham-se em punhos sobre os joelhos. Será que é assim tão fácil? Poderei finalmente ter a ajuda que tenho tido demasiado medo de pedir?

– Ou podíamos falar sobre...

– Qual é a forma mais eficaz de tratar uma distensão na virilha?

RACHEL

Pestanejo, com as palavras «cultura *pop*» a morrerem nos meus lábios.

– Oh... *hum...* sim, claro. Podemos falar de distensões na virilha, se quiseres. – Ponho o cabelo atrás da orelha. – Estás... – Olho para baixo. Grande erro. Agora estou a olhar para as virilhas de Ilmari Kinnunen. Pigarreio, e os olhos voltam a dirigir-se para o seu rosto. – Estás preocupado que possas ter uma?

– Já tive várias no passado – responde ele. – É uma das lesões mais comuns no hóquei.

– Especialmente para os guarda-redes – acrescento.

Tenho andado a fazer a minha pesquisa desde que me foi oferecida a Bolsa Barkley. Todas as articulações principais são afetadas no hóquei no gelo. Especialmente para os guarda-redes, são as ancas e os joelhos que acabam com as carreiras. Rutura de meniscos e do ligamento cruzado anterior, tensão nos flexores da anca, distensões da virilha. É brutal.

– Então... como é que se trata uma? – murmura ele.

Sei que o estou a tirar da sua zona de conforto ao obrigá-lo a falar comigo. Mas, ao observá-lo nas últimas semanas, apercebi-me de que talvez eu seja a única pessoa a pressionar Ilmari Kinnunen. Os treinadores pressionam-no nos treinos, é certo, mas também é evidente que acham que o sol nasce e se põe no seu rabo. É difícil argumentar contra isso quando ele faz uma defesa parecer tão fácil como respirar.

– Então, distensões na virilha – começo eu. – Dizes que já as tiveste antes?

Ele acena com a cabeça.

– É muito mau?

– Numa delas, toda a parte interna da virilha e a parte superior da coxa

ficaram pretas e azuis, sensíveis ao toque durante semanas. Perdi quase três meses da minha época antes de me darem autorização para voltar a patinar.

– Sim, isso parece-me mau. A não ser que haja uma rotura total do músculo que exija cirurgia, o problema acaba por se resolver sozinho. Detesto sempre sentir-me de mãos atadas, mas cabe ao atleta trabalhar ou, neste caso, *não* trabalhar e deixar que o corpo se cure sozinho.

Ele acena com a cabeça, ouvindo atentamente.

– O que é que o médico da tua equipa receitou na altura? – pergunto. – Qual era o teu plano de tratamento?

– Fiquei no banco – responde ele. – Gelo durante vinte minutos de quatro em quatro horas durante a primeira semana até a inflamação diminuir, ligadura de compressão na coxa durante o dia.

Bebo um gole da minha Coca-Cola Diet.

– Sim, parece-me correto. Tens um bom regime de alongamentos e de fortalecimento do núcleo? Gostas do trabalho que o doutor Avery está a fazer contigo?

Ele fica quieto, a sua expressão torna-se calma, totalmente indiferente. Tenho a sensação de que isto pode ser um «Ilmarismo». Algo sobre Avery ou esta linha de interrogatório está a incomodá-lo.

Olho em redor. A maior parte dos rapazes usa grandes auscultadores com cancelamento de ruído ou dorme ou joga nos seus telemóveis. Ninguém está a prestar-nos atenção.

– Queres falar sobre isso? – murmuro, aproximando-me mais.

– Não.

– Mars...

– Eu disse que não – repete ele, a sua expressão agora fria como gelo. – O Avery está bem. Tudo está bem.

– Ilmari, não tens de...

– Tu obrigaste-me a fazer isto – rosna ele, apontando-me um dedo na cara. – Obrigaste-me a fazer-te uma pergunta e agora acabou-se. Muda de lugar se tiveres de mudar.

Eu sei o que ele está a fazer. Ele está em modo de defesa, a fechar-me a porta.

Mas eu não sou um disco que ele pode simplesmente afastar com um movimento do pulso. Oh não! Eu sou muuuito pior. Sou a Dra. Rachel «Teimosa» Price. E esta conversa ainda não acabou. Nem de perto.

Temos um sistema muito bom para quando regressamos dos jogos fora. Juntamo-nos todos na grande sala polivalente que funciona como uma espécie de cafetaria. O serviço de cozinha prepara um grande *brunch* para todos os jogadores e funcionários, com caçarolas de ovos, fruta fresca e panquecas aos montes. É dia de fazer batota para os rapazes, por isso enchem a cara com doses duplas e triplas de tudo.

Entretanto, a equipa médica e de fisioterapia fica à disposição para fazer o *check-in*. Instalámo-nos no canto com uma estação de massagens. Vários dos rapazes iniciam uma roda de futebol por perto e, mais do que uma vez, sou obrigada a desviar-me de uma bola que voa.

– *Ups...* desculpe, doutora! – grita Langley, correndo atrás da bola com a J-Lo em seu encalço.

Tento manter-me atenta a Ilmari enquanto examino alguns joelhos magoados e ajudo o estagiário de fisioterapia a colocar um saco de gelo no ombro de Karlsson.

– Sim, assim mesmo – murmuro, segurando a ponta da ligadura enquanto o Teddy a enrola.

– Acho que sim – murmura Teddy, concentrado no seu trabalho de enrolar. Ele ainda não ultrapassou a magia do trabalho, que é a de tocar num atleta profissional.

Dou-lhe uma palmadinha no ombro.

– Vais sair-te bem. Karlsson, o Teddy vai começar a amputação agora, está bem? Respira fundo.

– O quê? – grita Teddy e Karlsson solta uma gargalhada.

Vou-me embora, tentando evitar que pareça que estou a perseguir o Kinnunen. Apanho algumas uvas da mesa do *buffet* antes de sair pela mesma porta por onde ele passou. Este é um complexo de treino enorme. Ele pode estar em qualquer lado. Vou bisbilhotando, voltando lentamente para o ginásio.

O zumbido suave da música desperta-me o interesse. Sigo o som à medida que se torna mais alto. Meu Deus, é intenso, uma espécie de *death metal*.

Estão a destruir as guitarras enquanto um homem com uma voz grave rosna e grita para o microfone.

Viro a esquina para o estúdio de alongamentos e paro à entrada. Apenas uma fila de luzes está acesa, dando à sala um ambiente escuro e acolhedor. Está emoldurada por espelhos em três lados e há uma série de ferramentas de alongamento empilhadas em prateleiras junto à porta: bolas de equilíbrio de vários tamanhos, bandas elásticas, bolas medicinais com peso, correias, rolos.

Mas os meus olhos concentram-se no homem que está no meio da sala. Ilmari está sozinho nos tapetes, de quatro, com as ancas a pulsar ao ritmo da música.

Eu sei o que ele está a fazer. É um exercício de fortalecimento dos músculos da virilha. Todos os jogadores o fazem. Mas não vou mentir, ver Ilmari Kinnunen a fazê-lo sozinho no escuro parece quase pornográfico.

Ele olha para cima e os nossos olhares cruzam-se no espelho.

– *Mitä helvettiä* – pragueja ele, interrompendo a música enquanto se põe de joelhos. – O que estás a fazer aqui?

Ele está de costas para mim, por isso estou a manter o seu olhar tempestuoso no espelho. O silêncio entre nós é ensurdecedor.

– À tua procura – admito.

– Encontraste-me – murmura ele. – Mas eu gostaria de ter a minha privacidade.

Aceno com a cabeça, cruzando os braços enquanto me encosto à porta aberta, sem sair.

– Mostra-me.

Ele levanta uma sobrancelha.

– O quê?

– A tua rotina de alongamentos. Mostra-me.

– Tu não és minha fisioterapeuta.

A minha boca curva-se num sorriso.

– Talvez não... mas sou fisioterapeuta. Licenciada em cinesiologia e medicina desportiva, tenho um mestrado e uma licença para exercer fisioterapia. Sou especialista em lesões desportivas na anca e no joelho e passei os últimos dois anos a trabalhar num dos melhores centros privados de reabilitação desportiva do país. Não estou a pedir para te ver a saltar nos tapetes porque isso me excita, Kinnunen. Estou a pedir-te, como médica formada e paga por esta equipa para proteger os jogadores, que me mostres o raio da tua rotina de alongamentos.

O nosso impasse continua enquanto o seu reflexo me olha no espelho.

Avanço mais um pouco para dentro da sala, pontapeando a cunha da porta. A porta de vidro fecha-se suavemente atrás de mim. Os olhos dele seguem o meu movimento.

– Vou fazer algumas perguntas agora – murmuro. – Responde se te apetecer, está bem?

Ele não responde. Está vestido com uma camisola dos Rays e uns calções da Nike. As sapatilhas são do estilo da equipa, com o seu número bordado no calcanhar: Nº 31. Ele está a agir como uma presa, mas ambos sabemos que isso não é verdade. Ele é um predador a toda a hora. Três vezes o meu tamanho e nada mais do que músculos. E eu encurralei-o. A raposa tem o urso em guarda. Um passo em falso, e ele come-me viva.

– Numa escala de zero a dez, qual é o teu nível de dor atual?

Ele engole em seco e os seus olhos escurecem.

– Quatro.

Eu aceno com a cabeça.

– E durante o teu último jogo... qual era o teu nível de dor nessa altura?

– Oito.

– A dor está isolada num ponto específico?

– Sim.

Deixo-me cair de pernas cruzadas no tapete atrás dele. Deixo que os meus olhos percorram a redondeza larga dos seus ombros, descendo pelas suas costas até às ancas.

– De que lado é que é?

Lentamente, ele desloca a mão, com a palma sobre a anca direita.

Eu aceno com a cabeça. Sabia que tinha de ser a anca. Ele não estaria tão casualmente empoleirado nos joelhos se estivesse a ter dores no menisco ou no ligamento cruzado do joelho.

– Há quanto tempo? – pergunto, mantendo o olhar do seu reflexo.

– Algum.

– Raios partam – murmuro. – Contaste a alguém? Ou tens andado a mentir e a compensar por ti próprio?

Ele não diz nada, o que é resposta suficiente.

– Deixas-me examinar-te?

– Não.

Cerro os dentes, com a frustração a transparecer na minha expressão ao espelho.

– Mars, tu...

– Eu disse que não – responde ele, agarrando no telemóvel e pondo-se de pé.

– Estou bem e esta conversa nunca aconteceu.

Eu ponho-me de pé.

– Oh, não, nem penses! – Agarro-lhe no braço quando ele se atreve a passar por mim. – Vais ficar nesta sala e vais falar comigo.

– Não, não vou – murmura ele, dirigindo-se para a porta.

Eu corro atrás dele.

– Mars!

Ele agarra a maçaneta da porta. Sem pensar, dou um salto.

– *Saatana-paska...* foda-se... – grunhe ele. – Deixa-me ir...

– Não – grunho eu, os meus braços à volta do seu pescoço enquanto prendo as minhas pernas à volta da sua cintura. Caramba, este homem é uma árvore de músculos sólidos.

Ele aperta-me as pernas com os seus dedos de ferro, e eu contorço-me, praticamente sufocando-o enquanto aperto as pernas com mais força.

– Sai daqui...

– Se saíres daqui, vais ter de explicar a toda a gente porque é que me estás a usar como um coala – grunho eu.

– És louca...

Ele vira-se, batendo com a minha anca na prateleira de bolas de exercício pesadas. Elas rapidamente caem sobre os tapetes, rolando em todas as direções.

– Ai... *merda...* estou a tentar *ajudar-te*, idiota!

– Não preciso da tua ajuda...

– Estás lesionado, idiota! Para de lutar comigo! – Ele fica quieto, com o peito a tremer como um touro zangado.

Olho para nós ao espelho e não consigo deixar de me rir. Ele tem uma mão nos meus braços à volta do seu pescoço e outra no meu tornozelo, onde estava a tentar separar as minhas pernas... as minhas pernas que, neste momento, estão enroladas à volta dele com mais força do que a casca de uma

árvore.

– Precisas de ajuda – ofego. – Deixa-me ajudar-te. Deixa-me fazer o meu trabalho.

Ele fecha os olhos.

– Não consigo – sussurra ele, abanando a cabeça. – Não consigo fazer isto. A pressão é demasiado grande. Tudo o que eu queria... tudo pelo que trabalhei... não posso deixar que me tires tudo.

Ele parece tão profundamente quebrado. Ele não é um urso zangado pronto para me atacar. E ele não é um atleta imortal, intocável nos seus calções e na sua máscara facial. Ele é apenas um homem. E está assustado.

As lágrimas saltam-me aos olhos.

– Oh, Mars. – O meu aperto nele amolece. – Juro-te... olha para mim – suplico.

Lentamente, ele fixa o seu olhar de aço no meu reflexo.

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar... mas tens de me deixar. Tens de confiar em mim. Dar-me uma oportunidade.

ILMARI

A doutora Price está enrolada no meu corpo, com a curva das suas coxas por cima das minhas ancas. O peso da sua pressão tão próxima distrai-me completamente. O seu hálito quente espalha-se pela minha nuca. Estou a lutar contra a vontade de a atirar para o outro lado da sala... ou de a atirar para os tapetes e enfiá-la debaixo de mim e...

Gemo, abanando a cabeça. Se ficarmos assim muito mais tempo, não vou conseguir esconder o efeito que ela tem sobre mim. Relaxo o meu corpo e ela relaxa o dela. Lentamente, solto-lhe os braços e ela desliza pelas minhas costas, caindo nos tapetes.

Ela afasta-se de mim, deixando-me a balançar nos meus pés. Esfrego o rosto com a mão, alisando-a sobre a barba com um gemido suave.

– Então – diz ela, sem fôlego. – Hum... isso é um sim? Deixas-me ajudar-te?

Viro-me, encontrando o seu olhar pela primeira vez sem a muleta do espelho.

– Não fazes ideia da pressão a que estou sujeito.

– Eu sei o que são os olímpicos – responde ela, cruzando os braços por baixo dos seios. Está a usar um polo dos Rays azul-petróleo com *leggings* pretas, o cabelo preso num nó como o meu. Algumas madeixas escuras emolduram-lhe o rosto. Quero penteá-las para trás. A minha mão contorce-se desejosa de o fazer. Fecho-a num punho, mantendo-a ao meu lado.

Não é que jogar lesionado nunca aconteça. Se perguntarmos a qualquer jogador desta equipa, ele vai apontar pelo menos uma parte do corpo que lhe causa dores. É tudo uma questão de equilíbrio. Até que ponto se pode estar lesionado e continuar a jogar? Já joguei com dedos partidos, uma costela magoada, uma concussão ligeira...

– Ilmari – murmura ela, passando a sua mão no meu antebraço. – O hóquei não é a única coisa que importa, sabes.

Eu afasto-me dela.

– Eu não sou nada se não puder jogar.

– É só um jogo...

– Tu não entendes. – Viro-me de costas para ela.

Ela irrita-se.

– Achas que não percebo a pressão para ter um bom desempenho? Eu sou médica, Mars. Há vidas literalmente em risco no meu trabalho. Já estive na mesa de operações a ver uma pessoa cortada da virilha à anca, com os ossos expostos. Podes dizer o mesmo?

Olho-a fixamente.

– Carrego o peso de todo o jogo nos meus ombros. O que significa que carrego *toda a gente*: a minha equipa, os meus treinadores, tu, as pessoas que vendem bilhetes, os homens que servem cachorros-quentes. Dezenas de milhares de pessoas, todos os jogos, todas as noites. Eu sou o guarda-redes. A *responsabilidade é toda minha* – enfatizo cada palavra da última frase, aproximando-me do seu rosto.

A mão dela encosta-se levemente ao meu peito.

– Não estás sozinho, Ilmari.

– *Estou* sozinho! É isso que significa ser guarda-redes. Um homem na baliza, e sou eu. Tenho de ser capaz de jogar...

– Não, na verdade não tens. Tens de ser capaz de *viver*. Ficas contente por esmagar o teu corpo no chão, fazendo o que é provavelmente um dano irreparável? É uma dor e um dano com que terás de viver para sempre...

– Não há nada pior do que a dor de não jogar – digo. – O hóquei é a única coisa que me interessa!

Ela afasta-se, com os olhos arregalados, abanando a cabeça em descrença.

– Juro por Deus, vocês são piores do que viciados! Acham que não há mais nada na vida do que perseguir aquela emoção que pensam só encontrar no gelo. Mas aqui está uma novidade para ti, Kinnunen: as carreiras no hóquei são *curtas*. A vida é longa!

Não quero ouvir isto agora. Não *posso* ouvir isto agora.

– Tiveste uma carreira impressionante para um guarda-redes – continua ela. – Já tens trinta anos. Acho que te restam talvez dois anos antes de te obrigarem a sair. Quatro, se tiveres sorte. – Ela inclina-se, com um tom suave. – Mas ambos sabemos que, ao ritmo a que estás a moer essas ancas e joelhos, não serás um dos sortudos.

Eu viro-me para o outro lado, desesperado para bloquear as suas palavras cortantes.

– Eles vão-te pôr no banco – ela ameaça. – Vais ter de ver um homem mais novo e mais desajeitado tomar o teu lugar. Não vão forçar a tua reforma imediatamente porque és o Mars Kinnunen, o queridinho da NHL, o primeiro

jogador a assinar contrato com os Jacksonville Rays. És a estrela brilhante deles. Vais ajudar a vender tantos bilhetes... enquanto ficas a ganhar pó no banco...

– Para com isso – rosno.

– Espanador usado...

– Para de falar!

– Então para de enterrar a cabeça na areia! O que é que vais fazer quando os teus dois anos acabarem? Hum? Quem será Ilmari Kinnunen quando tiver trinta e dois anos e estiver reformado? Queres ser o quarentão que vai fazer uma dupla substituição da anca? Queres viver num apartamento no rés-do-chão porque não suportas subir as escadas?

– Não vou deixar que me ponham no banco – declaro, sabendo muito bem que o poder não está nas minhas mãos. – Os olheiros têm de me ver jogar. Isto significa tudo para mim! Toda a minha vida foi construída para este momento. O legado da minha família é jogar pela seleção nacional finlandesa. O meu avô jogou, o meu pai também. Agora, é a minha vez. É tudo o que sempre quis. O momento nunca foi oportuno, mas esta é a minha chance. A minha *última* chance. Por favor, Rachel...

Isto acalma-a, esta verdade crua exposta. Detesto expor-me a uma estranha, mas ela não para de me picar, de me abrir.

– Ajuda-me – peço-lhe, mantendo o seu olhar. – Ajuda-me a ficar no gelo, e eu farei tudo o que disseres.

Ela suspira, olhando em volta do estúdio escuro. Finalmente, encara-me, com as mãos de volta às ancas.

– Se esperas que te ajude a manteres-te no gelo, vais fazer tudo o que eu disser a partir de agora. Não pode haver intermediários, Mars. Estás a correr um risco ao jogar lesionado, e eu estou a correr um risco ao ajudar-te a escondê-lo.

Aceno com a cabeça, o peso deste segredo a sair-me ligeiramente do peito. Contei a alguém. A Rachel sabe. Não tenho de continuar a carregar isto sozinho.

– Diz-me o que devo fazer.

– Bem, a primeira coisa é um exame. Sabes, aquele de que te tens esquivado no último mês? – acrescenta ela com um olhar incisivo. – Presumo que essa seja a verdadeira razão pela qual os nossos horários se tornaram totalmente incompatíveis, certo? Estavas a evitar-me?

Aceno novamente com a cabeça. Devia sentir-me envergonhado, mas não sinto. Sou um homem desesperado. Faço qualquer coisa para me manter no gelo, até mesmo esconder-me da minha própria médica num armário de serviço... o que fiz na semana passada... duas vezes.

Ela solta um suspiro lento.

– Isto é de loucos. Nem sequer sei como fazer isto. Precisamos de exames...

– Nada de exames – rosno. – Os exames tornam-no oficial.

Ela faz um som estrangulado.

– Bem, como é que esperas que eu faça isto sem exames? Estás a ter dores na virilha, certo? – Aceno com a cabeça pela terceira vez.

– Sim, o problema é que há facilmente cinquenta coisas que se podem apresentar como dor na virilha – responde ela. – Pode ser uma distensão muscular, ou não. Pode ser muito pior do que isso, Mars. Podemos estar perante uma distensão dos flexores da anca, uma rutura labial, uma bursite. Podes precisar de ser operado...

– Está bem – acalmo-me, colocando a minha mão no ombro dela. – Respira.

Ela afasta-se.

– Só *respirar*? Estás a brincar? Estás a tentar acalmar-me quando tu é que tens uma lesão que não me deixas tratar como deve ser!

– Não me dói fora do gelo – digo eu. – E tenho estado a compensar na rede, não usando tanto a borboleta. Dói-me esticar demasiado a perna direita, por isso tenho gravitado para o meu poste esquerdo. Assim, posso empurrar com a esquerda para alcançar o poste direito. Acho que está a resultar. É...

– É uma loucura – diz ela. – Não podes guardar *metade* da tua maldita rede e esperar que ninguém repare.

Ficamos os dois calados. Ela a ferverhar. Eu à espera.

Lentamente, ela respira mais uma vez para se acalmar.

– Não consigo lidar com isto agora. Estou a morrer de fome e preciso de cafeína. Vamos fazer o seguinte. – Ela aponta-me um dedo. – Vais levar-me a almoçar a um sítio longe de olhares e ouvidos curiosos. Vais alimentar-me, dar-me cafeína e depois vamos pensar num plano.

– Está bem.

– Ótimo. Porque não te vou deixar fazer isto sozinho nem mais um minuto. Estás a ouvir-me? Todos neste edifício podem preocupar-se com o jogo primeiro, incluindo tu. Mas eu não. Tu és a minha prioridade, Mars. A tua saúde. O teu bem-estar. Vamos resolver isto.

Observo-a a afastar-se, o meu olhar no suave balançar das suas ancas. As minhas emoções estão a dilacerar-me. Nunca nenhum médico me pôs em primeiro lugar. É sempre sobre as necessidades do jogo. Se estivermos na competição desportiva há demasiado tempo, começamos a sentir-nos como uma peça de engrenagem de uma grande máquina, totalmente substituível.

Com um discurso apaixonado, esta médica arrancou-me da máquina e pôs-me na segurança da sua mão. Ela é feroz. A minha leoa de cabelo escuro.

– *Leijona* – murmuro baixinho.

Não tenho outra escolha senão confiar nela agora. E ela também está a correr um risco. Ela está tão segura na minha mão como eu na dela. Vou contar-lhe tudo. Eu mantenho-a segura. Juro-o agora: Rachel Price não se arrepende de me ter ajudado.

– Rachel – chamo por ela.

Ela vira-se para a porta, com uma mão na barra de empurrar.

– Obrigado – digo baixinho, sentindo a minha respiração mais leve pela primeira vez em semanas.

Os olhos dela estreitam-se para mim.

– É melhor não me fazeres arrepender disto, Kinnunen. Agora, vamos embora. Estou prestes a comer o maior prato de asas de frango que alguma vez viste.

Mun leijona. Eu sigo-a com um sorriso.

RACHEL

Cumprindo a sua palavra, Ilmari leva-me a uma churrasqueira junto ao mar que serve asas de frango e batatas fritas com *waffles* de batata-doce. Aparentemente, este homem não compreende o conceito de «dia de batota», porque, enquanto eu peço o meu peso em asas de frango, batatas fritas e aipo com molho de queijo azul, ele pede um filete de salmão grelhado com brócolos ao vapor e um acompanhamento de arroz da região. Nem sequer pede uma cerveja. Que jogador de hóquei não bebe cerveja no dia da batota? Em vez disso, bebe água com limão como se fosse o seu trabalho.

Ficamos no restaurante durante quase duas horas. O tempo está ótimo e estamos sentados na esplanada. A brisa do mar agita-me o cabelo enquanto o interrogo sobre todos os aspetos da sua dor e da sua estratégia de automedicação. Finalmente, ele está a responder a todas as perguntas que lhe faço com mais do que acenos de cabeça e palavras de uma só sílaba.

Sáímos do restaurante e voltamos para a sala de exames no centro de treinos. Fecho a porta.

– Porque não te deitas? Vou fazer um exame e testar um pouco a tua amplitude de movimentos, está bem?

Ele não diz nada, o que estou a aprender que é a linguagem Ilmari para consentimento. Quando me viro, o grande urso está deitado na minha mesa de exames. Ele relaxa, com um braço sobre o rosto e respira fundo.

Esfrego as mãos para aquecer as palmas.

– Tens alguma nódoa negra visível na zona?

– Não tinha esta manhã.

Comprimo os lábios, o meu olhar é clínico enquanto observo o corte grosso das suas coxas musculadas.

– Por vezes, as nódoas negras podem demorar um ou dois dias a

aparecer. Se fizestes alguma laceração muscular no jogo de ontem à noite, podemos não ver nada ainda. Posso verificar se existe inchaço ou descoloração? – Ele acena com a cabeça.

Ele só está a usar um par de calções de desporto. Isto vai ser fácil de ver. Aclaro a garganta.

– Vou ter de... trabalhar um pouco à volta dos teus calções. Isso é...

Antes que eu possa terminar a frase, ele leva as duas mãos aos calções e dá-lhes um puxão.

– Oh, não... Mars, não precisas de...

Mas é demasiado tarde. Ilmari desce os calções pelas ancas com uma mão enquanto faz o seu melhor para se cobrir com a outra. O homem tem mãos enormes, mas ainda consigo ver um pouco do que ele está a fazer.

Santo Deus!

Aproximo-me da mesa e faço uma rápida inspeção visual da pele à volta da virilha e da coxa. Não há nódoas negras. Não há inchaço.

– Isto dói? – Apalpo suavemente a dobra da virilha com os meus dedos.

– Não – diz ele, com o corpo rígido.

– Tenta relaxar.

Ele grunhe, murmurando algo em finlandês. Faz isso muitas vezes. Só posso imaginar que seja algum tipo de maldição... provavelmente dirigida a mim.

Passo os dedos por cima, percorrendo a linha dos seus músculos adutores.

– Que tal assim?

– Não.

– Qual é o teu nível de dor neste momento?

– Três. Estou sempre a três – esclarece.

– Podes puxar os calções para cima. – Enquanto ele o faz, eu acrescento: – Não vejo nenhuma descoloração, mas isso não significa que não apareça daqui a um dia ou dois. A zona está ligeiramente quente ao toque, o que pode ser um sinal de tensão. Por isso, faz a rotina do gelo como falámos.

Ele acena com a cabeça, respirando fundo, com o olhar fixo em tudo menos em mim. Estarei a deixá-lo desconfortável? Normalmente, perguntaria se querem outra pessoa presente para este tipo de exame, mas como sou a única pessoa a quem ele confia isto, imagino que a resposta seja um grande e gordo não.

– Gostaria de fazer alguns testes de movimento para determinar se o centro da dor é mesmo a virilha ou se é mais profundo, na articulação da anca – explico.

– Faz o que for preciso.

Faço alguns exercícios básicos de amplitude de movimentos, dizendo-lhe para me parar quando sentir dores. Já vi a amplitude de movimentos dele no gelo. Ele consegue fazer um *split* completo.

– Vamos fazer um teste de aperto de cinco segundos.

Antes que eu possa explicar, ele já está a levantar os joelhos da mesa e a colocar os pés na horizontal. O movimento faz com que os calções desportivos deslizem até às virilhas, expondo todo o comprimento das suas coxas nuas, em forma de tronco de árvore.

Eu sorrio para ele.

– Não é o meu primeiro espetáculo de vacas – diz ele.

Eu suspiro e o som transforma-se numa gargalhada sufocada enquanto ele franze a testa.

– O quê?

Eu sacudo a cabeça.

– É «rodeio». Este não é o meu primeiro rodeio.

– Certo – murmura. – Bem, não é. Podes manobrar com o punho, Doc. Não me importo.

E agora o meu profissionalismo saiu oficialmente do edifício. Estou a chorar de tanto rir.

O Ilmari senta-se, a fazer uma careta para mim.

– O que é que eu disse agora? Este é o teste do aperto de cinco segundos, certo? Pões o teu punho entre os meus joelhos, e eu aperto. Já o fiz centenas de vezes.

Oh, meu Deus, e agora ele está a fazer beicinho. Não gosta de ser provocado. Pigarreio.

– Sim, campeão, é assim que se faz o teste do aperto. Agora, deita-te e deixa-me massajar com o punho. – Volto a fungar, porque, aparentemente, tenho doze anos.

Ele deita-se e depois fica quieto.

– É algo sexual, não é?

Eu rio-me, batendo nos joelhos dele. Ele levanta-os para mim, voltando a pôr os pés no chão.

– Sim, Mars. É sexual.

Ele levanta uma sobancelha para mim.

– Vais contar-me?

– Nem pensar – respondo com uma gargalhada, colocando o meu punho entre os joelhos dele. – Considera-o trabalho de casa. Ei, essa pode ser a tua contribuição para a conversa de grupo desta semana. Pede aos rapazes para te explicarem o que é o *fisting*. Agora aperta – acrescento.

Ele revira os olhos, colocando uma enorme pressão no meu punho enquanto aperta o mais que pode.

– Não é difícil imaginar o que significa. Presumo que seja quando pegas no teu punho e o colocas dentro do...

– *Ooooookay*, e já passaram os cinco segundos – digo por cima dele, batendo-lhe no joelho outra vez. – Como te sentes?

– Talvez um quatro.

Aceno com a cabeça, tomando mais notas mentalmente.

– Muito bem, podes levantar-te. Por agora já acabámos.

Ele senta-se, mas não se levanta da mesa.

– E então?

– Não quero fazer especulações.

– É especulação quando se é um especialista em anca e joelho? Deves ter uma opinião.

Olho de relance para ele.

– Bem... primeiras impressões? Não me parece que seja uma distensão da virilha.

A sua expressão esperançosa desvanece-se.

– Achas que é algo pior.

– Não, não necessariamente pior, apenas... diferente – respondo. – Acho que o problema é mais profundo na anca. Acho que pode ser uma rotura labral. É uma lesão comum no hóquei no gelo e no futebol, dada a constante extensão excessiva. E é provável que a sintas como uma distensão na virilha, mas não tenhas sintomas exteriores dela – acrescento.

– É preciso ser operado?

– Nem sempre.

– Mas às vezes?

Aceno com a cabeça.

– Mas isso também acontece em algumas distensões da virilha – acrescento. – Já vi casos de ambos. Se alguma laceração for suficientemente grave, terá de ser operada para a corrigir. É contra isso que temos de nos precaver daqui para a frente. Se a tua rotura labral não for muito grave, podemos reabilitá-la e pôr-te num regime rigoroso de força e condicionamento para que as ancas fiquem o mais fortes possível.

– Farei tudo o que me disseres – responde ele.

Eu sorrio.

– Não quero que te preocupes, está bem? Temos um plano. E tu jogaste muito bem esta semana. Vai para casa e descansa. E vais ligar a dizer que estás doente para o teu treino de segunda-feira, certo?

Ele acena com a cabeça, com a expressão sombria.

– Vou falar com a tua equipa de força e condicionamento e dizer que estás a trabalhar comigo. Depois, quarta-feira é o dia da viagem à Pensilvânia, por isso também podes descansar – acrescento, marcando os dias pelos dedos.

– Sexta e domingo são dias de jogo. Gostava mesmo que não jogasses o primeiro...

– Não – murmura ele.

– O Davidson veste-se por uma razão, sabes. Ele é um excelente guarda-redes...

– Ele é uma peneira...

– Ele é o teu colega de equipa!

Ilmari cruza os braços, olhando para mim.

– Eu tenho de começar.

Eu apenas abano a cabeça.

– Na tua cabeça, então. – Ele acena com a cabeça, o olhar caindo para as mãos cruzadas no colo.

– Ei – murmuro, aproximando-me.

Ele olha para cima, os seus olhos azuis tempestuosos estreitam-se.

– Vou estar a ver, está bem? Não estás sozinho, Mars. Eu protejo-te.

Ele fixa o meu olhar por um momento. Não tem nada da aparência de menino bonito de Jake ou de um cachorrinho doce como Langley. Não, Mars Kinnunen é todo homem. Ele é robusto e incisivo e não faz o meu género. E, no entanto, sinto-me inexplicavelmente atraída por ele.

Depois ele escorrega da mesa e de repente o ar na sala parece desaparecer. Ele é meio metro mais alto do que eu. A sua ficha indica 1,90 m. Fechando o espaço entre nós, ele surpreende-me ao envolver-me num abraço apertado.

Fico rígida, o seu cheiro enche-me os sentidos enquanto ele envolve os meus ombros com os seus braços fortes e o seu queixo pousa no topo da minha cabeça. Recuperando da minha surpresa, devolvo o abraço.

– Obrigado, Rachel – diz ele pela segunda vez hoje. Depois afasta-se, deixando-me a perseguir o seu calor e o seu perfume que cheira a todos os meus sonhos de um lar.

RACHEL

Regresso ao meu apartamento quase às cinco horas da tarde. Deixo os meus sacos na cozinha, olhando à volta do meu pequeno espaço. O Jake ligou-me para o telemóvel algumas vezes esta tarde. E eu tinha uma chamada perdida de Caleb na altura em que acabei o exame físico de Ilmari.

Sei que lhes devo respostas sobre o dia de hoje, mas não lhas posso dar. O Ilmari confia em mim para não dizer nada. Os rapazes vão ter de compreender.

Vou até à bancada de pequeno-almoço, sento-me no banco e tiro o telemóvel do cós das minhas *leggings*. Estou desesperada por tomar um duche, mas primeiro tenho de fazer um telefonema. Estou a passar-me com toda esta situação. Sou a única pessoa a quem Ilmari confiou o seu segredo. Preciso de ligar à única pessoa a quem posso confiar o meu. Ele saberá o que fazer.

Percorrendo os meus contactos, encontro o nome dele e respiro fundo antes de carregar no botão de chamar. Para minha surpresa, ele atende mesmo o telemóvel.

– Price? Isto é inesperado – diz a sua voz grave.

– Boa tarde, doutor Halla. Peço desculpa por ligar assim, mas... – Não estava a pensar falar com ele diretamente. Já tinha uma mensagem de voz planeada na minha cabeça.

– Passa-se alguma coisa?

Aclaro a minha voz.

– Hum... preciso do seu conselho sobre um tratamento, na verdade. É... bem, é uma situação complicada. Tem uns minutos para conversar?

Ele fica em silêncio por um segundo.

– Claro – responde ele. – Explica-me o caso.

Respiro fundo.

– Bem... por onde começar?

Uma hora depois, saio do banho com uma toalha enrolada à volta do cabelo. Depois, visto uma blusa de seda verde-esmeralda e uns calções de dormir a condizer. O calor do duche ajudou a relaxar os meus músculos. Mal posso esperar para me deitar no sofá do Jake com um copo de vinho. Talvez ele me faça uma daquelas massagens aos pés que prometeu.

Não estou a planear mudar todas as minhas coisas de uma vez. Decidi isso no duche. Estou demasiado cansada para lidar com tudo isto esta noite. Vou até lá, peço desculpa por os ter ignorado o dia todo e, com sorte, arranjo qualquer coisa para comer.

Tiro o telemóvel da cómoda e verifico as mensagens. O Jake enviou-me a sua morada há pouco... e uma fotografia do seu almoço de *sushi* do dia da batota. Acho que, noutra vida, o Jake era *sushi*. Sorrio ao pensar nisso e escrevo uma mensagem rápida, passando pelo meu quarto em direção à cozinha.

rachel (18h17): *Olá, saio daqui a dez minutos. Por favor, diz-me que tens alguma coisa para comer.*

O meu estômago pode estar vazio, mas que se lixe. A mamã precisa de um copo de vinho depois da maratona desta semana. Entro na cozinha e grito imediatamente, com o telemóvel a cair da minha mão no chão.

– Mas que raio, Caleb!

O idiota está na minha cozinha, encostado ao fogão com os braços cruzados.

– Então, *estás* viva. É bom saber.

Baixo-me e agarro no meu telemóvel, para ver se há danos. O Jake já está a responder.

jake (18h18): *YAY!!!! *emoji de confettis**

jake (18h18): *Pode ser piza? Estou a pré-aquecer o forno*

jake (18h18): *Ei, acho que o Caleb ainda estava por aí também. Talvez possam vir juntos*

Com o coração acelerado, olho para Caleb.

– Agora andas a invadir apartamentos de mulheres? Como é que entraste aqui?

Ele levanta uma sobancelha escura, com os braços ainda cruzados.

– A sério? Deste-me uma chave, lembras-te?

Uau, dei mesmo. Parece que foi há uma vida inteira em vez de apenas algumas semanas. Eu zombo, abrindo o meu frigorífico para tirar a minha garrafa de *chardonnay* gelado.

– Sim, mas era para emergências. Qual é a emergência, Caleb?

– Estava sem conchas – murmura ele, apontando para a taça de vidro na bancada do pequeno-almoço.

Abro o armário e tiro um copo de vinho, servindo-me de um generoso gole.

– Então, porquê todo este mistério? – digo, dando um gole.

Ele continua a olhar-me com o mesmo ar, de braços cruzados.

– Mudaste de ideias.

Faço uma pausa, com o copo de vinho a meio caminho dos meus lábios.

– É isso que pensas? – Ele acena com a cabeça, a sua energia de «que se lixe» a ferver em lume brando. Depois do dia que tive, a Dragão Rachel sente-se pronta para sair e dançar um pouco. Jake nunca me daria a luta que ela deseja, mas o Caleb é uma história completamente diferente. Há uma escuridão em mim que vejo espelhada nele. Dois seres humanos cansados, habituados a ficar nas sombras dos holofotes dos outros. Só que ambos descobrimos que preferimos a escuridão a tudo o que alguma vez tivemos ao partilhar a sua luz.

Pouso o copo na bancada. Ainda tenho a toalha enrolada à cabeça. A minha blusa de seda e os meus calções não deixam nada à imaginação. Tenho a certeza de que ele consegue ver todas as minhas curvas. E ele está a olhar. Estou a vê-lo fazer isso, o seu olhar a aquecer.

Cruzo os braços por baixo dos seios, encostando-me à bancada.

– Então, achas que mudei de ideias? Demorei menos de doze horas a decidir que viver com dois manos do hóquei podia não ser a melhor opção de vida. É isso que queres pensar, certo?

– Não *quero* pensar isso – corrige ele. – Só não me surpreende que o tenhas feito. É muito para qualquer um. O Jake é demais. Mas estou aqui para ver se reconsideras.

Eu levanto uma sobancelha.

– Ah, sim? E o que é que me vais oferecer, Caleb?

Ele respira fundo, deixando cair as mãos ao lado do corpo.

– Vou demitir-me.

Lá está ele. Como um relógio.

Pego no meu copo de vinho, dou mais um gole, sem dizer nada. É melhor dar-lhes o máximo de corda possível quando eles estão determinados a enredar-se nela. E o Caleb adora um pouco de *bondage*. Ele quer isto. Aposto

que ele está a ficar duro neste momento, excitado com o seu martírio da treta.

– Olha... isto é demasiado – continua ele, esfregando a nuca. – O Jake não precisa de distrações no início de uma nova época com uma nova equipa. E tu certamente não precisas da complicação adicional. Quero dizer, tens estado no fio da navalha desde o início. Tentaste dar uma tampa ao Jake em Seattle, por isso sei que tens as tuas dúvidas. Só não as quero aumentar.

Oh, Caleb, doce e assustado.

– Hum – digo, tomando outro gole. – Então... decidiste que se eu quiser fugir, é melhor fazê-lo só magoando o Jake, certo?

– Não – rosna. – Eu não quero que o Jake se magoe.

– Tens a certeza que é por causa do Jake? Parece que estás a acabar com isto antes de começar para te manteres em segurança. Poupano-te à dor de seres deixado para trás. É esse o teu medo, certo?

– Não... porra, isto não está a sair bem – murmura ele, baixando o olhar.

– Não, estás a ir muito bem – respondo eu. – Vamos pôr esta treta toda em cima da mesa, agora.

O seu olhar brilha, os seus olhos derretem.

– Achas que isto tem piada?

– Não, de todo – respondo. – Também não acho que isto seja sobre mim e os *meus* problemas de lealdade – acrescento. – Certamente não é sobre o Jake. Procura «constância» no dicionário e verás uma fotografia do Jake Compton a fazer um sinal de «polegar para cima».

Ele abana a cabeça, passando uma mão pelo seu cabelo castanho-escuro desalinhado.

– A propósito, já lhe mandei uma mensagem a dizer que ia a caminho – acrescento. – Era o que eu estava a fazer quando me assustaste há pouco.

Ele franze as sobrancelhas e olha para o meu telemóvel em cima da bancada.

– Mandaste?

– Sim, Caleb, mandei. Não tinha a intenção de vos deixar sem nada hoje. O trabalho meteu-se no caminho. Tratei do assunto o mais depressa que pude e estava pronta para ir para casa. Mas agora que estás na minha cozinha, podemos resolver isto aqui e agora.

Os olhos dele estreitam-se.

– Resolver o quê?

Eu zombo, pondo o meu copo de lado novamente.

– Esperas mesmo que eu acredite que usaste a minha chave pela primeira vez para entrares aqui e me dizeres que te vais embora? Não estás nem um bocadinho curioso para ver onde isto vai dar?

– Não pode ir a lado nenhum. Tu própria o disseste.

– Eu disse que não podia ser público – corrijo. – Por uma série de razões, todos nós precisamos de manter isto em segredo. Mas há muito espaço para dançar no escuro, Caleb. Especialmente para ti.

O seu sobrolho franze-se.

– De que raio estás a falar?

Encolho os ombros.

– Bem, aqui tens a oportunidade de ver todos os teus sonhos realizados.

Os braços dele apertam-se sobre o peito.

– Não estou a perceber.

– Não percebes? Então deixa-me explicar-te. – Aproximo-me um pouco mais. – O teu melhor amigo encontrou o amor da vida dele. Por isso, agora estás a tremer. Não sabes o que fazer. Porque ela não é uma coelhinha loura chamada Kelsey que quer casar com ele e ter os seus dois bebés, que ela vai vestir com macacões da Gucci.

O canto da sua boca contrai-se.

– Não é?

Eu tiro a toalha da minha cabeça e deixo-a cair no chão. O meu cabelo húmido cai à volta dos meus ombros.

– Não. Ela é uma médica que come comida tailandesa, usa bata e pragueja como um marinheiro. Uma *rock'n'roller* que cresceu a drogar-se atrás dos amplificadores nos espetáculos esgotados do pai.

Aproximo-me mais um passo, observando a forma como ele fica tenso. Está a lutar contra si próprio agora mais do que contra mim. Ele tem o seu próprio monstro acorrentado com força.

Vem brincar comigo, querido.

Agora mal há um braço de distância entre nós. Estendo a mão, passando as pontas dos dedos levemente pelo seu peito. Ele enrijece ao meu toque, as suas mãos voltam a agarrar o fogão.

– A nova namorada de Jake lutou contra o vício, a depressão e a dismorfia... tudo isso antes de fazer dezoito anos – continuo. – Nós dois sabemos que ela é a coisa errada para ele... e a coisa certa também. – Fecho o espaço entre nós, a minha mão ainda espalmada no seu peito. – Ela é forte. Não aceita as tretas dele. E o brilho dele não a cega como cegou as outras mulheres. Ela pode lidar com ele, protegê-lo, e mais do que igualá-lo em força.

Eu aproximo-me mais, contando as sardas que cobrem suas bochechas bronzeadas, e sussurro:

– E tu queres saber a melhor parte sobre a nova miúda do Jake?

O maxilar dele contrai-se quando olha para mim, com os olhos escuros a brilhar.

– O que é?

Eu sorrio.

– Ela também é a miúda do Caleb.

Ele fica completamente imóvel enquanto eu enfio os meus polegares na parte de cima dos meus calções de dormir de seda e os puxo para baixo, deixando-os cair no chão. Estou diante dele, nua da cintura para baixo.

– A tua miúda gosta de ser partilhada, Cay. Ela gosta de ser fodida. Separadamente ou em simultâneo, ela quer que vocês os dois a devorem.

– Foda-se, Rachel – murmura ele, agarrando-se ao fogão com tanta força que me surpreende que não esteja a dobrar o metal.

– Não... – digo, colocando um dedo sobre os seus lábios carnudos. – Quando estamos sozinhos, não me podes chamar isso. – Eu mantenho o olhar dele, à espera.

– Furacão – diz ele, em voz baixa.

As minhas entranhas iluminam-se quando levanto a mão, tirando-lhe o cabelo da testa.

Ele fecha os olhos, como se o meu toque o estivesse a magoar fisicamente.

– Queres uma saída de emergência porque tens medo – digo eu. – Medo de querer. Medo de ser desejado.

Ele estremece com as minhas palavras, com o maxilar cerrado.

– Tu não me conheces.

– Conheço o suficiente. – Ele abana a cabeça. – O Jake ama-te, e eu confio no Jake – digo simplesmente. – E *tu* amas o Jake – acrescento. – Posso confiar em ti para continuares a amá-lo? Podes aprender a partilhá-lo comigo, Cay? Ele tem muito amor para dar. O suficiente para nos sustentar aos dois, acho eu.

– Não sou bom para ti – murmura ele. – Para nenhum de vós. Eu vou acabar com isto... eu vou... – Ele engole o resto das suas palavras.

– Caleb...

– Eu vou estragar tudo – diz ele. – Deixem-me ir. Deixa-me ir embora agora, antes que... – Ele desvanece-se num silêncio de partir o coração.

As palavras não chegam para o Caleb. Tenho de confiar numa pequena ação para lhe mostrar o que podemos ser. Seguro-lhe o olhar enquanto o agarro pelo pulso tatuado e guio a sua mão entre as minhas pernas. Respiro fundo, estremecendo de alívio com o seu toque. Ambos baixamos o olhar para o nosso ponto de ligação comum.

– Foda-se – diz ele num fôlego, os seus dedos encontram o meu centro e mergulham, levantando-me nas pontas dos pés. A sua outra mão enrola-se à volta da minha cintura, mantendo-me imóvel.

– O Jake é o nosso anjo – digo eu num suspiro e as minhas mãos apertam os seus ombros enquanto ele move seus dedos lentamente para dentro e para fora. – Ele faz-nos sentir luminosos e radiantes. Ele vê-nos por tudo o que somos.

Eu seguro a sua bochecha com a barba por fazer, mantendo o seu olhar mais uma vez. Os dedos de Caleb ficam parados dentro de mim.

– Mas eu acho que tu talvez me vejas por tudo o que eu escondo – sussurro. – Tu estás metido nisto, Cay. Comigo. Connosco. Sê o meu demónio. Vem dançar comigo no escuro.

Ele tira os dedos do meu sexo, deixando-me vazia e carente. Lentamente, levanta os seus dedos molhados e passa-os sobre os meus lábios entreabertos.

– É disso que precisas, Furacão? Queres provar as minhas sombras?

Eu desaperto a camisa dele.

– Só provar? Querido, é melhor que me faças afogar...

Ele beija-me antes de eu acabar de dizer as palavras. As suas mãos mergulham no meu cabelo húmido, os dedos cravam-se com força, enquanto ele puxa o meu pescoço para trás, conquistando a minha boca. Abro-a avidamente, gemendo a minha necessidade, enquanto as minhas mãos descem até à sua cintura, os dedos engancham-se nas presilhas do cinto.

Ele faz-nos girar, pressionando o meu rabo nu contra o fogão. As suas calças de ganga são ásperas contra a minha pele e a sua pila dura pressiona o meu centro. Eu pressiono de volta. As suas ancas mantêm-me presa enquanto as suas mãos vagueiam, as almofadas calejadas dos seus dedos incendeiam a minha pele. Passa as mãos pelo meu pescoço, pelas minhas clavículas, até que os seus dedos se prendem nas pequenas alças de seda da minha blusa. Com a sua língua na minha boca, a pila pressionada contra mim, ele aperta as pequenas tiras de seda e sacode-as, soltando-as.

Eu suspiro quando a blusa escorrega pelas minhas ancas. Depois as suas mãos agarram-me os seios, apertando-me os mamilos com força até eu gritar, quebrando o nosso beijo. Adoro misturar a dor com o meu prazer. Faz com que os meus nervos disparem mais depressa e o meu núcleo se aperte mais. Estou a arder, com o corpo a zumbir de necessidade.

Pego na bainha da camisa dele com as duas mãos e dou-lhe um puxão.

– Tira-a.

Ele interrompe o nosso beijo com um grunhido, tirando a camisa com uma só mão. Atira-a para o lado, baixa-se e a sua boca quente fecha-se à volta do meu mamilo. Ele lambe e chupa, levando-me diretamente àquele limite.

Passo as mãos pelos seus ombros. Os seus músculos são magros e duros sobre a sua estrutura larga. Posso praticamente sentir o calor persistente do sol na sua pele bronzeada. Enfio os meus dedos no seu cabelo de surfista e arranho-lhe a nuca com as minhas unhas até ele gemer.

– Foda-se – suspira ele contra a minha pele corada.

Coloca uma mão entre as minhas pernas e eu abro-me para ele, não me importando que o fogão me esteja a magoar o rabo. Ele trabalha o meu clitóris com o polegar, dois dedos enterrados no meu centro molhado. Depois tira a boca do meu seio com um som de sucção, endireitando-se para me olhar. A sua outra mão segura a minha bochecha, mantendo-me imóvel, vendo a minha expressão mudar enquanto ele me fode com os dedos.

Estou a desfazer-me nos seus braços, com os joelhos a tremer.

– Amor, estou tão perto – ofego, sentindo-me desesperada e fraca.

Ele sorri, com os seus olhos escuros a brilhar.

– Pensei neste momento desde que te vi pela primeira vez. Pensei nos sons que farias para mim, no sabor que terias na minha língua. – A mão dele suaviza-se, passando pelo meu pescoço.

Arquejo-me contra o seu toque, ofegando com os lábios entreabertos,

enquanto sinto a minha libertação apertar-se mais.

– Por favor...

– Entraste na minha vida como uma tempestade de caos. Destruíste tudo. Estou em queda livre. Sem paraquedas. Sem ninguém para me agarrar.

Eu seguro o seu rosto com as duas mãos, com o meu corpo doendo de necessidade.

– Cay... olha para mim, querido.

O seu olhar sombrio fixa-se em mim, destruindo a minha última réstia de controlo.

– Eu agarro-te – digo num sopro. – Deixa-me agarrar-te. Cai em mim. Nunca pares...

E já estamos a beijar-nos outra vez, com as nossas mãos a descerem para a frente das calças dele. Lutamos com o botão, abrindo-o com um puxão. Ele puxa as calças de ganga esfarrapadas das ancas para o chão.

Eu enfio a minha mão dentro dos *boxers* dele, envolvendo a sua pila dura. Ele é comprido e magro, com menos volume do que o Jake, mas foda-se aqueles *piercings* já me fazem salivar. A ponta dele escorre, a humidade manchando a palma da minha mão. Não consigo evitar o som ansioso que escapa dos meus lábios enquanto provoco os dele e as nossas línguas se misturam.

– Para, porra – rosna ele.

Com o peito a tremer, vejo-o puxar as cuecas para baixo das coxas, libertando a sua pila. Estou literalmente desesperada para me vir, mas agora não o quero fazer até ele estar dentro de mim.

Ele belisca a ponta, adiando a sua própria libertação, enquanto volta a enterrar a mão livre no meu cabelo molhado.

– Diz-me o que queres – diz ele, mordiscando-me o queixo.

– Quero que me fudas – respondo, agarrando-me às suas ancas. – Cay, faz-me tua. Por favor, querido... *ah...* – suspiro quando a sua mão livre rodeia o meu pescoço.

– Eu não sou o teu querido – rosna ele, apertando-me a garganta. – Tu és o meu maldito furacão pervertido. O caos moreno. Quem é que eu sou? Quem espera por ti no escuro?

Eu estremeço, mesmo quando sorrio. O monstro que há nele está finalmente a sair para brincar. Engulo contra a sua mão, adorando o aperto delicioso da respiração. Entretanto, a minha vagina está desesperada por mais atenção.

– Por favor, papá – gemo, adorando a forma como os seus olhos brilham com fome e triunfo. Oh sim, o Cay grita pelo fetiche do papá. O meu controlador. O Sr. Conserta Tudo. – Eu preciso de ti. Fode-me tão bem. Toma conta desta vagina antes que eu grite...

Eu grito quando ele me agarra, levantando-me pelo seu corpo enquanto se vira. Ele avança dois passos e coloca-me na borda da única parte da bancada livre de armários suspensos – a minha pequena bancada de pequeno-

almoço. Eu ofego, as mãos caem para trás para me apanhar. O meu cotovelo bate na grande taça de vidro com conchas, fazendo-a balançar sobre a borda. A taça estilhaça-se no chão, as conchas espalham-se por todo o lado, enquanto o Caleb abre as minhas pernas, encosta a ponta da sua pila à minha entrada e a penetra com uma única estocada.

Eu grito, o meu corpo entra em convulsão com um espasmo e eu desfaço-me instantaneamente. A minha vagina aperta-se contra o seu pénis e depois ele move-se, batendo em mim.

– Oh, *meu Deus*...

Sinto os quatro *piercings* do Caleb como o preservativo com nervuras mais luxuoso do mundo. Juro que a minha alma deve estar a flutuar algures acima do meu corpo. Ter um *piercing* não é suficiente para conseguir o que o Caleb me está a fazer neste momento. Este homem está a foder-me com tudo o que tem. A sensação de nervuras é apenas um bónus deliciosamente excêntrico para o que seria um sexo alucinante.

– Oh, meu Deus! – grito, agarrando-me a qualquer pedaço dele que consiga alcançar. Nem consigo pensar, porque ele está a segurar as minhas ancas com força suficiente para me magoar, enquanto destrói a minha vagina gulosa, batendo-me uma e outra vez até sentir outra onda de libertação a atingir-me, a culminar a primeira que nunca parou.

– Meu Deus, tu és incrível – ele geme. – Tão molhada e apertada. Vou foder-te todos os dias.

– *Sim*...

– Vou dominar-te, minha querida. Dobrar-te e enfiar-te na minha pila. E na pila do Jake também. Vais comer-nos aos dois juntos. Nesta vagina, no teu cu. Vais implorar-nos que paremos, mesmo quando gritares por mais.

– Faz isso – imploro, o meu corpo a tremer com o choque do meu duplo orgasmo, e ele ainda não acabou.

Com um gemido desesperado, ele sai de dentro de mim e empurra-me para fora da borda da bancada. Eu quase caio nos seus braços, afundando-me contra ele enquanto ele me vira com força.

– Dobra-te. Mostra-me esse rabo perfeito.

Eu caio de bom grado sobre os cotovelos na bancada com um sorriso no rosto enquanto ele enterra a sua mão entre as minhas pernas. A sua outra mão massaja a bochecha do meu rabo, dando-lhe uma palmada forte que sinto diretamente no meu clítoris.

– Vais levar-me bem fundo – ordena ele, pressionando a sua pila molhada com a minha libertação enquanto ele a desliza entre as minhas pernas.

– Por favor – gemo.

– Queres que eu me venha dentro de ti, não queres? – provoca ele, mordiscando suavemente o lóbulo da minha orelha. – És uma rapariga carente que quer ser preenchida com esperma. Aposto que aguentarias dois paus ao mesmo tempo, não é, Furacão? Queres que eu e o Jake enchamos esta menina

juntos?

– Sim – ofego, adorando a sensação das minhas ancas apertadas contra o balcão. A borda dura está a magoar-me, mas eu não me importo. – Acaba comigo, Cay. Leva tudo.

Com um grunhido, ele empurra para baixo na parte inferior das minhas costas e entala-se na minha entrada.

– Diz-me que o queres.

– Eu quero – grito. – Eu quero-te. Por favor, *meu Deus*, fode-me até não restar mais nada.

E então ele fode. Ele bate mais uma vez, o novo ângulo com os seus *piercings* no meu ponto G faz-me ver estrelas. Sou uma confusão trémula e chorosa enquanto ele me empurra contra a bancada, as minhas ancas a serem cortadas ao meio com cada investida, mas não me importo. Ele está a arruinar-me da melhor maneira possível.

Estou deitada com as palmas das mãos na bancada, os meus mamilos sensíveis pressionados contra a superfície fria. Levanto-me, arqueando as costas, com a boca aberta num gemido que se vai formando lentamente, enquanto ele me fode com tanta força que acho que as minhas ancas vão estalar.

Ambos gritamos o nosso êxtase enquanto eu me aperto à volta dele, estrangulando-lhe a pila. As minhas pernas também se apertam à volta dele, implorando sem palavras para que ele fique enterrado bem fundo. Sinto o calor da sua libertação quando ele geme, o seu corpo molhado de suor a dobrar-se sobre o meu.

Não sei quanto tempo aguentamos aquele momento de libertação partilhada. O tempo torna-se insignificante à medida que o meu corpo se desprende do seu auge e só me restam as deliciosas réplicas.

Eventualmente, o seu aperto amolece e depois ele escorrega para fora, as suas mãos enquadrando-me enquanto se afasta da bancada. Fico ali deitada, com o corpo a tremer. A bancada parece gelo contra a minha pele em chamas. Eu recuo, estremecendo com a dor nas minhas ancas.

A respiração de Caleb é quente contra o meu pescoço quando ele se inclina e me envolve nos seus braços, virando-me e levantando-me para fora da bancada. Encolho-me contra o seu peito, deixando-o segurar a maior parte do meu peso. Estamos ambos a tremer. Ele afasta o meu cabelo da cara, beijando-me a testa.

– Não te afastes de mim – murmuro. – De nós. Por favor, fica.

A mão que faz círculos nas minhas costas para.

– Não vou a lado nenhum – responde ele.

Deixando escapar um suspiro de alívio, sorrio contra a sua pele quente.

– Leva-me para casa, Cay. O Jake está à nossa espera.

RACHEL

—Uau – murmuro, espreitando pelo para-brisas do jipe do Caleb quando paramos numa casa de praia moderna e encantadora. É alta e estreita, com um ambiente contemporâneo de metal e vidro. – É linda.

Poseidon enfia a cabeça entre os bancos, ofegante, com o seu hálito quente de cão na minha cara. Sorrio e faço-lhe uma festinha debaixo do pescoço.

Caleb estaciona o jipe à porta da garagem para dois carros.

– Há alguns lugares à volta do quarteirão. Podemos partilhar o carro quando der para os nossos horários, ou então eu posso estacionar lá e tu podes estacionar o teu monstro aqui na entrada.

Eu resmungo. Odeio mesmo aquele maldito monstrengo. Não posso falar disso ao pé do Jake, isso é certo. Ele parece ser do género de dar prendas extravagantes.

Caleb sai do carro e *Poseidon* segue-o. O cão corre à volta do jipe e sobe o passeio até à porta da frente, soltando um latido excitado.

Não posso deixar de me rir, colocando a alça da minha mala de viagem ao ombro.

– Ele parece feliz por estar aqui.

Caleb grunhe, carregando a sua própria mala.

– Ele é um pequeno traidor peludo.

– O Jake mencionou-vos aos dois em Seattle – digo, fechando a porta. – Tu sabes... na noite em que nos conhecemos.

– Ah, sim?

– Sim, ele disse que o Sy gostava mais dele do que de ti. – Disse aquilo como uma provocação, mas assim que o disse, percebo que fiz mal.

O sorriso de Caleb desvanece-se e ele fica pensativo.

– Ele gosta mais de toda a gente do que de mim – murmura.

Dando um passo em frente, passo o braço à volta da cintura dele, aconchegando-me contra ele.

– Ei! – Puxo-o, obrigando-o a parar. – Olha para mim, Cay.

Ele olha para baixo, aqueles olhos escuros negros nesta luz. O seu cabelo está despenteado, e as suas bochechas bronzeadas têm um suave rubor. Tem mesmo uma bela estrutura óssea. Não consigo deixar de pensar num ser feérico de um livro de fantasia. A barba escura por fazer dá-lhe um toque especial e envelhece-o um pouco.

– Quantos anos tens?

– Vinte e oito – responde ele. – E tu?

– Vinte e sete. Que idade tem o Jake?

– A mesma que tu. Faz anos no final de abril. – Continuamos a caminhar em direção à porta.

– Sim, a nossa diva cabeça de Touro – digo, com uma gargalhada.

– Meu Deus, ele é tão Touro – responde Caleb, com o braço à volta da minha cintura.

– Espera... quando é o *teu* aniversário? Qual é o teu signo?

Ele franze os lábios, com os olhos a estreitarem-se.

– Não quero dizer.

Eu suspiro.

– Juro por Deus, se fores Virgem, talvez tenha de me afastar. Não posso andar a jogar ao *pinball* entre um Touro e um Virgem.

– Não sou Virgem – responde ele.

Suspiro, fazendo-o parar. Os meus olhos arregalam-se e eu sorrio como uma louca. Tiro-lhe o braço de cima de mim, segurando-o pelo pulso enquanto o viro.

– O que é que tu...

– Ah! Ah! – grito em triunfo. Traço o meu polegar sobre a tatuagem no interior do seu antebraço. É um arco e flecha. – És Sagitário, não és?

– Não – diz, afastando o braço.

– És, sim – digo. – És um Sagitário mal-humorado, temperamental e emocional. Oh, meu Deus, isso explica tudo. Tu és *tão* Sagitário.

– Para – grunhe ele.

– Aposto que também és artístico, não és? – provoco. – Então, qual é o teu prazer, papá? Aquarelas? Música? Oh, *por favor*, diz-me que é poesia...

– Eu pago-te para parares – rosna ele.

– Não me vais perguntar qual é o meu signo?

– Não – responde ele, dirigindo-se para a porta da frente.

– Oh, vá lá! Pergunta-me!

– Eu já sei – diz ele, por cima do ombro. Eu sigo-o.

– Como?

Ele para na porta da frente, olhando para trás, para mim.

– Tens a constelação de Caranguejo tatuada na parte de trás do braço,

mesmo acima do cotovelo.

– O quê? – Agarro no meu próprio braço, tentando torcê-lo para ver. – Oh, merda... esqueci-me *completamente* dessa! Meu Deus, isso foi feito quando eu tinha uns quinze anos. O Harrison e eu pusemo-las a condizer.

Dirige-se à porta da frente, que tem uma fechadura com um teclado sofisticado. Introduce os dígitos para destrancar a porta e abre-a, deixando *Poseidon* entrar com um ganido excitado.

– Depois de ti – murmura ele. – Lar doce lar.

Passo por ele e entro na casa, e sou imediatamente recebida por uma disposição moderna de madeira quente, metal escuro e vidro. A entrada tem umas escadas abertas que zigzagueiam os três andares.

Caleb fecha a porta atrás de nós, tirando a minha mala do ombro.

– Ei! – Jake chama-me do fundo da casa.

Passo pela entrada e a casa abre-se para uma enorme divisão: uma sala de estar confortável com um grande sofá, a televisão está no canal de desporto; uma sala de jantar emoldurada em dois lados por vidro do chão ao teto, com uma bela mesa de madeira que tem uma vibração quase de madeira à deriva; e uma cozinha enorme que parece saída do Masterchef.

O meu olhar é imediatamente atraído para o frigorífico duplo porque, mesmo em frente a ele, encontra-se o Jake. Está vestido apenas com um par de calças de fato de treino cinzentas, o seu cabelo escuro está desalinhado, como se tivesse acabado de acordar de uma sesta. Os seus músculos são como mármore esculpido, uma série de seis que desce até um «V» recortado que me deixa ansiosa por tocar.

– Aí estás – diz ele. – Bolas, disseste que vinhas a caminho há duas horas. Eu estava prestes a chamar um grupo de busca e... merda... vocês os dois foderam. – Ele olha para nós com o seu sorriso a desvanecer-se enquanto os seus olhos se estreitam.

Eu fico quieta.

– É por isso que estás tão atrasada, não é? Sim... eu vejo tudo na cara de culpado do Cay e... oh, foda-se. Ele fodeu-te com o seu pau de androide, não foi?

– Calma – rosna Caleb.

Mas os olhos de Jake arregalam-se e ele enfia as mãos nos bolsos das suas calças de treino que não deixam absolutamente nada à imaginação.

– Bem, como é que foi?

Olho por cima do ombro para Caleb. Este é um território novo para todos nós.

– Hum... queres mesmo saber pormenores?

– Claro que quero saber – Jake grita. – Oh, meu Deus, foi incrível, não foi? – Ele geme, esfregando a mão no rosto. – Não é justo. Ele tem toda a inteligência e aquela vibração estranha de vampiro surfista, e uma pila com nervuras. Como é que um tipo consegue competir com um Edward Cullen surfista e bronzado?

Agora Caleb e eu estamos ambos a engasgar-nos com o riso, com o *Poseidon* a dançar aos nossos pés.

A petulância de Jake só alimenta a minha alegria.

– Achas que isto tem piada, Seattle? Achas que me vais deixar de lado por causa do Caleb e da sua pila estranha de Klingon?

Tenho lágrimas nos olhos enquanto coloco as mãos nas ancas.

– Bem, o que vais fazer em relação a isso, bonitão?

Com um rosnado feroz, ele avança, agarrando-me pela cintura e levantando-me por cima do seu ombro. Sou apanhada totalmente de surpresa, com as minhas ancas sensíveis a gritar de dor, quando ele arranca comigo em direção às escadas, dando-me uma palmada no rabo.

– Jake... põe-me no chão...

– Nem pensar – responde ele, correndo para as escadas enquanto *Poseidon* corre atrás de nós. – Cay, tira a piza do forno! – diz ele por cima do ombro.

– Fixe, obrigado por a aqueceres para mim!

– Come-a e és um homem morto, idiota! – Jake ri-se. Ele apressa-nos a subir as escadas, cada salto dos degraus assassina as minhas ancas.

– Casa fixe – ofego com as minhas mãos pressionadas contra as suas costas.

– Eu faço-te uma visita guiada mais tarde – responde ele, levando-me diretamente para o fundo do corredor para o que eu só posso assumir que é o seu quarto. Ele tira-me do seu ombro e deixa-me a balançar nos meus pés. – Fora, Sy!

Poseidon afasta-se pelo corredor e Jake bate com a porta.

Dou uma volta rápida, a ver tudo. A única luz vem do candeeiro de cabeceira. É um quarto bonito, feito num estilo que combina com o resto da casa: masculino, madeiras quentes e metais frios. A cama dele parece desarrumada, como se ele tivesse mesmo dormido a sesta esta tarde. Os lençóis são brancos e brilhantes, em nítido contraste com o cinzento suave do edredão.

Ele vem por trás de mim, envolve-me nos seus braços, o seu rosto desce até à curva do meu pescoço para me inalar.

– Tive saudades tuas – murmura ele contra a minha pele.

Tremo no seu abraço enquanto os seus lábios me provocam o ponto de pulsação.

– Viste-me há umas horas. – As minhas mãos enrolam-se à volta dos seus antebraços.

– Não é a mesma coisa – responde ele, tocando-me nos seios enquanto se vira para o outro lado, dando-me mais beijos suaves no pescoço. – Senti tanto a tua falta, querida. Durante semanas. Meses. Precisava de ti. Meu Deus, é tão bom ter-te aqui comigo.

Encosto-me a ele, fecho os olhos e deixo-me sentir tudo. A aura dele está em todo o lado nesta divisão, o seu cheiro; aquele cheiro suave e

amadeirado que atua como estimulante. Quero engarrafá-lo. Se ele tiver um gel de banho com este cheiro, vou roubá-lo. Quero este aroma sempre a pairar na minha pele.

– Preciso de ti – sussurra ele. – Mas eu não sei como isso funciona. Com Cay, eu...

Ficamos os dois parados. Lentamente, eu viro-me nos braços dele. Coloco as minhas mãos no seu peito e mantenho o seu olhar.

– Pergunta-me o que quiseres – digo.

– Como é que isto funciona? É tipo... um sorteio?

Levanto uma sobrancelha.

– Como assim?

– Sim, como se ele te tivesse tido esta noite, e agora eu não posso? Ou tenho de esperar ou algo do género?

Eu resfolego.

– O quê, como esperar trinta minutos depois de comeres para ires nadar?

– Bem, não sei – diz ele, passando uma mão pelo cabelo. – Estou a tentar ser, tipo, respeitoso, quando, na verdade, estou a passar-me porque tudo o que consigo pensar é: «Porra, ela está aqui! Está no meu quarto! Porque é que ainda não estou dentro dela?» E estou a tentar fazer com que essa voz se cale e se concentre e tenha «a conversa» ou o que quer que isto seja – diz ele, gesticulando entre nós. – Mas é que... senti tanto a tua falta. E não quero ter mais saudades tuas.

Eu acaricio-lhe o rosto.

– Eu estou aqui, meu anjo. E não há regras quando se trata de tempo ou de direitos, pelo menos não para mim. Mas se te faz sentir desconfortável pensar que estive com o Caleb mais cedo... se quiseres esperar, ou se quiseres que eu tome um duche primeiro... – Mordo as minhas palavras, as minhas mãos baixam enquanto sinto as minhas bochechas ficarem um pouco quentes.

O olhar de Jake desvia-se para as minhas *leggings* pretas de cintura alta.

– Ele teve-te nua? – Eu aceno com a cabeça.

Ele solta outro gemido baixo.

– Meu Deus, porque é que isso me excita tanto? – Ele inclina-se com um braço na minha cintura enquanto passa os lábios pela minha têmpora. – Estás a pingar o esperma do meu melhor amigo, Rapariga de Seattle?

– Talvez um bocadinho.

As mãos dele emaranham-se no meu cabelo e ele puxa-me para a frente, inclinando a minha cabeça para trás para me beijar.

– Tão excitante.

Suspiro contra a sua boca, adorando a sensação dos seus lábios nos meus. Ambos os rapazes são excelentes a beijar. Não me interessa que tenham ficado assim tão bons depois de anos de prática com as coelhinhas do disco, porque eu estou a colher os benefícios agora. Envolver as minhas mãos à volta da sua cintura, os meus dedos escorregam para dentro da parte de cima das suas calças de fato de treino para acariciar o seu rabo. Jake Compton tem um

rabo que literalmente não desiste.

– Espera, espera – murmura ele, afastando-se.

Eu respiro fundo, piscando os olhos para ele.

– Querida, estás despedida – diz ele.

– O quê?

Ele sorri.

– Tenho de te despedir. Já não és a minha médica. Vou consultar um dos outros médicos. Diabos, vou comprar outro médico e enviá-lo para todos os treinos e jogos.

– Jake...

– Estou a falar a sério, querida. Não vou estragar isto, nem para mim nem para ti. Precisamos de assinar o formulário?

O meu coração dispara.

– O quê?

– Nós não temos de dizer a ninguém para além do Caleb e dos Recursos Humanos – acrescenta. – Ninguém precisa de saber se é mesmo isso que queres. Mas eu quero que tudo isto seja honesto. Não quero que te dê problemas mais tarde. Sou o único que pode fazer isso – acrescenta com outro sorriso de lobo.

Deixo escapar um suspiro, com a mente a correr. Assinar um formulário parece-me tão oficial. Caramba, assina-se uma certidão de casamento. O seu olhar de esperança está a derrubar todas as minhas barreiras. Ele está a expor-me. Lentamente, seguro-lhe a face e aceno com a cabeça.

– Está bem.

Os olhos dele arregalam-se.

– Espera... a sério?

– Sim, está bem. Nós assinamos os formulários. Dizemos à Vicki.

Ele sorri como um louco, envolvendo-me nos seus braços.

– Oh, estás tão despedida. Já não sou teu paciente, doutora. Não vou ter contigo por causa de uma unha encravada. Nunca mais. – As mãos dele estão em cima de mim enquanto ele murmura ao meu ouvido. – Vou ser tão profissional. As pessoas vão dar-nos um prémio de «melhores companheiros».

Eu ofego, o meu corpo arqueia-se contra as suas mãos, desejando mais.

Mas depois ele aperta-me a bochecha, levantando-me o rosto para o olhar dele.

– Mas quando voltamos para casa, não há mais apostas. Nada de colegas. Diz.

– Nada de colegas – respondo num fôlego. – Nada de me deixarem de fora.

Abano a cabeça.

– Nada de te deixarmos de fora.

O seu olhar suaviza-se e ele sorri.

– Vamos ter tanto sexo fantástico que vais pensar que morreste e foste para o céu. Vou tratar-te tão bem, querida. E vamos cozinhar, ir à praia e fazer

coisas de casais também. Tu és minha.

– Tua.

Selamo-lo com um beijo, as suas mãos suavizam-se sobre mim, descendo até aos meus ombros.

– Diz-me a verdade – murmura ele contra a minha boca. – O que é que se passa com o *piercing* na pila?

Eu solto outra gargalhada, afastando-me.

– Estás assim tão curioso? Garanto-te que ele te deixava brincar com ele. Podias ter todo o conhecimento em primeira mão que quisesse...

– Seattle – ele rosna. – Estou a morrer aqui.

Mordo o lábio, tentando pensar em como expressar de forma sensível a minha primeira experiência de sexo alucinante com Caleb e com a sua pila com nervuras mágicas. As minhas ancas ainda parece que têm um batimento cardíaco por terem sido dobradas e esmagadas contra a bancada.

– Hum...

– Oh, que se foda isso. – Jake agarra-me novamente, levando-me através do seu quarto para a casa de banho.

– Jake, o que estás a fazer...

– Temos de lembrar a esta vagina o que um homem totalmente natural pode fazer. – Ele dá-me outra palmada no rabo antes de me pôr de pé na sua enorme casa de banho de azulejos escuros. Tem uma banheira funda. É suficientemente grande para caberem duas pessoas facilmente. O chuveiro também é enorme, com um jato de água duplo de efeito chuva.

O Jake mexe nos botões, fazendo a água cair em cascata, enchendo a divisão com o som de uma queda de água.

– Tira a roupa, Seattle.

– Hum! – exclamo, de braços cruzados. – O que é que vai acontecer se eu me despir?

Ele deixa cair as calças cinzentas de fato de treino no chão. É a única peça de roupa que está a usar. Então agora estou diante de um Jake Compton completamente nu. Meu Deus, ele tem uma pila linda. Sou uma daquelas mulheres que acham as pilas bonitas. A do Jake faz-me qualquer coisa. Estou a salivar, desesperada por mais deste homem.

Ele dá um passo em frente, mexendo naquela bela pila com o seu olhar derretido.

– Vais entrar no meu chuveiro, Seattle. E eu vou pressionar-te contra a parede e foder-te com a língua até gritares. Depois de te vires na minha cara, vou lembrar-te de como somos bons juntos, de como gostas desta pila. Sabes que me desejas como eu te desejo a ti. Agora tira a merda da roupa.

Só estou a fingir ser uma hóspede fixe. Por dentro, sou um vulcão derretido. Lentamente, tiro a camisola de alças, deixando-a cair no chão. Ele observa-me, o seu olhar sombrio, calmo e confiante. Ele sabe que não há universo em que eu não vá tomar aquele duche. Ele é o meu íman. Estamos destinados a colidir.

Descalço os ténis, enfio os meus polegares na parte de cima das minhas *leggings* e cuecas juntas, puxando-as para baixo. Tiro as duas e endireito-me.

– Querida, o que é que... – O sorriso preguiçoso de Jake desaparece num piscar de olhos quando ele dá um passo em frente. – O que é que aconteceu?

O meu próprio sorriso desvanece-se quando olho para baixo. De pé, nua, à frente do teu amante, a última coisa que queres ouvir é «o que aconteceu»? As mãos dele passam pelas minhas ancas, os polegares mal roçam a pele.

– O que é? – pergunto, tentando olhar para baixo.

Ele faz-me virar, para que eu me veja ao espelho.

– Oh... merda – murmuro. Tenho hematomas a aparecer nas minhas ancas onde o Cay me bateu contra a bancada.

– O que é que fizeste? Estás ferida? – pergunta Jake, com voz séria enquanto olha para o meu reflexo nu no espelho, as suas mãos leves como penas nas minhas ancas.

– Não – digo rapidamente. – Eu, hum... está tudo bem.

Os olhos dele estreitam-se.

– Oh... – Vejo o momento em que ele faz um clique. O seu controlo desaparece. – Oh, não, ele não o fez. Eu *mato-o... CAY!*

– Jake, não! – Eu viro-me, agarrando-lhe o braço quando ele tenta sair nu para ir perseguir o Caleb. Sinceramente, não sei quem poderia vencer quem numa competição de pontapés no rabo. Claro, o Jake está em forma para a NHL, mas o Caleb pode secretamente ter tido aulas de *wrestling*. – Jake, eu estou bem...

– Parece que ele tentou serrar-te ao meio!

– Fui eu que *pedi* isso – admito, colocando uma mão tranquilizadora no meu peito. – Foi um momento nosso. Tínhamos algumas coisas para resolver. Resolvemos, e agora estamos bem, e estamos os dois aqui. – A minha mão sobe até ao seu rosto. – Olha para mim, meu anjo.

O seu olhar suaviza-se à medida que me absorve. A sua mão levanta-se para envolver o meu pulso.

– Em Seattle, arrumei as minhas coisas em lágrimas – sussurro, dando-lhe toda a minha verdade. – Deixei aquele quarto de hotel... *deixei-te...* e assim que a porta se fechou, deslizei pela parede até ao chão e chorei. Queria tanto voltar para lá. Deixei as duas chaves do quarto para não o poder fazer. Não sem te acordar...

– Devias ter acordado – murmura ele. – Eu não tinha acabado. Uma noite não foi suficiente. *Nunca* será suficiente para mim.

– Acho que pensas que foste o único a sentir a minha falta – continuo. – Achas que isto é unilateral... não é? – O seu silêncio é resposta suficiente.

– O Cay pode ter chegado e abalado as nossas fundações, mas tudo o que somos, tudo o que tínhamos, ainda está *aqui*. – Agarro na mão dele, colocando-a sobre o meu coração como fiz há todos aqueles meses em Seattle. – Estou mesmo aqui, Jake. O que quer que isto seja, onde quer que vá, eu estou aqui. Vamos fazer as nossas próprias regras, está bem? Vamos definir a

felicidade à *nossa* maneira. Mas eu quero-vos aos dois. E não há como ganhar aqui. Não há primeiro ou segundo lugar. Não há troféus nem escolhas. Eu não sou um prémio para ser ganho.

Lentamente, ele acena com a cabeça. Oh, meu Deus, isto pode estar a acontecer? Ele também está metido nisto? Estamos a dar uma verdadeira oportunidade a isto?

Ele fixa o meu olhar.

– Mas não podes continuar a manter-me afastado, Rach. Eu não consigo lidar com isso. Preciso de ti comigo, está bem? Tens de responder às minhas mensagens. Não me deixes mais à espera. O teu silêncio parte-me o coração. Chama-me carente, não quero saber. Tenho de ser eu...

– Eu *quero* que sejas tu – digo, passando o polegar pela sua bochecha. – Meu Jake – murmuro. – Tu és meu. – Passo os meus dedos sobre a sua boca. – Estes lábios... este queixo... – Deslizo os meus dedos para baixo. – Este coração forte... – Passo a minha mão sobre o seu peito. – Eu quero tudo isso. Sê meu, Jake.

Ele envolve-me no seu abraço, a sua testa cai sobre a minha enquanto me inspira.

– Eu sou teu, querida. Eu era teu assim que te viraste naquele balcão.

Abro os meus braços e envolvo os seus ombros, levantando-me na ponta dos pés. A sua pila dura está inclinada entre nós, pressionada contra a nódoa negra da minha anca. A dor centra-me. O Jake também tem estado a viver com dores. As nódoas negras dele não são visíveis, mas estão lá. Fui eu que as pus lá.

Pegando nele pela mão, levo-o para o duche. Passo por baixo do jato quente e viro-me, as minhas mãos voltam para os seus ombros.

– Quero fazer-te sentir tão bem. Sem mais preocupações. Sem mais manhãs perdidos. Volta para mim. Encontra-me outra vez, como fizeste em Seattle...

Ele silencia o meu pedido com um beijo, as suas mãos percorrem o meu corpo com avidez enquanto nos fundimos um no outro. Os nossos corpos parecem ter-se memorizado um ao outro. Eu sei como me adaptar a ele. E ele conhece-me. Beijamo-nos enquanto nos provocamos, a minha mão à volta da sua pila puxando-a lentamente. Apenas a pressão suficiente, com um toque do meu polegar na sua ponta sensível.

Ele geme ao meu toque, pressionando com as ancas. A sua mão penetra entre as minhas pernas, os seus dedos encontram o meu centro escorregadio com a minha própria humidade e a libertação de Caleb. O duche lava tudo e ficamos a respirar o ar um do outro.

Depois ele faz-me andar para trás até o meu rabo bater na parede fria de azulejos. Ele não espera nem um segundo para se ajoelhar. As mãos dele são suaves nas minhas ancas enquanto ele deposita alguns beijos de boca aberta na minha pele magoada. Os seus lábios descem, beijando o meu sexo, dando-lhe pequenas lambidelas provocantes. Ele geme de vontade e eu sinto a

vibração mesmo no meu clitóris.

Todo o meu corpo é um fio elétrico. Estou a crepitar como se tivesse eletricidade debaixo da minha pele. Ele encosta o rosto a mim, as mãos apertam-se um pouco enquanto geme de novo.

– Foda-se, senti tanto a tua falta.

Não posso deixar de me rir, o meu corpo relaxa contra a parede, quando me apercebo que ele não está a falar comigo.

– Achas que ela também teve saudades tuas? – provoco.

– Eu sei que sim – responde ele com confiança, abrindo-me e passando a língua no meu clitóris. – Esta linda vagina cor-de-rosa é toda minha. Juro, tens a passarinha mais bonita que já vi.

O meu riso morre na minha garganta quando ele a agarra com a boca, as suas mãos a circular à volta para apertar as bochechas do meu rabo.

– Por favor – murmuro, abrindo um pouco as pernas. Eu quero o Jake a comer-me como se fosse a sua última refeição.

As minhas mãos cravam-se no seu cabelo molhado, e eu desloco o meu peso enquanto ele puxa a minha perna esquerda, virando-a sobre o seu ombro. Depois, ele vai até ao fim. Está esfomeado, a sua língua e os seus lábios mostram-me o quanto sentiu a minha falta. Não é preciso nada para me fazer entrar numa espiral até ao limite da libertação.

Assim que ele enfia os dedos dentro de mim, estou a vir-me, as paredes da minha vagina apertam-se à volta dele. Ele cavalga comigo, chupando-me o clitóris e passando-lhe a língua até eu parar de pulsar à volta dos seus dedos. Ele dá mais uns beijos suaves no meu centro, tira os dedos e lambe-os enquanto se levanta.

Levo-o até ao banco de azulejos, passando por baixo do chuveiro, e empurro-lhe os ombros para baixo. Ele afunda-se com o rabo nu, as suas mãos percorrem os meus flancos até me acariciarem os seios. Eu subo gentilmente para o seu colo, ficando de frente para ele com os joelhos no azulejo duro do banco. O Jake ajuda-me a posicionar, levantando-me por baixo das costelas, enquanto eu encaixo a sua pila na minha entrada e me afundo lentamente, tomando todo o seu comprimento dentro de mim num suave exalar.

O seu olhar transborda de desejo quando olha para cima e para baixo do meu corpo, ajudando-me a balançar no seu colo. A sua pila perfeita enche-me tanto. Sinto-o em todo o lado. Afundamo-nos um no outro, duas almas entrelaçadas como uma só, enquanto perseguimos a nossa libertação. As minhas investidas tornam-se mais rápidas, os meus dedos cravam-se nos músculos dos seus ombros enquanto as minhas costas se arqueiam e a minha cabeça se inclina para trás num gemido baixo.

– Jake, estou tão perto...

– Eu também, querida. Foda-se, és tão bonita – murmura ele. – Eu não sei como parar de te querer. Amo-te tanto. Vou ser tão bom para ti...

As suas palavras doces catapultam-me para o limite, e estou a vir-me outra vez. Perdi a conta aos orgasmos que tive esta noite. Estou destruída.

Completamente arruinada. O meu corpo cai contra Jake, a minha testa pressionada no seu pescoço enquanto o sinto a bater com as ancas, gritando a sua própria libertação tão profundamente dentro de mim.

Agarramo-nos um ao outro, respirando em sincronia, enquanto descemos da espiral. O vapor sabe tão bem nos meus pulmões, abrindo-me o peito. Afasto-me suavemente dos seus ombros para olhar para ele.

– O que achas de comer a piza na cama?

Ele sorri.

– A melhor ideia que já tiveste.

JAKE

— Anda lá — provoco. — Vai ser divertido. — Sigo o Caleb pela ilha da cozinha enquanto ele agarra nas chaves, enche a sua caneca térmica com café e tira uma banana da fruteira. *Poseidon* dança aos meus pés.

— Meu, não — diz Caleb, metendo a banana no bolso.

Esta semana estamos todos com horários totalmente diferentes. A Rachel já saiu há mais de uma hora. Ela está a fazer algum tipo de treino de fisioterapia no hospital. O Cay está a sair agora e aposto que só o volto a ver depois do jantar. Entretanto, tenho o dia livre. O único problema é que toda a gente de quem gosto está ocupada. O Novy está no dentista e o Morrow teve de ir até Orlando para ajudar a mãe na mudança. Os tipos casados nunca querem sair nos dias de folga. Acho que estou sozinho com o Sy.

Caramba, já estou aborrecido.

Se o Caleb concordasse com o jogo, eu podia dedicar-me a pensar no meu plano.

— Porque não queres jogar?

— Porque não é um jogo — diz ele. — Ela não é um troféu, Jake.

— Eu sei disso, idiota — resmungo. — É só para nos divertirmos. Vamos lá, cada um de nós escolhe uma noite da semana para a levar a sair e fazer com que ela se divirta. Pontos por cada vez que ela quebrar a regra de não ter contacto pessoal. Em que é que estamos a pensar? Talvez um ponto por um beijo, cinco por uma punheta, dez por um broche?

Ele fica quieto.

— E qual é a pontuação para o sexo?

Eu rio-me.

— Achas mesmo que consegues que a Rachel faça sexo contigo em público?

Ele encolhe os ombros.

– Só acho que precisa de ter um valor de pontos.

– Ótimo – digo eu. – Cinquenta pontos para sexo em público.

Isto é tudo uma ilusão, claro, porque a nossa rapariga foi muito clara. Não vai haver nenhum tipo de brincadeira fora das quatro paredes desta casa. Nada de olhares lascivos. Nada de beijos. Nada de abraços carinhosos. Nada. Temos de ser sempre totalmente fixos e profissionais.

O que é ótimo para os Rays. Mas acho que as regras dela são um pouco rígidas para o público em geral. Quero dizer, nada de beijos? Tipo, de *tudo*? Nem mesmo numa caminhada na natureza onde só as árvores nos podem ver? Nada de punhetas num carro estacionado enquanto vemos o pôr do Sol?

Claro que o Caleb está de acordo. O Senhor Nada de Contacto Físico não vai ter problemas em seguir as regras. Em todos os nossos anos de amizade, a única vez que o vi íntimo com uma pessoa foi quando eu estava no quarto. Acho que foi por isso que o momento deles na discoteca me abalou tanto. Ele deixou-a exibi-lo. Isso derreteu-lhe um pouco o cérebro, mas eu também conseguia ver a verdade. Ele gostou. Adorava-a. Desejava mais disso. Ele queria que ela o reclamasse assim em frente dos rapazes, em frente de Aspen. Ele queria mesmo que ela o fizesse à minha frente.

O nosso Cay pode pensar que não gosta de demonstrações de afeto, mas eu sei que sim. Por isso é que pensei neste jogo. Não há nada que o Caleb goste mais do que de uma pequena competição. E não há nada que eu queira mais do que espicaçar a Rachel. Estou a pensar que, entre nós os dois, podemos dar cabo dela. Quero aquela rapariga com vontade de me beijar. Quero-a em cima de mim, com a mão nas minhas calças, com os lábios nos meus, a gemer o meu nome enquanto uma velhinha passa por nós no corredor dos cereais.

Está bem, talvez seja melhor não ser num supermercado. Mas mesmo assim, ela não pode querer dizer nada de contacto sexual... certo?

– Jake, tu precisas de te acalmar – avisa Cay, lançando-me um dos seus olhares sérios. – Ela estabeleceu os seus limites, e nós temos de os respeitar.

Eu zombo.

– Tu sabes que vais perder.

Ele revira os olhos e sai em direção à porta da frente.

– Até logo, parvalhão.

– Anda lá – chamo por ele. – Entra no jogo!

– Porque é que eu me daria ao trabalho de jogar quando sei que não tens jeito nenhum? – provoca ele, enfiando os pés nos sapatos.

– Oh, queres apostar? – resmunga ele novamente.

– Aposto dez mil dólares em como ela vai dormir na *minha* cama esta noite – digo eu, apontando o polegar para o meu peito nu com um sorriso arrogante. – E eu vou fechar a merda da porta. Podes ficar na tua cama a ouvir-nos gemer enquanto ela se vem em cima da minha pila.

Ainda não decidimos muito bem o que vamos partilhar. Tem sido

praticamente uma porta aberta do meu lado. Se ele quiser juntar-se, pode. Mas quando ele a tem no quarto dele, a porta fecha-se. Vamos ver se ele gosta.

– Não vou apostar contigo, Jake.

– Sim, porque não tens dinheiro – provoco, cruzando os braços sobre o peito.

Caleb faz uma pausa, com as mãos nos atacadores dos sapatos. Dá o nó e levanta-se lentamente.

– E, a propósito... – Ele passa ao meu lado.

Então o mundo desaba quando o meu cérebro alcança a minha boca estúpida.

– Cay... espera! Peço desculpa! – Atiro-me para a porta da frente, fechando-a quando ele a abre.

– Sai do caminho, Jake – murmura ele, sem olhar para mim.

– Merda, não – ofego, com uma mão no ombro dele.

Ele encolhe os ombros.

– Cay, eu não quis dizer isso. Sabes que às vezes digo coisas sem pensar. Desculpa. Juro *que* não era isso que eu queria dizer. Estou completamente farto. Acabaram-se as apostas.

– Sai – murmura ele outra vez.

– Não até olhares para mim – peço, desesperado por sentir os seus olhos em mim. – Não até que me perdoes. Eu sinto muito...

Com um grunhido, Caleb vira-se e aponta o dedo na minha cara.

– Ambos sabemos que não preciso do dinheiro, dos carros vistosos ou da casa de praia grande para a roubar de ti.

Eu fungo, tentando fingir que não me sinto intimidado pelo seu olhar de vampiro da morte.

– Mostra o que tu sabes. Ela gosta de ficar por cima...

Sim, é demasiado tarde. As palavras saíram da minha boca que é mesmo estúpida. Oh, meu Deus, ele vai matar-me. Ou deixar-me. Não sei o que seria pior. Ele está a tentar abrir a porta outra vez.

– Não! – Grito, atirando-me com mais força contra ela. – Foda-se, porra, por favor, não a leves de mim! – imploro.

Caleb para, olhando para mim.

– Estás mesmo preocupado que eu o faça?

– Claro que estou! Vocês são ambos muito inteligentes. Ela é médica e tu estudaste química na faculdade. Ganhaste todos aqueles prémios – digo com um aceno de mão. – Tens muito mais em comum com ela do que eu, Cay. Assim que deixares as tuas tretas de durão de lado e tentares mesmo, ela vai-se apaixonar por ti. A sério. E eu vou perdê-la. Ela vai-se embora para os braços do seu papá dominador. Eu serei o portador das alianças no teu casamento.

Aquele idiota tem a ousadia de sorrir para mim.

– Que isso seja a coisa divertida que vais fazer no teu dia de folga hoje. Fica com essa sensação horrível de saber como a tua posição é frágil. Não

podes conquistar esta rapariga com gastos vistosos. Ela não é uma coelhinha, Jake.

– Eu sei...

– Ela também não quer que façamos jogos, colocando-a no meio. – Ele fixa o seu olhar negro em mim.

– Eu sei. Totalmente. Foi uma ideia parva.

– E eu não tenho tempo para descobrir o que raio estou a fazer aqui – acrescenta. – Posso fechar a porta e ficar com ela só para mim durante umas horas.

– Eu sei – digo novamente, acenando com a cabeça.

– Se isso é muito difícil para ti, ou se sentes que tens de me atirar à cara que estou a tentar... estou a *tentar* criar intimidade com ela, Jake...

– Eu sei!

– Vocês os dois já tiveram o vosso momento de sorte em Seattle. E têm aquela coisa estranha dos gémeos. Até respiram em sincronia, como se fossem um par de malditos pulmões aquáticos. Praticamente terminam as frases um do outro. Achas que és o único a lidar com sentimentos de estar do lado de fora? Estar numa sala com vocês dois é estar do lado de fora, Jake.

A confissão dele dilacera-me. Eu não fazia ideia. Ele é um maldito livro fechado.

– Cay...

– Já estás dentro até ao fim – continua ele. – Ela nunca te vai deixar ir. Para de te preocupares e de tentar controlar isto. Vai acontecer o que tiver de acontecer. Estou a fazer isto à minha maneira. Estou a levar o meu tempo, e estou a descobrir isto. E se não gostares, então posso tirar as minhas coisas até ao fim do dia...

– Não! – digo, agarrando o seu ombro. – Cay, desculpa. Estava a ser um idiota. Vamos começar de novo. Vamos esquecer a aposta.

– Boa ideia – diz ele.

– Diz que me perdoas – imploro. – Por favor, Cay. – Ele suspira, abanando a cabeça.

– Estás perdoado. – Eu suspiro de alívio.

Mas é então que ele se inclina com os olhos escuros a brilhar.

– Mas a menos que queiras que eu teste os limites dos teus pesadelos, vais ter cuidado com a merda da tua boca quando falares comigo. Entendido?

– Vou ter – digo com um aceno de cabeça determinado. – Vou ter muito cuidado com ela. Não direi nada que te irrite nunca mais, Cay, juro. Palavra do escuteiro – acrescento, levantando dois dedos.

Revirando os olhos, Caleb abre a porta e sai.

Foda-se, ele não vai deixar isso passar. O Cay perdoa, mas não esquece. E ele pode ser diabólico quando quer. Eu não sei como, mas ele vai encontrar uma maneira de me fazer pagar pela minha boca atrevida. E eu mereço-o.

RACHEL

Esta tem sido uma semana e peras. Entre todas as viagens do dia do jogo e a série de *workshops* de fisioterapia organizados pela faculdade comunitária que a Poppy tão gentilmente me ofereceu para ajudar a dirigir, estou absolutamente esgotada. Os rapazes também estão. Sinceramente, quase não os vi esta semana. Parece que a única altura em que estamos todos em casa nos dias que não são de viagem é entre as 21h00 e as 6h00 da manhã. O pobre Jake está normalmente tão cansado que acaba por adormecer.

É por isso que estou surpreendida por eles terem dito que queriam sair esta noite. Recebi a mensagem do Caleb quando estava a terminar a minha última hora do curso de formação em fisioterapia. Vamos ao Riptide's Bar & Grill. A Poppy já me disse que também vai. E alguns dos outros rapazes: Novy, Langley, Sully e a sua mulher Shelby.

Acabo de falar com a Fiona, a coordenadora do programa, e ela ajuda-me a arrastar os meus sacos de equipamento para o parque de estacionamento. Quando saímos pelas portas automáticas, o jipe do Caleb encosta à berma. Os dois rapazes estão nos bancos da frente, com os óculos de sol e os chapéus virados para trás. A prancha de *surf* do Caleb está presa às calhas superiores.

– Estamos à procura de um furacão – diz ele. – Alguma das senhoras viu algum por aí?

Eu fungo, revirando os olhos com a sua frase pirosa.

A Fiona olha em redor, confusa.

– Não, hum... quero dizer, hoje está céu limpo. Mas vai chover este fim de semana...

– Não é isso, Fiona – digo. – Ele só está a brincar contigo. Eles são a minha boleia.

– Oh! – diz ela com uma pequena gargalhada. – Então são ambos

jogadores?

– Ele é – diz Caleb, apontando um polegar por cima do ombro para Jake.

– A doutora Price foi uma ótima contribuição para o nosso programa – diz ela. – Vocês têm muita sorte em tê-la.

– Oh, nós sabemos – diz Jake com um sorriso.

– Estamos muito gratos por isto ter dado certo – acrescenta, virando-se para mim. – Talvez possamos fazer novamente no próximo semestre?

– Claro – respondo. É um programa muito bom, que oferece aos estudantes universitários uma experiência prática que não esperariam ver antes do internato.

Enquanto nos despedimos, Jake sai do jipe e pega nas malas, colocando-as na bagageira. Depois abre a porta do meu carro, deixando-me deslizar para o banco de trás. Assim que a Fiona está em segurança lá dentro, o Caleb põe o jipe a trabalhar e arrancamos.

– Então, festa no Rip? – digo por cima do rugido do vento e do rádio.

– Sim! – grita o Jake. – É dia de fazer batota e quero comer o meu peso em salgadinhos e batatas fritas!

Ao chegarmos ao grande bar de praia, sinto uma mudança no humor do Jake.

– Espera, que dia é hoje? – pergunta ele, com a mão imóvel na correia do cinto de segurança.

– Quinta-feira – respondo. Amanhã vamos estar na estrada outra vez para um jogo. – Porquê?

– Oh... merda! – murmura ele e olha para o Cay. – Meu, não faças isso. Juro que aprendi a lição. Disseste que me perdoavas.

Entretanto, Caleb apenas sorri, estacionando o jipe.

– Eu perdoei. Mas, às vezes, precisamos de um lembrete antes que a lição seja realmente aprendida.

Os olhos de Jake arregalam-se.

– O que é que eu tenho de fazer para que isto pare?

– O que é que me está a escapar? – pergunto eu, metendo a cabeça entre os bancos. – Porque é que vocês os dois estão a agir de forma estranha?

Caleb sorri.

– Não é nada, Furacão. Aqui o Jake está apenas a aprender uma lição importante para memorizar os dias da semana.

Com essa nota enigmática, os dois rapazes saem do jipe e fecham as portas em uníssono. Não tenho outra opção senão segui-los.

A música ao vivo flutua no ambiente outonal da praia. Uma multidão de pessoas espalha-se pelas muitas mesas cobertas de chapéus de sol. Há uma área inteira no interior, mas o encanto do Rip's é a área do bar ao ar livre. As pessoas podem ir até à praia e pedir comida e bebidas. Surfistas, famílias com crianças com a cara cheia de areia, casais num passeio noturno.

Aninhado na sua própria cabana, perto do bar, está um palco coberto. Uma banda está a tocar *covers*. Quando viramos a esquina, fico paralisada. A mulher ao microfone a cantar esta versão particular de «That Don't Impress Me Much» de Shania Twain não é outra senão a própria Shelby O'Sullivan dos Rays.

Eu suspiro, com os olhos arregalados de excitação, enquanto agarro o braço de Jake.

– Espera... é noite de *karaoke*?

Ele suspira, não se parecendo nada com o Jake normalmente alegre.

– Sim. E foi bom conhecer-te, Seattle.

– O quê...

Eu sigo-o, mas as minhas palavras são interrompidas quando o resto da equipa repara em nós e nos chama. Aplaudimos muito a Shelby quando ela termina. Depois, ela volta a saltitar para se sentar no colo de Sully.

Os Rays juntaram algumas mesas, e já há uma grande variedade de saladas, asas de frango, pickles, fritos e algo que eu acho que pode ser pedaços de rabo de jacaré. O Jake e eu sentamo-nos na ponta livre da mesa de Sully e Shelby, enquanto o Caleb vai apertar a mão a Novy e Langley.

– Ei, doutora! – Shelby chama-me com um aceno. – Parece que vieste diretamente do trabalho.

– Sim, estava a fazer uma formação na Baixa – explico, tirando um pickle frito do cesto. – Os rapazes apanharam-me no caminho para cá.

– Foi simpático da parte deles – diz ela, olhando de relance para eles.

– Estacionar pode ser uma chatice – murmura Jake, servindo-se do jarro de água. – É mais fácil trazer só um carro.

Quer ela acredite ou não na nossa desculpa esfarrapada, distrai-se rapidamente com a chegada da Poppy e de mais dois jogadores.

– É bom que haja a mesma afluência para a festa de beneficência do hospital, este fim de semana – diz a Poppy aos rapazes, com os olhos semicerrados, enquanto se senta.

Bolas, é verdade. Ela não tem sido subtil com os seus repetidos avisos de que espera que todos nós estejamos presentes neste jantar chique e leilão passivo no dia seguinte ao nosso regresso de Boston. Estes eventos de relações públicas literalmente nunca acabam. Não sei como é que a Poppy arranja energia para fazer tanta coisa. Eu ficaria exausta.

Em breve, os Rays ocupam metade do Rip's. A banda de *covers* está a tocar as músicas, à medida que mais pessoas se revezam ao microfone. Novy perde um jogo de cara ou coroa com Langley e escolhe cantar um *cover* horrível de uma canção dos Backstreet Boys. Depois, Poppy canta uma «Jolene» muito boa, que põe todo o bar a gritar e a aplaudir.

Olhando de relance para Jake na mesa, vejo que ele ainda está a pensar, com as duas mãos à volta da sua segunda cerveja. Aproximo-me e toco-lhe no ombro.

– O que estás a fazer, meu anjo?

– A pensar nas consequências dos meus atos – responde ele.
– O quê...
– Ei, doutora boazona! – Langley chama-a de uma mesa ao lado. – Vais cantar, certo? Filha de uma lenda do *rock’n’roll*, tens de ir para ali cantar!
– Sim, canta – aplaudem Sully e Shelby.
– Canta!
– Oh não! – digo eu, levantando as duas mãos. – O gene passou-me ao lado. Acreditem em mim, se eu for lá cantar, todos vocês vão precisar de cuidados médicos imediatos.

A maior parte do grupo ri-se.

Antes que Langley possa responder, o guitarrista pega no microfone. É um tipo grande de cabeça rapada, talvez com quarenta e poucos anos.

– Olá a todos, como estão esta noite? – diz ele ao microfone.

A multidão grita e bate nos copos de cerveja.

– Bem-vindos ao Riptide’s Bar & Grill – diz ele ouvindo mais aplausos.
– Se ainda não repararam, esta é a noite de *karaoke* no Rip’s e nós somos os Jacksonville 5 – acrescenta, acenando à banda. – Vamos estar aqui a tocar durante a próxima hora. A lista de inscrições está no fundo do bar, ao pé da Stacey... Stac, acena às pessoas.

Uma loira bonita atrás do bar dá um grande sorriso e acena, segurando um *tablet*.

– Mas primeiro... – Ele protege os olhos com a mão. – Disseram-me que temos o Caleb Sanford na casa esta noite. – Os Rays batem nas mesas.

– Sim, Sanny!

– Vai-te a ele, Sanford!

Fico imóvel, a ver como até alguns dos habituais na multidão enlouquecem a aplaudir o Caleb. Ao meu lado, Jake geme.

– Sanford, vem cá acima – chama o guitarrista. – Vem segurar isto para mim enquanto eu converso com a ruiva bonita do bar.

A multidão do bar fica louca quando uma senhora de quarenta e poucos anos com cabelo ruivo fica corada. Entretanto, as nossas mesas continuam a aplaudir o Caleb.

– Sanford! Sanford!

– Vai-te a ele, Sanny!

– Voa!

O Caleb olha para mim antes de olhar para o Jake. Algo está a acontecer neste momento. Os rapazes estão a meio de uma competição qualquer. Só posso presumir que é sobre mim. Posso dizer pela confiança de Caleb e pelo olhar de cachorrinho espancado de Jake que Cay está a ganhar. Lentamente, ele levanta-se da mesa e a multidão inteira aplaude novamente. Ele passa entre as nossas mesas, dando palmadinhas no ombro de Jake quando passa. Jake geme novamente.

Será que vou ter de me meter no meio disto?

– O que é que se passa contigo? – pergunto, dando outro empurrão em

Jake.

– Estou a aprender a lição – responde Jake. Enquanto a multidão está distraída, ele vira-se para mim, baixando a mão para pousar na minha perna. – Seattle, vamos embora. Vamos sair daqui.

– O quê? – grito. – Não podemos simplesmente ir embora...

– Dou-te dez mil dólares para te ires embora comigo agora mesmo – insiste ele.

Eu reviro-lhe os olhos.

– Ele ao menos sabe tocar guitarra? – pergunto, distraída enquanto vejo Caleb subir ao palco e apertar a mão do guitarrista antes de agarrar a sua guitarra.

– Caleb Sanford, pessoal! – diz o guitarrista ao microfone, para mais aplausos.

Caleb afina a guitarra durante um minuto, de costas para o público enquanto fala com a banda. O seu cabelo escuro acobreado está despenteado e desalinhado pelo vento do jipe. Veste uma *t-shirt* preta e calças de ganga rasgadas, com os pés descalços cobertos de areia. Não consigo evitar a pequena agitação no meu estômago enquanto o vejo aproximar-se do microfone. Oh sim, isto está a resultar para a Rachel.

Ele baixa a boca para o microfone, a sua voz é grave e diz:

– Em nome dos Jacksonville Rays, que estão na casa esta noite a divertir-se imenso...

A nossa malta bate palmas.

– Gostaria de dedicar a próxima canção... à médica mais gira da NHL. – Caleb olha diretamente para mim, e os Rays ficam loucos.

– Sim! Doc Price!

– A médica mais boazona!

– Não os magoes, Doc!

– Rachel Price – diz Caleb por cima do barulho. – Esta é para ti.

O meu coração dá uma cambalhota, e os Rays perdem a cabeça quando Caleb respira fundo e começa a cantar sem apoio, com as duas mãos a segurar suavemente o microfone. Reconheço imediatamente a canção. A multidão grita quando a banda entra. Caleb toca guitarra, o baterista marca o ritmo e eles lançam-se numa *cover* epicamente boa de «Beggin» dos Måneskin.

A minha boca abre-se em choque, e juro que a minha vagina se incendeia. A voz dele é tão quente, grave e baixa, pecaminosa até. E o rapaz sabe tocar. Ele trabalha a guitarra, movendo os ombros enquanto dedilha. Olha diretamente para mim, estendendo a mão enquanto canta.

Caramba. Na outra noite, falei com ele sobre isto e, afinal, o meu Sagitário mal-humorado é músico. Há dias que andamos a dançar à volta um do outro, a tentar encontrar uma forma de ultrapassar a nossa ligação física vulcânica em direção a algo mais profundo. Eu quero conhecê-lo. Quero ver dentro das suas barreiras, ver por detrás da sua mágoa. Ele é muito mais do que o seu trauma. Ele também sabe disso; só não sabe como deixar-me entrar.

Bem, agora ele está naquele palco usando as letras para desnudar a sua alma. Ele quer que eu fique. Ele quer que eu continue a tentar encontrá-lo. Eu sorrio enquanto ele toca, usando todo o poder mental que possuo para lhe enviar uma mensagem clara. Não vou a lado nenhum.

A minha pulsação dispara enquanto os seus dedos tocam a guitarra. Ele é tão talentoso, ali em cima, parecendo a minha fantasia perfeita de rapaz roqueiro e rabugento. Eu sei que estabeleci a lei quando se trata de contacto físico em público, mas juro por Deus, se este homem me arrastar para a casa de banho do bar mais tarde, todas as leis serão quebradas.

RACHEL

—Ó meu bom bocado – suspira Poppy. – Rachel, estás deslumbrante, rapariga!

Eu sorrio, passando as mãos pela frente do meu vestido Chanel. É uma peça que tenho há anos e que usei uma dúzia de vezes. A seda cor de champanhe une-se em dois pontos nas minhas clavículas, com tiras finas a passar pelos meus ombros e pelas costas totalmente abertas. A seda flui solta à volta dos meus tornozelos, dando ao vestido um belo movimento.

É, sem dúvida, uma das minhas peças favoritas.

– Obrigada – digo com um sorriso. – Também estás linda.

E está mesmo. Está a usar um vestido vermelho que dá nas vistas, com uma abertura na perna capaz de parar o trânsito. A maquilhagem está mais escura esta noite, mais ousada, e o cabelo está apanhado num rabo-de-cavalo alto penteado para trás. Tem um ar pecaminoso no alto do seu 1,60 m de altura.

Olho de relance para a galeria do museu de arte.

– Está tudo lindo, Poppy.

– Bem – declara ela, com um aceno apressado. – Tenho a certeza de que já estiveste em mais do que a tua quota-parte deste tipo de eventos.

Não respondo, limitando-me a sorrir. Não consigo literalmente contar o número de vezes que fui a uma festa de beneficência. Tudo o que estou a pensar agora é que estou esfomeada, os meus pés doem-me e esqueci-me de levar os meus Spanx.

Hoje foi tudo tão agitado que me penteei e maquillei na casa de banho das mulheres antes de vir diretamente para aqui.

Estou vestida para impressionar, mas não sou o foco desta noite. Os jogadores são a verdadeira atração. Aos participantes não lhes interessa um

jantar de salmão ou ganhar uma viagem a uma adega num leilão silencioso. Apenas querem cruzar-se com Ilmari Kinnunen, duas vezes vencedor da Taça Stanley. Querem conhecer de perto e ser amigos do treinador olímpico canadiano Hodge Johnson.

Por falar em Kinnunen... Sorrio quando o vejo no canto, com a sua enorme estrutura curvada sobre a mesa do leilão silencioso. Foi o meu último paciente do dia. Passámos mais de uma hora a trabalhar alguns exercícios de fortalecimento da anca como parte do seu novo regime de fisioterapia.

Aprendi a lê-lo melhor nas últimas semanas. Apesar da facilidade com que se destaca na multidão, é uma pessoa muito reservada. Os seus movimentos são discretos, as suas opiniões são subtis, as suas ações são deliberadas. É como se a sua aura ocupasse tanto espaço por si só que ele compensa tornando as outras partes de si mais pequenas. Acho que gostaria de ver o Mars Kinnunen a soltar-se. Como é que ele será fora do gelo a tentar dominar uma situação?

Bem, Deus do céu. Agora estou a pensar no Mars Kinnunen a dominar coisas.

Controla-te, psicopata.

Eu culpo o *smoking*. Ele parece muito sensual. Aquele casaco à medida assenta-lhe que nem uma luva. Está aprovado.

Acalma-te, rapariga.

Algumas pessoas ficam atrás dele, sussurrando, observando-o como um animal estranho numa exposição. Fazem-lhe isso muitas vezes. O seu tamanho é certamente intimidante, e há aquela aura de «que se lixe». Ele é, talvez, uma das pessoas menos acessíveis que eu já conheci. Por isso, aproximei-me, tirando uma espetada de camarão com *bacon* de uma bandeja.

– Olá, Mars.

Ele vira-se e olha para mim, observando-me com os seus olhos azuis.

– Estás diferente – murmura.

Eu rio-me, mastigando o meu camarão. Isso é um elogio? É impossível dizer pois a sua expressão é impassível.

– Sim, é o corretor. Faz-me maravilhas, não é?

– O quê?

– Nada – respondo, tirando num copo de vinho tinto da bandeja de um empregado. – Estás a licitar alguma coisa?

Ele gesticula, sem palavras, para o papel.

Aproximo-me um pouco mais, sem conseguir evitar sentir o cheiro da sua colónia inebriante. Sustenho a respiração, lendo a parte de cima do papel.

– Eu... Mars... que raio é isto? – Ponho o meu copo de lado. – Estes objetos estão em leilão. Está a perceber? Não estás a adivinhar o que achas que a organização vale. Neste caso, estão a pedir-te que does o valor da tua licitação à organização. É como um patrocínio.

– Eu sei – responde ele.

– Tu... – Fico a olhar para ele, voltando a olhar para o papel. – Mars,

queres doar meio milhão de dólares a um fundo de conservação de tartarugas marinhas?

– Sim.

Isto é uma piada, certo? Ele não está a brincar. A cara dele diz que não está a brincar. Acho que o Mars Kinnunen não sabe o que é uma piada.

– Eu... bem, é um grande investimento, Mars. Fizeste alguma pesquisa sobre esta organização?

– A senhora St. James aprovou-os, não foi?

– Bem, eu... – A minha resposta honesta é sim. A Poppy é implacável. Tenho a certeza de que todos os objetos do leilão foram cuidadosamente examinados. Mas não é isso que me está a confundir.

– Desculpa... os outros rapazes estão ali a comer o seu peso em aperitivos grátis – digo, apontando para onde Sully, Hanner e J-Lo estão a encher pratos minúsculos. – E tu estás aqui a doar quinhentos mil dólares para a conservação das tartarugas marinhas?

– Não é esse o objetivo desta noite? – pergunta ele.

– Bem... sim – respondo, agarrando no meu copo de vinho. – Mas, quer dizer, podias ganhar a licitação doando uns cinco mil dólares.

– E o que é que achas que a organização fazia com uma quantia tão insignificante? – contrapõe ele. – Não seria melhor dar-lhes fundos que eles pudessem usar para planear o futuro?

– Bem... sim – digo novamente, parecendo um disco riscado.

– E se eu estiver em posição de ajudar esta organização, não deveria ajudá-los? Eu tenho o dinheiro, estou disposto a dar uma parte dele e estou intrigado com a causa. Não devo doar?

– Claro que sim – digo apressadamente. Por estranho que pareça, acho que ele fica aliviado ao ouvir a minha resposta. Será que se importa com o que eu penso sobre isto? – Posso perguntar... porquê tartarugas marinhas?

Ele apenas encolhe os ombros.

– Porque não tartarugas marinhas?

– Podias ter escolhido qualquer coisa. – Aceno com a mão para a mesa.

– Um hospital pediátrico, um centro de queimados, um programa desportivo pós-escolar para jovens desfavorecidos. E, no entanto, escolheste dar o maior donativo da noite a um bando de tartarugas marinhas. Diz-me por que razão.

O seu olhar percorre as minhas feições e eu luto contra o meu rubor.

– Vais julgar-me pela minha resposta – diz ele.

Eu fico quieta.

– Prometo que não.

Ele encolhe os ombros novamente.

– Eu ganho milhões como atleta profissional. Isso tem um custo que eu nunca vou conseguir pagar.

– O que queres dizer com isso? – pergunto, aproximando-me mais.

– Quero dizer que defendo uma indústria que vive da dizimação do ambiente. Passo um terço da minha vida a viajar e a viver da forma mais

insustentável possível. Jogo em estádios que criam montanhas de resíduos. Todos os dias. Todos os jogos. Durante toda a minha vida tem sido assim. Eu faço mal, Rachel. É um prejuízo ativo.

– Oh, Mars – murmuro. – Então, estás a doar para as tartarugas marinhas. Está a protegê-las... de ti.

Ele acena com a cabeça.

– Esta quantia é absolutamente insignificante. Mas anotei o nome do contacto da organização – acrescenta. – Se eu gostar do modelo de negócio deles, tenciono tornar-me patrono. Financiá-los na totalidade.

Suspiro, abanando a cabeça. *Claro que sim*. Mars Kinnunen, senhoras e senhores. Devastadoramente bonito, rico, talentoso, preocupado com o ambiente e autodepreciativo até à exaustão. Sim, vou ter de me ir embora agora.

– Vais licitar alguma coisa esta noite? – pergunta ele quando me viro.

Solto uma gargalhada, ainda a tentar desembrulhar o meu cérebro.

– Hum, bem, eu estava à espera de licitar uma viagem de iate às Caraíbas ou um mês de aulas grátis de salsa.

Antes que ele possa responder, a Poppy aparece a correr. É capaz de ser o único membro da equipa dos Rays, para além de mim, que não tem medo deste homem.

– Mars, não te podes esconder no canto a noite toda, querido. Temos de te pôr a mexer. Rachel, podes encontrar os outros rapazes e trazê-los para aqui?

– Claro, Pop – digo com um sorriso, observando enquanto ela arrasta um Mars relutante pelo braço. Ela não perde tempo a apresentá-lo a um grupo de senhoras de cabelo grisalho que suspiram à sua aproximação.

Afasto-me antes que seja a próxima a ser puxada para dentro do museu, esquivando-me ao virar da esquina. Passo por trás de Langley e Novy, cada um a comer um aperitivo.

– Estou a dizer-te, é arte – diz Langley.

– Nem pensar – responde Novy. – Isto não é arte.

– Está pendurado num museu *de arte*, idiota.

Espreito ao lado deles para ver para onde estão a olhar. Parece uma tela em branco. Sorrio ao ver que a placa ao lado dela diz de facto: «Tela em branco».

– Olá, doutora – diz Langley em jeito de saudação. – Uau... estás muito bonita.

Eu sorrio. Não consigo conter-me. O Langley é tão querido e sincero.

– Obrigada, Langley. Também estás bonito. – E está mesmo. Todos estes tipos estão um arraso nos seus fatos elegantes.

O Langley aponta para a obra de arte atrás deles.

– Ei, isto é arte?

Aproximo-me, roubando uma miniquiche do seu prato.

– Bem, como é que te faz sentir?

– Ui... confuso? – diz ele, com um encolher de ombros.

– Aborrecido – acrescenta Novy.

– Como se eu estivesse um pouco fora da minha zona de conforto – acrescenta Langley, olhando em volta e eu rio-me.

– Acho que, no fundo, é suposto a arte fazer-nos sentir alguma coisa. Parece que ambos estão a sentir bastante.

– Uau – murmura Langley, com os olhos arregalados enquanto olha para a tela em branco. – Que maravilha.

– A Poppy andava à tua procura – digo eu.

– O quê? – resmunga Novy. – Eu... porquê?

Eu encaro-o com um olhar curioso.

– Não... não és só tu, Nov. Ela quer que todos vocês fiquem por perto. Eu deveria estar a reunir-vos. Mais algum de vocês está por aqui? – acrescento, olhando em volta.

– Acho que o Compton saiu – responde Langley, apontando para uma arcada.

Vou na direção apontada pelo Langley. Estava à espera de apanhar o Jake aqui. Entre a noite de *karaoké* e a viagem do dia do jogo, não temos tido um momento a sós. Os meus saltos fazem barulho no chão de madeira quando atravesso a sala de exposições de arte moderna e entro numa sala com mais obras neoclássicas.

O meu coração salta uma batida quando vejo o Jake. Ele segura uma bebida numa mão e a outra está enfiada no bolso do seu *smoking*. Está a olhar para um grande quadro com um ar muito sério. Está lindo... aquele cabelo escuro a cobrir-lhe a testa. Ele devia usar sempre um *smoking*. Nada de calças de treino cinzentas, nada de uniforme de hóquei. Só *smoking*, sempre.

– Olá, anjo – digo-lhe baixinho.

Ele olha rapidamente para mim e depois para o quadro, com a testa franzida.

– O que é que se passa?

– É este cavalo.

Passo ao lado dele e olho para o quadro. É grande, numa moldura dourada berrante. Retrata aquele que é, possivelmente, o homem mais feio que já vi a montar aquilo que tenho de assumir que é um cavalo. Mas o rosto parece possuído... e meio achatado.

– Sinto que me está a seguir – murmura ele, balançando-se um pouco. – Quando me mexo, os olhos mexem-se. Assusta-me.

Sorrio, aproximando-me da placa para ler.

– Aparentemente, o quadro chama-se «O Cavaleiro Feio e o Seu Cavalo Ainda Mais Feio». Bem, não é um título muito bonito – acrescento com uma gargalhada. – Pintado por Lord George Corbin em 1804.

– Bem, Corbin não prestava. – Jake toma um gole de sua bebida e eu viro-me para o encarar.

– Jake... vamos falar sobre isso?

– Sobre o quê?

Eu suspiro.

– O Cay contou-me sobre a vossa discussão no outro dia.

– Sim, bem, ele devia manter a boca fechada – murmura, agitando o gelo no seu copo.

Eu dou um passo à frente, colocando uma mão gentil no seu braço.

– Ei, este não és tu. O meu Jake não se esconde nas traseiras das galerias de arte nem faz beicinho durante a noite de *karaoke*. E o meu Jake olha para mim quando falo com ele – murmuro, apertando-lhe o braço. – Ele olha para mim num vestido como este e tenta convencer-me a tirá-lo.

O canto da boca dele estremece quando o seu olhar se dirige para mim.

– Não posso permitir que vocês dois discutam – digo. – Não por minha causa. A vossa amizade é demasiado importante para arriscar. E vocês os dois significam demasiado para eu me meter no meio...

– Nós estamos bem – declara ele, rapidamente. – Não foi por tua causa, a sério. Eu é que estava a ser um idiota. Estava a pressioná-lo. Tenho andado com a cabeça cheia porque disse umas merdas que não queria dizer. É que... eu passo-me com o Cay. E, às vezes, falo sem pensar...

– Eu sei – digo gentilmente, afagando o seu antebraço. – Ele perdoa-te.

Ele suspira.

– Foi por isso que ele decidiu exibir-se no *karaoke*?

– Ele está a tentar, Jake – respondo. – O coração dele tem sido só teu durante tanto tempo. Abrir espaço para mim não tem sido fácil. Mas ele quer – acrescento. – Todos nós o sentimos. Sabes que o que temos juntos é especial, não sabes? Não só entre nós os dois, mas entre nós os três.

– Sim – murmura ele, voltando a rodar a sua bebida. – Sim, é especial. – Ele olha novamente para mim e o seu olhar demora-se mais desta vez, percorrendo-me de cima a baixo. Há um brilho de apreciação a crescer ali.

Eu sorrio. Conheço-o tão bem.

– É disso que precisas? Precisas de um pouco de autoconfiança? Queres que te leve para as escadas e te faça um broche?

– Não me provoques – diz ele, bebendo um gole da sua bebida.

– Quem é que está a provocar? – pergunto. – Tu és meu, Jake. Meu para cuidar, meu para amar. Neste momento, estás chateado. E eu tenciono melhorar as coisas. Parece que já não te vejo há dias.

– Eu sei – suspira. – Como é que é possível ter saudades tuas quando estás mesmo à minha frente? Mas eu sinto. Sinto a tua falta, querida. Não consigo evitar. Sinto que ainda temos esta distância e odeio-a.

– Bem, então preenche-a.

– Preencho o quê?

– A distância.

Ele franze o sobrolho, gesticulando em redor.

– Estamos em público, Rachel. Nada de demonstrações públicas de afeto, lembras-te?

– Odeio quando me chamam isso – murmuro.

– Pelo teu nome?

– Não quero ser a Rachel aos vossos olhos. – Aproximo-me mais. – Quero ser a tua Rapariga de Seattle – digo, passando os meus dedos pela sua lapela. – A tua menina... tua.

Ele suspira, fechando os olhos.

– Mal me estou a aguentar aqui.

– Então liberta-te – sussurro. – Jake, solta-te. – Ele abre os olhos, derretido.

– Eu quero-te, Jake – digo num fôlego. – Preciso de ti. Encontra-me outra vez. Por favor, vem encontrar-me...

Ele silencia-me com um beijo, a sua mão livre puxa-me para mais perto. Abro-me para ele, a minha cabeça inclina-se para trás quando sinto o sabor do álcool na sua língua. Em poucos instantes, ele separa-se com um gemido.

– Foda-se, não posso fazer isto aqui – murmura, com os lábios a roçar a minha têmpora.

– Porquê? O que se passa?

– É que... sinto que o cavalo me está a observar – admite, olhando novamente para o quadro.

Com uma gargalhada, agarro-lhe a mão livre.

– Vamos.

– O que é que estás a fazer? – pergunta, seguindo-me.

Os meus saltos ecoam no chão enquanto o puxo para as escadas, deixando a porta fechar-se atrás de nós com um estrondo. Não há maneira de a trancar, por isso vamos ter de arriscar.

– O Cay disse que o teu jogo era tentar quebrar a minha proibição de demonstrações públicas de afeto – digo, tirando-lhe a bebida da mão e colocando-a nos degraus juntamente com a minha.

– Sim, ouve... desculpa, Seattle. Eu estava a ser um idiota competitivo. Isto é tudo novo para mim, e eu estava preocupado com o que disse ao Cay e com a tua ausência, e estava a ser um idiota...

Eu dou um passo à frente e coloco os meus dedos nos seus lábios, silenciando-o.

– Estou a quebrar a minha proibição – declaro. – Mas se não te possuir agora mesmo, acho que começo a gritar. Por isso, diz-me qual é o sistema de pontos, e eu certifico-me de que saís desta escadaria a ganhar. De acordo?

Ele sorri para mim.

– O que fizeste com o Cay na casa de banho do Rip's? Não penses que não reparei que desapareceram os dois durante quinze minutos.

Eu sorrio para ele, sem vergonha. Foi uma noite divertida.

– Ele comeu-me no lavatório – respondo, e o meu corpo começa a reagir quando o Jake me olha fixamente e as suas mãos começam a acariciar as minhas ancas. – E depois eu chupei-o.

As sobrancelhas dele baixam enquanto ele faz as contas.

– Então... acho que isso dá vinte pontos. Dez pontos por cada ação com a boca.

Eu olho para ele.

– Bem, tens exatamente três minutos para reclamar a pontuação máxima. O que vamos fazer, meu anjo?

Ele pressiona-me contra a parede junto à porta.

– Por cinquenta pontos, vou-te foder com força e depressa – respira ele, e os seus lábios roçam os meus. – Vais vir-te sobre a minha pila. E depois vais voltar para aquela festa aborrecida comigo a escorrer pelas tuas pernas.

Oh sim, este é o meu Jake. De volta ao jogo. *Finalmente*.

– Faz o teu pior – provoco. – Tapa-me a boca quando eu gritar.

Ele rosna e deixa cair as mãos para as calças.

– Tira as cuecas e mete-as no meu bolso. Sempre que eu olhar para ti esta noite, vais apertar essas coxas, percebeste?

Agarro a saia do meu vestido com as duas mãos e levanto-a.

– Que pena para ti, meu anjo. Não estou a usar roupa interior.

Ele fica imóvel, com uma mão na pila. Com um gemido, aproxima-se, segurando o meu rosto com a mão livre.

– Tu és o sonho dos meus sonhos.

– Eu sei – digo com um sorriso e com a minha mão a envolver a dele em cima da pila. – Agora entra dentro de mim.

– Querida.

Alguém está a empurrar-me. Será que é no meu sonho? Não... espera, estou a sonhar?

– Querida, acorda.

Viro-me com um gemido sonolento e abro os olhos, tentando orientar-me. Estou deitada nua na cama mais confortável do mundo. O Jake está aqui, com a mão a tocar-me no ombro. Afasta o cabelo da minha cara e beija-me a testa.

– Querida, olha. Ele está cá. Não queria que perdesse isto. – O tom da sua voz é tão alegre e ansioso. Ele abana-me para me acordar e levanta-se da cama.

Meu Deus, que horas são? Ontem à noite, depois da festa de beneficência, chegámos a casa e encontrámos o Caleb a dormir com o cão no sofá. Caímos todos na cama dele e adormecemos logo. Nem sei se tirei as lentes de contacto.

O quarto dele parece tão diferente à luz do dia. É banhado pela luz branca da praia. Observo, com os lábios apertados, um Jake todo nu a aproximar-se da parede de vidro com o telemóvel na mão. Há uma porta no vidro que dá para a varanda.

Jake olha para mim por cima do ombro, sorrindo como um miúdo, e depois aponta para o vidro. Ali, pousado no parapeito, está um pelicano

enorme. O bicho é tão feio que chega a ser engraçado, com penas castanhas e olhos redondos. O Jake levanta o telemóvel com o rabo nu a fazer-me olhinhos enquanto tira fotografias.

Ao vê-lo, sinto-me invadida por uma onda de emoção tal que me tira literalmente o fôlego. Engulo em seco, com lágrimas nos olhos.

– Ei – digo baixinho.

– Hum? – diz ele, de olhos postos no telemóvel.

– Amo-te.

– O quê? – exclama ele, virando-se. A combinação do seu movimento e da sua voz deve assustar o pelicano, porque ele voa. – Oh, merda... – Vira-se para trás para o ver voar. – Meu, ele nunca se tinha aproximado tanto.

Eu sorrio, com o coração a transbordar ao ver o meu doce anjo a fazer beicinho por causa do pelicano que se faz de difícil.

– Espera... que raio acabaste de dizer? – Ele atravessa o quarto, atirando o telemóvel para a ponta da cama.

– Tu ouviste-me – respondo, plenamente consciente de que os lençóis estão na minha cintura e os meus seios nus estão à mostra.

Ele arrasta-se para cima da cama.

– Preciso que o digas outra vez.

Eu tento esquivar-me, mas é inútil. Ele salta para cima de mim, prendendo-me debaixo dos lençóis.

– Diz – exclama, enterrando a cara no meu pescoço enquanto me inspira.

Passo as mãos pelas suas costas, dando-lhe uma palmada brincalhona nas duas nádegas. Ele agarra-se com a cara enterrada entre os meus seios.

– Vá lá, Seattle. Por favor, diz outra vez? Diz, ou eu subo ao parapeito e salto.

Enfio os dedos no seu cabelo e puxo-lhe a cabeça para trás até captar o seu olhar.

– Amo-te, Jake.

Ele levanta-se sobre os cotovelos com um sorriso que poderia dar energia a toda a cidade.

– Querida, estou tão apaixonado por ti. Juro por Deus, tu és tudo para mim. Amo-te mais do que *sushi*. Mais do que gosto de café.

– Mais do que gostas de hóquei? – provoco, recostando-me enquanto ele enche os meus seios de beijos. Sinto a barba da manhã por fazer áspera na pele, mas não me importo.

– Foda-se, queres aceitar a verdade de que eu não quero escolher? Eu quero as duas coisas. Quero uma sandes de hóquei e Rachel todos os dias para o resto da eternidade.

Eu rio-me.

– É justo. – Arqueio-me para trás com um suspiro de satisfação quando ele se agarra ao meu mamilo pontiagudo, chupando-o. Mal começa a provocar-me, para.

– Vá lá, querida. Hoje é dia da batota e estou esfomeado. O teu estômago também está a roncar. – Luto contra a vontade de fazer beicinho. Eu estava prestes a ter uma refeição muito fortificante. Um jogador profissional de hóquei de 1,90 m estava na ementa... espero que com um acompanhamento do responsável de equipamento. – O que é que tens em mente?

– Vamos procurar a maior e mais ridícula pilha de panquecas de banana e pedir uma torre inteira de *bacon* à parte. E café – acrescenta ele, saindo de cima de mim. – Muito café.

Eu rio-me, esticando-me como um gato preguiçoso.

– Faz panquecas de banana e eu alinho.

Ele levanta-se da cama.

– Espetacular. Arranja-te. Vou dizer ao Cay!

RACHEL

Noite de jogo. Os Jacksonville Rays jogam contra os Pittsburgh Penguins. O jogo começa dentro de vinte minutos e nada corre bem. Primeiro, o Walsh tropeçou num fio elétrico mal colocado quando ia para o treino e magoou o joelho. O raio da coisa ainda está a inchar. Pu-lo no balneário com um saco de gelo.

Entretanto, o J-Lo está com um problema de estômago. Tem estado a vomitar durante a última hora. E agora o Karlsson está preocupado por ter feito uma distensão no dedo. Já para não falar que estes tipos são todos um bando de miúdos que gosta de atacar o equipamento dos médicos. Toda a minha fita de cinesioterapia desapareceu.

– Ei, Avery – chamo, apanhando-o no corredor. – Tens fita de cinesioterapia?

Ele resmunga ao passar por mim.

– O meu dever não é andar atrás de ti a segurar o teu estojo de primeiros socorros, Price. Eu tenho o meu próprio trabalho para fazer.

– Não estou a pedir para me seguires, Avery. Só preciso de fita...

Ele dá meia-volta e aproxima-se de mim. Detesto que a minha reação natural seja recuar. Mas ele percebe isso e sorri.

– Ouve, Princesa. Não sei a quem é que chupaste a pila para ganhares a tua bolsa e francamente não me interessa. Mas não vou deixar que a tua incompetência constante afete a forma como dirijo o meu programa de fisioterapia. Faz o teu trabalho ou arranjo alguém que o faça.

Com isto, vai-se embora.

Estou tão chocada que nem consigo responder. O Avery acusou-me mesmo de fazer favores sexuais para ganhar a minha bolsa? Nas últimas semanas, dei a esse idiota todas as hipóteses de provar que não é um porco

sexista. Mas agora estou farta. Estou mesmo farta! Se ele voltar a dirigir-se a mim, eu vou à luta e vai ser em modo de ataque.

Apresso-me a chegar ao fundo do corredor. Estou furiosa e atiro-me ao saco médico de reserva. Sinto-me tão frustrada com o Avery. E estou a morrer de fome. E tenho de ir à casa de banho.

– Olá, Furacão.

Olho por cima do ombro e vejo o Caleb parado com uma caixa de lâminas nas mãos.

– Hoje estás com um ar muito perverso – diz ele, que claramente consegue ler o sinal de «desaparece» que tenho pendurado ao pescoço.

– Ou me ajudas ou desaparece, Cay – digo eu, remexendo no saco.

– Oh, perverso e picante. Como um *pretzel sexy* e malvado. O meu género preferido – diz em tom de provocação.

– Raios partam – grito, fechando o saco. – Onde diabo está a fita de cinesioterapia?

– Os rapazes andam a roubar-te coisas? – pergunta, soltando uma gargalhada.

Eu afasto o cabelo da cara.

– Não é nada que eu não possa resolver.

Digo isto mais a pensar no Avery do que na fita desaparecida. Os seus olhos escuros estreitam-se.

– Quando foi a última vez que bebeste alguma coisa? Ou comeste? Estás com um ar feroz...

– Estou bem – respondo.

Agora ele está a sorrir o que me dá vontade de lhe dar um murro.

– Estás com fome.

– Eu não estou com fome, Cay. Só estou ocupada. Estou a trabalhar. E todos vocês estão a tornar isso impossível hoje! – Respiro fundo, olhando em redor. – Tenho de ir à procura de uma fita – murmuro. Aparentemente, só vou conseguir fazer chichi quando morrer.

Passo por ele, mas ele estende a mão.

– Ui, ui. Calma aí, matadora. Onde é que vais?

– Vou procurar um paramédico e pedir-lhe para lhe assaltar a mala...

– Não. Vamos – diz ele, puxando-me pelo corredor.

– Caleb, larga-me – grito. – Eu sei fazer o raio do meu trabalho. És médico?

– Não. – Ele entrega a sua caixa de lâminas ao Jerry quando passamos por ele. – Mas fui jogador de hóquei durante muitos anos e agora sou gestor de equipamento de uma equipa da NHL. Sabes o que isso significa, Furacão?

– O quê? – pergunto com um suspiro, deixando-o guiar-me em direção ao balneário.

– Significa que sou o gestor do equipamento – diz ele com um piscar de olhos.

E puxa-me para dentro do balneário cheio. Está a tocar música *rock* e os

rapazes preparam-se para o jogo. A sala está apinhada, barulhenta e a fervilhar de entusiasmo. O Jake vê-nos imediatamente e lança-nos um sorriso.

– Novy, para com a música! – grita Caleb.

Novikov agarra no telemóvel e o volume da música *rock* diminui para metade.

– O que se passa, Sanny? – pergunta um dos rapazes.

– Uau, médica boazona no recinto! – grita outro, e depois a sala enche-se de gritos e berros.

Reviro os olhos. Está tão perto da hora do jogo que estão todos a usar camadas de camisolas interiores que absorvem a humidade, *boxers*, joelheiras, calções de hóquei, meias, protetores de peito, camisolas. A única coisa que consigo ver são os dedos, e mesmo alguns deles já estão enfiados em luvas.

– O que é que se passa, Doc? – pergunta Sully, o que faz com que metade dos rapazes se riam ainda mais.

Caleb agarra numa caixa de plástico e diz:

– Muito bem, prestem atenção! Devolvam à doutora a fita desportiva. Agora.

Os rapazes mexem-se, resmungando e gemendo pela sala.

– Façam-no ou ficam sem toalhas lavadas durante uma semana – grita ele. – As coisas estão prestes a ficar com muito mofo por aqui, amigos!

Em unísono, os rapazes começam a remexer nos sacos ou estendem as mãos para as prateleiras para irem buscar as suas fitas de cinesioterapia. Caleb faz um circuito pela sala, deixando a fita roubada chocalhar no caixote de plástico. Abano a cabeça, com os lábios franzidos de irritação, e até o Jake encolhe os ombros e atira um rolo de fita para lá. Parece que a única pessoa que não roubou a minha mala foi o Ilmari.

Caleb traz-me o caixote do lixo com um sorriso.

– E é assim que se faz. Tem alguma coisa a acrescentar, doutora?

Olho para ele que faz um movimento com os olhos por cima do ombro para o balneário cheio de gente.

Ah, claro! Estabelecer o domínio. Os rapazes do hóquei seguem uma liderança forte.

Pigarreio e tiro o caixote a Caleb.

– Muito bem, então ouçam! O próximo que roubar a minha mala médica vai receber um presente de cortesia com fita adesiva. Aqui o Teddy vai transformar o vosso dinheiro e os vossos prémios em múmias com qualquer fita que roubem – digo, apontando com o polegar para o estagiário de olhos arregalados. – As vossas miúdas podem divertir-se a ajudar-vos a arrancá-la depois do jogo!

Os rapazes ficam loucos, a rir e a gozar com o Teddy, cujas bochechas ficam imediatamente com um adorável tom de rosa-salmão.

Caleb sorri e põe um braço no meu ombro.

– Anda lá, Furacão. Deixa-me mostrar-te uma coisa. – Ele leva-me para fora do balneário e atravessa o corredor até ao gabinete do responsável pelo

equipamento. – Isto é um segredo, *okay*? Se contares a algum dos rapazes, vamos ter aqui um monte de pandas do lixo a roubar-nos.

– Nem mesmo ao Jake? – pergunto, franzindo o sobrolho.

– Especialmente a esse idiota. Nunca mais conseguia tirá-lo daqui. – Ele aponta para uma pequena caixa preta com a etiqueta «PATINAGEM ARTÍSTICA».

Lanço-lhe um olhar mordaz, mas ele limita-se a sorrir.

– Abre.

Abro a tampa e suspiro de prazer. Está cheia de *snacks*, e nenhum deles é aprovado pelos nutricionistas: barras de granola com chocolate, palitos de carne seca *teriyaki*, tabletes de chocolate, bolachas de aveia. Estou quase a chorar.

– Oh, meu Deus!

– Vai-te a eles – diz Caleb, dando-me um aperto no ombro. – Vemo-nos lá fora.

Faltam quatro minutos para o final do segundo período e já tive de lidar com um lábio a sangrar e dois choques horríveis que levaram os rapazes ao gelo. Estão ambos bem, mas vão sentir-se mal amanhã.

Não consigo desviar o olhar do Jake enquanto ele patina para cima e para baixo no gelo.

É uma máquina a tirar o disco da zona defensiva dos Rays e a fazê-lo avançar no gelo. Tem estado várias vezes na linha com o Novy e parecem trabalhar bem em conjunto. Sempre que termina o seu turno, corre para o banco, saltando por cima das tabelas para descansar e reidratar-se.

Neste momento, até posso ser invisível para ele, mas não me importo. Gosto de o ver no seu elemento. Tem uma tal intensidade magnética. É tão bonito por dentro e por fora...

– Não, não... cubram-no! – grita Jake, pondo-se de pé.

Oh, merda! Os Pinguins têm o disco em frente à rede. Ilmari baixa-se, com as almofadas encostadas ao gelo. Desliza para a esquerda e para a direita enquanto os jogadores lutam à sua frente.

– Tirem-no daí!

– Tirem o disco!

Toda a bancada grita enquanto os Rays lutam para controlar o disco. É uma loucura. O gelo salpica na cara de Ilmari.

Remate à baliza.

Bate na joelheira de Ilmari e faz ricochete, mas os Pinguins recuperam.

– Vamos lá!

Com o coração na boca, observo Ilmari e a defesa a lutarem. Os Pinguins estão ferozes. Eles querem este golo e estão prontos a sangrar por ele.

– Tirem-no da frente da baliza!

O banco está a enlouquecer e o público também. Toda o rinque está de pé, a gritar para que os Pinguins marquem golo. Jake e Novy já têm uma perna por cima das tabelas, prontos para entrar novamente no jogo, mas têm de esperar que esta luta termine. Morrow e Hanner estão por sua conta. É um pandemónio.

Durante todo este tempo, só vejo o Ilmari. Ele está em plena borboleta, a guardar a sua rede com tudo o que tem. Jogar significa tudo para ele. Mas qual será o custo final?

Engulo em seco e o coração dispara quando ele consegue um alívio. Os Rays afastaram o disco da baliza. Não há golo. Os adeptos dos Pinguins gritam a sua indignação com vaías enquanto o disco desce o gelo.

Morrow e Hanner correm para o banco e Jake e Novy saem a voar para se juntarem à luta. Morrow põe imediatamente a cabeça entre os joelhos e vomita. É só água. Ele vai recuperar e exigir voltar para o gelo quando o turno de Jake terminar.

Respiro fundo, voltando a concentrar-me em Ilmari. Ele levanta-se sobre os patins e uma sensação de reconhecimento sacode-me. Ele não está bem.

– Tirem-no do gelo – sussurro, sabendo que ninguém me consegue ouvir.

A multidão está ao rubro. Eles querem um golo antes do intervalo.

O meu olhar dirige-se para o ecrã gigante. Falta menos de um minuto. Mas os Pinguins têm o disco e estão a correr pelo gelo. Ilmari assume a sua posição.

Os Rays recuperam dando luta na entrada da área de defesa e conseguem limpar o disco. Ilmari atira-se para a esquerda, seguindo o avançado, mas depois o extremo atira o disco por entre as pernas de Jake para o tipo que está à espera do outro lado.

Remate à baliza.

Apito.

Ilmari está demasiado chegado à esquerda. O disco vai parar ao canto da baliza que não está protegido e a luz acende-se, a sirene toca e toda a arena irrompe em ruidosos aplausos.

O período termina e os Rays estão oficialmente a perder por 0-1. Os jogadores saem todos do banco para o intervalo com o espírito abalado. Eu espero, observando enquanto o n.º 31 agarra na sua garrafa de água e caminha pelo gelo, avançando apenas com o patim esquerdo.

Ele levanta a máscara quando se aproxima e eu vislumbro a raiva latente no seu rosto. Consigo próprio. Com a sua defesa. Os guarda-redes podem ficar muito concentrados nas suas próprias cabeças, levando cada golo muito a peito.

Tomlin abre a porta para ele passar.

– Tudo bem, está tudo bem – declara, dando-lhe uma palmadinha no ombro almofadado. – Estavas a trabalhar os ressaltos. Só temos de fazer com que a defesa limpe melhor o disco e ainda há o terceiro período...

Tomlin continua a divagar, mas Ilmari não está a ouvir. Está demasiado concentrado na sua mente. O ecrã gigante podia cair e ele não vacilaria. Tomlin passa-lhe à frente, liderando o caminho de regresso ao balneário.

– Ei! – chamo, correndo para ao pé de Ilmari. Ponho-lhe a mão no braço.

Ele vira-se e quase me bate na cara com a ponta do *stick*. Está a transpirar e as suas pupilas estão negras.

– Oh... – sussurro. É pior do que eu pensava. – Ilmari...

– Eu estou bem – murmura ele, afastando-se e esgueirando-se.

– Não te afastes de mim! – grito, correndo atrás dele. – Mars!

Ele esquiva-se ao virar da esquina para o túnel, sob a multidão de fãs dos Pinguins e dos poucos fãs obstinados dos Rays. Chamam-no pelo nome, mas ele ignora-os a todos.

Eu corro atrás dele, agarrando-me novamente ao seu braço assim que estamos a coberto da escuridão. Os sons do estádio ecoam atrás de nós, mas estamos sozinhos neste corredor estreito, suspensos no escuro entre o ringue e o balneário. Há equipamento espalhado por todo o lado. Fila após fila de *sticks* coloridos e garrafas de água.

– Ei, espera. Fala comigo!

Ele parece enorme no seu equipamento completo. Os patins acrescentam-lhe centímetros de que não precisa, por isso, ele eleva-se sobre mim. Os ombros largos, os calções almofadados de hóquei, os enormes bloqueadores de pernas. A única parte dele que consigo ver dentro da sua armadura espessa é a cara, e mesmo essa está agora mergulhada numa sombra profunda.

Aproximo-me mais, com uma mão no seu bloqueador.

– Qual é o teu nível de dor?

– Seis – murmura ele.

– E que tal não te fazeres de valente para poderes ficar no gelo? Então o que é que se passa?

Ele sacode o bloqueador, mas não se afasta.

– Oito.

– Oh, Mars... deixa-me ajudar-te – suplico.

– Tu estás a ajudar-me.

– Não, deixa-me ajudar-te a sério. Deixa-me fazer-te exames...

– Não.

– Não podemos continuar a fazer isto! Preciso de saber o que se passa. E eu tenho uma ideia...

– Eu disse que não – rosna ele.

Respiro fundo. Ele está em modo de confronto. Bem, eu também sou uma lutadora. Ponho as mãos nas ancas e levanto o queixo.

– Pois eu estou a dizer que sim. – Ele zomba, virando-se para trás. – Afasta-te de mim, Kinnunen, e vê o que acontece.

Ele avança, cercando-me.

– Está a ameaçar-me, Dra. Price?

– Podes ter a certeza de que estou – respondo-lhe com um grunhido. – Acho que não entendes a posição em que estás, Mars. Andas por aí como se fosses tu quem manda. Mas quem manda sou eu – digo, apontando o polegar para o meu peito. – Esqueceste-te de que eu assino os teus formulários de autorização médica? A FIHA quer os teus registos, Mars. Sou eu que os envio por fax. O que eu escrevo nesses formulários depende de ti. Por isso, ou tens uma rotura labral que requer uma cirurgia de emergência e que te vai obrigar a ficar no banco o resto da época ou tens uma ligeira distensão na virilha e vais ficar de fora duas semanas como simples precaução?

– Não me podem pôr no banco. Tenho de jogar...

– Não, seu idiota. Tens de viver – grito, apertando-lhe a camisola com as duas mãos. – Podes parecer um Thor do hóquei, mas não és um deus, Ilmari. És de carne e osso e estás a magoar-te no gelo. E eu não vou permitir isso.

– O que é que isso quer dizer? – grunhe.

Eu mantenho o olhar dele, deixando o golpe cair.

– Significa que acabou. Vais para o banco, Mars...

– Não!

– Para o resto do jogo e para o jogo de terça-feira, no mínimo – acrescento.

– *Saatana* – pragueja ele, dando um murro na parede de betão. Duvido que o tenha sentido através do protetor. – Confiei em ti. Vim pedir-te ajuda.

– E estou a ajudar – contraponho, sem lhe ceder um único milímetro.

– Disseste que me manerias no gelo...

– Eu disse que ia tentar – corrijo. – Não podes pensar primeiro no jogo. Todas as pessoas no rink, neste momento, estão a pensar no raio do jogo. Eu estou a pensar em ti...

Mal as palavras saem da minha boca, ele coloca o seu braço maciço e almofadado à volta dos meus ombros, puxando-me contra si. Agacha-se de uma só vez, aproximando-se e depois beija-me. O restolho da sua barba faz-me cócegas na boca. Ele sabe a sal e a suor e a algo docemente temperado, mel e mentol.

Oh, porra... estou a corresponder ao beijo.

Sim, os meus lábios estão definitivamente a mover-se. Estou a saboreá-lo. Os meus dedos estão a agarrar-se à camisola dele. Num minuto estávamos parados no escuro, a gritar um com o outro, e agora estamos a beijar-nos. Eu suspiro, batendo no seu fato almofadado enquanto inclino a cabeça para trás, quebrando o nosso beijo. Ele solta-me e eu recuo um passo.

– Mas que raio foi isto?

Ele também está ofegante, de olhos fixos em mim.

Sinto-me como a raposa estúpida que entrou na toca de um urso adormecido.

Não provoques o urso, Rachel. Não toques no íman sexual e

desesperadamente atraente de um homem-urso.

– Desculpa – murmura ele.

Eu solto um suspiro trémulo e passo os dedos sobre os meus lábios.

– Se fizeres isso outra vez, a minha opinião médica oficial inclina-se para a amputação... e para a castração – acrescento com um olhar fixo.

Ele fecha a boca, com o maxilar bem cerrado e acena-me bruscamente com a cabeça.

– Vamos fazer isto à minha maneira, Mars. Nada de jogos. Nada de treinos. Vamos fazer exames e obter respostas. E prometo que farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ter de volta ao gelo a tempo dos jogos olímpicos. – Ele abana a cabeça. – Ei, eu fiz uma promessa e vou cumpri-la – declaro. – Eu vou proteger-te, Ilmari. Mesmo que isso signifique que tenha de te proteger de ti próprio. Odeia-me se quiseres, mas estou a pôr-te em primeiro lugar. Acabou-se este jogo.

Sem lhe dar hipótese de me contradizer ou de me encostar à parede e beijar-me deixando-me sem fôlego outra vez, passo por ele e dirijo-me diretamente para o balneário. Os treinadores também não vão gostar, mas eu já tomei a minha decisão.

JAKE

Perdemos. 1-4. Não me devia surpreender. O Mars foi substituído ao intervalo, deixando-nos com o Davidson na baliza. Ele não é mau, mas não é nenhum Kinnunen. O J-Lo voltou para os balneários a vomitar as tripas durante todo o jogo. E o Karlsson ficou de fora com uma entorse num dedo. A sério! Uma maldita entorse no dedo. Na liga júnior, joguei um torneio inteiro com dois dedos partidos e não me queixei.

Já para não falar que o Novy apanhou uma falta por agressão no início do terceiro período que o pôs na *boxe* durante cinco minutos e, nesse tempo, os Pinguins marcaram-nos dois golos.

Eu não devia dar tanta importância a isto. Já perdi muitos jogos. E os Rays vão perder outra vez. Só que odeio perder. Estranhamente, acho que faz a equipa parecer-me mais real. Faz com que aquilo por que estamos a lutar também pareça mais real.

Temos de começar a jogar melhor como equipa. Estamos a pôr demasiado peso nos ombros dos guarda-redes. O Mars é um dos melhores da Liga, e nós não o deixámos jogar bem. Ele está no banco neste momento porque não conseguimos impedir que o disco lhe chegasse à baliza. Não o conseguimos proteger.

Eu culpo-me a mim próprio. Sou defesa e não o consegui evitar. E, se calhar, tenho algum peso na consciência por outros jogadores se terem magoado sob o meu comando. Tento não pensar nisso. Não podemos deixar que as derrotas nos afetem. Jogamos tantos jogos que temos de ser capazes de ultrapassar isso e seguir em frente. Se carregas esse peso, podes arruinar o próximo jogo.

Gemo, tirando o saco de gelo do joelho quando o temporizador do telemóvel dispara. São vinte minutos. Hora de trocar de joelhos. Porra, estou

mesmo a ficar velho. Em breve estarei a percorrer o corredor dos suplementos de fibra à procura de promoções e a pedir ao Cay para me comprar cola para dentaduras.

Sento-me e passo o saco de gelo para o outro joelho, quando ouço uma batida suave na porta. Toco no ecrã do meu telemóvel. Não há mensagens por ler. Normalmente, os rapazes mandam mensagens antes de irem para o quarto. Todos nós aprendemos demasiadas lições difíceis sobre a perseguição de coelhinhas do disco.

E eu não pedi serviço de quarto... *Toc. Toc. Toc.*

– Jake, abre a porta – diz a voz do Caleb.

Atiro o saco de gelo para o lado e balanço as pernas para fora da cama, correndo descalço para a porta. Liberto a corrente e a fechadura e abro-a. No corredor estão o Caleb e a Rachel. Ele está a usar um fato de treino cinzento, com o fecho apenas a meio, vendo-se o peito nu por baixo. O cabelo ainda está molhado na nuca. Deve ter acabado de regressar do estádio.

O meu olhar dirige-se para a Rachel. Ela tem uma caixa cor-de-rosa nas mãos e um saco ao ombro. Usa umas calças de ioga pretas e uma camisola cinzenta a condizer com a de Caleb. O cabelo está preso num carrapito desalinhado e voltou a colocar o *piercing* do nariz.

– Deixa-nos entrar. Trazemos contrabando – diz ela com um largo sorriso.

Dou um passo atrás num instante, mantendo a porta aberta. Fecho-a atrás deles e eles sentem-se em casa. Caleb abre o fecho do capuz e atira-o para cima da minha mala. Depois tira as sandálias e atira-se para a cama com um gemido.

– Disseste que tinhas contrabando? – pergunto, aproximando-me da Rachel e envolvendo-a nos meus braços. Meu Deus, é como se só o facto de os ver novamente fizesse com que a minha serotonina entrasse em ação. Já me sinto mais relaxado. Mais feliz. Enfio o meu rosto no cabelo dela, respirando-a.

Ela ri-se calmamente, inclinando o pescoço para me deixar beijar o seu ponto de pulsação. Passo os meus dedos sobre ele e depois os meus lábios. Ela sabe que gosto de a beijar aqui.

Gosto da mistura do cheiro do seu champô e do perfume e de como me faz tremer a pila. Não a tenho há dois dias por causa do nosso jogo e do nosso horário de viagem. Não desde a noite da gala. O meu cansaço está a desaparecer rapidamente, substituído pelo interesse.

Ela abre a mala.

– Primeiro as coisas mais importantes. E isto foi tudo ideia do Cay – acrescenta. – Ele disse que é o teu favorito.

Ela tira o néctar dos deuses: uma garrafa gelada de leite com chocolate.

Eu suspiro, arrancando-lha da mão. Tecnicamente, não tenho outro dia de batota até domingo, mas vou literalmente matar a pessoa que tentar tirar-me isto. Arranco a tampa em segundos e dou um longo gole. Caramba, é tão

delicioso que até me dá vontade de chorar.

– E estes foram ideia minha – continua ela, pegando na caixa cor-de-rosa e abrindo a tampa.

Lá dentro está um sortido de seis conjuntos de bolachas diferentes recheadas com glacé. Uma tem pepitas de chocolate. Eu sorrio. As pepitas de chocolate são como heroína para o Caleb. Se eu tocar nessa, ele arranca-me a mão à dentada. Outra está polvilhada com granulado de arco-íris.

– Oh, foda-se! – murmuro, tirando a de granulado arco-íris.

– Cay, disseste que querias a de pepitas de chocolate, certo? – diz ela.

– Sim – respondemos em uníssono.

Reviro os olhos quando Caleb se senta para reclamar a sua bolacha de chocolate com recheio duplo.

– E que tal dares-me um gole? – pede ele, acenando com a cabeça para o meu leite com chocolate.

– E que tal se fosses morrer? – respondo, esvaziando-a em mais dois goles. Esmago a garrafa e atiro-a para o caixote do lixo.

A Rachel tira uma bolacha para ela.

– Como estão os joelhos esta noite? Puseste-lhes gelo?

– Estão duros – respondo, com a boca cheia de bolacha macia e cobertura de creme de manteiga suficiente para um bolo inteiro. – Não penses que não sei o que estás a fazer – acrescento, tirando um pedaço de granulado do queixo.

Ela levanta uma sobrancelha escura para mim, atrevendo-se a parecer toda inocente.

– Ah, sim? E o que é, meu anjo?

– Eu reconheço comida de conforto quando a vejo, malta. – Enfio o resto da bolacha na boca. – Eu até ficava irritado com isso, mas estas bolachas são orgásticas – acrescento, lambendo os dedos para limpar a cobertura.

A Rachel observa-me, com a sua própria bolacha ignorada na mão.

– O quê?

– Nada – responde ela, colocando a bolacha novamente na caixa. – Só tinha outra coisa para ti. Mas como estás com os joelhos doridos e acabaste de ter um orgasmo por causa de uma bolacha, duvido que estejas muito interessado.

Eu animo-me.

– O quê? Não, eu estou interessado. Que mais me trouxeste?

Na cama, Caleb ri-se.

– Eu não sei se ele consegue lidar com isso, Furacão.

O meu olhar desliza entre ambos.

– O que é que se passa? Conta-me. Não é justo que ele saiba e eu não.

– Está bem. – Rachel encolhe os ombros. – Fica a saber que foste tu que pediste isto. – Ela pega na mala à tiracolo e tira algo. Virando-se lentamente, mostra-mo.

Fica quieto, maldito coração pervertido.

A minha miúda está no meu quarto de hotel a segurar um enorme vibrador roxo com a forma de tentáculo de lula.

JAKE

Fico de boca fica aberta quando olho para o enorme brinquedo nas mãos da Rachel. Deve ter uns 30 cm de comprimento. É afunilado numa extremidade, ficando maior na base. Estamos a falar da largura de uma lata de Pringles. Merda, se ela se sentasse naquela coisa, fazia-lhe cócegas nas amígdalas.

– Estás a falar a sério? – pergunto, com o meu olhar a cruzar-se com o dela e do Caleb. Ela continua a sorrir.

– Estás demasiado cansado para brincar, meu anjo? Podes sempre assistir.

Avanço, agarro-lhe a cara e beijo-a perdidamente. Precisava da minha miúda como preciso de ar. As viagens e os horários estranhos são a pior parte da vida no hóquei. Só quero estar na minha cama todas as noites, com a sua racha quente a fazer de casa para a minha pila.

Ela move-se entre nós, deixando cair o pénis de lula sobre a secretária e as suas mãos voltam a agarrar-me a camisa. Tira-a por cima da minha cabeça e leva as mãos ao meu peito, acariciando-me os músculos.

– Cay, vem cá – chamo.

Ela sorri para mim, o seu olhar sombrio é quente e sensual. Adoro o beicinho que ela faz com os lábios. Passo o polegar por cima dele enquanto Cay desliza para fora da cama e se aproxima por trás dela.

– Qual é o plano de jogo aqui, menina? – pergunto-lhe, afastando as madeixas soltas do rosto. Ela vira-se para a minha mão e beija-me a palma.

– Tenho algumas ideias.

– Queres partilhar com a equipa?

Ela agarra nas mãos de Caleb por trás de si, aproximando-o e colocando as mãos dele à sua volta, ajudando os seus dedos a encontrar o fecho do seu capuz. As mãos dela voltam para o meu peito enquanto ele abre o fecho.

Olho para baixo e vejo que o seu sutiã desportivo também tem um fecho à frente.

– Mais um, Cay.

As mãos dele voltam a subir, encontram o fecho e abrem-no. Os dois pedaços do fecho e o tecido elástico cede e os seios nus de Rachel caem com o seu peso natural.

– Foda-se, são tão perfeitos – murmuro, acariciando um deles. Adoro o seu tamanho, a sua plenitude, o rosa-escuro dos seus mamilos sensíveis.

Ela arqueia-se contra a minha mão, sorrindo e inclinando a cabeça para trás enquanto Caleb a livra de ambas as peças de roupa e deixa à mostra a sua pele tatuada em *topless*.

– O que é que queres? – pergunto novamente.

O seu olhar é lascivo.

– Quero-te a ti – responde ela. – Jake, tenho de te ter. – As suas mãos percorrem o meu peito, as pontas dos dedos roçam os meus abdominais e pousam no cóis dos meus calções.

A minha pila já está tão dura. Eu fico um farrapo com esta rapariga. Com o Cay também. Eu quero-o aqui. A ideia de compartilhá-la, de ter dois paus para deixá-la louca, faz algo comigo. É uma loucura, porque, para além de a partilhar com o Cay, sinto-me feroz com a ideia de outro homem olhar duas vezes para ela. Mas o Caleb a vir-se na boca dela enquanto eu lhe fodo a racha? Aparentemente, isso deixa-me sempre mais duro que aço.

Ela baixa os meus calções até às ancas, libertando-me a pila. A sua mão macia está pronta para a envolver, acariciando-me e fazendo-me gemer. Vejo o Caleb aproximar-se dela, afastando-lhe o cabelo para lhe beijar o pescoço no mesmo sítio de que gosto.

– Ajoelha-te, Furacão – murmura ele ao ouvido dela. – Mostra-lhe o quanto gostas da sua pila de menino bonito – acrescenta ele com uma piscadela de olho para mim.

Oh, merda, como é que eu quase sempre me esqueço do que ele tem dentro das calças? Ainda não acredito que ele fez aquilo. Vantagens de não ser um jogador profissional que tem de enfiar a pila nuns *boxers* de hóquei seis dias por semana. É uma vantagem? Ainda estou indeciso. E a Rachel é muito cautelosa quanto a isso.

Ela sorri para mim, como se estivesse à espera do meu consentimento.

Sinto o meu coração na garganta. É tudo mais sensorial com o Caleb a assistir. Aceno com a cabeça e ela afunda-se contra mim com um pequeno som de satisfação. Ela leva o seu tempo, beijando-me o peito, com o meu pau ainda na mão. Depois ajoelha-se entre nós e olha para cima, para mim. Porra, e ela acusa-me de ter olhos famintos.

Inclina-se, deixando o seu hálito quente espalhar-se sobre a minha ponta. Estremeço na sua mão. Depois dá-lhe uma lambidela provocante. Lentamente, ela separa aqueles lábios curvos e pega apenas na ponta, rodando-a com a sua língua quente até eu gemer.

– Cay – murmura ela, olhando para ele por cima do ombro.

Eles percorreram um longo caminho nas últimas semanas. Como se soubesse o que ela quer, ele aproxima-se, enfiando-lhe as mãos no cabelo. Ela relaxa no seu aperto e abre a boca, deixando que o seu toque a guie até à minha pila.

Oh, foda-se!

As minhas mãos caem-lhe para os ombros, mas Cay mantém as suas na cabeça dela.

– É isso – ordena ele, movendo a boca dela ainda mais para o meu pau.

– Relaxa a tua garganta e leva-o todo para dentro. Sente-o bem fundo. És uma rapariga tão bonita. Chupa-o com mais força.

– Foda-se, não podes dizer isso ou eu não duro muito – ofego, já a sentir aquela sensação em espiral a apertar.

A Rachel chupa-me, a sua língua talentosa trabalha a minha ponta enquanto Caleb a conduz.

– Querida, eu vou... merda... – sibilo, empurrando os seus ombros até que ela saia de cima de mim. A minha respiração está irregular depois de um broche de dois minutos? Sim, estou oficialmente uma desgraça. Puxo-a para cima e tiro-lhe as *leggings* para baixo, ajudando-a a despir-se. – Está na altura de nos mostrares o teu brinquedo, menina. Deita-te na cama e abre as pernas para nós.

Ela levanta-se na ponta dos pés e beija-me, com a língua a tocar-me no lábio inferior, antes de se virar, com a mão a acariciar o peito de Caleb enquanto o beija também.

– Vais juntar-te à festa, diabo? – pergunta-lhe ela. Depois escorrega entre nós e dirige-se à cama.

Observo, com o coração na boca, enquanto ela se arrasta para a cama, mostrando-nos aquele rabo redondo.

– O saco mágico dela tem algum lubrificante?

Cay pega no brinquedo e entrega-mo enquanto enfia a mão no saco.

– Estou à espera – diz ela.

Os nossos olhares voltam-se para ela. A Rachel está apoiada nos cotovelos, com os joelhos dobrados. Com os nossos olhares postos nela, ela mantém aquele sorriso suave e abre as pernas, expondo a sua vagina reluzente.

– Oh, que se lixe – rosno, atirando o brinquedo para o Caleb. Atravesso o quarto e mergulho na cama, enterrando a minha cara na vagina dela.

Ela grita, as suas pernas fecham-se à volta da minha cabeça até que ela relaxa, deixando-se abrir. Depois devoro-a de imediato. Aparentemente, nem todos os homens gostam do sabor da vagina. Muita conversa de balneário faz parecer uma tarefa árdua. Foda-se, eu viveria de joelhos por uma boa vagina. E a da Rachel sabe tão bem. Doce e feminina. Quero rebolar com ela. Quero-a a cavalgar na minha cara. Quero afogar-me.

Mas depois o colchão afunda-se e o Caleb arrasta-se para cima da cama

ao meu lado, atirando o dildo e um frasco de lubrificante para cima do edredão. Tenho dois dedos dentro dela, estico-a e sinto a sua parede interior à procura daquele ponto que faz com que os seus dedos dos pés se enrolem. Ela está a arquear-se ao meu toque de olhos abertos a absorver-nos.

– Prova-a, Cay – digo, recuando. – Prova a nossa rapariga.

Com um gemido faminto, ele baixa-se até ao cotovelo, ficando ao meu lado enquanto fecha a boca à volta da vagina dela.

– Oh... – Ela arqueia-se contra ele.

Com a mão esquerda, levanta dois dedos e abre-a, expondo-lhe o clítoris. Ela treme sob o seu toque, com um braço a cobrir-lhe os olhos.

– Cospe-lhe no clitóris – ordena ele. – Deixa-a molhada. – Ela geme com as suas palavras.

Inclino-me para a frente, apoiado nos cotovelos e cuspo, deixando-o escorrer para o seu clítoris brilhante. Com um grunhido de satisfação, Caleb esfrega-o. Observo-o a receber a minha saliva e a levá-la ao limite. É sedutor. Enquanto os seus dedos continuam a massajar o clítoris, inclino-me para a frente e cuspo novamente, vendo a saliva escorrer entre os seus dedos e pingar na sua vagina. Nem sequer tenho de lhe tocar. Vou perder a cabeça só de ver.

– Foda-se! – murmura ele, baixando a boca para a saborear, chupando-lhe o clitóris lambuzado com o meu cuspo, até ela estar praticamente a desfazer-se contra a sua boca. Depois ele sai. – Jake, faz com que ela se venha enquanto eu lubrifico o brinquedo.

Ele não precisa de me dizer duas vezes. Eu viro-a, enterrando a minha cara de novo naquela vagina doce, enfiando a minha língua dentro dela.

– Oh, Jake...

A mão dela agarra-me o cabelo enquanto mexe na minha cabeça, as ancas a baterem no meu queixo. E sem mais nem menos, estou a um centímetro de rebentar outra vez. Deus, este é o melhor tipo de tortura. Desloco o meu peso e enfio três dedos dentro dela, enrolando-os ao longo da sua parede interior. Levo a minha boca até ao clítoris e chupo com força. Estou a fazer barulhos obscenos, mas não me importo, porque em instantes a minha menina está a desfazer-se, a sua vagina a estrangular os meus dedos enquanto ela tem um orgasmo.

Não há nada melhor do que esta sensação. Este momento exato, aqui mesmo, sentindo-a cair livremente contra a minha boca. O orgasmo feminino é uma coisa linda. Gosto de o merecer. É o desportista que há em mim. Quero aprender as regras da Rachel e jogar para ganhar.

Um ponto para Jake Compton.

Ela está sem fôlego, com uma mão no coração enquanto recupera.

– Estamos apenas a começar, Furacão – provoca Caleb. – Eu queria fazer isto desde o dia em que nos conhecemos – diz ele, segurando o enorme dildo de lula. Ele mexe em algo no fundo e de repente o brinquedo acorda, zumbe e agita-se na sua mão.

A minha pila contorce-se de interesse e ambos partilhámos um sorriso

malicioso.

Oh, isto vai ser tão divertido.

CALEB

O vibrador tentacular vibra na minha mão. A parte de cima mexe-se num movimento giratório. Baixo o meu olhar para a Rachel.

– Tens alguma posição preferida?

Ela parece uma rainha devassa de emoções, deitada na cama de barriga para cima, o brilho do seu primeiro orgasmo ainda a cintilar nos olhos. Solta um sopro de ar para afastar os fios de cabelo escuro da testa.

– Número três – admite, lançando-me um sorriso conhecedor.

– No aeroporto, ela disse-me que nunca o tinha usado – explico ao Jake.
– Mas mais tarde, nessa noite, enquanto trepava à minha varanda como um lémure, disse-me que tinha mentido. – Olho de relance para ela. – Então, o que é que vai acontecer quando eu carregar no botão mais duas vezes? Que som é que ele faz?

Ela franze os lábios, mantendo o meu olhar fixo. Sei que estou a ser um idiota, mas não quero saber. Quero que ela me diga tudo o que gosta neste brinquedo.

– É um zumbido alto – responde ela. – E a ponta não gira, vai para a frente e para trás.

– Aí está ela – murmuro com um sorriso. Carrego no botão mais duas vezes e, tal como ela tinha descrito, o tentáculo está agora a zumbir bem alto e a ponta passou de um movimento de balanço para um ziguezague.

– Oh, merda – murmura o Jake, com os olhos postos no brinquedo.

– Queres fazer as honras? – pergunto, entregando-lho.

Ele ajoelha-se e tira-me o brinquedo.

– Estás pronta, querida?

Ela solta um suspiro curto e acena com a cabeça.

O Jake segura o tentáculo pela base e aproxima-o dela, deixando-o

zumbir e vibrar contra os lábios e o clítoris. Ela estremece, reprimindo um gemido de antecipação. Vê-los juntos deixa-me tão duro. O Jake encosta a ponta à entrada dela e desliza-a para dentro.

– Respira e relaxa, querida. – Ele mantém o brinquedo quieto, deixando-a habituar-se a ele, antes de o introduzir mais fundo. Quatro centímetros estão dentro da vagina e falta muito mais para entrar.

– Começa a meter devagarinho – aviso-o. – Vai com calma, Furacão. Se fores uma boa menina e aceitares o brinquedo, podes ter os nossos dois paus ao mesmo tempo.

– Oh, meu Deus! – geme ela.

– Queres isso? Queres sentir-me a mim e ao Jake a foder esta doce ratinha ao mesmo tempo? Queres que nos enterremos em ti juntos?

– Sim – murmura ela num sibilo, com as costas arqueadas.

– Vais estrangular-nos tão bem, Furacão. Foste mesmo feita para levar connosco. És nossa.

– Vossa – suspira ela, gemendo com a sensação à medida que Jake pressiona o brinquedo mais fundo.

– Vais sentar-te na minha pila, Furacão. Até ao fim. Depois deixamos que seja o Jake a abrir-te. Ele vai forçar a entrada, a sua pila vai-nos foder aos dois ao mesmo tempo.

– Foda-se, Cay – murmura Jake em êxtase total.

– Oh... sim... – suspira ela, lançando os dois braços para cima da cabeça, exibindo os seus seios cheios, com os mamilos levantados.

Não consigo evitar. Tenho de provar. Rastejo ao lado dela, erguendo-me sobre o cotovelo enquanto fecho a boca à volta do mamilo, chupando e mordendo e sinto-a a mexer-se com o brinquedo que Jake está a enfiar mais fundo.

– Oh! – grita ela e a sua voz é um som rouco que me faz sentir selvagem. Ela enfia-me uma mão no cabelo, segurando-me junto ao seu peito enquanto mexe as ancas com o brinquedo, perseguindo o seu próprio prazer.

Todos os meus sentidos disparam. Ela faz-me sentir vivo. Foda-se, ela faz-me sentir amado. Deixo cair a mão entre as suas pernas, trabalhando o seu clítoris enquanto Jake move o brinquedo, torcendo-o dentro dela até ela estar praticamente a levantar.

– Oh... oh... Deus...

– Vem-te para nós, querida. Foda-se, rebenta – ordena ele, torcendo o brinquedo. – Estás a aceitar este brinquedo tão bem. Monta-o como montas as nossas pilas.

Ela grita a sua libertação e o seu corpo treme com o segundo orgasmo. É muito mais forte do que o primeiro. Ela curva-se sobre o brinquedo, faz pressão sobre ele enquanto Jake o segura com firmeza.

– Sim... sim – suspira por entre os dentes cerrados, o orgasmo ainda a rasgar. – Ah... – Ela cai para trás, contorcendo-se para sair do brinquedo.

Jake puxa-o e atira-o para mim, a sua boca desce para a sua libertação.

Ele é carinhoso no seu toque, as suas mãos apoiam-se ternamente contra as coxas dela. Ela relaxa completamente e o seu corpo fica mole na cama.

Ele vira-se e deita-se ao lado dela. Agarra-lhe o rosto e beija-a. Ela suspira, a sua mão agita-se quando o alcança. São como obras de arte. E são meus.

Desligo o brinquedo e atiro-o para o lado, apanhando o lubrificante. Temos de ser rápidos enquanto o corpo dela está relaxado.

– Ajuda-me, Jake. Passa-a para o outro lado. – Deito-me na cama ao lado dela e pego em todas as almofadas, fazendo uma espécie de encosto para mim. – Vamos lá, Furacão. Grande final.

Ela rebola-se, totalmente extasiada com os seus orgasmos. Está tão louca que nem se apercebe do meu comando. Levanta-se sobre os cotovelos e leva o meu pau à boca. Foda-se, ela é tão boa. Nunca tive uma parceira sexual tão ansiosa. Estou a morder a língua para não entrar num jogo de degradação. As coisas que lhe quero dizer, a forma como a quero ver a contorcer-se. Sei que ela vai gostar, mas não é essa a nossa onda esta noite.

Deixo-a provocar a minha ponta até ficar duro e a latejar.

– Vá lá, sê uma boa rapariga. Sobe para a minha pila e fica de frente para o Jake. – Eu ajudo-a a sentar-se e viro-a até ela estar a cavalgar-me de costas.

O Jake desce da cama e põe-se de joelhos entre as minhas pernas abertas.

– Ajuda-a – digo. – Guia-a para baixo.

Ela está a recuperar rapidamente, os seus sentidos a aguçarem-se a cada segundo. Ela assume o controlo e Jake ajuda-a a arquear para a frente.

– Tens de conseguir abrir-lhe as pernas – digo eu. – Como se ela estivesse sentada numa cadeira. Caso contrário, não conseguirás o ângulo certo.

Ele acena com a cabeça, ajudando-a a abrir as pernas. Depois, segura o peso dela enquanto ela se encosta à ponta da minha pila.

– Aí, aí mesmo – murmuro. Respiro fundo, preparando-me para a sensação de ela me levar até ao fundo.

Santo Deus!

Nada nos prepara para aquele primeiro remate. É sempre mágico, porra! Respiro fundo outra vez, apoiando o seu peso contra o meu peito e ela geme, querendo mexer as ancas. O seu rabo perfeito é esmagado contra a minha virilha. Estou completamente enterrado dentro dela.

– Caleb – geme, apoiando-se na cama com as palmas das mãos. – És tão bom, querido. Adoro-te dentro de mim.

Eu sorrio, com o calor a crescer-me no peito.

– Abre as pernas, Furacão. Deixa o Jake ver-nos assim. Deixa-o ver como me recebes tão bem. – As pernas dela abrem-se e eu seguro-a com firmeza.

– Foda-se! – murmura Jake. – Pessoal, eu nunca fiz isto – admite, a

olhar para mim.

– Queres fazer? – pergunto, com o coração na boca. Por favor, que ele diga sim. Eu quero-o. Preciso de o sentir.

Ele levanta uma sobrancelha escura e ri-se.

– Estás a brincar? Olha para mim – diz ele, apontando para o seu pau duro. – Estou prestes a perder a cabeça agora mesmo.

Rachel geme, estendendo a mão para ele.

– Jake, precisamos de ti.

– Vai devagar – aviso. – Ela está esticada por causa do brinquedo. Mas se isto te magoar, Furacão, ou se quiseses parar, paramos – acrescento, beijando-lhe o ombro. – Sem perguntas, está bem?

Ela acena com a cabeça.

– Faz isso, Jake. Por favor, querido. Quero sentir-vos aos dois dentro de mim.

Jake inclina-se para a frente sobre os joelhos, conquistando os lábios dela num beijo ardente.

Depois aproxima-se mais.

– Inclina-te para trás, Furacão – murmuro. – Dá-lhe um ângulo melhor. – Ela cai confiante contra o meu peito.

A minha pila está desesperada por aquele primeiro aperto do Jake a empurrar para dentro.

– Leva o teu tempo – digo eu. – Trabalha a ponta para dentro, tal como no anal.

Ele solta um suspiro lento e aproxima-se, com a pila na mão.

– Estás pronta, querida?

Ela acena com a cabeça, o seu corpo elástico nos meus braços.

– Hum.

Ambos ficamos tensos quando o sentimos a penetrar na sua entrada. Os nós dos dedos roçam a minha pila enquanto ele a apalpa com a ponta, à procura de espaço para a penetrar.

– Relaxa, Furacão – tento acalmar. – Respira fundo. Deixa-o entrar.

Ela solta um suspiro trémulo, gemendo quando ele volta a meter.

– Oh... Jake, aí...

Eu vou morrer. Consigo senti-lo. A ponta dele está a empurrar para dentro, deslizando contra o meu pau escorregadio.

– Oh...oh! – ela geme. – Oh, meu Deus, sim...

O Jake está a sustentar a respiração, trabalhando as ancas para conseguir enfiar mais a ponta.

– Foda-se Cay, estás bem?

– Tão bom – murmuro, deixando cair a minha cabeça para trás.

– Tu és tão apertada, querida. Meu Deus, vocês os dois sabem tão bem.

Vou-me passar.

– Mexe as ancas – digo eu. – Fode-nos aos dois. Assume o controlo.

Ele move-se para frente e o seu ângulo muda enquanto ele mergulha

para dentro com os seus quadris. Desliza mais um centímetro para dentro ao longo do meu eixo e eu estou pronto para me vir. Quando ele começa a mexer as ancas a sério, a minha alma sai do corpo.

– Foda-se. Cay, eu sinto o teu pau com nervuras – geme ele. – Oh, meu Deus! Ninguém se mexe, porra. – Ele dobra-se, agarrando-a pelas ancas enquanto a penetra. Estamos a desfazer-nos quando ele grita: – Venham-se. Venham-se os dois. Agora.

O meu bom rapaz quer dominar-me? Estou aqui para isso, porra. Eu grito a minha libertação enquanto a Rachel faz o mesmo entre nós. Inundamos-lhe a vagina com o nosso esperma. A pressão do seu orgasmo nas nossas pilas faz-me ver estrelas. Perco todo o sentido de controlo enquanto nós os três espiralamos através do cosmos, os nossos corpos assumem o controlo e nós cavalgamos a onda de uma libertação a três. É uma magia diferente de tudo o que já senti antes.

Não sei quanto tempo ficamos ali deitados antes de o Jake começar a sair. O seu corpo está desfeito enquanto ele passa por cima da minha perna e rasteja pela cama para se deitar ao meu lado. Eu mexo-me um pouco, virando-me para ele e deixando que a Rachel deslize para fora de mim. Ela cai na cama entre nós, quase em cima do Jake. Eu afasto-me, para lhe dar mais espaço, mas depois a mão dela agarra-me às cegas, puxando-me para mais perto. Encolho-me ao lado dela, com o seu corpo encostado a mim. Ela entrelaça os nossos dedos e puxa o meu braço à sua volta, segurando-o entre os seus seios. Depois junta as suas pernas com as do Jake.

– Meu Deus! – suspira ele, totalmente sem fôlego. Passa o braço sobre nós os dois, soltando um gemido exausto. – Foi o melhor sexo da minha vida. Força equipa. – Ele bate no meu rabo e depois no dela.

Rachel está coerente o suficiente para balbuciar:

– Da próxima vez é melhor que seja um de vocês com o tentáculo – avisa.

E agora estou a imaginar o Jake de quatro, a Rachel a lubrificar-lhe o cu para eu poder enfiar-lhe o vibrador a mover-se dentro dele. Merda, não consigo ficar duro outra vez.

Estou completamente esgotado. Estamos demasiado exaustos.

Talvez quando chegarmos a casa...

Ao meu lado, a Rachel solta um suave som de contentamento.

– Adoro-vos – murmura ela, levantando as nossas mãos juntas para me beijar o nó dos dedos.

Jake vira-se de lado para nós, a sua mão escorrega por baixo dos cobertores e estende-se sobre nós. As pontas dos seus dedos calejados roçam a pele nua da minha anca, acendendo um fogo que se espalha.

– Amo-te – responde ele.

E, sem mais nem menos, não consigo respirar. Não sei se ele quis dizer isso só para ela ou se o amor por mim também está implícito, mas eu vou aceitar.

ILMARI

De todas as coisas que me desagradam no facto de viver nos Estados Unidos, tenho de lhes conceder isto: têm uma televisão muito má. Cada programa é pior do que o anterior. Já esta manhã assisti a um episódio de um programa de culinária para crianças onde os adultos gritam com elas, obrigando-as a preparar uma refeição de quatro pratos. Depois, houve um programa de procura de casa em que uma mulher recusou doze casas porque não gostava das cores.

Acabei por assistir a um programa em que se compram contentores e as pessoas licitam por elas, sem saber o que está lá dentro. Um dos contentores tinha um jacaré empalhado e uma mota Harley antiga.

Isto é o fundo do poço. Estou no banco com uma distensão na virilha, a pôr gelo de duas em duas horas e a tomar analgésicos como se fossem rebuçados.

Pelo menos a Rachel contou uma mentira inocente aos treinadores. Ela minimizou a minha lesão. Raios, ela ainda está a tentar proteger-me, mesmo quando passei dos limites. Eu estava tão zangado. Culpava-a porque era mais fácil do que culpar-me a mim próprio.

E aquele beijo...

Estaria a mentir se dissesse que durante semanas não pensei em fazê-lo. Ela é linda, inteligente, forte. Mas não é a pessoa certa para mim. Eu não sirvo para ela. Tenho de lhe pedir desculpa. É o mais profissional a fazer. Não estou arrependido, mas isso não vem ao caso. Preciso de dizer as palavras e depois distanciar-me. Vou pedir para trabalhar com outro fisioterapeuta. Conseguirei pensar melhor quando os exames do meu médico não me obrigarem a bater uma no chuveiro depois... Para.

Respiro fundo. Isso aconteceu uma vez. Já o tirei do meu sistema. Já está

feito. Rachel Price não deve ser tocada novamente. Eu não a quero. Odeio-a. Ela está a destruir a minha carreira. Está a meter-se na minha vida e a fingir que se importa. Ninguém trabalha para os jogadores neste negócio. O que importa é a equipa, o jogo.

Ela tem uma boa conversa. *Eu preocupo-me contigo.* A sua voz sensual repete-se na minha cabeça. O calor do seu olhar. A forma como ela me beijou... Não, não beijou.

Eu gemo, tirando o saco de gelo da virilha. O frio não está a fazer nada para arrefecer o fogo no meu sangue. Olho para baixo. *Saatana*, estou a ficar com tesão. Porque é que ela continua a deixar-me duro? Tenho melhor controlo do que isto.

O meu telemóvel toca. Tem estado louco na última meia hora. As conversas de grupo que abandono sempre estão muito ativas. Aparentemente, todos os rapazes se vão encontrar na praia esta manhã. Estão a organizar comida, bebidas e jogos.

Vou para silenciar o telemóvel quando vejo o seu nome a piscar no meu ecrã de bloqueio. Agarro-o.

dra. price (10h14): *Olá, Mars. Hoje, o nosso grupo vai estar na praia. Devias vir*

Uma segunda mensagem é enviada. Um mapa GPS com a localização.

Nem pensar. A última coisa que quero fazer é passar a minha manhã na praia a ver os rapazes a jogar futebol. É só isso que eles fazem. Ou jogamos hóquei ou eles ficam em círculo a dar pontapés na bola.

dra. price (10h16): *De certeza que já decidiste que não vens, mas precisamos mesmo de falar. Tenho um plano para te fazer exames. Vem à praia e eu explico-te*

Com um gemido, escrevo uma resposta.

kinnunen (10h17): *Explica-me por SMS*

dra. price (10h17): *Nem pensar. Isto não é negociável. Ainda sou a tua médica, lembras-te? Eu é que mando e hoje vou receitar-te vitamina E. Vem cá*

Eu torço o nariz enquanto penso em todos os meus anos de toma de suplementos.

kinnunen (10h18): *Vitamina E?*

dra. price (10h18): *Sim, Vitamina E. Fazes parte de uma equipa, Mars. Age como tal. Vem para a praia e diverte-te*

kinnunen (10h19): *A praia não é divertida*

dra. price (10h19): *Então vem para a praia e não te divirtas, seu caranguejo crocante *emoji caranguejo**emoji sobrolho franzido**

Eu grunho. Ela não me pode obrigar, pois não? Vou ignorar isto. O meu plano mantém-se. Segunda-feira vou cortar relações com a Rachel Price.

O meu telemóvel volta a tocar. Já está aberto e na minha mão, por isso vejo a mensagem. É o maldito *chat* de grupo da equipa.

novikov (10h21): *Uau, doutora boazona à vista!*

Chego-me para a frente no sofá, estreitando os olhos para o telemóvel enquanto o idiota envia uma fotografia. É a Rachel, de pé na rebentação, com um chapéu de sol e uns grandes óculos escuros. Está a usar um biquíni azul. Os seus seios perfeitos estão à mostra. Ela é curvilínea em todos os sítios certos. Tem o suficiente para segurar, o suficiente para se afundar entre e...

– *Saatana* – murmuro, passando a mão pela barba.

A minha pila contorce-se nos calções enquanto respiro fundo pelo nariz, agarrado ao telemóvel.

Outra foto é enviada por um dos outros tipos. Um ângulo diferente. Ela está a usar uma espécie de camisa transparente que se abre à volta das pernas. Está a sorrir, a meio de uma frase, a falar com outra mulher de cabelo ruivo.

Os rapazes começam todos a tagarelar, querendo saber o nome da amiga dela. O Compton repreende o Novikov e diz-lhe para parar de tirar fotografias. O Compton tem razão. Ela não é uma coelhinha a pedir para ser usada para o entretenimento dele. Ela é médica. A médica da equipa. A minha médica. A minha... Foda-se.

Porque é que estou de pé?

Porque é que me dirigi à porta?

Porque é que as chaves estão na minha mão?
Porque vais para a praia.

RACHEL

Tess bebe o seu grande copo de chá gelado. Está a usar um biquíni vermelho de cintura alta para combinar com a sua enorme juba de caracóis.

– Muito bem, rapariga, tens de me explicar tudo outra vez.

Estamos de pé na rebentação, longe dos rapazes, que estão ocupados a montar o acampamento na praia. O Jake enviou uma mensagem através do *chat* de grupo e agora a minha ideia casual de ir dar um passeio com a Tess transformou-se numa festa de domingo de manhã na praia. Metade da equipa já está aqui e a outra metade deve vir a caminho.

Olho para trás por cima do ombro. Jake e Caleb estão a lutar com Novy, a atirar-lhe areia e bolas de futebol à cabeça. Ele sai a correr, com a cerveja a pingar-lhe da mão. Atrás deles, Langley ajuda Sully e Shelby a montar um grande toldo de praia. Os três filhos de Sully já estão na rebentação com baldes e pás, escavando a areia enquanto *Poseidon* salta à sua volta.

Suspiro, olhando novamente para a água.

– Os receios dele não são infundados. Já vi a forma como as equipas podem tratar os jogadores. Os cuidados físicos têm prioridade, mas os cuidados emocionais são muitas vezes esquecidos na equação. Temos de ser capazes de tratar a pessoa como um todo, e é isso que estou a tentar fazer.

– Então... queres levar este tipo para Cincinnati para fazer exames supersecretos? E o Doutor H está disposto a ajudar-vos?

Reviro os olhos por detrás dos óculos de sol.

– Não há razão para pareceres tão incrédula. Tu não conheces o Dr. Halla como eu. Ele é boa pessoa, Tess. Ele entende melhor do que ninguém que, muitas vezes, os jogadores são apanhados entre a espada e a parede. Estamos ambos a tentar amortecer-lhe o golpe.

Ela acena com a cabeça.

– Sim, faz sentido. E o teu guarda-redes está disposto a isso?

Mordo o lábio inferior.

– Hum...

– Oh, meu Deus, rapariga! – Ela ri-se. – Combinaste tudo com o Doutor H. sem falar primeiro com o guarda-redes?

– Eu queria que fosse o mais fácil possível dizer sim – respondo na defensiva. – Se estiver tudo preparado e ele só tiver de se meter num avião, ele não recusa, certo?

– Quer dizer, eu ia, mas não sou uma atleta profissional. Não fazemos ideia do que ele está a pensar ou de como lida com este tipo de stresse. – Ela dá um passo em frente, juntando o seu braço ao meu. – Mas chega de falar de trabalho, quero saber da tua suculenta e vaporosa vida amorosa. – Ela puxa-me para a frente e caminhamos na areia molhada, com as ondas a bater nos tornozelos.

– Oh, meu Deus, por onde posso começar? – murmuro.

– Que tal começares com a pequena sessão de mãos que vi na cozinha esta manhã?

– Tess! – grito, batendo-lhe no braço enquanto ela se ri. – Pensei que estavas a dormir lá em cima!

Esteve muito perto de não ser recomendado a menores de 16... acho que sim. Caleb estava na bancada a preparar o seu café nojento e parecia tão comestível, com o cabelo todo despenteado. Não pude deixar de o abraçar e de o provocar um pouco, com a minha mão a escorregar para dentro das suas calças de fato de treino. O Jake entrou e juntou-se a nós, apertando-se atrás de mim. Não tirámos a roupa. Nem sequer nos beijámos. Mas mesmo assim foi um orgasmo a três, lento e ardente. Eu meti as mãos nos dois ao mesmo tempo, enquanto o Jake as meteu em mim, com as mãos do Caleb encostadas à bancada. Todos nós nos deixámos levar até ao clímax, respirando como um só. Foi incrível. Só de pensar nisso, apetece-me arrastá-los para trás da barraca de gelo e fazê-lo novamente.

– Miúda, estás metida num grande sarilho – diz Tess com uma gargalhada. – Isto já é sério. Especialmente para ti – acrescenta, lançando-me um dos seus olhares de Tess que sabe tudo.

– Estamos só a divertir-nos – digo eu. – Explorando o que isso pode ser. Com a época a decorrer, é mais fácil vivermos juntos – respondo com um encolher de ombros.

– O que parece é que estás a dançar a valsa na maior fantasia de todas as raparigas do hóquei – responde ela. – Aqueles rapazes adoram-te, Rachel. Fizeste-os ficarem viciados e agora eles vão seguir-te para onde quer que vás.

– Tess...

– Ei, não estou aqui para te julgar – acrescenta ela. – Se estás feliz, a Tess está feliz.

– Mas será que podemos mesmo ser felizes? – questiono, revelando a minha verdade agora que estou sozinha com a minha melhor amiga. – Como é

que eu faço isto se quero que se mantenha privado? Eles não vão ficar contentes por serem o meu segredo sujos para sempre. Não é justo para eles.

– Hum... bem, o que é que eles querem? Querem que o mundo saiba que são um trio temível? Estão prontos para enfrentar a tempestade mediática que vem com a Rachel Price?

– Acho que estamos todos contentes com as coisas como estão neste momento. Talvez consigamos aguentar a época e... – suspiro. – Nem sequer sei. Não sei o que raio estou a fazer. Mas parece que não consigo parar.

– O que estás a fazer é apaixonar-te por dois homens ao mesmo tempo, Rach. E eles estão definitivamente apaixonados por ti – acrescenta.

Eu viro-me para olhar para ela.

– Estiveste com eles durante dois segundos!

– Não precisei de mais para ver como eles são loucos por ti – diz ela com uma gargalhada. – Além disso, nenhum de vocês se estava a esforçar muito para o esconder. Quero dizer, foste buscar-me ao aeroporto e levaste-me a casa do teu amante e ele recebeu-te à porta com um beijo, enquanto o teu outro amante nos preparou o jantar e te fez olhinhos toda a noite.

Olho para trás por cima do ombro.

– Estamos a ser assim tão óbvios?

Antes que a Tess possa responder, estamos as duas a gritar quando uma bola de futebol desgobernada a atinge na nuca. Ela rodopia, com o chá gelado a escorrer do copo.

– Ei, cuidado!

Langley vem a correr, com um ar horrorizado no rosto.

– *Ops*. Desculpe, minha senhora.

Tess olha-o fixamente, com as narinas dilatadas enquanto massaja a nuca.

– Langley, não acabaste de lhe chamar senhora – provoco.

Ele baixa-se para apanhar a bola antes que ela desapareça nas ondas. Quando se endireita, vira-se para a encarar.

– Uau – diz ele num sopro.

Tess e eu sorrimos quando Langley olha para mim.

– Doutora, quem é?

– Ela está mesmo à tua frente, Langley. Pergunta-lhe tu mesmo.

Ele abana a cabeça.

– Não me atreveria.

Tess inclina a cabeça para o lado com os seus caracóis vermelhos selvagens que se agitam com a brisa do mar.

– Porque não? – rio-me.

– Porque nenhum mero mortal se atreveria a falar com uma deusa assim – responde ele. Mal consegue dizer as palavras e já está a mostrar-lhe um sorriso muito americano.

– Uau, essa deixa é boa – comenta Tess, pestanejando.

Ao lado dela, eu gemo, revirando os olhos.

– Gostas? – diz ele com aquele sorriso de rapaz.

– Hum.

– Mas o que é que eu sou? Porque é que ninguém me liga? – murmuro.

– Não, tu sabes que ainda és a nossa Doutora Boazona – responde ele, metendo a bola de futebol debaixo do braço. – Mas estás fora dos limites. E muito fora do meu alcance. Ambas estão.

Tess põe uma mão na anca.

– Como é que te chamas, fofinho?

– Langley... hum... Ryan – acrescenta ele, passando uma mão pelos caracóis louros. – E tu?

– Fofinho, podes chamar-me o que quiseres, desde que me leves a jantar – brinca ela com um piscar de olhos.

O sorriso dele desvanece-se e ele pestaneja, atordoado pelo brilho dela. Não me surpreende, ela normalmente é um dez e meio. No seu biquíni vermelho de cintura alta, ela é um quinze. O olhar dele dirige-se para mim.

– Espera... podemos fazer isso? Isso é... Ela está fora dos limites, certo?

– Porque é que estás a olhar para a Rachel? – resmunga Tess, com as duas mãos nas ancas curvilíneas. – Ela não é minha mãe. Se me queres convidar para jantar, pede-me a mim.

Ele parece uma criança no Natal quando diz:

– Queres jantar comigo?

Agora estou a rir-me.

– Tess, acho que lhe rebentaste o cérebro.

A minha amiga ri-se, cruzando os braços por baixo dos seus seios fartos. Ela sabe exatamente o que está a fazer, atraindo o olhar dele para baixo.

– Langley!

– Langers!

– Tens a bola, meu!

Os rapazes gritam todos por ele e ele acena, virando-se para atirar a bola na sua direção. Volta a olhar para nós, com os olhos postos na Tess.

– Prazer em conhecer-te, Tess. Até logo, Doc – acrescenta para mim. Depois sai a correr, com aqueles músculos definidos a brilhar ao sol.

– Okay – diz a Tess, baixando os óculos de sol para o ver fugir. – Sim, não estou zangada com isso. Ele é giro, não é? Como um cachorrinho na praia. Talvez precise de encontrar um novo dono...

– Tira as mãos – digo-lhe eu, lançando-lhe o meu melhor olhar de reprovação.

– Porquê? – troça ela.

– Porque és uma deusa de proporções épicas que o comeria vivo.

– Todas as deusas têm de se alimentar – responde ela. – Aposto que ele tem um sabor delicioso.

– O Langley tem uns vinte anos. Ele é um bebé, Tess.

– Isso só significa que ele tem resistência – murmura ela, vendo os rapazes a chutar a bola de futebol. – Já o viste a fazer exercício. Aposto que

ele corre uma milha em cinco minutos sem suar. Hum... eu gosto de um corredor.

Agora estou a rir e a minha tensão está a diminuir.

– Tu és do piorio. E não te vais envolver com um Rays este fim de semana.

Ela zomba, atirando o cabelo para trás.

– Como é que poderia, se já os tens todos presos no Palácio da Vagina Price?

Enquanto diz isto, atira-me água para cima.

Eu guincho, salpicando-a de volta.

– Rachel! – chama-me Jake com um aceno. – Queres um cachorro-quente ou dois?

A minha expressão muda quando a Tess se ri. Tapando-me a boca com a mão como se tivéssemos doze anos, ela grita:

– Ela quer dois!

RACHEL

O dia de praia é um enorme sucesso. Praticamente toda a equipa está aqui, o que é ótimo, porque significa que estou finalmente a conhecer as mulheres, namoradas e restante família. Alguns rapazes trouxeram os seus cães, por isso o *Poseidon* está a divertir-se imenso a correr e a brincar.

A Tess está ocupada a fazer a ronda e a namoriscar com qualquer rapaz que olhe para ela. Ou seja, todos eles. Estão todos a olhar. Langley continua a vaguear como se tivesse sido atingido por uma carga elétrica.

– Então... o nosso Furacão tem um Tornado como amiga – diz Caleb, entregando-me uma água com gás da geleira ao lado da sua cadeira.

– Não me faças começar – digo, a revirar os olhos.

Ele apenas sorri, tomando um gole da sua própria água de lima.

– Caramba – murmura ele, baixando os óculos enquanto olha por cima do meu ombro.

– O quê?

– O Mars está aqui.

Viro-me e o meu olhar fixa-se imediatamente nele. É impossível não reparar nele. Usa uns Ray-Bans escuros e uma *t-shirt* branca com calções de desporto.

– Ele nunca vai a lado nenhum – diz Caleb, tomando um gole da sua bebida.

– Talvez só queira fazer parte da equipa – digo eu. Detesto sentir que estou a mentir-lhe.

– Qual é o problema aqui? – pergunta ele.

Viro-me para o encarar.

– Qual problema?

– Contigo e com o Mars. Convidaste-o?

Mexo nos meus óculos de sol.

– Não existe eu e o Mars.

Ele acena com a cabeça, olhando para trás por cima do meu ombro.

– E ele sabe disso?

– Caleb, eu...

Nesse momento, a Tess cai ao meu lado, com um sorriso selvagem na cara.

– Miúda, quem é aquele?

– Quem? – pergunto, olhando em redor.

– Quem? – grita ela, incrédula. – Aquele, Rach. O sósia do Ragnar Lothbrok, escaldante como o pecado!

– Com licença. – Caleb levanta-se da cadeira de praia e vai-se embora.

Suspiro, revirando os olhos quando Tess se senta na cadeira dele.

– Obrigada por isso – murmuro.

– Pelo quê? – indaga ela, procurando um refrigerante na geleira.

– Não interessa.

– Então, desembucha. Quem é ele? – insiste ela, sorvendo a parte de cima da sua lata de Coca Cola Diet.

– É o Mars Kinnunen.

– O guarda-redes? Oh... espera, como... o guarda-redes? Aquele que tu... – Ela suspira, mexendo o dedo e permanecendo em silêncio.

A partir de agora, a Tess é a única outra alma que sabe do beijo no corredor. Não sei porque é que lhe contei, mas contei. Senti que tinha de dizer alguma coisa a alguém. Não significou nada. Ele estava zangado e a culpar-me de tudo. Só isso.

– Miúda, ele está a olhar para ti como se fosses um maldito petisco – murmura Tess.

Eu fico rígida.

– Não está nada.

– Quer dizer, ele está ali de pé. Mas, em espírito, está mesmo atrás de ti, a deitar-te um cubo de gelo pelo pescoço abaixo.

– Para – sibilo, sentando-me na minha cadeira. – Tu és louca, Tess.

– Sou? A Tess Owens é conhecida por se enganar nestas coisas? – Ela inclina-se, com o cotovelo no braço da cadeira. – Vamos recapitular, sim? Prova A: Eu disse-te que aquele enfermeiro da clínica estava muito interessado em ti, e tu ignoraste-me, e depois ele tentou perseguir-te até ao nosso edifício. Lembras-te de como isso foi divertido?

– Tess...

– Prova B, Meritíssimo – diz ela por cima de mim. – Eu disse que o tipo do Trader Joe estava a namorar contigo, tu não acreditaste em mim, e depois ele escreveu o seu número no teu recibo.

Eu rio-me, abanando a cabeça.

– E o tipo do bar com as tatuagens e o *piercing* no lábio? Eu disse que ele ia tentar levar-te para casa e tu disseste «não, acho que ele é *gay*», e depois

ele encurralou-te junto à casa de banho e tu curtiste com ele num dos cubículos. Lembras-te dessa?

– Pronto, está bem – murmuro. – Admito que, por vezes... em raras ocasiões... e normalmente alimentada pelo álcool... fazes suposições fundamentadas sobre as intenções dos homens no que me diz respeito.

– É só isso que estou a dizer – responde ela, voltando a sentar-se na cadeira. – Então, o que é que se passa ali?

– Não há nada ali – respondo pela segunda vez.

– Então porque estás a corar? Os rapazes sabem? Será que não querem partilhar... oh, meu Deus, partilhar a três. – Ela bate na testa, com a boca aberta de espanto. – Nem sequer sei... como é que isso funciona? Acho que temos três buracos... mas não estou a ver como é que isso iria...

– Tess – assobio, dando-lhe uma palmada no braço. – Podes calar-te com as orgias? Este é um dia de diversão em família na praia. Ênfase dado na família. – Aponto para os muitos rostos pequenos que pontilham a areia à nossa frente.

Ela ri-se.

– Miúda, antes tu do que eu. Não sei se gostaria de ser transformada num Twinkie humano, por muito bom que os livros o façam parecer. Quando estou com um homem, quero dar-lhe toda a minha atenção. E é bom que acredites que quero toda a atenção dele em mim. – Eu sigo o olhar dela com uma careta no rosto.

– Tess – digo em tom de aviso. – Isto não é a associação humanitária. Para de olhar para esse cachorro agora mesmo. Ele não está para adoção.

Ela resmunga, desviando o olhar de Langley.

– Ei, se tu podes fazer malabarismos com três cachorros-quentes ao mesmo tempo, eu posso levar um *cheeseburger* americano para um jantarzinho.

– E por falar nisso – digo eu, levantando-me da cadeira.

– Sim, vai buscá-lo – provoca ela. – Vai convidá-lo para uma escapadela de sonho à encantadora Cincinnati!

Reviro os olhos, atravessando a areia em direção ao local onde Ilmari está a ver alguns dos rapazes a jogar voleibol.

– Não te apetece jogar? – questiono, pondo-me ao lado dele.

– Não posso – responde ele. – Não quero arriscar.

Aceno com a cabeça, bebendo um gole da minha bebida. Nem sequer lhe posso oferecer uma para quebrar a tensão, porque ele já está a segurar uma garrafa de água.

– Vem conhecer a minha amiga Tess – digo-lhe.

Ele segue-me enquanto nos dirigimos para o guarda-sol às riscas arco-íris. A Tess está agora estendida numa toalha de praia. Tem os olhos fechados, mas exibe um pequeno sorriso no rosto. Eu sei que a impostora estava a verme falar com ele.

– Ei, Tess, apresento-te o Mars.

Ela senta-se, com uma mão a segurar o chapéu.

– Bem, olááá, jeitoso – canta ela. – Meu Deus, és muito alto, não és? – Ele olha para mim.

– Lamento a tua dor e o teu sofrimento – digo em jeito de explicação.

– Vem sentar-te, Mars – diz ela.

Ele senta-se na cadeira de praia onde a Tess estava, e eu volto a sentar-me.

– Porque não tiras a *t-shirt* e ficas um pouco aqui connosco? – pergunta ela, apoiada nos cotovelos. O ângulo faz maravilhas às suas curvas.

– Não posso – responde ele.

Partilho um olhar rápido com a Tess, que faz a pergunta em que ambas estamos a pensar.

– Não podes tirar a *t-shirt* na praia?

– Tenho uma tatuagem. O sol faz-lhe mal – explica ele, bebendo um gole da sua água.

– Então ainda bem que estás à sombra – brinca ela, apontando para o guarda-sol arco-íris.

– Tess, podes deixar o homem em paz? Mars, não tens de...

Demasiado tarde. Ele põe a garrafa de água de lado e tira-a com uma só mão, enfiando-a na parte de cima dos calções. Estou a esforçar-me muito para não olhar, mas a Tess não faz esse esforço. Ela olha para ele sem vergonha e a sua boca inclina-se para cima apreciativamente.

– Não percebo, jeitoso. Não estou a ver nenhuma tatuagem.

– Está nas minhas costas – responde ele.

Eu vejo-a. Bem, parte dela. E eu tinha razão, é praticamente um *blackout* total.

Tess, sendo Tess, rasteja para o lado da cadeira dele e empurra-lhe o ombro, um pedido silencioso para que ele se incline para a frente.

– Oh, bolas! Mars, isto é lindo. Rach, olha para isto. Para o que é que estou a olhar?

Eu olho. Não consigo conter-me. Todas as suas costas, desde a base do pescoço passando pelos ombros e até à cintura, estão pintadas de negro numa tatuagem inteira. É incrivelmente complexa, com várias cenas a desenrolarem-se. É como uma espécie de paisagem de fantasia assustadora, com tema de morte: caveiras, lobos, um urso de boca aberta e aspeto raivoso, um rei-demónio, um corvo a voar no topo. São as pontas das asas que se veem mesmo quando ele tem a *t-shirt* vestida.

– O que é? – pergunto.

– Histórias de Kalevala – responde ele.

– Kale... quê? – pergunta Tess.

– Kalevala – repete ele. – É o livro do folclore finlandês. A nossa mitologia. A criação do mundo, Ilmarinen e a forja do martelo de Ukko, o poderoso Otso a guardar a sua floresta, o deus da morte no seu trono.

– É lindo – murmuro, lutando contra a vontade de estender a mão e

tocar-lhe. Por alguma razão, está a deixar-me emocionada. Isto significa algo para ele. É tão importante que ele não quer que o sol lhe toque. Também não gosta de o partilhar. É arte não destinada ao consumo. É um pedaço da sua alma que ele usa na pele.

E, de repente, sei, sem qualquer dúvida, que ele não a mostrou porque a Tess o provocou para que tirasse a *t-shirt*. Ele está a mostrá-la porque sabia que eu a queria ver naquele dia no avião.

Ele quer que eu a veja. Antes não queria. Agora quer.

Bolas, estou metida em tantos sarilhos.

RACHEL

—Queres que eu vá para Cincinnati? – Ilmari está no parque de estacionamento da praia, ao lado da sua grande carrinha azul, com os braços cruzados sobre o peito robusto. Segui-o até aqui, deixando o resto do grupo para trás. Esta foi a nossa única oportunidade de ter um verdadeiro momento a sós durante toda a tarde.

Enrosco as pontas da camisola branca à minha volta.

– Há um especialista na minha clínica de residência em Cincinnati. Nós vamos lá, fazemos os exames e mantemos tudo em segredo. Estaremos fora do radar da NHL. Fora do radar da FIHA também, o que é mais importante para ti, penso eu. – Ele acena com a cabeça. – Por favor – imploro. – Estou a pedir-te que confies em mim. Vem para Cincinnati comigo. – Estendo a minha mão, à espera de ver se ele a aceita.

Lentamente, ele descruza os braços, deixando-os cair ao lado do corpo. Depois levanta a mão direita e aperta-me a mão.

– Confio em ti.

Eu suspiro de alívio.

– Obrigada, Mars. Meu Deus, tinha tanto medo de que dissesse que não. Está bem, está tudo tratado. Partimos amanhã. O nosso voo sai de manhã e vamos diretamente para a clínica. Se os exames estiverem bons e se reagires bem à reabilitação, deverás estar de volta ao gelo na semana em que vierem os olheiros da FIHA.

Ele fica calado por um instante, mas a sua expressão continua ilegível. Vou para largar a minha mão, mas ele segura-a.

– Rachel... Doutora Price – corrige ele. – Desculpa.

Olho fixamente para a sua cara franzida. Oh, merda! Ele está a falar do beijo. Não consigo ver os seus olhos por detrás dos óculos de sol. O meu olhar

desce até às nossas mãos unidas.

– Está tudo bem...

– Não, foi uma falta de educação imperdoável – diz ele. – Não volta a acontecer.

Eu aceno com a cabeça, tentando controlar a agitação confusa do meu coração. Imperdoável é uma escolha de palavras tão estranha. Apaixonado. Possessivo. Essas palavras descrevem melhor o nosso beijo. Talvez não tenha significado nada para ele... Ontem teria acreditado nisso. Hoje, não tenho tanta certeza.

– Então, vais para Cincinnati... com o Mars Kinnunen? – diz Jake, pousando o garfo em cima da sua enorme taça de esparguete. O dia de praia já acabou há muito e o Jake, o Caleb e eu estamos a comer esparguete na cozinha. O Caleb e eu sentamo-nos nos bancos e o Jake está do outro lado da ilha, à espera de que o pão de alho aqueça no forno.

A Tess foi passar a noite fora. Uma amiga da faculdade acabou de a vir buscar e foram até St. Augustine para jantar e fazer um passeio a pé para relembrar os velhos tempos. De certeza que vai haver álcool. Imagino que ela vai ligar por volta da meia-noite à espera da boleia de um de nós para casa.

– Hum – digo eu, dando uma dentada na minha salada.

– O que é que há em Cincinnati? – pergunta Caleb.

Faço uma pausa, olhando para a minha comida. Não tenho autorização para discutir o historial médico de Ilmari com o seu colega de equipa.

– Oh, merda! – murmura Jake, chegando lá sozinho. – Isto é por causa da distensão na virilha, certo? Ele vai ficar de fora o resto da época? Precisa de ser operado? Aconteceu durante o último jogo?

– Para – suplico. – Jake, não posso falar sobre a situação clínica dele...

– E sobre a vossa relação? – pressiona Caleb. – Podemos saber sobre isso? Ou também é confidencial?

O meu olhar dirige-se para ele.

– Pronto, é a segunda vez que fazes um comentário sarcástico sobre mim e o Mars. Pergunta-me só o que queres saber.

– Tudo bem. – Ele bate com o garfo no prato. – Andas a comê-lo?

Os meus olhos arregalam-se.

– O quê? Não!

– Queres? – pressiona.

– Caleb...

– Porque ele quer mesmo foder-te – acrescenta.

Cruzo os braços sobre o peito.

– O que te faz pensar que o Mars Kinnunen me quer foder?

Ele olha para o Jake e volta a olhar para mim.

– A sério? Estás a falar a sério? Queres que façamos uma lista? Já temos registadas umas dez coisas. A tua lista é mais curta do que a dele, mas

também aumenta todos os dias.

– Espera... estão ambos a fazer uma lista? Estão metidos nisto juntos? – grito, olhando para o Jake.

– Bem, sim. Estamos sempre a falar disso – diz ele com um encolher de ombros.

– Olhem, malta. Tenho estado a ajudá-lo a tratar de uma lesão e é só isso. Quero levá-lo a Cincinnati para ver o doutor Halla. É especialista em anca e pode arranjar-nos exames não oficiais. Exames que não terão de constar de nenhum ficheiro oficial da NHL.

Os rapazes olham-se longamente, um rol de palavras passa entre eles.

É Jake quem fala primeiro.

– Estão a ajudá-lo sem ficar registado? Isso não é, tipo, ilegal?

Eu suspiro.

– Ninguém vai para a cadeia por fazer uma ressonância magnética ao Ilmari.

– Mas não é habitual – esclarece Caleb. – Estás a esconder isso da equipa, dos treinadores, o que te pode trazer sérios problemas. Pode fazer com que sejas despedida, Rachel. Pode fazer com que o contrato de Mars seja anulado.

Eu encolho os ombros.

– Às vezes, o que é do interesse da equipa nem sempre é do interesse do jogador.

Jake acena com a cabeça, com o rosto solene, enquanto Caleb me olha como se estivesse a mastigar vidro.

– Olha, eu prometi ao Mars que o ia ajudar – explico. – Independentemente de ser a coisa certa para a equipa, ele é meu paciente. Não quero que a carreira dele acabe antes do tempo.

– Porque é que te preocupas tanto com o Mars Kinnunen e com a sua carreira? – pergunta Caleb.

– Porque sou médica – respondo-lhe eu. – Achas mesmo que, por um segundo que fosse, eu não teria movido o céu e a terra para te ajudar se fosses o jogador lesionado na minha mesa? Ou tu? – acrescento, virando-me para olhar para Jake.

– É muito grave? – murmura Jake.

Abano a cabeça, pousando o garfo, sem apetite.

– Ainda não sabemos – admito. – Neste momento, parece ser uma distensão na virilha. Mas eu não posso tratá-lo adequadamente sem exames, e ele está apavorado porque os olheiros olímpicos finlandeses estão a caminho. Este é o sonho dele, malta – acrescento, olhando de relance entre eles. – Jogar pela Finlândia nos Jogos Olímpicos. O avô dele jogou, o pai dele também. Esta é a sua oportunidade. Só estou a tentar ajudá-lo a concretizá-la. Será que a minha maneira é a correta? Diabos se eu sei! Mas estou a seguir o meu coração, e agradecia muito que me apoiassem em vez de me deitarem abaixo.

Lentamente, Jake acena com a cabeça.

– É bom que o estejas a ajudar, Seattle. Vai a Cincy e faz os teus exames. – Sorrio para ele com alívio.

Mas ao meu lado, uma tempestade ainda está a formar-se.

– Isso ainda não resolve a outra coisa – murmura Caleb.

– Que outra coisa?

– A cena do Mars Kinnunen querer foder-te com a sua pila de *viking* – diz Jake.

Eu respiro fundo, tentando controlar as minhas emoções em espiral.

– Olha, Seattle, tens de nos contar – insiste Jake. – Que raio se passa entre ti e o Mars? Quero dizer, tu sentas-te ao lado dele em todos os voos, em todas as viagens de autocarro.

– Sim, porque ele me obriga – contraponho. – Vocês obrigaram-me a mudar, lembram-se?

– Quando a equipa está no gelo, os teus olhos estão nele metade do tempo – acrescenta Caleb, com o seu olhar sombrio.

– Porque ele tem estado a jogar lesionado e eu tenho medo de que ele piore a situação!

Caleb levanta-se do banco e afasta-se, dando a volta ao outro lado da ilha. Cada passo que ele dá é um abismo que se abre entre nós, rasgando o meu coração.

– Ele fala contigo – continua Jake.

– Ele fala com o Tomlin também! E Davidson e o treinador Johnson. Ele fala contigo no gelo o tempo todo, Jake. E contigo, Cay.

– Isso é trabalho. Quando o trabalho está feito, ele é um livro totalmente fechado. Ele só se abre para ti, Seattle. Só para ti. – diz Jake, abanando a cabeça.

– Vais mesmo sentar-te aqui e dizer-nos que não há nada entre vocês? – atira Caleb, com os braços cruzados sobre o peito.

Agora estão os dois à minha frente, o meu anjo e o meu diabo. Jake de *t-shirt* branca, Caleb de preto. Jake parece desconfiado. Caleb está zangado.

– Oh, meu Deus! – gemo, deixando cair os cotovelos na bancada e enterrando o rosto nas mãos. – Eu não sei! – Levanto a cabeça, abanando-a e dou-lhes a única verdade que tenho. – Não sei, está bem? Não sei o que me está a acontecer. Não... olhem à nossa volta! – grito, acenando com a minha mão em redor da cozinha de Jake. – Isto é tudo uma loucura! O que estamos a fazer aqui, malta? O que é isto? Onde é que isto vai dar?

– Pensei que era bastante óbvio – responde o Jake, cruzando os braços sobre o peito outra vez.

Eu rio-me. É um pequeno som engasgado que fica preso na minha garganta.

– Óbvio? Nada disto é óbvio, Jake. Há semanas que andamos todos a dançar à volta disto, sem dizer nada. Vivemos juntos! Fazemos compras e cozinhamos como um casal feliz. Fodemos como loucos. Eu só dormi no meu quarto duas vezes desde que me mudei para cá. E, no entanto, não há nada

além de paredes entre nós. Coisas que não dizemos, sentimentos que não expressamos, verdades que não deixamos transparecer. Isto aqui é uma maldita pista de obstáculos, e estamos todos a tropeçar no escuro, e isso está a deixar-me louca.

Terminado o meu discurso, apercebo-me de que também estou de pé, com as mãos agarradas à bancada de granito branco.

Agora os dois rapazes têm os braços cruzados, olhando para mim e um para o outro.

– Então, vamos falar – diz Jake. – Verdade ou Consequência. Vamos deixar tudo no gelo.

RACHEL

Respiro fundo e olho de relance para os rapazes. *Verdade ou Consequência. Vamos deixar tudo no gelo.*

Jake olha para Caleb.

– Cay? Verdade ou Consequência? – Com o maxilar cerrado, Caleb acena com a cabeça.

– Ótimo... quem começa? – Jake enfia as mãos nos bolsos das suas calças de fato de treino cinzentas. – Atiramo-nos moeda ao ar ou...

– Eu beijei o Mars – digo. – Bem, tecnicamente, foi ele que me beijou, mas...

– Quando? – rosna Jake, com a expressão a ensombrar-se. – Onde?

– No jogo dos Pinguins. Ele estava a sair do gelo e eu agarrei-o para lhe dizer que o ia mandar para o banco. Acho que ele fez isso só para me calar – acrescento. – Ele estava zangado e descarregou em mim. Mas já pediu desculpa. Mas agora, entre vocês a gozarem comigo e a Tess, eu... acho que ele tinha intenção de o fazer. Acho que ele queria...

– Claro que queria – diz Caleb. – Ele quer foder-te, Rachel. A nossa questão é se ele vai conseguir. Este *ménage à trois* está prestes a tornar-se num *ménage à quatre*? Porque nós gostaríamos de ter uma palavra a dizer sobre isso.

Verdade ou Consequência. Não há sítio para se esconder.

– Ainda não sei, e essa é a minha resposta honesta.

Os dois rapazes voltam a cruzar os braços. Partilham maravilhosamente bem entre si, mas a ideia de partilhar com outra pessoa é claramente uma incógnita.

– Como é que isso funcionaria? – pergunta o Jake. – O Mars é guarda-redes. Eles não são jogadores de equipa, percebes o que quero dizer? Claro

que ele não te iria partilhar. Será que ele já sabe sobre nós?

– Não, claro que não sabe. Até àquele beijo, tudo tem sido estritamente profissional. Mesmo com aquele beijo, acho que parte disso foi pelo facto de ele não saber como lidar com a sua frustração.

Jake estreita os seus olhos cor de avelã.

– E o que é que acontece quando ele finalmente te arrebatou com o seu charme *viking* e a sua pila monstruosa? O que é que fazes quando ele te disser para escolheres: ele ou nós? Quando é que devemos esperar que faças as malas, Seattle?

Eu afasto-me da ilha.

– Então vamos esclarecer isto agora mesmo. – Aponto-lhe um dedo em riste. – Tu não és meu dono, Jake Compton. E tu também não és meu dono, Cay. Não sou dele e não sou tua, sou eu. Sou a minha própria pessoa, e eu é que decido os limites da minha própria felicidade. Não estaria aqui se não vos quisesse. A ambos. E o meu amor não é finito, Jake. Amar-te não tem nada que ver com o facto de o amar a ele – digo, apontando o polegar a Caleb. – E eu amo – insisto. – Amo-vos aos dois. É uma loucura dizer isso em voz alta, porque nos conhecemos há pouco tempo, mas será que sou louca? – Faço um gesto entre nós os três. – Isto parece-vos uma loucura? Ou parece-vos tão certo que vos assusta?

– Eu tenho medo de te perder – admite Jake. – O Cay é tão melhor para ti, querida. Ele é inteligente como tu e estranho como tu. Eu sinto-me de fora. Mesmo entre nós os três, eu sei que sou o elo mais fraco.

– Jake – sussurro, com o coração a partir-se.

– Acrescentas o Mars à mistura, com o seu *charme* europeu e o seu estúpido cabelo sensual, para não falar da sua pila enorme, e eu sei que não vai sobrar nada para mim – termina ele com um encolher de ombros e o seu rosto numa máscara de dor torturada.

Não consigo evitar o sorriso que me assoma aos lábios.

– Passas muito tempo a olhar para a pila dele, meu anjo?

Ele olha para mim, enquanto ao seu lado Caleb me lança um olhar de aviso.

– Tu também já viste.

– Sou o responsável pelo equipamento, Furacão. Monto e desmonto vestiários como forma de vida. Todos nós já vimos o monstro entre as pernas do Kinnunen.

Agora não é de todo o momento para pedir pormenores. Em vez disso, dou a volta à ilha em direção ao Jake. Ele fica imóvel com a minha aproximação. Deixou cair os escudos e partilhou a sua verdade. Ele não está tão bem em partilhar-me como tem deixado transparecer. Não porque não goste, mas porque não quer ser deixado de fora.

Eu aproximo-me dele, passando as minhas mãos pelos seus braços.

– Jake... olha para mim, meu anjo – murmuro, acariciando-lhe o maxilar. – Nunca mais duvides do que significas para mim – digo, com a voz

baixa de emoção. – Jake, tenho-te dito quase desde o momento em que nos conhecemos que és a minha alma gémea. Consegues mesmo esquecer o que partilhámos em Seattle? O universo uniu-nos naquela noite. Agora vivo com uma corda à volta do meu coração, entrelaçada nas minhas costelas, e ela liga-me a ti.

Lentamente, ele levanta as mãos, envolvendo-as nos meus pulsos.

– Amo-te, Jake Compton. Adoro que me mandes mensagens incessantemente. Adoro as tuas fotografias de pelicanos, *sushi* e tacos. Adoro que me dês um boletim meteorológico todas as manhãs, apesar de eu ter literalmente uma aplicação de meteorologia no meu telemóvel – acrescento com um sorriso leve. – Fazes-me rir. Fazes-me feliz. Fazes-me ter esperança no futuro. Fazes com que a vida seja divertida, Jake. E fazes com que a vida seja menos solitária. E talvez também encontres outra pessoa...

– Não é possível – diz ele com um ardente abanar de cabeça. – Para mim, tu és a única, querida. Não preciso de mais ninguém.

– Não digas isso – digo eu, com demasiado medo de olhar por cima do ombro dele e ver a mágoa no rosto de Caleb. – Não fazes ideia do que o universo te reserva. Nunca sonhámos que nos íamos encontrar, mas encontrámos. Seja quem for que passe pela tua vida, eu estarei aqui, Jake. Eu quero estar aqui. Não te vou restringir nem negar o amor e a alegria que mereces. Para de duvidar de ti e do teu lugar no meu coração.

Inclino-me, ainda segurando o rosto dele gentilmente nas minhas mãos.

– Não sou boa em rótulos e amarras – admito. – A ideia de ser a namorada ou a mulher de alguém aterroriza-me. Às vezes acho que fui programada de forma errada. Toda a gente quer casar, certo? As pessoas querem a normalidade da monogamia e os dois filhos e meio. O cão e a cerca branca. Mas eu nunca quis essa vida – digo com um abanar de cabeça.

– O que é que tu queres, Rachel? – pergunta ele.

– Quero o mundo – respondo. – Quero navegar à volta da ilha de Phuket em *topless* num iate. Quero fazer sexo nos jardins de Versailles e ser expulsa pela polícia francesa. Quero comer piza sem parar e beber vinho diretamente da garrafa, a tropeçar nas ruas de Roma às duas da manhã. Quero dançar numa fonte, Jake. Quero ser médica e viajar pelo país a ver homens no auge do seu jogo a praticar desportos perigosos. Quero sentir o seu suor e cheirar o seu sangue no gelo. Quero viver. E não quero recusar uma oportunidade por medo de não estar a corresponder a esse sonho de normalidade. Porque eu não sou normal, Jake. Nós não somos normais. Somos extraordinários. Sê extraordinário comigo.

Lentamente, ele solta um suspiro, o seu corpo enrosca-se no meu, até as nossas testas se tocarem. Ele tira as mãos dos meus pulsos, envolvendo-as na minha cintura, enquanto me inspira. O seu perfume perfeito e amadeirado enche-me os sentidos, e eu afundo-me no seu abraço.

– Amo-te tanto, Seattle. – Ele levanta a cabeça para poder olhar-me de cima a baixo. – Não quero prender-te. Às vezes sou um desastre, e consigo

entrar na minha própria cabeça... o Cay pode dizer-te. Penso demais nas coisas... ou não penso, sem qualquer meio-termo. Mas não quero pensar demasiado nisto, Rachel. Tu amas-me...

– Amo. Amo-te, Jake. Sou louca por ti.

– Ótimo – diz ele com um suspiro.

Mordendo o lábio, faço a pergunta que me está a comer viva.

– Mas tenho de saber... partilhar-me com o Caleb magoa-te?

Ele afasta-se, com os olhos arregalados.

– O quê? Não – rosna ele. – Foda-se, não! Ele é o meu melhor amigo, porra. Eu preciso dele na minha vida. E partilhar-te com ele é literalmente o melhor sexo que já tive. Não há um único osso no meu corpo que se arrependa de ter transformado esta dupla num trio, Seattle. Quero dizer, tu sentes o mesmo, certo Cay? – Ele olha por cima do ombro, e eu finalmente permito-me olhar para o Caleb.

O meu príncipe feérico de olhos escuros está ali, todo de preto, a ver-nos confessar o nosso amor um ao outro, e eu vejo os pedaços de si próprio, que ele ainda esconde nas sombras, a partirem-se. É a vez dele da Verdade ou Consequência. A quantidade de verdade que ele revela depende dele.

– O sexo é bom – murmura ele.

– É bom para ti, mas podia ser ótimo – digo eu. – Se parasses de nos esconder alguma coisa.

Jake olha para mim.

– O que é que queres dizer, Seattle?

– Quero dizer que o Caleb tem estado a jogar pelo seguro. Tem medo de nos mostrar o que realmente quer, tem medo de o pedir, tem medo que fujamos. Mas, na verdade, isso só faz dele cobarde.

O seu maxilar contrai-se com mais força enquanto ele olha para mim.

– Isso é verdade, Cay? – pergunta Jake. – Olha meu, eu sou novo nesta coisa de grupo. Se houver alguma coisa que eu esteja a fazer ou a deixar de fazer, só tens de me dizer.

Vejo o cintilar de sombras nos olhos de Caleb e uma ideia floresce na minha mente. Verdade ou Consequência, lembras-te? O Caleb é melhor a fazer do que a dizer. Com uma mão firme, empurro o peito de Jake para trás.

– Afasta-te, meu anjo.

Ele deixa-me empurrá-lo contra a bancada.

– O que estás a fazer?

Caleb está a perguntar-se o mesmo e os seus olhos escuros estreitam-se sobre mim.

– Verdade ou Consequência – respondo. – É a vez do Caleb.

Caleb cruza os braços sobre o peito.

– Lamento desiludir, mas não tenho segredos profundos e obscuros. Gosto de sexo. Gosto de viver aqui. Podes foder quem quiseses, Furacão. Não é da minha conta. Se queres alguém a esfregar loção nas tuas mamas naquele barco na Tailândia, eu sou o teu homem. Quando te fartares de me foder,

avisa-me.

As palavras dele ferem. Claro que sim. Ele quer que elas magoem.

– Sabes, para um Sagitário, tu dás um ótimo Escorpião – digo. – É pena para ti que eu seja um duplo Caranguejo. Seria preciso uma broca de petróleo em alto mar para perfurar a minha concha. Por isso, que tal deixarmo-nos de merdas e voltarmos à Verdade ou Consequência?

Os olhos dele brilham.

– Acabei de dizer que não tenho nada para oferecer.

– Diz-me que me amas.

Ele fica inacreditavelmente quieto, o seu olhar a desviar-se de Jake para mim.

– Não olhes para ele – digo eu. – Ele não te pode ajudar neste momento. Isso é entre nós dois, Cay. Olha para mim, e diz-me a verdade. Amas-me?

– Não consigo fazer isto – murmura ele, dando um passo atrás.

– Não consegues o quê? – desafio. – Não me consegues amar? Ou não o consegues admitir? Porque são duas coisas completamente diferentes. – Ele não diz nada, com o maxilar cerrado. – Usas a tua raiva como um escudo – digo, aproximando-me mais. – Estás zangado com o mundo pelas tuas oportunidades perdidas, com o homem que te bateu depois da jogada por ter destruído todos os teus sonhos, contigo próprio por não teres previsto isso. – As lágrimas ardem-me nos olhos. – Estás cheio de tanta raiva, Cay. Precisas de um escape para ela. Não consegues suportar tudo sozinho, por isso para de tentar. Deixa-me ajudar.

Ele abana a cabeça.

Eu engulo o nervosismo, mantendo-me firme.

– Amo-te, Caleb Sanford, e não tenho medo da tua escuridão. Terias de fazer muito mais do que partir um joelho e tornares-te alcoólico para dançares toda a noite com os meus demónios. Desafio-te a deixares-me entrar – provoco. – Ou... então deixa-o sair. Gostava de o conhecer. Acho que o Jake também o devia conhecer.

Os seus olhos brilham novamente e vejo-o a debater-se por dentro.

– Deixar sair quem? – pergunta Jake, com o olhar fixo em nós.

– Não sabes o que estás a pedir – diz Caleb com a voz baixa.

O meu coração acelera à medida que o meu âmagô se aperta com a necessidade, a antecipação de uma luta a crescer. Movendo-me rapidamente, agarro a tigela de esparguete meio comido de Jake e atiro-a à cabeça de Caleb. Ele esquiva-se facilmente e a tigela bate contra o armário, a porcelana estilhaça-se, o esparguete espalha-se no chão.

– Uau... – grita Jake. – Seattle, mas que raio?

– Não me provoques, Rachel – grita Caleb, apontando-me um dedo.

Eu não me viro. O Jake não é a minha prioridade neste momento. Caleb é quem está na mira para esta ronda de Verdade ou Consequência e eu estou a tentar. Dispo a minha *t-shirt* rasgada, deixo-a cair no chão e avanço em *topless* pela cozinha em direção a ele.

– Não faça isso – rosna Caleb.

Agarro-o pelo pescoço com as duas mãos e pressiono-me contra ele, agarrando-me à sua boca para derramar tudo o que tem dentro dele. As suas mãos envolvem-me, acariciando a pele nua das minhas costas. Dou um salto e ele apanha-me, as minhas pernas envolvem as suas ancas enquanto ele nos vira, colocando-me na borda da ilha.

A minha vagina aperta-se contra a virilha dele enquanto o beijo sem fôlego, perseguindo cada beijo e movimento da sua língua com uma provocação minha. Estamos a gemer na boca um do outro como animais esfomeados. Depois interrompo o beijo, empurrando-o com força para o fazer recuar.

Ele afasta-se, com as mãos nas minhas ancas. Ainda estou presa à sua cintura, com os tornozelos cruzados contra o seu rabo firme. Olho para ele. Os seus lábios estão rosados e inchados com os meus beijos, os seus olhos dilatados quase negros.

– Amas-me, Caleb? – murmuro, perscrutando-lhe o rosto. Preciso de saber. Isto não pode acontecer sem que eu saiba primeiro. Não consigo lidar com isso de outra forma.

– Sabes que sim – murmura ele.

Inspirando com força, levanto a mão e dou-lhe uma bofetada na cara. Com força.

Ele recua com um grunhido, o seu olhar volta a fixar-se em mim, os seus olhos são agora duas brasas.

– Ótimo – ofego. – Então fode-me como se me odiasses.

RACHEL

Caleb enfia os dedos no cabelo da minha nuca e dá um puxão forte, arrastando-me a cabeça para trás.

– O que é que acabaste de me dizer?

Eu sorrio.

– Disse para me foderes como se me odiasses. Vá lá, papá. Sabes que me queres despedaçar – provoco. – Obriga o Jake a assistir. Mostra-nos a ambos quem manda na nossa merda...

Ele cala-me com um beijo feroz, a sua boca dominando a minha, a sua língua enterrando-se profundamente. As suas mãos apertam os meus seios e eu arqueio-me contra ele, desesperada por mais. Ele começa a apertar-me e passa a beliscar-me os mamilos, apertando-os com o dedo e o polegar e torcendo-os até eu gritar e bater-lhe nas mãos. O ar frio arde e eu tremo com arrepios nos braços.

Jake dá um passo à frente.

– Pessoal, o que é que vocês...

Caleb grita, quebrando nosso beijo para olhar para ele.

– Queres ficar?

Jake olha de mim para Caleb, com o maxilar cerrado. E acena com a cabeça.

– Ótimo. Fica aqui ao meu lado e não digas uma única palavra – ordena Caleb, apontando para um lugar no chão.

Eu levanto uma sobrancelha, curiosa para ver o que acontece a seguir.

Lentamente, Jake dá um passo em frente, com o olhar quente enquanto nos observa. Consigo sentir a energia protetora a ferver em cada centímetro da sua pele. Tenho a sensação de que ele vai adorar ou odiar isto. Vamos descobrir rapidamente qual é, a julgar pela rapidez com que ele pode tirar

Caleb de cima de mim e dar-lhe um soco no queixo.

Volto a concentrar toda a minha atenção em Caleb.

– Vai lá, papá. – Deixando cair a minha mão entre nós, seguro a sua pila dura e aperto-a. – Faz o teu pior.

Ele agarra-me pelos cabelos e puxa-me para fora da bancada. Eu ofego, apoiando-me nele enquanto me ponho de pé. Ele empurra-me para a frente, os nossos narizes roçam-se, o seu hálito quente espalha-se pela minha boca.

– De joelhos, Furacão. As putas que gostam de ser fodidas ficam de joelhos e imploram por isso.

Oh, graças a Deus!

O demónio dele quer brincar. O meu sexo faz uma pequena dança enquanto eu caio ansiosamente de joelhos. A brincadeira acabou. Vou ser tão boa para ele.

E, em troca, ele vai derrubar estes malditos muros e deixar-me entrar finalmente.

– O que é que queres? – rosna ele.

– Quero agradecer-te – respondo, olhando para ele do meu lugar a seus pés. – Quero a tua pila. Por favor, papá.

Ele solta uma gargalhada sem humor.

– Pensas que vais ter a minha pila só porque a queres? Não é assim que isto vai funcionar, sua puta gananciosa. Além disso, tu não queres a minha pila. Só queres algo para te engasgares. Abre a boca.

O meu coração está a bater descompassadamente, o meu núcleo a apertar-se com a necessidade, e eu abro os meus lábios para ele.

Ele enfia dois dedos na minha boca.

– Chupa.

Um gemido suave escapa-me enquanto lhe chupo os dedos, usando a língua e os dentes para o provocar. Ele insere um terceiro dedo e eu agarro-o com a saliva a escorrer-me pelo queixo enquanto ele bombeia a mão ao seu próprio ritmo. Agarrando o meu cabelo com a mão livre, segura-me na cabeça e enfia os dedos mais fundo até eu me engasgar e ficar com os olhos a lacrimejar.

– Linda menina – murmura ele. – A tua boca está tão quente, tão molhada. E a tua rata? Estás molhada para mim, Furacão?

Eu aceno com a cabeça, pestanejando para conter as lágrimas. Ele está a chamar-me Furacão e eu agarro-me a isso. Vou deitar abaixo todas as suas muralhas. Que os meus ventos soprem, que as chuvas caiam. Este homem é meu. Vou puxá-lo para o olho da minha tempestade.

A minha garganta engasga-se com os seus dedos quando ele me força a abrir a boca. Solta rapidamente a mão, e eu ofego, recuperando o fôlego. As endorfinas correm-me nas veias, deixando-me com aquela sensação de zumbido. Estou embriagada com o seu domínio.

– Jake, ajoelha-te e verifica se ela está molhada – exige ele. – Vê se ela está a pingar para nós.

O meu estômago dá uma reviravolta de excitação quando Jake se põe de joelhos, o seu olhar a perscrutar a minha cara. Eu lanço-lhe um sorriso tranquilizador.

– Por favor, querido – murmuro, abrindo mais as pernas para ele.

Ainda estou a usar os meus calções de dormir e umas cuecas, mas Jake contorna-os facilmente, mergulhando a sua mão dentro da parte de cima, as pontas dos dedos roçando a minha vagina enquanto procura o meu centro molhado. Não consigo conter o meu gemido quando ele mergulha os dedos dentro de mim, arrastando-os para cima para circundar suavemente o meu clitóris.

– Então? – rosna Caleb.

– Ela está molhada – responde Jake, com a voz rouca.

– Quão molhada? Mostra-me.

Jake tira os dedos dos meus calções e levanta-os para o Caleb ver. Eles reluzem nas luzes brilhantes da cozinha.

– Deixa-me provar – ordena Caleb.

Jake levanta o braço mais alto, e eu observo, hipnotizada, enquanto Caleb leva os dedos de Jake à boca, chupando-os até ficarem limpos.

– Foda-se! – murmura Jake. Caleb solta-o e Jake deixa cair a mão para o lado, com o olhar vidrado de excitação descontrolada.

– Levanta-te, Jake. Tira a pila para fora.

Mantendo o meu olhar, Jake levanta-se. Faço-lhe outro aceno de cabeça tranquilizador e as suas mãos vão para as calças de fato de treino cinzentas, puxando-as para baixo das ancas. A sua pila dura salta livremente para a minha cara.

– Vês, olha para ti – Caleb rosna-me, puxando-me o cabelo para me chamar a atenção. – Olha como estás a salivar para provar a pila dele. Aposto que essa boca fode qualquer coisa. – O seu polegar roça no meu lábio inferior.

Respiro devagar e com firmeza, os meus joelhos começam a doer por causa dos azulejos duros da cozinha.

Caleb inclina-se para baixo.

– Queres engasgar-te com algo maior do que um par de dedos? – Eu aceno com a cabeça. – Fala.

– Sim – sussurro.

– Sim, o quê?

– Sim, quero a pila dele. Por favor, papá. Preciso de mais.

As suas narinas inflamam-se quando ele olha para o Jake.

– Ela está a pedir uma pila para se engasgar. Vais dar-lha? – Lentamente, Jake acena com a cabeça.

– Raios, também tu – rosna Caleb. – Palavras, Compton.

– Sim – murmura ele. – Quero dar-lha.

Caleb sorri, adorando claramente a sensação de controlo que ambos lhe estamos a dar. Será que o Jake já jogou estes jogos antes? Duvido. Não a este nível.

Caleb dirige a minha cabeça para a virilha de Jake.

– Chupa a pila do Jake, Furacão. Mostra-lhe o quanto gostas de ser preenchida. Uma puta tão boa para nós. Chupa-o bem fundo.

Eu obedeco avidamente, os meus olhos em Jake enquanto abro minha boca e provo sua ponta, provocando com a minha língua antes de ir mais fundo. Caleb mantém a sua mão no meu cabelo, guiando o meu ritmo. Com um gemido, Jake leva as mãos aos meus ombros, os polegares roçando a pele sensível do meu pescoço.

– Como é que a sentes, Jake?

– Como a porra do paraíso – murmura ele de olhos fechados e cabeça inclinada para trás.

– Furacão, gostas de lhe chupar a pila, não é?

Eu sussurro e aceno com a cabeça, a minha boca ainda em redor do seu pau.

– Já chega – rosna Caleb, empurrando-me para trás.

Os olhos de Jake abrem-se e ele olha para Caleb, o seu pau brilhante contorcendo-se com a necessidade. A minha vagina está a doer por ele. A gratificação atrasada é a parte mais difícil deste tipo de jogo, mas faz com que a eventual libertação seja ainda mais doce. Tenho a sensação de que o Caleb é o rei da sedução. Não sei se consigo aguentar.

– Olha para ti de joelhos – canta Caleb, acariciando-me o rosto. – Tão puta. Queres mais?

Aceno com a cabeça.

– Por favor, papá. Quero a tua pila. Quero fazer-te sentir tão bem.

– Então tira-a para fora.

Levanto-me sem hesitar, puxando os seus calções de desporto e deixando-os cair no chão à volta dos seus tornozelos. A sua bela pila está na minha cara, dura e orgulhosa. Os pinos prateados na parte inferior captam a luz da cozinha.

Ele fecha os punhos, segurando a sua própria base enquanto avança.

– Abre. Mostra-me o que essa boca bonita sabe fazer.

Abro a boca, olhando para ele, enquanto ele empurra a ponta entre os meus lábios. Provoco-o com a minha língua, deixando-a deslizar sobre os seus *piercings*. Mesmo contra a minha língua, a sensação é demasiado boa. Reprimos um arrepio enquanto o meu núcleo se aperta. Esta sensação de vazio está a enlouquecer-me. Não vou aguentar muito mais tempo.

Caleb geme, a sua mão suaviza-se no meu cabelo.

– Que porra de puta boa.

Ao lado dele, Jake murmura uma maldição.

Caleb fica tenso, puxando-me para fora.

– Tens alguma coisa a dizer? – pergunta com uma sobrancelha levantada.

Jake abana a cabeça.

– Acho que tens o fetiche de elogiar – provoca Caleb, com a voz

sombria e afiada. – Cada vez que lhe chamo puta boa, tu contorces-te na tua pele. Estás com ciúmes, meu anjo?

– Foda-se – murmura Jake com o seu pau a contorcer-se enquanto luta contra o desejo de tocá-lo.

Caleb está praticamente a cantar de galo quando estende uma mão e agarra Jake pelo cabelo, puxando-o para mais perto.

– Talvez queiras provar do remédio dela. É isso? Também queres ser meu submisso, Jake? Ambos sabemos que adoras receber ordens. Podias ser um menino tão bom para mim – ronrona ele, e agora Jake e eu estamos ambos a contorcer-nos. – Queres ganhar o teu prazer por uma vez na tua vida mimada?

Lentamente, Jake acena com a cabeça e a minha vagina está pronta para explodir em chamas.

Caleb sorri como o diabo em pessoa.

– Ótimo. Então fica de joelhos, porra.

– Oh, meu Deus! – murmura Jake, caindo de joelhos ao meu lado.

Caleb mantém uma mão na cabeça de cada um de nós, os seus dedos arrastando-se pelos nossos cabelos.

– Beija – ordena. – Jake, mete os teus dedos no sexo dela, mas não te atrevas a deixá-la vir-se. Mete-os lá dentro e aguenta. Se ela se contorcer nem que seja um centímetro, tu tiras, entendido?

Eu gemo de frustração enquanto Jake segura o meu olhar, a sua expressão vulcânica de calor. Com uma mão, Jake segura a parte de trás do meu pescoço e puxa-me para mais perto, beijando-me por todo o lado. Deus, os meus rapazes beijam tão bem. A sua outra mão entra nos meus calções e ele enfia dois dedos grossos dentro de mim. Mantém-nos quietos, tal como lhe foi dito, não me oferecendo nada. É o tipo de tortura mais perfeito.

Mas a sua língua não se detém. Está tão voraz como eu, reclamando com a sua boca desesperada toda a paixão que não me dá. As nossas mãos vagueiam enquanto nos agarramos um ao outro. Enquanto isso, Caleb mantém as suas mãos nas nossas cabeças, agarrando-se a nós. Quando a coisa começa a aquecer, ele separa-nos pelos cabelos. O nosso beijo quebra-se e estamos ambos a ofegar.

O Jake está tão duro que a ponta da sua pila está a verter. Há uma gota de esperma prestes a cair no chão e eu gemo, mordendo o lábio de necessidade.

Sem perder nada, a mão de Caleb aperta-se no meu cabelo.

– Apanha-o, querida. Agora, antes que seja desperdiçado.

Eu vou colocar a minha boca em Jake, mas Caleb segura-me. Em vez disso, estendo a mão, passando o dedo sobre a ponta de Jake, o esperma dele escorregadio na ponta do meu dedo. Levanto o dedo para a boca e estremeço quando Caleb puxa novamente o meu cabelo.

– O que pensas que estás a fazer? – rosna ele. – Isso não é teu. Ainda não mereceste o nosso esperma, puta gulosa. Dá-mo a mim.

O meu coração dá voltas enquanto levanto a minha mão no ar. Jake observa enquanto eu dou a Caleb uma gota do seu esperma. Caleb gira em torno do meu dedo, chupando-o.

– Hum, não sabes o que estás a perder, Furacão.

Agora é Jake que se contorce, com a mão a envolver a base da sua própria pila, incapaz de não lhe tocar.

– Estás a ficar ansioso, meu anjo? – provoca Caleb. – Queres mais?

– Sim – diz ele num suspiro. – Por favor – acrescenta, e eu penso que Caleb pode ter morrido e ido para o céu.

– Então sê o meu menino perfeito e chupa-me o pau.

Oh, meu Deus, é agora! O momento da verdade. O que quer que estivéssemos a fazer antes, este é o verdadeiro momento de Verdade e Consequência. Fico à espera, a ver o Jake decidir o que vai fazer. Ele olha para mim, desesperado por orientação. Parece tão nervoso, tão inocente, quando eu sei que ele é tudo menos isso.

Mas este é um território novo para ele. Eu nem preciso de perguntar. Jake nunca chupou um pau antes na sua vida. Nunca quis... até agora.

– Eu estou bem aqui, meu anjo – murmuro, oferecendo-lhe o meu consentimento, embora ele não precise dele.

– Que raio de inferno! – Ele mexe-se um pouco, virando-se para encarar Caleb, enquanto estende as duas mãos, tentando colocá-las nas ancas de Caleb. A pila dura do Caleb está mesmo na sua cara, com a ponta a pingar.

Eu olho para cima, vendo o desespero nos olhos de Caleb, o desejo, a necessidade crua.

Jake geme e sua cabeça inclina-se para cima.

– Eu nunca fiz isto, Cay. Eu não...

E é aí que o meu coração cresce mais dois tamanhos. Ele não quer fazer isto mal. Ele quer que isto seja bom para o seu melhor amigo. Eu aproximo-me e coloco a minha mão à volta do pulso de Caleb, silenciosamente fazendo a minha exigência. Ele está tão em sintonia comigo, lendo a minha linguagem corporal. Ele deixa-me ir, a sua mão cai para o lado.

– Deixa-me mostrar-te, meu anjo – digo, avançando e envolvendo o meu braço à volta da cintura de Jake. Beijo-lhe o ombro, sorrindo-lhe.

– Vamos levá-lo juntos. Trabalho de equipa, certo? – acrescento com uma piscadela.

– Sim... trabalho de equipa.

O peito de Caleb está a tremer e ele fica parado, observando-nos de joelhos diante dele.

– Segura-o na base – digo com um aceno de cabeça.

Jake desliza sua mão direita do quadril de Caleb e coloca-a em redor da base do pénis de Caleb.

Caleb geme e eu sorrio. Como a situação se inverteu rapidamente para ele. Mas ele está prestes a ter um dos melhores orgasmos da sua vida, então é melhor não reclamar. Acho que não consigo deixar de me sentir superior,

mesmo estando por baixo.

– Queres começar com uma provocação – explico. – Lambe a ponta e depois chupa-a. Assim. – Depois estou a demonstrar, chupando a ponta da pila furada do Caleb enquanto o Jake a segura com firmeza. Eu saio de cima dele com um sorriso, inclinando-me para beijar o canto da boca de Jake. – Agora tenta, meu anjo. Leva o nosso Cay à loucura.

Ele sorri, envolvendo a sua mão livre na minha cintura. Depois, vira-se para o Caleb e chupa-lhe a pila.

CALEB

A boca do Jake está na minha pila e eu fui para o céu. Isto é a morte e eu morri. Deve ser o paraíso porque a Rachel também está aqui. Estão os dois de joelhos, e ela está a ensiná-lo a chupar-me como um campeão.

Este mulherão. Esta deusa. Ela dá-me a volta, dá a ambos. E de joelhos. E agora estou morto outra vez. É isto. Estou feito. Eu sigo-a para qualquer lado. Estou todo lixado.

– Isso é tão bom, meu anjo – murmura ela para o Jake, a mão em redor do seu pénis, acariciando-o enquanto ele me chupa. A língua dele é quente e molhada e é tudo o que posso fazer para me manter de pé. – Leva-o mais fundo – murmura ela, com a outra mão no cabelo dele, acalmando-o como ela sabe que ele precisa. – Relaxa a tua garganta e deixa-o deslizar sobre a tua língua. Hum... assim mesmo.

Oh, meu Deus! Ela tem de parar de falar ou eu rebento. Não posso deixar que o meu primeiro broche do Jake Compton acabe em sessenta segundos. Tenho de abrandar isto. Tenho de durar.

– Estás a ir tão bem – declara. – Olha para ti a levar o meu Cay. Faz-lhe um carinho nos tomates, querido. Tu sabes como gostas. Dá-lhe um apertãozinho.

Oh, meu Deus... eu não posso... oh, foda-se...

E depois a mão dele está mesmo ali. Jake Compton está a segurar os meus tomates e a chupar a minha pila.

– Ele está a perder o controlo – provoca ela, com a sua mão livre acariciando a minha perna. – Se não tiveres cuidado, ele vai explodir a sua carga quente na tua boca.

– Foda-se, vou sim! – rosno, encontrando finalmente as minhas palavras. – E o meu bom menino vai engolir tudo. Vou encher-te tanto.

– Não, não vais – contrapõe ela. Ela inclina-se, murmurando suavemente ao ouvido de Jake. – Vais deixá-lo explodir na tua boca, meu anjo. Mas não vais engolir. Acena com a cabeça para dizer que concordas.

Jake geme e eu sinto a vibração a zumbir no meu pau. Acho que não consigo suportar isto por muito mais tempo. Ele está a acenar com a cabeça em torno do meu pénis, e é isso. Estou feito, porra! Enfio a minha mão no seu cabelo e empurro uma vez com as minhas ancas. Ele rosna à volta da minha pila, olhando-me de relance, não gostando da intrusão, mas eu empurro outra vez. Ele agarra-me pelas ancas com os dedos apertados controlando o ritmo para que eu não o possa sufocar como quero. Por mim tudo bem. Ele pode fazer o que quiser, desde que me deixe vir na sua boca.

– És um menino tão bom – murmuro, dando-lhe o elogio que ele merece. – Olha para ti de joelhos para mim. Tão bonito, tão poderoso. Estás a chupar-me como um sonho, querido. Meu Deus, és tão talentoso.

Ele está a gemer à volta da minha pila e eu quero que esta sensação dure para sempre.

– Tu és o meu dono agora – digo-lhe. – Tens todo o controlo. Sou teu, Jake. Acaba comigo, porra. Toma. Toma tudo.

Com um grunhido, ele estende a mão e dá-me uma palmada no rabo e, santo Deus, estou a vir-me com tanta força que vejo estrelas. Eu grito, todos os meus sentidos se afundam enquanto Jake Compton deixa a sua boca encher-se com o meu esperma quente, engasgando-se enquanto luta contra a vontade de engolir.

Estou a tremer, a minha mão a apertar-lhe o cabelo enquanto me liberto. Abro os olhos e vejo os meus dois amores de joelhos diante de mim. A Rachel está a olhar-me com lágrimas nos olhos. Ela fez com que isto acontecesse por mim. Ela ainda não me delatou, mas sabe o que eu quero, e conhece o Jake suficientemente bem para acreditar que eu posso vir a tê-lo.

Nunca nos meus sonhos mais loucos pensei que estaria nu na cozinha do Jake, com as mãos nos dois amores da minha vida, a receber todo o prazer que eles me dão. Não consigo entender isto. Não consigo...

– Oh, foda-se! – murmuro, porque o Jake está a afastar-se de mim, com o peito a arfar, os olhos negros dilatados enquanto se vira para Rachel. O meu esperma escorre-lhe pelo queixo.

– Cospe-o na minha boca, meu anjo – murmura ela, passando a mão pela bochecha dele. – E depois levanta-te e deixa-me chupar-te com o seu esperma.

É possível morrer quando já se está morto? Porque eu acabei de levar outra flechada na porra do peito.

O Jake transforma-se numa espécie de animal feroz, agarra-a pelos cabelos e encosta a boca à dela. Eu vejo, estupefacto, o Jake cuspir o meu esperma na boca dela. Ele afasta-se dela, ofegante, limpando a boca com as costas da mão enquanto se põe de pé. Estica a mão e apoia-se no meu antebraço para se equilibrar e fica agarrado a mim enquanto ela olha para nós,

nua e linda com uma confiança transbordante.

Eu sou novamente atingido por esta verdade espantosa: eu seguiria esta mulher se ela se atirasse de um penhasco. Ela quer ir velejar para Phuket? Eu construo o raio do barco. Ela quer dançar nua numa fonte? Eu fecho um quarteirão de Roma e dou-lhe a piscina. A minha Rachel consegue o que quer. Ela quer que o Mars Kinnunen a foda com a sua pila de dragão? Quero dizer, vou ficar a ver, porque, porra, se aquele tipo tiver a mínima ideia do que fazer com aquele equipamento, vai desfazê-la viva. E eu quero ver isso. Vou masturbar-me com isso. Vou estar no cu dela enquanto ele lhe come a vagina, com aquela pila monstruosa a apertá-la tanto que mal consigo respirar.

A verdade sóbria é que não me interessa. Ela pode foder o Mars. Raios, ela pode foder a equipa toda. A escolha é dela. Seja como for, ela é minha. O Jake é meu. Eles não vão a lado nenhum, e eu também não. Tenho tudo o que alguma vez vou desejar ou precisar aqui mesmo nesta cozinha.

Observo a Rachel inclinar-se para a frente, de joelhos, com as mãos a segurar as ancas de Jake e a chupá-lo profundamente.

– Oh, querida. Foda-se! – geme, com as mãos no cabelo dela, segurando-a carinhosamente enquanto ela desliza para cima e para baixo no seu eixo, usando o meu esperma como lubrificante.

– Olhem para vocês os dois – murmuro e abro o meu coração. – Amo-vos. – E as palavras saem de mim sem pensamento consciente. – Amo-vos tanto. Eu morro sem vocês. – Aproximo-me mais, com as mãos nos ombros de cada um deles. – Nunca me deixem para trás – sussurro, dando aquilo que nunca esperei dar. Caramba, isto é inebriante. – Sejam extraordinários juntos, enfrentem o mundo, mas deixem-me ir também.

A Rachel geme à volta da pila de Jake, a sua mão esquerda deixa a anca dele para se agarrar à minha. Jake solta o cabelo dela e a sua mão desliza à minha volta para acariciar as minhas costas. Com os três a tocarem-se, Jake inclina a cabeça para trás e vem-se na boca dela, com a mão agarrada ao meu ombro a estremecer.

Rachel tira a boca da pila do Jake. Lentamente, ela levanta-se. Está nua e é de tirar o fôlego. Forte por dentro e por fora. Todos nós sabemos quem realmente manda nisto. De pé, como uma rainha, com os olhos vidrados de luxúria, ela respira pesadamente pelo nariz. Levantando as duas mãos, ela estala os dedos e aponta para o chão num comando silencioso.

O Jake e eu caímos de joelhos. Eu tenho de compensar, só tocando no chão com o meu joelho esquerdo, o meu joelho direito dobrado como se estivesse num jogo de futebol.

Ela agarra os nossos queixos e inclina-os para cima, o comando silencioso nos seus olhos. Eu não hesito, porra. Abro a boca e ela inclina-se com um sorriso, cuspidando a mistura do nosso esperma na minha boca. Engulo com um gemido, deixando o sabor salgado cobrir-me a língua. Sou eu e é o Jake. É ela. Somos nós os três juntos. O começo de algo completamente novo.

Ela vira-se para o Jake com um sorriso, e ele também não hesita, abrindo

a boca enquanto ela paira sobre ele, deixando o esperma escorrer para os seus lábios expectantes. Jake engole, lambendo os lábios com um gemido suave. Ela engole o resto. Depois passa uma mão pelo nosso cabelo ao mesmo tempo e sorri.

– Que belos rapazes – diz ela. – Tão bonitos de joelhos para mim.

A surpresa deve ser evidente na minha cara, porque ela dá uma pequena gargalhada e sorri como uma rainha triunfante. Quando começámos esta cena, eu estava no comando. Agora estou de joelhos e estou a adorar, pronto para implorar por mais.

Ela passa os dedos pela minha bochecha, espelhando o movimento em Jake.

– Agora... quem vai ser o primeiro a levar-me lá para cima e foder-me o cu até eu gritar?

Não nos conseguimos pôr de pé suficientemente depressa.

RACHEL

Viajar sem ser vista com Mars Kinnunen é mais difícil do que parece. O homem é um *viking* de 1,95 m, com tatuagens e barba. Destaca-se em qualquer multidão, independentemente do seu estatuto de atleta profissional. Quando nos deslocamos pelo aeroporto todos os olhares convergem para nós sem sequer ser necessário saber-se que ele é um dos melhores guarda-redes da NHL.

E, aparentemente, a sua ideia de um disfarce à Clark Kent é usar óculos de sol com o cabelo solto. Nunca o tinha visto usar o cabelo solto. É espesso e tem volume, uma juba de leão loira pendurada mesmo acima dos ombros. Termina o *look* com um par de calças pretas com corte no tornozelo e uma *t-shirt* cinzenta que lhe cobre todos os músculos. O homem transpira riqueza e sofisticação sem esforço.

Entretanto, eu estou quase a correr ao lado dele com o meu uniforme de calças de ioga de cintura alta, *top* curto e chinelos pretos baratos. Tanto faz, é o aeroporto. Não sabia que o código de vestuário para a viagem era estilo *GQ* casual. Agarro-me com mais força à alça da minha mala de viagem.

– Porque é que estamos com pressa?

Ele olha para mim, abrandando até parar. Não consigo ver os seus olhos por detrás dos Ray-Bans escuros.

– O quê?

Solto um suspiro, afastando os cabelos escuros despenteados do meu rosto. As pessoas passam por nós a um ritmo mais descontraído, carregando sacos e correndo atrás de crianças.

– Há algum incêndio ou algo que eu não saiba? Estás a correr para a casa de banho antes de teres um acidente?

As suas sobrancelhas loiras erguem-se por detrás das armações dos

óculos de sol.

– O quê?

– Meu Deus, abrande, Mars – suspiro, desistindo das piadas. – Não consigo acompanhar o teu ritmo. Parecemos um pônei em miniatura a perseguir um Clydesdale.

– O quê? – diz ele pela terceira vez, com os lábios franzidos de perplexidade.

Eu solto uma gargalhada.

– Esquece – digo, afastando-o com um gesto. – À vontade, Kinnunen. De qualquer forma, temos os nossos próprios bilhetes. Encontramo-nos na porta.

– Queres que eu vá sem ti?

– Bem, é inevitável se vais andar tão depressa! – Vejo que finalmente se apercebeu.

– Oh! – diz ele. – As minhas desculpas.

Caramba. Acabámos por chegar lá, acho eu.

– Eu só estava a andar – acrescenta ele.

– Sim, bem, continua a andar – digo eu, apontando para o terminal. – Não te preocupes comigo, Mars. Vai andando, que eu já te apanho.

– Mas eu quero andar contigo.

Ele diz isso tão suavemente, que até o podia ter imaginado. Antes que eu possa responder, um trio de rapazes vem por trás de nós, com as suas malas.

– Merda, malta, o que é que eu disse? – diz o grandalhão da frente. – É o Mars Kinnunen. Meu, és fantástico!

Ilmari fica rígido por breves momentos antes de se transformar. É como se eu tivesse entrado num armário para mudar de roupa e saísse Mars, o guarda-redes da NHL. Exibe um sorriso estranho e falso que não lhe chega aos olhos, e agradece aos rapazes, assinando algo para cada um deles e deixando-os tirar uma fotografia com ele.

Durante todo o tempo, ele não me deixa sair do alcance do seu braço. Tentei duas vezes, mas de ambas as vezes ele apenas estendeu a mão, colocando-a à volta do meu braço para me manter por perto. Quando os afasta educadamente o seu aperto no meu braço relaxa.

– É por isto que tenho de andar depressa – murmura. – Eles não me param quando ando depressa.

Aceno com a cabeça, compreendendo o seu dilema. Quantas vezes não atravessei um aeroporto a correr ao lado do meu pai, com os nossos casacos puxados para cima para impedir uma foto de um *paparazzi*? Pego na minha mala e coloco a alça por cima do ombro.

– Muito bem, grandalhão. Vamos a isto.

Arrancamos, ele a andar depressa nas suas pernas de girafa, e eu a correr ao seu lado.

O embarque já começou quando chegamos à porta.

Mars verifica o seu bilhete, levantando os óculos de sol para o cimo da cabeça.

– Embarque para todas as filas, todos os passageiros, para o voo 1647 com destino a Cincinnati, com partida da porta C5. – Ouve-se o alerta do agente da porta de embarque através do intercomunicador.

– Somos nós – digo eu, tirando o meu próprio bilhete do bolso da frente da minha mala.

Ele leva-nos até ao balcão e fazemos o *check-in*. Não me passa despercebida a forma como as pessoas que circulam à volta da porta de embarque olham abertamente para nós. Algumas levantam os telemóveis, tirando fotografias enquanto ele está de costas. Dou um passo atrás instintivamente, mantendo o meu olhar afastado das lentes das câmaras.

A agente da porta de embarque pega no seu bilhete e passa-o pelo *scanner*.

– Obrigada, senhor Kinnunen. Fica no lugar 2A.

Ele murmura uma palavra de agradecimento e passa por ela em direção à ponte de comando.

A seguir, ela examina o meu bilhete.

– E a senhora Price fica no lugar 17B.

– Obrigada – murmuro. – Tudo bem – declaro, juntando-me a ele à porta.

Subimos para o avião. Ele vai para a sua fila da classe executiva, deslizando para o lugar à janela.

– Vemo-nos quando aterrarmos – digo eu alegremente, já a enfiar um auricular na minha orelha esquerda.

– Espera... o quê? – rosna ele. – Rachel!

Faço uma pausa, olhando para ele por cima do ombro.

– Sim?

– Onde é que vais? – Ele está a olhar para mim como se eu fosse louca.

O sentimento é mútuo e encaro-o também.

– Para o meu lugar, Mars. É uma coisa que se faz nos aviões – acrescento. – Vá lá, devias saber isso melhor do que ninguém.

Ele não retribui o meu sorriso. Não, de facto, ele parece irritado. As suas sobrancelhas loiras estreitam-se sobre os olhos azuis profundos.

– Porque é que não estás sentada na classe executiva?

– Porque comprei estes bilhetes literalmente à última da hora. Vamos aterrar dentro de noventa minutos – acrescento com um encolher de ombros indiferente. – Mal dá tempo para nos pormos à vontade.

Perante o seu olhar de suprema irritação, não posso deixar de revirar os olhos. Ele também quer que eu me sente ao lado dele neste voo. A sério?

– Não podes usar a tua carta de guarda-redes num voo comercial, Kinnunen. E não é nada de especial, está bem? Vejo-te daqui a pouco.

As pessoas estão a amontoar-se atrás de mim, por isso, apresso-me a

seguir pelo corredor, não lhe dando hipótese de responder enquanto procuro o meu lugar.

ILMARI

«Não é nada de especial», diz ela. Mas a verdade é que é muito importante. Tenho as palmas das mãos a suar por saber que ela está neste avião mas não ao meu lado. Eu quero a Rachel ao meu lado. Eu quero a Rachel.

O 2B ainda está vazio. Porque é que ela não pode vir para aqui? Pagarei com todo o gosto. Quando me aproximo do botão de chamada da assistente de bordo, surge um homem na esquina e eu sei que está prestes a sentar-se no lugar vazio. É um homem de negócios: polo, cabelo penteado para trás, relógio Rolex.

Olha diretamente para mim, ignorando-me enquanto se senta no lugar da Rachel.

– Pois. Não, Chuck, eu disse para dizeres ao Danny que envie as especificações na sexta-feira.

Ele está ao telefone, a falar alto para o auricular. Entretanto, sinto-me como se estivesse a rastejar para fora da minha pele. Quando eles fecharem a porta e o avião começar a andar, não há nada que eu possa fazer.

– Eu disse-te que eles iam tentar. Sim.

O meu companheiro de lugar aceita uma bebida da assistente, sem sequer olhar para ela. Eu aceno-lhe educadamente para ela se afastar.

– Bem, diz ao Danny que eu trato disso quando voltar.

Com um gemido, inclino-me.

– Desculpe...

– Sim... – Ele vira-se para olhar para mim, com as sobrancelhas escuras franzidas de aborrecimento por ter sido interrompido. – Sim... espera, Chuck. Não... espera aí, Chuck. Posso ajudá-lo? – pergunta-me ele.

– A minha companheira de viagem e eu ficámos separados – explico. – Estaria disposto a trocar de lugar com ela?

Ele olha em redor.

– Ela está na classe executiva?

– Não.

– Então não, amigo... Sim, Chuck, ainda estou aqui... – A minha ansiedade começa a aumentar mas ele continua a falar para o telemóvel.

– Pago-lhe quinhentos dólares para se mudar – digo, interrompendo-lhe novamente o telefonema.

– Espera aí, Chuck – resmunga ele. – Meu, qual é o seu problema? – dirige-se a mim.

– Eu disse que pago para trocar de lugar com ela – repito. – Quinhentos dólares em dinheiro.

Ele zomba.

– Olhe, meu caro, eu ganho quinhentos dólares à hora. É um voo curto. Se está assim com tanta tesão, vá comê-la na casa de banho.

Os meus ombros ficam tensos de imediato. Não gosto que ele fale assim da Rachel. Se fosse um jogador, teria acabado de levar um murro no queixo. Mas isto não é hóquei. Tenho de falar a língua que ele entende.

A assistente de bordo pede-lhe pela segunda vez para desligar a chamada. Estou a ficar sem tempo. A qualquer momento dirão que temos de partir.

– Dou-lhe mil dólares para se mudar – proponho, falando por cima dele pela terceira vez.

– Jesus... não, parvalhão – diz ele. – Continue a incomodar-me e mando-o expulsar deste voo.

Engolindo o meu grito de frustração, pego na minha mala que está debaixo do assento.

– Então mexa-se.

– O quê?

– Deixe-me sair. Mexa-se.

– Olha, tenho de te ligar quando aterrar, Chuck. O tipo ao meu lado está a ser um grande idiota. – Ele desaperta o cinto de segurança e levanta-se.

– Senhor, tem de se sentar. Estamos quase a partir – diz a assistente de bordo.

– Diga isso a este tipo – diz ele, apontando o polegar na minha direção.

– Senhores, têm de se sentar os dois – repete ela.

Mas eu não estou a ouvir. Passo pelo idiota e sigo pelo corredor até à classe económica, os meus olhos examinam os lugares à procura da Rachel.

A assistente segue atrás de mim.

– Senhor, tem de regressar ao seu lugar...

Avisto a Rachel. Ela está a olhar para o telemóvel, provavelmente a enviar uma mensagem à sua amiga ruiva e atrevida.

– Senhor, já disse que tem de se sentar... Senhor!

Aproximo-me da fila da Rachel e ela vê-me e arregala os olhos.

– Mars, o que estás a fazer?

Está um jovem sentado ao lado dela. Usa um boné de basebol ao contrário e uma *t-shirt* dos Buffalo Sabres. Os seus olhos ficam tão arregalados como os da Rachel quando me vê aproximar.

– Uau... caramba! – grita ele, sorrindo como um parvo. – Mars Kinnunen? A sério?

Rachel geme.

– Olá – digo para o seu companheiro de lugar. – Queres sentar-te na classe executiva?

– Mars, isto é ridículo – exclama Rachel, e o miúdo olha para nós e diz:

– Uh...

– Senhor, por favor, sente-se no seu lugar – diz novamente a assistente de bordo. – Agora. Ou será expulso do voo.

– Este é o meu lugar – digo eu, apontando para o miúdo. – Ele vai para o 2A.

– Oh, meu Deus! – murmura a Rachel, abanando a cabeça.

– Quero dizer... sim, claro – diz o miúdo, desapertando o cinto de segurança. – Ei, posso tirar uma foto contigo rapidinho?

– Senhores, procurem os vossos lugares agora – ordena a assistente.

O miúdo levanta-se do assento estreito, sem medo das ameaças dela, saca do telemóvel e inclina-se para tirar uma *selfie* comigo.

Eu sento-me, curvando a minha grande estatura no espaço impossivelmente estreito.

– Jesus, Mars – murmura a Rachel. – Estás feliz agora? – Estou mais feliz, sim.

– Ai... meu Deus... segura-te, árvore grande. – Ela dá-me uma cotovelada forte, enquanto levanta o apoio de braços entre nós. Isso dá-nos dois centímetros extra. – Foi por isso que te arranjei o lugar em classe executiva. Os jogadores profissionais de hóquei não foram feitos para viajar em económica.

Eu agarro na extremidade do meu cinto de segurança.

– Mars, para de me agarrar o rabo.

– Então dá-me o cinto de segurança – murmuro, tirando-o debaixo da perna dela. Faço o meu melhor para não a acotovelar de forma demasiado agressiva durante o processo.

– Meu Deus, ainda só passou uma hora desta viagem e já estás decidido a dar comigo em doida – murmura ela, afastando-se de mim enquanto eu aperto a fivela.

O avião começa a mover-se e as assistentes de bordo iniciam a demonstração de segurança. Acomodo-me no meu lugar, soltando um suspiro baixo.

– Mars, por que raio fizeste isso? – murmura Rachel, com os seus olhos castanhos-escuros a observarem-me, todos salpicados de dourado.

– Porque queria sentar-me ao teu lado – respondo. Agarro na mão dela, entrelaço os nossos dedos e equilibro-os no meu joelho. – Ninguém se senta

ao teu lado a não ser eu, Rakas.

– Rakas? – repete ela com uma sobranceira levantada. – O quê... isso é finlandês para Rachel ou algo do género?

– Não.

Ela não tentou tirar a mão, o que considero um bom sinal. Não faço ideia do que raio estou a fazer. Ilmari Kinnunen é uma pessoa normalmente metódica. Eu observo e espero. Pondero as minhas opções. Mas com a Rachel Price, não há um plano. Eu simplesmente ajo.

Neste momento, aquilo que estou a fazer é segurar a mão dela. E sabe muito bem.

Ela está a olhar para mim com aqueles olhos escuros a perscrutar-me, a conhecer-me. Não consigo tirar esta mulher da minha cabeça. Estou a tentar há dias. Semanas. Tudo em mim me diz para me afastar. Ela é a minha médica. Pedir mais seria pouco profissional. E eu sou um bom profissional. Faço o meu trabalho. Dedico-me. Deixo tudo no gelo. Não deixo as emoções toldarem-me o pensamento.

No entanto, aqui estou eu, a apanhar um avião no meu dia de folga, porque ela me pediu. A viajar para uma cidade estranha para me encontrar com um médico que não conheço, porque ela confia nele para me ajudar. A oferecer mil dólares a um homem para mudar de lugar porque não posso estar no sítio onde ela está e não estar ao seu lado.

E agora estou a segurar a mão dela e ela está a deixar-me. Não me atrevo a olhar para baixo. Não me mexo. Apenas respiro. Ao lado dela. A mão dela é tão pequena na minha. Luto contra a vontade de me inclinar, baixando o meu rosto para o sítio do seu pescoço onde sei que o seu cheiro é mais doce.

Que perfume é que ela usa? O cheiro é suave e quente. Faz-me lembrar o líquen das rochas que aquecem ao sol num dia de verão. Coloco a mão sobre a dela e sinto um calor que não queima, mas que se infiltra na pele e que aquece na mesma.

– Mars? – diz ela novamente, com a mão livre a percorrer a pele do meu braço. – Estás bem?

– Não – respondo, dizendo-lhe a verdade.

Não estou bem. Nada está bem. Estou em guerra comigo mesmo. Parte de mim quer soltar a minha mão e afastar-se. Chega de Rachel Price. Quantas vezes já o disse? Isto tem de ter um fim. Tenho de colocar distância entre nós. Mas a ideia da distância dói-me como dor física. Chega de distância. Eu quero estar mais perto. Quero tocá-la. Quero arrastá-la pelo corredor deste avião e fodê-la na casa de banho. Quero que nos afundemos no chão, completamente esgotados, com o meu esperma a escorrer-lhe entre as pernas. Vou envolvê-la nos meus braços e abraçá-la com força, afastando o resto do mundo.

Ela suspira, recostando-se no seu assento.

– Sim... também estou nervosa – admite, apertando-me a mão. – Mas não faz mal. Vamos ultrapassar isto juntos, sim?

Ela acha que estou preocupado com os exames. Ela acha que estou

preocupado que sejam graves, que eu fique de fora durante a época e perca a oportunidade de participar nos Jogos Olímpicos de Inverno. Eu estou preocupado. Claro que estou. Mas o que é que se passa comigo que agora estou mais preocupado que os exames sejam bons?

Sem isso para nos unir, não temos nada. Sem ela a preocupar-se com a minha saúde física, não tenho nenhum ponto de ligação com Rachel Price. Não há razão para telefonar, não há razão para a procurar. Terei de a ver afastar-se, dando toda a sua atenção a outros jogadores.

Saatana, fico zangado só de pensar nisso. Não posso vê-la rir-se com outro homem ou partilhar os seus sorrisos enquanto ele namoriska descaradamente com ela. Já estou muito perto de matar o Compton. Ele olha para ela como se a tivesse visto nua. Eu vi-os juntos. Ele é tão óbvio nas suas intenções, na forma como arranja desculpas para lhe tocar quando passa por ela. Ele também a quer.

Finalmente permito-me olhar para as nossas mãos unidas. Ela não tentou afastar-se nem uma única vez. Deste ângulo, consigo ver as tatuagens no interior do seu antebraço. Uma delas é uma guitarra elétrica com uma assinatura tatuada ao longo do braço. Parece que gosta de tatuagens. Gosta de falar sobre elas. Talvez ela fale comigo...

– O que é que esta significa? – murmuro, com o dedo da minha mão livre a passar por cima da assinatura.

Ela olha para baixo e sinto-a estremecer ligeiramente ao meu toque.

– Oh, hum... bem, este é o modelo favorito da Gibson Les Paul do meu pai – explica ela. – E esta é a assinatura dele – acrescenta, passando com o dedo sobre as letras irregulares.

– Ele é músico?

Ela luta contra um sorriso.

– Sim, Mars. Ele é músico. – E vira-se para me encarar diretamente. – Na verdade, o meu pai é Halston Price. Ele é o vocalista da...

– Dos Ferryman – termino por ela.

O seu sorriso acentua-se.

– Sim... conheces?

Conhecer? Os Ferryman são a minha banda de *rock* favorita. Cresci a fazer exercício ao som da música deles. Já os vi em concertos em diferentes locais da Europa mais de uma dúzia de vezes. Rachel Price é a filha de Hal Price. Como é que nunca percebi isso?

– Ouve, Mars. – Ela mexe-se no seu lugar. – Há outra coisa que tenho andado para te dizer. Algo que acho que é justo que saibas antes de... antes de aterrarmos – termina ela.

Ambos sabemos que não foi assim que ela terminou a frase na sua mente.

– Conta-me – digo eu, sem lhe largar a mão.

– Estou com o Jake Compton – diz ela num fôlego, com os olhos escuros arregalados e esperançosos para mim. – Estamos juntos, Mars.

Os seus dedos parecem gelo na minha mão quando me afasto, deixando a sua mão aberta em cima do meu joelho. Ela está com o Compton. Estão juntos. E agora tudo faz sentido. Ele ri-se com ela, provoca-a, olha para ela como se a tivesse visto nua... porque viu. Jake Compton beija a Rachel. Ele come a minha Rachel. E, de repente, o meu mundo desmorona-se. Ela foi conquistada. Claro que sim. Ela nunca iria ser minha. Eu estava a iludir-me.

– Mars...

– Está tudo bem. – Passo uma mão calejada pelo meu rosto, acariciando a barba. – Não é da minha conta. Por favor, não vamos discutir isso.

– Acho que é da tua conta – responde ela. – Tu mereces a verdade, Mars. Não quero esconder nada de ti, nem enganar-te quando não posso oferecer-te o que queres.

Por que raio é que ela ainda está a falar?

– E o Jake e o Caleb concordam comigo – continua ela. – Tu mereces ter todos os factos. Se achas mesmo que estás interessado em mim, é melhor saberes em que raio te estás a meter. Porque não te posso oferecer exclusividade e os rapazes têm quase a certeza de que isso será um obstáculo para ti. Sabes, por causa daquela coisa de os guarda-redes trabalharem sozinhos...

– O Caleb? – pergunto, interrompendo-a. – O do equipamento? Tu e o Compton falaram com ele sobre mim?

Ela acena com a cabeça, mordendo o lábio inferior enquanto mantém o meu olhar.

– Sim... porque essa é a outra coisa. Eu estou mais ou menos com o Caleb também.

RACHEL

Isto é um desastre. Meu Deus, porque é que eu fiz isto? Porque é que tentei ter esta conversa agora, no meio de um avião cheio de gente?

Porque, se não o fizesses, ias começar a beijá-lo aqui mesmo, no assento, diz-me a voz sarcástica na minha mente.

Ela não sabe de nada. Estou totalmente em controlo. Não é que eu tenha estado aqui sentada, com o coração acelerado, a memorizar a forma da boca do Ilmari quando ele fala. Não estou a segurar a mão dele com as nossas pernas a roçar de joelho em joelho e a pensar se ele vai reparar se eu apoiar a minha bochecha no seu ombro e o respirar.

Sim, estás.

Oh, porra! Estou mesmo. Não sei o que se passa com este homem, mas ele transtorna-me completamente. A sua força inspira-me, a sua calma deixa-me curiosa. O que acontece por detrás das suas grossas paredes exteriores? Quem é Ilmari dentro das defesas que usa? O homem é um guarda-redes vivo, que respira e que literalmente nunca está parado. Está sempre a afastar tudo e todos. Deve ser cansativo. E solitário.

Talvez seja apenas a minha teimosia, mas quero rematar à sua baliza. Mas quanto mais contacto temos, quanto mais sei sobre ele, mais hesito em rematar. Porque tenho um forte pressentimento de que, se entrar na rede deste homem, não vou conseguir sair outra vez.

O Caleb chama a isto uma operação de reconhecimento. Tenho perguntas e preciso de respostas. Trata-se apenas de atração física? Ou é mais do que isso? Acho que ele e o Jake ainda veem o Mars como o guarda-redes excêntrico. Veem o seu silêncio e os seus tiques e acreditam que, para ele, isto é só sexo. Ele quer-me a mim e eu quero-o a ele, e ambos nos sentiremos melhor quando o tirarmos do nosso sistema.

Uma noite selvagem.

Agora já não tenho tanta certeza.

Mas eu tinha de lhe dizer. Os rapazes e eu concordámos. Não podia dar um passo em frente com o Ilmari se ele não soubesse a verdade sobre nós. Não seria justo para todos. Pelo menos ele vai ser discreto. Se há uma única pessoa nos Rays em quem posso confiar para saber o nosso segredo e não o espalhar por aí, é Ilmari Kinnunen. Ele não contará a ninguém.

Mas agora o seu olhar dá-me vontade de recuar. Ele está a afastar-se, empilhando os tijolos das suas grossas paredes a um quilómetro de altura. Acho que isto é resposta suficiente. Ele não está interessado em partilhar. Disseram-me que não estaria. Eu devia saber que não devia ter esperança.

Ou...

Talvez a sua hesitação tenha mais a ver com civismo. Afinal, há regras não faladas no hóquei. Regras sagradas. Como não ir atrás da miúda de outro colega de equipa. Ou da irmã dele. Aos olhos da Ilmari, o Jake já se impôs. Ele não tem escolha a não ser desistir.

– Tenho a certeza de que tens perguntas – murmuro, vendo-o ficar tenso ao ouvir a minha voz.

– Não, não tenho.

– Mars...

Ele olha para mim, os seus olhos azuis profundos como o mar.

– Foda quem quiser, Doutora Price. Não me meta nisso.

As suas palavras são tão frias, o seu tom tão insensível. Afundo-me no meu lugar, afastando-me dele.

– Então... sou novamente a Doutora Price? Isso é conveniente.

Ele cruza os braços, tentando minimizar os nossos pontos de contacto.

– Vou chamar-te Doutora Price, porque é quem tu és – contrapõe. – E quando regressarmos a Jacksonville, creio que a nossa relação profissional terá de terminar. Vou procurar um prestador de cuidados médicos alternativo.

Graças a Deus que a mulher ao meu lado, no lugar à janela, está a dormir, porque não quero ter público quando começar a chorar. Olho para os meus joelhos, pestanejando para afastar as lágrimas que me recuso a derramar.

– Como é que chegámos aqui? – murmuro. – Num minuto, estás a correr pelo corredor, desesperado pela oportunidade de me dar a mão. No minuto seguinte, estás frio como gelo, cortando todos os laços como se fosse fácil para ti fazeres isso. – Olho para cima, tentando ver o seu rosto de perfil. – Eu tenho uma vida, Mars. Vivo-a, e não te vou pedir desculpa por isso.

– Nunca disse que tinhas de pedir – responde ele, ainda muito frio.

– Sim, mas estás a julgar-me por isso. Só posso imaginar o que me está a chamar na tua mente neste momento. De certeza que não é doutora ou lá como se diz em finlandês. Só estou a tentar ser sincera contigo. Não vou mentir e não te vou enganar...

Ele olha-me de cima a baixo interrompendo-me.

– Já percebi. Já me disseste e agora eu sei. O meu inglês é suficientemente fluente para perceber o que queres dizer, Rachel – quase rosna. – Estás com o Compton e o seu DPV. O que significa que não há mais nada a dizer.

Eu recuo, o ferrão das suas palavras atinge-me como uma bofetada. Algures por detrás das suas paredes, ele está a agitar-se, os mares estão a borbulhar e um vulcão adormecido no fundo do seu oceano começa a aquecer. Sempre preferi o fogo ao gelo.

– Muito bem, Senhor Bom a Inglês – digo eu, inclinando-me com um olhar a condizer. – Primeiro, o termo é PVD, parceiro de vida doméstica. E sim, estou com os dois. Amo-os aos dois. Mas eles não são meus, e eu não sou deles. E o meu interesse por ti não tem nada que ver com eles... a não ser que tu queiras – acrescento com um sorriso provocador. – O que me leva ao meu segundo ponto. – E aponto-lhe dois dedos na cara. – DPV significa dupla penetração vaginal, Mars. Sabes o que é isso? – Ele olha-me fixamente, com o músculo do pescoço a contorcer-se.

Que se lixe. Estou a cutucar este urso.

Aproximo-me, baixando a voz.

– Imagina a tua pila enterrada até ao tutano na minha vagina, Mars. Depois o Caleb desliza com a sua pila perfurada, levando-te ao ponto de euforia. É nessa altura que a minha vagina vos vai estrangular aos dois, e nos juntamos todos num monte de braços e pernas a tremer e a suar e a pingar esperma. Isso é DPV.

Cruzo os braços enquanto nos olhamos fixamente. Ele move-se no seu assento com um resmungo suave e eu olho para baixo sorrindo. A razão pela qual ele está subitamente tão desconfortável é inconfundível. Ele está duro. Está a ficar cada vez mais duro.

Levanto lentamente o meu olhar para o seu rosto e vejo-o a arder, com o maxilar apertado sob a barba loura.

– Estás bem, Kinnunen? As coisas estão a ficar um pouco apertadas aqui no avião. Tiveste a tua oportunidade de te sentares na classe executiva. Desististe dela para te sentares comigo. E se te lembras, beijaste-me naquele corredor, e não o contrário. Tu é que começaste isto, Mars. Faz-nos um favor a ambos e admite: tu também me queres...

Antes que eu termine de dizer as palavras, a sua mão direita surge e agarra-me pelo maxilar, inclinando a minha cara bruscamente para cima. Respiro fundo, com os olhos arregalados, enquanto ele se inclina para baixo, virando-me a cabeça. Arqueio o pescoço para ele, esperando... esperando.

O seu hálito aquece-me o rosto junto à orelha, a ponta do seu nariz roça levemente o meu lóbulo. Depois inspira-me lentamente, enchendo os pulmões, expirando contra a minha pele enquanto eu reprimo um arrepiado de desejo.

– Cuidado, Rakas – murmura ele ao meu ouvido e o rosnado da sua voz envia um choque direto através do meu peito e até ao meu núcleo doloroso. –

Eu não sou o tipo de homem que gosta de ser provocado... ou manipulado. – Ele encosta a testa à minha têmpora, com a mão ainda agarrada ao meu maxilar. – Estás a tentar manipular-me – acrescenta. – Pensas que se me submeteres à tua vontade, não vais sentir o chão a tremer debaixo dos pés.

A minha respiração fica suspensa quando me viro para olhar para ele com um olhar penetrante. Ele acha que me conhece tão bem?

– Tu gostas de controlo – acrescenta ele, o seu olhar a penetrar-me a alma. – Tenho a certeza de que já fizeste isto antes. Tenho a certeza de que os homens caem de joelhos por ti. Tenho a certeza de que conduzes o Compton e o Sanford pelas suas pilas e eles seguem-te de bom grado, com a tua linda vagina cor-de-rosa a tomá-los tão docemente.

Enquanto ele fala, a sua mão esquerda enrola-se à volta da minha perna, mesmo acima do joelho, e desliza-a pela minha coxa acima. Eu luto contra um gemido quando a sua outra mão desce pelo meu pescoço até rodear a minha garganta. Ele não faz pressão, mas a sua mão repousa ali, as pontas dos dedos tocando a minha pulsação.

– Mas fica sabendo, Rakas – diz, com a voz baixa. – Eu não me curvo. Não me ponho de joelhos. E não partilho o que é meu. Eu comecei isto e foi claramente um erro. Estou a terminá-lo. Aqui. Agora. Não há mais nada. – Com isso, ele solta-me, deixando-me a tremer no meu assento enquanto se afasta.

ILMARI

Tu também me queres. As suas palavras ecoam na minha mente durante o resto do voo. Ela quer-me. Ela admitiu-o pelas suas próprias palavras. Ela quer-me, mas também quer o Compton e o Sanford. E já tem uma relação com eles.

Mesmo assim, ela procura-me.

E ambos sabem.

Essa é a parte de tudo isto que mais me confunde. O Compton sabe que a mulher dele me quer. Será que o homem não tem orgulho? Preocupa-se assim tão pouco com a fidelidade dela? Não se deve preocupar, porque ela admite descaradamente que também tem uma relação com o Sanford. Será possível que eles gostem de a partilhar desta forma? Poderão eles realmente suportar que outro homem a beije ou lhe toque?

O conceito é-me totalmente estranho. Só de pensar nas mãos deles nela, fico a remexer-me na cadeira, desesperado por sair dali. Não posso estar aqui sentado e sentir a sua presença tão perto de mim enquanto penso noutros homens a tocarem-lhe. Outros homens a fazerem-na gemer. A fazê-la vir-se.

E não são uns quaisquer. O Compton é meu colega de equipa. Estamos no gelo juntos todos os dias. Ele é a minha espada e o meu escudo. E é um ótimo jogador, para piorar a situação, para além de ser uma boa pessoa. É simplesmente... simpático. Tenta sempre incluir-me em tudo. Eu sei que é ele que está sempre a adicionar-me novamente ao *chat* de grupo. O Novikov contou-me. O Compton tem sempre uma palavra simpática quando eu não consigo bloquear um ataque. Ele encoraja-me.

Mas anda a comer a minha Rachel. E ele sabe que ela me quer. Eles falam sobre isso.

Encosto a cabeça ao assento, com os olhos bem fechados, respirando

através da sensação de necessidade profunda e dolorosa que me percorre o peito.

Não consigo fazer isto. Não posso satisfazer a curiosidade dela. Ela quer foder-me, é só isso. Ela não me quer. Porquê, quando tem o Compton e o Sanford? Ela está a oferecer-me uma amostra e nada mais. Mas que mortal poderia parar com um mero gole de ambrósia? Se não a posso ter toda, não terei nada. Deixá-la-ei ir. Vou-me embora. Nem uma única gota da sua essência voltará a passar pelos meus lábios.

Decidido, cruzo os braços e mantenho os olhos fechados, fingindo dormir até aterramos.

– Maldição – murmura ela, com os olhos postos no telemóvel enquanto caminha ao meu lado pelo aeroporto em direção à recolha de bagagem.

– O que foi? – pergunto, tentando deixá-la marcar o ritmo. Andar tão devagar é estranho.

– Parece que vamos ter de apanhar um táxi para a clínica – responde ela, com os olhos ainda no telemóvel enquanto lê uma mensagem. – A minha amiga Tess vinha buscar-nos, mas está a ter uma crise no trabalho. – Ela suspira, levantando os olhos do telemóvel. – Queres ir diretamente para a clínica? Ou queres ir para o teu hotel primeiro?

Ela está tão desconfiada quanto possível, caminhando ao meu lado como se estivéssemos a discutir o tempo e não o potencial fim da minha carreira de duas décadas no hóquei. Mas a minha mente agarra-se a outra coisa que ela acabou de dizer.

– O meu hotel?

– Sim. Reservei-te um quarto no Cincinnati – diz ela, de olhos postos no telemóvel, enquanto nos conduz ao elétrico do aeroporto. – É muito bom. Já lá fiquei antes. E fica apenas a alguns quarteirões da clínica.

O elétrico começa a andar, empurrando-nos para a frente. Eu agarro-me ao poste de metal. Ela encosta-se a ele com o ombro, com os olhos ainda no telemóvel. Isto é outra tática? Um jogo? Porque é que ela não olha para mim?

– Onde é que vais ficar? – murmuro, sentindo-me cada vez mais irritado.

– Com a Tess – responde ela. – Antes de me mudar para Jax, alugámos um apartamento juntas. Ela transformou o meu quarto num quarto de hóspedes.

Então, ela leva-me à clínica, deixa o seu médico fazer os testes e depois leva-me ao meu hotel? É isso que eu quero, certo? Distância. Quero estar sozinho. Quero afastar-me da presença enjoativa dela. Antes que eu faça algo de que me arrependa... como agarrá-la pelos cabelos e beijá-la de forma irracional neste elétrico.

– Ótimo – digo eu. – Primeiro a clínica.

Saímos para a praça de táxis e o homem de negócios da classe executiva está à espera na berma. Está outra vez ao telemóvel, a falar com as mãos.

– Sim, Chuck. Estou a caminho agora e... sim, espera... olá – diz ele, vendo-nos atrás dele. Mostra-me um sorriso muito americano enquanto toca no auscultador, desligando a chamada. – O miúdo disse-me quem você era. Grande guarda-redes da NHL, não é? Isso é fixe, meu. O meu amigo joga nos Bengals. – O olhar dele dirige-se para a Rachel e eu luto contra a vontade de me meter à frente dela, para que fique fora do campo de visão dele. – Quer autografar alguma coisa para o meu filho? – acrescenta, batendo nos bolsos como se estivesse à procura de um pedaço de papel.

– Não – respondo, sentindo a Rachel tensa ao meu lado.

Os olhos dele estreitam-se sob as sobrancelhas escuras.

– Não assina algo por um miúdo? Isso é uma jogada de merda. O tipo de atitude que o pode meter em sarilhos – acrescenta, deixando claro que pretende ameaçar-me.

– Faça isso – digo eu. – Faça queixa de mim à Liga. Vamos ver se eles se importam com um idiota que não conseguiu um autógrafo.

– Mars – murmura Rachel, agarrando-me o pulso.

O olhar dele volta-se para ela e ele sorri apreciativamente, observando as suas curvas.

– Fixe – diz ele. – Estou a ver porque me quis pagar. Devia dar ouvidos à sua miúda, meu caro.

– *Suksi vittuun* – amaldiçoo, encolhendo os ombros para ele. Tenho 1,95 m e muito músculo. Este homem tem talvez 1,80 m. Ele vai recuar ou ser esmagado como gelatina.

– Senhor, o seu táxi chegou! – chama o empregado da estação.

O Sr. Negócios olha-me de soslaio durante mais um momento antes de se afastar com um murmúrio de «cabrão de merda». Depois entra no seu táxi e arranca, enquanto outro para.

– Conheces aquele tipo? – questiona Rachel com a sua mão ainda no meu pulso.

– Estava sentado ao lado dele na classe executiva. – Dou um passo em frente para lhe abrir a porta do táxi, tirando-lhe a mala do ombro. O empregado ajuda-me a pôr as malas na bagageira, depois passo para o outro lado e entro. A Rachel já está a dar o endereço ao motorista.

Ela muda de posição, cruzando a perna direita sobre a esquerda e o seu corpo aproxima-se um pouco mais do meu.

– O que é que ele queria dizer com o facto de lhe pagares?

– Nada – murmuro, virando o olhar para a janela.

– Tu... – Ela fica em silêncio.

O silêncio preenche o vazio entre nós. Um silêncio incómodo. Não consigo evitar. Tenho de olhar para o lado.

Ela está a olhar para mim, com uma expressão suave.

– Tentaste pagar-lhe para se mudar, não foi? Para te poderes sentar ao meu lado na classe executiva? – Perante o meu silêncio, ela acena com a cabeça. – Mas ele não aceitou o teu dinheiro.

- Não importa – digo eu.
- Quanto é que lhe ofereceste?
- Eu já disse que não importa.
- Mars...

– Mil dólares – respondo, o meu olhar nos sinais verdes da autoestrada.

Ela solta um suspiro suave.

– Oh, Mars... – Ficamos em silêncio durante alguns minutos. – O que é que lhe disseste?

Volto a olhar para o lado.

– Hum?

– Em finlandês. Disseste-lhe qualquer coisa. Não me pareceu muito simpático – acrescenta ela com um pequeno sorriso.

– Não foi – respondo. – Disse-lhe para se ir foder.

Ela solta um risinho.

– Sim, ele parecia um idiota. Diz lá outra vez.

Eu franzo o sobrolho.

– Porquê?

Ela revira os olhos para mim.

– Obviamente, porque eu quero ouvir-te falar finlandês. Gosto de te ouvir falar. E é uma língua bonita.

– Eu estava a praguejar com ele, Rakas. Posso dizer coisas mais bonitas em finlandês.

– Oh, não te retraias – diz ela, sorrindo mais. – Dá-me um pouco dos dois. Doce e picante. Diz a expressão outra vez.

– *Suksi vittuun* – repito.

– *Sooksy vi...* quê?

– *Vittuun* – digo outra vez, incapaz de controlar o meu sorriso.

As suas sobrancelhas escuras erguem-se enquanto ela abre a tampa do seu refrigerante *diet*. Está sempre a beber refrigerante *diet* ou café. Será que a mulher nunca bebe água?

– O quê? Porque estás a sorrir? Disse-o mal?

– Não, está correto. A tua pronúncia é boa. Mas o que estás a dizer é «esquia para uma cona».

Ela bebe o seu refrigerante, engasga-se e ri-se.

– Oh, meu Deus! A sério? *Suksi vittuun* significa «esquia para uma cona»?

– Literalmente, sim. Mas o significado é «vai-te foder».

Ela ri-se outra vez.

– Okay, gosto dessa. *Suksi vittuun*. Agora diz-me algo mais bonito. – Ela está mais relaxada agora. Gosta de falar. Alivia-lhe os nervos.

Nunca gostei de falar, mas com ela é mais fácil. É definitivamente mais fácil em finlandês. Usando a sua ignorância como escudo, deixo-me olhar para os traços arrojados do seu rosto e digo as palavras que sinto.

– *Oot kaunis*, Rakas. – Deixo o meu olhar cair para os seus lábios,

desejando acariciá-los com os meus dedos, a minha língua. – *Mun leijona... Mä kuulun sulle.*

Ela cora, mordendo o canto interno do lábio, como faz às vezes. A mão com a tatuagem dos corações leva o cabelo para atrás da orelha.

– E... o que é que isso quer dizer? – murmura ela, quase sem fôlego. Algumas coisas não precisam de ser traduzidas.

Volto a olhar para a janela, evitando o seu olhar.

– Significa que és linda – respondo, dando-lhe pelo menos parte da verdade.

– Obrigada – diz ela suavemente. Passado um minuto, acrescenta: – Também te acho lindo, Mars... seja lá o que isso valha para ti.

O que é que isso vale para mim? Tudo.

Chegamos ao exterior da clínica e a Rachel transforma-se perante os meus olhos. Enquanto o táxi se deslocava, ela trocou os sapatos por algo mais profissional, com biqueira fechada e salto. Depois, despiu a camisola com capuz e fecho e vestiu uma blusa branca, transparente e sedosa, com gola e botões. Fica-lhe bem solta, abotoada nos punhos expondo as pulseiras de ouro em ambos os pulsos.

Observo-a a remexer-se no assento, enfiando a blusa na parte da frente das suas *leggings* pretas. Por fim, solta o cabelo do carrapito. Adicionando um toque de vermelho aos lábios, ela parece uma pessoa diferente quando paramos.

– Vamos fazer primeiro o exame físico e depois as ecografias. A equipa aqui é ótima, por isso não precisas de te preocupar – diz ela, entrando em modo médico.

Saio do táxi e recebo as nossas malas do motorista, enquanto a Rachel espera no passeio. Os sons da cidade ecoam à nossa volta. Está um dia nublado, muito mais fresco do que o clima tropical da Flórida. Não me importo com isso. Na verdade, prefiro o frio.

– Acabei de enviar uma mensagem ao doutor Halla, para que ele saiba que chegámos – continua ela, com os saltos dos sapatos a bater no passeio, enquanto me conduz até à porta da frente e a abre.

Estou distraído, observando o balanço suave que as suas ancas fazem quando caminha. Passo pela porta quando me apercebo das suas palavras. Uma sensação de aperto instala-se no meu peito e paro mesmo à entrada da sala de espera bem iluminada de uma clínica.

– Espera, Rachel, que nome disseste?

– Eu disse... ah... Doutor Halla! – Ela apressa-se a avançar, estendendo a mão para cumprimentar um homem alto que veste uma bata azul-marinho. – Muito obrigada por ter concordado em fazer isto – diz ela, apertando-lhe a mão. – Não faz ideia de como estamos gratos, doutor.

Mas ele não está a olhar para a Rachel. Eu também não estou a olhar

para a Rachel. Estou a olhar para ele. Isto só pode ser uma piada. Uma piada cruel e cósmica. Ela estará metida nisto? Será que ela sabe? Como é que ela pode saber?

Rachel larga a mão dele e vira-se com o sobrolho franzido, sem entender a minha frieza.

– Doutor Halla, este é o meu amigo Ilmari Kinnunen, guarda-redes dos Jacksonville Rays. Mars, este é o doutor Benjamin Halla.

Não me mexo. Isto não pode estar a acontecer. Não aqui. Não agora.

Lentamente, ele suspira, sentindo claramente a guerra que estou a travar comigo mesmo.

– Olá, filho – diz ele em finlandês. – É bom voltar a ver-te.

RACHEL

Algo está errado. Está escrito na cara do Ilmari. Ele está branco como papel. Só dura um momento antes de se esconder bem fundo atrás das suas grossas paredes. É como se eu o visse a desvanecer-se, o seu corpo todo a gelar. E depois desaparece e o seu rosto é uma máscara em branco.

O Dr. Halla está a falar. Demoro um momento a perceber porque é que estou confusa. Ele não está a falar inglês. Ilmari responde-lhe naquilo que eu só posso assumir ser finlandês, a sua voz baixa, as palavras secas.

Eu sabia que o Doutor Halla era europeu, mas nunca soube de onde. Honestamente, nunca me lembrei de perguntar. Não é que trocássemos histórias de vida. Se não estivéssemos a falar de cuidados com os doentes, não estávamos realmente a falar. Duvido que ele saiba alguma coisa sobre mim para além do facto de eu gostar de *bagels* com queijo e precisar de litros de café para aguentar um turno noturno.

– Vocês conhecem-se? – pergunto, olhando de relance entre eles.

E é nessa altura que o meu coração me cai do peito. O Dr. Halla é um homem alto, de ombros largos. Tem cabelo louro curto, salpicado de cinzento nas têmporas e olhos azuis profundos. O meu olhar desliza de Ilmari para o Dr. Halla e vice-versa. É o traço dos seus narizes que me faz suspeitar. O ligeiro sulco para baixo no canto exterior dos seus olhos. Os lábios finos enquanto trocam frases rápidas em finlandês.

– Vocês são parentes? – digo por cima deles, sabendo que tenho razão.

– Não.

– Sim.

Respondem os dois ao mesmo tempo. Ilmari é duro como pedra, não dá a entender nada.

– Eu sou o pai dele – explica Halla.

– Tu não és o meu pai – responde Ilmari. – Não és nada para mim e nunca foste.

Enquanto os homens se olham fixamente, o meu cérebro ainda está a meio de uma crise.

– Não percebo – consigo dizer, olhando para Mars. – Pensei que tinhas dito que o teu pai era jogador de hóquei. Não é esse o objetivo de tudo isto? – acrescento, gesticulando em redor. – Disseste que os Jogos Olímpicos eram o legado da tua família...

– É o legado dos Kinnunen – diz Halla, com uma expressão decidida. – O Ilmari não é um Kinnunen.

– Sou, sim – contrapõe Ilmari. E dá um passo em frente, com os olhos a arder de raiva. – O meu pai é Juhani Kinnunen. Que mais se pode chamar ao homem que me criou? Tu não és nada para mim, Halla.

– Porque a tua mãe nunca me deu uma oportunidade...

Ilmari interrompe Halla com uma série de frases veementes proferidas em finlandês, que só posso presumir serem asneiras coloridas destinadas a fazer com que o Dr. Halla saiba exatamente para onde pode ir. E depois Halla responde, com um tom mais comedido, como se estivesse a recusar-se a responder ao óbvio ataque de Ilmari.

Sentindo a tensão crescente, eu coloco-me entre eles.

– Okay... – Levanto uma mão na direção de cada um deles. – Esqueci-me do meu tradutor universal na nave espacial, por isso vou precisar que ambos mudem para inglês, por favor. De certeza que conseguimos resolver isto...

– Não. Por mim, acabou – diz Ilmari. – Isto está feito.

– Filho, não sejas tolo. Tu precisas desses exames – responde o Dr. Halla. – Deixa-me ajudar-te...

– Não quero a tua ajuda – diz Ilmari. – Não quero nada de ti.

E é então que a verdade que me tem escapado até agora me bate na cabeça como uma bigorna. Isto não é uma coincidência maluca. O Dr. Halla sabia o que estava a fazer. Desde o momento em que eu lhe disse o nome do Ilmari ao telefone, ele sabia que eu estava a falar do seu filho. Ele queria que eu o trouxesse aqui e usou-me para chegar ao Ilmari.

E um olhar para o Ilmari diz-me o quanto isto o magoou. Ele não tem nenhuma relação com este homem, e eu tenho de assumir que é propositado. Eu confio no Ilmari. Confio nas suas razões. Os meus instintos protetores dispararam.

Ilmari apanha os sacos do chão e vira-se como se quisesse ir embora.

– Ilmari, espera – chamo por ele.

– Price, este não foi o nosso acordo. – As bochechas do Dr. Halla começam a ficar vermelhas de embaraço enquanto Joanne, a enfermeira da receção, observa o desenrolar de tudo. – Disse que o podia trazer aqui. Disse que ele me ia ver.

A minha mente está a girar.

– Eu...

Ilmari vira-se lentamente para trás e olha fixamente para mim.

– Tu disseste o quê? – Ele dá meio passo na minha direção. – Fizeste isto de propósito? Trouxeste-me até ele?

– Bem, sim... mas só para te ajudar...

– Sabias? – diz ele, olhando para mim como se eu fosse uma hidra com dez cabeças. – Ele disse-te?

– O quê? – grito. – Mars... Jesus... isto parece a cara de uma pessoa que sabe? – contraponho, apontando para o que espero ser um olhar de choque total na minha cara estúpida e surpreendida.

– Disseste que o trarias aqui – desafia Halla. – Prometeste-me um jantar com o meu filho.

Vejo a cara de Ilmari descair e depois ele vira-se para trás.

– O que é que... oh, vá lá, Mars... espera! – Eu chamo-o. – Mars...

– Price, traga-o novamente para aqui – grita-me o Dr. Halla. Depois grita algo em finlandês para Ilmari.

O Ilmari responde-me com um rosnado, empurra o ombro contra a porta de vidro e sai. Entretanto, estou a meio caminho entre o Dr. Halla e a porta, com os meus sentidos a girar, o coração acelerado.

Viro-me, com lágrimas de raiva a arderem-me os olhos.

– Está a falar a sério? Em que raio estava a pensar? Isto é tão pouco ético de uma centena de maneiras diferentes!

– Price...

– Oh, não me venha com essa de Price – grito. – Sabia o que estava a fazer. Enganou-me. Liguei-lhe porque aquele homem está aterrorizado – grito, apontando para a porta da frente. – Ele está sozinho e assustado e confiou em mim para o ajudar. E eu confiei em si. E acabou de minar essa confiança!

– Cuidado, Price – replica Halla. Claramente, ele não gosta de ser repreendido por um residente na sua própria clínica. Mas eu não me importo, porra. Afasto-me dele, pondo a minha mala novamente ao ombro. – Price, onde é que vais?

– Tenho de ir atrás dele! Tenho de o encontrar e pedir desculpa e tentar reparar os danos da bomba emocional que acabou de nos atirar!

– Fala com ele – suplica, seguindo-me até à porta. – Convence-o. Ele precisa de fazer estes exames. Eu posso ajudar, Price...

Eu ofego, afastando-me dele.

– Acha mesmo que o vou trazer de volta para aqui agora? Já conhece o Ilmari Kinnunen? Não há como obrigar aquele homem a fazer algo que ele não queira fazer.

– Ele fá-lo-á por ti – diz ele nas minhas costas enquanto eu empurro a porta. – É evidente que ele gosta de ti, Price. Usa isso.

Volto a virar-me.

– Não se atreva – resmungo para ele. – O doutor é especialista em lesões

desportivas, não um maldito terapeuta de casais. Não se meta nos nossos assuntos.

Ele sorri como se eu tivesse acabado de lhe fazer um elogio.

– Então, eu tinha razão. Vocês estão juntos, não é? – Ele acena com a cabeça como se já soubesse que tinha razão. – Tu és boa para ele, Price. Vocês são iguais em teimosia.

– Não finja que me conhece. Ou a ele. Não sei o que fez àquele homem, mas o sentimento dele pareceu-me bastante claro. E acho que vou ter de o repetir. Pode ir esquiar para uma cona!

Sem esperar pela resposta dele, viro-me e empurro a porta, correndo para a tarde fresca de outubro em busca do meu guarda-redes desgarrado.

RACHEL

–**M**ars!

Corro pelo passeio com os meus saltos altos. Vejo-o quase de imediato. Ele está a marchar na direção do hotel, ainda agarrado às nossas malas. Devo considerar um bom sinal o facto de ele não ter atirado a minha mala para o meio do trânsito ou para um beco escuro.

– Ilmari, vá lá! Para de andar tão depressa!

Claro que ele não abranda. Apresso-me a segui-lo, arrependendo-me bastante da minha decisão de ter tirado os chinelos. A idiota da Rachel de há quinze minutos achava que era importante ter um ar profissional. Eu queria que o Dr. Halla me visse como uma colega, não como sua reles estagiária. Sim, bem, isto é o que se ganha por tentar: bolhas em cada dedo do pé.

Alcanço o Ilmari em frente a uma lavandaria.

– Mars, para!

– Vai-te embora.

– Não...

– Preciso de estar sozinho – diz ele. – Dá-me espaço...

– Só depois de eu dar a minha opinião. – Agarro-lhe o pulso com força e quase enfio os meus calcanhares no passeio. – Meu Deus, estás a ser tão Carneiro neste momento. Estás literalmente a arrastar-me! Queres parar?!

Com um grunhido, ele vira-se, elevando-se sobre mim e olhando para baixo.

– O quê? Que mensagem é que ele te pediu para me trazeres agora?

Eu pestanejo de olhos arregalados e lábios abertos, ofegando do esforço de correr em saltos.

– O quê? Não! – Aperto-lhe o pulso. – Mars, foda-se! Eu só disse para ele ir esquiar numa cona. Eu não me preocupo com ele.

A sua expressão muda.

– Fizeste isso?

– Claro que fiz. Olha, Mars, por favor acredita em mim – digo. – Eu não fazia ideia. Eu juro por Deus, estendi-lhe a mão de boa-fé. Trabalhámos juntos durante dois anos, mas eu nem sabia que ele era finlandês. O homem é um livro totalmente fechado. Isso e a ponte do seu nariz podem ser as únicas coisas que vocês têm em comum – acrescento, gesticulando para o nariz dele com a minha mão livre.

Ilmari franze o sobrolho.

– Halla é um nome finlandês, Rachel.

Eu agito o braço sentindo-me impotente, ainda a segurar o seu pulso para o caso de ele decidir fugir.

– Bem, tu sabes, Mars, eu não sou exatamente um dicionário ambulante de apelidos finlandeses. Então, vais ter de me perdoar por não perceber essa pista do tipo Scooby-Doo, *okay*?

Ele está somente a segurar as nossas malas e a olhar estoicamente para mim. Mas não está a praguejar em finlandês nem a fugir, por isso, vou encará-lo como uma vitória.

Aproximo-me, relaxando o meu aperto no seu pulso.

– Eu juro-te, Ilmari. Trouxe-te aqui porque a Clínica Desportiva de Cincinnati é uma das melhores do país para lesões na anca de atletas profissionais. Odeia-o se quiseres, mas o doutor Halla é também um dos melhores. E eu não sabia que ele era teu pai. Como poderia saber? – acrescento com outro encolher de ombros indefeso. – Se eu soubesse, nunca teria anuído a isso, Mars. Eu nem te teria falado nisso. Isto é totalmente antiético, e ele sabe-o.

Mars abana a cabeça.

– Estás a dizer que ele te enganou.

– Sim.

– Ele usou-te para chegar a mim.

– Sim. E ele pode ir-se foder. Bem duro e com um vibrador de lixa.

O canto de sua boca contrai-se e eu tenho de aproveitar a minha oportunidade. Tenho de implorar ao universo que ele me ouça. Aproximo-me um pouco mais com a minha mão deslizando pelo seu antebraço.

– Mars, eu nunca te magoaria intencionalmente. E não é só porque sou médica e fiz um juramento – acrescento, olhando para cima e fixando o seu olhar azul profundo. – Eu importo-me contigo, Ilmari. Eu não te quero ver magoado. Mas seja qual for a tua história com aquele homem, ele magoou-te. O que significa que eu gostaria de o ver sofrer. Não me importo que ele ajude outros atletas regularmente. O teu sangue derramado é o meu sangue derramado, e eu não vou deixar que ele te magoe novamente. Nunca mais.

Ele solta uma expiração suave, relaxando um pouco os ombros.

– Mas tu queres que eu volte. Isso é o que não estás a dizer.

– Isto não é sobre o que eu quero, Mars – digo, soltando a mão. – E,

definitivamente, não é sobre o que aquele idiota conivente quer – acrescento, cravando o meu polegar no ombro. – Se ele queria reconciliar-se contigo, há um milhão de maneiras mais éticas de o fazer. Foda-se.

Ele levanta uma sobrancelha loira para mim.

– Mas?

– Mas nós já estamos aqui – digo, gesticulando em redor. – E ele pode ajudar-te. E tu tens algo que ele quer. Acho que devemos usá-lo. Usar as suas máquinas extravagantes e todo o seu grande e importante conhecimento e experiência, e obter as respostas de que precisas. É tudo o que importa aqui, Mars. Tu.

Dou um passo atrás.

– Mas decisão é tua.

Ele estreita os olhos para mim.

– A decisão é minha?

Eu cruzo os braços ao peito.

– Sim. Estás ao comando. Eu vou ficar aqui e esperar até que decidas. Queres fazer exames à anca? Basta dizeres a palavra. Queres voltar para o hotel e embriagar-te com *shots* de *tequila*? Então é isso que vamos fazer. Tu escolhes, Mars.

Eu espero, olhando para o gigante loiro na minha frente. Lentamente, o canto da sua boca transforma-se num sorriso.

Eu franzo o sobrolho.

– Já decidiste? Isso foi rápido.

– Foi a decisão mais fácil da minha vida.

– Bem? Qual é o plano, Mars? O que queres?

– Quero que me beijes.

ILMARI

—Beija-me — digo novamente com o corpo carente.

O lampejo de desejo nos olhos de Rachel é rapidamente substituído por surpresa e estes arregalam-se como piscinas escuras e grandes onde quero mergulhar.

— O quê?

Apanhei-a desprevenida. Adoro que ela não estivesse à espera disto.

— Perguntaste-me o que eu quero — explico. — Eu quero que me beijes como se morresses se não o fizesses. Beija-me e eu volto lá. Beija-me e eu vou fazer os exames.

Ela suspira como se estivesse indignada, mas eu vejo o fogo a arder dentro dela.

— Estás a exigir favores sexuais à tua médica, Mars? Não é boa ideia.

— Já não me importo.

— Estamos na rua — raciocina ela, gesticulando em redor.

— Eu não me importo.

— Bem... um beijo para salvar minha vida não seria muito censurável — acrescenta ela, com uma sobranceira escura levantada enquanto sorri.

— Mostra-me.

O meu corpo já está a reagir ao dela e ela ainda nem sequer me tocou. Ambos sabemos que ela o fará. Estamos a morrer por um segundo beijo. Ela ficou surpreendida da primeira vez. Não o pediu. Estava com medo de retribuir, com medo de ser apanhada. Agora estou a colocar-lhe o poder nas mãos. Ela vai beijar-me e vai perceber. Será ela a começar.

Eu sei que ela tomou a sua decisão. E estou pronto para ela, deixando cair as nossas malas aos meus pés. Ela deixa cair sua bolsa ao mesmo tempo. As suas mãos agarram os meus ombros e ela salta. Eu agarro-a facilmente, as

suas pernas envolvem a minha cintura enquanto os seus braços fazem o mesmo no meu pescoço.

E estamos a beijar-nos. A Rachel aproxima-se mais e os seus lábios abrem-se demonstrando a sua necessidade na minha boca. Os seus lábios são tão macios, a sua língua quente mexendo e provocando.

Eu tenho meu braço esquerdo agarrado ao seu rabo, apoiando o seu peso e o meu braço direito em redor dos seus ombros. Não a largo. Pró inferno o que eu disse no avião. Nada está acabado entre nós. Estamos apenas a começar. Esta mulher é minha.

O seu aperto relaxa em redor do meu pescoço, ela sabe que não a vou deixar cair. Coloca os braços no meu rosto, os seus dedos acariciando a minha barba. Eu gemo enquanto ela morde o meu lábio inferior e o meu pénis fica cada vez mais duro. Estamos ambos ofegantes e a precisar de fôlego, mesmo quando estamos desesperados para nos continuar a beijar. As suas mãos estão no meu cabelo, despenteando-o.

Alguém assobia e nós ficamos quietos. A Rachel afasta-se e os seus lábios separam-se enquanto ela suspira, olhando-me nos olhos. Os seus olhos escuros, manchados de ouro, perfuram as minhas paredes. Desejo-a como nunca desejei ninguém.

Ela aproxima-se dos meus ombros, e eu afrouxo o meu domínio sobre ela, deixando-a deslizar pelo meu corpo até o chão. Ficamos ali, as suas mãos no meu peito, as minhas nas suas ancas, enquanto a cidade se agita em redor de nós.

– Pronto – murmura ela. – Conseguiste o que querias, certo? – Concorde com a cabeça, incapaz de articular palavras.

– Muito bem. Agora agarra nessas malas e vamos lá. Há uma máquina de raio-X à espera com o teu nome.

– Voltaram – diz Halla, olhando para mim e para Rachel.

– Como podes ver – respondo, grato por ter a sua força silenciosa enquanto ela está ao meu lado.

Parámos no hotel primeiro para deixar as malas na receção. Depois, ela fez-nos parar numa cafeteria. Disse-me que se tivesse de enfrentar o Halla novamente sem reforços de cafeína, poderia ter de passar a noite na prisão.

– Eis como isto vai acontecer – diz ela e os seus olhos estreitam-se para ele com uma caneca de café de viagem firmemente na mão. – Vai realizar um exame físico. E queremos raios-X e uma ressonância magnética. Se confirmarmos que é uma rotura labral, eu quero...

– Estás à espera de que eu administre uma injeção de cortisona para aliviar a dor na articulação – diz ele, claramente irritado. – Eu sei, Price. Esta é a minha clínica, lembras-te? – Ele olha para mim. – O que recebo em troca?

Ela incha na minha frente levantando-se para o seu ex-chefe.

– O doutor fica com a sensação quente e confusa de saber que não terá

sido um completo idiota para o meu paciente lesionado – responde ela por mim.

O canto de sua boca contorce-se como se ele estivesse impressionado. Não estou surpreso. Ela é uma leoa. E é minha. Nem sequer me incomoda a lutar contra a vontade de me aproximar dela.

– E o jantar que prometeste? – diz ele, olhando para nós.

Ela zomba.

– Oh, meu Deus! Pode parar de dizer isso? Eu nunca lhe prometi um jantar com o Ilmari. O doutor foi o único que sugeriu isso. Eu só pensei que estava a tentar ser uma boa pessoa. Eu não sabia que um jantar de marisco viria com tantas obrigações.

– Nós vamos jantar – digo eu, acariciando-lhe as costas. Eu não quero ter de afastá-la dele quando ela decidir arrancar-lhe os olhos.

Ela relaxa um pouco, descontraindo os ombros. Dá um passo na minha direção e o seu ombro toca-me no peito.

Ele olha para nós e o seu sorriso abre-se.

– Tudo bem. Estamos de acordo.

Passamos o resto da tarde na clínica. O Halla faz um exame físico completo, incluindo testes de esforço e exercícios de amplitude de movimentos. Pôs-me a andar e a correr numa passadeira antes de lhe mostrar a minha rotina de alongamentos antes dos jogos. Quando tento fazer um *split* completo, a dor na minha anca direita é suficiente para me fazer gemer.

– Pronto, já chega – diz Rachel, intervindo. – Não queremos piorar as lesões.

– Concordo – murmura Halla. – Já pedi os exames adicionais.

Horas depois, sobrevivi a uma série de radiografias e a uma espécie de ressonância magnética que envolvia a inserção de um corante na articulação da anca. São quase cinco horas quando Halla regressa.

– Os exames estão prontos – diz, com os olhos postos em Rachel. – Gostaria de me consultar, doutora Price?

Ela salta da cadeira, pondo de lado o saco de *pretzels* e o refrigerante *diet*.

– Sim, doutor. Obrigada.

– Eu também quero vê-los – digo, levantando-me.

– Tu não és médico, filho – diz ele em finlandês.

– É o meu corpo – respondo. – E eu não sou teu filho.

– Em inglês – interrompe ela, fazendo-me uma careta.

– Ótimo. Venham comigo, os dois – diz ele em inglês.

Leva-nos ao fundo do corredor para uma sala de imagiologia e mostra a Rachel as imagens da minha anca. Falam em voz baixa, apontando para várias partes das imagens a preto e branco. Não parecem preocupados. A Rachel limita-se a acenar com a cabeça enquanto ele fala, com as sobranceiras

escuras unidas em concentração.

– Aqui está o que precisa de ver – diz ele, apontando para uma nova imagem no ecrã.

– Aqui está – murmura ela, suspirando de alívio enquanto se inclina, os dedos a passar pela cabeça da articulação da minha anca. – Mars, vem cá. – Pega na minha mão para me puxar para mais perto. – Olha para aqui. Vês esta mancha escura? É a rotura no labrum.

Estreito os olhos, reparando num pequeno ponto preto numa faixa de branco que reveste o colo do fémur. Já estou neste desporto há tempo suficiente para conhecer os perigos de uma rotura labral. É uma lesão comum nos guarda-redes, mas é a primeira vez que acontece comigo.

– É pequena – acrescenta Halla. – Não acho que seja necessária uma cirurgia para a reparar. Pelo menos, ainda não.

– Concordo – murmura ela. – Vai dar a injeção de cortisona?

– Sim, isso deve dar-lhe algum alívio. – Ele vira-se para mim. – A tua anca já está a recuperar por si própria. E eu não gosto de fazer procedimentos quando não é necessário. Tens de moderar a tua atividade física enquanto recuperas. Não faças nada que ponha em risco a anca. Compensa no gelo tanto quanto possível. Confio na Price para supervisionar.

Ela acena com a cabeça, o olhar de determinação no seu rosto diz-me que agora não vai haver fuga possível.

– Deves ficar de fora pelo menos uma semana de treinos e jogos, se puderes – acrescenta. – Se o corticosteroide te der alívio e a dor estiver controlada, podes jogar. Se piorar, fazes mais exames. Talvez seja necessário recorrer à artroscopia e fazer a reparação.

– Quanto tempo é que isso me vai tirar do gelo? – pergunto eu, com o olhar ainda fixo no pequeno ponto preto do meu exame.

– Isso depende muito da extensão da lesão, mas uma janela segura seria de quatro meses. Talvez seis – acrescenta. – Vou preparar a injeção de cortisona.

Ele sai e eu fico sozinho com a Rachel. Ela olha-me de relance, com o rosto descontraido. Ainda está a segurar a minha mão.

– Agora já sabemos – murmura, levantando uma mão para me pôr o cabelo atrás da orelha. – Não é muito melhor ter a certeza? Agora podemos fazer um plano. Podemos resolver isto, Mars.

Luto contra a vontade de me inclinar para a mão dela. Sim, agora eu sei. Mas não estou a pensar na lesão neste momento. A minha mente está a girar em torno dos detalhes de um tipo de plano completamente diferente.

RACHEL

É um restaurante simpático. Situado à beira da água com uma vista da linha do horizonte a piscar diante de nós, toda amarela, branca e laranja. Está a chover um pouco, o que faz com que as luzes pareçam enevoadas através do vidro. Uma banda de *jazz* toca ao vivo num canto, enquanto uma mulher canta. Tenho um copo de vinho tinto caro na mão e um homem lindo sentado ao meu lado.

Devia estar a sentir-me leve como o ar, relaxada por ter finalmente as respostas que ansiava há semanas. Mas não estou. Como é que posso estar, quando a tensão entre Ilmari e o Dr. Halla é mais pesada do que um balão de chumbo?

Aclaro a garganta e bebo um gole do meu vinho. Aparentemente, os finlandeses sentem-se à vontade nos silêncios mais incómodos do mundo. Nenhum deles falou durante três minutos. Isso pode não parecer muito tempo, mas ficar sentada perfeitamente imóvel durante três minutos em frente a outra pessoa e a tensão instala-se rapidamente.

Talvez eu seja a única a sentir isso. Serei a única a contorcer-se na minha cadeira?

– Custa-me a crer que tenhas ficado tão surpreendido por me veres hoje – diz finalmente o Dr. Halla, com o olhar fixo em Ilmari.

– Não vejo porquê – responde Ilmari.

Halla franze os lábios em sinal de ligeiro aborrecimento, pondo de lado o seu vinho. Ele pediu a garrafa para a mesa. Não me surpreende que Ilmari só beba água.

– Vinhas a Cincinnati para ver um especialista em anca e joelho – diz Halla. – Não pensaste mesmo que poderia ser eu?

É um ponto de vista justo. Eu própria estou curiosa. Olho de relance para

o Mars.

– Teria de pensar em ti de todo – diz Ilmari. – E não o faço.

O frio no ar é suficiente para nos causar queimaduras em todos.

O Dr. Halla pigarreia.

– Nem mesmo quando vais ver um especialista? Nunca te lembraste de perguntar o nome do médico? – Ele vira-se lentamente para olhar para mim. – Não achaste importante informar o teu paciente do nome do médico com quem ele tinha consulta?

– Eu confiava na minha médica – diz Ilmari por mim. – E a última vez que ouvi falar de ti, estavas em São Francisco.

– Isso foi há cinco anos – responde Halla, tomando um gole do seu vinho. – Estabeleci contacto desde então. Cartões de Natal, aniversários. E disseram-me que recebeste a minha prenda quando assinaste com os Rays.

– Não preciso do teu dinheiro e nunca precisei – contrapõe Ilmari, parecendo quase aborrecido com a conversa. – Doei-o todo a uma instituição de caridade local. A tua generosa oferta está agora a preservar os *habitats* das tartarugas marinhas.

Luto contra o meu sorriso, escondendo-o atrás do meu copo de vinho. Mars e as suas tartarugas marinhas.

– Ótimo – murmura Halla. – O dinheiro era teu para fazeres o que quisesse. Ainda bem que o usaste para uma causa tão nobre.

Olho de relance entre eles, surpreendida por Halla ter sido capaz de dar a volta à situação tão bem. É óbvio que Ilmari está aborrecido. Ele queria que aquilo fosse mais doloroso do que realmente foi.

– Como está a tua mãe? – pergunta Halla.

A essa pergunta, Ilmari imobiliza-se, com a mão a alcançar o seu copo de água. Tira-o da mesa e bebe um gole.

– Morta – responde, pousando-o de novo com um forte tilintar.

O Dr. Halla e eu mexemos-nos desconfortavelmente.

– Como? – murmura ele. – Quando?

Ilmari olha para ele.

– Cancro. Há treze anos.

Eu faço as contas rapidamente. Sei que ele tem trinta anos, o que significa que ainda era um rapaz quando ela morreu, tinha apenas dezassete anos. O seu próprio pai não sabia da morte da mãe? Ilmari está sozinho há treze anos?

– Tens irmãos, Mars? – pergunto.

– Não.

– Outra família?

– Tenho os Kinnunen – responde. – Juhani acolheu-me e pagou-me o hóquei.

Do outro lado da mesa, o Dr. Halla geme e o seu olhar torna-se mais sombrio.

– Eu paguei o teu hóquei. Mandava-vos dinheiro todos os meses, o

dobro do que era necessário. Nunca falhei um mês.

– E nós nunca quisemos ou precisámos dele – diz Ilmari novamente. – A minha mãe não ficou com um único euro. Não te devo nada. Não há nada entre nós.

Vejo a forma como as suas palavras magoam Halla. Apesar de estar zangado com ele por me ter enganado, sinto uma pontada de simpatia por ele. Talvez estivesse apenas desesperado. Ilmari não facilita muito a aproximação.

– Estás determinado a ver o pior em mim – murmura Halla com um abanar de cabeça cansado. – Não há espaço para a bondade em ti, Ilmari. Nunca houve.

A mão de Ilmari fecha-se num punho sobre a mesa.

– Tu deixaste-nos...

– Eu deixei-a – corrige Halla, os seus olhos azuis estreitando-se para o seu filho. – Nunca foi minha intenção deixar-te. Mas às vezes as pessoas desiludem-nos, Ilmari. Elas cometem erros. Agem de forma egoísta. Até quando me vais castigar pelos meus pecados? Será que nunca vamos chegar a um ponto de equilíbrio em que possas aceitar que, apesar de eu ter defeitos, ainda sou o teu pai?

Ilmari não diz nada, mas eu consigo sentir a tensão a agitar-se dentro dele.

Halla abana de novo a cabeça.

– Agora vejo que o meu erro é um pecado imperdoável aos teus olhos. Depois de vinte e três anos de tentativas, talvez me tenhas finalmente convencido a desistir de ter uma relação com o meu único filho.

– Ótimo – murmura Ilmari.

Ele está a fingir que está calmo, mas eu sinto a sua dor. Não consigo imaginar o que deve ser estar tão sozinho. Como gémea, a ideia de viver num mundo sem o Harrison deixa-me com uma dor física.

– Mars – digo, sem conseguir evitar. A minha mão roça-lhe na perna e ele fica tenso.

– Vais tratá-la da mesma forma? – pergunta Halla, gesticulando para mim.

Ilmari fica imóvel.

– O quê?

– Quando ela te desapontar – pressiona Halla. – Quando ela cometer um erro, quando ela te provar que não pode ser perfeita. Talvez já tenha feito isso – acrescenta ele. – Deus sabe que ela tem muito mau feitio...

– Não fales assim da Rachel – rosna Ilmari, defendendo corajosamente a minha honra.

É o suficiente para me fazer soltar uma pequena gargalhada. Agora a minha mão está mesmo na perna dele, apertando-a.

– Está tudo bem, Mars. O doutor Halla tem razão. Eu sou um desastre mal-humorado e fala-barato. E tenho a certeza de que o meu passado te faria fugir.

Nenhum dos homens se ri da minha pobre tentativa de brincadeira. Enterro o meu gemido suave atrás do meu copo de vinho quando o empregado chega com as nossas saladas, colocando pimenta em cima delas e refrescando a água de limão de Ilmari.

Assim que o empregado sai, o Dr. Halla volta a olhar para nós, com um ar de tristeza no rosto. Isso mexe com algo profundo em mim. Ele também se sente só. Bolas, eu queria odiá-lo pela partida que nos pregou hoje. Porque é que ele me está a fazer sentir pena? Mexo-me na cadeira, desejando que ele desvie o olhar.

– Não a trates como me trataste a mim, Ilmari – diz ele, com uma nota de ternura na voz.

Ilmari fica imóvel, com o garfo da salada na mão, sem olhar para nenhum de nós.

– Faz muito frio no inverno rigoroso do teu ódio – continua o pai. – Eu aguento, mas sou finlandês. Ela não.

Lentamente, Ilmari levanta o rosto para olhar para o pai. O Dr. Halla muda para finlandês, fazendo-lhe uma pergunta. Não consigo perceber, mas quem me dera perceber. Ilmari fica em silêncio por um longo momento antes de finalmente responder com uma palavra, dita tão suavemente.

– *Joo.*

O nosso Uber para em frente ao hotel Cincinnatian e eu largo a mão de Ilmari. Ainda está a chover, parece mais uma névoa suave. Abro a minha porta enquanto Ilmari abre a dele. Num instante, ele está na parte de trás do carro, a meu lado enquanto nos abrigamos da chuva. Passamos rapidamente pelas portas do átrio iluminado do hotel, com os meus saltos a fazer barulho nos mosaicos.

– Só preciso de ir buscar a minha mala – murmuro, com o telemóvel na mão. Como está a chover, apanho outro Uber e vou para o apartamento da Tess. Tenho enviado atualizações para ela e para os rapazes sempre que posso. Estão todos ansiosos por mais pormenores sobre o fim da novela de o Dr. H. ser o pai há muito perdido de Ilmari.

Entretanto, a tensão é grande entre mim e Ilmari. Ele é tão difícil de ler. Não consigo perceber o que ele quer de mim, o que está a sentir. O resto do jantar foi suportável, mas por pouco.

Dirigimo-nos à receção e lanço um sorriso para a funcionária.

– Boa tarde, devemos ter um par de malas em espera ali atrás. O apelido é Kinnunen.

– Deixe-me só verificar – diz ela, com um sorriso vitorioso para Ilmari enquanto se afasta por uma porta aberta.

Eu só reviro os olhos. Se eu tivesse energia para me irritar sempre que uma mulher olhasse de forma apreciativa para um dos meus homens, viveria num constante estado de ansiedade. Ninguém tem tempo para isso. O Ilmari é

lindo de uma forma totalmente inatingível, do tipo «vou comer-te ao pequeno-almoço». Ele nem sequer tenta. Ele apenas respira. Ela pode olhar o quanto quiser.

A funcionária regressa de mãos vazias.

– Peço desculpa, senhora Kinnunen. Não me parece que estejam aqui atrás. Tem a certeza de que não as levou já para o seu quarto?

Suspiro. Não temos tempo para desfazer o equívoco de ela me chamar «Sra. Kinnunen» em frente a um guarda-redes mal-humorado e possessivo. Mais valia ter despido uma grande gabardina para me revelar vestida com a camisola dele... e nada mais.

Olho por cima do ombro e vejo que ele está dois passos mais perto, com uma expressão faminta.

– Mars, pediste para levarem as nossas malas para o teu quarto?

– Pareceu-me prudente – responde ele, com um encolher de ombros. – Podem ter objetos de valor.

Claro. Soltei mais um suspiro, voltando-me para a rececionista.

– Obrigada.

– Não se preocupe – diz ela. – Se chegarem ao vosso quarto e elas não estiverem lá, chamem-nos, está bem? – A sua alegria é tão contrária ao nosso calor mútuo e lento.

– Ótimo – digo, afastando-me do balcão e dirigindo-me para os elevadores. Ilmari segue-me de perto. Assim que nos distanciamos da rececionista, viro-me. – Podes ir buscar a minha mala enquanto eu chamo outro Uber?

O olhar de Ilmari desvia-se do meu rosto para seguir o meu corpo. O homem está a despir-me com os olhos e não há nada que eu possa fazer. Fico quieta, com o coração na garganta. Não quero que ele veja que estou nervosa. O seu olhar volta a fixar-se em mim, enquanto ele se encolhe.

– Não.

Eu suspiro.

– O quê? Vais mesmo roubar a minha mala? Precisas de solução de lentes de contacto e de um par de meias de panda felpudo para dormir?

– Não.

Cruzo os braços, lançando-lhe o meu melhor olhar.

– Não me respondas com uma palavra, Mars. Não estou com disposição para isso. Isto é uma questão de educação? Por favor, vai buscar a minha mala.

Entrando no meu espaço, ele levanta a mão e passa o polegar pelos meus lábios entreabertos.

– Se a queres... vem buscá-la. – Sem esperar que eu responda, ele vira-se para trás e dirige-se para os elevadores.

RACHEL

O elevador apita e as portas abrem-se. Mars entra, sem olhar para trás para ver se o estou a seguir. Claro que estou. Ele vai para a parte de trás do elevador e vira-se, cruzando os braços sobre o peito, observando-me no limiar com um olhar ilegível no rosto.

Com o coração na boca, entro e viro-me rapidamente.

– Qual é o andar?

– Três.

Carrego no número três com o polegar e o botão fica iluminado. O elevador começa imediatamente a subir. Fecho os olhos e conto as batidas do meu coração e sinto o Mars a aproximar-se por trás de mim, com a sua presença a dominar-me. Não me toca, mas inclina-se com o seu hálito quente contra a minha pele.

Sinto-o em todo o lado, todos os meus sentidos estão a formigar. Mordo o lábio, lutando contra a vontade de me encostar a ele. O elevador apita e as portas abrem-se. Saio quase aos tropeções, quebrando a ligação entre nós. Ele passa por mim e avança pelo corredor alcatifado. Apresso-me a segui-lo, observando o perfil do seu corpo atlético, com a *t-shirt* cinzenta e as calças pretas justas, arregaçadas até à bainha.

Tem a mão no bolso, tira a chave e depois abre a porta do quarto. Eu sigo-o, observando-o a passar pelo nosso par de malas no chão, junto ao armário. Caminha até ao fundo do quarto e vira-se lentamente, agarra-se às extremidades da secretária e encosta-se a ela, observando-me e esperando.

Fico na entrada, com uma mão a segurar a porta aberta e a outra a segurar a alça da minha mala ao ombro. É um quarto confortável, com uma cama *king size* ao longo de uma parede, um minibar por baixo de uma televisão de ecrã plano. A minha mala de fim de semana está suficientemente

longe para que eu tenha de dar mais um passo para a alcançar. E, a não ser que queira parecer uma idiota a agarrar-me à porta e a esticar o corpo, terei de deixar a porta fechar-se atrás de mim.

Mars observa-me, com uma expressão totalmente ilegível. Ele não me vai ajudar a sair daqui. A escolha é minha. Se esta porta se fechar atrás de mim, ambos sabemos o que vai acontecer. Meu Deus, eu quero-o! Eu quero-o! Há semanas que o quero.

A vida é um jogo, Rachel. Arrisca e vive com as consequências.

E eu sei quais serão as consequências. Se eu estender a minha mão, ele vai agarrá-la. Decisão tomada, dou mais um passo para dentro e afasto a minha mão direita da porta. A porta fecha-se atrás de mim, encaixando-se no trinco com um clique sinistro.

O quarto está escuro e sombrio, iluminado apenas por um único candeeiro no canto. Ilmari encosta-se à extremidade da secretária com toda a calma descontraída de um leopardo à caça. Enquanto o observo, ele mete a mão no bolso e tira algo. Em seguida, levanta as duas mãos, puxa o cabelo para trás e o dá um nó alto no cimo da cabeça. Os seus bíceps incham quando ele dobra os braços, os seus dedos enrolam-se à volta do elástico e ele prende o cabelo. O movimento mostra a mancha profunda que ele tem em ambos os lados da cabeça. O corte rapado continua em redor do seu pescoço.

Durante esse tempo, ele observa-me, com os seus olhos azuis quase negros de desejo. Os seus olhos são a única coisa que o denuncia. Isso e a tensão no quarto, que agora é tão espessa que poderia ser cortada à faca.

O meu pulso dispara enquanto aprecio a força e a elegância da sua forma poderosa.

– Como te sentes? – murmuro. – Sem dores por causa da injeção de cortisona?

– Sem dores – murmura ele. Depois, começa a descalçar os sapatos.

– És capaz de ter alguma rigidez na anca durante um dia ou dois – balbucio. – Algum... hum... inchaço. Mas isso é normal.

– Não quero falar da minha anca. – As mãos dele descaem para a bainha da camisa.

– Ilmari... – digo num sopro. Não há mais nada a dizer.

Ficamos a olhar um para o outro. O único som é o zumbido suave do aparelho de ar condicionado. O calor do seu olhar vai queimar-me até às cinzas.

– Diz-me para parar – diz ele.

Lutando contra um arrepio, eu sussurro:

– Não.

Ele tira a *t-shirt*, deixando-a cair no chão e meu Deus do céu! Os meus olhos arregalam-se de satisfação. Ele parece quase etéreo na suave luz dourada do candeeiro. Este homem está para além da boa forma física. Os ombros largos carregam músculos pesados. Tem peitorais bem definidos e um *eight pack* que conduz a um V acentuado nas ancas. O meu olhar segue o

ângulo para baixo, terminando no cimo das suas calças. As mãos dele já lá estão.

Ele também não consegue desviar o olhar de mim.

– Rachel, diz-me para parar. – Deixo cair a minha mala no chão, descalçando os sapatos.

– Não.

Enquanto ele desabotoa a parte de cima das suas calças, eu puxo os botões da minha blusa branca e sedosa, tirando-a da parte de cima das minhas calças e despindo-a. Ela cai no chão ao mesmo tempo que ele baixa as calças, deixando-o apenas com uns *boxers* pretos justos.

Eu não hesito, tiro o meu *top* preto e atiro-o para o lado, expondo os meus seios nus. A minha pele fica nervosa, os arrepios espalham-se pelos meus braços enquanto os meus mamilos endurecem.

A seguir são as minhas *leggings*. Tiro-as, segurando o olhar derretido de Ilmari enquanto as deixo cair no chão. Agora estamos de pé apenas de cuecas. As minhas são cor-de-rosa.

Ele examina-me da cabeça aos pés, acenando em sinal de apreço enquanto observa todas as minhas curvas.

– És linda, Rakas – murmura ele.

– Tu também – respondo.

Ele mantém o meu olhar fixo, com o peito a expandir-se a cada respiração profunda e constante.

– Diz-me para parar – diz ele, uma última vez.

– Não – sussurro, selada ao meu destino. Basta um puxão e as minhas cuecas descem até aos tornozelos. Tiro-as, ficando completamente nua diante dele.

Com um grunhido baixo, ele afasta-se da secretária e atravessa a sala. Estou pronta para ele, o meu corpo a derreter-se contra o calor do seu peito enquanto ele me inclina para trás, roubando-me o fôlego com um beijo desesperado. Suspiro contra ele, os meus dedos roçam o cabelo rapado na sua nuca antes de lhe tocar nas faces.

Abro-me totalmente para ele, não retendo nada, e ele retribui. Ele cheira a céu... aquela água-de-colónia que me faz pensar nas noites frescas de verão no rancho da minha família em Montana. Nos seus braços, sinto-me como a luz das estrelas e a luz do fogo misturadas numa só, fria e quente, distante e muito presente. Estou a sentir tudo ao mesmo tempo, sinto-me viva na minha pele e a arder de necessidade.

As mãos calejadas de Ilmari exploram-me. Elas percorrem a curva dos meus ombros, deslizando para baixo para percorrer cada costela. Adoro a sensação das suas mãos em mim, explorando-me, descobrindo-me. Ele aperta os meus seios com um gemido, pesando-os nas suas mãos. Tremo de desejo quando ele aperta os meus mamilos com o polegar e o indicador. A explosão de necessidade enrola-se no fundo do meu coração.

– Diz – rosna ele, quebrando o nosso beijo.

A minha mente não consegue formar pensamentos.

– Por favor, Ilmari – grito contra os seus lábios.

– Diz – insiste ele novamente, a sua boca a descer para o meu pescoço. Ele enlouquece-me enquanto chupa o meu ponto de pulsação, as suas mãos curvam-se para segurar o meu rabo e puxar-me com força contra ele. Sinto a protuberância grossa das suas cuecas a roçar na minha anca.

– Ah... eu quero-te – digo, as minhas mãos agarradas aos seus ombros, enquanto o seu rosto desce, a sua boca a provocar os meus seios. A sua língua começa a tocar a ponta do meu mamilo, enviando ondas de desejo diretamente para o meu sexo dorido. Depois morde-me com os dentes até eu ofegar.

Ele endireita-se, segurando o meu rosto com as duas mãos enquanto olha para a minha alma.

– Diz.

Eu mantenho o seu olhar, a minha mão desce para segurar a sua pila e... oh, meu Deus... o Caleb e o Jake tinham razão. Ilmari tem um monstro entre as pernas. Grosso e comprido, sinto a sua forma enquanto ele grunhe, pressionando a minha mão, desejando mais pressão. Abro a boca, dizendo tudo o que estou a sentir.

– Quero-te, Mars. Meu Deus... tenho de te ter. Há tanto tempo que te quero. Estou a sofrer por ti... tão molhada por ti... desesperada por ti.

– *Oon sun* – sussurra ele, com a testa encostada à minha, gemendo enquanto eu meto a mão dentro dos *boxers* e lhe aperto a pila. – Diz, Rakas – implora mais uma vez, e agora sei o que ele quer ouvir, embora só possa adivinhar o seu significado.

– *Oon sun* – repito, tentando igualar a sua pronúncia.

Ele geme, agarra-me no cabelo e inclina-me a cabeça para trás.

– Tu és minha.

– *Oon sun* – volto a dizer. – Eu sou tua.

– *Mä kuulun sulle* – murmura ele, puxando-me o cabelo para trás. Depois deixa cair uma mão para acariciar a minha vagina. – *Haluun tätä*. – A sua voz é pouco mais do que um gemido. – Eu quero isto.

Suspiro de alívio por a minha espera ter finalmente terminado e pressiono as minhas ancas contra a sua mão.

– É teu. Toma-me. Fode-me, Mars. E não te contenhas. Por favor, para de te conteres. Deixa-me sair do frio – sussurro, com uma mão ainda na pila dele, a outra a acariciar-lhe o peito. – Eu quero entrar, Mars. Por favor, deixa-me entrar...

O corpo dele crepita de eletricidade quando me agarra o queixo com força, levantando-me o rosto e fixando o meu olhar. Ninguém é tão intenso como Ilmari Kinnunen.

– Eu não vou ser gentil – rosna ele.

– Ótimo.

A minha vagina já está desesperada.

Como que para provar o seu ponto de vista, ele enfia dois dedos dentro

de mim, deslizando facilmente pela minha humidade. Eu grito, aquele primeiro estremecimento de excitação por estar a ser preenchida, fazendo-me sentir até aos dedos dos pés. Ele entra e sai, deixando-me adaptar aos seus dedos grossos.

– Não vou usar preservativo – acrescenta. – Isto é uma reivindicação, Rakas. Quero ver o meu esperma a pingar de todos os teus buracos.

– Sim – digo num suspiro, o meu coração a vibrar como um pássaro selvagem preso numa gaiola. Sorrio, ainda a cavalgar os seus dedos, enquanto acaricio o seu comprimento com o meu punho para cima e para baixo, o meu polegar a rodar no topo da sua cabeça grossa, recolhendo o seu leite quente e espalhando-o pelo seu corpo. – Chega de conversa. Faz isso, Mars. Vou ser tão boa para ti. Mostra-me o que gostas e eu realizo todos os teus sonhos.

Ele inclina o rosto para mais perto.

– Dobra-te. Agarra os tornozelos.

A minha vagina grita quando me viro nos braços dele. Pressiono o meu rabo contra a protuberância das suas cuecas e ele rosna, batendo-me na bochecha do rabo com força suficiente para arder. Eu suspiro, sentindo o calor da palmada a ecoar no meu âmago. Ao mesmo tempo, ele põe uma mão à volta da minha garganta e puxa-me contra ele, sussurrando-me ao ouvido.

– Faz o que te mandam, Rakas. Mostra-me como te dobras bem.

Eu sorrio. Este homem morreria antes de me magoar. Sei que estou a salvo. Sei que ele respeitará os meus limites. E ele adora usar a sua intuição. Quero ver se ele consegue ler-me tão bem como lê o disco. Levantando uma mão, toco-lhe no pulso. Ele afasta imediatamente a mão da minha garganta, deslocando-a para a curva da minha anca.

Inclino-me para a frente, fazendo uma pose de ioga enquanto agarro os tornozelos, o meu rabo e a minha vagina à mostra para ele.

– Perfeito – murmura ele, com as duas mãos a alisar as curvas redondas do meu rabo. – Mais aberto.

Ele apoia as minhas ancas enquanto eu ajusto a minha posição. Depois, deixa cair as cuecas no chão, agarra-se com uma mão antes de dobrar os joelhos e colocar a ponta na minha entrada apertada.

– Respira – diz ele, com as mãos nas minhas ancas, enquanto dá algumas investidas, introduzindo a sua pila enorme na minha vagina apertada, ainda mais apertada devido a este ângulo.

– Oh, por favor – sussurro, adorando a sensação de ele pressionar mais fundo. – Mais.

– Queres mais? – diz ele, com a mão direita a apalpar-me o rabo.

– Sim – imploro.

Num instante estou a gritar enquanto ele faz duas coisas ao mesmo tempo. A sua mão esquerda agarra com força a minha anca, mantendo-me imóvel, enquanto ele bate com as suas ancas, enterrando o seu pau monstruoso centímetros mais fundo dentro de mim. Ao mesmo tempo, a sua mão direita bate-me no rabo. Com força. Adoro esta sensação de estar tão

cheia. Estou a ficar tonta com o sangue a circular-me para a cabeça.

– Fode-me – gemo. – Mars, por favor...

E então ele liberta-se. Agarrando-me pelas ancas, bate-me com força, as ancas batendo-me no rabo, enquanto o meu orgasmo se forma com intensidade e rapidez. Estou a vir-me antes de o poder avisar, as minhas palavras gemidas são ininteligíveis enquanto a minha vagina se agarra com força à sua pila, pulsando à sua volta.

Abruptamente, ele retira-se, deixando-me vazia.

– Levanta-te – ordena ele. – Levanta-te.

Eu respiro fundo, levantando-me da minha inclinação para a frente. Lentamente, viro-me nos seus braços.

– Mars...

– Deita-te na cama – ordena ele. – De costas. Abre as pernas.

Curiosa por continuar a jogar o jogo dele, faço o que me diz, rastejo para a cama e deito-me de lado, antes de rebolar para as costas. Enquanto ele me observa, deixo as minhas pernas abertas, expondo-lhe mais uma vez a minha vagina.

Depois ele arrasta-se para cima da cama, não perde tempo e põe a boca no meu clítoris e chupa-me. Assim que ele começa a meter a língua, sei que estou feita. Estou a agarrar-me aos cobertores, com os joelhos dobrados e abertos enquanto Mars Kinnunen me devora. A barba dele faz cócegas, mas não estou aqui para me queixar. Não me posso concentrar nisso quando ele me está a foder tão bem com aquela língua poderosa. Ele não para até eu estar a gritar outra vez, com as pernas a tremer, o corpo curvado na cama à volta do seu rosto, numa meia-curvatura.

– Oh, meu Deus! – ofego, caindo de novo na cama quando ele afasta o rosto. Respiro fundo algumas vezes, o meu corpo inteiro a zumbir.

Ele está com os cotovelos entre as minhas pernas, olhando para mim como se estivesse faminto.

– Estou só a começar, Rakas.

Com um sorriso tonto, estico-me na cama.

– Mostra-me.

Ilmari rosna, subindo pelo meu corpo até chegar à minha boca. Beijamo-nos, as nossas línguas brincam enquanto sinto a minha doçura nos seus lábios. Adoro a sensação do seu peso em cima de mim, as minhas ancas a embalá-lo, enquanto a sua pila grossa roça contra a minha vagina. Deslizo as minhas unhas pela sua nuca e pelos seus ombros, enquanto ele se arqueia contra mim.

– Foda-se, sim – ofego, mexendo as ancas debaixo dele. – Mars, sabes tão bem...

A sua mão direita desliza à volta da minha perna para me abrir e depois ele volta a enfiar a sua pila enorme dentro de mim, enterrando-se até ao fundo. Eu gemo, agarrando-me a ele enquanto ele começa a bombear com as ancas, martelando-me contra a cama.

– Não pares – imploro. – Meu Deus, estás tão fundo. Por favor, não

pares...

Ele grunhe, baixando o rosto para a curva do meu pescoço enquanto nos movemos juntos. As minhas mãos agarram-se aos seus ombros. Eu arqueio-me para trás, deixando que a pressão profunda da sua plenitude me leve de novo à beira do êxtase. Então a sua mão desliza entre nós e começa a trabalhar o meu clitoris.

– Vem-te outra vez – rosna ele.

– Estou tão perto...

Ele bate-me com força, mudando o seu ângulo ao levantar a minha perna esquerda.

– Toma-me, Rakas. Vem-te outra vez sobre a minha pila. Preciso de o sentir.

O meu orgasmo aperta-se em espiral. Sinto-o pronto a rebentar como ondas a bater nas rochas.

– Estou mesmo lá...

– Vem-te para mim – ordena. – Tão apertada. Vem-te.

– Vem-te comigo – gemo, as ancas a contorcer-se enquanto ele trabalha o meu clitoris, pressionando-o com o polegar. – Oh, Deus!... – grito, o meu corpo todo a espasmar com um orgasmo intenso. A minha vagina aperta-o o mais que pode, pulsando com a minha libertação uma e outra vez. É tudo o que consigo fazer para me aguentar, com estrelas a brilhar na minha visão.

– Foda-se... – O seu ritmo é acelerado quando ele bate em mim e me mantém no limite, a sua própria libertação a encher-me. Ele geme, enterrando o seu rosto no meu ombro, o seu corpo enorme a tremer em cima de mim.

Eu flutuo para baixo, o meu corpo inteiro desfeito. Suspiro, as minhas mãos a afagar os seus ombros largos, os meus dedos a roçar a tinta preta que lhe sobe pelo pescoço – as delicadas penas da asa de um corvo.

Com um grunhido, ele sai de dentro de mim e desliza pela cama.

– Abre as pernas – ele rosna. – Mostra-me, Rakas.

– Mars – ofego, levantando-me nos cotovelos. Vejo Ilmari a olhar para a minha vagina exausta com tanto desejo nos seus olhos.

– Tão linda. – Ele acaricia a parte interna da minha coxa com beijos, a sua barba eriçada contra a minha pele sensível. A sua mão passa pelo meu sexo, pousando sobre o osso púbico. – Aperta-te para mim, Rakas. Mostra-me como me tomaste bem.

Luto contra a aceleração do meu coração enquanto aperto os músculos da minha vagina embriagada pela sua pila. Ao mesmo tempo, Ilmari pressiona suavemente para baixo, mesmo acima do meu osso púbico.

– Ilmari – gemo, ofegante, enquanto sinto o seu esperma quente a sair de mim. É obsceno e sujo e muito quente. O seu olhar aquece e eu não posso deixar de o provocar. – Gostas do que vês, querido?

Ele fica sem palavras, os seus dedos mergulham na confusão entre as minhas pernas, bombeando-a de volta para a minha vagina trémula.

– Estás a pingar, Rakas.

– É teu – digo eu num suspiro, estendendo-me na cama.

Afinal, o meu silencioso guarda-redes tem um fetiche de reprodução e eu não podia estar mais feliz. Se ele gosta de mim a pingar depois de uma ronda, só posso imaginar como se sentiria ao ver-me usada por três homens ao mesmo tempo. Não me dou ao trabalho de lutar contra o meu sorriso de satisfação. Talvez ainda haja esperança para ele.

– Vira-te – diz ele, rompendo a bolha cor-de-rosa feliz dos meus pensamentos de uma orgia a quatro.

– Hum?

– De gatas, Rakas.

Solto uma pequena gargalhada, com os meus seios a abanar enquanto olho para ele. Ele já se estava a levantar da cama para ficar de pé.

– Estás a falar a sério? Não precisas de um pouco de ar? – O meu olhar segue a linha central do seu peito até onde a sua mão está a massajar lentamente a sua pila dura.

Oh, meu Deus!

– Pareço estar a falar a sério? – pergunta ele, o seu rosto uma máscara sombria de determinação. – Ainda não acabámos. Na beira da cama. De gatas. Agora.

RACHEL

— Oh, meu Deus! – sussurro, sentando-me. Não consigo desviar o olhar do orgulhoso comprimento da sua pila. – Sim, estás pronto – digo com o meu sorriso a crescer. – Nunca ouviste falar de um período refratário, Kinnunen?

Ele fica a olhar para mim, o calor do seu olhar a abrir-me, a derreter-me por dentro e por fora. Uma autêntica pasta de *marshmallow*.

– Tu vais cansar-te muito antes de mim, Rakas. Agora, não vou repetir. Vem para a beira da cama.

Luto contra a vontade de tremer enquanto faço o que me mandam. Estou a ficar com a sensação de que estou muito acima das minhas capacidades.

– O que é que vais fazer? – murmuro, virando-me na beira da cama e caindo sobre as minhas mãos e joelhos. Olho para trás por cima do ombro. – Mars?

Ele está a olhar para mim, observando as linhas dos meus ombros, das minhas ancas, do meu rabo. É quase perturbador sentir a forma como ele me cobiça sem me tocar e eu preciso do seu toque. Mas, subitamente, afasta-se, deixando-me na cama.

Não me importo porque me dá uma oportunidade para respirar e também me proporciona uma visão desobstruída da sua linda tatuagem nas costas. Espalha-se por toda a superfície da sua pele musculada, estendendo-se pela parte inferior das costas e terminando no rabo.

– Mars, o que...

Ele não diz nada, baixando-se num joelho para ir buscar algo ao seu saco. Depois volta para a cama, com um frasco de lubrificante de viagem na mão.

– Bem, tu és o Senhor Sempre Pronto – digo com um sorriso.

– Eu quero isto. – A sua mão direita levanta-se para me tocar na nádega.

Depois o seu polegar passa pela minha abertura, pressionando o meu buraco.

Eu suspiro, apertando-me por instinto.

– Mars...

Ele ajoelha-se, atira o frasco de lubrificante para a cama e abre-me as nádegas, a sua boca quente cobre-me o buraco enquanto me provoca com a língua.

– Oh, porra, meu Deus... – Estou a tremer, caindo para a frente até aos cotovelos quando ele mete dois dedos na minha vagina ainda a pingar.

– Consentes? – murmura ele, com o polegar a tocar-me, fazendo-me contorcer.

– Mars...eu...

– Diz para parar e eu paro – diz ele, levantando as duas mãos. – Se não consegues lidar comigo, Rakas...

– Não te atrevas a parar – ofego. – Eu só... será que vai caber? – Eu sei que é uma pergunta estúpida, mas é o melhor que o meu cérebro embriagado de pila consegue fazer. Eu estou legitimamente preocupada.

Ele sorri levantando-se e pegando na pequena garrafa de lubrificante.

– Vai caber.

Eu nunca tinha levado com um pau tão grande no cu. O Jake tem uma grossura e um comprimento sérios, mas é como comparar uma grande e deliciosa salsicha com um salame de dois quilos. Isto não vai caber de maneira nenhuma. As minhas entranhas já se sentem reorganizadas. Mas eu devo estar louca, porque aparentemente estou a acenar com a cabeça.

– Faz isso – murmuro. – Mars, toma-me.

Ele trabalha-me lentamente, demorando o seu tempo a brincar e a esticar-me. Torna-se uma nova ronda de preliminares quando ele alterna entre enfiar os dedos no meu rabo e acariciar o meu clítoris com a mão livre, mergulhando os dedos na minha vagina cheia de esperma para me possuir com as duas mãos.

Estou a contorcer-me, desesperada para me vir outra vez, quando ele está a encostar a cabeça robusta da sua pila ao meu rabo, dizendo-me para respirar e relaxar enquanto ele empurra para dentro. Estou cheia de lubrificante, mas ainda assim é apertado.

– Aceitas-me tão bem – murmura ele, agradecido. As suas mãos suavizam as minhas ancas enquanto ele penetra mais fundo.

– Por favor – gemo. – Mais forte, Mars. Preciso que me penetres com mais força.

Ele não precisa que lhe diga duas vezes. Agora que está dentro de mim, ele quer conquistar-me. Começa a mexer as ancas a sério, o meu rabo arredondado bate contra as suas coxas enquanto fodemos, a sua pila monstruosa enterrada bem fundo no meu rabo. Sou uma confusão de gemidos, adorando a sensação do meu próximo orgasmo a crescer no meu núcleo e a espalhar-se pelo meu peito, até à ponta dos meus dedos.

Preciso de mais. Preciso de me sentir ligada a ele de todas as formas.

Arqueio-me para cima, mudando o nosso ângulo, enquanto o meu braço direito se estende cegamente para envolver o seu pescoço e puxá-lo para mais perto de mim. Mantendo o meu rabo apertado contra as suas ancas, arqueio as costas e olho por cima do ombro, observando os traços do seu rosto robusto.

– Beija-me... Ilmari, por favor...

Uma das mãos cobre-me o rosto enquanto a outra me envolve para me acariciar o peito. Depois beija-me, derramando a sua paixão em mim com todo o seu corpo. Balançamos juntos, partilhando o ar, movendo-nos como um só.

– Vou-me vir outra vez – grito contra os seus lábios. – Não pares, eu...

– As minhas palavras morrem enquanto eu me deixo levar por outro orgasmo. Este é profundo e cheio de ondas pulsantes que fazem tremer todo o meu corpo. Aperto-o com tudo o que tenho, desesperada para que ele se venha comigo outra vez.

Em poucos instantes está a gemer, as suas ancas a sacudir-se contra mim, perdido no espasmo da sua libertação.

– *Mä tuun* – grunhe. – Rakas... – Sinto-o quente e molhado no meu cu, enchendo-me.

Depois de um momento de euforia suspensa, caímos em câmara lenta para a cama. Ele está apenas parcialmente em cima de mim, mas é o suficiente para sentir o seu peso a afundar-se. O homem é uma árvore.

– Vira-te – murmura ele, levantando-se o suficiente para que eu possa cair como um peixe, virando-me de lado para o encarar. Depois, a sua mão esquerda mergulha no meio das minhas pernas, os seus dedos a passar pela entrada da minha vagina. Ele levanta um par de dedos brilhantes, cobertos com a mistura das nossas libertações. – Prova.

Chupo-lhe os dedos com um suspiro suave, saboreando o gosto de sexo puro na minha língua.

Ele está a olhar para mim com tanta ternura. Mal posso acreditar que tenho Ilmari Kinnunen nu nos meus braços.

– Agora o teu corpo conhece o meu – diz ele. – O meu esperma reclamou todos os teus buracos, Rakas. És minha.

Sorrio para o seu belo rosto, sentindo-me tão à vontade nos seus braços. Tão segura e satisfeita. Durante tanto tempo senti-me como um pequeno barco à deriva num mar perigoso. Ilmari Kinnunen entrou na minha vida como um guarda-redes fechado e mal-humorado. Sorrio, sabendo com tanta clareza como ele se encaixa em nós. Ele é o meu porto seguro.

Jake é a minha alegria. Caleb é o meu conforto. Ilmari é o meu descanso. Quero-os a todos. Preciso de todos eles. Por favor, Deus, deixa-o querer isto também.

– Sou tua – repito com a mão a afagar o seu peito. – *Oon sun*.

Ele sorri, colocando o meu cabelo para trás da orelha.

– Mas eu também sou do Jake – digo, vendo seu sorriso desvanecer. – E sou do Caleb. Nada mudou para mim no que diz respeito a eles. Amo-os,

Mars. Tenciono continuar a amá-los. Mas o meu amor não é finito. Há espaço para ti na minha vida, no meu coração... se quiseres estar lá.

Ele afasta-se, com um braço ainda preso debaixo de mim, a olhar para o teto.

Mordo a língua, deixando-o processar os seus pensamentos e emoções.

– Não sei como me sinto em relação a isso – admite ele por fim. – A ideia de eles te tocarem... te amarem... não consigo ter uma perspetiva. – Ele arrasta uma mão sobre o rosto com um gemido. – Eu nunca fiz isso antes, Rakas.

– Nenhum de nós fez – digo eu. – Não há regras, Ilmari. A não ser a honestidade – acrescento rapidamente. – Estamos todos a descobrir à medida que avançamos. O Jake e o Caleb estão na sua própria jornada. Eu vou apoiá-los, aconteça o que acontecer. E isto não precisa de ser uma competição. Tu fazes-me feliz. O Jake e o Caleb também me fazem feliz. Eles fazem-se felizes um ao outro. Separadamente. Juntos. E não se trata apenas de sexo – acrescento. – É uma vida inteira que partilhamos, Mars. Vivemos juntos.

– O quê?! – rosna ele, virando a cabeça para mim. – Tu vives com o Compton e com o Sanford?

– E com o *Poseidon* – acrescento. – Não te esqueças do cão.

Ele grunhe, virando-se novamente para o outro lado.

– O cão eu posso tolerar. O Compton e o Sanford é que eu quero atirar de um penhasco.

– Afasta-os e vais afastar-me juntamente com eles – aviso. – E isto não é uma situação do género «eles vieram primeiro» – acrescento. – Mesmo que tu tenhas vindo primeiro, eu sou assim, Mars. Eu sou... complicada. – Quem me dera que houvesse uma maneira melhor de me descrever, mas agora a palavra está cá fora, e eu aceito-a. – Há tantas facetas da Rachel Price – continuo. – A ideia de que uma pessoa possa satisfazer todas elas e ser o meu par perfeito... acho que isso não é possível. Tu fazes-me feliz, Mars. O Caleb faz uma parte diferente de mim feliz. Não é mais ou menos felicidade; é apenas diferente. Ao sentir essa felicidade com os três, consigo ser a melhor e mais completa versão de mim própria. Estou a fazer algum sentido?

O rosto dele está estático enquanto respira calmamente ao meu lado, sem dizer nada.

– É muita coisa – admito. – E eu compreendo que precisas que isto seja uma coisa de uma noite só. Quero dizer, tudo bem, se é só isso que pode ser para ti. Eu posso aceitar isso...

Ele vira-se para o lado, colocando três dedos sobre a minha boca para me calar.

– Rachel...

– Hum? – Digo por trás dos dedos.

O olhar dele suaviza-se um pouco.

– Eu não vou a lado nenhum.

Com o coração na garganta, ergo-me sobre um cotovelo, estudando a sua

expressão.

– Tens a certeza?

Ele acena com a cabeça e eu suspiro.

– Este é um momento importante, Mars. Vou precisar de mais do que um aceno de cabeça.

Ele fica em silêncio por mais um longo momento, procurando as palavras certas, antes de finalmente falar.

– Estou disposto a admitir que estou curioso. Acho que preciso de te ver com o Compton e o Sanford. Preciso de perceber o que isto é, aquilo que tens com eles e onde eu encaixo.

Os meus olhos arregalam-se.

– Ver-nos juntos, tipo... ver?

Ele rosna baixo, puxando-me contra ele e entrelaçando as nossas pernas.

– Não estou a falar de sexo, Rakas. Não quero pensar nos seus pénis insignificantes a meterem-se perto de ti.

Não posso deixar de soltar uma gargalhada.

– Ninguém te vai obrigar a fazer algo com que não te sintas à vontade – digo mais diplomaticamente.

Ele continua tenso, com o olhar fixo no teto.

– Mas tu estás com eles nesse sentido.

– Sim – respondo. – Separadamente e juntos. Eles adoram partilhar... e eu adoro ser partilhada – admito. – E acho que também devias saber que o Caleb é bissexual. Ele gosta de homens e mulheres. Já teve relações com ambos. E o Jake está atualmente a explorar a sua própria «bicuriosidade» – digo com um sorriso suave.

– «Bicuriosidade»? – repete ele.

– Sim... acho que o Jake está apaixonado pelo Caleb – admito e o meu estômago enche-se de pensamentos quentes e confusos quando me lembro da forma como o Caleb olhava para ele com tanta admiração nos olhos e o Jake de joelhos. – Ele só ainda não sabe. Mas está no caminho certo.

– Então, eles estão contigo e um com o outro?

– O Jake ainda não chegou lá. Mas acho que está no horizonte deles.

– E será que eles... – Ele não termina o pensamento, mas eu sei onde ele quer chegar com a sua pergunta.

– Mars, estás a perguntar se os rapazes vão querer que desfrutes de momentos sensuais com eles sem a minha presença?

– Isso não vai acontecer – murmura ele.

– É justo – respondo, aconchegando-me junto à sua estrutura maciça. A mão dele traça círculos suaves na minha pele. – Vais seguir o teu próprio caminho, Mars. Se só queres estar comigo, tudo bem.

A mão dele para, a sua respiração é lenta e constante no peito.

– Queres-me, Rakas? – murmura ele, sem olhar para mim. – Para além desta noite... queres-me na tua vida? Na tua cama?

Não consigo deixar de pensar no nosso jantar desta noite, ao ouvi-lo

admitir que estava sozinho. Sem pai. Sem mãe. Sem irmãos. Apenas um trabalho exigente que requer viagens intermináveis. Ele deixou tudo para trás na Finlândia.

A sua casa, a sua família substituta. Mars Kinnunen está completamente sozinho.

Já não está.

O meu coração palpita quando as palavras ecoam até aos meus ossos. Ninguém merece passar pela vida sozinho, especialmente alguém tão maravilhoso como o homem que está nu nos meus braços.

– Sim – digo eu, segurando-lhe na cara. – Ilmari, sim. – Beijo-lhe a ponta do nariz, as duas bochechas. – Sim, quero-te – sussurro, descendo os meus beijos pelo seu pescoço. – Sim, preciso de ti.

– Então vais ter-me – responde ele, com os dedos a cravarem-se no meu cabelo.

– Diz – provoco, passando uma perna por cima da anca dele enquanto me pressiono contra ele, inclinando-me para um beijo.

– *Oon sun*, Rakas – murmura ele, com a boca a roçar na minha.

– Podes crer – respondo eu, empurrando-lhe o ombro enquanto me viro para cima dele, montando-o. – Agora, mete esse teu belo rabo finlandês no chuveiro. Ainda não acabei contigo.

JAKE

—Oh, sim – murmuro, inclinando a cabeça para trás, com os olhos fechados. – Sim, aí mesmo. Sabe tão bem. Não pares...

Caleb levanta o massajador da minha barriga da perna e desliga-o.

– Meu, tens de parar.

Eu abro os olhos, percorrendo o meu corpo até onde Cay está sentado com as minhas pernas apoiadas no seu colo num travesseiro. Sy está enrolado do outro lado, observando-nos.

Acabei de voltar de um treino brutal de manhã cedo, e Caleb concordou em usar o massajador nas minhas pernas. Claro que, primeiro, tive de o subornar. E o Caleb Sanford não é para brincadeiras. Tenho de lhe fazer bife para o jantar desta noite e lavar-lhe a roupa durante uma semana. Mas vale a pena.

Valeu a pena. Agora ele parou, e eu estou prestes a ameaçar que não vou fazer as minhas mundialmente famosas espetadas de camarão grelhado com molho Cajun.

– Então? – choramingo.

– Estavas a fazer gemidos de sexo – responde ele, olhando para mim. – Cala-te enquanto faço isto, ou faço com que essa boca ganhe os seus gemidos. – Eu fecho a boca rapidamente, com os olhos arregalados.

Não falámos sobre isso desde que aquilo aconteceu. O chupar a pila. Aquela noite foi espetacular. Quando entrámos no meu duche às três da manhã, mal nos aguentávamos de pé. Eu estava tão cansado na manhã seguinte que não acordei com o despertador e perdi o treino de força e condicionamento. Valeu totalmente a pena.

A Rachel é perfeita para mim. Para nós. O «nós» sendo eu e o Caleb. Porque a verdade assustadora é que acho que existe um «nós». Os rapazes

sempre nos gozaram com isso e o Caleb sempre ignorou. Ele nunca deixou que o burburinho o afetasse, mesmo quando ainda jogava.

PVD é um rótulo que costumava assombrar-me. Quando a minha última equipa me gozou com isso, eu quis provar que não era *gay*. Comi coelhinhas a torto e a direito. Fiz algumas escolhas estúpidas em nome da minha agenda de não-homossexual. Sei que magoei algumas raparigas. E agora a verdade é clara para mim: também magoei o Cay.

Eu fui a primeira pessoa a quem ele se assumiu tecnicamente e dediquei-me a ser o seu amigo heterossexual solidário. Deixei-me de tretas tóxicas e apoiei-o a cem por cento. Até comprei um autocolante com um coração arco-íris a dizer «Sou um Aliado» para pôr na garrafa de água que levo para o ginásio. Os outros tipos podem rir-se, mas eu vou estar do lado certo da história.

Mais importante ainda, quero estar do lado certo da minha amizade com o Cay. Ele nunca me pediu nada. Nunca o mencionou de todo. Ele não é o tipo de homem que namora. Nos últimos anos, acho que ele tem sobrevivido apenas de encontros supersecretos.

Aparece a Rachel.

Ela deu-nos a volta aos dois e agora estamos do avesso e de pernas para o ar. Há uns meses, a minha vida era tão fácil. Tinha tudo planeado: carreira, casar com uma mulher atraente, filhos, reformar-me e ser treinador. É o plano de muitos tipos. É confortável. Os atletas profissionais gostam de rotina.

Agora estou aqui sentado com as minhas pernas no colo do Caleb, à espera de que a Rachel chegue a casa. Porque vivemos juntos. Nós os três. E fodemos como deuses. Os três. E não era isto que eu tinha em mente para a minha pequena lista de objetivos de vida totalmente alcançáveis. Parece que fui a Seattle para me encontrar com a Amy, mas em vez disso encontrei a Rachel, que prontamente me arrancou a lista da mão e a rasgou em pedacinhos.

Aparentemente, estou a fazer uma nova lista de objetivos de vida: jogar hóquei profissional, unir a minha alma à Rachel Price, foder o meu melhor amigo com a boca e adorar, e converter a minha casa num antro de sexo para quatro pessoas, casamento e filhos opcionais.

Quem sou eu, e o que é que eu fiz com o Jake Compton?

A Rachel está a caminho de casa neste momento. Com o Mars Kinnunen. Aparentemente, resolveram o seu drama ontem à noite. Não nos contaram todos os pormenores da revelação do pai surpresa, mas uma coisa eu sei: eles dormiram juntos. O Caleb e eu já estávamos à espera. Dissemos-lhe para o fazer. Mas não deixa de ser diferente saber que aconteceu.

– Ei – murmura Caleb com o seu olhar negro fixo em mim, a ler-me todos os pensamentos. – Estás bem?

Se estou bem? Não sei dizer. Sinto-me como se tivesse engolido uma bola de alfinetes e agora ela está presa dentro de mim, a saltar de um lado para o outro. Quero-a de volta. Sinto-me inquieto com a sua ausência. Só quero

que ela entre por aquela porta e alivie este peso que sinto no meu peito.

– Achas que ela o vai conseguir fazer entrar pela porta? – Caleb pensa.

Eu encolho os ombros.

– Ela pôs-te de joelhos. Aposto que ela consegue lidar com um finlandês rabugento.

– Aposto que ele fez a maior parte do trabalho ontem à noite.

Reviro os olhos para ele.

– Cala-te e massaja-me as pernas ou dou as tuas espetadas de camarão ao *Poseidon*.

Ele sorri e volta a ligar o massajador. A cabeça arredondada pulsa quando ele a pressiona na minha perna e eu afundo-me contra as almofadas do sofá, deixando o meu PVD tomar conta de mim.

Acho que devo ter adormecido em cima do Caleb, porque quando ouço a porta da frente a abrir, respiro fundo e acordo de repente. O *Poseidon* salta do sofá com um latido, correndo para a porta. Fico imediatamente nervoso. Só há mais três pessoas com o código da minha porta da frente. Uma está no sofá comigo e a outra está no Japão. O meu coração dá um salto no peito, sabendo que deve ser...

– Cachorrinho! – A Rachel chora e o cão fica doido, a saltar e a choramingar como um idiota. Aquela rapariga é louca pelo *Poseidon*. E por todos os cães, na verdade. Passeamos com ele na praia ao fim da tarde e, quando passamos por outro cão, ela fica igualmente encantada.

E não são só os cães. Por vezes, vemos caranguejos na areia ou golfinhos na rebentação, uma tartaruga ocasional. Sempre que isso acontece, a nossa médica calma e controlada perde completamente a serenidade. É adorável. No outro dia, Caleb teve de a afastar à força de duas senhoras e dos seus cavalos que davam um passeio ao pôr do Sol.

As minhas recordações dela a correr na praia, com um fato de banho atrevido, desaparecem do meu cérebro à medida que a realidade se abate sobre mim.

Se a Rachel está em casa, isso significa...

– Oh, merda, cá vamos nós – murmuro, tirando as pernas do colo de Caleb.

Sentados neste ângulo no sofá, estamos escondidos da vista, mas consigo ouvi-la a falar junto à porta. Uma voz grave responde. A menos que *Poseidon* tenha aprendido o poder da fala nos últimos dois minutos, Mars Kinnunen está em minha casa.

O Cay também deve ter adormecido, porque está a revirar o ombro e a estalar o pescoço, com a boca franzida. Muito bem, vamos a isto. Este é o nosso território. Não mostrar medo. Mars Kinnunen vai entrar aqui e mostrar a sua maldita cara. Ele vai dizer-me mais do que três palavras, ou então juro que...

– Calma – murmura Caleb, sentindo a forma como estou a entrar em espiral.

Foda-se, sou péssimo nisto. Só me apetece saltar do sofá como o *Poseidon* e envolver a Rachel nos meus braços. Quero arrastá-la para cima e enterrar-me no seu doce sexo e dizer-lhe o quanto senti a sua falta. Ela só esteve fora 32 horas. Tenho de me acalmar.

– Ei! – grita ela. – Cheguei!

– Aqui dentro – respondo.

Merda, estou a soar suficientemente descontraído? Conhecer o amante da tua amante pela primeira vez não é um momento descontraído... mas eu já conheço o Mars. Quer dizer, ninguém conhece realmente o Mars Kinnunen. Mas somos colegas de equipa. Vejo-o todos os dias. Jogamos juntos. Viajamos juntos.

Ele veio à praia no outro dia. Tivemos a nossa conversa mais longa, não relacionada com o hóquei, junto ao grelhador. Perguntei-lhe qual era o tipo de marisco que comiam na Finlândia e ele respondeu-me. Foram pelo menos cinco frases.

– Fica calmo – murmura Caleb sombriamente quando Rachel aparece na esquina.

Caramba, só de ver o seu rosto fico relaxado.

– Olá, querida – chamo-a, estendendo a mão por cima das costas do sofá.

Ela vem direita a mim e eu vejo pela primeira vez o Mars atrás dela. Ele nunca tinha estado em minha casa. Está ali, enquadrado na entrada, com o olhar a mover-se lentamente pelo espaço aberto da sala. A Rachel bloqueia-me a visão quando pega na minha mão e se enrola em cima do sofá.

– Olá, meu anjo – diz ela, sorrindo para mim.

Os meus sentidos enchem-se dela quando ela se inclina para baixo, beijando-me. Entrelaço os meus dedos no seu cabelo, afirmando a minha pretensão. É bom que o Mars esteja a ver. Esta rapariga é minha, e beijo-a sempre que quiser. Ela cheira a si própria: toda floral e suave. Mas também cheira a ele. Faz a minha pila contorcer-se e o meu cérebro roncar. Quero arrastá-la para cima do sofá e envolvê-la nos meus braços, apertando-a contra mim até que o cheiro dele desapareça. Ou pelo menos até que o meu se misture de novo.

Ela afasta-se com um riso suave e olha para mim, afastando o cabelo da minha testa.

Eu corro atrás da mão dela como o tolo que sou.

– Trabalhaste muito esta manhã? Pareces sonolento.

– Foi horrível – murmuro. – Cheguei a casa e desmaiei.

Ela olha de relance para o sofá, para o Cay.

– Vocês portaram-se bem enquanto eu estive fora?

– Melhor do que tu – responde ele, com o olhar a passar por cima do ombro dela para onde o Mars ainda está parado como uma estátua gigante.

Ela endireita-se, a sua mão agarra a de Caleb nas costas do sofá e aperta-a. Já nos conhece tão bem. Ela sabe que eu preciso da reconexão instantânea, da afirmação. E o Caleb ainda está perdido na terra de ninguém emocional. Quando ele estiver pronto para aquecer, ela estará lá, mas não o vai pressionar.

– Mars, queres beber alguma coisa? – pergunta ela por cima do ombro, passando por ele em direção à cozinha.

– Não, obrigado – responde ele com aquela voz grave.

Rachel abre a porta do frigorífico.

– Jake, Cay, querem alguma coisa?

– Uvas – digo eu, enquanto Caleb diz:

– Água.

Sinto-me como um vulcão prestes a explodir. Eu não gosto de silêncios constrangedores, mas Mars e Caleb poderiam ser medalhistas de ouro e de prata no desporto. Isto é tão injusto. Vou parecer a única pessoa carente e em pânico quando não aguentar mais o silêncio pesado.

Rachel fecha a porta e vira-se, equilibrando várias bebidas e a taça de uvas nas mãos.

– Aqui está – murmura ela, oferecendo a Mars a garrafa de água enfiada na curva do cotovelo. – Entra, cumprimenta-os.

Ele agarra na garrafa sem dizer nada e segue atrás dela para a sala de estar.

Ela dá a Caleb uma garrafa de água com gás antes de me oferecer as uvas com outro sorriso suave. Ela sabe que isto é estranho para mim. Pelo menos ela também é faladora. Graças a Deus.

O Caleb e eu estamos sentados na extremidade mais curta da secção em forma de «L». Eu estou enfiado no canto, e ele está na outra ponta. A Rachel vem pelo lado comprido e senta-se junto a mim, enrolando as pernas debaixo de si enquanto abre a sua própria garrafa de água com gás.

Estranho como sempre, Mars não se senta ao lado dela. Não, senta-se na cadeira de grandes dimensões, com a sua garrafa de água de pessoa normal intacta na mão. Por sua vez, *Poseidon* salta para junto dela, com o focinho todo enfiado nela à procura de comida.

– Sabes que nós sabemos, não sabes? – declaro, incapaz de suportar o silêncio por mais um instante.

O Mars afasta o seu olhar taciturno dela e do cão.

– O quê?

– Eu disse que tu sabes que nós sabemos... certo? Ele sabe que nós sabemos? – acrescento para a Rachel.

– Ele sabe que tu sabes, Jake – responde ela, tomando um gole da água, com uma mão a coçar entre as orelhas do Sy.

– Ele não estaria aqui se não soubesse – acrescenta Caleb, com o olhar sombrio fixo no finlandês. Caleb é sempre tão bom a ler as pessoas. – Ele está curioso. Ele também a quer, mas deseja que possamos desaparecer e morrer

para que ele possa tê-la. Ele quer o seu caminho livre de todas as obstruções...

– Cay, não seas parvo – avisa a Rachel.

– Então ele que nos diga que eu estou errado – responde ele, o seu olhar deslocando-se lentamente de volta para o finlandês. – Estou errado, Mars?

Eu observo-o também, à espera. Mars não diz nada.

– Perfeito, porra – murmura Caleb.

– Espera, então como é que isto vai funcionar? – pergunto eu, esticando as pernas enquanto meto uma uva na boca. – Mars, vais mudar-te para aqui?

– Não – dizem ele e Caleb ao mesmo tempo.

– Então... e depois? – digo eu, olhando em redor. – Tu estás com a Rachel, nós estamos com a Rachel e nunca mais nos vamos encontrar? Vais continuar a ser esquisito nos treinos? Vais evitar-nos nas conversas de grupo? Uma grande muralha de Kinnunen? Porque tenho de dizer que isso não vai resultar comigo.

Sempre a pacificadora, Rachel pega na minha mão e aperta-a.

– O que é que funcionaria para ti, Jake?

O meu olhar fixa-se no urso que está na minha sala de estar.

– Bem, quero dizer... Mars, tens de te esforçar mais, meu. Fazer parte da equipa. E não me refiro apenas a esta equipa – acrescento, apontando para nós os quatro. – E nós somos uma equipa.

– Explica – diz ele, com os seus olhos azuis a estreitarem-se para mim.

– A sério? Não foi suficientemente claro? *Okay*... hum... bem, tens de falar mais comigo. Quero frases completas e expressões faciais e coisas do género. E tens de estar no *chat* de grupo. Usa *emojis* e GIFs se não quiseres falar. Mas deixar-me sem resposta é a forma mais rápida de me irritar. Pergunta a estes dois – digo, apontando com o polegar para a Rachel e para o Cay, com a taça de uvas equilibrada no meu colo.

Ele faz uma cara como se tivesse acabado de chupar algo azedo, mas lentamente acena com a cabeça.

– Não estou a dizer para mudares toda a tua personalidade – acrescento rapidamente. – Estou só a dizer para... nos deixares ver a tua personalidade. Tens de a mostrar à Rachel. Ela não se interessaria por um tipo completamente idiota. Só que... eu quero mais – termino com um encolher de ombros.

Mars olha para Rachel e ela acena-lhe com a cabeça. Suspirando, ele volta-se para mim.

– Não gosto de carne vermelha e prefiro ler a ver televisão. E tenho uma rotura labral na anca direita.

Respiro fundo. Não é uma informação inovadora, mas é um começo.

– É muito grave?

– Suficientemente dolorosa para eu estar a compensar na rede. Mas está a melhorar.

– Há quanto tempo jogas lesionado?

– E mantendo-a em segredo? – acrescenta Caleb com um olhar fixo.

– Toda a época – responde. – Reparei nisso pela primeira vez no verão.

Abano a cabeça e a minha frustração aumenta. Muita merda traumática que eu mantenho bem fechada está a ameaçar vir ao de cima e agora não é o momento nem o lugar. Respiro fundo.

– Meu, tens de nos contar merdas dessas. Eu percebo que não contes ao treinador, mas tens de me contar a mim. Eu sou o teu D, a tua defesa.

– Eu sei – murmura ele, com o olhar a desviar-se para a garrafa de água que tem nas mãos.

– Estou a proteger-te lá fora. Teria mudado o meu jogo para me conter, proteger melhor o teu lado direito...

– Não – reclama ele. – Não devias ter de compensar por mim. Nós jogamos nas nossas posições.

– Jogamos como equipa, idiota – respondo, sentindo Caleb tenso ao meu lado. – Tu estás a sofrer, dizes à tua linha D e nós protegemos-te com tudo o que temos. É assim que as coisas funcionam. Não estás sozinho, Mars. Nem no gelo, nem nesta casa. Já não trabalhas sozinho.

– É um hábito difícil de quebrar – admite ele.

– Sim, bem... as nossas merdas com os Rays vão resolver-se sozinhas no gelo – respondo. – Mas se estás com a Rachel agora, também estás connosco. Comigo e com o Cay. Tens de confiar em nós. Acabaram-se os segredos. Vais dizer-nos quando estiveres lesionado, e tens de nos deixar ajudar-te. De acordo?

Lentamente, ele acena com a cabeça.

– Decide aqui e agora, Mars. Alinhas connosco ou saís daqui.

Terminado o meu discurso, aponto por cima do ombro para a porta da frente. Ele olha de relance para Rachel antes de voltar a olhar para mim.

– O que é que «alinhar convosco» significa para ti, Compton?

Ao meu lado, Caleb mexe-se. Não posso deixar de sorrir.

– Bem, para começar, tens de me deixar dormir com o meu polegar no teu rabo. E sabes o que são as quintas-feiras nuas, certo?

– Oh, meu Deus! – Rachel murmura enquanto Caleb ri.

– Isto é uma piada, não é? – Mars olha para Rachel, com uma sobrancelha levantada. – Ele está a brincar?

– Sim, Mars. Estou só a brincar contigo. Bem... quer dizer, isso depende de ti – acrescento com um piscar de olhos. – É só dizeres a palavra, e podemos começar a foder aqui e agora. O Cay e eu mal podemos esperar para te ver a usar esse torpedo entre as pernas. Estás dorida, Seattle? – acrescento, lançando-lhe um sorriso provocador. – Não vou mentir, fico com tesão ao imaginar-vos juntos. Espero mesmo que gostes de partilhar, Mars. Porque o Cay e eu atirámos uma moeda ao ar e eu vou ser o primeiro a fazer equipa com ela e contigo.

A Rachel geme outra vez e o Mars olha para mim como se me tivesse crescido uma segunda cabeça.

– Estás a falar a sério? – pergunta ele novamente.

E agora estou a rir-me. Deslizo para fora do sofá, dando uma palmadinha no *Poseidon*, que trota ao meu lado, à volta da ponta do sofá do Caleb.

– Na verdade, sim. Sobre a coisa de atirar a moeda ao ar. Ficámos aborrecidos ontem à noite a ver um concurso de cozinheiros. Mas não me parece que estejas com vontade de fazer uma equipa de combate neste momento – acrescento, avaliando-o. – E, se bem conheço a minha Rapariga de Seattle, ela não parou de montar a tua pila até à exaustão. Estou certo, miúda? A tua doce vagina precisa de tempo para recuperar antes de te comermos outra vez?

Ela apenas revira os olhos para mim, deixando-me inclinar sobre as costas do sofá para beijá-la de cabeça para baixo.

– Estás a divertir-te? – murmura ela.

– Se ele não aguenta, pode ir-se embora – digo alto o suficiente para ele ouvir.

– E que tal se nos acalmarmos um pouco? – responde ela, com os dedos a roçarem-me levemente o braço. – Começar com algo um pouco mais informal do que sexo a quatro.

– E que tal começarmos com um jantar? – Olho para o gigante finlandês. – Mars, ficas para jantar.

CALEB

Mars Kinnunen ainda cá está. Encontra-se junto ao lava-loiça com a Rachel enquanto limpam a louça depois do jantar. O Jake está lá fora a tratar do seu precioso grelhador. Ele é um snobe total quando se trata dos seus grelhadores. Eu não me importo, desde que possa apreciar o fruto do seu trabalho. Esta noite foram bifes e camarões grelhados. Lá dentro, a Rachel preparou arroz selvagem e uma salada. Como os rapazes estão na época, também comeram o seu peso em brócolos.

Agora o Mars está a lavar os pratos e a arrumá-los. A sua música toca no sistema *surround*, algo suave e feminino. Tem estado a tocar toda a noite. Eles murmuram um para o outro enquanto ela bebe um gole de vinho. Ela diz qualquer coisa, os seus olhos escuros olham para ele e ele sorri. Ela bate-lhe com a anca e ri-se quando ele quase deixa cair um prato na água com detergente.

Ao vê-los neste momento, sei a verdade: ela também fez a sua magia com ele.

Porra, ele não vai a lado nenhum.

Não que eu pensasse que ele iria. Há semanas que vejo isto a construir-se. A tensão sexual explosiva entre eles pode ter desaparecido, mas a necessidade latente permanece. Ele é louco por ela. E ela é louca por ele. É novo. É excitante.

Mas isto não vai funcionar para todos nós se ele pensar que pode manter a sua relação com ela totalmente separada da nossa. O Jake pode estar a brincar com a questão da partilha, mas eu não. Não me vou esconder só para o deixar mais confortável. Esta casa também é minha. A rapariga é minha. A vida é minha.

Pousando a minha água gelada na ilha, levanto o cesto do pão e o prato

de manteiga da mesa e levo-os para junto do lava-loiça.

– Obrigada, querido – diz a Rachel, sorrindo.

O prato da manteiga desce a chocalhar enquanto eu a apanho com as duas mãos. Agarro-lhe no rosto, puxo-a para mim, selando as nossas bocas com um beijo esfomeado. Ela suspira contra mim e os seus lábios abrem-se. Depois as suas mãos levantam-se, agarram-se aos meus cotovelos e retribui-me o beijo.

Todo o meu corpo se ilumina, adorando a sensação de a ter nos meus braços. Ela é tão generosa, beijando-me descaradamente à frente de Mars. As minhas mãos passam pelos seus ombros, descem pelos lados, até à sua cintura, puxando-a para mim.

Ela vem de livre vontade, as suas mãos ensaboadas arrastam-se pelo meu cabelo antes de caírem entre nós, pressionando contra o meu peito. Interrompemos o beijo, com as testas encostadas, e ela solta uma gargalhada suave. As suas mãos molhadas estão espalhadas pela minha *t-shirt* esfarrapada dos Minnesota Hockey.

– Olha quem finalmente decidiu sair da sua concha – provoca ela. – Olá, bebé. – Ela acaricia-me a bochecha, inclinando a cabeça para trás para olhar para mim. – Queres ajudá-lo a acabar de lavar a loiça? – Ela olha para o Mars por cima do ombro.

Ele está ali de pé, com os braços cruzados sobre o peito, o seu carrapito desportivo, a barba loira e as maçãs do rosto marcantes que lhe dão aquele ar de *viking* da *GQ*. Ele olha-me fixamente, tirando o pano da loiça do ombro e atirando-o para o chão.

– Diz o que tens a dizer, Sanford.

Volto o meu olhar para a Rachel, passando o polegar pela sua face macia.

– Quero foder-te, Furacão. Aqui. Agora mesmo. E quero que ele veja.

Ela respira fundo, com os olhos arregalados.

– Cay...

– Não podemos avançar enquanto não soubermos que ele consegue lidar com a partilha. E neste momento ele não tem a certeza – digo, apontando para ele por cima do ombro dela. Levanto o meu olhar para o ver. – Tens a certeza?

Ela vira-se nos meus braços e olha para ele com aqueles lindos olhos castanhos.

– Mars?

Um músculo do seu maxilar contrai-se enquanto ele olha para mim. Não me atrevo a ajustar a minha mão sobre ela. Se o facto de lhe tocar é suficiente para o fazer tremer, o que é que a minha queca à frente dele fará? Nós temos de saber.

E que se lixe o Jake e o nosso estúpido lançamento de moeda ontem à noite. Ele é muito mais valioso do que eu. Não vamos abrir esta porta só para que o Mars a acesse e dê cabo do Jake. Se alguém tem de levar com a pancada, serei eu. O meu defesa merece que alguém o ponha em primeiro

lugar, por uma vez.

– Diz-lhe a verdade, Mars – digo eu.

Nós os três já o sabemos.

– Não – admite ele, soltando um suspiro baixo. – Não tenho a certeza. Sanford, preciso que tires as mãos de cima dela. – Ele diz isso tão educadamente, mas seu significado é claro. Ele quer arrancar-me a cabeça.

– Mars – sussurra ela, ficando tensa nos meus braços.

– Calma, Furacão. – Passo as duas mãos pelos braços dela. – Ele não vai fazer nada e nós não vamos parar. Vamos chamar a isto terapia de exposição. Uma coisa é o Mars dizer que te quer. Mas ele não pode levar-te para longe de nós. E não vai ter uma versão agradável e artificial da nossa vida em que a única pessoa que te toca na presença dele é ele próprio.

Enquanto falo, passo as minhas mãos pelos seus ombros e em volta para lhe tocar nos seios. Ela arqueia-se ligeiramente contra mim, o seu corpo respondendo ao calor do olhar de Mars e à provocação das minhas mãos. Porra, a nossa rapariga adora ser partilhada. Adora ser observada. Ela é insaciável. Estará ele disposto a pôr o seu maldito orgulho de lado e ajudar-me? Ou isto vai acabar para ele antes de começar?

– Tu adoras quando nós fodemos, não é Furacão? – Eu sussurro deslizando a mão pela frente dela para escorregar para dentro de suas *leggings*. – Estás sempre tão molhada para nós. Uma rapariga tão esfomeada. Essa vagina perfeita é tão macia. Vamos mostrar-lhe? – Eu provoco, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

Quando ela se limita a gemer, eu baixo-lhe as *leggings* o suficiente para expor a sua nudez. Depois dou-lhe uma palmada que a faz arquejar, com o rabo a fazer pressão contra mim.

– Cay... – Ela fecha os olhos, inclinando a cabeça para trás contra o meu ombro.

Levanto uma mão para o seu maxilar e seguro-a com força.

– Não te atrevas a fechar os olhos. Tu vais olhar diretamente para o Mars. Fazer com que ele saiba quando faço algo de que gostas.

A dois metros de distância, Mars está ali, horrorizado e hipnotizado, com os lábios entreabertos enquanto vê a minha mão a deslizar por baixo da *t-shirt* dela e a acariciar o seu peito nu.

Entretanto, os dedos da minha mão direita estão a separar-lhe os lábios da vagina, deixando o meu dedo médio deslizar pela sua humidade.

– Ela é apertada, não é, Mars? – provoco, enquanto ela se contorce na minha mão. – A vagina dela é o paraíso. Já lhe comeste o cu? Parece-me que és um homem de cus...

– Para de falar – rosna ele.

– Não.

Foda-se, não tarda nada estou a levar um murro na cara. Valeu a pena senti-la pressionada contra mim. Enfio-lhe dois dedos e ela estremece. Deixo a minha mão cair imediatamente quando Mars dá um passo protetor para mais

perto, o seu olhar azul é infernal.

– O Jake tinha razão – provoco, deixando o meu dedo rodear-lhe o clítoris molhado. – O Mars deu cabo da tua vagina ontem à noite, não foi, Furacão?

Ela apenas suspira no meu abraço, deixando-me provocar-lhe o clítoris.

– Ele também te comeu o cu, querida? Diz-me – rosno, com a minha mão livre a envolver-lhe a garganta. Isso faz com que o Mars fique tenso, com os músculos contraídos nos ombros.

– Sim – sussurra ela, sem fôlego, enquanto eu a trabalho.

– Montaste-o, Furacão? Chegaste até ao fim?

– Sim.

– Chupaste-o?

– Não – responde ela com um gemido. Eu sei que ela está perto, a balançar no limite.

Olho para ele, com um sorriso na voz, e digo:

– Não o chupaste? Mas essa é a tua especialidade. Vamos mostrar-lhe como és boa a pôr o pau pela garganta abaixo? Ficas tão bonita de joelhos. E ambos sabemos o quanto gostas de te engasgar comigo.

Dou-lhe outra palmada na vagina e ela grita, com o corpo tão apertado pela necessidade de se vir.

– Por favor, Cay – sussurra ela, tentando virar-se nos meus braços.

Deixo-a afastar-se de Mars, segurando-lhe a face com uma mão firme.

– Põe-te de joelhos e tira a minha pila para fora – ordeno-lhe, mantendo o seu olhar. – Vais chupar-me enquanto o guarda-redes assiste. Só depois de te engasgares com o meu esperma é que te ponho em cima deste balcão e te seguro para que ele te foda com a língua. Não paramos até te vires na cara estupidamente bonita dele. De acordo? – Ela acena com a cabeça, os olhos vidrados de necessidade.

– De acordo? – pergunto por cima do ombro dela para o Mars.

Ele está a lutar contra a vontade de intervir, mas, lentamente, acena com a cabeça. É suficientemente curioso para não me matar... ainda.

Com um suspiro de agradecimento, Rachel ajoelha-se à minha frente. Ela puxa a minha camisola esfarrapada, mas eu já estou à frente dela, despindo-a com uma mão e atirando-a para a ilha. Depois, as minhas duas mãos dirigem-se ao seu cabelo, puxando-o para cima até o prender com uma só mão.

Ela pressiona a cara contra a minha virilha, suspirando antes de dar um puxão forte nas minhas calças de fato de treino cinzentas. Não estou a usar cuecas, por isso a minha pila balança livremente na sua cara, dura e pronta a entrar.

– *Mitā vittua* – amaldiçoa Mars com a sua voz baixa e grave. – Sanford... a tua pila. – Os olhos dele estão arregalados enquanto ele olha para a minha pila furada.

Rio-me quando a Rachel põe a mão à volta da minha base. Puxo-lhe o

cabelo, inclinando-lhe a cabeça para trás.

– Não contaste ao teu novo amante sobre mim? – Ela abana a cabeça, a boca curvando-se num sorriso lascivo.

– Achas que ele quer ver de perto? – O meu olhar desliza sobre a cabeça dela para o Mars. Ele é quase doze centímetros mais alto do que eu. – Nunca viste uma pila furada, Kinnunen?

– Não – murmura ele. – Nunca. *Mitä helvettiä...* dói?

– Neste momento, a minha única dor são os tomates azuis – respondo. – A nossa rapariga estava no meio de uma coisa. – Dou-lhe um puxão suave no cabelo. – Mostra-lhe, Furacão. Deixa-o ver.

Ela volta a envolver-me com a boca, provocando-me com a língua.

– Por que fizeste isso? – murmura Mars, vendo-a a chupar-me. – Porquê passar por tal mutilação?

Eu solto uma gargalhada que sai em parte como um gemido. Foda-se, ela é boa nisto!

– Pergunta à Rachel se foi um bom investimento de tempo e dor. – Eu tiro-a de cima de mim. – Furacão, gostas da minha pila furada?

Ela acena com a cabeça, olhando para mim.

– Sabes que sim. Mas não basta ter os *piercings* – acrescenta ela, passando a língua na minha ponta como uma sereia. – É preciso saber o que fazer com eles. Mas todos vocês sabem isso. Não é sobre o pau, é sobre o que se faz com ele – provoca ela, a sua mão livre sai do meu quadril para segurar as minhas bolas.

Eu gemo, a minha mão no seu cabelo abrandando e deixo-a voltar ao trabalho.

– Qual é a sensação para o homem? – pergunta Mars.

– Céus! – ofego. – Se estás tão curioso, vai fazer e descobre. Ou encontra outro homem com *piercings* disposto a foder-te no cu. Assim saberás.

Rachel olha para cima para nós com um sorriso.

– Queres vir até aqui comigo? – diz-lhe ela, pestanejando.

Ele responde-lhe sem rodeios.

– O homem tem quatro barras de metal na pila, Rakas. Não preciso de ser *gay* para achar isso fascinante. – Ele olha por cima dela para mim. – Posso tocar-lhe? – Bem, mata-me já.

São palavras que nunca esperei que saíssem da boca de Mars Kinnunen.

– Queres tocar na minha pila dura, Mars?

– Só se aceitares – responde ele.

Porra, este tipo está mesmo a falar a sério. Não consigo evitar a gargalhada que me escapa enquanto passo uma mão pelo meu cabelo, a outra ainda a segurar o cabelo da Rachel no cimo da cabeça. Num minuto estávamos a foder. Agora, acho que é hora de mostrar e contar.

– Estás à vontade, Mars. A pila dela é a tua pila, pelos vistos.

Ele dá um passo em frente, curvando-se ligeiramente para olhar para ela

de um ângulo mais baixo.

– Estou a ver se a sua colocação traria mais prazer às mulheres.

– Oh, nem fazes ideia – provoca Rachel, ainda de joelhos.

E agora entrei numa realidade alternativa em que Mars Kinnunen estende a mão, o seu polegar calejado acaricia a parte de baixo da minha pila, roçando nos meus *piercings*, enquanto a Rachel me segura na base.

– É uma sensação muito estranha – murmura Mars, num tom quase académico.

Atrás de mim, a porta fecha-se. O Mars afasta a mão da minha pila e viramo-nos todos. O Jake está ali, de olhos arregalados, com uma pinça de grelhar suja na mão. Passa de surpreendido a sério em dois segundos.

– Que raio se está a passar?

JAKE

Acho que o meu cérebro acabou de explodir. Tenho quase a certeza de que se me virasse, ia encontrá-lo esparramado na porta de vidro deslizante.

O Mars estava a tocar na pila do Caleb. O meu Caleb. E o Caleb estava a deixá-lo! É isso que me faz sentir como se o meu cérebro tivesse rebentado. Será que o Caleb se andou a esconder este tempo todo? Estaria ele a nutrir uma paixão secreta pelo Mars? Será que tudo isto foi uma manobra para o apanhar no grupo?

Antes que eu possa seguir esse pensamento, a Rachel aparece por detrás da ilha, com os olhos arregalados a observar-me. Eu olho para ela, tentando entender esta nova realidade.

Então... a Rachel estava de joelhos. Entre eles. De frente para o Cay. Algo sexual estava definitivamente prestes a acontecer, mas Rachel estava no meio...

Então, por que raio estava o Mars a tocar no meu Cay? Ele estava definitivamente a tocar-lhe na pila quando eu entrei aqui!

Os três pestanejam para mim como um trio de pessoas culpadas. Depois a Rachel dá uma gargalhada nervosa, puxando as *leggings* para cima. Caleb faz o mesmo com os calções, escondendo a pila com nervuras.

Movendo os meus pés pelo chão, apresso-me a andar, sacudindo o meu tabuleiro de utensílios de grelha sujos. O meu coração está a bater a quilómetros por minuto. A minha boca está seca. Estou pegajoso. Estou a suar. Que raio se passa comigo?

– Saio por dois minutos e volto para ver o Mars a dar-te uma mãozinha?
– exclamo, olhando fixamente para o Caleb.

O idiota apenas encolhe os ombros para mim. Apetece-me dar-lhe um murro na cara, quase tanto como arrastá-lo para a porta aberta da despensa e

pô-lo de joelhos. Se ele pensa que se vai tornar amigo do Mars Kinnunen e que eu não vou comentar nada, está muito enganado.

Viro-me para encarar o finlandês rabugento. Isto é tudo culpa dele. Era ele quem estava a tocar-lhe.

– És bi?

– Não – dizem ele e Rachel ao mesmo tempo.

O meu olhar vagueia entre eles, e foca-se no finlandês.

– Então porque estavas a tocar na pila do Cay?

– Ciúmes, meu anjo? – provoca Caleb.

Oh, foda-se para ele! Ele está prestes a sentir a palma da minha mão no seu traseiro.

– Tu sabes que sim – grito. – Em nenhum momento discutimos que trazer o Mars para isto significava que ele estaria a masturbar-te na minha maldita cozinha!

– Não era isso que estava a acontecer – diz a Rachel. – O Mars estava apenas... – Ela olha para ele por cima do ombro, claramente à procura de ajuda.

– Curioso – responde Mars.

– Sim, ele nunca tinha visto um tipo com um *piercing* antes – acrescenta Caleb, de braços cruzados ainda a sorrir para mim. Ele está a adorar isto. Ele sabe que está sob a minha pele pior do que uma maldita lasca. – Chegaste quando as coisas estavam a ficar boas – acrescenta ele com um piscar de olhos.

– Estavam a ficar boas? – repito. – Ele estava prestes a cair de joelhos também? – Perante o olhar de surpresa preocupada de Rachel, respiro fundo, passando as duas mãos pelo cabelo. – Oh, meu Deus, estou a perder a cabeça! – murmuro.

– Só um bocadinho – responde a Rachel. – Meu anjo... tenta usar as tuas palavras...

– Estou com ciúmes!

Os olhos da Rachel arregalam-se.

– Jake, o que...

– Tenho ciúmes de ti e tenho ciúmes deles e quero mais – continuo, revelando as minhas emoções.

– Mais? – A sua voz é tão suave, o seu olhar tão aberto.

– Sim – digo rapidamente, dando mais um passo. – Acho que não consigo ficar sentado à espera de ter a minha vez contigo – admito, com uma mão ainda a mexer no meu cabelo.

– Podes explicar melhor? – responde ela.

– Não – digo eu. E é verdade. Nem sequer sei o que disse. Com todo este pânico, já me esqueci.

– Tenta – ela insiste. – Lembras-te? As regras da Verdade ou Consequência ainda se aplicam.

Respiro fundo, enchendo todo o meu peito de ar e expirando-o enquanto

olho de Caleb para Rachel.

– Eu quero mais – digo novamente.

– Mais o quê? – Rachel aproxima-se mais de Caleb.

Por um segundo, tenho a certeza de que ela vai pegar na mão dele. O meu olhar estreita-se naquele ponto entre as suas mãos. Ela quer tocar-lhe, mas sabe que ele não quer. Foda-se, ela conhece-o tão bem. Será que ela me conhece também? Será que ela sabe o que estou a tentar dizer sem o dizer?

Entretanto, o Mars fica ali parado, como um gigante de pedra, a ver-me a passar-me. A sua presença enerva-me e, simultaneamente, torna-me mais corajoso. Não me vou esconder dele. Esta é a minha vida. A minha casa. E a Rachel e o Cay são meus. Eu estava aqui primeiro. Não vou ter medo dele ou sentir-me ameaçado por ele. Se ele quer a Rachel, vai ter de se adaptar à nossa vida, e não o contrário. E se ele não gostar do que eu digo ou do que faço, pode ir-se embora.

Com esse fogo a arder-me nos ossos, dou a volta à ilha, ficando entre a Rachel e o Cay.

– Mais de tudo – admito. Viro-me para Rachel, observando aqueles lindos olhos escuros. Raramente uso o nome dela, mas o momento pede-o. – Rachel... – Deixo-me sentir a musicalidade do som. – Amo-te, minha menina. E quero-te – digo, segurando-lhe o rosto com as duas mãos. – Todas as horas do maldito dia estou a pensar em ti – continuo. – Estou obcecado. Estou possuído. No gelo, fora dele. Para mim, tu és a tal. Rachel, tu és a tal. Não tenho qualquer dúvida.

– Eu sei – murmura ela, com as lágrimas nos olhos. As suas mãos levantam-se, envolvendo suavemente os meus pulsos. Depois, o seu olhar percorre o meu rosto até se fixar nos meus lábios. – Mas?

Foda-se... mas. Mata-me o facto de haver um mas.

– Mas estar contigo – começo, procurando as palavras certas. – Vendo o quanto amas o Cay... Vendo como te apaixonas pelo Ilmari do modo que te apaixonaste... Eu acho que estou com ciúmes.

– Por que estás com ciúmes, Jake? – murmura ela. O seu toque ancora-me, acalmando a tempestade dos meus pensamentos e emoções em turbilhão.

– Porque tu és livre – admito. – Amas com todo o teu coração. Estás três vezes mais envolvida. Nunca pensei que algo assim fosse possível. Mas eu vejo-te... vejo-te com eles – acrescento, apontando para os rapazes. – E sei que é real.

Respirando fundo, desço as minhas mãos para os ombros dela.

– E eu também quero isso. Eu também quero ser livre.

Caramba. O que é que se passa com esta cozinha? Este sítio deve ter soro da verdade a sair das condutas de ar, porque estou a contar todos os meus segredos mais profundos. Eu quero mais, e essa é a verdade. Eu quero a Rachel. Todo o dia. Todos os dias. Mas mais do que isso, eu quero o que Rachel tem. Quero ser livre para viver e amar em voz alta. O que parece tão certo não pode estar errado... certo?

As mãos dela descem e pousam no meu peito enquanto ela respira fundo, de olhar fixo em mim.

– E... como é que tu és livre, Jake? O que é que tu queres?

E agora não consigo respirar. Ela quer que eu o diga em voz alta? Não pode simplesmente usar a nossa estranha telepatia? Engulo em seco, concentrando toda a minha atenção na boca dela enquanto digo:

– Quero mais.

– O que é mais? – pressiona ela.

Foda-se, ela vai mesmo obrigar-me a dizê-lo. Eu sei que Mars não se inscreveu para a hora da confissão, mas não me importo. Estou a lutar pelo que quero. E o que eu quero é estar nesta sala.

Lentamente, viro-me, com o coração na garganta. Cada respiração levanta o meu peito enquanto eu encaro o Cay.

– Eu quero mais – admito, dizendo as palavras em voz alta. – Estou cansado de rastejar para fora da minha maldita pele fingindo que não quero. Eu não tenho ideia do que diabos estou a fazer aqui, mas é assim que eu me sinto – termino com um encolher de ombros desajeitado.

Eu sei que ele já sabe disso. A Rachel também sabe. Por que outra razão estava ela a ser tão cautelosa durante o nosso último jogo de Verdade ou Consequência? Toda aquela conversa sobre eu encontrar outra pessoa para amar. Ela esteve nesta cozinha, mesmo ao lado do Cay, e disse-me para encontrar a minha felicidade com alguém que não fosse ela.

Ela também quer isso para mim... certo?

O olhar negro de Caleb torna-se vulcânico.

– Diz – murmura ele.

– Eu quero mais – repito.

O braço tatuado de Caleb estica-se, a sua mão agarra-se à minha garganta e aperta-me, puxando-me para mais perto.

Eu suspiro, o meu pescoço arqueia-se no seu aperto e eu deixo que ele me aperte. A minha pila contorce-se nos meus calções. Foda-se, estou feito. Tudo o que ele tem de fazer é olhar para baixo e verá como estou duro para ele.

Ele segura-me mesmo à sua frente, a pressão da sua mão ainda na minha garganta.

– Diz, Jake.

Eu gemo, lutando contra a vontade de tremer enquanto o meu corpo reage ao som do seu tom dominante. Nunca, num milhão de anos, eu teria adivinhado que seria um submisso para Caleb Sanford. Mas a lembrança de estar de joelhos com o seu pau na minha boca faz-me contorcer. Eu gostei. Adorei, porra. Tenho estado a sentir o efeito desse momento há dois dias seguidos.

E quero mais.

Inclino-me para a sua mão, sem palavras, desafiando-o a aumentar a pressão. Ele fá-lo e a minha pila endurece ainda mais. Eu engulo em seco

contra sua mão.

– Eu quero mais, Cay – grito.

– Diz.

– Eu quero-te.

O meu olhar desce do seu rosto, pelo seu peito, até à parte de cima dos seus calções. Posso ver claramente a protuberância da sua ereção. Solto um pequeno suspiro de alívio contra a pressão da sua mão. Ele também me quer.

Graças a Deus!

– Queres-me? – murmura ele, a sua mão suavizando-se ligeiramente na minha garganta.

– Quero-te – digo outra vez, sem um pinga de vergonha nas minhas palavras.

O canto da sua boca esboça um sorriso e o meu estômago dá voltas. Oh, merda, aqui vamos nós.

Caleb inclina-se, os seus lábios tão perto dos meus, respirando o meu ar. Com aquele meio sorriso ainda no seu rosto, ele solta a sua mão da minha garganta e afasta-se, deixando-me a cambalear.

– Então implora por mim.

Todo o meu corpo parece estar a arder, pequenas chamas a lamber cada centímetro da minha pele.

– Por favor – sussurro, com a voz quebrada. – Por favor, Cay...

– Imploras tão bem – provoca ele, aqueles olhos escuros penetrando em mim. – Faz isso novamente. De joelhos desta vez.

Eu nem sequer hesito. Eu simplesmente caio de joelhos, olhando para ele. A Rachel está mesmo ao nosso lado, a observar. Eu quero que ela veja. Quero que ela veja o quanto estou metido nisto. Preciso que ela saiba o que eu quero que esta dinâmica seja. Todos eles precisam de saber. Porque estou farto de lutar contra isto. Cansei-me de fingir que não quero o que Caleb me pode oferecer.

– Por favor, Cay – digo novamente. Levanto ambas as mãos e agarro as suas ancas. – Eu quero-te tanto. Quero provar. Quero mais. Por favor...

A mão de Caleb roça-me levemente no cabelo e eu luto contra um gemido.

– Então, sê o meu bom menino e tira-ma das cuecas – ordena ele, o seu aperto suave transformando-se num aperto de vício quando eu estremeço.

Puxo-lhe os calções, deixando-os cair até aos tornozelos. A sua pila dura e perfurada balança livremente mesmo na minha cara. A ponta já está molhada e à minha espera.

Eu gemo, e o meu olhar delicia-se com as hastes de metal na parte de baixo do seu eixo. Elas fascinam-me. Não me surpreende que o Mars também esteja curioso. Mas raios me partam se ele vai voltar a tocar no Cay sem a minha autorização. Nunca pensei que diria isto, mas esta pila é minha.

Eu olho para cima, sem saber o que vem a seguir. Posso sentir-lhe o gosto? Eu quero-o na minha boca. Mas eu não sei as regras. Devo esperar?

Como se ele pudesse ler a minha mente, a sua mão suaviza-se novamente no meu cabelo.

– Estás à espera de quê? A Furacão não te pode ajudar desta vez. Ela tem a sua própria pila para chupar. Agora, abre essa boca doce e leva-me bem fundo.

Se eu pensar muito no que estou a fazer agora, posso perder a coragem. Estou de joelhos na minha cozinha, com a pila do Caleb a centímetros dos meus lábios. A Rachel e o cabrão do Mars Kinnunen estão mesmo atrás de mim. Eles vão ver-me a chupar esta pila.

Foda-se, porque é que isto me está a excitar ainda mais? Quem é que eu sou? O que aconteceu ao Jake Compton? Foi isto que sempre fui... ou é nisto em que estou destinado a tornar-me? Decidi que não quero saber.

Agarro-lhe a pila pela base com uma mão, adorando o som do seu suspiro. Com a outra, agarro-lhe a anca com força. Da última vez, o cretino tentou sufocar-me com os seus movimentos de anca. Mas agora sou eu que mando. Abrindo a boca, inclino-me para a frente e lambo-lhe a cabeça arredondada. O primeiro gosto dele na minha língua faz-me gemer.

A dor é aguda nos meus joelhos quando me inclino para a frente, abrindo a boca para o provocar um pouco mais. Não faço a mínima ideia do que estou a fazer. Esta é apenas a segunda vez que eu tenho uma pila na minha boca. A pila do Caleb. Só esta pila. Só de pensar em qualquer outra pila me dá vontade de vomitar. Mas a do Cay?

Eu gemo novamente, afundando-me em redor dele e o meu próprio pau começa a endurecer nas minhas calças enquanto eu o engulo profundamente. Trabalho-o com a minha língua, cada vez mais tenso quando sinto o rolar das nervuras dos seus *piercings*. Começo a chupar, não me importando se faço barulho ou se faço porcaria.

– Um menino tão obediente – diz ele, com as duas mãos suaves no meu cabelo. Ele mexe um pouco as ancas, acompanhando o meu ritmo enquanto chupo. Eu gosto disso. Gosto da sensação de estarmos em sincronia.

Honestamente, é o que mais desejo dele. Quero que as malditas paredes dele caiam, e quero-nos totalmente em sintonia. A Rachel entende-me. É a nossa coisa de gémeos. Não, é a coisa da Rachel e do Jake. Respiramos em sintonia. Desde o início.

O Cay e eu também podemos lá chegar, mas eu tenho de trabalhar para isso. E ele tem de se render a isso. Encontrar-nos-emos através do sexo, se é disso que ele precisa. Esperemos que, à medida que as paredes dele se baixam mais e durante mais tempo, ele as mantenha baixas. Ele vai ficar connosco assim. Ele vai deixar-nos amá-lo e precisar dele. É tudo o que eu quero.

– És perfeito – murmura Cay, as suas mãos a acariciar os meus ombros, quase como uma massagem. Isso faz-me o pau doer de desejo. – Foste feito para chupar o meu pau. Tão lindo de joelhos. Tão poderoso.

Ele tem razão. Isto é poderoso. Cada palavra que sai da boca dele faz baixar as paredes. Quero que ele continue a falar, que continue a fingir que é o

dono deste momento. Mas eu tenho o controlo total. Acho que, no fundo, ambos sabemos disso.

Agarro-lhe as ancas com as duas mãos e abro bem a boca, levando-o bem fundo. Nem sequer me importo de estar a sufocar, com a saliva a escorrer-me pelo queixo. O meu nariz roça as cerdas macias do seu pelo escuro e inspiro-o. Foda-se, a minha pila está a chorar. Ele cheira tão bem. Quero enroscar-me na sua pele e respirá-lo.

A Rachel diz a mesma coisa sobre mim. Ela chama tesão ao meu gel de banho. Bem, este cheiro no Cay é a minha tesão. Preciso de me vir. Preciso de um maldito alívio. Mas ele vai vir-se primeiro. Na minha boca. Pela minha garganta abaixo. Estou a levá-lo todo para dentro. Ele é meu. Todos eles são.

Olho por cima do ombro e vejo a Rachel a tremer nos braços de Mars enquanto se beijam, a mão dele a trabalhar-lhe o clítoris enquanto ela geme.

– De joelhos, Furacão – ordena Cay. – Toma conta do Mars. Aqui mesmo à minha frente. Eu quero vê-lo descer pela tua garganta. Acaba com ele enquanto o Jake acaba comigo, e vais ter aquela foda de língua que prometemos.

Caleb envolve a sua mão possessivamente na minha nuca, puxando a minha atenção para ele enquanto mexe as ancas. Atrás de mim, eu sinto a Rachel a cair de joelhos. Foda-se, isto excita-me completamente. Ela está a engasgar-se com o Mars enquanto eu chupo o Caleb. Estamos todos metidos nisto. O Mars não está a fugir com medo.

Aproveitando o momento, ponho as minhas mãos à volta do rabo do Caleb, apertando as suas nádegas firmes e enterrando a sua pila na minha garganta. Chupo longa e lentamente, segurando-o contra mim enquanto ele pragueja e geme.

– Eu vou...

Ele não consegue dizer o resto das palavras antes de eu colocar uma mão entre as suas pernas e segurar os seus tomates. Isso acaba com ele. Ele geme profundamente, com as ancas a tremer enquanto se liberta, o seu esperma quente a encher-me a boca. Estou uma confusão quando recuo, o seu esperma a misturar-se com a saliva no meu queixo. Não consigo engolir tudo.

Levanto-me, respirando pelo nariz. A minha pila dura está enfiada nos meus calções. Estou a doer com a necessidade de ele me tocar. Mas também me sinto saciado. Eu tomei conta do Caleb. Ele deixou-me tomar conta dele.

O polegar dele passa sobre a sujidade do meu queixo. Quando ele pressiona os meus lábios, eu abro, sugando o polegar para dentro da minha boca, saboreando mais do seu gosto.

– Tão bom – murmura novamente, o seu olhar mais suave, as suas paredes mais baixas.

Ele puxa-me para os meus pés e eu fico ali, a balançar ligeiramente. A mão dele no meu ombro estabiliza-me. Depois vira-me, obrigando-me a ver como Rachel leva Mars à boca. Ela está a olhar para ele com tanto amor. E, no entanto, eu sei que ela não se esqueceu de nós aqui. Nem ele. A energia

entre nós os quatro está carregada.

Rachel geme com a sua mão livre a trabalhar o clitóris enquanto chupa o Mars. O enorme finlandês grunhe a sua libertação e Rachel engole-a, fazendo-a parecer sem esforço. Entretanto, eu continuo a sentir-me uma desgraça.

Caleb vem por trás de mim, sua mão desliza em torno do meu quadril para se posicionar sobre o meu pénis duro. Eu gemo, pressionando a anca dele com o meu rabo, mesmo quando a minha pila quer perseguir mais pressão. Ele para quando Rachel se levanta aos tropeções.

Enquanto observamos, Rachel tira as suas *leggings* até ao fim. Ela despe a camisola de alças, deixando-a nua na minha cozinha. Foda-se, ela é tão bonita. Ela olha entre nós os três antes de saltar com o rabo nu para cima da ilha da cozinha. Abrindo ligeiramente as pernas, ela trabalha o clitóris com dois dedos.

– Prometeram-me uma foda com a língua – diz ela, a nossa deusa personificada.

Eu praticamente uso Cay como um trampolim para chegar primeiro a ela, as minhas mãos a afagar os seus ombros. Ela agarra o meu queixo com a mão, inclinando o meu rosto para cima para manter o seu olhar. Eu olho nos seus olhos castanhos, não tão escuros quanto os de Cay. Ela quer saber que eu não me importo que o Mars esteja aqui. Que eu quero isso. Que estou dentro.

Do meu ponto de vista, o que é justo é justo. Ela pode ficar com o Mars, desde que eu fique com o Cay. Espelhando o seu sorriso, chamo por cima do meu ombro.

– Mars, vem cá. Segura a nossa miúda para mim.

Rachel sorri de alívio, gemendo quando a minha mão desce para provocar sua vagina molhada. Foda-se, nós vamos fazer uma festa com a nossa miúda. Quero-a a contorcer-se nesta bancada antes de acabarmos. E depois alguém se põe de joelhos para acabar comigo. Tanta tensão sexual numa casa a toda a hora? Sinceramente, tenho medo pela saúde da minha pila.

O Mars chega-se ao pé de mim, hesitante mas disposto.

– Segura-a – digo-lhe, tirando a minha mão da perna dela.

Ele substitui a minha mão pela dele e eu encaro isso como uma vitória. Cay já está do meu outro lado, segurando a perna esquerda dela. A nossa miúda está aberta diante de nós, ofegante de necessidade enquanto se recosta nos cotovelos, olhando para nós como se fôssemos o seu princípio, meio e fim. Oh, sim, isto só acaba quando ela gritar todos os nossos nomes.

RACHEL

—Meu Deus! — ofego. — Estou farta. Não quero mais.

Nunca pensei dizer isto, mas há uma coisa chamada sexo a mais. O Mars Kinnunen é um animal. O homem não se cansa. Estamos nisto há horas e eu estou oficialmente pronta para acenar a bandeira branca. Esta é a primeira vez na história da Rachel Price. Viro-me de lado e arrasto-me para o fundo da cama.

— Onde é que pensas que vais?

— Para longe — murmuro, suada e sem fôlego. — Para muito, muito longe.

Com um bramido, ele agarra-me os tornozelos e arrasta-me para trás, virando-me ao contrário.

— Ilmari! — grito, dando pontapés nas pernas. Não vale a pena. Estou presa no seu punho de ferro. — Vem-me com essa pila monstruosa outra vez e vais pagar a minha reconstrução vaginal.

— Dinheiro bem gasto. — Ele desce até aos cotovelos, abre-me as coxas e deixa a sua boca banquetear-se com a minha vagina maltratada. Estou a pingar com o seu esperma, mas ele não se importa, a sua língua provoca-me do cu ao clitóris.

— Oh, meu Deus, és insaciável! — grito, com as minhas pernas a apertarem-lhe a cabeça enquanto me contorço debaixo dele.

— Tu é que começaste isto — diz ele, afastando a boca.

— O quê? — Empurro-lhe a cabeça com as duas mãos, mas é como tentar deslocar uma pedra. — Devias ter-me levado para casa quando viemos do trabalho, lembras-te? Mal sabia eu que a tua intenção era raptar-me e levar-me para tua casa.

Não que eu me tenha queixado. O calor da nossa tensão sexual era suficiente para fritar um ovo durante toda a viagem de carro. Mal entrámos no

seu pequeno *bungalow* à beira-mar e já estávamos a tirar a roupa. Estávamos esfomeados um pelo outro, fodendo na mesa da cozinha, pelo corredor, até ao quarto dele.

Isso foi há horas. Agora os lençóis limpos dele cheiram a sexo, suor e devassidão total.

– Eu disse-te que não conseguias lidar comigo – avisa ele. – Eu ofereci-te uma saída na nossa primeira noite juntos.

Apoio-me nos cotovelos enquanto seguro o seu olhar.

– Oh, é isso que pensas? Achas que não consigo lidar contigo, Kinnunen?

Ele sorri, balançando-se sobre os joelhos, com a sua pila orgulhosa à mostra. As linhas recortadas dos seus músculos são tão afiadas que se poderia lascar um dente. Tem o cabelo solto e selvagem à volta dos ombros, com um ar totalmente pecaminoso.

– Tu é que estás a rastejar para longe – responde ele num tom totalmente impassível.

Respiro fundo e expiro com um suspiro. Oh, isto não está a acontecer. A Rachel Price não vai perder numa batalha contra o Mars Kinnunen. Não enquanto houver fôlego no meu corpo. Eu balanço as minhas pernas para o lado da cama.

– Muito bem, grandalhão. Ainda queres jogar? Ótimo. Grande final. Vem cá.

Deslizo-me pelo seu lado da cama em direção à mesinha de cabeceira, agarrando o frasco de lubrificante. Aprendi rapidamente que isso é uma obrigação com o Mars. Ele é demasiado grande para brincar em segurança sem ele.

– O que é que estás a fazer? – murmura ele, ainda de joelhos no meio da cama.

– Vem para aqui – digo outra vez. – Levanta-te.

Ele afasta-se do outro lado da cama e dá a volta à extremidade. A sua estrutura maciça paira sobre mim enquanto afasta o meu cabelo da cara com uma mão gentil.

– O que estás a fazer, Rakas?

A medir a nossa diferença de tamanho neste ângulo, ponho-me de joelhos na beira da cama e tiro a tampa do lubrificante. Esguicho um pouco no meu peito, sorrio para ele e atiro o frasco para o lado.

– Vem cá – digo, agarrando-o pelas ancas.

– O que é isto?

– Vais foder-me as mamas e vir-te na minha cara.

A expressão dele oscila como uma televisão avariada, mudando tão depressa que não consigo perceber o que está a pensar. Pegando no meu rosto, ele inclina-se para baixo com o seu olhar derretido.

– *Mennään naimisiin.*

Eu rio-me, com uma mão a espalhar o lubrificante entre os meus seios. O

calor do seu olhar é suficiente para me incendiar. Nunca me vou faltar deste homem. Ele vai ser a minha morte.

RIP Rachel Price, morta por demasiado sexo fantástico.

Não sei que horas são. Nem me interessa. A nossa sessão de sexo terminou finalmente e o Mars está satisfeito. A sua cabeça repousa numa almofada no meu colo e eu afasto-lhe suavemente o cabelo da cara. Um dos seus braços pesados pousa sobre as minhas pernas e os seus dedos tocam levemente a minha pele.

– Fala-me desta – murmuro, o meu dedo acariciando a tatuagem no seu ombro.

Ele sussurra baixinho, aclarando a garganta.

– O urso?

Viro um pouco a cabeça, olhando para ela. Suponho que seja um urso. Tem um aspeto demoníaco, com uma cara de caveira e olhos flamejantes, garras exageradas.

Mas agora vejo o padrão dos pinheiros emplumados.

– Sim.

– É o Otso – diz ele, com a voz profunda abafada pela almofada. – Ele é o espírito do Urso, rei da floresta. Sagrado para os finlandeses.

– E o demónio da caveira com a coroa? – pergunto, com a minha mão a descer até ao meio das suas costas.

– É o Tuoni, deus da morte, senhor do submundo.

– Esta tatuagem é importante para ti – murmuro com a minha mão a alisar a sua pele enegrecida. Ele não responde. Claro que é. – Quando é que a fizeste?

– Quando a minha mãe morreu – responde ele, com o corpo imóvel.

– Tinhas dezassete anos.

Ele acena com a cabeça. Levantando-se do meu colo, ele senta-se, a sua estrutura maciça a ofuscar a minha quando se encosta à cabeceira da cama.

– Como é que ela morreu? Falaste em cancro ao jantar...

– Sim. Foi um cancro cerebral raro. Morreu depressa, o que agradeço.

– E o teu padrasto ficou contigo?

Ele suspira, abanando a cabeça.

– Juhani nunca foi meu padrasto. A minha mãe nunca se casou depois de Halla.

– Então...

– Ele era vizinho dela – responde antes que eu possa fazer a minha pergunta. – A minha mãe cresceu na casa ao lado da casa dos Kinnunen. Ela e Juhani tinham a mesma idade, andaram juntos na escola antes de ele começar a sua carreira no hóquei júnior. Eram amigos.

Encosto-me ao ombro dele, deixando os meus dedos tocarem o seu peito desnudado.

– Eram namorados?

Ele olha para mim, com o braço à minha volta e a mão na minha cabeça, acariciando-me o cabelo.

– Nunca falaram disso comigo abertamente... mas acho que não.

– Porquê?

Ele encolhe os ombros.

– Acho que Juhani não tem interesse em mulheres. Mesmo agora, ele nunca se casou. Esteve no funeral da mãe. Na altura, já jogava na Liga. Ajudou-me a vender a casa da minha mãe. Nesse verão, fui viver com os Kinnunen. Pouco antes de começar a jogar na Liga, adotei o nome de Juhani e nunca mais olhei para trás.

– Chamas-lhe teu pai? Foi ele que te criou?

– Não exatamente – murmura ele. – Conheci-o durante a minha juventude, sem dúvida. Víamo-nos nos feriados e eventos familiares. Mas não foi ele que me criou.

– Mas... disseste ao Halla que foi ele – digo eu suavemente, com os meus dedos a acariciarem-lhe o braço.

Ele fica quieto.

– Não quero falar sobre o Halla.

Mas eu não estou preparada para deixar isto para trás. É tão raro o Ilmari abrir-se. E eu preciso de saber. Preciso de entender.

– Ele abandonou-te. Depois do divórcio, ele foi-se embora?

– Sim.

– Nunca mais o viste?

– Nunca quis – responde ele, afastando-se de mim.

– Mars...

– Começou a tentar contactar-me depois de eu ter entrado para a Liga – conta ele, levantando-se da cama. – Queria saber porque é que o dinheiro que enviava todos os meses já não era aceite. A minha mãe tratava disso, estás a ver. Eu não sabia que ele mandava dinheiro.

Ponho-me de joelhos, virada para ele.

– Mas, certamente, o facto de ele nunca ter deixado de te apoiar financeiramente... o facto de ele estar agora a estender-te a mão...

Ele vira-se bruscamente para me encarar, ainda gloriosamente nu.

– Ele está a fazer isso?

Merda.

– Mars...

– Ele está a estender a mão, Rachel? – pressiona ele. – Não é para mim que ele está a estender a mão. Por isso, tenho de assumir que ele está a falar contigo. O Halla anda a perguntar por mim?

Deixo os meus ombros descaírem.

– Ele só quer uma atualização...

– Eu não quero ter uma relação com aquele homem – protesta ele, apanhando os *boxers* do chão e vestindo-os.

– Não lhe disse nada – asseguro-lhe rapidamente. – Eu não faria isso sem a tua autorização, Mars. Nunca...

– Mas tu queres – diz ele. – Queres contar-lhe os meus progressos.

– Os meus pais também se separaram. O divórcio é sempre horrível. E os pais podem fazer escolhas terríveis. Mas eu sei que se nunca tivesse dado uma segunda oportunidade ao meu pai, se não tivesse aprendido a perdoar...

– Queres que eu perdoe o Halla por me ter abandonado? – replica ele. – Ele privou-me de ter um pai.

– E vai carregar essa vergonha e essa dor até à morte – digo rapidamente, com lágrimas nos olhos. – Mas, Mars, eu conheço-o. Trabalhei de perto com ele durante dois anos. Não estou a dizer que tens de o perdoar ou de o deixar entrar na tua vida. Tudo o que estou a dizer é que a vida é longa... e o ódio que carregas é um fardo pesado. Talvez haja esperança para um futuro em que aprendas a esquecer.

– Queres que lhe perdoe? – diz ele novamente, o seu rosto uma máscara de frustração.

– Não – respondo, arrastando-me para a beira da cama e estendendo-lhe as mãos.

Ele fica para trás, olhando para elas.

– Eu preocupo-me contigo, Ilmari. A tua felicidade, o teu futuro, a tua paz de espírito. Odiá-lo magoa-te. É uma ferida que carregas. E eu sou médica. Não posso deixar de querer curar uma ferida quando a vejo – acrescento com um encolher de ombros.

Os seus ombros relaxam um pouco quando ele se aproxima, segurando as minhas mãos com as suas. Lentamente, levanta-as, depositando beijos nos nós dos meus dedos.

– Eu vivi tanto tempo com esse ódio – admite ele, com a voz suave.

Aceno com a cabeça, levantando uma mão para acariciar o seu rosto.

– Eu sei. Mas isso não significa que tenhas de viver com ele para sempre. E eu estou aqui para ti. Também tenho ombros fortes. Posso ajudar-te a carregá-lo... se quiseres – acrescento suavemente.

Ele segura o meu rosto, o seu olhar terno enquanto me observa. Lentamente, ele acena com a cabeça. A ferida não está curada. Nem de longe nem de perto... mas já é um começo.

Parece que Ilmari é uma espécie de fanático com os cuidados da pele. Estive na sua casa de banho, durante a última meia hora, a fazer uma espécie de máscara facial de carvão nórdico. Espreito pelo canto da porta aberta da casa de banho e vejo as suas pernas nuas estendidas na cama. Da última vez que vi, ele estava a ler um *e-book* e a comer framboesas como se fossem rebuçados.

Enquanto lavo a máscara da cara, toca a campainha.

– Estás à espera de alguém? – pergunta ele do outro quarto.

– Não – respondo-lhe, com a cara cheia de espuma enquanto esfrego a

máscara de carvão.

Estou prestes a tirar a tampa de um tónico europeu de luxo quando o ouço gritar.

– Rakas! – Pressinto o sentido de urgência no seu tom.

Saio a correr do quarto dele para a sala de estar principal. O Mars está em pé, sem camisa, à porta da frente, com os braços cruzados sobre o peito musculado. Quando passo por ele, vejo o Jake, o Caleb e o cão do outro lado da porta. *Poseidon* encosta o nariz ao vidro, ganindo ao ver-me. Não posso evitar sorrir.

– Como é que eles sabem onde eu vivo? – murmura Mars.

– Nós conseguimos ouvir-te, idiota! – Jake grita. – Seattle, obriga-o a abrir a porta.

– Para que conste, não tive nada a ver com isto – diz Caleb.

– Sim, foi tudo ideia do Sy – acrescenta Jake.

Poseidon está novamente a ganir, choramando e dançando a seus pés.

– Como é que eles sabem, Rakas? – pergunta Mars outra vez.

– Porque eu lhes disse, obviamente – respondo. – Mars, abre a porta.

– Vamos – diz o Jake. – O gelado está a derreter!

Com um suspiro pesado, Mars abre a porta e afasta-se. O *Poseidon* entra de rompante, desesperado por chegar até mim.

– Olá, meu anjinho – digo eu. – Quem é o melhor menino do mundo?

– Sou eu – brinca Jake. – Fui eu que trouxe gelado. – Ele segura um saco de plástico de supermercado cheio. Mars vai buscar as colheres.

– Porque estás aqui, Compton? – murmura Mars, com os braços mais uma vez cruzados.

– O treinador acabou de enviar as cassetes para rever o jogo de terça-feira – responde, servindo-se da cozinha de Ilmari enquanto tira as colheres. – Pensámos em vê-lo contigo. – Ele olha para a sala de estar. – Tens uma televisão, certo?

Com outro suspiro, Mars vai até à sala de estar e agarra no comando. Prime um botão e uma televisão emerge magicamente de dentro de um móvel.

– Fixe – diz Jake, vendo a televisão a funcionar.

Entretanto, Caleb tira os gelados do saco.

– Vem buscar o teu, Furacão...

– Nem pensar – protesta Jake. – Não tão depressa. Mars, vem cá. – Caleb geme, abanando a cabeça com uma gargalhada.

– O que é que se passa? – indago.

– O Cay está só a tentar roubar-me a atenção – responde Jake. – Ele não acredita no meu superpoder.

– Não é um superpoder – diz Caleb.

– É sim! Para de tentar tirar-me isto.

– O que é que se passa? – pergunto eu, com o olhar a desviar-se entre eles.

Jake vira-se para mim.

– Oh, ele só está zangado porque não acredita em mim quando digo que tenho a capacidade mágica de fazer corresponder cada pessoa ao seu sabor de gelado preferido com um simples olhar. É como um sexto sentido – diz ele com um encolher de ombros. – Por isso, Mars, vem cá e prova que tenho razão, para eu poder esfregar isso na cara do Caleb.

O Mars olha para mim em busca de ajuda, mas eu apenas lhe faço um gesto com um sorriso.

Jake pega nas quatro embalagens de gelado e coloca-as em fila no balcão da ilha.

– Muito bem, Mars, escolhe um.

Eu aproximo-me do Mars, com o braço à volta da sua cintura, e inclino-me para ler os rótulos: chocolate com manteiga de amendoim, sorvete de limão, pistácio e pepitas de chocolate com menta. Há um silêncio absoluto na cozinha enquanto o Mars delibera.

Com um encolher de ombros, estende a mão e apanha o gelado de pistácio.

– Foda-se! – murmura Caleb.

– Ah, sim! Eu disse-te, porra! – aplaude Jake.

– Esse é o superpoder mais estúpido de sempre – diz ele, agarrando o seu gelado de chocolate com menta. Com a mão livre, estende o sorvete para mim, deixando para Jake apenas o de chocolate com manteiga de amendoim.

– Só estás zangado porque não tens nenhum – brinca Jake, agarrando numa colher.

– Eles são sempre assim? – murmura Mars, com o seu gelado esquecido na mão, enquanto os observa a sentirem-se completamente à vontade na sua sala de estar, movendo o pufe e reorganizando as almofadas.

– Sim – respondo.

Ele parece completamente derrotado, pega no seu gelado e junta-se a eles. Ainda não me apetece comer o meu sorvete, por isso meto-o no congelador e bebo um copo com água.

– Vamos, Rapariga de Seattle – chama Jake, virando uma almofada para o seu colo e dando-lhe palmadinhas.

Sorrindo como uma louca, vejo os meus rapazes todos sentados na sala de estar de Ilmari a comer o seu gelado. *Poseidon* já se deitou no tapete. Passando por cima do cão, deito-me no sofá entre o Jake e o Ilmari.

Jake dá outra palmadinha na almofada que tem ao colo.

– Vem cá, querida.

Com um suspiro de agradecimento, deito-me de lado, deixando o meu cabelo acabado de secar espalhar-se pela almofada no colo de Jake. Enrolo as pernas também, aninhando os pés contra a coxa de Ilmari, que usa o comando da televisão, ligando-o ao seu portátil para poder transmitir as imagens do jogo no ecrã grande.

Deito-me com a cabeça no colo de Jake, sorrindo quando ele para a cada duas colheradas para me acariciar o cabelo. Todos os rapazes veem as

imagens do jogo, rapidamente absorvidos a apontar as jogadas uns aos outros e a falar de estratégia. Enquanto isso, Jake tranquiliza-nos a ambos com toques suaves. Eu sei que a ideia de vir cá foi dele. Ele só precisa de estar onde eu estou. O sentimento é mútuo. Caleb pode não dizer nada, mas eu sei que ele sente o mesmo.

Preciso que o Ilmari também queira isto. Preciso que ele nos queira. Este sentimento. Este sentimento de família. O meu rapaz perdido e solitário. Ele já não precisa de estar sozinho. Nenhum de nós precisa. Um belo futuro está mesmo à nossa frente, se formos suficientemente corajosos para o agarrar.

RACHEL

—Espera aí... vais ter de dizer isso outra vez — grita a Tess, a sua voz ecoando por todo o interior do meu Toyota RAV4.

Quando o Jake soube que eu tinha pavor de conduzir a minha carrinha, levou-a diretamente para os escritórios dos Rays e entregou as chaves à Vicki. Ele veio para casa neste pequeno e giro SUV. É suficientemente pequeno para que eu não me sinta como se estivesse a conduzir uma nave espacial, mas suficientemente grande para que eu possa levar os três tipos enormes do hóquei e ainda sobrar espaço para o *Poseidon*, cadeiras de praia e uma geleira na parte de trás para o dia de praia.

Que é o plano para hoje. Neste momento, estou a atravessar metade da cidade para ir buscar o Ilmari. A carrinha dele está na oficina esta semana, por isso precisa de boleia. Só aceitei levá-lo à mercearia se ele passasse o dia de praia comigo e com os rapazes.

Isto é extorsão emocional? Quero dizer, sim. Mas quero que eles se conheçam melhor uns aos outros. Depois da nossa noite de gelados, o Mars disse que ia tentar. E tenciono facilitar isso em todas as oportunidades.

E podia estrangular o Caleb e o Jake agora mesmo. Estão a ser tão estranhos. Tenho quase a certeza de que o Caleb quer evitar os seus sentimentos até ao último suspiro. Tem sido tão difícil não abrir a porta enquanto o Jake está no duche e gritar: «O Caleb está apaixonado por ti, seu idiota!»

Entretanto, o Ilmari está a usar a desculpa de não ter carro para se afastar. Estão todos a fugir com medo. Dos seus sentimentos, uns dos outros. Bem, isso acaba hoje. O *Poseidon* e eu temos um plano. A Operação Dia de Praia vai dar-nos a todos uma oportunidade de relaxar. E o local público significa que não há hipótese de os sentimentos se transformarem em ação.

Posso ser uma excitada atrás de três homens ao mesmo tempo, mas não posso ser indecente em público.

Por falar em tesão...

– Olá – diz a Tess ao telefone. – Terra chama Rachel. Estás aí? Estavas a meio de me contar como adicionaste um terceiro homem ao teu harém de hóquei!

Eu sorrio. A Tess é a única que sabe tudo sobre os rapazes. Tenho andado a esconder isso de toda a gente. E quase me esqueci do Harrison. Finjo que estamos a jogar à apanhada ao telefone, mas na verdade estou a esconder-me. Não estou pronta para rebentar a bonita bolha cor-de-rosa da minha nova e muito frágil relação poliamorosa.

– Rachel, juro por Deus...

– Estou aqui – digo com uma risada, verificando o trânsito enquanto viro num sinal vermelho.

– Então... qual é o problema? Foste a Cincinnati com o guarda-redes... deixaste-me pendurada, já agora – acrescenta ela. – Tinha uma garrafa de vinho caro e uma tábua de queijos de setenta dólares à tua espera, cabra.

Eu sorrio.

– Sim, bem, eu tinha um *viking* loiro de um metro e noventa e cinco a dizer «inclina-te». Diz-me tu o que terias feito no meu lugar, Tess.

– Oh, meu Deus! – ela grita. – Ele não disse isso!

– Disse, sim – respondo, sentindo o meu peito todo quente e confuso.

– Então... o que é isto? Os rapazes e tu são todos uma grande família feliz? Estás a levar com três paus ao mesmo tempo, a viver o sonho na casa de praia com o cão e o rendimento de quatro pessoas? Quando é que é o casamento? Estou convidada?

Eu gemo, com as mãos agarradas ao volante.

– Ui... então? Problemas no paraíso? Já passou uma semana, Rach. O que é que aconteceu?

– Não sei. Há algo que eles não me estão a dizer. Algo que os está a impedir. O Caleb e o Jake, pelo menos. Sinto que a vibração entre nós não pode acalmar até eles revelarem os seus segredos.

– Rach, tudo isto é um grande e confuso segredo – responde ela. – Fizeste-me jurar que ficaria em silêncio. Eles têm segredos, tu tens segredos e estás a manter tudo em segredo. Não sei como o fazes, a sério. E não sei como é que eles não se importam com isso.

– O que é que queres dizer?

– Quero dizer que tipos como esses... homens ricos, confiantes, habituados a exibir as suas conquistas amorosas e a serem públicos com as suas relações... pedir-lhes que se calem e se escondam num canto contigo enquanto tu resolves o teu trauma deve de ser duro para eles.

Eu suspiro.

– Tess...

– Eu sei, eu sei – diz ela rapidamente. – Eu não vivi isso contigo. E sei o

quanto te esforçaste para recuperar a tua imagem. Mas... – Ela suspira, remetendo-se ao silêncio.

– Mas o quê? – insisto.

– Bem... pelo menos uma parte de ti tem de saber o que estás a fazer aqui, certo?

– O que é que queres dizer?

Ela suspira.

– Vá lá, Rach. Tu sabes o impacto que isto vai ter na imprensa quando for publicado. «A filha insaciável de Hal Price namora três homens.» As manchetes vão escrever-se sozinhas. Tens dois jogadores da NHL e o responsável pelo de equipamento à volta do teu rabinho sensual. Quando isto explodir na tua cara, e vai explodir na tua cara, porque segredos como este explodem sempre, vais deixar uma cratera do tamanho da Rachel nas suas vidas. Eles nunca mais vão recuperar, querida. As suas carreiras, os seus corações. Vais rebentar com eles, e deixá-los para morrer.

O meu coração está a bater fortemente enquanto verifico os espelhos retrovisores, mudando de faixa.

– O que queres dizer com «deixá-los para morrer»?

– Bem...

– Tess – sibilo para o telefone.

– Tudo bem – ela suspira. – Eu digo-o, está bem? Estou a dizer. Tu tens antecedentes. Nunca ficas por cá, Rach. Assim que as coisas se tornam difíceis, baldas-te. Assim que as coisas se tornam demasiado públicas, baldas-te. Se achas que vai haver um nanossegundo de escrutínio da imprensa sobre a tua vida ou as tuas decisões, desistes. Aperfeiçoaste a arte de viver como um rato na parede.

– Isto é diferente – digo com rapidez.

– Como é que isto é diferente? Tudo o que ouvi dizer é que vives num ninho de segredos. Vives com dois homens e estás envolvida com um terceiro. Todos eles têm vidas muito públicas e, no entanto, consegues manter tudo em segredo. Mas isso não vai durar muito, Rach. Ouve a Tess. Vais ser apanhada. Qual é o teu plano para quando fores apanhada? Vais acabar com todos eles e fugir outra vez? Vais escolher um e deixar os outros? Ou vais ser uma menina crescida e enfrentar a tua própria ribalta e viver a tua vida corajosamente nos teus termos?

– Mas não é só a minha vida – digo, encostando em frente ao bairro do Ilmari. – Eles não se inscreveram para a minha confusão...

– Inscreveram-se, sim – pressiona ela. – Ao escolherem-te, escolheram também a tua bagagem. É assim que as relações adultas funcionam, Rach. Eles não ficam com a rapariga sem o drama. Se os três querem ficar, e tu queres que eles fiquem, tens de os deixar ficar, querida. Mas tens de arranjar um plano. Senta-te com eles, pergunta-lhes o que querem e planeia tudo. Eu adoro-te e não quero que te magoes e não quero mesmo que vivas com a dor de os teres magoado.

Suspiro, baixando a testa para os nós dos dedos pousados no volante.

– Tens razão.

– Claro que tenho razão. Sou um génio... e este é um problema simples de relacionamento com uma solução muito fácil, por isso...

Eu rio-me.

– Muito fácil?

– Sim – responde ela. – Chama-se comunicação, Rachel. É o princípio e o fim dos vossos problemas. Eles precisam de comunicar uns com os outros e tu precisas de comunicar com eles. Não vou fingir que sou a rainha das relações poliamorosas. Mas sei alguma coisa sobre relações falhadas e relações tóxicas... e relações unilaterais. E sei muito bem o que é ficar numa relação muito depois de ela ter terminado. O elo que falta em todas elas? Comunicação aberta. Fala com os teus rapazes. Fá-los falar uns com os outros.

Suspiro de novo e, olhando para o espelho retrovisor, vejo *Poseidon* de pé, com o nariz a espreitar por cima do banco de trás, a sorrir para mim com aqueles lindos olhos azuis. Talvez a Operação Dia de Praia esteja a chegar na altura certa.

– Tess, tenho de ir – digo eu, rapidamente a pensar num novo plano.

– Está bem. Depois diz-me como correu!

Desligamos e eu conduzo até às traseiras do pequeno bairro, parando em frente à casa de Ilmari.

– Anda, Sy – digo eu. Ele salta pelos bancos da frente e sai do carro como um foguete, correndo para a porta da frente de Ilmari. Ele ladra de excitação, saltando para cima e para baixo quando Ilmari abre a porta.

Enquanto subo o pequeno caminho de pedra, ouço-o a falar com o cão em finlandês e a fazer-lhe festas. Não posso deixar de sorrir. Ele está vestido com um par de calções de banho e uma camisola de alças, o cabelo preso no seu carrapito característico, uma toalha de praia enfiada debaixo do braço.

– Olá, Rakas – diz-me ele, estendendo-me a mão.

Eu pego nela e ele agarra-me, Sy dança aos nossos pés enquanto nos beijamos.

– Olá – digo eu, os meus nervos a acalmarem-se com o seu simples toque.

– O que é que se passa? – pergunta ele, sentindo o meu estado de espírito.

Enfrentar a ribalta, Rach. Tu consegues fazer isto.

– Importas-te que entremos por um minuto? – digo.

Sem hesitar, ele dá um passo atrás, fazendo-me entrar. *Poseidon* entra primeiro, ansioso por explorar. Eu sigo-o.

Ilmari fecha a porta atrás de mim.

– O que é que se passa, Rakas? O que é que aconteceu?

Respiro fundo e viro-me para o encarar.

– Saca do teu telemóvel, Mars.

Ele estreita os olhos para mim.

– Porquê?

– Porque quero que me pesquises no Google. Há coisas que deves saber antes de isto avançar mais.

CALEB

—O que estás a dizer, Furacão? – Olho para ela por cima dos meus óculos de aviador.

Ela parece um rebuçado, vestida com um biquíni cor-de-rosa, um grande chapéu de sol e óculos escuros enormes. Bebe um gole da sua Coca-Cola Diet, olhando para mim.

– Exatamente o que acabei de dizer. Acho que todos nós precisamos de uma melhor comunicação. E acho que precisamos de começar por falar das coisas importantes. A temida palavra com «R» – acrescenta, lançando-me um olhar incisivo.

– Meu Deus, temos de falar de rabanetes agora? – diz Jake do meu outro lado. – Vá lá, Seattle, é dia de praia.

– Não era essa a palavra com «R» que eu queria dizer, e tu sabes disso – diz ela.

– Sim, Jake. Ela quer dizer claramente refrigeração – respondo, recostando-me na minha cadeira, com os olhos fechados enquanto apanho sol.

A pequena sereia do mar arrastou-nos a todos para a praia hoje. É o único dia de folga partilhado por nós os quatro durante as próximas três semanas. Os rapazes estão prestes a entrar num grande *sprint*: uma semana de quatro jogos, duas semanas de três. Vai ser brutal.

Por isso, hoje estamos alinhados numa fila de cadeiras de praia, com o *Poseidon* a correr e a saltar nas ondas atrás da bola de ténis que o Jake continua a atirar-lhe.

– Não estou a perceber – diz Mars do seu lugar do outro lado, escondido à sombra do grande guarda-sol arco-íris com a sua pele finlandesa sensível. – O que é essa palavra com «R»?

Jake e eu sorrimos.

– Radiação. Contaminação por radiação – digo eu, enquanto o Jake diz:
– Raquetebol.
– Querem parar? – resmunga Rachel. – Relação, Ilmari. Estou a dizer que temos de falar mais sobre relações.
– A nossa relação? – responde ele.
– Não tem de ser a nossa relação, como tu e eu, nem sequer sobre nós – responde ela, apontando para nós os quatro. – Só acho que há perguntas que temos de fazer. Eu nunca fiz isto antes...
– Nenhum de nós fez, Seattle – diz Jake, atirando novamente a bola de ténis. *Poseidon* vai a correr atrás dela, a ladrar como um idiota.
– Certo, então não nos vai fazer mal nenhum sermos abertos e honestos sobre algumas coisas – diz ela.
Eu suspiro, sabendo que sai mais como um gemido.
– Como o quê, Furacão?
– Como... crianças – diz ela, e agora nós três estamos paralisados. – Protestem o que quiserem, mas esta conversa está a acontecer. – Ela inclina-se para a frente na cadeira, o que faz coisas incríveis aos seus seios. – Jake, queres ter filhos?
A boca dele abre-se de surpresa.
– Contigo, Seattle? Foda-se, sim, inscreve-me. Eu adoro crianças.
Mars e eu ficamos tensos.
– Eu não estava necessariamente a insinuar comigo – acrescenta ela rapidamente, escondendo-se atrás da aba do chapéu de sol.
– Então isto é uma hipótese estranha? Tipo, estou a imaginar a minha supermulher para ter estes filhos fictícios? A nossa casa pode ficar por cima de uma cascata? Esse jogo não é tão divertido como eu imaginar-te debaixo de mim, Seattle. Foder-te até engravidares de mim...
– Já chega – ruge Mars, atirando-lhe um chinelo à cabeça.
– Ela pediu, parvalhão – diz Jake, atirando-o de volta. Agora *Poseidon* pensa que é um jogo e corre atrás dele.
– Ilmari, e tu? – Rachel vira-se para ele. – Alguma vez te viste a ter filhos?
– Não – responde ele, tirando o chinelo ao chão e enfiando-o no pé.
– Como se fosse uma linha rígida para ti? Os filhos estão totalmente fora de questão? Não podes estar com alguém que queira ter filhos?
Lentamente, ele vira-se para a encarar.
– Isto será mais rápido se nos disseres a tua posição, Rakas. Tu queres ter filhos?
– Isto não é sobre mim – diz ela novamente.
– Nem tentes, Furacão – digo eu, tirando-lhe o chapéu e atirando-o ao Jake. – Todos nós sabemos do que se trata. Estás a medir-nos a todos. Qualquer tipo que não preencha todos os requisitos da tua lista vai ser dispensado, certo?
Ela suspira.

– Estás tão longe da base, Cay.

– Estou?

– Sim.

Inclino-me na minha cadeira, olhando-a de igual para igual.

– Estou?

– Sim!

– Então responde ao raio da pergunta. Queres ter filhos, Rachel? – Ela suspira outra vez, cruzando os braços por baixo das mamas.

– Está bem, ótimo. Sim. Acho que gostava de ter um filho. Não estou convencida da ideia de ter filhos no plural. Mas há gémeos na minha família, por isso há uma boa hipótese de conseguir o dois em um.

– Oh, é aqui que eu jogo pela equipa – diz Jake com uma gargalhada, atirando-lhe o chapéu de volta para ela. – Ponha-me a jogar, Treinador, e nós dobramos essa hipótese.

Mars inclina-se.

– Também és gémeo, Compton?

– Sim. A minha irmã gémea Amy vive no Japão. É um grande cérebro. É engenheira de robótica. Foi assim que eu e a Seattle nos conhecemos. Ele conhece a história? – acrescenta, olhando de relance para Rachel.

– A versão de preparação para exame? – responde ela.

– Ele sabe que o fizemos seis vezes naquela noite? – Jake brinca. – Acho que é o pormenor mais importante da história. Mars, sabias que foram seis vezes? A última vez que o fizemos foi contra uma janela e, juro por Deus, a minha alma saiu do meu corpo durante um minuto inteiro.

– Por favor, cala-o – murmura Mars, olhando para as ondas.

– Se ao menos isso fosse possível – respondo, abanando a cabeça.

Jake dá-me um murro no braço.

– Faz outra vez a tua pergunta ao Mars, Furacão – digo eu, esfregando a marca no meu braço.

Ela fica imóvel, com a lata de Coca Cola Diet a meio caminho dos lábios.

– O quê?

– Crianças, Mars. Sim ou não? Bem, miúdo singular, com o sério risco de resultar em gémeos – acrescento.

Ele resmunga.

– Ótimo.

– Vês? Feito. Próxima pergunta. Desta vez, a Rachel responde primeiro.

– Não – murmura ela. – Nem pensar. Não estamos a jogar o jogo dessa maneira...

– Casamento... sim ou não, Jake? – digo por cima dela.

– Com a Rachel? Foda-se, sim. Em Seattle eu estava pronto para telefonar para a receção para pedir um ministro Elvis – acrescenta ele.

Com isto ela dá uma gargalhada.

– Onde é que estavas a pensar encontrar um pastor Elvis em Seattle?

– Miúda, eu sou uma estrela milionária da NHL – diz ele, tirando os óculos de sol da cara. – Não me estou a gabar, é apenas um facto. Se eu quiser um ministro de Elvis, encontro um. É bom que estejas em alerta máximo, ou faço-o saltar de trás de um arbusto e obrigo-te a dizer os teus votos.

– Juro por Deus, Jake Compton, se for um pastor Elvis a me casar, mato-te na lua de mel – responde ela.

Agora estamos todos a rir, enquanto o Jake volta a sentar-se na sua cadeira de praia.

– Registado. Então, a questão não é se vais casar comigo. É uma questão de formalidade – argumenta ele. – A espontaneidade está claramente fora de questão. E nada de Elvis. Presumo que sejas uma rapariga de convites de renda e bolo de casamento de quatro andares?

– Não me importo de um pouco de espontaneidade – murmura ela. – Mas definitivamente não sou uma rapariga de convites de renda.

– Ela é do género de se casar descalça na praia, só com amigos íntimos e família, brindando com champanhe no altar – respondo, esticando as pernas na areia quente. – E ela quer um vestido sem costas para mostrar os seus músculos tonificados. Trabalhou muito para os ter e quer lembrar-se de como estava bonita quando estiver velha e grisalha... certo, Furacão? – digo, lançando-lhe um sorriso.

Ela franze os lábios, cruzando os braços novamente.

– Não finjas que me conheces, Cay.

– Eu conheço-te – respondo com um sorriso. – Além disso, podes ter deixado o teu *tablet* aberto no sofá ontem e eu sentei-me em cima dele. O meu rabo acidentalmente abriu a tua aplicação do Pinterest. – Olho de relance para o Jake. – Ela gosta do Natal. Tipo, é mau. Pior do que tu e a Amy.

– Oh, sim – diz ele, levantando o punho. – Mars, gostas do Natal? É celebrado na Finlândia, certo? – Nós os três rimo-nos.

– Sim, Compton. Nós temos Natal na Finlândia – responde Mars pacientemente.

– Não podes ser tão simpático com ele em tudo – digo a Mars por cima da cabeça da Rachel. – Tens de lhe dar um murro, senão ele não percebe que está a ser irritante.

– Eu percebo bem, idiota – diz o Jake. – Só estava a tentar ser simpático com o tipo novo. Mas queres que eu fique aqui sentado e calado? Eu também posso fazer isso.

Rachel e Mars riem-se.

– Não, não podes mesmo – respondo. – Mas ela vai fazer um grande alarido por causa disso, por isso prepara-te. Ela já colocou um monte de receitas finlandesas de Natal no seu Pinterest...

– Meu Deus, Cay! Estás a perseguir-me? – grita ela, fazendo beicinho na cadeira.

– Rach, faz a pergunta que queres mesmo fazer para podermos passar da parte das vinte perguntas do dia de praia – pressiono.

– Diz-me tu – atira ela, estreitando os olhos para mim por detrás dos seus óculos de sol.

– Queres saber onde isto vai dar – respondo. – Não te importas com as vagas visões do futuro que tivemos com uma mulher boazona sem rosto e uns filhos malcriados. Queres saber se te vemos. Se vemos isto... o que quer que isto seja – acrescento, apontando para Jake e Mars.

– Tenho medo de arruinar as vossas vidas – admite ela. – Há demasiada bagagem... demasiado escrutínio. E isto é demasiado...

– Único? – ofereço com um encolher de ombros.

– Estranho – diz Jake. – Mas fixe. Tipo, eu estou bem com isso – ele acrescenta rapidamente.

– É totalmente inesperado – diz Mars.

Todos nos viramos para ele.

– Nenhuma das pessoas aqui sentadas estava à espera disto – diz ele. – É apropriado, penso eu, que tenhamos esta conversa na praia – acrescenta, virando-se para olhar para nós os três. – Todas as nossas vidas assentam agora em areias movediças. Este acordo entre nós é frágil. A parte mais perigosa é o facto de estarmos todos com martelos nas mãos. Um golpe, e tudo se desmoronará. Não posso controlar o vosso balanço do martelo, tal como vocês não podem controlar o meu – acrescenta, olhando diretamente para mim e para o Jake. Depois vira-se para a Rachel, pegando-lhe na mão. – Tudo o que precisamos de ti, Rakas, é tempo. Construir alicerces firmes na areia requer paciência e tempo.

Ela acena com a cabeça, cobrindo a mão dele com a dela, dando-lhe um aperto.

– Ah, este é um novo recorde! – diz Jake, batendo palmas. – Mars, isso foi incrível! A sério, foi inspirador.

– Não sejas parvo – murmuro eu.

– Quem está a ser parvo? – pergunta ele. – Estou cem por cento a sério neste momento. Foi o máximo que já o ouvi falar. Meu, és como a velha coruja sábia de um filme de desenhos animados.

– És mesmo um idiota – rio-me, tirando-lhe o chapéu da cabeça.

– Vamos – murmura Mars, agarrando a mão de Rachel e puxando-a para fora da cadeira.

– Onde é que vamos?

– Isto é uma praia, não é? – responde ele, tirando a camisola e arremessando-a para o lado, mostrando aquela tatuagem linda nas costas. – Vamos nadar.

– Foda-se, finalmente – diz Jake, saltando da sua cadeira. – Vamos lá, Cay. Põe as tuas boias e vem nadar connosco!

Eu levo com um jato de areia nas virilhas quando ele começa a correr com o *Poseidon* a persegui-los. Enquanto eu observo, Mars agarra Rachel com um braço e arrasta-a para a água. O Jake estende os braços e o Mars atira-a. Ela e o Jake afundam-se, esmagados por uma onda. *Poseidon* fica na

rebentação a ladrar, furioso por ter sido deixado de fora.

Entretanto, o meu estúpido coração de Grinch bate, ameaçando crescer dois tamanhos enquanto uma palavra ecoa no espaço vazio do meu peito oco. Família. Eu podia ter uma família. Uma família a sério, não apenas as pessoas que me deram à luz e me criaram e que vejo por obrigação de vez em quando.

Mas a Rachel tem medo de que não fiquemos juntos. Ela tem medo que o mundo descubra sobre nós: a equipa, os fãs, os meios de comunicação social. Tem medo de que tudo se desmorone. O que é que vamos fazer quando a tempestade atingir a nossa casa construída na areia? Vamos manter-nos unidos e enfrentá-la? Agarrar-nos-emos para salvar a vida? Ou deixaremos que ela nos destrua?

A resposta assustadora é que eu não sei. Ainda não sei. Isto é tudo demasiado novo. Mars tem razão, precisamos de tempo. Precisamos que esta bolha de privacidade dure um pouco mais.

– Cay, anda lá! – grita Jake. – Traz a bola de futebol!

Vasculhando o saco de praia da Rachel, tiro a bola de futebol e ponho-me de pé. Mais tarde, terei tempo para refletir sobre as areias movediças do tempo. Por agora, só quero estar onde eles estão.

RACHEL

Assim que voltamos para casa, partimos todos em direções diferentes. Encomendei comida mexicana suficiente para alimentar uma equipa inteira de hóquei e estará aqui dentro de uma hora. Entretanto, o Jake e o Cay estão a tirar as coisas da praia do carro e o Ilmari foi lá acima tomar um duche.

Estamos todos cobertos de areia e sal da água do mar. Eu dou uma palmadinha no meu carrapito desalinado, vendo o meu reflexo beijado pelo sol no espelho da entrada fazer o mesmo. Subo as escadas a correr, passo pelo corredor até ao quarto do Jake e deixo cair a minha roupa de praia pegajosa no chão da casa de banho, ligando o chuveiro duplo.

A divisão enche-se lentamente de vapor e eu entro debaixo do jato deliciosamente quente, e que me pica os ombros queimados pelo sol. Esfrego rapidamente o resto da areia do meu corpo. A pequena esponja verde faz o melhor que pode para me livrar de todos os vestígios do mar.

Mergulho a cabeça sob o jato, arrastando as unhas pelo couro cabeludo enquanto aplico um champô clarificante. Tenho os olhos fechados, a enxaguar o champô, quando a porta da casa de banho se abre.

– Há espaço para mais um? – pergunta Caleb.

– Sim – digo, virando-me para o jato para tirar o champô dos olhos.

– Acho que tenho metade da praia alojada no meu cu – murmura ele, passando a mão em volta de mim para agarrar a esponja gasta.

Eu sorrio, entregando-lhe o frasco de gel de banho.

– Onde está o Jake?

– Ele ficou com a palha mais curta – responde, fazendo espuma com a esponja e arrastando-a pelas suas pernas cheias de areia.

– O que é que isso quer dizer?

– Significa que ele está preso lá fora a dar banho ao Sy.

Eu sorrio.

– Podes falar como se não gostasses do cão o quanto quiseses – provoco.

– Mas todos sabemos que és um gatinho apaixonado.

Ele levanta uma sobranceira escura para mim, com os lábios franzidos.

– Um gatinho apaixonado?

– Sim – respondo, limpando um pouco de espuma do seu queixo. Ele tem deixado crescer a barba, e eu gosto. Levanto as minhas mãos, pouso-as nos seus ombros. – Decidi que acho que és um gato.

– Um gato?

– Sim... mal-humorado, temperamental, distante, julgador...

– Isto é ótimo, Furacão. Estás mesmo a fazer um tipo sentir-se bem aqui.

Eu rio-me, puxando-o para mais perto até o seu corpo molhado deslizar contra a minha pele molhada.

– E inteligente, confiante, independente. – Beijo uma parte diferente do seu rosto a cada palavra. – Fiel até à exaustão.

Ele larga a esponja e põe as mãos à volta da minha cintura.

Arriscando, eu olho para ele.

– Tens de dizer ao Jake que estás apaixonado por ele.

– Já disse – responde ele, inclinando-se para beijar o meu pescoço húmido.

– Disseste que o amavas – corrijo. – Ele já sabe disso. Ele não sabe que estás apaixonado por ele.

Ele fica parado nos meus braços.

– Rachel...

– Ele merece saber. Seja o que for que te mantém em silêncio, também mereces ter uma voz – insisto. – Diz-lhe como te sentes.

– É muita coisa e demasiado rápido – murmura ele.

– Ele está a falar de casamento, Cay, – contraponho. – Bebés e férias e para sempre. Ele está a falar de tudo, mas não sabe no que se está a meter. Vocês podiam ser tão bons juntos, Cay. Bom para ele, bom com ele. E ambos sabemos que ele iluminaria a tua vida de formas que eu nem sequer...

– Rachel...

– Não estou a ser autodepreciativa – acrescento rapidamente. – O meu coração não se sentia completo sem o Mars. E o teu não se sente completo sem ele. Não me magoa saber com total clareza que não sou suficiente para ti, Cay. Somos seres complexos e emocionais que vivem vidas tão completas e belas. Pensar que uma única pessoa nos pode dar tudo o que precisamos para viver essa vida é... bem, uma tolice – acrescento com um encolher de ombros.

– Fazes com que pareça tão fácil – murmura ele.

– Enquanto não fores honesto com ele, não estás a ser honesto. Ponto final. O Mars falou em bater martelos na nossa casa de vidro? Casa, apresento-te Caleb Sanford e o seu medo paralisante de deixar alguém retribuir o seu amor.

– Queres falar de martelos e casas de vidro? – desafia ele. – O Mars.
– O que é que ele tem?
– Tudo nele – diz ele. – Ele é um mistério total para nós. Ele está metido nisto? Está disposto a partilhar-te? E não me refiro apenas ao tipo «estamos todos separados a fazer sexo contigo». O Jake e eu queremos a unidade, Rachel. Queremos a porra de uma equipa. Ele tem de entrar ou sair.

Engulo o meu nervosismo.

– Tens andado a falar dele?

– A toda a hora. E o Jake e eu estamos em sintonia. Pergunta-lhe se achas que estou a mentir.

– Eu não acho que estejas a mentir, Cay – respondo gentilmente. – O que é que precisas que ele faça?

– Que prove que está nisto a sério. Devíamos estar todos juntos nesta casa. Não nos interessa que o fudas, mas ele não pode ficar contigo toda a noite do outro lado da cidade. E ele tem de aceitar partilhar-te – acrescenta, lançando-me um olhar sincero. – Estamos fartos de andar com medo de pisar ovos com ele.

– Acho mesmo que ele vai lá chegar – replico. – Ele também quer isto. Ele quer uma família. Só é um pouco mais lento.

– Bem, ajuda-o.

Eu encho o peito, encarando-o.

– Muito bem, Senhor Mandão. Vamos tornar as coisas interessantes. Eu trato da situação do Mars, e tu confessas o teu amor eterno ao Jake. O primeiro a ouvi-los dizer «também te amo» ganha.

Ele levanta uma sobrancelha escura para mim e sorri.

– Achas que vai ser assim tão fácil convencer o Mars?

Eu sorrio em resposta, dando-lhe uma palmadinha na bochecha como a pequena idiota competitiva que sou.

– Oh, querido Cay. Receio que sejas apenas um gato doméstico. E isto é uma luta de leões.

Ele solta uma gargalhada.

– O que é que vais fazer, Furacão?

Eu ponho-me na ponta dos pés e beijo-o.

– O que é que os furacões fazem melhor?

Ele geme e as suas mãos descem até ao meu rabo.

– Agitam tudo.

Sorrio de encontro à sua boca.

– Podes crer. Agora, vais pressionar-me contra a parede e fingir que me estás a foder...

– Fingir? – rosna, com as duas sobrancelhas erguidas de indignação.

– Confia em mim, querido. Não vais querer estar dentro de mim para o que vem a seguir. Não posso garantir a tua segurança.

O sorriso dele desvanece-se.

– Oh, o que raio vais fazer?

Encolho os ombros com um sorriso.

– Estive a praticar uma coisa, e quero ver se funciona.

– Praticar? O que é que...

– Mars! – grito, com a minha voz a ecoar pela casa de banho. –

Ilmariiii!

Caleb grunhe, olhando por cima do ombro.

– O que é isto, o chamamento do monstro?

– De joelhos, Cay. Estimula-me o clítoris.

– És uma psicopata do caracas – murmura ele, baixando-se para o seu joelho bom.

Passo os meus dedos pelo seu cabelo molhado, levantando uma perna por cima do seu ombro. Inclinando a cabeça para trás, deixo escapar um pequeno gemido enquanto Caleb não perde tempo a acariciar-me o clítoris. Meu Deus, todos os meus rapazes são ótimos com a língua.

– Rakas? – Ouve-se a voz profunda de Ilmari do quarto. – Estás aqui?

Respiro fundo e digo a pequena frase que tenho andado a praticar.

– *Kulta* – digo na minha melhor voz de sereia. – *Tule tänne*.

Ele entra na casa de banho e eu deixo escapar um pequeno gemido de excitação. Eu sei o momento em que ele vê Cay através do vapor porque consigo ouvir o seu rugido feroz sobre o som dos chuveiros duplos.

– *Kulta* – digo outra vez. – *Mä haluun sut. Tule tänne*.

A porta do duche abre-se e Mars entra de rompante, vestido de calças de ganga e *t-shirt*. Ele atira-se a Caleb, puxando-o pelo ombro, deixando-me a lutar para me endireitar, com as duas mãos pressionadas contra a parede de azulejos.

Empurra Caleb para longe, as suas costas batem no vidro do chuveiro com uma maldição murmurada. Depois o Mars encurrala-me, com o nariz a centímetros do meu, a água a escorrer-lhe pela cara abaixo, ensopando-lhe a roupa.

– O que é que acabaste de dizer?

Sorriso para ele, puxando a bainha da sua *t-shirt* molhada.

– Tu ouviste-me – provoco.

Ele tira a *t-shirt*, deixando-a cair no chão do chuveiro.

– Diz outra vez.

– *Mä haluun sut* – murmuro, a minha mão acariciando o meio do seu peito nu. – Eu quero-te, Ilmari.

– Não, a outra coisa – rosna ele.

– *Kulta* – repito com um sorriso, as minhas mãos erguendo-se para se emaranharem no seu cabelo dourado. – *Kultaseni*...

As palavras mal passaram pelos meus lábios e ele já me está a beijar, envolvendo-me nos seus braços. Ambos lutamos para lhe tirar as calças. As calças de ganga estão coladas às suas enormes pernas de tronco de árvore. Baixamo-las até ficarem presas à volta dos tornozelos.

O seu orgulhoso pénis sobressai entre nós, e eu envolvo-o com as

minhas mãos, acariciando-o com força. Ele pragueja em finlandês, movendo as ancas contra as minhas mãos. Depois, põe as duas mãos firmemente à volta da minha cintura.

– Salta – murmura ele.

Com um suspiro, salto do chão enquanto ele me levanta. As suas ancas batem-me contra os azulejos da parede e ele encosta a sua pila à minha vagina e penetra-me.

As minhas costas arqueiam-se quando ele puxa as minhas ancas, enterrando-se em mim.

– Oh, meu Deus! – grito, a minha cabeça inclinando-se para trás enquanto ele bombeia as suas ancas contra mim.

Lembrando-me do meu objetivo, abro os olhos e estendo a mão.

– Cay – chamo. – Cay, querido, por favor. Mars, eu também o quero – ofego com cada batida das suas ancas. – *Kulta*, por favor. Eu também preciso dele. Preciso de vocês os dois. Encham-me. Fodam-me. Por favor...

Caleb recua um metro e meio, encostado ao vidro do duche.

– O que é que dizes, Mars? Estavas curioso sobre a minha pila antes. E se eu a enfiasse no cu da nossa miúda e vos deixasse sentir estes quatro halteres de perto e pessoalmente?

Eu ofego, imóvel nos seus braços, à espera que ele decida.

– Sim – murmura ele. – Sanford, vem.

– Isto não é o balneário dos Rays – responde ele, sem se mexer. – Queres a minha pila, chamas-me pelo meu nome. E olhas para mim quando pedes – acrescenta.

Sustenho a respiração, vendo como Mars se vira para olhar para Cay.

– Caleb – diz ele com aquela voz profunda. – Vem.

Com um sorriso de lobo, Caleb empurra a parede de vidro e dá a volta para trás de nós. Ele chega à prateleira de cima para apanhar a garrafa de lubrificante.

– Vira-a para mim.

Envolvo os braços e as pernas com mais força à volta de Mars enquanto ele me tira da parede, com todo o meu peso equilibrado nos seus braços, a sua pila a empalar-me. Meu Deus, não pensei bem nisto. Isto vai ser demasiado apertado.

Vai ser...

– Oh... foda-se... – gemo, os meus músculos apertados quando Caleb enfia dois dedos lubrificados no meu rabo.

– Calma, bebé – Caleb tranquiliza. – Relaxa para nós. Já estás tão apertada com o Mars dentro de ti. Como é que o sentes?

Acalmo-me com o tom da sua voz.

– Tão bem – sussurro, a minha voz quase se perde com o barulho dos chuveiros.

– Mas não estás satisfeita, pois não, Furacão? – provoca Caleb. – Tu gostas de ser fodida. Adoras ser partilhada. Adoras ser observada.

– Sim – suspiro, o meu corpo relaxa enquanto ele me puxa para fora. É tudo o que Mars pode fazer para ficar quieto e deixar o Cay trabalhar.

– Tu queres todos os teus homens, não é? – diz Caleb, roçando os seus lábios molhados sobre o meu ombro. – Tu queres ser preenchida três vezes mais. Mars na tua vagina apertada, eu no teu cu, o Jake a bater uma nessa boca bonita. Meu Deus, ias parecer uma rainha. Irias pingar o nosso esperma por todos os buracos.

Perante as suas palavras sujas, Mars geme.

– Despacha-te, San... Caleb.

Caleb ri-se.

– Ouviste alguma coisa de que gostaste, Mars? Queres ver a nossa miúda cheia com três pilas?

– Para de a provocar e fá-lo – rosna ele.

– Estou só a provocá-la agora? – responde ele, o meu eterno agitador. – Pareces muito interessado, Mars. É por causa do esperma? Gostas da imagem mental da nossa miúda a pingar de todos os buracos?

O Mars contorce-se dentro de mim e o Caleb tira os dedos do meu rabo.

– Oh, merda... – murmura ele. – Tu gostas, não gostas? Mars, gostas de brincar com esperma? Merda, podemos divertir-nos tanto se quiseres deixar a nossa menina um pouco desarrumada. Devias ter dito alguma coisa mais cedo.

– Cala-te e mete-te no cu dela – ordena Mars.

– Sim, senhor – responde Caleb, esguichando o lubrificante na sua pila e espalhando-o. – Inspira, querida – diz ele, com a ponta da pila a tocar no meu buraco apertado. – Respira como uma menina bonita. Vamos mostrar ao guarda-redes por que razão três é mais divertido. Mars, dobra um pouco os joelhos. Nem todos somos gigantes – brinca.

Os rapazes manobram-se para que Ilmari fique encostado à parede, usando-a para se equilibrar enquanto dobra os joelhos. Caleb aproxima-se. Eu gemo quando o sinto a entrar dentro de mim. Ele provoca, movendo a ponta para dentro e para fora, aquelas barras a roçarem-me tão bem. Estou ofegante quando ele avança, com a pila a deslizar para o fundo.

– *No niin* – geme Ilmari, a cabeça arqueada para trás quando sente o primeiro deslizar da pila de Caleb ao longo do seu eixo. – Foda-se, não consigo...

– Aguenta, meu – grita Caleb. – Não te mexas, porra. Segura-a quieta, e eu vou fazer-vos ver estrelas aos dois. – Ele agarra com força as minhas ancas e começa a bombear, batendo para cima e para dentro, deslizando quase todo o caminho para fora antes de se enterrar uma e outra vez.

Mars está a murmurar maldições e eu estou prestes a gritar.

– Estou a vir-me – grito. – Cay... querido... Mas não me consigo aguentar, não o consigo evitar. – O orgasmo atravessa-me e começo a pulsar à volta dos meus homens, a estrangular as suas pichas, o meu núcleo a zumbir enquanto se contrai uma e outra vez. Estou perdida, o meu corpo a derreter-se contra o Mars enquanto ele grita a sua libertação, a sua semente quente a

bombear para a minha vagina ávida.

– Estou quase lá, porra... – Caleb suspira, sacudindo as ancas contra mim até gritar, o seu esperma a encher-me o cu.

Gemo enquanto persigo a sensação perfeita de estar tão cheia. O meu orgasmo está no auge. A única coisa que resta é descer a flutuar. Caleb sai de dentro de mim e cambaleia para trás, contra a parede de azulejos, com o peito a arfar enquanto recupera o fôlego.

– Ajuda-me – murmura Mars. Ele está uma confusão tão grande que não me consegue fazer descer em segurança.

Caleb dá um passo em frente, com as mãos nas minhas ancas e ambos levantam-me e põem-me de pé. Balanço-me como uma alga marinha, sentindo um calor e um vazio a latejar entre as minhas pernas. Eles lavam-me e Caleb desliga a água, enquanto Mars me envolve num roupão de banho. Pegando em mim pelos braços, leva-me para a cama grande do Jake. Caímos todos nela, o Mars e o Caleb nus, um de cada lado, o meu cabelo molhado a esvoaçar contra a almofada que cheira a Jake.

– Então, Mars? – diz Caleb num sopro. – Já acabaste de fingir que não gostas de a partilhar?

Um sorriso sonolento surge-me nos lábios quando olho para cima, para o rosto bonito de Ilmari.

– Sim – murmura ele.

O meu coração palpita e enrosco-me contra ele, com o meu rosto encostado à sua pele quente.

– Ótimo – responde Caleb com um suspiro cansado. – Fica connosco, Kinnunen. O teu lugar agora é aqui.

Eu não sei se Ilmari responde. Estou demasiado cansada e feliz para ficar acordada por mais um instante.

JAKE

É dia de jogo e estou a arder! A vantagem de jogar em casa significa que o público de Jacksonville está a rugir. Cânticos de «Duuuuuval» enchem o ar enquanto os Rays rasgam o gelo.

Já marquei um golo e fiz uma assistência. Como defensor, conhecido por bater os rapazes contra as tabelas, os remates à baliza são raros para mim. Mas vi uma abertura no segundo período e levei-a até à baliza. A minha assistência foi um remate de sorte para o Sully no início do terceiro período. Ele meteu-a mesmo no buraco cinco. O guarda-redes dos Panthers nem sabia o que o tinha atingido.

Faltam dois minutos para o fim do jogo e estamos a ganhar por dois. Os Panthers estão a dar tudo, mas o nosso ataque está a jogar mais forte do que nunca. Toda a ação está na zona deles. O que é ótimo para nós, porque o Mars ainda está fora da baliza. O seu grande jogo de regresso é na sexta-feira à noite.

Concentração. Passem o disco. Continuem a dar o máximo.

Novy e eu fazemos uma ótima dupla. Ele é um patinador rápido e duro. Bate com o número 15 nas tabelas, atirando o disco para mim. Eu trabalho depressa, atirando-o para Langley. Mas depois surge um enorme defesa dos Panthers a bater-lhe, atirando-o ao gelo com um esmagamento brutal.

Com raiva, avanço da minha linha, levando a luta até ele. Encostamos os ombros, grunhindo enquanto batemos no disco entre os nossos pés. Eu mordo o meu protetor bucal, gemendo enquanto lhe dou um empurrão poderoso, libertando-me a mim e ao disco.

Quando estou prestes a passar o disco ao Sully, o outro defesa deles cobre-o, obrigando-o a recuar. Tomando uma decisão instintiva, corro para a esquerda em direção ao centro, levando o disco comigo. Estou à procura de

alguém, qualquer pessoa, a quem passar o disco. Mas a situação inverteu-se, e todos os meus avançados se transformaram em defesas, combatendo os Panthers para trás para eu abrir caminho.

Acontece em segundos. Patino até à linha e o gelo sob os meus pés torna-se azul. Mais perto e estarei a dar um beijo ao guarda-redes. Sinto a correria dos rapazes atrás de mim. Vou dar um encontrão no guarda-redes. E depois vou ter um monte de Panthers em cima de mim, sem luvas, a esmurrar-me até sangrar.

Regra número um no hóquei: nunca tocar no guarda-redes.

Em pânico, pulverizo o gelo para parar e finjo virar para a direita, correndo para a esquerda para limpar a rede. Com um movimento do meu taco, mando o disco para o canto da rede quando o defesa dos Panthers bate no seu próprio guarda-redes, patinando demasiado depressa para parar a tempo.

A cereja ilumina-se, as sirenes tocam e o rinque irrompe em aplausos quando ouço Bruno Mars a cantar «Uptown Funk» no som ambiente pela segunda vez esta noite. Essa é a minha música. A música que tocam quando marco um golo.

A equipa entra a patinar, rodeando-me. Estão todos a falar ao mesmo tempo, a bater nos meus protetores e a aplaudir-me. Estou tão cheio de adrenalina que tremo como uma folha. Mas tenho de me concentrar. Falta um minuto para o fim do jogo.

O treinador pede a última mudança de equipa e eu saio do gelo com Novy, descendo para o banco de suplentes, sob os aplausos da multidão que bate no vidro atrás de mim. Os outros defesas no banco dão-me palmadinhas nas costas e felicitam-me. É raro ter um jogo tão ofensivo. Não estou habituado a esta atenção.

Vejo os últimos trinta segundos a passarem, os Panthers a lutarem por mais um remate à baliza. Mas isso não importa. Nós vencemos. Tiro o capacete e pego numa garrafa de água, despejo-a por cima da cabeça, deixando a água gelada arrefecer o fogo no meu sangue.

Olhando para o banco, vejo o Caleb parado no canto, de braços cruzados, sorrindo para mim. Eu sei que ele está impressionado. Raios, eu próprio estou impressionado comigo.

O apito toca para terminar o jogo e os adeptos dos Rays entram em erupção. Vou em êxtase até ao balneário, enquanto os rapazes me enchem de cerveja e o Sully me dá o disco do jogo. O treinador Johnson arrasta-me para fora dos chuveiros para fazer a conferência de imprensa e eu continuo a cantarolar.

Enquanto isso, procuro-a por todo o lado.

A Rachel não esteve no banco esta noite. Será que ela viu alguma coisa do jogo? Meu Deus, espero que tenha visto. Não o consigo evitar. Sou aquele tipo que quer a namorada nas bancadas, com a camisola dele, a torcer por ele, a fazer olhinhos de coração através do acrílico.

Fujo da zona de imprensa. Quando me dirijo para os balneários, passo pelo Avery.

– Ei, viu a doutora Price por aí?

– Tenho cara de guardião dela? – responde ele, afastando-se.

Abano a cabeça. Aquele tipo tem sempre um problema por causa de qualquer coisa. Alguns dos rapazes estão a começar a queixar-se. O Langley já nem sequer o consulta. Encolhendo os ombros, viro noutro corredor e é então que a vejo. A Rachel está a sair por uma porta ao fundo do corredor com uma caixa de mantimentos nas mãos.

– Olá – chamo.

A sua expressão de cansaço desaparece quando me vê e o seu rosto ilumina-se.

– Olá! Jogaste tão bem esta noite, Jake. A sério...

Eu silencio-a com um beijo, envolvendo os meus braços à volta dela enquanto esmago o que quer que ela esteja a segurar entre nós.

– Jake – suspira ela contra os meus lábios. – Alguém vai ver.

– Eu não me importo – resmungo. – Estou cansado de me esconder. Cansado de fingir que não estou contigo quando estou.

– Jake – suspira ela. – Já falámos sobre isto...

– Nada de conversas – resmungo, pressionando os meus lábios nos dela novamente. – Agora não. Beija-me como se eu tivesse acabado de ganhar um jogo da NHL.

Ela ri-se contra os meus lábios.

– Estás a sentir-te muito bem? És o grande homem esta noite?

As minhas mãos vagueiam, uma escorrega para dentro da parte de trás das suas calças, enquanto a outra lhe cobre a cara.

– Seattle, preciso de ti – digo, baixando o meu rosto para o seu pescoço e respirando-a. Meu Deus, ela cheira tão bem. Agora lavamos a roupa juntos, por isso as nossas roupas começaram a ter o mesmo cheiro. Seja qual for o detergente que usamos, agora sinto o cheiro sempre que visto uma *t-shirt*. É ela, sou eu. Somos nós. E nunca me vou faltar.

– Estamos no trabalho – repreende ela, equilibrando a sua pequena caixa de fita adesiva e ligaduras.

– Não quero saber. Querida, preciso de ti. Preciso de estar dentro de ti. – Pressiono-a contra mim para que ela possa sentir a minha seriedade.

– Jake... – Ela diz o meu nome como se fosse uma oração e eu preciso de o ouvir novamente. Preciso de estar dentro dela quando ela o diz.

As coisas têm sido tão loucas esta semana com todos os nossos horários e jogos incompatíveis. Estamos desfasados e eu odeio isso. Preciso dela. Preciso que estejamos novamente em sintonia.

Ela empurra-me os ombros.

– Estamos num corredor.

– Então pensa rápido, porque eu não vou parar – grito, a minha mão mergulhando por baixo da sua camisa para cobrir o seu peito por cima do

sutiã.

Ela suspira, a caixa de mantimentos cai. As ligaduras chocalham enquanto as fitas adesivas rolam pelo chão.

– Jake...

– Eu quero-te tanto – gemo. – Preciso de ti, Seattle. Sinto a tua falta. Preciso de te foder. Agora.

– Oh, meu Deus! – suspira ela. – Vamos lá.

Agarrando a minha mão, ela puxa-me pelo pequeno corredor até à porta que leva a uma sala de armazenamento. Várias filas de prateleiras metálicas albergam todo o tipo de equipamento, desde primeiros socorros a material de limpeza, passando por caixas e caixas de atacadores de *skate* e fita adesiva. Um monte de *sticks* velhos está empilhado a um canto e algumas filas de balizas estão amontoadas, algumas já sem a rede.

A porta fecha-se atrás de nós e ela vira-se nos meus braços, com as mãos à volta do meu pescoço.

– Sentes-te bem esta noite?

– Tão bem, porra – murmuro, os meus lábios a perseguirem os dela.

– Sim? Queres continuar com a tua adrenalina um pouco mais? – provoca ela com a sua mão a mergulhar nos meus calções para segurar a minha pila dura como uma rocha. – Queres foder-me, meu anjo?

– Todas as horas de todos os dias – gemo, enfiando a minha mão por baixo da sua camisa para desapertar o sutiã. Isso dá-me um pouco mais de espaço para lhe tocar nos seios. Levantando o polo dos Rays com o sutiã, exponho o seu mamilo pontiagudo e afundo a minha boca à volta dele com um gemido, acariciando-o e provocando-o da forma que sei que ela gosta.

– Toma-me, Jake – suspira, baixando as calças até meio das pernas e colocando a minha mão entre elas. – Possui-me, porra. Mostra-me porque é que eu sou tua.

– Foda-se – rosno, os meus dedos deslizando através de sua humidade. Abrando, respiro com os olhos fechados e deixo-me sentir. A sua presença, o seu hálito quente na minha bochecha, o calor do seu núcleo. Desde o primeiro momento em que nos encontrámos em Seattle, este sentimento de certeza, este sentimento de querer estar onde ela está, não se desvaneceu para mim.

Ela é a minha rapariga. Minha. E eu sou dela. E estou farto de me esconder.

– Vem cá. – Agarro-a pelos ombros e faço-a andar para trás até ela esbarrar na pilha de redes velhas. – Vira-te – rosno. – Mãos na trave.

Ela vira-se, curvando-se sobre o topo da trave enquanto eu puxo as suas calças mais para baixo, passando as minhas mãos ásperas sobre as curvas do seu rabo. Ela murmura a sua necessidade, pressionando-se contra mim.

Desesperado por aquele momento de ligação, liberto a minha pila dura como uma rocha. Com a palma da mão, aproximo-me dela.

– Abre mais, querida – ofego, dobrando os joelhos para ficar no ângulo certo. Adoro penetrá-la por trás. Penetro mais fundo e ela sente-se mais

apertada. Trabalhamos como uma equipa para nos colocarmos em posição, o meu pénis mesmo à sua entrada, a pressionar.

– Sim – sibila ela, com a cara a cair para a frente sobre os cotovelos quando eu entro com toda a força.

Ambos gememos, os nossos corpos a zumbir com aquela primeira sensação de ligação. Eu ofego, segurando as suas ancas enquanto me faço entrar e sair, a sua humidade a cobrir o meu pau duro.

– Querida, sabes tão bem – murmuro, balançando-me dentro dela. – Amo-te tanto. Preciso tanto de ti. Quero que toda a gente saiba.

– Jake... – As palavras dela são cortadas quando um barulho atrás de nós nos faz suspirar.

A porta da arrecadação abre-se com um rangido, revelando Mars em pé, com o seu fato de treino. A caixa de material médico da Rachel está equilibrada na mão dele. Ela suspira, todo o seu corpo fica tenso contra mim. Ainda estou enterrado até ao fundo do seu sexo, enquanto a tenho pressionada contra uma pilha de redes de guarda-redes.

Oh, merda!...

A porta fecha-se com um estalido atrás de Mars e depois ele mexe-se, com o seu olhar quente fixo em nós. Deixa cair a caixa no chão, sem se importar com o barulho.

– A cara não – grunho, sem saber o que vai acontecer a seguir.

Mas depois ele passa por mim e vai ter com ela, segurando-lhe o rosto enquanto se inclina para a beijar perdidamente. Eu fico ali, a ver como ela derrama o seu calor sobre ele. Ele é feroz, agarra-lhe o cabelo e puxa-lhe a cabeça para trás. Ela geme contra a sua boca, arqueando-se contra a trave enquanto bate com as ancas contra mim, trabalhando a sua vagina sobre o meu pénis duro. Oh, porra, ela quer que eu continue.

Perdi o *ménage à trois* no duche, o que valeu a Cay ovos salgados e *bacon* queimado na manhã seguinte. Desde então, vi o Mars a beijar a Rachel e houve um momento de brincadeira no sofá em que a passámos para uma sessão de beijos quentes e intensos, mas estávamos todos demasiado cansados para fazer mais.

Ele ainda não a partilhou comigo. Não desta forma. Não como uma equipa completa. Testando os seus limites, eu bato-lhe, e ela geme, a sua vagina apertando-me com mais força.

– Linda menina – gemo. – Tu aceitas-me tão bem.

Ele fica tenso, um som baixo sai da sua garganta. Ei, se ele vai aprender a partilhar comigo, é melhor ele habituar-se a ter uma faixa de áudio, porque eu sou uma pessoa faladora.

Ela quebra o beijo com Mars, e ele endireita-se, com o olhar sombrio enquanto me vê a fodê-la contra a rede. Ela arqueia-se contra mim, adorando cada segundo.

Passo a mão pelas costas dela, por baixo da camisola polo.

– Tu gostas de ser observada. Não é, querida?

– Sim – murmura, a sua vagina apertando-me com mais força.

– Tão boazona. Esta vagina é o paraíso. Tão apertada e quente. Não é, Mars? – acrescento, olhando para ele. Eu sei o quanto ela quer isto e quero fazer com que aconteça por ela. Ela quer que nós os quatro estejamos juntos. – Acho que a nossa rapariga pode precisar de mais – digo eu. – Ela adora ser preenchida.

Eu dou-lhe uma palmada a cada afirmação e sei que ela está perto. É bom que ele decida o que quer fazer.

– Desta vez só queres ver, grandalhão? Queres ver-me a mostrar-te como se usam estas redes?

Com um grunhido, ele agarra-lhe o cabelo, fazendo-a inclinar o rosto para trás para olhar para ele.

– Queres mais, Rakas?

– Sim. Por favor, Mars. Oh, meu Deus, por favor...

Abrandeí o meu ritmo quando ele se aproximou, soltando-a do topo da trave. Temos de nos mexer e depois ele baixa os calções apenas o suficiente para libertar a besta. Eu gemo, adorando este ângulo, enquanto vejo a minha rapariga a levá-lo à boca. Mars segura-a pelos ombros, balançando-se contra ela. Eu também sincronizo as minhas ancas, acompanhando o seu ritmo até a estarmos a possuir de ambos os lados.

Nunca pensei que quisesse partilhar a minha namorada com outro homem, mas há qualquer coisa em vê-la assim que me faz sentir melhor. A Rachel está a gemer, chupando e engasgando-se com a sua pila enorme, enquanto me conduz tão bem, com a sua vagina quente a apertar-me, levando-me mesmo ao limite.

– Querida, estou-me a vir – gemo. As minhas ancas sacodem uma, duas vezes, e depois estou a enchê-la enquanto ela me aperta com tanta força, perseguindo o seu próprio orgasmo.

O Mars segue-nos, com as ancas paradas enquanto se liberta. Vejo-a a ofegar e a engasgar-se, engolindo-o. Passado um momento, ele liberta-a e ela suspira. Uma das suas mãos trémulas levanta-se para agarrar a trave.

Eu saio de dentro dela, deixando as minhas mãos nas suas ancas para a segurar. Depois, endireito-me rapidamente, fazendo deslizar as calças dela por cima e metendo-me entre as suas pernas. Mars faz o mesmo. Pelo menos, se alguém entrar, não nos vai apanhar a meio da queca. Mas a Rachel ainda está dobrada sobre a rede, delirando enquanto recupera os sentidos.

Agora que o calor da libertação está extinto em mim, uma cabeça mais fria está a prevalecer. Foda-se, isto foi imprudente. Qualquer um podia ter entrado. Alguém entrou. Tivemos sorte por ter sido o Mars. Podia ter sido o Avery. Aquele idiota teria andado por todo o complexo desportivo a denunciar-nos.

Mars inclina-se sobre ela, sussurrando algo que não consigo ouvir, enquanto lhe afasta o cabelo da cara. Ela acena com a cabeça e ele beija-lhe a testa.

Depois afasta-se.

– Jogaste bem esta noite – diz-me ele, pondo-se de joelhos para recolher os medicamentos. Ele estende a caixa na minha direção.

– Obrigado – digo eu, ainda sem fôlego, quando pego na caixa.

Ele segura-a, olhando-me nos olhos.

– Gosto de ti, Compton.

Eu pestanejo, olhando para Rachel e de volta para o gigante finlandês.

– Eu também gosto de ti, Mars.

– Eu gosto de ti pela Rachel – acrescenta ele.

– Digo o mesmo – respondo, sem saber ao certo onde é que isto vai dar.

– Ótimo – diz ele com aquela voz profunda. – Por favor, toma isto como o único aviso que vou dar: fode a nossa rapariga contra uma das minhas redes outra vez e eu corto-te a tua linda pila. Entendido? – Ah, lá está ele.

– Claro, Mars – respondo com uma saudação atrevida.

Ele revira os olhos e vira-se para o outro lado.

– Ei, essa regra também se aplica ao teu cacifo no balneário?

Ele rosna, sem se virar.

– Está bem, espera. Ouve-me – digo eu, sabendo que vou levar um murro. – E no gelo a meio do jogo? Achas que podemos contornar isso? Ou fazer algum tipo de sinal com a mão para te afastares? – A porta fecha-se atrás dele.

Rachel ri-se, levantando-se da trave.

– És tão ridículo. Ele vai dar-te um murro se não te acalmares com as provocações.

– Vale a pena – respondo com um sorriso, dando um passo à frente para a envolver nos meus braços novamente. – Não finjas que não gostas das minhas parvoíces.

– Amo – responde ela, com o olhar um pouco mais sóbrio, enquanto afasta o cabelo da minha testa com um movimento dos dedos. – Jake, eu amo mesmo.

RACHEL

Estou numa pilha de nervos. É a primeira vez que estou de folga num jogo desde que a época começou. É tão estranho não estar nos túneis com os rapazes, a correr como uma louca a gritar por mais fita adesiva e ligaduras.

Para uma especialista em anca e joelho, tenho passado muito tempo a prestar primeiros socorros básicos. Até parece que alguns destes tipos são feitos de vidro pela rapidez com que se magoam e sangram. E o velho estereótipo sobre os jogadores de hóquei e os dentes que lhes faltam? Sim, não é apenas um estereótipo. Entre treinos e jogos, já tive de lidar pessoalmente com nada menos do que quatro dentes lascados e três partidos.

– Olá, querida – diz a Poppy, com um aceno. Ela está a empurrar a multidão agarrada a um grande balde de pipocas e um refrigerante. – Oh, rapariga, estás fantástica! O Kinnunen vai morrer por estares a usar a camisola dele esta noite.

Não posso deixar de sorrir. É suposto ser uma pequena surpresa para ele na sua primeira noite de regresso ao gelo. O Jake vai provavelmente fazer beicinho durante um mês quando souber, mas não é todos os dias que temos olheiros olímpicos a ver-nos jogar. O Ilmari trabalhou muito para isto. Esta noite, ele merece um doce.

– Isto é tão emocionante – diz Poppy. – Sabes, este é o primeiro jogo que assisto como espectadora? Esta época tenho andado a correr atrás de mim própria.

– O mesmo acontece comigo – respondo, tirando algumas pipocas do topo do balde dela.

– Senti que queria ter a experiência completa do dia do jogo – explica ela. – Por isso, depois das pipocas e do refrigerante, vamos passar para os cachorros-quentes e cerveja!

– Parece-me bem – indico a rir-me.

– Estás pronta? O Leo da bilheteira arranjou-nos uns lugares fantásticos mesmo no gelo.

– Sim, espera aí – respondo. – Só estamos à espera de mais um. – Levanto-me na ponta dos pés, olhando em volta. Ele está atrasado, claro. Aposto que foi arrastado para baixo para tratar de uma crise. Um grito familiar vindo de trás de mim faz-me virar. Quando o vejo, não posso deixar de sorrir mais.

Caleb vem a passar por entre a multidão, equilibrando um tabuleiro de nachos e um refrigerante grande. Parece-se com qualquer outro adepto dos Rays: boné ao contrário, camisola dos Rays, calças de ganga, chinelos de dedo. Quando me vê, fica parado, com o olhar a percorrer o meu cabelo encaracolado, a camisola do Kinnunen, as calças de ganga justas e as botas até ao Joelho. A sua boca abre-se ligeiramente em choque.

Não posso deixar de fazer o mesmo, visto que tem o n.º 42 estampado nos ombros. Se ele pensa que não o vou gozar por ter a camisola do Jake vestida, está enganado.

Recuperando o discernimento, vem a correr para junto de nós.

– Olá, Caleb – diz a Poppy em jeito de saudação. – Oh, nachos! Porque é que não me lembrei disso?

Chamem-me fanática por comida, mas o meu gémeo é um *chef* com estrela Michelin. Não vou comer queijo solidificado em cartão salgado. No entanto, posso ser persuadida a comprar algumas amêndoas alemãs torradas. Aquele cheiro delicioso a canela percorre os corredores, atraindo-me como um chamamento de sereia.

– Rach, queres dividir uns nachos quando formos buscar os nossos cachorros-quentes? – pergunta a Poppy.

Eu rio-me outra vez.

– Miúda, tens aí uns quarenta quilos de molho, onde é que vais enfiar isto tudo?

– Oh, não te preocupes comigo – responde ela. – Nós, os St. James, somos comedores profissionais. Aqui o Caleb vai-se passar antes mesmo de eu ter começado. Agora vamos, não quero perder nada do espetáculo antes do jogo! Fazem ideia do tempo e da energia que dedico à produção do nosso jogo em casa? – Como louca, a Poppy sai a correr, deixando-nos a olhar.

– O Jake vai-se passar quando te vir com isso – murmura Caleb, colocando-se ao meu lado.

– Ele vai-se passar-se é quando te vir com isso – provoco, os meus olhos a segui-lo de cima a baixo.

Ele tira a mão da sua bandeja de nachos e os seus dedos roçam na minha mão quando passamos pela multidão. Nas semanas em que tenho vivido com ele, aprendi a tratá-lo como um gato. Ele é exigente quanto ao sítio onde se senta e ao que come. Se não quer afeto ou proximidade, avisa-nos, o que acontece na maioria das vezes. Não gosta de se aconchegar, a não ser que

esteja a dormir, e não gosta mesmo nada de demonstrações públicas de afeto. Nesse sentido, ele e o Jake são como a noite e o dia.

Até o Ilmari é mais carinhoso fisicamente do que o Caleb. O Mars gosta de contacto visual. E gosta que eu o sinta a observar-me. Quando estou no trabalho e ele me vê, para e espera que eu repare nele, seguindo casualmente em frente como se nada tivesse acontecido assim que os nossos olhos se encontram. É como algo saído de um maldito romance de Austen. Fico sempre tão excitada...

Mas o Caleb nunca parece querer garantias físicas fora do sexo. Por isso, o facto de ele as estar a oferecer agora implica que eu praticamente pulo para retribuir, entrelaçando os meus dedos com os dele enquanto nos movemos em direção à nossa seção. Ele aperta-me a mão.

– Estás bem, Furacão?

Eu aceno com a cabeça. Quando estou prestes a falar, a Poppy aparece ao virar da esquina e o Caleb deixa cair a minha mão como se fosse uma batata quente.

– Despachem-se, vocês os dois!

Ambos respiramos fundo e seguimo-la para encontrar os nossos lugares.

ILMARI

Noite de jogo. Rays contra Kraken. Em casa. É o meu primeiro jogo em três semanas. A injeção de cortisona ajudou a reduzir a inflamação e a Rachel adicionou uma injeção de gel na semana passada. O lubrificante para as articulações melhorou significativamente a minha amplitude de movimentos. Os dois tratamentos, combinados com o repouso, fazem-me sentir como se estivesse de volta aos oitenta por cento. É suficiente. Terá de ser, porque os representantes da FIHA estão finalmente aqui.

O aquecimento está feito e todos se preparam para entrar no gelo. Na cabina ao meu lado, Morrow pragueja.

– Maldito, estúpido de merda. – Levanta-se e vai a coxear para o outro lado do balneário, queixando-se de um atacador de patins gasto.

Assim que ele se vai embora, Compton desliza pelo banco e toca-me no cotovelo.

– Olá. Como te sentes esta noite?

– Bem. – Concentro-me em ajustar as correias dos meus protetores..

– Alguma coisa que eu precise de saber? – insiste ele, em voz baixa. – Sabes, antes de irmos lá para fora... alguma coisa que eu precise de fazer ou não fazer?

Olho-o fixamente. Ele está a quebrar a minha concentração. Não gosto de conversar antes do jogo. E não gosto mesmo nada que ele duvide da minha capacidade para jogar. Faço um gesto para os meus calções.

– Queres que os tire, Compton? Queres usá-los, é isso? Achas que consegues jogar na minha posição melhor do que eu?

– Ei, meu, não fiques na defensiva. Só estou a tentar ajudar-te. Sei que este é um jogo importante para ti, com os olheiros aqui. Diz-me só como posso ajudar-te a mostrar o que vales...

– Faz o teu trabalho – murmuro.

Ele resmunga, claramente aborrecido com a minha rudeza.

– Sim, sabes que mais, acho que vou fazer a porra do meu trabalho. – Quando penso que está prestes a afastar-se, ele aproxima-se mais, com a sua voz baixa. – Isto é por causa do outro dia na arrecadação? Ainda estás chateado com a cena da rede de guarda-redes? Porque se não estás bem com a partilha, é algo que temos de saber.

Fico quieto. A última coisa em que preciso de pensar agora é na Rachel. Ou eu e a Rachel. Ou eu, a Rachel e o Jake Compton a foder como campeões contra as minhas malditas redes.

Em nenhuma versão do meu futuro imaginei que poderia estar a considerar partilhar uma mulher e uma vida com um colega de equipa. Certamente não um defensor otimista, divertido, comedor de *sushi* e detestável.

Era por isso que eu tinha reservas em relação à Rachel. Talvez uma parte de mim sempre soubesse que ela iria complicar a minha vida para além dos cuidados médicos. Agora ela tem o Jake Compton a tentar tratar-me como mais do que um colega de equipa. Ele está a tentar ser meu amigo.

Mas eu não tenho jeito para isto. Sou calado e estranho. Vivo na minha cabeça. A Rachel não tenta tirar-me de lá. Apenas entra comigo. Ela está lá dentro e eu não consigo tirá-la de lá. Até o Caleb parece compreender-me. Nós damo-nos bem. Já nos dávamos antes da Rachel. Partilhamos um gosto mútuo pelo silêncio e pela ordem.

Mas o Jake Compton é barulhento, extrovertido e desarrumado. Faz amizade com toda a gente. Está sempre a rir, sempre a provocar, sempre a sorrir. Isto não vai resultar. Ele vai fartar-se dos meus humores e da minha melancolia e vai obrigar-me a sair.

Não que o Caleb seja menos mal-humorado, mas é o PVD de Compton. Não vai a lado nenhum. O Compton não pode tolerar um segundo homem na sua vida que seja tão difícil de conviver. Por isso, vou-me embora. Isto não vai durar. O Compton não vai querer que dure e eu não o censuro. É impossível, com as nossas personalidades antagónicas, ele deixar-me ficar.

– Afasta-te de mim, Compton – murmuro.

– Caramba! – suspira ele. – Boa sorte, idiota.

Fecho os olhos e respiro fundo. Não consigo pensar nele neste momento. Não posso pensar na Rachel... em perdê-la para ele. Esta noite, tenho um trabalho a fazer.

– Estão prontos, rapazes? – O nosso capitão chama do outro lado do balneário. – Vamos dar cabo de uns Kraken!

Como um só, a equipa levanta-se. Está na altura de jogar.

RACHEL

—E se ele não gostar que eu esteja aqui? — murmuro, de pé nos nossos lugares, duas filas atrás do acrílico. Estamos ligeiramente na diagonal da baliza. Se Ilmari virar a cabeça para a esquerda, é provável que nos veja. — E se eu o distrair? Se calhar devia ir...

— Não te atrevas — rosna Caleb, agarrando-me o cotovelo. — Vais ficar aqui mesmo, Furacão. Queremos que os nossos dois rapazes te vejam assim.

Olho para a minha esquerda, mas a Poppy não está a prestar atenção. Ela está em pleno modo borboleta social, rindo e conversando com os portadores de ingressos de temporada sentados atrás de nós. Eu juro, esta mulher poderia fazer amizade com um parquímetro.

— Porque é que queres que eles me vejam assim?

— Porque precisam de motivação — responde ele.

Eu rio-me, tomando um gole da sua bebida. Coca Cola normal, claro. Cheia de açúcar.

— Ah, sim?

Ele revira os olhos para mim.

— Deixa-te de merdas, Furacão. Sabes que pareces a mulher de um jogador de hóquei. Pareces a mulher dele — acrescenta, com o olhar a pousar no número 31 que tenho no ombro.

Eu engulo em seco, sentindo-me subitamente sem fôlego. Devolvo-lhe o refrigerante.

— Porque é que achas que é importante eu estar a usar o número da Ilmari e não o do Jake esta noite?

— Porque o Mars vai estar motivado para ganhar — responde ele. — Vai pensar em ti durante todo o jogo. Em cada remate à baliza, em cada defesa. Vai pensar em despir-te essa camisola e foder-te toda. Se tentarmos pôr-te a

mão em cima esta noite, ele vai arrancá-la à dentada ao estilo homem-urso.

– Usar uma camisola é assim tão importante? – pergunto com uma sobrancelha levantada.

– É mesmo importante – responde ele solenemente. – Se eu ainda tivesse uma camisola, também te queria ver com ela – admite. – Ver-te com a camisola de outro homem? Bem, é um tipo raro de tortura. Um olhar para ti e o Jake vai fazer o seu melhor jogo da época.

Escondida no meio da multidão de adeptos, pego-lhe na mão, apertando-a suavemente.

– Sim?

Ele sorri.

– Achas que o nosso pequeno Touro mimado é todo querido e carinhoso? Espera só até ele não conseguir o que quer. É bom que os Kraken tenham treino de matadores.

– Oh, meu Deus! – murmuro, assim que as luzes se apagam.

Ao meu lado, a Poppy salta para cima e para baixo, agarrando a minha mão enquanto grita. Começa a música de abertura e as luzes acendem-se, criando um aspeto muito fixe de recife tropical no gelo. É totalmente hipnotizante, pois as luzes e os ecrãs de vídeo trabalham em conjunto para criar uma experiência visual para o ringue. É como se estivéssemos a correr através de um recife de coral, nadando como peixes. As cores da água ondulante dançam em todos os nossos rostos.

– Isto é tão fixe – murmura Cay ao meu lado, relutantemente impressionado. Nunca nenhum de nós tinha visto o espetáculo do pré-jogo deste ângulo.

Eu agarro na mão dele com um sorriso, balançando nas pontas dos meus pés.

Quando a música aumenta de intensidade e a máquina de fumo começa a funcionar, a multidão vai ao rubro à medida que cada jogador é anunciado. Os Rays saem em catadupa para o gelo quando os seus nomes são chamados, começando pelos avançados. Langley, depois Karlsson e depois o nosso capitão, Sully. Nós os três estamos a perder a cabeça a aplaudir quando anunciam Novikov e Compton na defesa. O último a entrar no gelo é Ilmari. A multidão fica louca por ele enquanto patina lentamente em direção à sua baliza, totalmente dentro da zona.

As luzes acendem-se e os Kraken patinam ao som de uma horda de vaías, enquanto ambas as equipas fazem os seus últimos momentos de aquecimento antes do disco ser lançado.

– Vamos chamar-lhes a atenção – diz Caleb. Meu Deus, ele é mesmo um agitador! Porque é que ele se diverte tanto com isto? O entusiasmo dele devia estar a dissuadir-me, certo?

O Jake e a Novy passam a patinar e o Caleb grita.

– Não – grito, puxando o seu braço. – Mudei de ideias...

– Ei, quarenta e dois... tu não prestas! – grita ele o mais alto que pode,

com as mãos à volta da boca.

Acontecem duas coisas ao mesmo tempo. Os dois tipos que estão à nossa frente baixam-se para agarrar nas suas cervejas. Ao mesmo tempo, a cabeça do Jake dá um salto, provocado pelo som da voz do Caleb. Eu fico ali como um veado à frente dos faróis enquanto ele para e nos observa a ambos. O brilho das luzes na sua viseira clara significa que eu não consigo distinguir os seus olhos, mas consigo ver os seus dentes cerrados.

– Oh, merda! – murmura Cay, mantendo uma mão em volta da minha cintura enquanto o Jake vem a correr para frente.

– Faz com que pare, faz com que pare – grito, puxando-lhe o braço.

Ele apenas ri, mantendo-me imóvel.

O Jake patina mesmo até às tábuas, batendo com as duas mãos contra o acrílico. Os tipos à nossa frente gritam de surpresa e um deles entorna a cerveja por cima de si enquanto o amigo se ri.

– Mas que raio, Seattle? – grita Jake, a olhar-me fixamente. Ao meu lado, a Poppy grita.

– Compton, o que é que estás a fazer?

– Tira isso! – grita-me ele.

A multidão à nossa volta está a reparar, todos os olhos estão virados para nós. Oh, isto é mau, muito mau. Uma ideia tão má. Estúpida, Rachel!

– Talvez se jogares muito bem esta noite, ela use a tua camisola no sábado – provoca Caleb, vivendo para este momento de suprema imbecilidade.

O grupo à nossa volta ri-se enquanto Jake nos olha como se tivesse acabado de rebentar o baço.

– Sinto muito – grito através do vidro, subitamente lamentando cada uma das decisões da minha vida estúpida. O olhar de tortura no seu lindo rosto é tão forte para mim. Quero trepar o acrílico e obrigá-lo a abraçar-me.

Mas o Caleb não se importa nada.

– Ela não está nada arrependida – brinca ele. – Vai patinar, idiota! Tenta não a envergonhar!

Se fosse possível para Jake entrar em combustão espontânea, este seria o momento. Em vez disso, ele vira-se lentamente e afasta-se, com os ombros determinados.

– Vou matar-te – sibilo ao ouvido de Caleb, dando-lhe uma cotovelada de lado.

– Ainda não – diz ele, claramente a viver para este momento. – Sorri para o guarda-redes.

Eu suspiro, voltando a minha atenção para a rede, onde Ilmari está de pé. Ele está a olhar diretamente para mim através da grade da sua máscara, os seus olhos perdidos nas sombras. Lentamente, levanta-a para cima e para trás, querendo ver-me sem qualquer impedimento.

Os tipos que estão à nossa frente riem-se e apontam para mim, baixando-se para que ele tenha uma visão clara. Eles podem não saber exatamente no

que se meteram, mas estão mais do que felizes por ajudar o Caleb a agitar esta desgraça.

O olhar na cara de Ilmari deixa-me pronta para me transformar numa poça.

– Oh, meu Deus! – sussurro, sem fôlego.

É então que Caleb levanta o braço da minha cintura para os meus ombros, puxando-me para junto dele e dando-me um grande beijo na bochecha. Mars assiste a tudo, baixando lentamente a máscara sobre o rosto, enterrando-se profundamente na armadura.

– Queres mesmo ser assassinado esta noite, não queres? – murmuro eu.

– Vale a pena – responde ele.

Os tipos à nossa frente riem-se quando eu o empurro e a Poppy grita.

– Meu Deus, o que está a acontecer agora? Não queremos os nossos rapazes chateados antes de um grande jogo!

Caleb ri-se também, afastando a mão.

– Não te preocupes, Pop. É só um pequeno exercício de construção de equipa. – Ele pisca-me o olho, a sua mão volta a descer entre nós para agarrar na minha. Somos os únicos dois que sabemos a verdade: os Rays não são a equipa de que ele está a falar. De maneira nenhuma.

JAKE

Vou matá-lo. Caleb Sanford é um homem morto. Ele é que a convenceu a fazer isto, eu sei. Aposto que foi ele que lhe comprou a porcaria da camisola. E com o meu maldito cartão de crédito! Ele acha-se tão engraçado, a dar-me a volta desta maneira. Mal consigo ver bem enquanto patino para a minha posição.

Já estava de mau humor por causa do Mars. Quando penso que estou a fazer progressos com aquele idiota, ele afasta-me à bruta. Eu sei que a Rachel adora o tipo, mas se ele não se acalma com a sua mania de frieza, vou ter de organizar uma intervenção.

Vamos ver se ele consegue manter o frio depois de uma semana de retiro de ioga quente da Amy Compton. Já nem sequer me interessa. Estou pronto para o forçar a abrir-se. Levo todos para o Japão e prendo-os num *spa* durante uma semana. Não saímos da sala de vapor até o Mars aprender a soltar os seus músculos de aço. Saquê, alongamentos e vapor. É a combinação mágica para soltar este finlandês mal-humorado.

Não acredito que ela está a usar a camisola dele! Quero dizer, eu sei que eles ficaram traumatizados com a sua lesão. E agora os olheiros olímpicos finlandeses estão cá. Mas eu estava aqui primeiro. Ela devia estar com a minha camisola!

Juro por Deus, o Caleb está por detrás disto. E, merda, porque é que ele fica tão bem com a minha camisola? Foi ele que eu vi primeiro e, juro por Deus, a minha pila contorceu-se um pouco no meu equipamento. Ele nunca tinha usado uma das minhas camisolas antes. Nunca.

Ele está a tramar alguma coisa. Bem, aquele sacana sorrateiro vai ter o que merece. Mas vai ter de esperar. Neste momento, há trabalho a fazer. E já que não posso arrancar a camisola à Seattle, ou dar um murro nos tomates do

Cay, é bom que todos os Kraken neste gelo tenham cuidado. Tenciono fazer alguém sangrar.

RACHEL

—Oh, meu Deus! – grito, agarrando o braço do Caleb. A minha voz ecoa através dos suspiros e vivas de metade do estádio quando Jake executa outro golpe brutal num avançado Kraken, fazendo-o cair a rodopiar no gelo.

O Caleb está a sorrir como se fosse Natal. Jogámos apenas oito minutos no primeiro período e os Rays já marcaram um golo. O ataque está a trabalhar como uma verdadeira linha esta noite e o Jake e a defesa estão a mandar Krakens para as tábuas a torto e a direito. Normalmente, este nível de agressão é guardado para mais tarde durante o jogo, mas as outras duplas de defesa estão a alimentar a energia caótica do Jake.

Enquanto os Krakens tentam trazer o disco para a nossa zona, ele faz uma placagem brutal nas tábuas mesmo à nossa frente, os fãs em nosso redor batem no vidro enquanto ele luta com o avançado pelo controlo do disco. Os seus grunhidos e o som das suas almofadas a bater no acrílico enchem o ar.

A Poppy quase perde o controlo de seu balde de pipocas.

– Porque é que ele está tão violento?

Caleb ri-se, dando-me uma cotovelada nas costelas e pisca o olho.

– Tira isso daqui!

– Luta!

– LUTA!!

Os fãs à nossa volta estão furiosos, zombando da mania do Jake. Com um forte empurrão de ombro, ele esmaga o oponente contra o acrílico antes de disparar, movendo o disco com o *stick* e passando-o ao Langley.

Recostamo-nos nos nossos bancos e a multidão que nos rodeia está a praguejar e a murmurar contra a falta de luta.

– Vês? – diz Cay com um sorriso. – Ele está em fogo esta noite. Eles vão vencer e ficam a devê-lo a ti, Furacão.

Cruzo os braços com força sobre minha camisola Kinnunen. Isto foi um enorme erro.

O terceiro período começou e estou emocionalmente destruída. O placar está em 1-0, com os Rays mantendo a liderança. Este jogo está rapidamente a transformar-se numa guerra. Os Kraken estão fartos de serem atacados pelo Jake. Mandaram entrar um tipo grande e assustador do banco. Deve ser um homem da quarta linha. Ele nem sequer está a tentar jogar o disco. Ele está lá para travar o Jake. Fica muito satisfeito só em persegui-lo pelo gelo, golpe a golpe.

Se eu tiver de engolir mais um grito, juro que me vou engasgar com a língua. Não sei como o Jake ainda tem energia. A cada substituição ele deixa tudo no gelo e quando volta ao banco fica atento, observando a ação, à espera para regressar à luta.

E Ilmari tem sido uma máquina. Os Kraken aumentaram os ataques no final do segundo período, ávidos por um ponto antes do intervalo. Ele era o objetivo final de toda aquela ação. Tudo o que pude fazer foi gritar e segurar a mão de Caleb enquanto o víamos lutar de joelhos, usando o seu corpo como uma parede para parar o disco repetidas vezes.

Agora ele está de volta ao nosso lado da pista para o período final e o central dos Kraken está em fuga após um roubo feio. O homem é pequeno e rápido como uma bala, afastando-se de Karlsson. Jake e Novy lutam para se desvencilhar dos seus bloqueadores e ajudar o Ilmari. Jake corta o gelo. O som de suas lâminas ecoa nos meus ouvidos quando ele aumenta a velocidade.

– Ele não vai conseguir – grita Caleb, segurando a minha mão. – Mars está sozinho... vamos lá, Mars! Vamos!

– Bloqueia!

Ao nosso redor estão todos a gritar e eu fico paralisada no tempo, observando o Ilmari a enfrentar este atacante veloz. O homem decide ser excêntrico e distrai Mars com sua combinação de trabalho de pés e manuseio do disco enquanto corre pelo gelo. Tudo acontece em segundos, quando o atacante se atira para a esquerda e lança o *stick* atrás de si, tentando acertar o gancho no canto direito da rede de Ilmari.

Mas Ilmari não o segue. Os seus instintos estão aguçados à perfeição enquanto ele permanece imóvel, a mão enluvada estendendo-se para preencher o buraco que o atacante esperava que ele deixasse.

Com o coração no peito, esqueço-me de respirar e fico ali com a multidão de olhos fixos em Ilmari. Todos nós parecemos ter pestanejado e perdido o lance. De forma bastante casual, Ilmari baixa a luva, deixando cair o disco aos seus pés.

Defendeu.

Sem esforço. Um deus no gelo.

Sully prepara-se para o lançamento do disco e vence a luta, mandando-o para trás para Jake que o espera. Ele avança, passando pela linha vermelha e indo diretamente para o golo. Juro que vou morrer com tanto stresse enquanto Caleb quase me estrangula, gritando para Jake passar.

Jake move o disco, passando por um Kraken e dá-o a Langley, que está à espera e que o atira para o fundo da rede.

Golo.

Rays 2. Kraken 0.

E é assim que o nosso furioso defesa ganha uma assistência. A multidão enlouquece. Ao meu lado, Caleb e Poppy pulam para cima e para baixo.

– Meu Deus, eu adoro hóquei – grita Caleb, passando um braço em volta dos meus ombros e dando-me um beijo na bochecha.

Não posso deixar de sorrir, perdida na euforia de uma bancada de fãs ansiosos dos Rays. Mas depois fico imóvel, sinto uma presença a puxar-me. O meu olhar vai diretamente para Ilmari, que está sozinho, guardando os seus postes. Ele está a olhar diretamente para mim. Está a observar-me, à espera que eu repare. O meu guarda-redes quer ser visto. Ele quer que eu o veja.

Todos os Rays patinam de volta até a sua extremidade do gelo e Ilmari sai, pronto para dar os parabéns a Langley pelo seu golo. Langley bate o capacete no de Ilmari enquanto dão palmadinhas nos ombros. Eu observo, com o pulso acelerado, enquanto Mars alcança Jake em seguida e os seus capacetes se tocam. Eles mantêm-se mais tempo do que Mars e Langley. Lentamente, Jake assente. Depois patina em direção ao banco e Ilmari volta à sua posição, pronto para defender a sua rede.

É nesse momento que me surge uma ideia deliciosa na mente. Qual é o velho ditado? Dois jogadores de hóquei, um disco?

Estendo a mão para Cay, entrelaçando meu braço no dele.

– Quando o jogo terminar, troca de camisola comigo.

– O quê?

– Tu ouviste-me – digo eu com um sorriso.

Ele olha para mim com as sobrancelhas escuras cerradas. Está mentalmente a trabalhar o meu ângulo, as engrenagens girando com rapidez. O seu sorriso despreocupado transforma-se num sorriso compreensivo e ele inclina-se para mim.

– Oh, estás realmente a ver se me matas esta noite.

– Não te preocupes – declaro. – Os rapazes podem simplesmente deixar-te implorar por misericórdia.

ILMARI

Vitória. Os Rays vencem por 3-0. A vitória foi conquistada com muito esforço, e é assim que eu gosto. Todos nós tivemos de trabalhar juntos esta noite para evitar que os Kraken ganhassem pontos. Sei que fiz um grande jogo, mas quando a minha equipa está bem, isso faz-me parecer ainda melhor.

No final do terceiro período, os Kraken eram cães raivosos. As penalidades voavam de ambos os lados. Eles puxaram o guarda-redes para ganhar um homem a mais, mas não adiantou. Sully marcou na rede aberta quando faltava menos de um minuto para o fim do jogo. O apito nem tocou antes dos nossos fãs começarem a comemorar.

Voltar para o vestiário é uma confusão. O banho é uma confusão. De alguma forma, fui arrastado pelo corredor em direção à conferência de imprensa. Os olheiros da FIHA estarão lá à espera, a imprensa finlandesa. Eles querem ver-me, conversar comigo.

Compton caminha à minha frente, ainda frustrado porque a Rachel usou a minha camisola. Eu estou igualmente zangado. Tive de passar o jogo sabendo que ela estava a observar cada movimento meu. E o Caleb estava ao lado dela, a provocar-me. Ele continuou a tocar-lhe, as suas mãos a passar pelo meu número nos ombros dela, como se esperasse que isso os pudesse apagar.

Impossível. Ela é minha.

Não sei se é um jogo que eles estão a jogar, mas não tem graça. A última coisa que preciso agora é que o Compton encontre um motivo para me expulsar mais depressa. Uma vingança mesquinha porque a Rachel usou a minha camisola parece ser uma razão suficiente.

Mas não posso pensar nisso agora. As luzes piscam quando ocupamos os nossos lugares à mesa, eu na ponta, ele no meio, o treinador Johnson do outro

lado.

Jake não está com disposição para a imprensa, mas é um profissional, e responde à primeira pergunta que lhe fazem sobre o seu desempenho implacável.

– Sim, o objetivo era dar o máximo desde o primeiro lançamento do disco. Queríamos que os Kraken lutassem por isso.

Paro de ouvir, o meu olhar fixa-se em alguns rostos familiares na multidão. Torben Korhonen está parado na minha extremidade da mesa com um passe de imprensa pendurado no pescoço. Ele trabalha para a Liga finlandesa. Ele cobre-me há anos aqui nos EUA. Atrás dele está um grupo de homens de fatos europeus. Os representantes da FIHA. Estão imóveis, observando o desenrolar da conferência de imprensa.

A voz de Korhonen atrai o meu olhar.

– Esta é uma pergunta para Kinnunen – diz ele. – Posso falar em finlandês?

Eu inclino-me para a frente, dando-lhe toda a atenção.

– *Joo.*

Ele muda para o finlandês e sinto que consigo respirar.

– Este é o seu primeiro jogo em três semanas. As informações da equipa técnica e médica dos Rays têm sido escassas. Os seus fãs devem preocupar-se com a sua saúde?

Mantendo o seu olhar, respondo à pergunta que claramente lhe foi feita pelos representantes da FIHA.

– Se eu não estivesse em condições de jogar, não estaria no gelo. A equipa técnica e médica dos Rays tem um profundo interesse na saúde geral e no bem-estar de todos os seus jogadores – respondo. – Estou grato por jogar numa equipa que põe a minha saúde em primeiro lugar, focando-se na minha longevidade de jogo e não apenas em jogar todas as partidas.

Korhonen acena com a cabeça e a pessoa ao lado dele aproveita a oportunidade para fazer a sua pergunta. O treinador inclina-se para o microfone, pronto para responder. Enquanto estou ali sentado, a ouvir a sua resposta complicada sobre uma possível vitória na conferência, Compton fica imóvel como uma pedra ao meu lado. Ele toca-me no braço, com o seu olhar fixo em algo na multidão. Sigo a direção do seu olhar.

É então que os vejo. Eles foram para o fundo da área de imprensa com a identificação da equipa. Rachel e Caleb estão juntos, o braço dele em redor dos ombros dela. O meu coração dispara mais rápido quando eu a observo, o meu olhar desce de seu lindo rosto até aos seus ombros e para... Fico imóvel.

Não é meu número. Ela está agora a usar o 42 nos ombros. O meu olhar dirige-se para Caleb e vejo o número 31 nos ombros dele. Eles trocaram de camisolas. O idiota tem a ousadia de me mandar um beijo e acenar. Rachel dá-lhe uma palmada na mão.

Eu vou matá-lo. Mexo-me na cadeira como se estivesse prestes a levantar-me, mas a mão de Compton no meu braço acalma-me. *Aqui não*, diz

ele sem usar palavras. Agora não. Não na frente dos olheiros da FIHA. Eu só tenho de permanecer sentado e deixá-los provocar-me.

Porque é que o Compton parece igualmente chateado? Ele conseguiu o que queria. A Rachel está com a camisola dele agora. Olho para ele e reparo o quanto ele está irritado. Mas os seus olhos já não estão focados nela. Estão em Caleb.

Suspiro de compreensão, recostando-me na cadeira. Isto é sobre a minha camisola. Ele não quer que nenhum deles a use. Ele quer os dois para si. Enquanto observamos, os dois acenam, sorriem e afastam-se. Compton e eu esticamos o pescoço, observando enquanto eles desaparecem. Se não estivéssemos presos nesta conferência de imprensa, estaríamos a correr atrás deles. Ou pelo menos ele estaria. Não sei se eu seria bem-vindo em interferir.

A conferência de imprensa arrasta-se, connosco a responder a mais duas perguntas cada. Depois, o nosso representante de relações públicas encerra o evento e Compton levanta-se, agarrando-me pelo braço.

– Vamos – resmunga ele.

Korhonen dá um passo à frente como se estivesse prestes a fazer outra pergunta, mas eu nem hesito. Girando nos calcanhares, deixo-me arrastar por Compton de volta aos túneis.

– Ele acha-se muito engraçado – murmura Compton, passando pela segurança em direção ao nosso balneário. – Eu sei que foi ele que a obrigou.

– Ela não parecia estar a protestar – acrescento sombriamente.

– Oh, ela vai protestar – resmunga ele. – Quando eu lhes arrancar essas malditas camisolas e lhes bater. Anda.

Fico imóvel com os olhos arregalados ao ver a sua retirada. Não compreendo o que se está a passar. Porque é que ele me está a convidar para ir com ele? Porque não me está a afastar?

Quando ele percebe que não o estou a seguir, vira-se.

– Estás surdo, Mars? Eu disse para irmos.

– Irmos onde?

– Para casa. Juro que... tens de conduzir, meu. Eu estou muito agitado. Ainda tenho um acidente.

Casa. Ele quer que eu o conduza para casa.

Tiramos as nossas malas do balneário e saímos do estacionamento exclusivo da equipa. O Compton segue ao meu lado, atirando o seu equipamento para as traseiras da minha carrinha. Eu faço o mesmo, abrindo as portas. Entramos ambos, ponho o motor a trabalhar e arranco em direção à saída.

– Isto foi tudo ideia dele! – Ele cruza os braços e o seu joelho abana de ansiedade. – Juro-te, quando chegarmos a casa, vamos atá-lo e vendá-lo enquanto atacamos a Rachel em equipa até ela implorar por misericórdia.

Foco-me na estrada com as mãos a segurar o volante com força.

– Vendá-lo?

– Sim. O Cay gosta de assistir – murmura ele. Então vamos ver se ele

gosta de estar no quarto sem ver nada. E acrescentamos também uma mordalha. Não quero ouvir a sua conversa porca esta noite. Quero-o de joelhos!

Conduzo pela autoestrada e Compton tira o seu telemóvel que está a vibrar.

– Oh, merda! – sibila ele.

– O que foi?

– É o Cay. Está a tentar fazer uma videochamada. Foda-se!

Ambos sabemos que existe apenas uma razão para o Caleb querer uma videochamada.

– Atende – rosno.

As luzes brilhantes do centro da cidade desaparecem atrás de nós enquanto seguimos pela estrada em direção à praia. Compton pressiona o botão verde no seu telefone e a chamada é atendida.

– Cay, o que se passa?

– Olá! – ouve-se a voz falsa de Caleb. – Vocês estão quase em casa? Estamos aqui à espera há muito tempo.

Disparate. Eles só tinham uma vantagem de vinte minutos sobre nós, na melhor das hipóteses.

– Cay, não faças isso – rosna Compton.

– Não faço o quê? Começar sem vocês? Tarde demais, bonito.

– Onde é que ele está? – pergunto, tentando manter os olhos na estrada.

– O que está a acontecer?

– Acho que ele está nas escadas.

– Sim! Só precisava de ir buscar algumas coisas lá em baixo – diz a voz de Caleb. – Gelo, velas, molho de chocolate. Não consigo decidir por onde quero começar. Estou a pensar em gelo. Aposto que nossa miúda adora brincar um pouco com a temperatura. Vou esfregar um cubo no seu clitóris e depois chupá-lo, aquecê-la novamente, fazê-la gemer o meu nome...

– Porra! – grita Compton, batendo na porta com o punho. – Quando chegarmos a casa, vamos amarrar o teu rabo à porra do chuveiro, com a água fria ligada!

Caleb ri-se, porque aparentemente ele tem o desejo de morrer.

– Oh, não, porra, não! – grita Compton. – Cay! Esse é a porra do meu quarto!

– Sim, a Furacão diz que a tua cama é a mais confortável. Estás confortável, querida?

Ouçó a sua voz abafada e meu coração martela no peito. Preciso dela como preciso de ar. Tenho de chegar até ela. Piso o acelerador, a carrinha ruge enquanto subimos e atravessamos a longa ponte que cruza o canal intercostal.

– Se lhe tocares na minha cama eu dou-te um pontapé no rabo! – grita Compton. Ele está a perder o controlo. – Oh... merda!... – A sua voz fica subitamente sem fôlego e ele afunda-se novamente no assento.

– O quê? Compton, o que está a acontecer?

Lentamente, ele vira o telefone mostrando-me o ecrã. O meu olhar recai para a direita quando olho para ele e depois de volta para a estrada. O meu coração afunda-se no peito e tenho de olhar novamente. A Rachel está deitada, nua no meio da cama, vendada, de braços e pernas amarrados nos quatro cantos.

– *Voi helveti* – murmuro, respirando com dificuldade pelo nariz enquanto ultrapasso o trânsito.

– Escuta-me, idiota – rosna Compton ao telefone. – Estamos quase em casa e, quando chegarmos, é melhor esconderes-te. Ou isso ou ficas a esperar de joelhos para te engasgares com a minha pila, porque estou farto de ser provocado esta noite. Está feito. – Ele não deixa Caleb responder antes de desligar.

– Estás bem? – digo depois de um momento.

– Conduz.

Eu concentro-me na estrada. Estamos os dois a ferver de raiva. Ao virar para a A1A, olho para ele.

– Tu amas os dois.

Ele olha para mim como se, de repente, eu tivesse duas cabeças.

– Claro que sim. Que tipo de pergunta é essa?

Eu reformulo.

– Ama-lo a ele como a amas a ela.

Ele olha para a frente com as sobrancelhas escuras baixas.

– Sim.

– Queres os dois.

– Sim.

– Queres que eles te queiram.

– Sim – respira ele, a sua voz profunda da emoção mal contida.

– E eu?

Ele olha novamente na minha direção.

– E tu, Mars?

– O que queres de mim? Onde é que eu me encaixo nesse triângulo amoroso?

Ele zomba, balançando a cabeça.

– A sério? É por isso que tens sido tão idiota esta semana? Estás aí a pensar que isto é um triângulo amoroso e que tu, simplesmente, o quê? Vens visitar-nos às vezes? Ocasionalmente formamos um quadrado?

– Compton...

– Tu é que tens dado as ordens aqui, Mars. Nós não – grita ele. – Eu é que estou a ser um maldito jogador de equipa. Eu queria que tu te mudasses. Eu disse isso no primeiro dia. Se estás nisto, tens de estar totalmente envolvido. Não há outra maneira de isto funcionar.

– Queres que eu me envolva?

Ele resmunga de braços cruzados.

– A Rachel quer que te envolvas, Mars. E eu farei qualquer coisa por aquela rapariga. Ela é minha. Ela é nossa. Eu convidei-te para te mudares. E o Caleb tinha a tua camisola vestida esta noite, caso não tenhas percebido. Estamos todos a tentar construir uma pirâmide, e tu ainda estás preso ao lápis e ao papel a perguntar onde te encaixas no triângulo!

Eu olho atentamente para ele.

– Tu nunca me convidaste para morar...

– Sim, convidei! – exclama ele. – No primeiro dia eu disse, e cito: «Mars, vais mudar-te para cá?» E tu disseste que não.

Pestanejo para ele, diminuindo a velocidade da carrinha até parar num sinal vermelho.

– Isso não é um convite para morar.

– Bem, desculpa por não ter comprado flores e uma caixa de chocolates, Mars – diz ele, revirando os olhos. – Achei que no dia da praia tudo estava resolvido com o teu grande e sofisticado discurso sobre construir fundações em areias movediças – acrescenta. – É por isso que precisamos da pirâmide. Um triângulo na areia cai de imediato. Uma pirâmide não. Pergunta ao Egito. Pressionaste-nos a fazer uma pirâmide e agora estás a fazer-te de parvo e estou farto disso.

Estou abalado, com o coração a bater descompassadamente. Ele quer-me dentro. O Compton quer-me totalmente dentro. Olho para ele novamente.

– Eu não te quero foder, Compton. Se é isso que tu queres dizer com «envolvido» então...

Ele olha para mim, o seu rosto totalmente ilegível.

– Estás a gozar comigo agora. Isso é uma piada.

– Não – respondo. – Eu não quero chatear-te nem...

– Eu não te quero foder, Mars! – grita ele. – Meu Deus, estás a gozar comigo a cem por cento. Isso é uma brincadeira. Vocês estão todos envolvidos nisto e eu estou a ser enganado. – Ele geme, passando as duas mãos pelos cabelos enquanto abaixa os cotovelos até os joelhos, segurando a cabeça entre as mãos.

– Não é uma brincadeira – murmuro.

Ele levanta a cabeça, a olhar para mim.

– Mars, não tenho qualquer interesse em foder-te ou ser fodido por ti. Estás a brincar? A ideia da tua pila monstruosa chegar perto de mim é literalmente aterradora. Sinceramente, não sei como é que a Rachel consegue. Não tenho a coragem de me ajoelhar para ti, não tenho nenhum desejo de tentar pôr-me em cima de ti. – Ele gesticula entre nós com um aceno de mão frenético. – Então, estamos bem? Já acabámos? Precisas que esta conversa estranha continue?

Eu sorrio, com o olhar fixo no para-brisas enquanto paramos no fundo da rua dele.

– Não. Estamos bem.

Ele já está a despertar o cinto de segurança.

– Ainda bem, porque preciso de ti comigo nisto. O Caleb paga, combinado? Aquele sacana vai ficar com uma mordança, e depois vê-nos a comer a nossa miúda vezes sem conta. Não paramos até ela estar a pingar de todos os buracos.

Paro em frente à garagem e ele já tem a porta aberta antes mesmo de eu estacionar a carrinha.

Agarrando os nossos sacos de equipamento da parte de trás, ele atira o meu, colocando o seu sobre o ombro.

– Vamos lá acabar com isto.

RACHEL

Gemo, com as costas arqueadas para fora da cama, enquanto me agarro com mais força às amarras dos meus pulsos.

– Sim... Cay, querido, estou a vir-me...

Caleb afasta a boca do meu sexo, deixando que a espiral do meu orgasmo se desvaneça e desapareça, deixando-me ofegante na cama. Ele tem estado a tocar-me durante os últimos dez minutos, desde que desligou a chamada com o Jake.

– Por favor – digo num suspiro, incapaz de o ver através da minha venda. Adoro a privação sensorial, pois todos os outros sentidos são intensificados. O gosto dele na minha língua, quente e convidativo. A sensação das suas mãos no meu corpo enquanto me explora, a suavidade dos lençóis do Jake. O homem é um fanático quando se trata de roupa de cama. Juro, é como dormir numa nuvem. Neste momento, amarrada ao colchão, sinto-me como um anjo devasso. E adoro isso.

A campainha da entrada toca e ambos ficamos imóveis. Momentos depois, a porta da frente fecha-se.

– Ui, ui... – provoco. – Alguém está em apuros agora... ah...

A língua dele na minha racha cala-me. Estou a ofegar enquanto ele me penetra, as suas mãos ásperas forçam as minhas pernas a afastarem-se um pouco mais, os meus tornozelos a esticarem-se contra as suas amarras. Afundo-me na sensação da sua boca em mim, devorando-me.

– CALEB!

A voz de Jake ecoa pela casa enquanto, ao fundo do corredor, *Poseidon* está a latir, arranhando a porta do quarto de Caleb. Ele é demasiado inocente para perceber o que se está a passar aqui.

– É bom que te escondas ou que te ajoelhes – grita Jake, com a sua voz a

vir agora das escadas.

Com a boca na minha vagina, Caleb ri-se. Meu Deus, este homem é destemido. Ele quer ser apanhado, quer ser castigado. Entretanto, o meu coração acelera, a pulsação lateja-me na garganta. E percebo o momento em que o Jake nos vê estendidos na cama.

– Cay! – grita ele.

Caleb tira a sua boca de mim, apimentando a minha coxa com beijos rápidos.

– Foi bom conhecer-te, Furacão – ri-se ele.

Eu não consigo ver nada quando Jake e Ilmari entram no quarto, mas sinto a energia feroz deles quando o peso do corpo de Caleb abandona a cama.

– Finalmente – diz Caleb. – Desculpa por não ter... uau... foda-se...

Eu grito quando ouço os sons inconfundíveis de uma luta.

– Rapazes, parem – grito, sabendo que não há nada que possa fazer.

– Estás morto, cabrão – rosna o Jake, a sua voz abafada enquanto eles lutam um com o outro no chão.

– Au... merda... dás murros como um profissional de golfe – provoca Caleb.

– Agarra-lhe o braço...

– Au...

– Paska...

– Não... na cara não – grunhe Caleb.

Oh, meu Deus, eles vão matá-lo! Ele finalmente deixou aquela boca esperta levar uma piada longe demais. Há uma luta contínua e parece que o estão a deitar ao chão.

– Segura-o – murmura Jake enquanto Caleb se ri.

Ilmari murmura sombriamente em finlandês.

– Achas que teve piada, idiota? – grita Jake, com a voz em movimento dirigindo-se ao armário. – O teu pequeno jogo de troca de camisolas vai custar-te muito caro. Terás sorte se não dormires nas dunas esta noite.

Fico quieta, à espera de que o Caleb diga que a ideia de trocar as camisolas foi minha. Mas sei que ele não vai dizer nada. Está a divertir-se demasiado. E ele concordou rapidamente em trocar.

– Ninguém usa o meu número a não ser a Rachel – rosna Ilmari. – A única maneira de o voltares a usar é se o tatuarmos na tua testa. Combinado?

Caleb geme e eu só consigo imaginar que ele está a ser pressionado contra o chão, com o peso de Ilmari em cima dele.

– Au... concordo.

– Levanta-o – diz Jake do seu armário. – Vamos amarrá-lo.

– Ui, estás a ficar perverso, meu anjo? – provoca Caleb.

– Cala-o. – Ouve-se mais barulho.

– Pessoal, eu não – peço, pronta para me entregar e oferecer-me à misericórdia deles.

– Oh, vá lá, pá. A meia não – grunhe Caleb. – Não a... *nuuuungh*...

Eu arqueio-me, tentando desesperadamente ver alguma coisa através da venda. Alguém amordaçou o Caleb, e agora ele está a grunhir enquanto o levantam.

A cómoda faz barulho. Oh, meu Deus, estão a amarrá-lo à cómoda?

– Venda-lhe os olhos – rosna Ilmari.

Quando Caleb protesta sem conseguir articular palavras, eu ouço o Ilmari a rir. O som provoca-me um arrepio. Estes homens não jogam mais jogos esta noite.

– Queres saber o que acontece a seguir, Cay? – provoca Jake. – Basta ouvir com atenção e usar essa imaginação colorida.

Caleb grunhe e eu sei que eles devem estar também a vender-lhe os olhos com alguma coisa. É um tipo raro de tortura para um homem que gosta de observar, que gosta de provocar com as suas palavras. Agora ele tem de permanecer ali com o seu único sentido intacto: a sua audição, enquanto testemunha audivelmente o circo que estão prestes a fazer do meu corpo.

Como se eu precisasse de um lembrete, o Jake chama-me.

– Não penses que não te vimos a passear com as nossas camisolas esta noite, a fazer-nos passar com os teus sorrisos sedutores. Tu és a seguir, Seattle!

– A seguir somos nós a foder-te – corrige Ilmari.

Todo o meu corpo se anima de antecipação. Estamos todos aqui. Estamos todos dentro. Nós os quatro. Eu aspiro ar através dos meus pulmões pesados quando os ouço a deixar cair as roupas no chão. Seja qual for o castigo, eu quero-o.

– Eu trato dela primeiro – diz o Jake. – Endireita-a antes de a atacares com essa anaconda. Precisamos que ela dure esta noite. A noite toda, porra.

– Espera... vocês têm cobras na Finlândia?

– Nada de falar – rosna Ilmari, e eu não posso deixar de sorrir.

– Vais-me comer, meu anjo? – chamo. – Vais dar-me uma lição por ser uma fedelha?

O peso afunda a extremidade da cama quando sinto algo a roçar a pele das minhas canelas.

– Jake...

– Sentes isto, querida? – pergunta ele com aquela voz profunda e aveludada que faz coisas indescritíveis às minhas entranhas. – O que é que eu tenho nas minhas mãos?

Eu suspiro, sabendo muito bem o que foi deixado no chão na minha pressa de me despir mais cedo com Cay. A minha boca sorri quando ele desliza o tecido pelas minhas coxas.

– A tua camisola – sussurro.

– Isso mesmo, porra – rosna ele, deixando cair o seu corpo sobre mim enquanto enfia dois dedos bem fundo na minha vagina.

Eu grito, tentando arquear as ancas contra os seus dedos, mas os meus tornozelos estão presos, a camisola está presa entre nós. As tiras de couro

puxam a minha pele, irritando-a. É o melhor tipo de dor possível.

– Jake...

Mas ele silencia-me com a boca, roubando-me todo o ar enquanto me beija como se fosse a primeira e a última vez que serei beijada. Eu gemo para ele, com o corpo em chamas da cabeça aos pés, enquanto ele continua a trabalhar os seus dedos dentro de mim, o nosso beijo confuso por tentarmos devorar-nos um ao outro.

Ele afasta-se, ofegante, o seu hálito quente na minha cara.

– Se uma rapariga usa o meu número, essa rapariga é minha. Tu és minha, Rachel?

– Jake...

– E não me refiro apenas ao facto de poder foder-te, abraçar-te e pôr-te em órbita como um satélite – acrescenta. – Quero dizer que és toda minha, porra. És a minha Rapariga de Seattle. – Ele agarra com força o meu queixo, mantendo-me imóvel enquanto eu ofego. – Se usas a minha camisola, é bom que estejas pronta para usar o meu anel e o meu nome, porque é para aí que isto vai. Não me provoques outra vez, a não ser que estejas pronta para isso também.

Eu suspiro, mas ele silencia o som com outro beijo, os seus dedos continuam a trabalhar-me, o seu polegar pressiona o meu clítoris até eu gemer, desesperada para me vir. O Jake ama-me. Ele quer casar comigo. Ele já me provocou sobre o ministro Elvis, mas isso é diferente. Ele está completamente envolvido.

Ele sai de cima de mim com um gemido, sentando-se sobre os joelhos entre as minhas pernas abertas.

– Mars, há alguma coisa a acrescentar sobre o assunto da camisola antes de irmos ao que interessa?

– Sim, vou deitar essa fora – diz ele baixinho.

Eu fico imóvel, a minha cabeça vira-se lentamente na direção da sua voz.

– Porquê? – sussurro.

– Porque a minha mulher não usa um disfarce comprado numa loja com o meu número – responde ele. – Ela usa a minha camisola. É isso que tu usas, Rakas.

– Concorde, porra – diz Jake. – Então está decidido. Vamos queimar isto na fogueira e fazer *smores* – acrescenta, atirando a camisola para o chão. – Agora, voltemos ao que interessa. Vamos pegar neste corpo e torná-lo nosso, querida – rosna ele, com uma mão a tocar-me novamente na vagina enquanto a outra apalpa o meu peito. – Tu és toda nossa, Rachel. O Cay não te pode tocar. Ele não pode olhar. Só quando nós dissermos.

Usando a humidade entre as minhas pernas, ele esfrega-a no meu mamilo pontiagudo.

– Mars, prova – ordena ele.

Com o coração na garganta, espero por aquela sensação perfeita da proximidade de Ilmari, de ele se juntar a mim por completo. A cama afunda-

se no meu lado esquerdo e os meus sentidos enchem-se com o cheiro da sua água-de-colônia.

Ele passa o nariz pelo meu queixo, a barba a fazer-me cócegas.

– Diz-me para parar, Rakas.

– Não pares – sussurro. – Nunca pares. Ama-me.

A boca dele fecha-se à volta do meu mamilo, e eu suspiro para ele, os meus braços ficam arrepiados quando Jake se ajoelha e enterra a cara na minha vagina. Eles trabalham-me juntos, a mão maciça de Ilmari apalpando o meu outro peito enquanto me provoca. A sensação de dois homens a deitarem os seus corações e almas na minha pele, provocando-me, acarinhando-me. É quase mais do que consigo suportar.

As lágrimas ardem-me nos olhos por detrás da venda enquanto me contorço, desesperada por lhes tocar, por retribuir com as minhas mãos, com a minha boca. Quero-os em todo o lado.

– Liberta-lhe as pernas – ordena Jake, tirando a boca do meu clitóris antes que eu me possa vir.

Mars desloca o seu peso, deixando-se cair na cama para fazer o que lhe mandam. Não sei o que aconteceu entre eles para que o Jake esteja a assumir este papel dominante, mas não me importo nem um pouco. Adoro um Jake mandão. A minha vagina claramente também, porque estou a tremer com a necessidade de que ele assuma o controlo.

As mãos de Ilmari são ternas enquanto ele solta as amarras dos meus tornozelos, uma de cada vez, beijando o interior de cada tornozelo com reverência enquanto me solta.

Entretanto, Jake continua a provocar-me com os seus dedos e a sua boca, levando-me até ao limite.

– Ela já se veio? – pergunta ele a Caleb.

– *Nghe* – Caleb diz através da sua mordança improvisada.

– Estás bem? – chamo, com a minha voz chorosa e sem fôlego.

Ele grunhe outra vez, batendo com os punhos contra as gavetas da cómoda. Acho que se ele quisesse mesmo, podia soltar as gavetas da estrutura. Não posso deixar de sorrir, imaginando-o nu, amarrado numa trama feita por ele próprio. Não tenciono deixá-lo ali toda a noite, mas esta é uma lição importante para ele de que as ações têm consequências. A troca de camisolas pode ter sido ideia minha, mas ele está sempre a agitar a porcaria e a dançar como o meu diabinho maroto. Além disso, os rapazes têm de saber que se podem controlar uns aos outros e que eu não vou interferir.

Assim que as minhas pernas estão livres, Jake inclina as minhas ancas para trás, o seu peso pairando sobre mim enquanto procura a minha boca novamente. Eu abro-a para ele, retribuindo o beijo enquanto suspiro com a sensação de estar tão em sintonia. Este homem é parte de mim. Eu estava desfeita em Seattle, e os seus fios voltaram a unir-me.

Agora somos parte da mesma tapeçaria, fazendo um novo e belo quadro.

– Por favor, meu anjo – imploro. – Eu preciso de ti.

– Precisas de mim? – diz ele contra os meus lábios.

– Muito.

– És minha, Rachel?

– Tua – digo eu, agarrando-me às amarras dos pulsos. Com os pés apoiados na cama, inclino as ancas, fazendo com que a pila dele se encoste ao meu centro molhado. – Por favor, Jake. Vem procurar-me. Eu preciso de ti. Encontra-me. Encontra... ah...

Ele vem ao meu encontro e a sua pila desliza profundamente. As minhas ancas agarram-no enquanto nos balançamos juntos, a cavalgar o nosso prazer. Envolver as minhas pernas à volta dele. Ele ajuda, deslocando o seu peso enquanto desce para cima de mim. Depois suspiramos os dois, respirando pela boca, enquanto mexemos as ancas.

– Nada de esperar, querida – diz ele contra os meus lábios. – Vem-te comigo. Vem-te agora. Outra vez... e outra vez – respira ele. – Toda a noite. Vem-te por nós. Vem-te connosco, minha menina.

É tão fácil, com a venda nos olhos, afundar-me no meu êxtase, deixando que ele me envolva enquanto desliza uma mão entre nós e a o meu clítoris. O calor espalha-se por todo o meu corpo, formigando no meu peito, até à ponta dos dedos. A minha respiração fica suspensa, e depois estou a voar e a cair, em espiral pelo ar. A minha vagina aperta-se com força à medida que o orgasmo se inflama, espalhando-se por todo o meu âmago, balançando-me profundamente.

– Sim – geme Jake, com o rosto enterrado no meu pescoço, enquanto bate fundo com as ancas e me segura, deixando o meu núcleo pulsar à sua volta enquanto ele também se vem. O momento da nossa euforia partilhada cai em cascata à nossa volta como a chuva que pintou o céu pela primeira vez na nossa noite em Seattle.

– Amo-te – sussurro, sem fôlego e esgotada. – Jake, eu amo-te.

– Amo-te – repete ele, beijando-me o pescoço, o ombro, a sua mão a segurar-me carinhosamente o rosto para o virar e poder beijar-me os lábios. – Amo-te, Rachel. Nunca me deixes ir.

Eu aceno com a cabeça, sabendo no meu íntimo que não posso. Seria preciso rasgar o tecido da minha alma para o fazer, algo que agora parece impensável.

Ele sai de dentro de mim e vira-se para o lado, com o braço ainda sobre mim enquanto recupera o fôlego.

– Mars – diz ele. – Ela é toda tua.

A ponta da cama afunda-se quando o meu guarda-redes se ajoelha entre as minhas pernas abertas. As suas mãos pressionam o colchão mesmo acima das minhas ancas, de cada lado, afundando-nos. Arrepio-me com a sensação da sua barba cerdosa na pele sensível das minhas coxas, enquanto ele me beija as ancas. Primeiro uma, depois a outra. Os seus dedos penetram-me profundamente, e ele geme enquanto empurra o esperma do Jake para dentro de mim.

– Solta-lhe as mãos – diz ele, e eu sinto Jake a rolar para o seu lado e a rastejar para cima da cama.

Enquanto Jake trabalha para me libertar, Ilmari estuda-me com as suas mãos, o seu rosto, a sua língua. Ele alterna entre roçar em mim com a ponta do nariz e traçar uma linha com a língua... ao longo da minha anca, debaixo do meu umbigo, acima do meu clitoris.

Eu gemo, baixando a minha mão esquerda para a cabeça de Ilmari, enquanto Jake liberta o meu pulso da amarra. Sinto os meus dedos com formigueiro quando acaricio o seu rosto barbudo.

Ilmari arqueia-se contra o meu toque, perseguindo-o. O meu polegar roça o lado rapado do seu couro cabeludo, acima da orelha. Quando a minha mão direita se liberta, deixo-a cair também, ambas as mãos acariciando o seu cabelo.

– *Kulta* – digo num suspiro, com as mãos a tocar-lhe nas bochechas barbudas. – *Kultaseni*. Por favor. *Mä haluun sut. Oon sun.* – É o único finlandês que eu sei, mas é eficaz quando o seu corpo me cobre e os seus lábios conquistam os meus.

Envolvo-me completamente à volta dele, sentindo-me tão pequena nos seus braços. Pequena, mas forte. Ele é o maior dos meus rapazes, mas não me trata como uma flor delicada. Ele agarra-se a mim, afundando o seu corpo contra o meu até ficar de cotovelos, deixando-me suportar o seu peso. Adoro a pressão dele em cima de mim.

– *Mä kuulun sulle* – murmura ele, os seus lábios contra os meus. – Diz, Rakas.

– *Mä kuulun sulle* – repito. – O que é que significa?

O polegar dele engancha-se sob a extremidade da minha venda e ele puxa-a suavemente.

Abro os olhos, pestanejando para ele, com o seu rosto bonito a invadir-me a visão. Sorrio ao ver o olhar de amor e desejo nos seus olhos. O meu mais calmo. Aquele que mais precisa de ser visto.

– O que é que isso significa? – digo novamente.

Ele olha para mim com aqueles olhos azuis profundos.

– Eu pertenço-te. – Enquanto diz as palavras, coloca o seu pénis entre as minhas pernas e pressiona.

Eu arqueio-me contra ele, alargando as ancas para o receber.

– Diz outra vez.

– *Mä kuulun sulle* – repete ele. – *Mä rakastan sua.* – Ele mexe as ancas, afundando-se mais do que antes. O meu corpo trabalha para se adaptar ao seu tamanho. Ele desliza uma mão sobre a minha anca, abrindo a minha coxa para que se possa afundar até ao fim e ambos gememos.

Eu estou perdida nesta nova sensação de plenitude enquanto as suas palavras continuam. Ele abre-me o coração em finlandês, falando-me baixinho enquanto nos beijamos e nos movemos juntos. Uma lágrima escorrega pela minha têmpora enquanto inclino a cabeça para trás, a minha pele pressionada

contra a dele, a sua pila a mover-se tão profundamente dentro de mim.

Então, de repente, ele rosna, os seus braços envolvem-me e ele recua. Eu grito, segurando-me enquanto ele me equilibra no colo em cima dos seus joelhos abertos. Estou completamente empalada nele, com as minhas pernas à volta dele, enquanto ele segura o meu peso nas suas coxas. Quando ele volta a mexer-se, deixo cair a cabeça para trás, de olhos fechados, a chorar.

Ele está tão fundo. A gravidade puxa-me para baixo, de modo que praticamente o sinto no meu peito. Balançamos juntos, os seus braços fortes à minha volta e as nossas ancas movem-se em sincronia. O seu poder está assim à vista de todos, segurando-me como se eu não pesasse nada. Eu arqueio-me para trás, os meus seios balançam enquanto o monto. É uma sensação incrível.

– Oh, meu Deus! – grito, o meu orgasmo está a crescer profundamente. Normalmente, preciso de algum tipo de estimulação do clitóris para me levar até lá. Este ângulo torna isso impossível, mas sinto-o na mesma. Está a aproximar-se, mesmo ao alcance da mão.

– *Kulta* – gemo, as minhas mãos deslizando sobre os seus ombros tatuados para segurar as suas faces. – Ensina-me a dizê-lo. – Eu sei que ele sabe o que quero dizer. Acho que ele tem estado a dizê-lo. Mantenho o olhar dele enquanto nos movemos juntos. – Ilmari, por favor...

Aqueles olhos azuis profundos olham para a minha alma enquanto ele se imobiliza dentro de mim, a sua pila enterrada tão fundo.

– *Mä rakastan sua* – murmura ele, as mãos agarradas às minhas ancas, os polegares roçando a minha pele sensível. – *Mä rakastan sua* – diz ele outra vez, mais devagar.

– *Mä rakastan sua* – repito.

– *En voi elää ilman sua* – diz ele, empurrando-me com as ancas. – *Oon sun.*

– *Vain sun* – ecoo, arqueando-me para trás.

Luto contra um grito enquanto o meu corpo se entrega à sensação de ser dividida ao meio por este homem que me ama. Depois, ele também grita, as suas ancas batem contra mim enquanto se vem. A sensação da sua libertação quente desencadeia a minha e, de repente, sou apanhada no meio de outro orgasmo, com o meu núcleo a apertá-lo com tudo o que tenho.

Quando as ondas da minha libertação se desvanecem, estamos ambos a tremer, com os corpos a suar. Ele dobra-se suavemente para a frente com um excelente controlo do núcleo, colocando-me suavemente em cima da cama. Depois retira-se. Sinto a mistura quente das suas libertações entre as minhas pernas. Estou tão cheia dos dois, mas quero mais. Quero o Caleb.

Deixo o meu olhar ir até ele, finalmente. Amarraram-no à cómoda de Jake pelos pulsos, com o que parecem ser gravatas. Uma outra gravata prende-lhe a meia na boca, enquanto alguém lhe cobriu a cabeça com a camisola de Ilmari. Tem um ar ridículo.

– Deixa-o ir – ordeno ao Jake. – Por favor, meu anjo. Deixa-o vir até nós.

Jake sai da cama para libertar Caleb, enquanto eu volto a minha atenção para Ilmari. Ele afasta-me suavemente as pernas para o lado, deitando-se ao meu lado. A sua estrutura maciça faz-me sentir tão protegida e amada. Vira-me de frente para ele, com os seus dedos grandes a tocar-me de leve a pele. A ponta do seu dedo roça o meu *piercing* e ele sorri.

– *Mä rakastan sua* – diz ele novamente, com a voz baixa. – Entendes-me?

Eu aceno com a cabeça, a minha mão roçando o seu antebraço.

– Sabes que também te amo, não sabes? Eu sou deles. Eles reclamaram-me e não me vão deixar ir. Mas tu és meu. Eu reclamo-te, Ilmari. Não há como deixar de te amar – sussurro com um abanar de cabeça.

Ele agarra a minha mão enquanto eu acaricio o seu peito, levando-a aos seus lábios e acena com a cabeça.

Jake conduz um Caleb sombrio e taciturno até à cama pelo ombro.

– A nossa rapariga não está linda, Cay? Ela está cheia do nosso esperma. Está a pingar de dentro dela. Um sinal de que ela foi conquistada. Amada. Ela é minha. Queres ser meu também, arruaceiro?

O olhar escuro de Caleb percorre o meu corpo, absorvendo-me desde a minha testa suada até à confusão pegajosa entre as minhas pernas. Lentamente, ele acena com a cabeça.

Jake passa-lhe um braço à volta do peito nu, puxando-o contra si, enquanto lhe sussurra ao ouvido, alto o suficiente para todos ouvirmos:

– Então põe-te de joelhos e lambe-a toda... enquanto eu fodo este cuzinho apertado.

RACHEL

O fego, com o coração na boca, enquanto vejo o Caleb ficar imóvel nos braços do Jake. Não faço ideia de quais são os limites da sua sexualidade. Ele gosta de dominar, gosta de controlar. Será que ele tem coragem de ceder esse controlo?

Lentamente, Caleb vira-se nos braços de Jake para o olhar nos olhos.

– É isso que queres, Jake?

É um desvio magistral, forçando Jake a dar mais um passo para fora do armário. Vejo o peito de Jake subir e descer enquanto ele acena com a cabeça.

Um pequeno sorriso espalha-se pelo rosto de Caleb.

– Eu nunca fiz isso. Queres mesmo ser o meu primeiro?

E Jake agarra-lhe a cara com as duas mãos. Estão tão próximos que praticamente partilham a respiração. Mil palavras não ditas estendem-se entre eles. Não consigo respirar, não consigo pestanejar, à espera de ver se o Jake vai fazer aquilo que tão claramente deseja fazer. O seu olhar desce dos olhos de Caleb para a sua boca, e eu engulo um gemido. Eu quero que eles se beijem. Quero que eles parem de negar o que ambos desejam, o que precisam.

Jake inclina-se um pouco mais, o seu polegar a roçar os lábios perfeitos e carnudos de Caleb.

– Tenciono ser o teu primeiro e o teu maldito último. – Os seus narizes roçam e os olhos de Jake fecham-se com força enquanto ele grita: – Agora, põe-te de joelhos. – Depois empurra Caleb para longe.

O Caleb, derretido com o aperto de Jake, move-se para a cama. Ilmari levanta-se, mantendo as suas mãos em mim. Ele ajuda-me a mover-me com ele, criando mais espaço para os dois na ponta da cama.

Caleb cai de joelhos, dobrando-se sobre mim com um gemido faminto enquanto beija os meus seios, descendo pela minha barriga até às minhas

ancas.

– Como é que te sentes, Furacão?

Sorriso, levantando a minha mão para lhe tocar na face.

– Pronto – sussurro.

Jake move-se para ficar no final da cama, de lubrificante na mão.

– Traz o teu rabo para aqui – rosna ele, alcançando as ancas de Caleb.

Segurando o meu olhar, Caleb desce na cama, estremecendo um pouco ao pressionar o joelho magoado.

Atrás dele, Jake põe lubrificante no seu membro duro.

– Nada acontece enquanto não tratares da nossa menina – declara, com a mão livre pousada na anca de Caleb.

Com um gemido, Caleb cai para os cotovelos entre as minhas pernas abertas, roçando beijos na parte interna da minha coxa enquanto abre caminho para a confusão entre as minhas pernas. Se ele não quisesse fazer isso, diria alguma coisa. Caleb Sanford não faz nada que não queira fazer.

Eu respiro fundo quando ele faz a sua primeira passagem sobre o meu clitóris. Ele sussurra, os seus lábios a provocar-me enquanto passa a língua. Todo o seu corpo para e ele respira fundo contra a minha vagina. Olho por cima dele para ver a razão. O Jake acabou de introduzir um dedo no seu rabo.

– Já fizeste anal o suficiente para saber como isto funciona – provoca Jake, batendo no seu rabo. – Tens de relaxar, Cay. Respira fundo. Vá lá, sê um bom menino. Se queres que eu seja o dono deste cu, tens de me mostrar o quanto o queres.

Caleb geme, sua boca saboreando a minha vagina enquanto Jake começa a provocá-lo para se abrir, trabalhando os seus dedos dentro e fora. Inclinando a cabeça para trás, procuro Ilmari. Ele está a ver tudo a desenrolar-se, com um olhar faminto no rosto. Eu sabia que ele ia gostar de partilhar quando experimentasse. Estendo-lhe a mão com a minha mão livre, a outra está pousada no cabelo vermelho-escuro de Caleb.

Ilmari inclina-se sobre mim, cobrindo a minha boca com a sua, beijando-me profundamente. A sua mão percorre o meu pescoço, descendo a linha do meu esterno até ao meu peito.

– Foda-se, preciso de mais – geme Caleb, levantando o rosto de entre as minhas pernas. – Mars, de quanto tempo precisas?

Ilmari estreita os seus olhos azuis.

– Tempo para quê?

– Para a foder – esclarece Jake. – Ele quer que a fudas outra vez. Quanto tempo falta para o fazeres? – resfolego.

– O quê? – diz Caleb. – Que cara é essa?

Olho de relance para Ilmari.

– Queres contar-lhes ou conto eu?

– Contar-nos o quê? – pergunta Jake, com o olhar a passar entre nós.

– O Mars basicamente não tem período refratário – respondo.

– Ele... o quê? – grita Jake.

– Claro – murmura Caleb, abanando a cabeça.

O Jake é menos diplomático.

– Estás a brincar comigo, Mars? Tens a altura, o aspeto e o sotaque... e consegues foder a noite toda?

– Sim – responde Mars, totalmente indiferente.

– Foda-se, até me gabei a ti da noite das seis vezes – grita o Jake. – Tu não disseste nada!

– Vamos mesmo queixar-nos disto? – digo rapidamente. – O Caleb perguntou quando ele estava pronto e ele está pronto agora.

– Não é justo, porra – murmura o Jake.

– Tu fazes muito bem, meu anjo – provoco.

– Certo, eis o que vai acontecer – diz Caleb, de joelhos enquanto gesticula entre nós. – Mars vai deitar-se. Furacão, tu vais montá-lo. Eu vou comer o teu cu enquanto o Jake come o meu. Combinado?

Olho rapidamente de Caleb para Jake e vejo como a expressão de Jake muda de confusão para interesse e excitação.

– Essa é a coisa mais excêntrica que já ouvi – diz ele com um sorriso. – Mars, por favor, diz que estás dentro. Vou morrer se não disseres. Temos de experimentar.

Mars olha de relance entre eles.

– Estou a foder a Rachel, sim? Ninguém me está a comer?

Caleb ri-se outra vez, enquanto Jake diz:

– Quer dizer, podíamos pôr-te manteiga de amendoim nos dedos dos pés e trazer o *Poseidon* para aqui, se estiveres a sentir que precisas de ficar um pouco assustado...

– Não – rosna Mars, enquanto eu e Caleb nos rimos.

– Bem, então preparem-se – ordena Jake.

Rastejo até aos meus joelhos, dobrando-me contra Caleb. As minhas mãos envolvem o seu pescoço e beijo-o, passando pelo maxilar até chegar à orelha.

– Estás bem? – murmuro. Quando ele acena com a cabeça, deixo cair o meu rosto no seu peito, respirando-o.

– Vem cá, Rakas – diz Ilmari.

Olho por cima do meu ombro e vejo-o reclinado contra a cabeceira da cama, apertando o punho com a sua pila dura.

– Antes tu do que eu – provoca Caleb, dando-me uma palmada no rabo.

Sibilo, virando-me nos seus braços enquanto rastejo para junto de Ilmari. Ele desce na cama, pegando-me com as duas mãos. Agarra-me pelas ancas, ajudando-me a subir para o seu colo. A sua grande pila está aninhada à minha frente. Com a mão livre, acaricio-a da raiz até à ponta. Ao vê-lo deitado para mim, sinto-me como uma rainha.

Ele faz-me sentir como tal. Ele olha para mim como se eu tivesse pendurado a lua e todas as estrelas, com as duas mãos a deslizarem das minhas ancas para os meus seios. Inspirando, arqueio-me sobre os joelhos,

metendo a pila dele entre as minhas coxas para o encaixar na minha entrada. Mantenho-o aí, provocando a sua ponta. A sensação de espera estende-se entre nós, enquanto ambos conhecemos a sensação que nos vai sacudir até ao âmagio.

– Fá-lo – rosna ele. – Senta-te, Rakas.

Eu estremeço, a minha respiração fica trémula enquanto me afundo no seu comprimento, a sua grossura a encher-me de prazer. Nunca me vou cansar desta sensação. Cada vez é uma pequena reivindicação. Eu estou a reclamá-lo e ele está a reclamar-me. Ele é meu e eu sou dele. É aqui que nos encaixamos, onde encontramos o nosso lar. Ambos expiramos juntos quando começo a mexer as ancas, fazendo-o entrar em mim. As mãos dele descem para as minhas ancas, o seu corpo relaxa enquanto me vê a mexer em cima dele, com os meus seios a balançar.

– *Oot kaunis*, Rakas – murmura ele, levantando uma mão para traçar um dedo na tatuagem do meu peito.

Inclino-me sobre ele, com as palmas das mãos encostadas ao seu peito enquanto o cavalgo.

– O que é que isso quer dizer?

– És linda – responde ele, com a mão direita a agarrar-me a anca até me tocar no clítoris com o polegar.

Eu gemo, mordendo o lábio inferior enquanto as minhas costas se arqueiam, adorando a sensação de o ter tão duro dentro de mim.

E então Caleb está atrás de mim, com uma mão no meu ombro.

– Inclina-te para a frente, Furação – diz ele. – Tudo para baixo.

A minha excitação aumenta quando me deixo cair para as mãos de cada lado da cabeça de Ilmari. Ficamos a olhar um para o outro enquanto Caleb começa a preparar-me, passando o lubrificante primeiro com um dedo, depois com dois. Ambos ofegamos, partilhando o fôlego, enquanto Caleb agarra na minha anca, controlando os meus movimentos.

– Sentes-te pronta? – pergunta ele, com a mão a deslizar pelas minhas costas.

Eu aceno com a cabeça.

– Palavras, Rachel...

– Sim – respiro. – Toma-me, Cay.

Caleb aproxima-se mais entre as pernas abertas de Ilmari, enfiando o seu pénis no meu rabo. Eu gemo, relaxando para ele, pronta para o deixar entrar. Deixando que mais do meu peso recaia sobre Ilmari, relaxo as ancas e suspiro enquanto Caleb faz pressão.

– *Saatana* – Ilmari pragueja por baixo de mim. – Tão apertado... Rakas, está a doer?

– Não – digo num suspiro.

– Foda-se, esqueci-me da pila dele – grunhe Ilmari.

– Tu gostas, Mars – diz Caleb, empurrando com força e rapidez para que os seus *piercings* provoquem as minhas paredes interiores ao mesmo tempo

que provocam Ilmari. Ele sente o efeito total, os músculos do seu pescoço ficam tensos enquanto fecha os olhos, a sua respiração fica suspensa no peito. – Queres que o Jake me foda dentro de ti, Furacão? – Eu gemo, com os braços já a tremer.

– Ele vai martelar-me, e eu vou martelar-te a ti, o que vai provocar fogos de artifício para o Mars. Estão ambos prontos?

– Façam-no – responde Mars. – Rakas, deita-te em cima de mim.

Ele ajuda-me a tirar o peso das minhas mãos, dobrando-me contra o seu peito. Estou completamente pressionada contra ele, enquanto Caleb se enrola em cima de mim por trás, sentado no meu rabo até ao fim. A pressão é esmagadora enquanto as suas duas pilas me encham completamente. Respiro, esperando que o Jake se junte a nós.

Caleb grunhe, praguejando sob a sua respiração.

– Vamos lá, Jake. Faz isso, porra.

– Tens de relaxar – responde Jake, com a sua voz suave.

– Oh, foda-se! – geme Caleb. – Foda-se...

Eu gemo quando o Jake se pressiona contra ele, o que o move para dentro de mim.

– Quem diria que, por seres tão engraçadinho, terias um cu tão apertado – provoca Jake. – Cay, és o paraíso, meu. – Caleb apenas geme, ainda se adaptando à sensação de uma pila no seu rabo.

– Estás pronto para mais? – pergunta Jake. – Cay, acorda e ajuda-me. Tu mexes-te quando eu me mexer, sim?

– Sim – geme Caleb, uma mão na minha anca e a outra pressionada contra o colchão.

Por baixo de mim, Ilmari pragueja baixinho em finlandês.

– Lembra-te, isto foi ideia tua – brinca Jake.

– Só... ah... foda... – A maldição de Caleb termina num grito estrangulado quando Jake se lança sobre todos nós. Ele entra no Caleb, agarrando-se às suas ancas enquanto se inclina para a frente.

Caleb é uma confusão de palavrões a descobrir o seu ritmo, trabalhando com Jake para empurrar em conjunto, movendo-se dentro de mim. Os *piercings* deslizam para cima e para baixo nas minhas paredes internas, movendo-se firmemente contra a circunferência de Ilmari e levando-o a uma tempestade de palavrões finlandeses sem fôlego. Mars levanta as mãos para trás, apoiando-se na cabeceira da cama, enquanto dois enormes jogadores de hóquei se movem por cima de nós.

Entretanto, a minha alma ascende silenciosamente a um plano superior. Eu parti. Morri. Estou morta de demasiada euforia avassaladora. O meu corpo está ensanduichado entre três homens que amo e que me amam. Todos nós encontrámos o nosso caminho uns para os outros da forma mais surpreendente. Eles estão a trabalhar juntos para nos dar prazer a todos. Uma unidade. Uma equipa.

Mal consigo respirar enquanto deixo os meus homens amarem-me,

abrindo-me enquanto se aprofundam em cada parte de mim: o meu coração, a minha mente, a minha alma. Algo neste momento marca uma nova mudança. Pela segunda vez, estou a experimentar um desvendar do meu ser. A primeira aconteceu quando conheci o Jake em Seattle. Esta é a segunda.

O Grande Desvendar de Rachel Price.

O Jake ameaçou fazê-lo no dia em que nos encontrámos no parque de estacionamento dos Rays.

Ele nem sequer se apercebe que já o conseguiu fazer duas vezes. Já não sou eu própria. Sou o que quer que sejamos. Estou nisto. E não me quero esconder mais. Quero reclamar estes homens perante o mundo.

Incapaz de a conter por mais um momento, grito a minha libertação, o orgasmo a rasgar-me. O calor aumenta no meu núcleo, expandindo-se numa torrente de energia que me faz ver estrelas, todo o meu corpo abanado pela força. Sou o primeiro dominó a cair. Depois os tipos começam todos a cair.

Debaixo de mim, Mars empurra as ancas para cima, a sua semente quente derrama-se dentro de mim, enchendo a minha vagina com mais esperma. Caleb liberta-se no meu rabo, o seu peso cai em cima de nós enquanto geme e treme, dominado por novas sensações enquanto Jake acaba dentro dele.

Ficamos todos deitados num emaranhado de braços e pernas suados, à espera de que as nossas almas voltem para os corpos. Jake é o primeiro a mexer-se finalmente, saindo de cima de Caleb e caindo na cama ao lado de Mars. Ele tem um ar de felicidade, com um braço sobre a cabeça, enquanto respira fundo.

Caleb agarra-se às minhas ancas, tirando-se suavemente de dentro de mim. Depois, deita-se do outro lado do Mars, finalmente calado e saciado. Sem mais nenhum sítio para ir na cama, fico em cima de Ilmari, com a sua pila meio dura ainda aninhada dentro de mim.

– Duche – grunhe Jake. – Muda os lençóis. Gelado na cama.

– Esta cama é demasiado pequena para quatro pessoas – murmura Mars.

– Eu durmo no meu quarto – diz a voz sonolenta de Caleb.

– Não – digo eu, com a minha mão a cair sem força ao meu lado, à procura de Caleb. – Quero que fiquemos todos juntos.

– Primeiro o duche – diz Mars, dando um leve toque no meu rabo nu. – Eu tenho uma ideia.

De alguma forma, nós tropeçamos no chuveiro de Jake, revezando-nos sob os chuveiros duplos. Os rapazes colocam-me no meio, ajudando-me a pôr champô no cabelo e lavam-me suavemente entre as pernas. Encosto-me ao Jake quando a água se desliga. Depois, Ilmari dá-me uma toalha.

Quando estou de roupão, com o cabelo molhado amarrado no cimo da cabeça, Ilmari pega na minha mão e dá-me um beijo.

– Vai buscar o gelado. Nós tratamos disto.

Vou pelo corredor, deixando os meus três rapazes nus no quarto. Ao passar pelo quarto de Caleb, liberto Sy da sua prisão. Ele dança à volta dos

meus pés em sinal de saudação.

– E traz água – grita Jake.

– E o meu telemóvel – acrescenta Cay. – Merda... e o meu carregador de telemóvel!

Eu resmungo, abanando a cabeça. Sy desce as escadas comigo e ajuda-me a juntar todas as coisas. Uso um tabuleiro para transportar tudo, bem como os bolsos do meu roupão de banho. Estou carregada com quatro garrafas de água, dois telemóveis e dois carregadores, quatro taças, quatro colheres e três pacotes de gelado. As taças e as colheres chocam enquanto subo as escadas.

Faço uma pausa no corredor, com os olhos arregalados ao ver a explosão que de repente atingiu o quarto do Jake. Diante dos meus olhos, Mars e Caleb estão juntos num dos lados de um colchão. Devem tê-lo trazido de um dos outros quartos. Dando um empurrão, o colchão cai no chão com um forte estrondo.

Entro no quarto do Jake e vejo que também tiraram o colchão da armação e o deitaram no chão, perto da parede de vidro que dá para a varanda.

O outro colchão é ligeiramente mais fino, mas fica encostado ao primeiro, criando um chão de colchões suficientemente largo para que nós os quatro, mais o *Poseidon*, possamos dormir sem nos esmagarmos uns aos outros ou morrermos de calor.

Jake já está a transformar o primeiro colchão numa cama respeitável, com almofadas e um cobertor. Ilmari e Cay não se estão a esforçar tanto com o segundo.

Com o coração a transbordar e as lágrimas nos olhos, aclaro a garganta.

Os três olham para mim, que estou à porta a segurar o tabuleiro. Jake põe-se de pé num instante, tirando-mo.

Atrás dele, Ilmari estuda o meu rosto.

– Estás... tu odeias isto, não é? Estás a odiar?

– Não vai ficar assim para sempre – diz Jake rapidamente. – Só não nos quisemos dar ao trabalho de usar um berbequim esta noite para desmontar a estrutura da cama. Esta era a solução mais fácil – acrescenta com um encolher de ombros. – Espera... tu odeias mesmo isto?

Caleb apenas resmunga, caindo de costas no segundo colchão.

– Ela não odeia, idiotas. Ela adora-o, porra. Está a tentar não chorar, ela adora-o tanto. Aposto que se a abraçares agora mesmo, ela vai chorar.

– Cala-te – digo eu com uma fungadela, cruzando os braços dentro do meu roupão felpudo. – Isso também estava no meu Pinterest, Cay?

– Não – responde ele com um sorriso presunçoso. – Eu é que te conheço.

Deixando-me cair de joelhos na ponta do colchão, tiro o roupão e rastejo até ele com a minha camisola de dormir e os meus calções de seda.

– O que é que estás a fazer? – murmura ele.

– A aconchegar-me a ti – respondo, subindo por cima das pernas dele

para me enroscar ao seu lado.

O corpo dele fica rígido.

– Eu não me aconchego.

– Aqui, gatinho – provoco, esticando-me ao lado dele e colocando uma perna por cima.

Ele geme.

– Furacão, eu só quero dormir.

– Pensei que querias gelado.

– Não, o Jake quer gelado. Tu queres gelado. Eu nunca sei o que é que o Mars quer. E eu quero dormir. Como o meu colchão agora está aqui, tenho de dormir aqui.

Aproximo-me mais dele.

– Já não quero gelado. Só quero isto.

– Eu nunca quis gelado – acrescenta Ilmari com um encolher de ombros.

Jake suspira, ainda a segurar o tabuleiro.

– Então, acho que vou levar isto lá para baixo.

– Deixa o telemóvel e o carregador – murmura Cay, de olhos ainda fechados.

Jake vira-se e sai com um grunhido, *Poseidon* vai a correr atrás dele.

Ilmari deita-se no colchão vazio e rola para o lado, enroscando-se atrás de mim.

– Alguém tem de apagar a luz – murmura Caleb.

– O Jake fá-lo-á quando voltar – digo eu com um bocejo sonolento. Deslizo-me na cama até conseguir enfiar-me debaixo dos cobertores improvisados. Há um lençol e um cobertor, o que é suficiente para mim. Atrás de mim, Ilmari faz o mesmo, ansioso por estarmos pele com pele. Ponho a mão para trás para roçar a anca dele e encontro a pele nua.

– *Kulta*... estás nu?

Ele diz baixinho.

– Eu durmo nu.

Eu sorrio, de olhos fechados. Eu já sabia disso, mas não tinha a certeza se as mesmas regras se aplicavam aos rapazes.

– Perfeito – murmura Caleb. – Um finlandês nu, um cão peludo e o Jake, que ressona.

– Não te esqueças de mim – provoco.

– E qual é a tua característica amaldiçoada?

– Como é que isso não é óbvio? Sou uma pessoa que se aconchega – respondo, aproximando-me mais para beijar o seu peito nu.

Ele geme.

– Ei, estás confortável aí, Mars? – Jake chama quando entra no quarto e apaga as luzes.

– Sim – responde Mars.

– Ainda bem, porque é a tua última noite no meu colchão – rosna ele, baixando-se para o lugar livre do outro lado de Caleb. – Vou chamar-lhe um

presente de boas-vindas a casa, mas é o único que vais receber. Nova regra da casa: ninguém rouba o colchão do Jake. Confia em mim, não vais querer viver comigo se eu não dormir oito horas seguidas.

– Ouve o homem – murmura Caleb, já a meio caminho da terra dos sonhos.

– Eu troco contigo, meu anjo – ofereço.

Ele apenas rosna.

– E acordar com uma salsicha finlandesa enfiada no cu? Não me parece.

– Calem-se todos – grunhe Caleb.

– Ei, Mars, como é que se diz «boa noite» em finlandês... au... merda, Cay. – Jake faz beicinho.

Mostrando misericórdia para com Caleb, eu recuo, reduzindo o meu aconchego de um ataque de lula total para um respeitável aperto de mão.

Respirando fundo, eu falo no silêncio do quarto.

– Amo-te. – Não o ponho em termos individuais. Não preciso de o fazer. Eles sabem. E agora, depois desta noite, eu também sei. Eles amam-me.

Jake diz o mesmo, virando-se para o outro lado. Caleb murmura algo que soa suficientemente perto e Ilmari aproxima-se mais de mim, encaixando-me nele, a minha grande colher de urso finlandesa. A única peça que falta é *Poseidon*, que demora o seu tempo a decidir onde se quer deitar antes de se enroscar com a cabeça no meu tornozelo, a minha pequena bola de pelo.

Mas eu não me importo. A dormir no chão, na nossa pilha de colchões com espaço para os cinco, respiro fundo, enchendo os pulmões com a paz de saber que, pelo menos neste momento, estamos seguros e felizes. O que temos é sagrado.

Mas precisamos de um plano. Precisamos de um caminho para sair da segurança das sombras e entrar na dura luz do dia. Todos nós. Juntos.

RACHEL

— Só estou a perguntar se ela disse alguma coisa sobre mim — diz Langley, deitado de costas na mesa de massagens.

O ginásio dos Rays está a bombar com música *rock* e os jogadores aglomeram-se por todo o lado. É um dia de recuperação, com outro jogo amanhã, o que significa que os treinos são leves. A maioria dos rapazes está apenas a fazer um pouco de cardio.

Eu sacudo as pernas de Langley, trabalhando para libertar o acúmulo de ácido láctico da sua sessão de força e condicionamento.

— Ui, ui. E eu já te disse, não falo com ela há uma semana.

— Então, ela não disse nada? — pressiona ele.

Eu resmungo, baixando-lhe as pernas.

— Porque haveria ela de dizer alguma coisa sobre ti, Langley? Achas mesmo que levar uma pancada na cabeça com uma bola de futebol deixou uma impressão assim tão grande?

— Eu... — Ele engole as palavras, mordendo o lábio inferior. — Bem... não — admite suavemente.

Ofereço-lhe a minha mão, ajudando-o a sentar-se.

— Olha, é muito querido que tenhas gostado dela, está bem? Mas a Tess é... complicada.

Ele estreita os seus lindos olhos verdes para mim.

— O que queres dizer com isso?

— Bem... para começar, ela ainda é casada — digo eu. — Foi uma separação do inferno, e o ex dela é literalmente o diabo, mas...

— Ela é casada? — pergunta ele, com o seu coração doce e terno a partir-se.

— Quer dizer, eles estão separados — repito. — Já foram. E ela nunca mais

vai voltar para aquele idiota. Mas isso só complica as coisas.

A sua pele suave forma uma ruga quando ele olha para mim.

– Ele magoou-a?

– Não me sinto à vontade para falar dos assuntos dela contigo, Langley.

Ele suspira, acenando com a cabeça enquanto olha para os seus ténis.

Agarro-lhe no braço, ajudando-o a fazer alguns alongamentos para soltar os ombros.

– Além disso, a última coisa que queres neste momento é uma relação à distância, certo? És jovem. Estás concentrado na tua carreira. Não queres esse incómodo.

Ele acena com a cabeça, sabendo que estou a falar com sensatez.

– E na verdade... tu não és bem o tipo dela – acrescento, passando para o outro braço dele.

Ele olha-me com atenção.

– O que é que queres dizer? Eu poderia ser o tipo dela.

Olho-o de cima para baixo, observando o seu corpo de atleta profissional. Com o qual ela pode trabalhar facilmente. Tess Owens adora um homem bem musculado. É a sua cara de bebé americano. A sua personalidade doce como uma tarte. E ele é demasiado jovem. Demasiado descomplicado. Um completo cachorrinho. Ele acabaria por a aborrecer.

– Bem, já a conheço há algum tempo e ela tem exatamente dois tipos – explico, pronta para o desiludir facilmente. – Zoë Kravitz em *Big Little Lies*, e aquele ator que faz de Jax Teller... no papel de Jax Teller – acrescento. – Tentámos ver as outras coisas dele e ela teve um ataque. É isso mesmo. Tens de ser uma Kravitz ou um Teller, e tu não és nenhum deles – termino com um encolher de ombros.

– Eu posso ser um Teller – diz ele, inchando o peito. – Acho que podia deixar crescer a barba.

Eu rio-me.

– Oh, querido! Isso é literalmente a coisa menos interessante no Jax Teller. Também vais comprar uma mota? Tratá-la como uma velhota? Começar a esconder armas e drogas no Zamboni?

– Bem... não – diz ele, o seu cérebro claramente a remoer o *puzzle* de como apelar à Tess, uma mulher que provavelmente nunca mais verá.

Os meus sentidos de aranha formigam enquanto o observo.

– Langley... aconteceu alguma coisa entre vocês enquanto ela esteve cá?

– Não – diz ele rapidamente. Demasiado depressa.

– Langley – digo, no meu melhor tom de mãe adulta.

Antes de ele poder responder, a Poppy atravessa o ginásio a correr.

– Rachel! Rach! Rapariga, preciso de falar contigo! – Ela entoa a última frase enquanto se esgueira por entre o equipamento como um esquilo loiro.

– O que é que se passa?

Ela está sempre tão bem arranjada. O seu rabo-de-cavalo loiro parece

feito sem qualquer esforço, todas as suas peças de cabelo foram especificamente escolhidas para serem soltas. Entretanto, o meu cabelo está preso com o mesmo nó desalinhado de sempre. Ela combinou o coral dos seus lábios com o coral das suas calças de ioga, com tênis Gucci brancos e brilhantes nos pés. Terminou o *look* com uma *t-shirt* dos Rays que cortou artisticamente para fazer um *crop top* de gola redonda com apenas uma pequena faixa da barriga à mostra. Sinceramente, é giro e vou a roubar a ideia.

– Do que é que precisas? – pergunto novamente, ainda passando os dedos pelo ombro de Langley.

Ela resmunga, olhando para ele.

– Desaparece por um minuto, querido.

Os olhos dele arregalam-se.

– Mas nós estamos no meio de...

– Sim, isso é ótimo – diz ela por cima dele, pegando-lhe na mão e puxando-o para fora da mesa. – Conta a tua história e vai andando. Nós avisamos quando acabarmos de falar.

Ele resmunga e sai a correr, enquanto a Poppy me agarra pelo braço e me afasta da área de massagem de regresso ao meu gabinete.

– Poppy, o que é que...

– Aqui não – diz ela, sem fôlego, enquanto quase me empurra para o meu gabinete e fecha a porta. Assim que se fecha, ela dá meia-volta, deixando cair a mala no chão. – O meu telefone não tem parado de tocar toda a manhã.

Olho para o relógio na parede.

– Pop, ainda nem são sete e meia...

– Achas que eu não sei disso? – grita ela. – As chamadas começaram a chegar às cinco da manhã. Era tudo o que eu podia fazer para estar apresentável e entrar aqui para te encontrar! – Ela tira o telemóvel do bolso lateral das suas *leggings* e toca no ecrã, mostrando-me o histórico de chamadas. Passa o dedo, mostrando-me a lista de chamadas vermelhas não atendidas.

Um sentimento sinistro de desgraça afunda-se no meu estômago.

– Diz-me.

– São todas sobre ti. Perguntando sobre a noite passada.

Soltei um suspiro profundo. Saí de todas as minhas redes sociais há anos. E nunca vejo as notícias.

– Mostra-me.

Abanando a cabeça, ela aproxima-se e mostra-me o telemóvel. Aparentemente, eu era um tópico de tendência nos *sites* de hóquei, nos *sites* dos Ferryman e nos *sites* de mexericos de celebridades. Há imagens de vários ângulos diferentes: as imagens oficiais do jogo, de telemóveis pessoais. Todos mostram a mesma coisa. É o momento em que Jake patina até o acrílico, batendo nele, gritando comigo e com Caleb. Algumas das montagens são cortadas para fazer com que eu e o Caleb pareçamos muito mais afetuosos do que éramos. Algumas mostram-me a fazer-lhe olhinhos de lua. Algumas

mostram o beijo na bochecha. A forma como nos inclinamos tão casualmente. O Caleb parece calmo. Ele parece feliz. O meu coração mole endurece, querendo protegê-lo do escrutínio.

– E estes são apenas os pequenos vídeos que se tornaram virais – explica Poppy. – As pessoas têm perguntas, Rachel. Acham que sabem o que estão a ver. Estou a tentar manter-me à frente por ti, mas preciso de saber se o que sei é o que penso que sei.

Olho para ela, tentando perceber o que acabou de dizer.

– A coisa que tu... o quê?

Ela resmunga, atirando o telemóvel para a bancada e pondo as duas mãos nas ancas tamanho 4.

– Rachel Price, rejeitaste o Jake Compton e aceitaste o Caleb Sanford como teu amante?

– O quê... não... não rejeitei – digo rapidamente.

– Desprezaste o Jake Compton e tomaste o Mars Kinnunen como teu amante? – insiste ela.

Abano a cabeça.

– Eu não rejeitei o Jake, Poppy.

Ela suspira, os seus olhos estreitam-se como um *terrier* à caça de um rato.

– Então, estás com o Jake Compton. Ora, sua malandra sorrateira. Eu não suspeitava de nada! Há quanto tempo?

– Poppy – digo eu com um suspiro, abanando a cabeça. Pensei que podíamos evitar a revelação por mais tempo do que isto, mas aparentemente já começou.

– Então, o que é que foi isto? – pergunta ela num tom irritado. – Estavas só a brincar com ele? Vestir a camisola do Kinnunen para o provocar? E porque é que o Caleb estava envolvido? Pensei que eles eram amigos.

– Eles são amigos, Pop. É... meu Deus, é complicado...

– Oh, meu bom Deus, é um triângulo amoroso? – Ela suspira novamente, levando a mão à boca. – O Caleb é o amante rejeitado? Estão a tentar fazer-te escolher? Já decidiste...

Eu gemo, agarrando Poppy pelos ombros, baixando o meu rosto para o dela.

– Rapariga, recompõe-te. Ninguém, e quero dizer ninguém, está a ser rejeitado aqui. Eu nem sequer saberia como rejeitar. A noite passada foi uma piada entre amigos, está bem? Trabalhamos todos juntos e foi uma piada. Essa é a história oficial, está bem? Nada de romance, nada de desdém, nada de corações partidos.

– Uma piada entre amigos? – repete ela.

– Entre colegas – corrijo, entrando no modo de gestor de crise de relações públicas. – Trabalhamos todos na mesma equipa e nós os três tivemos uma noite divertida nas bancadas, certo? Comemos o nosso peso em comida de plástico e pudemos ver os nossos amigos jogar. Eu e o Caleb

pregámos uma partida aos jogadores e vestimos as camisolas deles. Uma diversão simples e pura, certo?

Ela acena com a cabeça.

– Sim... divertimento simples e puro.

Não preciso de contar um único pormenor de como o Caleb e eu pagámos por essa boa diversão. Estou a usar mangas compridas para trabalhar hoje por causa das marcas nos meus pulsos. E a minha pobre vagina ainda tem o seu próprio batimento cardíaco. Valeu mesmo a pena.

Respiro fundo. Isto não é incontrollável. Não houve beijos, nem cassete de sexo, nem imagens secretas da noite passada a vaguear na *dark web*. Talvez tenha sido bom que tenha acontecido desta forma para começar. Se os rumores tiverem um pouco de ar, um pouco de espaço para germinar e crescer...

Olho de relance para a Poppy, furiosamente concentrada no telemóvel enquanto os seus polegares trabalham.

– O que é que eu posso fazer para ajudar?

– Hum? – Ela nem olha para cima. Fica calada durante mais um minuto e eu aclaro a garganta.

– Pop?

– Sim... o quê? – Finalmente, ela olha para cima.

– Como é que eu posso ajudar? A minha família contrata pessoas extraordinárias que tratam da sua imagem pública. – Respiro fundo, odiando o facto de as palavras estarem prestes a sair-me dos lábios. – Eu podia... falar com o meu pai.

Eu tentei tanto reabilitar a minha imagem sozinha. A velha Rachel foi-se embora. Deixei-a na Califórnia, juntamente com a minha coleção de Jimmy Choo. Já não sou aquela celebridade festeira. Sou uma médica de medicina desportiva. Uma mulher altamente educada e profissional.

Com três namorados... na mesma equipa da NHL.

E acho que dois dos meus namorados podem ser namorados.

E o meu outro namorado quer jogar nos Jogos Olímpicos. Ele está a ser ativamente recrutado para um lugar cobiçado numa equipa olímpica nacional. Agora. Este fim de semana. Os olheiros estão cá para o ver jogar outra vez amanhã.

E eu a pensar que seria giro fazer um jogo de troca de camisolas em frente às câmaras.

Sim, isto é um desastre de relações públicas à espera de acontecer. Não vou pedir desculpa a ninguém por amar três homens, mas estou a exagerar. E estou a quebrar a regra principal da família Price. Estou a voar sozinha. Tenho-o feito há meses. Aprendemos por experiência própria que a única forma de sobrevivermos é mantermo-nos unidos.

Eu amo os meus rapazes, mas eles não são Prices. Eles têm os seus próprios nomes para proteger, as suas próprias famílias, as suas próprias reputações. Os meus instintos protetores exaltam-se quando penso na

imprensa a persegui-los da mesma forma que perseguiu a minha família. As histórias obscenas, os *paparazzi* à porta de casa dia e noite, a vasculhar o meu lixo. A enxurrada de perguntas pessoais que constantemente ofuscam todas as tentativas de promover o seu trabalho, a sua arte, a sua carreira.

Só o facto de pensar que as suas vidas podem ser incomodadas de alguma forma faz-me ficar vermelha. Quero agarrar em todos os jornais de mexericos e reduzi-los a cinzas. Quero que todos nós nos escondamos na casa de praia do Jake para o resto dos nossos dias, quatro pequenas tartarugas na nossa concha de areia.

Dói-me porque acordei com tanta esperança. Agora, ao ver Poppy St. James entrar em modo de crise de relações públicas, a verdade é óbvia: nunca houve qualquer esperança de que isto fosse algo mais do que mau. Muito mau. Apocalíptico e mau.

Jake e Ilmari passarão do estatuto de estrelas da NHL para o estatuto de excêntricos no banco de suplentes. Os donos dos Rays não vão querer a constante má publicidade que eles trazem para cada jogo, cada entrevista. Serão trocados por outras equipas. Esse será o primeiro passo, enquanto os seus agentes e a Liga tentam arrefecer o calor da imprensa. Continuam a ser grandes jogadores. Alguém há de querê-los o suficiente para os comprar. Ilmari acabará em Winnipeg ou voltará para a liga finlandesa, e Jake será transferido para o Texas.

Nessa altura, a reabilitação das relações públicas começará a sério. Eles vão passar despercebidos, sair em encontros coordenados para serem fotografados com mulheres simpáticas, mulheres descomplicadas. Mulheres que não sejam eu. O meu coração parte-se só de pensar nisso.

E nem consigo imaginar o que vai acontecer ao Caleb quando lhe retirarem a figura do Jake. A mentira do «só amigos» vai passar corajosamente por todos os cantos da Internet. Porque não é possível que um homem seja um excelente defensor, a bater os jogadores nas tabelas todos os dias, para depois ir para casa com outro homem à noite. O agente do Jake vai fazer-lhe uma oferta condenada: a nossa relação lasciva ou a sua posição de titular.

A Ilmari será igual: a tua amante e os amantes dela, ou os Jogos Olímpicos. Escolhe.

– Rach? Estás bem, querida?

Olho para cima e vejo a Poppy a olhar para mim, com a cabeça inclinada para o lado numa curiosidade silenciosa. Abano a cabeça.

– Não. Não estou bem.

Ela dá um passo em frente, pondo um braço à volta do meu ombro.

– Oh, querida, está tudo bem. Isto não é nada de especial. Eu sei que vim toda triste e desolada. Podes chamar-me «Miss Tempestade» – brinca ela com uma gargalhada. – Eu fico na minha cabeça e entro em modo de «gestão». Tenho a certeza de que entendes.

– Sim, entendo – murmuro. Entendo mesmo. Se ela é a rainha da gestão

de crises, eu sou a imperatriz, a deusa, o génio todo-poderoso. Vou gerir a porcaria desta situação, protegendo os meus homens a todo o custo. Não me importo de levar com as culpas. Não os vou arrastar comigo.

– Deixa isto comigo – acalma a Poppy. – Nada que um pouco de polimento não possa fazer brilhar.

– Avisas-me se houver alguma coisa que eu possa fazer? – digo, ainda a falar com ela. Preciso que ela se vá embora. Não consigo respirar enquanto ela não se for embora. Não posso gritar. Não posso chorar.

– Faz o teu trabalho, Doc – responde ela com um sorriso. – Deixa as relações públicas comigo e com a Clair B.

Ela sai, deixando a batida pulsante da música do ginásio filtrar-se dentro desta pequena sala, batendo no meu peito. Neste momento, o meu gabinete nunca pareceu tão pequeno. Olho à volta das quatro paredes brancas, desprovidas de decoração, à exceção de um par de certificados de inspeção sanitária em molduras douradas baratas. Sinto um ataque de pânico a aproximar-se. Merda, há anos que não tinha um destes. A minha respiração é curta e apertada no peito. Preciso de ajuda. Preciso de tirar este peso esmagador do meu peito antes que desmaie. Preciso dele.

Levantando uma mão trémula ao peito, abro o telemóvel e toco nos meus contactos. É demasiado cedo, mas não me importo. Quando encontro o nome dele, encosto o telemóvel ao ouvido e espero, o telefone toca. Ao terceiro toque, ele atende.

– Graças a Deus! Onde raio estás tu?

– Harrison – gemo para o telefone, com as lágrimas a cair. – Preciso de ti.

– Eu sei. Há quinze minutos que ando a vaguear por este maldito complexo desportivo à tua procura. Onde é que estás?

CALEB

—Olá, Sanny? – chama Novy com um aceno, metendo a cabeça na lavandaria.

– Ah, o que é que aconteceu ao Snuffy? – pergunta Morrow. – Eu gostava dessa alcunha.

Eu reviro os olhos e os dois riem-se. Estou na grande mesa de dobrar, a passar a ferro as camisolas para o jogo de amanhã. É o terceiro monte de uma pilha inteira. E esta é apenas a primeira tarefa de umas vinte que eu tenho de completar hoje.

– O que é que precisas, Nov?

– De nada – responde ele, encostado à mesa, com os olhos nas minhas mãos enquanto me observa a trabalhar, mastigando a sua granola caseira.

– O Compton ainda está por cá?

– Como é que eu hei de saber?

Novy e Morrow trocam um olhar incrédulo.

– Talvez por viverem juntos – responde Novy com uma gargalhada.

– E vão sempre de carro para o trabalho – acrescenta Morrow.

– E têm a vossa estranha PVD-ESP – conclui Novy.

– Isso ainda não foi oficialmente diagnosticado – brinco, pondo o ferro de lado para virar a camisola. – Ainda estamos em lista de espera para o estudo na Mayo.

Os rapazes riem-se quando Morrow arranca o saco de granola das mãos de Novy e corre à volta da mesa atrás de mim com ele, enfiando um pouco da mistura estaladiça na boca.

– Idiota – rosna Novy, com as mãos na mesa. – Dá cá isso.

Morrow rouba mais um punhado e fecha o saco, atirando-o novamente para Novy.

– Estou aqui em baixo desde que cheguei – explico, passando o ferro sobre as costas da camisola de Sully, ignorando as suas brincadeiras. – Não sei de nada que esteja a acontecer fora desta sala.

Eles trocam um olhar e Novy balança a cabeça. Eu estreito os olhos para ele.

– O que é que se passa?

Novy é um tipo fixe, mesmo que seja um pouco rude. É do tipo garanhão selvagem, sempre a carregar um bando de coelhinhas. Sai até muito tarde. Festas demasiado longas. Nunca levou nada a sério para além do hóquei. Mas é um bom jogador e um companheiro de equipa leal.

Neste momento, ele tem um olhar sóbrio. Algo está a acontecer. Ele precisa de falar. Olha novamente para Morrow, que ainda está a mastigar a sua granola.

– O quê? – pergunto novamente. – Vá lá, malta. Tenho uma tonelada de merda para fazer, por isso se não vão...

– Estás com ele? – Morrow deixa escapar.

O meu olhar dirige-se a ele e Novy geme.

– Meu, vá lá – diz ele. – Não é suposto perguntar assim a um tipo se ele é gay. Isso é como, quebrar as regras. Certo?

Agora estão os dois a olhar para mim.

O meu estômago dá uma cambalhota. Oh, merda!

– Do que é que vocês, idiotas, estão a falar?

– Então não soubeste? – pergunta Novy com uma sobrancelha levantada.

– Não ouviste falar?

Eu gemo, passando as duas mãos pelo meu cabelo.

– Foda-se, malta. Acabem com o suspense, antes que eu vá à procura do Coronel Mostarda a segurar um castiçal. Agora, de que raio estão a falar?

– Oh, merda! Está em todo o lado, meu – diz Novy com um abanar de cabeça.

– Os rapazes estão todos a falar disso *online*.

– A falar do quê?

– Que tu e o Compton estão juntos – diz Morrow. – Sabes, tipo... juntos. Como uma coisa gay.

– Sim, já percebi o que significa «juntos».

– Há uma filmagem do jogo de ontem à noite – acrescenta Novy. – O Compton a patinar para ti no gelo, e tu com a camisola dele e a sorrir.

Sei exatamente do que estão a falar. Meu Deus, senti-me bem no momento. A Rachel estava ao meu lado, e estávamos a rir, a divertir-nos. Eu tinha a minha miúda e o meu... porra, ele não é bem o meu homem, pois não? Nós brincamos um pouco com a Rachel, mas ele não me deu nenhuma indicação de que quer algo além do conforto que a sua presença proporciona, as inibições que ela nos ajuda a baixar.

Visões da noite passada enchem os meus sentidos, fazendo o meu coração acelerar e as palmas das minhas mãos suarem. Tenho-me esforçado

tanto para não pensar nisso. O rosto de Jake tão perto do meu, o seu polegar nos meus lábios, o cheiro da sua colónia invadindo os meus pulmões, enchendo-me. Eu queria que ele me beijasse... mas ele não o fez. Afastou-se.

Mas depois pôs-me de joelhos e abriu-me a cereja no meio de um orgasmo a quatro. Nunca tinha sido preenchido daquela maneira. Nem sequer por um brinquedo. Posso adorar enfiar a minha pila no cu, mas nunca pensei em ter uma no meu. Afinal, nem sequer era uma pergunta. Ele ofereceu-se, e eu não consegui fugir suficientemente depressa.

E eu quero mais. Quero o esperma dele na minha boca, no meu cu. Quero deitar aquele homem e banquetear-me com ele até ele me implorar para parar. Quero que a Rachel o segure enquanto eu lhe fodo o cuzinho apertado, cavalgando-o com força e durante muito tempo, deixando-o a um centímetro da sua sanidade.

E quero beijos. Mais do que sexo, quero que ele me queira. Quero a intimidade dos meus lábios nos dele e quero que a ideia seja dele. Até lá, o Jake não é maricas para mim. Ele é apenas um homem heterossexual a divertir-se com o seu bolo e a comê-lo também.

Aclaro a garganta, pego novamente no ferro e concentro-me no meu trabalho.

– Então, toda esta conversa é baseada no facto de eu ter vestido a camisola do Jake no jogo de ontem à noite e no facto de ele ter patinado até às tabelas? – Passo o ferro pela manga, olhando para cima entre os rapazes. – Sabem que eu também estava com a doutora Price e a Poppy, certo? As filmagens apanharam isso? Tenho quase a certeza de que a doutora estava de camisola. Ela também vai ser arrastada? – O meu coração está silencioso no meu peito, sem vontade de bater. Que raio estou a fazer? Não quero chamar a atenção para a Rachel, mas também preciso de tentar desviar as atenções para o bem do Jake. A imagem dela junto dos rapazes é impecável neste momento. Tal como a da Poppy. Isto pode resultar. Posso ganhar tempo e conseguir que o Novy e o Morrow me ajudem a espalhar a mensagem de «não há nada aqui para ver» por todo o lado.

– Sim, parte dos mexericos dizem que tu e a Hot Doc têm uma relação – diz Morrow com um encolher de ombros. – Mas isso são só as notícias de celebridades e outras coisas que as coelhinhas espalham por aí.

– Só uma parte dos mexericos, não é? – digo, pondo o ferro de lado enquanto coloco a camisola do Sully de volta no cabide e a penduro. – O que é que a maior parte dos mexericos diz...

Novy suspira, encostado à mesa, com os braços cruzados sobre o peito.

– Dentro da Liga, a notícia é que tu e o Compton finalmente saíram do armário.

Solto um suspiro, tentando controlar a sensação de enjoo que tenho nas entranhas. Distraíndo as minhas mãos, pego na camisola seguinte. Foda-se, é a do Jake.

– Finalmente? O quê? Como se tivéssemos estado presos no armário à

procura de uma chave para abrir a porta?

Os rapazes oferecem-me sorrisos fracos. Não estão a acreditar no meu desvio.

– Vá lá, meu – murmura Morrow. – Vocês têm de saber que têm uma reputação junto das outras equipas, certo?

Eu não digo nada, com os olhos no meu trabalho enquanto aliso a camisola do Jake.

Novy pigarreja.

– Sim, aparentemente alguns dos rapazes dos Pens e dos Kings estão a falar sobre isso. E alguns dos nossos rapazes partilham conversas com eles. Eles estavam todos a falar sobre isso na sala de fisioterapia agora mesmo. O Avery incitou-os.

– O que não é nada fixe – diz Morrow, com a voz firme.

– Sim, não vamos tolerar que os Rays falem dos nossos rapazes – diz Novy com um aceno tranquilizador. – Os idiotas que falaram sobre isso lá em cima levaram uma tareia, por isso não te preocupes. – Levanto o olhar do meu trabalho.

– Espera... por quem?

– Kinnunen – responde Morrow.

– Quem diria que o Mars era um aliado tão bom? – ri-se Novy. – Foi o que mais o ouvi falar durante toda a época. Ele disse ao Perry o que podia fazer com o peso que estava a levantar.

– Sim, mas depois mudou para finlandês – acrescenta Morrow.

– Fez o pobre miúdo chorar. Nunca mais quero que ele grite comigo em finlandês – disse Novy, com os olhos arregalados enquanto abanava a cabeça, horrorizado.

– E não sei o que se passa com o Avery – murmura Morrow.

– Sim, esse tipo é um parvalhão – murmura Novy, de braços cruzados. – Não sei porque é que o contrataram, a sério. Gostava que o tivessem despedido e contratado apenas a Price.

Olho de relance entre eles. A Rachel não disse nada, mas eu conheço a reputação do Avery. E já os vi a interagir um pouco nos jogos. Ele está sempre a rebaixá-la e a deixá-la pendurada. Acho que ele pode sentir-se ameaçado por ela.

– Espera... ele também estava a falar? – digo eu, com os olhos postos nos rapazes.

– Nada que o Mars não conseguisse resolver – responde o Novy com um encolher de ombros.

– Ele precisa de saber qual é o seu lugar ou os rapazes vão virar-se contra ele – acrescenta Morrow. – Não quero o meu chefe de fisioterapia a gozar com os meus colegas de equipa à minha frente. Isso não vai acontecer.

– E, ei... Sanford – murmura Novy, dando a volta à mesa para ficar ao meu lado.

Olho para ele, tentando controlar a minha respiração, sem revelar nada.

– A questão é que se quiseses contar-nos alguma coisa... podes contar. Tu ou o Compton. Porque isto é uma equipa. Pode ser uma equipa nova mas, do nosso ponto de vista, gostaríamos de ficar por cá algum tempo.

– Sim, claro – acrescenta Morrow. – Equipa significa família.

– Queremos um bom ambiente aqui – continua Novy. – Não queremos tretas nem dramas. As piadas são uma coisa. Todos gostamos de piadas. Atacar um tipo por ser *gay* é outra – acrescenta, com um ar solene. – Diz-nos só qual é a ponta que está para cima, e nós certificamo-nos de que o próximo tipo que te perseguir é o último.

Aceno com a cabeça, surpreendentemente tocado por esta inesperada demonstração de apoio.

– Então... estás a dizer-nos alguma coisa neste momento? – pergunta Novy com uma sobrancelha escura levantada.

Eu sacudo a cabeça.

– Não – murmuro, tentando não deixar o desapontamento transparecer nas minhas palavras. – Não há nada. O Jake e eu somos só amigos.

– Melhores amigos, certo? – acrescenta Morrow com um sorriso. – Melhores amigos que vivem juntos, dormem em camas separadas, mas terminam as frases um do outro. Uma situação totalmente Bert e Ernie, certo?

Reviro os olhos enquanto ele se ri.

– E se o Jake alguma vez tirar a cabeça do rabo e perceber que tu és um bom partido? – brinca Novy. – Vocês ainda vão ser apenas amigos então, Bert?

Eu sacudo a cabeça.

– Ouçam, idiotas. Se eu e o Jake alguma vez nos tornarmos mais do que melhores amigos, vocês os dois serão os primeiros a saber, está bem? Por agora, vou ficar a chupar a minha própria pila. Mas só se acabar de passar a ferro isto tudo primeiro, e vocês os dois estão a distrair-me.

Novy dá um passo à frente, colocando um braço em volta dos meus ombros.

– Já que estás distraído, vem ajudar-nos a encontrar o Compton. Também lhe vamos dar a notícia em troca do pequeno-almoço.

– E certifica-te de que ele recebe a conta – acrescenta Morrow.

Desligando o ferro de engomar, sigo atrás deles. Não vou conseguir concentrar-me enquanto não tratar disto. Preciso de falar com o Jake. Mas primeiro quero encontrar a Rachel. Ela é a única que tem uma experiência inigualável em lidar com mexericos *online*. Ela saberá o que fazer.

– Ei – chamo. – Algum de vocês viu a doutora Price esta manhã? Preciso de lhe perguntar uma coisa sobre o envio de uma encomenda.

– Sim, nós vimo-la quando descemos – responde Novy, indicando o caminho para fora da sala.

– Ela estava no quiosque do café, com um tipo qualquer – acrescenta Morrow, de olhos postos no telemóvel, enquanto nos dirigimos para as escadas.

Eu paro no meio do corredor.

– Que tipo?

Morrow encolhe os ombros, com os olhos ainda no telemóvel.

– Não sei, um tipo jeitoso.

– Ele era um borracho, hein? – diz Novy, com uma risada. – Meu Deus, tu também não. Sou o único homem heterossexual que resta na linha de defesa dos Rays?

– O quê? Ele era todo tatuado e fixe. – Perante o meu olhar vazio, Morrow acrescenta rapidamente: – Quero dizer, tu também tens tatuagens e és fixe, Sanny. Não penses que estamos aqui a tentar substituir-te.

– Sim, Snuffy. És o tipo mais fixe que conhecemos – brinca Novy. – A Doc boazona gostava que o seu parceiro fosse tão fixe como tu.

Bem, se eu pensava que não tinha ciúmes no que dizia respeito à Rachel, isso foi-se pela janela fora. Um tipo giro e tatuado está a agir como companheiro da minha miúda? Esquece o Jake. Ele sabe tomar conta de si próprio.

Estou oficialmente a perseguir um furacão.

RACHEL

—Harrison! – Corro ao longo das bancadas em frente ao gelo de treino, sem me importar por assustar um par de patinadores artísticos que estão a fazer uma elevação.

O meu irmão e eu andamos às voltas um com o outro como ratos num labirinto há quase dez minutos. Finalmente, disse-lhe para ficar quieto e esperar. Então, lá está ele, com os seus antebraços coloridos e tatuados nos bolsos das calças de ganga. Não é um atleta grande e corpulento como os meus rapazes. Tem a minha altura e constituição, com o mesmo cabelo escuro e olhos castanhos.

Corro para ele, ponho os meus braços à volta do seu pescoço e enterro a minha cara no seu ombro.

– Estou tão contente por estares aqui – digo. O cheiro quente e amadeirado da sua colónia Tom Ford age como um cobertor de segurança, aliviando instantaneamente as minhas preocupações e medos.

Vai correr tudo bem. Vai ficar tudo bem. O Harrison está aqui.

Ele retribui o abraço, enquanto o seu rosto se vira ligeiramente para me beijar a face.

– Olá, Lem.

Suspiro quando ele usa a minha alcunha de família. O papá inventou-a quando tínhamos dez anos. Rachel tornou-se Rachello, que se tornou Limoncello, que de alguma forma se transformou em Lemonhead. Agora é só Lem.

Eu afasto-me, agarrando-me aos seus antebraços brilhantemente tatuados.

– Queres dizer-me o que raio estás a fazer aqui?

Ele olha-me fixamente.

– Estás mesmo perguntar-me isso?

– Harrison...

– Oh, nós estamos a fazer isto – rosna ele. – A minha irmã gémea não desapareceu da face da terra, tendo-se esquivado às minhas chamadas durante semanas... sabias que o Somchai adotou outro maldito gato?

– O quê? – suspiro. – Mas tu odeias gatos...

– Eu sei que odeio gatos. E ele também sabe disso. Mas a tia dele veio cá a semana passada com outra história triste sobre ter encontrado gatinhos numa caixa nas traseiras do restaurante dela. Aparentemente, ela encontrou casa para todos menos um. Por isso, agora tenho uma gatinha cor de pêssego e creme chamada *Alperce* e ela dorme nos meus sapatos Hermès.

– Como é que o *Oreo* está a reagir? – murmuro com os olhos arregalados.

– Ele está bem... espera... porra. – Ele deixa cair as mãos, afastando-as de mim. – Nem pensar. Não vais virar isto contra mim, sua doninha matreira.

Porra. Eu tinha-o nas cordas. Mais um suspiro bem colocado e ele estava prestes a descarregar dois meses de detalhes da vida enquanto eu acenava com a cabeça e cantarolava. Isso ter-me-ia dado pelo menos mais trinta minutos antes de ele voltar a virar a lâmpada do interrogatório para mim.

Ainda não estou pronta para dizer a verdade, nem mesmo ao Harrison. Ainda parece demasiado cedo. Os rapazes e eu, não estamos prontos para que as pessoas saibam do nosso assunto. O que é que somos? O que é que lhes chamo? São os meus namorados? Os meus parceiros? O que é que eles se chamam uns aos outros? Isto já é uma frente unida? Sem saber as respostas a estas perguntas, parece uma traição partilhar o nosso assunto com pessoas de fora.

Não que o Harrison seja um estranho. Ele é um Price. Ele levará os meus segredos para o túmulo e para além dele. Mas não é um de nós. Ele não é um dos meus homens.

E é aí que a verdade surpreendente me atinge... eles são os meus homens agora. O Ilmari, o Jake e o Caleb. Não o Harrison. Não o pai. Pela primeira vez na minha vida, o meu círculo íntimo mudou. As lágrimas ardem-me nos olhos. O Harrison já não é o meu homem. Isso magoa-me mais do que alguma vez pensei. Sinto-me como se estivesse a ser cortada. Ele é o meu gémeo, o meu irmão e o meu melhor amigo no mundo, mas já não é a minha pessoa.

Reprimo as minhas lágrimas, abanando a cabeça.

– Harrison – choramingo.

Lentamente, ele acena com a cabeça, a sua mão levanta-se para me acariciar a face.

– Está tudo bem, Lem. Sabes que podes contar-me tudo. – Tapo a cara com as duas mãos e ele suspira, aproximando-se para me acariciar as costas com uma mão delicada. – Vamos começar pelo nome dele.

Eu engasgo-me com uma gargalhada.

– Meu Deus, estou uma desgraça. Não sei porque é que estou tão emocionada com isto.

Ele lança-me um olhar compreensivo.

– Talvez porque estejas apaixonada por ele e tenhas medo da minha desaprovação. É por isso que te tens escondido, não é? Apaixonaste-te por um jogador? Todos nós vimos as imagens do jogo. O pai recebeu alertas ontem à noite do Steve e da equipa de relações públicas. Eles têm estado a cobrir o teu couro.

Suspiro. Então era por isso que a Poppy sabia, e eu não. O meu número é indetetável. Todos os contactos da imprensa com a família passam pela equipa de relações públicas do papá. Se a imprensa está a tentar chegar até mim, tem de passar por ele... e agora pela Poppy.

– O papá sabe?

– Porque achas que ele me meteu num avião fretado de madrugada?

– Vieste de Seattle? – digo com um ar confuso.

– Não, estive outra vez em Nova Iorque. Sabes, tens sido um Caranguejo tão eremita que nem sabias onde eu estava. E se o apocalipse chegasse e tivéssemos de nos encontrar um ao outro? Ias perder-te algures em Oklahoma, sem saberes que eu estava na direção oposta.

Solto uma gargalhada fraca.

– Então, o papá mandou-te cá abaixo para me castigares?

– Eu mandei-me cá abaixo para ver como estavas – corrige ele. – Acabei de usar o avião do papá – acrescenta. – Vá lá, Lem. Sabes como isto funciona. A família Price em primeiro lugar. Mantemo-nos unidos. A tua merda está prestes a ir para o ventilador e os Price têm de se organizar. Precisamos de ter a história clara. E eu quero conhecer o tipo... ou será que são tipos? – acrescenta com um sorriso. – Os *sites* de mexericos têm-se divertido a especular à grande. Estás aqui a fazer malabarismos com dois tipos, Bolo de Limão?

Ele tem razão. A família Price em primeiro lugar. Ou pelo menos, a família Price veio em primeiro lugar. Não é justo deixá-los às escuras, a tentar limpar mais uma confusão que não fizeram.

– Na verdade, são três.

– Três horas? – diz Harrison, verificando o seu relógio.

– Três tipos.

Ele para, olhando para cima lentamente.

– Diz lá isso outra vez?

Mantenho o olhar dele.

– Apaixonei-me por três rapazes, Harrison. Estou apaixonada por eles, e eles estão apaixonados por mim... e dois deles estão apaixonados um pelo outro. É... – Encolho os ombros, incapaz de encontrar as palavras certas para descrever o que somos; «perfeito» parece banal, embora se encaixe. Somos uma confusão perfeita de perfeição confusa. Eu adoro o que somos. Quero protegê-lo, mantê-lo escondido e seguro. Mas os gatos sensuais estão agora

fora do saco. O Harrison sabe.

– Oh... merda! – murmura ele, com os olhos arregalados. – *Okay*, então, hum... foda-se! – Ele deixa escapar uma exalação pesada. – Certo, então. Vamos começar com os nomes deles.

– Vamos começar pelo café – contraponho.

Ele acena com a cabeça, passando uma mão pelo seu cabelo escuro.

– Sim... café. Boa ideia.

CALEB

—Mars! – grito, atravessando o ginásio em direção à fila de bicicletas de exercício.

Ele está sentado na bicicleta do fundo, com o telemóvel na mão e o suor a escorrer-lhe pela cara. Ao som da minha voz, levanta o olhar.

– O que foi?

– Onde está o Jake? – pergunto, tentando controlar o tom de pânico na minha voz.

Também não encontrei a Rachel e o seu homem misterioso.

– Não faço ideia – murmura ele, voltando os olhos novamente para o telemóvel.

– Então, onde é que está a Rachel?

– No gabinete – responde ele.

– Não, não está, porra. Aparentemente, ela foi vista nas instalações de braço dado com um homem bonito, de cabelo escuro e tatuado.

O idiota tem a audácia de sorrir, o seu olhar desce da minha cara para o meu braço tatuado.

– Não é possível que estejam a coscuvilhar sobre ti? Estão todos a falar do teu truque da camisola de ontem à noite...

– Como é que eu posso ser o tipo bom que ela está a seguir quando estou aqui, preso nesta conversa contigo? Não tens a mínima curiosidade em saber porque é que a nossa rapariga está a namoriscar com outro tipo?

As sobrancelhas dele baixam sobre os seus olhos azuis e ele olha para mim.

– Porque não falas mais alto? Acho que não te ouviram na praia.

– Tudo bem. Eu próprio vou à procura dela! – Saio a correr, decidido a dar mais uma volta ao campo de treinos, quando ele me chama.

– Caleb, espera!

Viro-me e vejo-o a sair da bicicleta de exercício e a pegar numa toalha para limpar a cara.

– Vens?

– Só para não te meteres em sarilhos – responde ele. – Tenho a certeza de que há uma explicação perfeitamente razoável para o que a Rachel está a fazer. E ela não vai gostar deste ciúme – acrescenta ele, olhando-me solenemente de cima a baixo. – Acaba com isso.

Respiro fundo, a minha frustração a ferver. Mas porra, ele tem razão. Eu sei que ele tem razão. Não gosto desta sensação. Eu não sou este tipo. Nunca fico com ciúmes. Respiro fundo outra vez.

– Melhor? – Lentamente, aceno com a cabeça.

– Eu verificava o quiosque do café – diz ele, atirando a toalha para o ombro.

– Ela já foi vista lá – respondo, virando-me para as portas. É uma sensação estranha, mas o meu coxear de repente parece pior, como se o meu corpo me estivesse a trair, a tentar abrandar-me antes que eu faça figura de parvo.

Mas não estou preocupado. Tenho o Mars para me segurar. Ele vai impedir-me de fazer algo verdadeiramente embaraçoso, como cair de joelhos e implorar à Rachel para não nos deixar por um homem mais sensível e sensual.

Percorremos as instalações de treino, saímos da área reservada aos Rays e entramos no grande átrio com paredes de vidro. O quiosque do café está cheio com uma longa fila de mães dos alunos de patinagem, todas com os seus penteados a condizer, pequenos coletes com fecho de correr sobre as camisolas de marca.

Mais valia ser invisível, pois todos os olhares se centram em Mars. Alguns miúdos ansiosos aproximam-se a correr. Ele interfere, cumprimentando e apertando algumas mãos, enquanto eu espreito pela sala. Não a vejo em lado nenhum. E temos de sair daqui antes que sejamos invadidos por fãs que querem um bocadinho do Mars.

– Ela gosta de ver a patinagem artística – diz ele por cima das cabeças dos miúdos. – Ela faz pausas e senta-se nas bancadas com um café.

– Como é que sabes isso? – pergunto, com uma sobrancelha levantada.

– Porque gosto de a ver – responde ele, com um encolher de ombros.

Eu rio-me, agarrando-o pelo braço.

– Muito bem, senhor Kinnunen, está na hora de ir. Está na hora do seu tratamento sueco com algas e da massagem com pedras quentes.

– Digam adeus, miúdos. Desejem-lhe sorte contra os Toronto.

– Adeus, senhor Kinnunen! – dizem eles.

– Até logo, Mars!

Ele deixa-me puxá-lo e ambos nos dirigimos para as portas abertas que dão acesso ao recinto de treinos principal. O ringue está cheio. Os miúdos

fazem exercícios enquanto alguns adultos com apitos tentam controlar o caos.

– Ela não está aqui – diz Mars antes mesmo de eu ter oportunidade de olhar.

– Tens a certeza?

– Estás a vê-la? – responde ele, com uma careta.

– Bem, ainda não, mas...

– Estás a senti-la?

Eu pisco os olhos para ele.

– O quê... senti-la? Tipo telecinesia ou algo do género? – Com um suspiro, ele agarra-me pelos ombros e vira-me para ele. – Mars, o que é que...

– Fecha os olhos e respira – murmura ele. – Faz isso. – Fecho os olhos, mas a minha respiração assenta como uma pedra no meu peito.

– Para de pensar demais o tempo inteiro – acalma ele. – Para de pensar. Para... e respira. – Ele exagera numa grande inspiração, deixando-a sair.

Eu respiro fundo, deixando o ar sair.

– Outra vez.

Respiro fundo outra vez.

– Ótimo. Agora, abre os olhos.

Abro-os, olhando para o seu rosto sério.

– Tu conheces a Rachel – murmura ele. – Tu amas a Rachel. Ela faz parte de ti, certo?

Aceno com a cabeça.

– Sim? – insiste ele.

– Sim – repito.

– Então diz-me se a sentes aqui. Não penses. Não olhes. Apenas sente. Ela está aqui?

Mantenho os olhos nele enquanto respiro fundo, deixo-me mergulhar num espaço mental mais calmo. Penso em como me sinto naqueles momentos de preguiça no sofá quando ela está nos meus braços, como me sinto quando ela entra na cozinha. Não sou uma pessoa sensível, mas tento ser por ela. Quero os seus carinhos. Penso na forma como o meu corpo se ilumina quando ela olha para mim. É atraído por ela.

Solto uma gargalhada, abanando a cabeça.

– Bem, isso é um truque de magia muito giro.

– Ela está cá? – repete ele.

Eu reviro os olhos.

– Não, Mars. Ela não está aqui.

– Então continuemos a procurar – diz ele, virando-se para trás. – Os patinadores artísticos estão no próximo ringue de patinagem.

Agora é ele que vai à frente, seguindo pelo corredor até ao ringue mais pequeno. Este não tem o acrílico levantado. Assim que entro na sala, o meu olhar vira-se bruscamente para a esquerda, atraído por ela.

E lá está ela, sentada nas bancadas, a cerca de um terço do percurso, aconchegada ao lado de um tipo de cabelo escuro, *t-shirt* preta e calças de

ganga com os antebraços tatuados. Estão a beber café, com os corpos virados um para o outro, completamente alheios ao par de adolescentes a patinar no gelo.

Sim, este tipo tem de ir embora. Eu rosno baixinho na minha garganta, avançando.

– Caleb – diz Mars, com aquela voz de aviso.

Como se também nos pudesse sentir, a cabeça da Rachel vira-se. Os olhos dela parecem cor-de-rosa e inchados, como se tivesse estado a chorar.

Oh, mas que raio! Quem quer que seja este tipo, é um homem morto.

Ela murmura-lhe qualquer coisa e ele senta-se no banco com um sorriso convencido, a ver-nos aproximar. E porque aparentemente tem um desejo de morte, ele passa o braço por cima do ombro dela e pisca-me o olho.

– Rachel, quem raio é este tipo?

Bem, merda! As palavras aparentemente saíram da minha boca antes de eu ter tido a oportunidade de as pensar. E ela já se virou para ele, empurrando-o, dizendo algo que não consigo ouvir. O Mars está mesmo atrás de mim, com a sua grande mão no meu ombro.

A versão mais jovem e magra de mim tem a coragem de se rir, dando-lhe uma cotovelada de lado enquanto se inclina para a frente e diz:

– Sou o marido dela. Quem raio és tu?

RACHEL

—Harrison! – grito, dando-lhe uma palmada no peito. Meu Deus, ele é tão instigador! Entre ele e o Caleb, não sei quem é pior. Pelo menos estamos sozinhos e foi por isso que eu arrastei o Harrison para aqui em primeiro lugar. A pessoa mais próxima de nós é o treinador de patinagem artística, que está no fundo do ringue a mexer nos auscultadores Bluetooth.

O meu gémeo idiota diverte-se a rir-se às custas do Caleb. Mars fica atrás de Cay, com uma mão no ombro dele, como se ele precisasse de ser contido. Antes que eu possa escolher entre acalmar o Caleb ou empurrar o Harrison de cima da bancada, uma nova voz entra na conversa.

– Oh, que engraçado! É hora dos gémeos aqui em cima?

Viramo-nos os quatro e vemos o Jake a descer o ringue vindo da direção oposta, com um enorme sorriso na cara. Ele sobe para as bancadas, estendendo a mão ao meu irmão.

– Harrison, certo? É um prazer conhecer-te, meu.

Um pouco surpreso, Harrison estende a mão e deixa que Jake a aperte.

– Como é que sabias que estávamos aqui? – pergunta Caleb.

– O Mars mandou-me uma mensagem – responde Jake. – E foi na hora certa. O Novy e o Morrow estavam a ser muito estranhos, a tentar que eu lhes pagasse o pequeno-almoço.

Caleb fica quieto, com a expressão cuidadosamente velada.

Jake volta toda a sua atenção para o meu irmão.

– Meu Deus, sabes, aposto que te dizem isto muitas vezes, mas és parecido com o teu pai – diz ele, olhando de relance entre nós. – Tens razão, Seattle. Dás um tipo muito bonito – acrescenta ele a Harrison com um piscar de olhos.

– Tenho um casamento feliz – responde Harrison, tirando a mão do aperto de Jake.

– Tu és o irmão gémeo dela – murmura Caleb.

Recuperando a sua frieza, Harrison sorri para ele.

– Sim. E tu deves ser o Tweedle Dumbass do grupo.

Jake ri-se enquanto se senta nas bancadas, uma fila abaixo de nós.

– Tweedle Dumbass... – Ele olha de relance para Caleb. – Acho que gosto mais disso do que Snuffy...

– Não te atrevas – murmura Caleb, cruzando os braços sobre o peito.

– E tu deves ser o sueco – diz Harrison, com os olhos agora postos em Ilmari.

– Finlandês – digo, em simultâneo com Mars.

– O que é que eu disse? – indaga Harrison, olhando para mim.

– Disseste «sueco» – respondo eu. – Isso é um país completamente diferente, H.

– Certo – ele ri-se. – Bem... estes são os rapazes, certo? Como é que lhes chamas... os teus namorados? A tua equipa? O teu grupo de maricas?

Jake resfolega com a boca aberta como se estivesse prestes a falar.

– Não – grito. – O primeiro que se referir à nossa relação como «grupo de maricas» será o primeiro a ser votado para fora. Concordam?

– De acordo – Jake responde rapidamente.

Caleb acena com a cabeça.

Ilmari não diz nada. Mas o inferno vai literalmente congelar antes que ele diga as palavras «maricas» e «grupo» na mesma frase.

– Então... tu és o caso de uma noite em Seattle – diz Harrison, apontando para Jake.

Jake ri-se.

– Culpado. Mas eu não tive nada que ver com o facto de ela ter saído do vosso *brunch* chique... oh, e... casamento feliz – diz ele, batendo com o punho na perna de Harrison.

– E tu és o tipo do vibrador no aeroporto – acrescenta Harrison, apontando para Caleb.

Jake engasga-se com outra gargalhada enquanto Ilmari olha para Caleb.

– Tu és o quê?

– É uma longa história – digo ao mesmo tempo que Caleb olha para ele e diz:

– A Furacão tem um vibrador de tentáculos de lula com trinta centímetros de comprimento. Pede com jeitinho e ela enfia-to no cu.

Os olhos de Ilmari arregalam-se enquanto os outros três se riem.

– E já percebemos que és o sueco – diz Harrison.

– Finlandês. – Ilmari, Jake e eu dizemos ao mesmo tempo.

– Harrison, para de os provocar ou ligo ao Som agora mesmo e digo-lhe para salvar mais três gatos – ameaço, lançando-lhe o meu melhor olhar duro.

– Tudo bem – murmura ele.

Eu não tinha ido muito longe na minha história antes de os rapazes aparecerem, por isso o Harrison ainda está a voar um pouco às cegas. Ele sabe o básico, que é o facto de todos nós termos tropeçado no nosso caminho acabando nesta relação tortuosa.

– Quanto tempo vais ficar na cidade? – pergunta-lhe o Jake.

– Ainda não sei – responde Harrison. – O jato está à espera.

Jake ri-se.

– O jato? O quê? Como se a tua família tivesse um jato privado que tu manténs abastecido?

Harrison e eu apenas olhamos para ele.

– Bem... caramba – murmura ele. – A tua família tem um jato privado.

– Mais ou menos – respondo com um encolher de ombros. – Ele estava preocupado comigo. Tenho andado a voar sozinha desde que me mudei para cá, o que é uma grande quebra de regras.

– Não tens andado sozinha, querida – responde Jake, sentando-se no banco para pegar na minha mão. – Sei que sentiste a falta do teu irmão, mas espero que não te tenhas sentido sozinha...

– Jake, não – tranquilizo-o. – É que... são as regras da família Price, sabes? Durante muito tempo só nos tivemos um ao outro. Eles sentiram que havia problemas comigo e o Harrison sabia que era altura de se reagruparem. Os Price mantêm-se unidos. Sempre.

– Somos nós que estamos a criar problemas? – diz Caleb, ainda a olhar com cautela para o meu gémeo.

Eu sei que confiar nas pessoas é difícil para ele. Ele vai dar o seu melhor porque o Harrison é meu irmão, mas por mais que o H. diga que odeia gatos, ele é praticamente um. E o Caleb também. Tenho a sensação de que eles se vão dar bem como azeite e água... como gatos num saco. Pelo menos durante os primeiros tempos.

Mas imagino-os daqui a alguns Natais, como se fossem ladrões, enquanto arquitetam um plano para fazer com que todo o café tenha sabor a menta. O Harrison vai tolerar o Jake. Será bem-educado com o Ilmari. Mas vai adorar o Caleb. Eles vão enviar mensagens de texto incessantemente, mesmo quando fingirem que mal se conhecem. O Harrison vai ajudar o Caleb a fazer um livro de receitas de grelhados para o Jake no Natal. Fará de conta que não é nada de especial e Caleb encolherá os ombros quando Jake lhe agradecer. Entretanto, eu vou ser um desastre.

A minha respiração fica suspensa quando aquela bela visão do nosso futuro partilhado se desvanece como uma bola de sabão, deixando o meu coração aos pulos. Meu Deus, eu quero ficar nesta visão por mais tempo. Quero ver os rapazes no rancho da minha família em Montana. Quero saber que os meus pais os amam e os aceitam, que nos aceitam a nós. Quero vê-los a rir enquanto abrimos os presentes, o Somchai e a minha mãe ocupados na cozinha a fazer rabanadas para o pequeno-almoço. O Jake vai finalmente cansar o papá e convencê-lo a dar-lhe aulas de guitarra. Aprenderá quatro

acordes e desistirá. Depois, os rapazes arrastam-me para patinar no lago gelado.

– Rakas? – Ilmari está a olhar para mim, com os seus olhos azuis suaves.

Eu pestanejo, engolindo a bola de emoção que se alojou na minha garganta e olho em volta para todos eles. Esqueci-me de alguma coisa. Estão todos a olhar para mim.

– O quê?

– O teu irmão perguntou a que horas acabavas o trabalho hoje – responde Ilmari.

Aclaro a garganta.

– Hum, já acabei. Estava só à espera de uma boleia para casa.

O Harrison ri-se.

– Ainda és uma cobardolas ao volante?

– Eu já acabei – diz Ilmari. – Eu levo-te.

Olho de relance para Jake e Cay.

– Ainda me faltam algumas horas – murmura Caleb. – E vão aumentando quanto mais tempo eu ficar aqui.

– Eu dou-te as minhas chaves antes de irmos – diz Jake. – Eu vou voltar com o Mars e a Rach.

Caleb olha para mim, acenando-me com a cabeça antes de se ir embora.

Viro-me para o Harrison.

– Passas cá a noite?

– Claro que sim – diz Jake, levantando-se. – Ele fica lá em casa. Já estava a enviar uma mensagem com uma encomenda de mercearia enquanto estávamos aqui sentados. Gostas de marisco, Harrison?

– Sim – diz Harrison, com um tom hesitante.

– Ótimo, esta noite vou fazer um prato de marisco à moda da região... camarão e salsicha *andouille*, milho, cebola, batatas... tudo. Vai ser delicioso.

– O Jake é um ótimo cozinheiro – acrescento eu.

– Oh, merda... pois é – diz Jake com uma gargalhada. – Tu és cozinheiro. Bem, eu não tenho uma estrela Michelin, mas desenrasco-me bem.

– Tenho a certeza de que vai correr tudo bem – responde Harrison.

Eu levanto-me, respirando fundo. Isto é ótimo. O meu gêmeo chegou inesperadamente e vem para a casa de praia onde vivo com três homens e um cão. A Internet está a especular sobre o estado das minhas relações, tenho uma diretora de relações públicas da NHL em modo de «gestão» e o destino das carreiras de quatro pessoas está agora em jogo.

Isto é ótimo. É o que os animais dos desenhos animados dizem sempre antes de a bigorna cair do céu, certo? Vai correr tudo bem.

RACHEL

—Estás bem? – murmura Ilmari com a mão afagando a minha anca quando estamos na cozinha a lavar pratos.

Aceno com a cabeça, as minhas mãos na água com detergente a esfregar um prato antes de lho entregar.

Ele aceita silenciosamente.

– Estás preocupada.

– Claro que estou – respondo, sem ousar olhar para ele. – Isso é insustentável. Todos nós sabemos disso.

Assim que o Harrison saiu para o pátio das traseiras para atender uma ligação do seu restaurante, Caleb contou-nos a versão do que aconteceu na lavandaria esta manhã com o Novikov e o Morrow. E eu contei aos rapazes o que aconteceu com a Poppy no meu escritório.

Jake agarrou no seu telefone, e entrou de imediato na Internet para verificar os mexericos por si mesmo. Ele está no modo «minimizar» desde então.

– Tudo bem, querida – disse ele, pelo menos dez vezes. – Não é nada demais. – Disse isso enquanto saía da porta, determinado a ir buscar gelado para todos, que aparentemente é a sua cura para qualquer crise ou doença.

Nada demais. Certo. Os jogadores da NHL estão a espalhar o boato de que o Jake e o Caleb finalmente se declararam *gays*. Enquanto isso, os tabloides de celebridades dizem que estamos num trágico triângulo amoroso. A fofoca só encontra combustível com os coelhinhos, sem dúvida graças a criaturas encantadoras como Aspen Albright. Em menos de 24 horas, aparentemente espalharam o boato de que rejeitei a proposta de Jake em favor de Caleb. Estão a chamar-me louca por trocar um jogador pelo responsável de equipamento, dizendo todo o tipo de coisas horríveis e depreciativas sobre

Caleb e sua posição.

O único que parece ter escapado até agora é Ilmari. Graças a Deus. Ele não precisa dessa atenção agora. Não enquanto os olheiros da FIHA ainda aqui estiverem.

– Acho que tens de te distanciar – murmuro, ainda sem olhar para ele.

– O que é que isso significa?

Soltando um suspiro trémulo, olho para cima.

– Tu ainda não foste arrastado para isto. Ainda podes escapar.

– Escapar?

– Por favor, Mars – pressiono, sustentando o seu olhar. – Eu sei o quanto trabalhaste duro para manter a tua privacidade intacta. Mas nada sobre mim é privado. Quem me dera que fosse – acrescento com toda a sinceridade que consigo reunir. – Mas nunca tive esse luxo.

Ele fica imóvel por um minuto antes de dizer:

– O que significa distância, Rachel?

Eu estremeço, odiando o facto de ele usar o meu nome verdadeiro.

– Mars, esta não tem de ser a tua luta. Tens uma carreira em que pensar. Não apenas o teu contrato com a NHL, mas também as Olimpíadas, lembraste? Se isto piorar, se fores arrastado...

Abano a cabeça, com lágrimas nos olhos.

– Não tenho medo de revistas de celebridades – murmura ele.

– Não é com os jornais que te deves preocupar, Mars. É com a NHL. Há todo um mundo de fãs de hóquei por aí que não nos entendem. Eles vão tornar-se cruéis e maldosos e tentarão derrubar-nos. Pergunta ao Harrison se não acreditas em mim – digo, apontando para as portas de vidro onde podemos vê-lo a andar ao telefone. – Já começou com o Jake e o Cay... todos esses rumores sobre eles serem *gays*. E não são apenas *blogs* e *hacks* de comunicação social, Mars. São outros jogadores. Tu ouviste os mexericos esta manhã. Tiveste de acabar com isso.

– Os novatos têm de aprender a manter a boca fechada – murmura ele sombriamente.

– Isto é mais do que alguns novatos a fofocar e tu sabes disso. Se os rumores piorarem, a FIHA vai abandonar-te, Mars. Eles escolherão uma opção mais segura, alguém que não esteja vinculado a uma tempestade humana imparável de má imprensa.

– Então... estás a dizer-me para ir embora?

O seu tom de voz está a abalar-me.

– Não estou a dizer para fazeres nada. Eu não quero que te vás embora, eu... meu Deus... – afasto-me dele, enfiando as mãos novamente na água com detergente e esfregando furiosamente o próximo prato.

Sinto os seus olhos sobre mim, desafiando-me a olhar para ele.

Sou salva pela porta da frente. A campainha toca quando a porta abre e fecha.

– Ei, querida, eles não tinham o sorvete de que tu gostas, mas encontrei

este de leite de amêndoa! – grita Jake da entrada. – Tem pedaços de massa de biscoito e eu pensei... uau... o que diabo está a acontecer? – Ele entra na cozinha, Caleb vem logo atrás com *Poseidon* nos calcanhares. Os seus olhares preocupados deslocam-se entre mim e Ilmari.

Caleb deixa cair o saco de sorvete na ilha.

– O que aconteceu?

– A Rachel quer que me vá embora – murmura Ilmari.

– Que raio? – suspira Jake. – Rach...

– *Kulta*, não – digo eu, agarrando o seu braço. – Estou a tentar protegerte...

– Estás a tentar controlar-me – rosna ele, afastando-se. – Estás a tentar tomar decisões por mim. Eu tomo as minhas próprias decisões, Rachel.

– Mas eu não aguento – sussurro, abanando a cabeça. – Não suporto a ideia de arruinar a tua vida. De te arrancar algo que passaste a vida inteira a proteger. Tu queres privacidade, Ilmari. Queres que o hóquei seja a história da tua vida e não a pessoa com quem tens uma relação. Tu queres jogar nas Olimpíadas...

– Eu quero-te a ti – rebate ele, agarrando-me pelos ombros. O calor de sua raiva crepita como fogo. Estamos ambos ofegantes, a minha cabeça inclinada para trás enquanto observo os seus tempestuosos olhos azuis.

– Mars – sussurro, tentando colocar tudo o que sinto em palavras.

– Não me chames isso outra vez – rosna ele. – Tu nunca mais me chames isso. Eles podem, mas tu não.

Eu suspiro, confusa.

– Mars, o que...

– Esse não é o meu nome – grita ele. – A minha parceira chama-me pelo meu nome. Diz.

Eu sacudo em seus braços com o coração a bater fortemente.

– Ilmari – digo de imediato.

– Diz outra vez.

– Ilmari.

– Quem sou eu para ti, Rakas? – pergunta ele, baixando a sua voz, aprofundando-a com um sentimento tão grande. – Quando as pessoas perguntarem quem eu sou, o que lhes dirás?

Eu levanto os meus braços, pressionando as minhas mãos contra o seu peito, a minha mão direita aberta sobre o seu coração. Ele bate furiosamente na minha mão.

– Queres controlo? Queres ter uma palavra a dizer sobre o que vai acontecer a seguir? Então diz-me o que queres. Quem queres ser para mim...

– Quero que deixes de ter tanto medo – grita ele, com as duas mãos no meu rosto, mantendo-me presa. – Não te podes esconder a vida toda, Rakas. Não podes impedir que as coisas más aconteçam... a ti, ao teu irmão, a qualquer um de nós. Eu sei porque vivi como tu, a tentar manter a minha vida secreta. Na verdade, tudo o que fiz foi construir uma gaiola para mim. E

depois fiquei preso dentro daquela gaiola e disse a mim mesmo que as barras não eram reais.

As suas palavras dilaceraram-me, minando até chegar às verdades ocultas que mantenho enterradas tão profundamente. Porque ele está certo. Deixei os meus medos tornarem-se numa gaiola. Medo de falhar. Medo de perder o controlo... de mim mesma, da narrativa em meu redor, do meu sucesso. Medo do desconhecido. Medo de dececionar a minha família. Medo de ser sempre conhecida como a Price inútil e sem talento.

– Tenho medo – admito, com as lágrimas a escorrer-me pelo rosto. – Acho que tive medo durante toda a minha vida.

Ele abana a cabeça, levantando o polegar grande para me secar as lágrimas.

– Então é isso que eu quero, Rakas. Quero ser eu quem carregará o fardo dos teus medos. A tua dúvida, a tua preocupação, a tua insegurança... põe tudo isso sobre os meus ombros. Eu sou suficientemente forte. Eu não me vou curvar. Eu não vou quebrar. Vou carregá-los para ti para que possas ser livre, *mun leijona*.

As lágrimas continuam a cair. Agarro o seu pulso, inclinando-me para o seu toque.

– O que é que isso significa?

– Significa «minha leoa» – responde ele. – Porque é isso que és para mim e sempre foste: uma leoa destemida e de cabelos escuros. Olha para ti própria através dos meus olhos, Rakas. Através dos olhos do Jake. Dos olhos do Caleb.

Eu abano a minha cabeça. Eu quero ser suficientemente forte. Quero acreditar que posso ser essa pessoa que todos veem.

– Eu vejo-te, *mun leijona*. Eles também te veem – acrescenta ele, apontando para Caleb e Jake. – Tu enfrentarias qualquer perigo por aqueles que amas. Escalavas qualquer montanha, saltavas de qualquer penhasco. Um amor como o teu é selvagem e perigoso. Precisas de homens que não procurem dominar ou quebrar o teu espírito. Precisas de homens que te protejam. Que te proporcionem um espaço seguro para amares tão livremente quanto o teu coração permitir. Nós somos esses homens.

Jake e Caleb contornam a ilha, ficando ao lado dele. Estou a chorar agora, as lágrimas horríveis escorrem pelo meu rosto enquanto estendo a mão para os dois e lhes agarro as camisolas. A mão de Caleb vai para meu ombro, enquanto Jake segura o meu rosto, olhando para mim com tanta ternura.

– Coloca-te sob os nossos cuidados e nunca deixaremos de lutar por ti – diz Ilmari. – Nunca nos desviaremos, nunca vacilaremos. Não procuraremos nenhuma saída. Ama-nos e vê como nós te retribuímos esse amor. Uma família. Uma unidade. Inquebrável.

Olho para o Jake, à espera de que ele fale.

As suas mãos acariciam suavemente a pele macia do meu rosto.

– Tu sabes que eu te amo, Rachel. Posso não dizer isso de forma tão

extravagante como o Senhor Sotaque Europeu aqui... o que, a propósito, obrigado por isso – acrescenta ele para Ilmari com um olhar furioso. – Tu não falas dez palavras juntas por semanas. Mas depois, nas duas vezes em que falas, fazes discursos que deveriam ser impressos e vendidos com um teste de gravidez caseiro gratuito...

– Concentra-te, Jake – murmura Caleb, abanando a cabeça.

– Certo, merda... – Ele vira-se para mim, e eu não posso deixar de sorrir com as suas travessuras. – Querida, amo-te – diz ele, acalmando o ambiente. – Tu és a porra do meu mundo inteiro. Mas manter isto em segredo está a matar-me. Estou tão cansado. Quero aparecer contigo... com eles também – acrescenta. – Estou dentro. Quero ser dono desta história e continuá-la. Quero mostrar a todos os que duvidam que isto pode funcionar.

Mas depois ele olha com cautela para Caleb.

– O que achas? Tu és o mais privado de todos nós. O que estamos a fazer aqui pode ficar muito intenso. Isto vai arrastar-te para os holofotes inclementes...

Encaro Caleb, agarrando-lhe a mão.

– O Jake não está a ver a imagem toda – digo eu. – A imprensa vai piorar antes de melhorar – explico. – Como seremos uma novidade, o escrutínio também durará o dobro. Eles vão caçar fantasmas do nosso passado... ex-namorados, familiares, amigos, ex-companheiros de equipa. Vão contar histórias escabrosas. Vai ser horrível – admito, com o coração na boca.

– Todos vocês vão estar a arriscar os vossos empregos todos os dias – continuo. – A família pode voltar-se contra vocês, os amigos vão distanciar-se. Os companheiros de equipa, treinadores, patrocinadores... caramba, toda a Liga pode voltar-se contra vocês. – Mantenho o meu olhar em Ilmari e Jake. – Tudo aquilo que trabalharam uma vida inteira para conseguir... eles podem tirar-vos. Com bastante publicidade negativa, eles vão enterrar-nos vivos.

– Os nossos empregos estão em risco – responde Ilmari. – Se dissermos que vale a pena correr o risco, podes confiar em nós que cuidaremos disso.

– Eu não valho a pena – sussurro, com as lágrimas a arder nos olhos novamente. – Eu não valho isso...

Caleb aproxima-se, agarrando-me pelos ombros.

– Já chega. Está bem? Não te atrevas a dizer isso outra vez. Rachel, isto não é só sobre ti ou ainda não percebeste isso? Não estamos a arriscar tudo por ti. Estamos a arriscar por isto – diz ele gesticulando. – Por nós. Podemos chamar-te rainha quando estiveres a montar os nossos paus, e Deus sabe que vamos tratar-te como tal, todos os dias, pelo resto da porra da tua vida, se calares a boca e nos deixares fazê-lo, mas isto é uma democracia. Estamos todos nisto pelos nossos próprios motivos. – Ele olha para os outros. – Eu digo para votarmos.

Eu suspiro.

– Votar?

– Sim. Votamos para revelar tudo – explica. – Chega de esconder. Chega de segredos – acrescenta ele, sustentando o meu olhar, o seu duplo sentido muito claro. Oh, meu Deus, ele vai fazer isto. Ele está pronto para dizer ao Jake como se sente.

– Tu sabes o meu voto – diz Jake. – Desde Seattle. Vou a todas as minhas plataformas sociais agora mesmo e gritar bem alto...

– Não – diz Caleb rapidamente. – Deixamos passar o jogo de amanhã. Os olheiros finlandeses ainda estão cá por causa do Mars. E amanhã é Toronto – acrescenta.

O olhar de Jake torna-se sombrio.

– Nem me lembres, porra.

– Deixamos passar amanhã – diz Caleb novamente. – Depois delineamos um plano. – Ele olha para todos nós. – De acordo? Ninguém diz uma palavra até depois de amanhã.

Ilmari acena com a cabeça, os braços cruzados sobre o peito.

– Tudo bem – concorda Jake.

Caleb olha para mim.

– Furacão?

Concordo com a cabeça, respirando fundo. Depois de amanhã. Significa que esta é a nossa última noite de paz e sossego. A calmaria antes da tempestade.

– Vamos todos para a praia – digo. – Vamos caminhar sob a lua cheia, só nós e o oceano.

– E o Harrison? – pergunta Jake, olhando por cima do ombro para onde o meu irmão ainda está do lado de fora, gesticulando loucamente enquanto grita ao telefone, sem dúvida fazendo um *chef* chorar.

Eu sorrio.

– Ele pode ficar a tomar conta do Sy até nós regressarmos. Neste momento, eu só quero estar com os meus homens.

JAKE

Dia de jogo. Vamos jogar contra os Toronto Maple Leafs e estou desorientado. Fico sempre agitado quando jogo contra Toronto. É psicológico. Que raio, não estou com vontade de me deitar num sofá e falar do meu trauma. Há um trabalho a fazer e eu vou fazê-lo.

O Harrison vai partir. A Rachel está a caminho do aeroporto com ele para se despedir antes de ele embarcar no jato particular do pai. Estou a tentar não ter ciúmes dela. A Amy teve de cancelar os seus planos de férias, o que significa que talvez só a veja no verão. É muito tempo.

Incapaz de resistir, tiro o meu telefone do bolso e ligo-lhe. Como se estivesse à espera disso, ela atende ao primeiro toque.

– Olá, mano.

– Olá, Am. – Não sei o que dizer mais. Eu só preciso de ouvir a voz dela.

– Jogas hoje contra Toronto – diz ela, no meio do meu silêncio.

– Sim. Estou a caminho do estádio agora.

– Como está o Cay?

Como raio posso saber? Ele é impossível de ler. Em contrapartida, eu sou um livro aberto que não esconde nada na manga. Ele já me disse para relaxar três vezes esta manhã.

– Está bem – respondo.

A Amy suspira ao telefone.

– Alguma vez fica mais fácil?

Verifico a minha faixa enquanto mudo.

– Não.

– Queres conversar sobre isso? Ou podemos conversar sobre a tua nova namorada...

– Am, acho que posso ser bi – deixo escapar, interrompendo-a. – Ou... eu nem sei, porra! Esquisito, talvez. Eu odeio rótulos. E eu não gosto de homens.

– Tudo bem – responde ela gentilmente. – Então, não te sentes bi, mas achas que podes ser? Porquê?

Eu suspiro, fazendo outra curva só com uma mão no volante, a esquerda a segurar o telefone.

– Tu sabes por que razão.

– Caleb – responde ela. – Sempre foi o Cay. Ele é a tua lagosta.

Eu abano a cabeça. Tudo com a Amy tem de ser uma referência do *Friends* ou uma citação de um filme.

– Eu não sou *gay* – digo novamente.

– Mas a comunicação social diz que és – murmura ela. – As notificações do meu telefone enlouqueceram no outro dia.

– Sim – murmuro. – E haverá muito mais disso em breve.

– O que é que queres dizer? Jake, está tudo bem? Isto é sobre a rapariga? A filha da estrela de *rock*?

– Amy, ela é a Rapariga de Seattle.

Ela arqueja.

– Oh, meu Deus!... porque não disseste nada? – exclama ela. – Como é que o Caleb reagiu? Nem consigo imaginar como devia estar chateado. Oh, meu Deus, é isso que queres dizer? Esta é uma situação Edward-Jacob-Bella? Vou ter de apanhar um avião e dar um soco numa roqueira por partir o coração do meu irmão...

– Amy, não – interrompo-a. – Não, não é bem assim. É... – Respiro fundo. – *Okay*, estás sentada?

– Jake, estás a assustar-me...

– Estamos juntos – digo. – Nós os três. Nós... ela... não é um triângulo amoroso e não é horrível ou assustador. É perfeito. Amy, nunca fui tão feliz.

– Vocês estão juntos – repete ela. – Os três? Ou seja, estás com ela e com ele e...

– Ele está com ela – acrescento. – Sim, e há um terceiro tipo. Tu conheces o Mars Kinnunen, o guarda-redes?

– Também estás com o teu guarda-redes?

– Não – digo a rir. – Quero dizer, ele está com ela, mas não está connosco. Quero dizer, ele está connosco no sentido em que vivemos todos juntos, mas... eu acho que não estou a explicar isto bem.

– Ele é o teu *metamour* – responde ela.

– O meu meta... o quê?

– *Metamour* – repete ela com uma gargalhada. – É o termo poliamoroso para o parceiro do seu parceiro.

– E como diabo sabes o que são *metamours*?

– Porque sou uma cientista culta e culturalmente sensível que viaja pelo mundo – responde ela. – E sou conhecida por também me envolver em

relacionamentos poliamorosos.

Endireito-me como uma flecha e quase deixo cair o telefone.

– Que raio é isso, Amy. Estás a falar a sério? Estou mesmo assustado agora.

– Não estoures um pulmão – ri-se ela. – Lembra-te de que tens um jogo para jogar esta noite.

– Amy...

Ela suspira.

– Eu não te conto tudo sobre mim, Jake. Experimentei na faculdade e tenho namorado bastante recentemente. Tu sabes, a tentar preencher aquele vazio solitário na minha vida. Nada de muito louco – acrescenta ela. – Nada como ir morar com o guarda-redes, o responsável pelo equipamento e a minha médica de medicina desportiva. A propósito, como está o sexo? Aposto que é irreal – brinca ela.

Luto para suprimir as memórias para que o meu pénis não fique duro enquanto estou ao telefone com a minha irmã.

– Amy, o grito que eu podia dar nesta porcaria de carro agora.

– Assim tão bom, hã? – ri-se ela.

Eu gemo, lutando contra a imagem dos seios de Rachel a saltar na minha cara enquanto ela monta o meu pau com o Mars a comê-la por trás.

– O melhor sexo da minha vida. Eles matam-me sempre. Eu nunca mais vou voltar atrás. Nunca. Eles são tudo para mim.

– Fico feliz por ti, Jake. E mal posso esperar para conhecer a tua Rapariga de Seattle.

Sinto a hesitação na sua voz. Estou pronto para isso quando ela diz:

– Mas... como é que tudo isso vai funcionar? Não consigo imaginar que os teus fãs sejam suficientemente esclarecidos para apreciar as *nuances* da tua repentina conversão ao poliamor *queer*.

– Estamos a trabalhar nisso – respondo.

– Tu estás a trabalhar nisso? O que é que isso significa?

– Isso significa que temos um plano e que vamos revelar tudo e vamos ficar bem.

– Espera, revelar... vais revelar ao público?

– Bem, não posso deixá-los divulgar sem mim – digo. – Estamos a morar na minha casa, Amy.

– Queres que eles se revelem sem ti?

– Porra, não! – rosno. – Eu estou nisto. Até o fim. Até que a morte nos separe, entendes?

– Sim... mas isso é só com a Rachel? Estás totalmente de acordo com a Rachel e aprovas que ela tenha outros amantes e que todos vocês coabitem... ou estás totalmente de acordo com o Cay e com o teu guarda-redes também?

– O Mars é hétero – digo rapidamente. – E ele não é o meu tipo. Eu disse-te. Eu não gosto de homens.

Ela suspira.

– Então, onde encaixa o Caleb?

– Ele é meu. – As palavras saem por instinto e descubro que não há mais nada a ser dito. É a verdade. O Caleb Sanford é meu. Eu quero que ele seja meu de todas as maneiras. Mas tenho medo. Estou a segurar-me. Este peso que carrego, este maldito trauma que me corrói, vai-me sufocar se eu deixar.

– Tens de falar com ele, Jake.

– Não. Não no dia de Toronto. Não posso.

– Talvez hoje seja o melhor dia – rebate ela. – Em alguma altura terás de tratar disso. Tenho a certeza de que se falares com o Caleb, ele dirá o mesmo.

Fico sentado em silêncio, o único som é o clique do pisca.

– Tenho medo – admito.

– Medo de quê?

– Medo de não ser suficiente. Medo de que eles não precisem de mim como eu preciso deles. Não posso dizer ao Cay como me sinto. Não posso arrancar outro bocado do meu coração e dar-lho a ele. Não quando ela já tem uma parte.

– Porque é que não podes dar um bocado a ele também?

Porra, agora tenho as lágrimas a arder-me nos olhos. Luto contra elas, admitindo as minhas verdades mais profundas e sombrias à minha irmã gémea.

– E se ele não me amar da mesma maneira que eu o amo? E se ele só quiser ser meu amigo...

– Ele ama-te, Jake.

Eu abano a cabeça.

– Não, ele é tão difícil de ler.

– Jake, escuta-me – diz ela, com a voz firme. – O Caleb Sanford está apaixonado por ti. Pergunta-lhe e ele dir-te-á.

– Eu não mereço isto – sussurro. – Eu não mereço as coisas boas que me acontecem...

– Jake, para...

– Ele merecia mais – digo finalmente, deixando cair uma lágrima enquanto revelo a minha verdade mais profunda. – Ele era melhor, mais rápido, mais forte...

– Jake...

– Eu não posso ter tudo, Amy. Não é assim que a vida funciona. Não estamos destinados a ter todos os nossos sonhos realizados. É demasiado fácil. Demasiado injusto.

– E depois... o quê? – suspira ela, claramente farta da minha autocompaixão. – Vais castigar-te a ti próprio e ao Caleb no processo? Acontece uma coisa má e resignas-te a uma vida inteira de quase-felicidade? Isso é uma idiotice, Jake. E é totalmente injusto para o Caleb. Fala com ele. Faz isso hoje. Põe um ponto final neste capítulo horrível e vira a página.

Suspiro, estaciono no lugar que me foi atribuído no parque de estacionamento e desligo o motor. Fico ali sentado, a olhar para o pilar de

betão cinzento à frente do meu carro.

– Porque é que és tão inteligente?

– Porque eu reabsorvi metade das tuas células cerebrais no útero.

Eu sorrio, abanando a cabeça.

– Não é assim que a ciência funciona.

– Como é que tu sabes, idiota? Tu ganhas a vida a bater num pedaço de borracha com um pau.

Eu rio-me.

– Sim, a rapariga cientista com cérebro de robô que nem sequer consegue aquecer comida no micro-ondas.

– Isso aconteceu unicamente uma vez e o micro-ondas estava avariado – responde ela com um suspiro indignado.

Ficamos sentados em silêncio durante mais um minuto, apenas a partilhar as ondas da chamada.

– Amo-te, Amy – murmuro. – Tenho saudades tuas.

– Jake, não fazes ideia. Manda-me fotos com mais frequência, sim? E quero conversar por vídeo com a tua nova rapariga em breve. E também quero conhecer o guarda-redes como deve ser.

– Vem para casa – digo eu, inclinando-me para a frente, com um braço dobrado sobre o volante. – Eu compro os bilhetes. Faz o que tiveres de fazer, mas... preciso de te ver. Preciso que conheças a Rachel.

– Jake – suspira ela, pronta para me dizer não.

– O que estamos prestes a fazer é realmente assustador, Amy – digo eu. – A mãe e o pai não vão perceber e... porra... – suspiro, baixando a testa para o meu braço. – Tenho medo. Estou a falar muito bem, mas não quero que as coisas mudem com as pessoas de quem gosto. Por favor, não me deixes de fora.

– Jake, nunca – diz ela. – Estás a ouvir-me? Não há nada que possas fazer que me leve a afastar-me de ti. E o mais importante é amar as pessoas que estás destinado a amar. Se eles são a tua família agora, então também são a minha família.

Sorrio, sentindo um pouco de leveza no meu peito.

– Ela também é gémea.

Amy ri-se.

– Oh, meu Deus, claro que é. Vou odiá-la?

Eu penso por um minuto.

– Hum... quer dizer, são ambas cientistas... ambas gostam de cães e de ioga.

– Tudo me soa bem até agora.

Eu resmungo, lembrando-me da noite em que nos conhecemos.

– Ela é uma rapariga de horóscopos.

– Bem, merda – murmura Amy. – Não é uma ofensa capital, acho eu. Mas se ela tentar comparar os nossos signos lunares, reservo-me o direito de lhe dar um murro nas mamas.

– Não te posso deixar fazer mal às mamas – digo com um sorriso suave.
– São demasiado perfeitas. Para além disso, ela é muito desastrada. Não comeces algo que não possas acabar.

– Anotado – responde ela. – Ei, Jake?

– Sim?

– Tu mereces todas as coisas boas da vida. Não esperes que elas venham ter contigo. Sai e vai buscá-las.

As lágrimas voltam a pesar-me nos olhos.

– Vou comprar-te um bilhete. Vais voltar para casa.

– Estou demasiado ocupada.

– Estás sempre muito ocupada. Mas vens na mesma.

– Se eu voltar para casa, talvez nunca mais saia – admite ela, com a voz embargada.

– Ótimo – digo num suspiro. – Adeus, Amy.

– Adeus, Jake. Patina bem esta noite. E fica bem.

Fica bem.

É mais fácil falar do que fazer quando se joga hóquei profissional. Há um risco de lesão em cada treino, em cada jogo. Como defesa, dou mais golpes do que os que levo, mas qualquer um deles envolve potenciais danos. E com Brett Durand no gelo esta noite, ninguém está a salvo.

CALEB

O jogo começa dentro de trinta minutos, e nada posso fazer para me manter firme. As palmas das minhas mãos estão pegajosas e o meu pulso está a zumbir de forma errática. O som ecoa nos meus ouvidos neste corredor vazio.

Tecnicamente, o problema não sou eu. É o raio do Jake. Não suporto vê-lo jogar contra Toronto. Noutros anos, eu simplesmente não assistia a estes jogos. Fingir que não está a acontecer não é uma opção esta noite, porque agora sou o raio do responsável pelo equipamento dele. Tenho de cá estar. Tenho de fazer o meu trabalho.

Já combinei com o Jerry que ele vai ficar no banco esta noite. Posso ter de estar no pavilhão, mas não posso estar no gelo. Não, esta noite serei eu o corredor. Vou ficar ocupado no balneário e evitar olhar para as televisões.

– Ei, Caleb! Preciso de umas pretas de duas polegadas, meu. Podes ajudar-me? – O novato Nate vem a correr. É um bom rapaz, com uma clara paixão pelo hóquei, mas está apenas a aprender a rotina de um dia de jogo atarefado.

O meu joelho dói-me quando me agacho, remexendo na caixa que tenho aos meus pés. Praguejando, agarro numa mão-cheia de rolos de fita adesiva preta de duas polegadas e entrego-os a Nate.

– Fixe. Obrigado, pá.

– Diz ao Jerry que vou subir com a caixa das lâminas daqui a dez minutos! – digo.

Passo pela esquina onde se encontra a máquina de afiar lâminas, sozinha. Ao ligar o interruptor, a máquina ganha vida. Coloco os meus óculos de proteção e respiro fundo.

– Ei – uma voz chama-me atrás de mim.

Dou um salto, desligo o interruptor e olho por cima do ombro. A Rachel

está ali, com o seu uniforme dos Rays a condizer. Esta noite tem os seus óculos, maquilhagem mínima e o cabelo num rabo-de-cavalo. Adoro ver que já não tem aversão a usar o seu *piercing* de nariz. Agora, quase nunca o tira.

Olhando para cima e para baixo no corredor, com um sorriso malicioso no rosto, ela levanta-se na ponta dos pés e beija-me. Só uma carícia rápida como se fosse um hábito.

– Para que é que foi isso? – murmuro, absorvendo a sensação da sua proximidade. – Porque te amo – responde ela. – Preciso de outra razão?

Solto um suspiro, abanando a cabeça. A presença dela ajuda. Tê-la tão perto está a acalmar-me. Raios, sou tão mau como o Jake. Estou prestes a pedir-lhe um maldito abraço.

– Estás pronto? O jogo está quase a começar – diz ela, ainda a sorrir. Ela não sabe que algo está errado. Nós não lhe dissemos. Eu não quero que ela saiba.

– Quase pronto – digo eu, voltando a minha atenção para a caixa de lâminas.

O espetáculo de pré-jogo já começou, a batida pulsante da música faz vibrar as paredes. Sinto-o no meu peito, como o bater de cem martelos contra os meus ossos.

– Vais estar no banco esta noite? – pergunta ela, encostada à parede, de braços cruzados.

– Não – murmuro. – E tu?

– Sim, o Tyler pediu-me para ser a responsável esta noite. Ele está a tratar do Davidson e do seu possível dedo partido.

Coloquei a lâmina de Morrow novamente na caixa.

– O Davidson partiu o dedo? Quando... o Mars está bem...

– Ele está ótimo – diz ela rapidamente. – O Kelso está a mudar de roupa agora. O Ilmari está bem. Ele está na zona. Normalmente tento evitá-lo antes do jogo – diz ela com um encolher de ombros. – Honestamente, estou a evitar os dois esta noite. O Jake está muito maldisposto. Aconteceu alguma coisa?

– Deixa-o em paz – murmuro, a minha atenção concentrada novamente nas lâminas que tenho na minha mão enquanto tento lembrar-me de como respirar. Foda-se, ela tem aqueles olhos e aquela cara. Ela vai pressionar-me com perguntas. Não posso falar sobre isso agora.

– Porquê? – pergunta ela. – Cay, o que é que se passa?

– Nem penses nisso – digo eu, interrompendo-a.

Ela recua, inclinando-se para o lado surpreendida com as minhas palavras duras.

– Caleb...

– Olha, ele tem um histórico desastroso com Toronto, *okay*? Só... quanto mais cedo este jogo acabar, melhor.

Ela olha para mim com aqueles olhos escuros tão abertos e honestos. Nem me apercebo de que os seus dedos estão a tocar a manga do meu antebraço. Tenho de a calar, ou ela vai obrigar-me a abrir-me.

– Precisas de falar sobre isso?

Caramba, estou mesmo apaixonado por esta mulher. Ela não está a pressionar, não está a forçar. Ela está somente a perguntar. Está a oferecer-me a sua mão. Está a fazer com que a escolha seja minha. Está sempre a dar-me a opção de fazer mais, de aceitar mais, de ter mais.

Abano a cabeça.

– Deixa estar. Por favor... – Nem sequer sei o que estou a pedir.

Por favor, vai-te embora. Por favor, fica. Por favor, abraça-me. Por favor, faz com que deixe de doer.

– O que é que precisas de mim? – pergunta ela. Outra vez o apoio, a lealdade inquestionável. Ela está a quebrar-me sem sequer tentar.

– De nada. Olha, tenho de acabar isto – digo, apontando para a caixa.

– Está bem. – Ela afasta a mão, dando um passo atrás. Está a dar-me o espaço que estou claramente a pedir, mas eu também quero que ela salte para cima de mim como fez na primeira noite em que nos conhecemos. Quero senti-la em todo o lado, o seu cheiro, o seu calor, a textura suave e sedosa do seu cabelo. Quero que a essência dela apague a mácula desta noite stressante.

Quando ela se afasta, chamo-a.

– Ei, Furacão...

Ela vira-se, olhando por cima do ombro.

– Hum?

– Queres foder como animais no chuveiro mais tarde? – digo, encontrando a vontade de lhe dar o sorriso que eu sei que inicialmente ela veio à procura.

Ela suspira, retribuindo o sorriso, e isso faz com que me seja um pouco mais fácil respirar.

– Pensei que nunca mais ias perguntar. Vemo-nos por aí, Sanford.

Aceno com a cabeça, vendo-a partir, antes de voltar a minha atenção para o afiador de lâminas. Ao ligar o interruptor, ele começa a funcionar. O som ajuda a abafar o martelar incessante do meu coração no peito.

Um jogo da NHL dura sessenta minutos. Três períodos de vinte minutos cada. Com três pares de defesas em constante rotação, são cerca de vinte minutos de jogo ativo para o Jake, mais se ele e o J-Lo patinarem bem esta noite. Vinte minutos em sessenta que ele vai estar no gelo. Vinte minutos em sessenta, durante os quais o meu coração deixará de bater.

Vinte minutos... a minha própria vida mudou em pouco mais de sete.

ILMARI

Algo se passa com o Jake. Normalmente ele é a alegria do balneário. Está sempre a distrair-me, a fazer perguntas, a roubar-me a fita. Antes da Rachel, as nossas conversas limitavam-se ao hóquei. Agora ele pergunta-me tudo o que lhe vem à cabeça.

Como é que se diz hipopótamo em finlandês?

Qual é o teu tipo de sushi preferido?

Esta noite não. Esta noite, ele estava silencioso como uma sepultura, a fazer a sua preparação antes do jogo, a enrolar os *sticks*, a preparar-se, a fazer alongamentos, a colar as caneleiras. Agora está no gelo, a rondar como um tubarão esfomeado.

Gosto de ver filmes de terror. Este é o momento do filme em que o público tem a sensação de que o herói pode ter sido possuído por alguma força obscura. Enquanto faço a minha rotina de alongamentos no gelo, estou sempre a olhar para ele, à espera de ver o branco dos seus olhos.

Sei que a Rachel também reparou. Ela está no canto do banco, com o *tablet* na mão, a vê-lo patinar com um ar preocupado. Gostava que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para aliviar os seus medos.

Mas não posso pensar neles agora. Tenho de me concentrar no meu jogo. Há uma razão para os olheiros da FIHA quererem vir a este jogo. Toronto também tem um jogador finlandês: Timo Mäkinen. É um avançado-direito e também o estão a observar. Querem ver como é que ele joga contra mim. Querem vê-lo marcar golos ao Urso.

Gosto do Mäkinen, é um bom jogador. Mas o inferno vai congelar antes que eu lhe dê um ponto esta noite. Estou a vê-lo agora no outro lado do gelo. Número 27. Ele é rápido. Bom trabalho de pés, bom manuseamento do disco. O treinador Tomlin e eu revimos todas as suas filmagens recentes. Ele gosta

de preparar os seus remates. Se a minha defesa o fizer correr, ele fica desleixado.

– Compton! – grito do meu lugar no gelo, esticado numa abertura total.
– Compton!

Jake patina, deslizando até parar na minha frente.

– O que é? – A nuvem de tempestade que se forma sobre a sua cabeça parece pronta a desencadear o caos.

Eu rolo para a frente no gelo, deslizando as pernas para trás até ficar numa posição ajoelhada.

– Vês o número vinte e sete?

Ele olha para o gelo, com os olhos semicerrados.

– Sim. Mäkinen. Ele também é finlandês, certo?

Eu aceno com a cabeça.

– Ele não pode marcar esta noite.

O olhar negro de Jake dirige-se para mim.

– Tens alguma coisa contra ele?

– Não. Mas os olheiros querem que ele marque contra mim esta noite. Não vais deixar que isso aconteça. Pressiona-o a fazer lançamentos desleixados. Diz aos outros.

Ele acena com a cabeça, ainda todo profissional.

Eu levanto-me assim que ele se vira, pronto para patinar.

– Ei...

Ele vira-se para trás e eu patino, com o meu bloqueador a tocar no seu ombro quando chego.

– Não sei o que se passa. Não vou perguntar. Só tenho uma pergunta: estás cá?

Ele olha-me de frente, as sobrancelhas escuras estreitam-se e ele faz uma careta.

– Que raio quer isso dizer?

– Estás cá? – repito. – Estás no gelo esta noite? Porque se não estiveres, vou agora mesmo ter com o treinador e mando-te para o banco.

Ele encolhe os ombros e afasta-se de mim.

– Estou cá, Mars. Estou mesmo aqui, porra.

Contra a sua vontade. Vejo-o em toda a sua expressão. Ele não quer estar aqui. Está zangado e assustado. Algo está definitivamente errado.

– Porque é que não jogas o teu jogo e eu jogo o meu? – murmura ele. – É o que estás constantemente a dizer-me, não é?

– Jake...

O apito soa. O nosso tempo acabou. Temos de nos colocar em posição. Ele patina e eu vejo-o partir.

Respiro fundo e empurro o meu patim, deslizando pelo gelo até à zona de jogo. Faço o meu ritual de raspar o gelo, batendo em cada lado da baliza com o meu *stick* quando termino. Depois olho para baixo, para a minha esquerda, com o olhar fixo naquela linha vermelha de dois centímetros de

espessura. A linha de golo. Inspiro profundamente e deixo sair o calor da minha respiração, enchendo a minha máscara. Nada vai cruzar essa linha esta noite.

JAKE

Patino para a minha posição inicial. Defesa esquerdo. Paralelamente a mim, J-Lo patina até parar. Encontramo-nos e acenamos com a cabeça. Ele está a postos, pronto para o lançamento do disco. À nossa frente, Langley, Sully e Karlsson também estão em posição.

Olho para o defesa do Toronto à minha frente e o meu sangue arrefece. O número 60, Brett Durand. Ele é grandalhão, com a constituição de um jogador de rãguebi: ombros largos, pescoço grosso. E avança como um camião.

Joguei contra ele duas vezes por ano durante anos. Teria sido mais se eu jogasse numa equipa da Divisão Atlântica. Graças a Deus que os Rays foram colocados na Divisão Metropolitana. Depois desta noite, não terei de voltar a ver este idiota até ao fim da época.

A multidão está a enlouquecer, de pé, para o início do jogo. O disco cai e é como se todos os meus sentidos se concentrassem como um laser.

Faz o teu trabalho.

Porra, Toronto é uma grande equipa. Eles ganham o controlo do disco e os avançados voam pelo gelo. O J-Lo e eu entramos em ação. Sei que o Mars está atrás de mim, à espera na zona de jogo, um gigante entre os homens. Para chegar até ele, este central tem de passar por mim.

Controlo duro. Bato-lhe com o ombro, afastando-o do disco. Mando-o a voar pelo gelo em direção a um Langley à espera. O miúdo patina, voando mais rápido do que uma bala. Ele faz-me lembrar tanto o Caleb que é assustador.

A multidão vaia quando Langley tenta fazer um passe que é intercetado por Durand. Ele faz o seu trabalho, passando-o para a frente. Ele é a definição de um jogador de equipa. Deixará o manuseamento do disco para os

avanzados.

O ataque dos Toronto empurra-nos com força, trazendo o disco novamente à linha central. O J-Lo mantém-se na frente e eu retraio-me.

– Olhos atentos! – chama Mars. – Cuidado com o vinte e sete!

Enquanto ele diz isso, o disco é passado para Mäkinen e o avançado finlandês investe em força, tentando enganar-me como se estivesse a ir para o centro. Em vez disso, ele dirige-se para a direita, pronto para patinar ao longo da parede. Estou mesmo em cima dele, fechando-lhe a janela de remate. Ele grunhe, passando o disco para trás.

Eu fico em cima dele, patinando para trás, enquanto ambos nos aproximamos de Mars e da baliza. Os seus avançados estão numa disputa com Sully e J-Lo, lutando pelo controlo do disco.

– Limpem-no! – grita Mars.

Eu mantenho a minha posição no topo da dobra, pronto para bloquear qualquer aproximação.

– Ele está a vir pelo meio!

Estou pronto, dando ao central deles uma pancada frontal completa, afastando o disco dele e enviando-o a voar pelo gelo metros à frente de Karlsson. Ele corre atrás dele, com os pés a cortar o gelo.

– Boa defesa – diz Mars atrás de mim.

Eu aceno com a cabeça, procurando J-Lo antes de fazermos a nossa jogada. Ele dá o sinal e voamos os dois em direção ao banco. Morrow e Novy estão prontos para a mudança de turno, saltando por cima das tábuas para tomar o nosso lugar.

– Ei, cuidado com o vinte e sete! – grito para Morrow. – O Mars diz que ele não pode marcar esta noite.

Morrow acena com a cabeça, correndo para ocupar o meu lugar, enquanto Karlsson perde a luta com Durand e o disco desce pelo gelo em direção à baliza dos Rays.

Menos de dois minutos depois, e isto já parece uma luta de cães.

O suor escorre-me da cabeça, entra pela camisola interior e faz-me arder os olhos. Começa o segundo período e sinto-me como se estivesse neste gelo há três horas. O resultado é 2-1. Estamos a ganhar por um. Mars está furioso, mas pelo menos Mäkinen não marcou o golo dos Toronto.

O Urso veio oficialmente para jogar. Ele é implacável, marcando os lances e trabalhando duro enquanto nós recuperamos a folga dos nossos atacantes cansados. Mas ainda faltam quinze minutos para o intervalo.

Mars está a jogar ofensivamente esta noite, saindo da baliza mais do que o vi fazer nos últimos jogos. Ele avança, encontrando Mäkinen na dobra. Mäkinen não estava à espera. Ele falha o remate e Mars afasta o disco mesmo a tempo, enviando-o para Langley.

Mas Langley está demasiado adiantado. Vira-se para ir atrás dele, mas

Durand está lá como um comboio de mercadorias, passando por ele. Langley cai a rodopiar no gelo e eu engulo um grito de raiva. Não consigo respirar enquanto espero que ele se ponha de pé, atordoado mas ileso. Ele está a correr atrás do Durand, tentando pará-lo antes que ele dispare para passar.

Tenho o Mäkinen controlado, deixando o J-Lo a apontar para a dobra com o Mars. Quero-o de volta. Não gosto que ele jogue assim, não com o Durand no gelo.

– Mars, vai para a baliza – grito, com o pânico a tomar conta de mim.

Empurro Mäkinen com mais força do que o necessário, mas é o suficiente para o fazer recuar. Isso dá-me alguns segundos preciosos para avançar em direção à baliza.

– Mars, volta para trás, eu trato disto!

Ele tem de voltar para a baliza. Quero-o seguro na baliza. Não consigo respirar com ele assim. Mas ele está determinado a jogar, pronto para enfrentar estes avançados ferozes. É uma boa estratégia. O homem é um gigante. É aterrador. Está a mantê-los alerta, obrigando-os a rematar de mais longe.

Quando penso que o Sully e o J-Lo têm o disco livre, acontecem algumas coisas ao mesmo tempo. Sully leva um forte empurrão por trás. Depois, J-Lo tropeça e quase perde o equilíbrio quando o seu patim fica preso na ponta do *stick* do n.º 34. Ele escorrega para o lado da baliza, deixando o caminho para Mars aberto.

Ele está demasiado longe. Eu consigo ver daqui.

– Mars, volta para trás! – Mas os meus gritos não o podem ajudar.

Fazendo uma escolha arrojada, Mars salta, atirando-se para trás e para o chão, caindo no gelo com os pés numa das extremidades da baliza, os braços esticados para a outra extremidade, o *stick* a bater no chão.

Leva com um jato de neve mesmo na grelha da máscara quando o avançado de Toronto faz uma pirueta e o seu remate é bloqueado pela defesa de corpo inteiro de Mars. O avançado tropeça em J-Lo, atirando os dois para o gelo.

O remate foi bloqueado, mas agora Mars tem de recuperar para o ressalto. O corpo enrola-se para poder voltar a pôr-se de joelhos.

Ele não pode proteger a baliza assim. Não consegue ver o que está a vir da esquerda.

Mas eu posso.

– Mars! – grito eu. Estou a rasgar o gelo, Mäkinen esquecido no meu rasto. Mas é demasiado tarde. Sou demasiado lento.

Durand vai a patinar demasiado depressa, diretamente para a dobra, com o disco na ponta do *stick*, e bate em Mars. O disco segue Mars para lá da linha vermelha, enquanto ele recua para dentro da sua própria baliza. Ouço o seu grito de dor, aquela voz profunda que me atravessa, que me faz estremecer os ossos.

O meu guarda-redes está magoado.

O Mars está lesionado.

Regra número um no hóquei? Nunca tocar no guarda-redes.

Com um rugido de raiva, atiro o meu *stick* para o lado, deixando cair as luvas. Vou fazer este homem sangrar, nem que seja a última coisa que faça. Vou direito ao Durand, derrubando-o no gelo. E depois torno-me um animal. Só vejo vermelho enquanto esmurro todas as partes dele que consigo alcançar. Os meus punhos esmagam o seu capacete enquanto ele grita, lutando comigo.

Não estou sozinho por muito tempo. Todos os Rays no gelo deixaram cair as luvas. Nunca toquem no raio do guarda-redes. Eles descem como cães de caça sobre o pedaço de carne podre que é Durand. O árbitro e os fiscais de linha aparecem finalmente, soprando os apitos e agarrando qualquer um que possam alcançar.

Eu sou o último a chegar ao fundo da pilha, agarrado a Durand enquanto lhe dou um murro nos dentes.

– Já chega – grita Sully, com os braços à minha volta a puxar-me. É preciso ele e um atacante para o fazer. Eu resisto aos dois, praguejando e sacudindo os braços.

– Cinco por lutar! – grita-me o árbitro. – Entra na caixa, quarenta e dois!

– Cabrão de merda – murmura Durand, cuspidando sangue para o gelo. Depois olha para mim, com um grande sorriso na cara.

– Estás morto, porra! – grito, libertando-me das garras de Sully.

– Não, Compton... – Ele corre atrás de mim, Langley também se lança, agarrando-me antes que eu possa cair de novo sobre Durand.

– Já chega, quarenta e dois! Estás fora! – grita o árbitro. – Sai do gelo!

Os adeptos estão a enlouquecer, o som dos apitos é estridente nos meus ouvidos e é como se de repente me lembrasse onde estou.

– Mars! – grito, com a cabeça a girar enquanto Sully e J-Lo me arrastam para o banco.

– Ele está bem – murmura J-Lo.

Não posso sair deste gelo enquanto não souber.

– Mars! – grito de novo. – Mars!

Ele está de joelhos, com a máscara virada para cima, a falar com o fiscal. Ao som dos meus gritos, ele olha para mim e acena com a cabeça uma vez. Graças a Deus!

Entretanto, Durand patina até à caixa de penalização, com sangue a escorrer do nariz para a camisola branca dos Maple Leafs. Os adeptos dos Rays vão ao encontro dele, enquanto deste lado do gelo gritam e aplaudem por mim. É uma vitória vazia. Não é uma vitória de todo, na verdade. Ele vai estar na caixa durante cinco minutos e depois volta ao gelo, enquanto eu estou fora do jogo. Já não posso proteger o Mars. Não posso proteger a minha equipa. Sou um pedaço de merda inútil que não consegue manter ninguém a salvo.

– Jake!

Fecho os olhos, sem querer virar a cabeça. Não consigo encará-la. Não consigo ver a desilusão nos seus olhos. Ela assistiu a tudo. Viu o Mars a ser

atingido. Viu-me a não o proteger. Ela viu a luta.

– Que raio pensas que estás a fazer, Compton? – grita o treinador. – Sai do raio do gelo. Agora!

Sully e J-Lo soltam-me e eu passo pelo portão aberto para o banco. Morrow já tinha saltado para as tabelas, pronto para tomar o meu lugar.

– Voltem para lá e concentrem-se – diz o treinador. – Esfriem a cabeça e vamos jogar hóquei! – Ele dá uma volta sobre mim, com o dedo na minha cara. – Não sei o que raio te deu esta noite, mas se aquela luta não te pusesse no banco, eu próprio o faria. Estás uma desgraça, Compton. Volta para o balneário e trata da tua cara. Price! – Eu encolho-me, fechando os olhos.

– Sim, senhor? – diz ela, descendo do banco atrás dos rapazes.

– Vai com o Compton – grita o treinador. – Certifica-te de que ele não partiu nenhum osso nas suas mãos de sete milhões de dólares por ano!

– Sim, senhor. – Ela olha para mim com uma cara de choque e confusão.

Não consigo aguentar. Afastando-me dela, desço o corredor em direção ao balneário.

RACHEL

— Jake! — chamo, correndo atrás dele. — Jake, o que é que acabou de acontecer? O que é que se passa?

— Vai-te embora, Rachel — rosna ele.

Quase o atrolei quando ele parou à porta do balneário.

— Jake, o que é que...

— Que raio fizeste?

Olho por cima do ombro de Jake e vejo Caleb no meio do balneário vazio, a olhar para o Jake com lágrimas nos olhos.

— Eu tive de o fazer — diz Jake. — Cay...

Mas Caleb não espera. Ele vira-se e coxeia para fora da sala.

— Jake — digo, pousando a minha mão no seu braço. Ele solta-se da minha mão.

— Eu estou bem, Rachel. Volta lá para fora. A equipa precisa de ti.

— O treinador disse-me para te ver...

— Estou ótimo. — Ele tira o capacete e bate com ele na sua *boxe*.

Ponho as mãos nas ancas e vejo-o arrancar as luvas e atirá-las também para o chão.

— Não estás bem. Está tão zangado que as tuas mãos estão a tremer. O que é que aconteceu lá fora? Ficaste feroz com aquele tipo...

— Ele mereceu-o, porra! — grita ele, virando-se para me fitar.

Sem o capacete, o corte na testa é mais pronunciado. Está a sangrar pela têmpora. O meu olhar desce para os nós dos dedos. Vão inchar imenso, mas duvido que esteja alguma coisa partida. Ele estaria a fazer um alarido muito maior se tivesse os dedos partidos.

— Vem comigo — digo, estendendo a minha mão.

— Tenho de mudar de roupa.

– Primeiro tens de parar de sangrar da testa – digo eu, deixando cair a mão para o lado. – Se te mudares agora, só vais dar aos paramédicos o dobro da roupa para lavar.

Ele levanta uma mão trémula, encolhendo-se enquanto esfrega o corte.

– Não é nada.

Maldito Touro, cabeça de burro.

– És médico? – pergunto, com uma sobrancelha escura levantada. – Não. Mas eu sou. E o treinador mandou-me vir aqui para tratar de ti, por isso é o que vou fazer. Agora, vai para o outro lado do corredor, para a enfermaria, para que eu possa limpar esse corte.

Com um murmúrio, ele vai-se embora. Este não é o meu Jake. Ele foi raptado por extraterrestres, juro por Deus. Ele atravessa o corredor e entra na pequena sala que usamos para os primeiros socorros. Equilibrado nos seus patins, encosta-se à mesa de exames, de braços cruzados.

Eu afasto-me dele, lavo as mãos no lavatório e calço um par de luvas cirúrgicas azuis. Depois pego na caixa de primeiros socorros. Aproximando-me do Jake, coloco-a sobre a mesa de exames ao lado dele e começo a limpar a ferida.

– Leva o tempo que precisares para te recompores – murmuro, limpando o sangue. – Mas vais contar-me o que aconteceu lá fora esta noite. Como me amas e eu te amo, vais dizer-me o que se passa contigo, Jake... e com o Caleb.

– Rachel – diz ele numa expiração.

Como se dizer o seu nome fosse uma convocação, Caleb reaparece na ombreira da porta, de braços cruzados sobre o peito. Ele olha para Jake.

– Eu disse-te para não fazeres nada.

– Tinha de o fazer – murmura Jake, sem olhar para ele.

– Não, não tinhas...

– Primeira regra no hóquei! – grita Jake, afastando a minha mão da sua testa. – Ele bateu no meu guarda-redes. Queres que eu deixe isso sem resposta? Eu sou o defesa dele, Cay. Tenho de o proteger lá fora!

Caleb abana a cabeça.

– Estiveste a atacar o Durand o jogo todo. A fazer controlos desagradáveis, a irritá-lo. Tu provocaste-o...

– Eu queria matá-lo!

– Compton!

Voltamo-nos todos, com Caleb a entrar na sala, quando o treinador-adjunto Andrews aparece a dobrar a esquina.

– Que raio foi aquilo? – pergunta ele.

O olhar de Jake descai para o chão, sem dizer nada.

O treinador Andrews resmunga, virando-se para mim.

– Está alguma coisa partida, doutora? – Ainda estou a segurar a gaze ensanguentada na minha mão. – Acho que não. Mas eu estava a começar com a laceração na cabeça.

– Eu estou bem – murmura Jake. – Não preciso de ser mimado...

– Cala-te e deixa a médica trabalhar – ordena Andrews. – Então, o que raio aconteceu no rinque? O que é que o Durand te fez? Porque eu estive a observar-te durante todo o primeiro período, e tu tinhas aquele tipo marcado desde o primeiro momento.

– É uma briga antiga – murmura Jake.

– Uma briga antiga? A julgar pela forma como o estavas a perseguir lá fora, pensava que ele te tinha roubado alguma coisa! É isso? Ele roubou a tua miúda, Compton? Comeu a tua irmã e pontapeou o teu cão? Não te volto a pôr no gelo até saber o que se passa. – A ferver de raiva, Jake não responde. – Ele gozou com a tua mãe?

– Não – murmura Jake.

– Venceu-te no sorteio?

– Não...

– Então o que...

– Ele incapacitou o Caleb! – grita Jake.

O silêncio segue-se às suas palavras.

– O quê? – sussurro, com o coração na garganta.

Jake cruza os braços sobre o peito.

– Primeiro jogo da nossa temporada de novatos, sete minutos no primeiro período, Durand bateu Cay nas placas por trás, levou-o para o gelo e fraturou-lhe a porra da perna. Ele é a razão pela qual o Cay não pode mais jogar.

Eu respiro fundo. Já ouvi a história, obviamente. Só nunca me lembrei de memorizar o nome do agressor do Caleb. Uso esse termo porque é isso que ele é. A agressão foi feita depois de o jogo ter parado. Ele foi multado por isso.

Viro-me para encarar o Caleb. Ele está ali, junto à porta, branco como um lençol, a segundos de um ataque de pânico.

– Oh... Cay – murmuro.

O ardor do treinador Andrews arrefece instantaneamente.

– Isso é verdade, Sanford? Foi o Durand que fez aquele golpe sujo sobre ti? – Lentamente, Caleb acena com a cabeça.

– Bem... que inferno! – murmura Andrews, passando uma mão sobre o seu cabelo à escovinha. – Muito bem, olha, tenho de voltar para lá. Compton, eu... – Ele abana a cabeça. – Não há nada que eu possa fazer quanto ao castigo.

– Eu sei – responde o Jake.

– E ainda não sabemos se vais ser suspenso por mais algum jogo...

– Eu sei – diz ele novamente.

– De que é que vocês os dois precisam de mim neste momento? – Andrews olha de relance entre eles.

– De nada – diz Caleb rapidamente. – Eu estou bem.

Mas eu conheço o meu Cay. Ele não está bem. Está a afogar-se por

dentro. Eu quero ir ter com ele. Quero abraçá-lo. Preciso que o Andrews se vá embora. Preciso de ficar sozinha com os meus homens.

– Compton? – pergunta Andrews, com uma sobranceira levantada.

Jake apenas abana a cabeça.

– Nada, senhor Andrews. Lamento ter sido expulso. O Caleb estar no pavilhão estava a mexer comigo. Pensei que tinha tudo controlado.

– É compreensível – responde Andrews. – É difícil viver com esse tipo de merda. Difícil de carregar. Vocês são ambos bons rapazes – acrescenta, acenando também com a cabeça para Caleb.

– Vigie-o de perto, treinador – diz o Jake. – Enquanto o Durand estiver no gelo, ninguém está a salvo. O Caleb não foi o único jogador que ele mandou para o hospital. Ele é perigoso. Não devia estar a jogar. Ele nem sequer devia estar na Liga.

– Bem, essa decisão não é nossa, certo? – diz Andrews gentilmente. – E há muitos tipos que são mandados para o hospital. É o jogo. Tudo o que podemos fazer é dar o nosso melhor. Jogar com inteligência. Protegerem-se uns aos outros. Sei que era isso que estavam a fazer. Estavas apenas a proteger o Kinnunen, certo? – Lentamente, Jake acena com a cabeça.

– Certo, eu tenho de voltar para o rink. Doutora, fica bem aqui? – pergunta Andrews.

– Sim, estou a tratar disto – murmuro.

Andrews vira-se para trás e sai, deixando-me sozinha com os meus homens.

– Cay – murmuro, aproximando-me dele.

Ele fica rígido, afastando-se de mim.

– Não faças isso.

Deixo cair as mãos, com lágrimas nos olhos, enquanto observo o seu belo e torturado rosto.

– Porque não disseste nada? – Olho para trás, por cima do ombro, para o Jake.

Ele solta uma gargalhada.

– E o que é que te íamos dizer? Que nós dois ainda estamos confusos por causa de algo que aconteceu há seis anos? Que eu não consigo respirar quando piso no gelo e sei que o Durand está lá? Que ainda tenho pesadelos com aquela noite? É isso que queres ouvir, Rachel? Queres ouvir como eu falhei com ele? Como não o consegui proteger? Como o desiludi e lhe custei tudo?

Caleb abana a cabeça.

– Jake...

– Não te atrevas – rosna-lhe Jake, com lágrimas nos olhos cor de avelã.

– Eu estava mesmo ali! Ele empurrou-me para chegar a ti...

– Não sabias o que ele estava a planear...

– Eu estava mesmo ali! – grita Jake, com um soluço preso na garganta.

Isso despedaça-me. Estou exposta e a sangrar com eles. Viro-me, pronta

para ir ter com o Jake, mas o Caleb chega antes de mim. Ele salta, desencosta-se da parede e atravessa a pequena sala e para na frente dele. Levantando as duas mãos, ele segura o rosto suado de Jake.

– A culpa não é tua – murmura ele.

Jake abana a cabeça, com os olhos bem fechados, enquanto uma lágrima lhe escorrega pela face.

Caleb limpa-a com o polegar.

– Não podias ter feito nada. Não estavas suficientemente perto. E tu não sabias. A jogada já tinha acabado. A culpa não é tua, Jake.

Jake respira fundo e levanta as mãos, envolvendo-as nos pulsos de Caleb.

– Eu sinto muito...

– É altura de esquecer – murmura Caleb.

– Eu não posso – diz Jake num gemido. – Eu... oh, meu Deus... não consigo respirar...

Caleb deixa cair as mãos nas ombreiras de Jake, aproximando-se mais, as suas testas quase se tocam.

– Ei, olha para mim. – Jake abana a cabeça, com os olhos bem fechados.

– Olha para mim, Jake.

Jake geme, abrindo os olhos para Caleb.

– A culpa não é tua – diz Caleb. – Não havia nada que pudesses fazer. Não há nada para perdoar.

– Cay... – geme Jake, baixando a testa para tocar a de Caleb.

– Perdoa-te a ti próprio, Jake. Temos de seguir em frente.

E então Jake desmorona, abraçando-se a Caleb, o rosto suado e ensanguentado enterrado no pescoço de Caleb.

– Eu assisti ao ataque ao Mars em câmara lenta – geme ele no ombro de Caleb.

– Eu sei – Caleb acalma-se, com os braços à volta da sua estrutura enorme.

– Vi o Durand a patinar. Eu vi o golpe. Não o consegui parar... não fui suficientemente rápido...

– Eu sei. Estava a tentar não ver, mas não consegui aguentar – murmura Caleb. – Não conseguia tirar os olhos de ti naquele gelo.

– Eu ouvi o Mars gritar – diz Jake, com as mãos agarradas à parte de trás do polo de Caleb. – Ele gritou de dor e eu ouvi-te na minha cabeça – soluça. – Eu estava lá, porra, revivi tudo outra vez. Vi o teu golpe, Cay. Vi os teus ossos a partirem-se. Eu ouvi. Oh, meu Deus, ouvi o estalido como o estalar de um ramo de árvore...

– Chiu – acalma Caleb, com as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara também. – Não havia nada que pudesses fazer.

Eu também estou a chorar, de pé, impotente, enquanto os dois se afundam diante de mim.

– Perdeste tudo – chora Jake, o seu coração a desfazer-se em pedaços. –

E tu merecias a porra do mundo, Cay. Tu eras o melhor jogador. Mais rápido, mais forte, mais inteligente no gelo...

– Para – murmura Caleb com a sua voz distorcida pela dor. Ele passa a mão pelo cabelo suado de Jake, ainda tentando acalmá-lo. – Querido, para...

– Devia ter sido eu – chora Jake. – Meu Deus... devia ter sido eu a levar com aquela pancada...

– Não – rosna Caleb, agarrando-o pela camisola e empurrando-o para trás. Ele está mesmo na cara de Jake, o seu belo rosto é uma máscara de raiva.

– Nunca mais digas isso, porra.

– Cay...

– Nunca mais digas isso. Eu levei a pancada, está bem? É tudo o que há para fazer. Não podemos desejar que seja diferente. Por isso, vais esquecer esta merda. Estamos fartos de reviver aquele momento de merda e de partilhar o peso terrível da dor e do arrependimento, Jake. Estou farto, porra! Não quero mais. Segue em frente comigo. Segue em frente comigo – ele sussurra novamente, a sua voz mais suave. É um desejo, uma súplica e uma oração.

A mão maltratada de Jake segura o rosto de Caleb enquanto olham nos olhos um do outro, o verde-avelã encontrando-se com o castanho-escuro. Jake respira com os lábios entreabertos, o peito a arfar, o rosto molhado de suor e lágrimas.

– Estou contigo, Cay.

– Jake...

Antes de Caleb conseguir dizer mais uma palavra, a mão de Jake serpenteia para o segurar pela nuca e pressiona, beijando Caleb com os lábios entreabertos. Caleb fica imóvel como pedra, o seu corpo atordoado. Passam segundos antes de recuperar, os seus braços envolvem Jake, retribuindo o beijo com a paixão reprimida de todos os seus longos anos de espera.

Afasto-me, atordoada, com o coração a transbordar, enquanto os vejo finalmente encontrarem o caminho um para o outro. Jake está esfomeado, gemendo a sua necessidade na boca de Caleb, enquanto este o deixa guiar. Eles são desajeitados com as mãos, sobrecarregados pelo equipamento de Jake. E a diferença de altura é acentuada porque ele ainda está de patins. Mas nada disso importa...

– Doc!

Eu salto, vendo os rapazes a separarem-se, e segundos depois o novo tipo do equipamento vem a correr pelo corredor.

– Ei, Doc. Precisam de si no banco.

Viro-me para o encarar, com o coração na boca.

– Porquê... o que aconteceu?

– O Novy levou com um patim na cara. Ele está a sangrar como um louco.

– Oh, merda! – respiro, olhando por cima do meu ombro para Jake e Cay.

– Vai – diz Caleb. – Eu cuido disto.

Separando-me, eu corro para o corredor e sigo o Nate de regresso ao banco.

JAKE

A Rachel corre atrás do miúdo novo e eu fico sozinho com o Caleb.

Ele está ali parado, com o meu sangue na gola da camisola, a olhar para mim como se eu fosse a resposta à grande pergunta inexplicável da vida. O meu coração acelera descompassado.

Acabei de beijar o Caleb. Acabei de beijar um homem. Beije o meu melhor amigo... na frente da minha namorada. E gostei. Adorei. Quero beijá-lo outra vez.

Ok, estou oficialmente a passar-me.

Os olhos do Caleb arregalam-se quando me vê a rodopiar. Ele conhece-me demasiado bem. Sabe que sou uma confusão do caracas. Dá um passo atrás.

– Jake, está tudo bem...

– Eu não sei que merda estou a fazer!

– Eu sei – murmura ele.

Passo as mãos latejantes pelo meu cabelo suado.

– Estou a passar-me, Cay.

– Eu sei – diz ele novamente. – Jake, não há nenhuma razão...

– Tu és o meu melhor amigo, porra!

A minha voz soa estranhamente estridente. Meu Deus, eu tinha tanta certeza de que quando isso finalmente acontecesse, eu estaria muito mais calmo. Diria uma frase pirosa como: «Querido, podes controlar o meu equipamento sempre que quiseres.» Depois piscava o olho só para o fazer rir e caíamos nos braços um do outro. Não que tenha pensado muito nisso.

Em vez disso, o Caleb está a encolher-se, olhando para mim como se eu fosse um animal encurralado pronto a atacar.

– Jake, não precisamos de...

– Eu quero mais – grito, tropeçando para a frente nos meus patins. – Eu quero mais, Cay. Eu quero-te a ti. Mas, ao mesmo tempo, estou aterrorizado por te querer.

Estico-me para a frente, pousando as mãos nos seus ombros, com os cotovelos fechados. Ele não pode continuar a afastar-se de mim, mas que se lixe se estou pronto para me deixar aproximar. Tenho de o dizer. Tenho de o dizer antes que isso me coma vivo.

– A Rachel é a minha miúda – digo num fôlego, com o peito a tremer como se tivesse acabado de correr uma maratona. – Quero que ela me ame, case comigo e tenha os meus bebés enormes. Mas eu acho que tu podes ser o meu homem, Cay. E eu nunca pensei que seria o tipo de homem para ter um homem, percebes o que quero dizer? Mas tu estás aqui, e tu és tu, e conheces-me melhor do que ninguém – digo com um abanar de cabeça surpreendido. – Talvez me conheças melhor do que a Amy, nesta altura.

– É provável – murmura ele, enfiando as mãos nos bolsos, sem querer dar um passo mais perto ou retribuir o meu toque.

Tenho de continuar. Tenho de deitar tudo cá para fora. Ele merece isto. Eu esforço-me para pensar nas palavras certas.

– Digo a toda a gente que o meu filme preferido é *A Ressaca*, mas não é. Tu sabes a verdadeira resposta, Cay. – Ele solta uma gargalhada.

– Oh, meu Deus, a sério? *Magia e Sedução*? Ainda?

– Claro que é o meu filme favorito, porra! – digo, empurrando-o com as duas mãos. – A Amy obrigou-me a vê-lo umas mil vezes enquanto crescia. É espetacular. Eu quero aquela casa, Cay.

– Eu sei.

– E essa é a única razão pela qual eu aprendi a virar panquecas no ar – acrescento. – As raparigas ficam loucas por essa merda. É como magia de sexo para elas.

– Eu sei. Já te vi em ação – responde ele.

– Não quero estragar tudo – admito, com o olhar fixo nele. Ele ainda está ao alcance do meu braço, mas tenho medo de lhe tocar. Medo de quebrar isto.

Ele mantém o meu olhar, a sua própria expressão suaviza-se.

Nunca me senti atraído por homens. Nem uma vez na vida me lembro de estar ali sentado a pensar: «Ei, aquele tipo é tão bonito, deixava-o meter-me a colher.» Mesmo olhando para o Caleb agora, não me sinto atraído pela sua beleza. Não me sinto atraído pelo fascínio dos seus peitorais ondulantes ou da sua pila perfurada.

Foda-se, eu sou o pior amante de sempre, certo? É por isso que odeio rótulos. Odeio a atuação. A expectativa. Odeio estar aqui a pensar que não me sinto atraído pelo meu homem.

Mas sinto.

A verdade atinge-me, e sinto-me como se estivesse tudo às voltas. Sinto-me tão atraído pelo Caleb que nem sequer tem piada. Só não me sinto atraído

pelo aspeto dele. Não me interpretem mal, ele é objetivamente um dez. Mas sinto-me atraído por... ele. A sua lealdade inabalável, a sua paciência, o seu sentido de humor. Sinto-me atraído pela forma como ele finge estar cheio quando vamos comer *sushi* para que eu possa acabar o que está no prato dele. Adoro a forma como ele põe a televisão a gravar os meus programas de culinária preferidos quando vamos a jogos fora.

– Nada tem de mudar, Jake – diz ele. – Podemos continuar como dantes. Podemos estar apenas com a Rachel e não um com o outro. Não tenho expectativas...

– Beija-me outra vez – ouço-me dizer.

– O quê?

Eu mantenho o seu olhar escuro, o coração a martelar no meu peito.

– Tu ouviste-me, Cay. Fecha essa porta. Depois vem cá e beija-me como se eu fosse o último homem que tu vais beijar para o resto da tua maldita vida.

A energia na sala gira num instante e Cay fica imóvel como uma estátua. O seu corpo inteiro transforma-se de passivo em possessivo. Desviando seu olhar de mim, ele vira-se e vai até a porta, fechando-a com um estrondo agudo. O som faz-me estremecer os ossos.

Oh, é tão excitante!

Mas depois ele fica ali parado, com uma palma da mão encostada à madeira da porta, sem se mexer. Por um breve instante, perco a coragem.

Interpretei-o mal. Ele não quer isto. Ele não me quer. Porque é que ele...

Então ele vira-se, os seus olhos estão como brasas negras. Ele atravessa a sala em dois passos e ambas as mãos vêm até ao meu rosto arrastando-me para baixo. Mal tenho tempo de respirar antes que a sua boca esteja na minha e ele esteja a reclamar todo o meu ar num beijo febril.

Eu gemo, adoro a pressão do seu corpo tão perto do meu. Este beijo é ainda melhor do que o primeiro. Sinto a sua força a cada pressão dos seus lábios, a sua necessidade de dominar enterrada logo abaixo da superfície do seu autocontrolo férreo. Quero-o desvendado. Quero-o desfeito.

Com uma mão a agarrar-lhe o ombro, coloco a minha outra mão entre nós e agarro-lhe a pila dura. Ele geme, pressionando as ancas contra a minha mão. Não consegue conter-se. Eu sinto-me desesperado para fazer o mesmo.

– Isto é meu – grito. – Faz o que quiseses com a Rachel. Por favor, Deus, se estiveres a ouvir, deixa-me testemunhar. Deixa-me estar lá – provoco, os meus lábios contra a boca de Caleb, partilhando o seu ar. – Mas nada de outros homens. Esta é a minha pila, Caleb. Eu monto-a. Eu chupo-a. Eu fodo-a. É minha. Promete-me isso e eu dou-te tudo.

Ele inclina-se para trás, olhando-me nos olhos, os seus lábios entreabertos molhados pelos meus beijos. Depois deixa cair as mãos nas minhas ancas e empurra-me para a frente.

– Eu quero tudo, Jake. Cada pedaço de ti.

Voltamos a cair juntos, beijando-nos como dois homens a morrer de fome. Enquanto nos beijamos, a minha mão desliza para dentro da parte de

cima das suas calças, com pouco espaço para envolver a sua pila. Não tenho espaço para lhe mexer, por isso agarro-me e aperto, deixando-o mexer as ancas em busca de alguma fricção.

Depois ele empurra-me os ombros, fazendo-me cambalear para trás até bater com a anca na mesa de exames. Eu tiro a minha mão das calças dele, e agarro-me à extremidade da mesa enquanto me equilibro.

Cay puxa a minha camisola para cima com uma mão, a outra cai para as minhas calças de hóquei, os dedos encontram a fivela do meu cinto. O som de um clique suave enche-me os sentidos enquanto sinto as calças a desapertarem-se. Depois ele desce os dedos até aos cordões.

– Espera, deixa-me – murmuro, tentando substituir-me a ele. Foda-se, sinto-me como uma virgem de quinze anos, com os dedos a mexer. Isto é de loucos. Porque é que estou tão nervoso? Já lhe chupei a pila, já lhe fodi o cu. Mas aqui estou eu, com as mãos a tremer, como se fosse a minha primeira vez.

Ele agarra-me pelo pulso e mantém-me imóvel enquanto olha para mim.

– Deixa-me fazer – murmura ele.

– É complicado – digo eu, pensando em todas as camadas que me prendem: calções e ligas, calças de hóquei, caneleiras, meias, protetor de peito, camisola. Estou colado às minhas malditas meias pelo lado de fora. Ainda estou a usar os meus patins...

– Jake...

Olho para ele, com o peito a tremer de nervosismo.

– Eu sei como te despir – diz ele, com um meio sorriso.

Foda-se, claro que ele sabe. Ele jogou hóquei durante vinte anos. É ele quem trata do meu equipamento. Eu solto um riso nervoso e aceno com a cabeça.

– Eu só quero uma coisa – murmura ele, com os dedos a desapertarem os cordões das minhas calças enquanto se inclina em bicos de pés, beijando-me.

Eu gemo, as minhas mãos agarram os seus ombros e deixo-o abrir-me. As suas mãos deslizam para dentro das minhas calças acolchoadas, os dedos agarram a parte de cima da minha camisola. Ele chupa-me o lábio inferior, provocando-me com os seus dentes enquanto puxa o elástico da cintura com a mão esquerda, a direita mergulhando para dentro para agarrar a minha pila dura. Ambos gememos, o meu corpo a ficar mole enquanto ele mexe o punho lentamente para cima e para baixo no meu pénis. A mão dele é áspera, mas eu não me importo. É o Caleb e ele está a tocar-me e a beijar-me e eu não quero que ele pare.

– Continua a beijar-me – suspira contra os meus lábios. – Isso é tudo o que eu quero. Jake, por favor...

Agarro-lhe o rosto com as duas mãos, afogando-o nos meus beijos. Dou-lhe tudo, não retendo nada. O suor está a secar na minha cara, deixando os nossos beijos com um sabor salgado. Estou sujo e ensanguentado e se não sair

deste equipamento, vou começar a cheirar mal, mas não me importo. O Caleb acabou de dizer «beija-me» e nenhuma força na Terra me vai impedir.

Não há muito que ele possa fazer para além de trabalhar a minha pila com uma só mão, mas é suficiente. Foda-se, é o suficiente. Estou tão angustiado com o jogo, com a luta, com esta libertação emocional que demorou uma década a acontecer. O Caleb é meu. Ele quer ser meu.

– Cay – ofego, quebrando o nosso beijo. As minhas ancas pressionam contra a mesa enquanto eu me mantenho imóvel, o seu polegar roça-me a ponta do pénis, espalhando o meu esperma. Mordo o lábio com um gemido, os olhos fechados com força. Quando os abro, ele ainda está lá. – Amo-te – sussurro.

A mão dele para na minha pila.

– Jake...

– Amo-te – digo novamente, desta vez com mais confiança na minha voz. – Estou apaixonado por ti, Cay.

Ele suspira, os seus ombros relaxam e ele inclina-se, segurando o meu rosto suado e a sangrar com a sua mão livre.

– Foda-se, finalmente. Já não aguentava mais.

Ambos nos rimos, os nossos lábios encontram-se e ele pressiona, o seu punho a trabalhar na minha pila novamente.

O barulho da maçaneta é o único aviso que temos antes de a porta se abrir.

– Sanford, estás aqui?

Caleb faz o seu melhor para se afastar de mim e recuar, a sua mão escorrega das minhas calças. Ele não se vira para não ver a cara de Jerry, que fica à entrada da porta, a observar a cena.

Ele não consegue ver, mas eu consigo. A boca do Jerry abre-se como se ele fosse uma personagem de desenhos animados. Não há nada para ver, pois estamos ambos completamente vestidos, mas há tudo para saber. E, porra, ele sabe.

– Eu volto já – grita ele, virando-se de costas e saindo.

– Jer, espera! – Caleb chama-o. – Foda-se! – murmura. O seu olhar dirige-se para mim, com preocupação nos olhos, enquanto abana a cabeça. – Ele é uma peneira, Jake. Ele vai contar a toda a gente...

– Ei – digo, tentando acalmá-lo, com a mão no ombro dele. – Está tudo bem...

– Não está tudo bem, porra – diz ele, batendo no meu braço. – Toda a equipa vai saber...

– Ótimo.

– O quê? – diz ele num suspiro, de olhos escuros arregalados.

Eu apenas encolho os ombros.

– Nós queremos isto, certo? Todos nós queremos sair. Tu, eu, a Rach, o Mars. Queremos que se saiba. Então deixa-o contar aos rapazes.

– Não. – Ele abana a cabeça. – Não, estávamos a divulgar o facto de

andarmos todos com a Rachel. Não estamos a fazer isto, Jake. Tu não te vais assumir. Ser poliamoroso será um pesadelo publicitário mais do que suficiente. – Eu estudo o rosto dele. – Não queres que as pessoas saibam de nós também.

– Jake – ele suspira com um abanar de cabeça.

Estou a esforçar-me muito para fingir que fico bem de qualquer maneira, mas não estou mesmo. Preciso que ele me queira em voz alta. Não suporto a ideia de mais segredos, mais esconderijos. O Jake Compton vai assumir-se. Sou bi, sou poli e nunca fui tão feliz na minha vida. Isso deve significar alguma coisa, certo?

– É o teu trabalho? – pergunto. – Estás preocupado que eles te possam despedir? Nós assinamos os formulários de divulgação. Podemos fazer isto de forma totalmente honesta. E toda a gente na equipa já nos chama PVD. Não vão ficar assim tão surpreendidos – acrescento com uma gargalhada nervosa. – Mas... se estás preocupado...

– Achas que estou preocupado comigo? – diz ele, interrompendo-me. – Jake, eu não me preocupo com o meu trabalho nem com a minha reputação nem com nada disso. Eu demitia-me agora mesmo. – Ele dá um passo à frente, com as mãos nas minhas ombreiras. – Mas tu foste bi durante dois segundos. Eu sou assumido há anos. Não é fácil...

– Mas é fácil – digo eu. – Amar-te, amar a Rach, é a coisa mais fácil que já fiz, Cay. Até ter o Mars por perto parece... correto. Estou certo? Diz-me que também sentes isso.

– Claro que sinto – diz ele rapidamente. – Mas Jake, nós sentirmo-nos bem juntos...

– É a única coisa que importa – digo eu, interrompendo-o. – A tua aprovação, o teu amor, o amor da Rachel... são as únicas coisas que me importam, Caleb.

Ele solta um suspiro trémulo, com o pânico ainda a marcar-lhe as feições.

– Além disso, não é como se eu estivesse a sair como bi e aberto para negócios – acrescento. – O meu negócio está firmemente fechado. Na verdade, estou prestes a ser o pior jogador abertamente bi na história do desporto profissional, porque a minha homossexualidade começa e acaba contigo. Tu és o único para mim, Cay. És o único homem para mim. Ela é a minha miúda, e tu és o meu homem, e Mars é... Mars – acrescento com um encolher de ombros. – Por favor, não me obrigues a esconder isto. Se eu disser que estou disposto a arriscar, deixa-me fazer essa escolha.

Caleb dá um passo atrás e abana a cabeça.

– Isto é uma loucura. Que raio estamos a fazer?

Eu levo as mãos às minhas calças de hóquei, fecho-as e viro a camisola para baixo com um sorriso.

– Vais ver. Vou amar-te muito, Cay. E vou fazê-lo em voz alta... quer o mundo do hóquei goste quer não.

ILMARI

O apito indica o fim do jogo e eu dou um enorme suspiro de alívio. Que grande confusão. O Jake foi expulso no segundo período por lutar. O Novikov levou com um patim na cara e provavelmente ainda está a levar pontos. A meio do terceiro período, o guarda-redes da equipa de Toronto saiu da baliza debaixo dos gritos dos adeptos, patinou até ao banco, dobrou-se sobre as tábuas e vomitou as tripas. O jogo parou quando o tiraram do gelo e o suplente assumiu o controlo.

Os Rays ganharam, mas não parece uma vitória. Todos nós sobrevivemos a algo esta noite. Algo horrível. As equipas formam uma fila para apertar as mãos. Eu vejo o Mäkinen e ele vê-me a mim. Ri-se e abana a cabeça, dizendo em finlandês:

– Acabámos de cair de uma árvore?

Não posso deixar de me rir também. É mesmo essa a sensação. Estou atordoado e confuso, sentado no fundo da árvore que foi este jogo, perguntando-me como é que consegui acertar em todos os ramos na descida.

– Jogaste mal – respondo.

– Fala por ti, Kinnunen. Deixaste entrar três golos.

– Nenhum teu – respondo eu. – E, pelo menos, não vomitei.

Ele ri-se outra vez.

– Que confusão. É provável que os olheiros nos ignorem aos dois.

– Não. Tu vais usar o azul e branco – digo eu, dando-lhe um toque no ombro.

– Tu também, meu amigo – diz ele antes de se ir embora.

Volto para o balneário. A Rachel ainda não apareceu, o que não me surpreende. Ela saiu com o Novikov e não voltou para o banco. O Dr. Tyler assumiu o seu lugar. O Jake também não está no balneário. O cacifo dele está

fechado.

Faço todas as minhas tarefas, dispo o equipamento e vou para o duche. Quando estou lá dentro, o treinador Tomlin aparece.

– Ei Mars, despacha-te! A malta da FIHA está aqui à espera.

Com as mãos ainda no cabelo e o champô a escorrer pelo corpo, respiro fundo. O jato de água quente bate-me na cara. Estou desiludido. Este jogo não é a imagem que eu queria que eles tivessem de mim. Mas não consigo controlá-lo. Dei o meu melhor, mas faltaram-me dois dos meus melhores defesas. Deixei passar três golos, mas foram bons remates. A equipa de Toronto mereceu cada um deles.

Fecho a água e fico a olhar para a parede de azulejos. Esta é a minha última hipótese de participar nos Jogos Olímpicos. Os olheiros sabem-no e eu também. O que quer que aconteça, acontecerá. Respiro fundo e viro-me, pronto para enfrentar o meu destino.

– Muito obrigado por teres concordado em ver-nos esta noite.

Elias Laakso está sentado à minha frente. É um dos melhores representantes da FIHA aqui na América do Norte. Ao lado dele está Harri Järvinen, que faz parte da equipa técnica defensiva do Leijonat, a equipa nacional masculina da Finlândia.

– O prazer é meu – digo.

Estamos sentados num dos gabinetes do pavilhão, perto dos camarotes. É uma sala de conferências com uma mesa grande e cadeiras com rodinhas. Fotos de eventos da arena emolduram a parede atrás das cabeças dos homens.

– Foi um jogo difícil – diz Järvinen, enquanto Laakso se serve do jarro de água gelada que está em cima da mesa. – Os Rays perderam dois bons defesas, mas tu deste o teu melhor, Kinnunen.

– A equipa de Toronto mereceu os seus golos – respondo.

– Tiveste alguns problemas de saúde esta época – diz Laakso. – Faltaste a alguns jogos. Longe dos olhares dos agentes e dos treinadores, podes dizer-nos honestamente: devemos preocupar-nos com a tua condição física?

Respiro fundo e deixo-o sair. O Jake tem razão, chega de esconder.

– Tenho uma pequena rotura labral na anca – explico. – Estou a reabilitá-la sob a orientação da médica de Barkley da minha equipa. Ela é especialista em lesões da anca. Pôs-me no banco por precaução. Tenho estado a receber tratamento da Clínica Desportiva de Cincinnati. Entre as injeções de cortisona e o gel para as articulações, combinados com um novo regime de fisioterapia, sinto-me mais forte do que antes. Não há razão para pensar que vai piorar. Dito isto – acrescento – nenhum de nós pode garantir a sua saúde de um dia para o outro.

Järvinen está a olhar para baixo, passando o dedo pelo *tablet*.

– Não vejo aqui nada da Clínica Desportiva de Cincinnati.

– Um lapso – respondo. – Vou pedir à doutora Price para lhe enviar tudo

por *email* esta noite.

– Bem-vindo, mas desnecessário – responde Laakso. – O lugar de titular é teu, Kinnunen. Mereceste-o mais do que nunca. És o terceiro guarda-redes mais bem classificado da NHL. Foste o primeiro na Liga. Tens sido uma estrela em ascensão desde os teus dias na liga júnior.

– A isso junta-se o facto de o teu registo ser absolutamente imaculado – acrescenta Järvinen com um aceno de cabeça satisfeito. – Tu vives e respiras o jogo.

– Deixas a família Kinnunen orgulhosa – diz Laakso. – Orgulham a Finlândia e a FIHA. A camisola de Leijonat é tua... se a quiseres.

– Muito bem, Kinnunen – acrescenta Järvinen com um sorriso. – É uma honra bem merecida.

As suas palavras fluem à minha volta como uma névoa matinal. Inspiro, sentindo-me vazio. Será que as ouvi bem? Estou na equipa. Vou vestir o azul e branco da Finlândia. Vou jogar nos Jogos Olímpicos.

Mas a minha mente prende-se nas palavras de Järvinen. O meu registo é absolutamente imaculado. O meu registo pessoal, quer ele dizer. Não tenho registo porque, antes da Rachel, não tinha vida. Eu vivia para jogar hóquei. Nada mais importava. Mas ela entrou na minha vida com toda a subtilidade de uma avalanche, e agora vivo para muito mais.

– Escusado será dizer que terá de haver alguma coordenação com os Rays à medida que avançarmos – diz Laakso. – Mas isso será um assunto para o teu agente tratar... presumindo que aceitas a nossa oferta – acrescenta com uma sobrancelha levantada.

Eu engulo em seco, levantando o olhar das minhas mãos dobradas para encarar os cavalheiros à minha frente.

– Antes de responder, sinto que devo avisar-vos de uma coisa. Talvez até queiram retirar a vossa oferta.

– Avisar-nos? – diz Laakso.

– Soa sinistro – acrescenta Järvinen, com um olhar firme.

Eu aceno com a cabeça, lentamente juntando as palavras na minha mente. Nada disto importa se não o puder partilhar com a Rachel. Quero-a ao meu lado em cada passo desta viagem. Jake e Caleb também. Não vou esconder o que somos. Eu escolhi os Kinnunen como a minha família. Agora escolho outra vez. Escolho a Rachel. Mesmo que isso me custe esta oportunidade, eu escolho-a.

– Como ambos sabem, sou uma pessoa reservada. Tenho um registo impecável porque não partilho a minha vida com o mundo. Não sou imprudente. Vivo bem dentro das minhas possibilidades. Dou generosamente a instituições de caridade, sem nunca colocar o meu nome.

– Sim, nós sabemos – murmura Laakso, com as suas sobrancelhas claras levantadas em curiosidade.

– O nome Kinnunen é sinónimo de hóquei em todo o mundo – continuo.
– Trabalhei arduamente para o manter assim. Nunca estive envolvido num

escândalo.

– És finlandês – justifica Laakso com um aceno de cabeça.

– Estes americanos preocupam-se muito com o drama – ironiza Järvinen com um aceno de mão. – Tudo é uma oportunidade para se engrandecerem.

Aceno com a cabeça, aclarando a garganta.

– Tudo isto para dizer... é provável que em breve ouçam o meu nome muitas vezes na imprensa. Garanto-vos desde já que não há escândalo nenhum.

– Ele tem razão, isto soa mesmo a sinistro – brinca Järvinen.

– Diz o que se passa, Kinnunen – oferece Laakso gentilmente. – Prometemos ouvir e reservar o nosso julgamento.

Inclino-me para a frente, com os cotovelos sobre a mesa.

– Algum de vós conhece a banda de *rock* The Ferrymen?

RACHEL

—Esta é a última – digo com um suspiro cansado, fechando a fivela de uma das nossas caixas médicas com rodas. Transportar uma equipa de hóquei não é muito diferente de transportar uma banda de *rock*. É uma dança elaborada, em que todos conhecem os seus papéis. Solto os travões da caixa e empurro-a para a frente. Dois dos assistentes do departamento médico avançam e agarram-na, juntando-a à fila de caixas que estão a ser carregadas para o camião.

Que desastre de jogo. Entre o Jake a ser expulso e o Novy a abrir a cara no gelo, estou pronta para o maior copo de *chardonnay* do mundo. Pobre Novy. Foi um acidente completamente estranho. Deixou-se cair no gelo e um jogador de Toronto tropeçou nele. O único problema é que todos eles têm facas de metal afiadas a servir de pés.

Olhei para a cara do Novy e mandei-o diretamente para as urgências. É um corte feio, que segue a linha do maxilar até à orelha. Eu sou fisioterapeuta profissional, por isso não vou dar pontos. E o Novy é um *playboy* milionário com uma série de patrocínios de marcas de moda. Um cirurgião plástico tem de o pôr bonito.

O pobre Langley parecia que ia vomitar ao ver todo aquele sangue. E a Poppy estava uma desgraça, com as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara enquanto me empurrava para as traseiras da ambulância, gritando que alguém tinha de ir com ele.

Quando um dos polícias do hospital me trouxe de volta ao estádio, o jogo já tinha acabado. Para agravar o drama, todos os meus rapazes parecem ter desaparecido.

Arrumo as minhas últimas coisas e meto-as na mochila.

— Olá, Teddy – chamo-o quando ele passa. – Viste o Compton por aí?

Ele abana a cabeça.

– Não. Lamento, doutora.

Com um suspiro, ponho a mochila ao ombro e começo a andar na direção do balneário. Só trouxemos dois carros hoje e eu não tenho as chaves. A não ser que encontre um dos meus rapazes ou lhes roube as chaves, estou presa aqui. Não consigo imaginar que se tenham ido embora sem mim.

Viro a esquina e uma voz grave chama-me do outro lado do corredor.

– Rakas!

Viro-me para trás com um suspiro de alívio e vejo Ilmari a marchar na minha direção, com um largo sorriso no rosto. O meu estômago dá uma pequena reviravolta. Raios, ele é tão bonito. Um Ilmari taciturno faz a minha vagina ronronar de excitação. Mas um Ilmari radiante? Mais valia estar grávida. E pela maneira como ele está a olhar para mim agora, com aquele sorriso devastador que lhe chega até aos olhos...

– Oh, meu Deus! – suspiro, o meu coração de repente prestes a rebentar. Eu sei porque é que ele está tão feliz. No caos desta noite, esqueci-me completamente dos olheiros. – Oh, meu Deus! – grito, largando minha mala no chão e correndo para frente.

Chocamos, as minhas mãos vão para os seus ombros e as dele descem para a minha cintura. Os meus sentidos enchem-se com o cheiro reconfortante dele, acabado de sair do duche. O seu cabelo ainda está num nó molhado na cabeça, os calções e o capuz dos Rays, que trazia antes do jogo, justos contra a sua estrutura protuberante.

– *Kulta*, o que...

Ele cala-me com um beijo, gemendo a sua necessidade de mim enquanto desliza as mãos pelo meu rabo, puxando-me para mais perto. Eu sei o que ele quer. Por instinto, salto e ele levanta-me, rosnando no nosso beijo enquanto me vira contra a parede. As minhas pernas envolvem a sua cintura e deixo-o banquetear-se, esquecendo completamente o meu cansaço.

– *Kulta*... querido... – ofego entre beijos. – Conta-me.

– Consegui – diz ele num suspiro. – É meu.

– Oh, graças a Deus! – grito, tentando abraçá-lo, querendo partilhar a sua alegria. – Estou tão orgulhosa de ti, Ilmari.

– *Mä rakastan sua* – murmura ele. – *En voi elää ilman sua. Mennään naimisiin.* – Ele recua, as suas ancas mantêm-me pressionada contra a parede enquanto a sua mão grande se levanta para me enquadrar o rosto. Aqueles belos olhos azuis-escuros olham-me fixamente, desvendando-me. – *Mennään naimisiin* – repete com a voz rouca. – *Sano joo, Rakas.*

Com lágrimas nos olhos, abano a cabeça com um sorriso.

– Só apanhei metade disso. Sabes que também te amo, não sabes? Amo-te muito. – Beijo-o de novo, desta vez mais devagar, saboreando cada beijo.

– Oh, mas que raio é isto? – diz uma voz grave.

Interrompemos o beijo e viramos a cabeça. O doutor Avery está parado com a mochila ao ombro. E zomba, abanando a cabeça.

– Agora anda a montar os jogadores, doutora? O exame das amígdalas é um novo serviço que estamos a oferecer?

Ilmari afrouxa o seu aperto em mim enquanto eu me inclino para o chão. Mantém o seu corpo pressionado contra o meu, como se estivesse a tentar bloquear-me da vista de Avery.

Que merda! Isto parece mau. Mas eu não me importo. Não vou deixar que o Avery estrague este momento ao Ilmari. Com um sorriso no rosto, coloco uma mão tranquilizadora no braço dele.

– Ofereceram a Ilmari o lugar de titular na equipa olímpica finlandesa – digo ao fundo do corredor. – Entusiasmámo-nos um pouco a festejar.

Avery resmunga, agarrando na minha mochila pela pega e vindo na nossa direção.

– E o que é que ele ganha se conseguir a medalha?

Eu fico tensa. Odeio o seu tom presunçoso. Ele pensa que nos está a apanhar. Ele acha que este é um segredo sujo e pretende usá-lo se puder. Eu endireito os meus ombros para ele.

– Hum, não tinha pensado nisso – digo, batendo no meu queixo com um dedo. – Provavelmente vou oferecer-me para me sentar na cara dele. Eu sei o quanto ele gosta disso. A medalha de ouro vai ter de ser algo especial. Talvez o deixe finalmente engravidar-me.

– Rakas... – Ilmari murmura baixinho em sinal de aviso, com a mão a agarrar a minha anca.

Avery para, com o seu olhar a passar entre nós.

– Espera... vocês estão juntos? A sério?

– Não que isso seja da sua conta, mas sim – respondo. – O Ilmari e eu estamos juntos. Por isso, pode esquecer todas as ideias que tem de nos controlar.

Ele solta uma gargalhada.

– Oh, isto é ótimo. Eu estava à sua procura, Doc. O treinador anda à sua procura. Parece que o seu outro namorado acabou de ser apanhado com as calças na mão, esta noite.

Eu fico muito quieta, tentando controlar as minhas feições.

Avery sorri.

– A julgar pela sua expressão neste momento, ele não foi apanhado consigo. É bom saber. Isso acabou de me fazer ganhar uma aposta. – Ele vira-se para Ilmari. – Oh, espera... tu não sabias, Mars? Sobre o outro tipo? Ou talvez tu sejas o outro tipo.

– Não – murmuro, agarrando-me mais ao braço dele. – Ele não vale a pena.

O Avery volta a suspirar.

– É só a opinião de um homem, mas eu não a engravidava, Kinnunen. Parece que ela já pode estar grávida... do bebé de outro tipo. – Com isso, ele deixa a minha mochila no chão, aos meus pés, e vai-se embora pelo corredor.

– Eu odeio aquele homem – rosna Ilmari.

– Esquece-o – digo eu.

– Ele não vai ficar calado. Vai contar a toda a gente.

– Parece que já é tarde demais. – Deixando a minha mão de lado, eu agarro a dele, entrelaçando os nossos dedos. Com a minha mão livre, baixo-me e agarro a alça da minha mochila. – Vamos lá. Temos de encontrar os rapazes.

– Doutora Price!

Ilmari e eu viramo-nos, de mãos dadas.

O treinador Johnson está de pé no extremo oposto do corredor. Ele acena-nos para irmos ter com ele.

– Temos andado à vossa procura! Vamos lá. Tu também, Kinnunen.

– Oh, merda! – murmuro. – Saímos do gelo e vamos para o fogo, hã?

Ilmari aperta a minha mão.

– Mostra o caminho, Rakas.

Respirando fundo, eu seguro a mão de Ilmari e conduzo-nos pelo corredor em direção ao nosso destino.

RACHEL

—Alguém pode dizer-me o que raio se está a passar aqui?

O treinador Johnson está de pé no meio do balneário, com as mãos nas ancas. É um homem grande, com ombros largos e um peito em forma de barril. Ao lado dele está o treinador-assistente, Andrews. Perto da porta, Vicki e Poppy juntam-se, parecendo extremamente confusas.

As únicas outras duas pessoas na sala são Jake e Caleb... e estão de mãos dadas. Os meus olhos arregalam-se, chocados com a sua descarada demonstração pública de afeto. O Caleb nem sequer gosta de me dar a mão na privacidade da sala de estar. Que raio perdi esta noite?

Ilmari e eu juntamo-nos a Jake e Caleb no meio da sala.

— Conseguiu? — pergunta Jake, com um largo sorriso no rosto.

Ilmari acena com a cabeça.

— Oh, sim! — Ele larga a mão de Caleb e levanta a sua, à espera de que Ilmari lhe dê um *high-five*.

Com um suspiro, Ilmari fá-lo.

— Parabéns, meu — acrescenta Caleb.

— Esta noite vamos festejar à grande. Filetes de salmão em tábuas de cedro e brócolos ao vapor para todos — brinca Jake. — Vamos abrir uma água de pepino envelhecido.

Eu tento esconder o meu sorriso.

— De que raio está ele a falar? — O treinador Johnson vira-se para Ilmari, enquanto atrás dele, Andrews exclama de olhos arregalados:

— Oh, merda!

— Vou aos Jogos Olímpicos — anuncia Ilmari à sala. — Guarda-redes titular da equipa nacional finlandesa.

Atrás de nós, a Vicki e a Poppy gritam de entusiasmo, dando os

parabéns. Andrews dá um passo em frente para apertar a mão de Ilmari.

– Incrível! – diz ele. – Muito bem merecido.

– Oh, meu Deus! – diz a Poppy. – Temos de começar já a fazer os comunicados de imprensa. E vamos fazer uma sessão fotográfica, entrevistas...

– Esperem só um minuto – diz o treinador Johnson, levantando a mão. – Mars, estamos felizes por ti. Mas não é por isso que estou atrasado para ir para casa ter com a minha mulher e os meus filhos esta noite. Vamos chegar ao fundo da questão agora mesmo. Tenho aqui o Andrews, o representante de relações públicas, a Vicki do gabinete do diretor da equipa. Estamos todos aqui a olhar para vocês os quatro. Que raio se está a passar? – Ele olha entre nós, e o seu olhar pousa em mim. – Price? Queres esclarecer-nos?

Eu olho para Jake e Caleb, sem saber o que dizer.

– Eu...

– Muito bem, que tal começar eu? – diz o treinador. – Pouco antes de entrarem aqui, o Compton estava prestes a dizer-nos que está numa relação romântica com o nosso responsável de equipamento.

Ilmari e eu olhamos de relance para os rapazes. Isto nunca fez parte da discussão. Só falámos sobre o facto de eles saírem todos comigo. Eu definitivamente perdi algo importante quando fui tratar do Novy.

– É verdade? – digo eu, com lágrimas nos olhos.

– Sim, Seattle – responde Jake com um sorriso, batendo no Caleb com o seu ombro. – O idiota finalmente deu cabo de mim.

Mordo o lábio para não sorrir e Caleb praguejava baixinho.

– Podes tentar não fazer uma piada de tudo? – murmura ele. – Isto é sério.

– Obrigado, Sanford – responde o treinador. – Isto é sério. Compton, estás a dizer-nos que queres sair do armário? Isto é uma coisa do orgulho *gay*?

– Quero dizer... ninguém vai ficar assim tão surpreendido. O Caleb e eu já vivemos juntos. Os rumores têm-nos rodeado desde a faculdade. Só que... já não os estamos a negar – diz Jake com um encolher de ombros.

O treinador vira-se para as senhoras junto à porta.

– Quais são as regras aqui, Vicki?

Vicki olha de relance entre nós.

– Desde que declarem a relação aos Recursos Humanos e passem pelas devidas instruções, tecnicamente não há problema.

– E em relação à comunicação social? – O treinador acrescenta para a Poppy.

– Oh, meu Deus! – diz ela, tirando o rabo-de-cavalo louro do ombro. – Bem, sair do armário ainda é uma coisa muito importante no mundo do desporto. Vai causar um grande impacto... se é isso que queres – acrescenta, olhando para Jake. – Queres revelar-te apenas à equipa e pedir uma ordem de mordaça para a imprensa? Porque não há muito que possamos fazer...

– Não, está tudo bem – declara Jake. – Quero que isto seja público.

Quero que toda a gente saiba que estou com o Caleb.

– Espero bem que saibas o que estás a fazer ao querer tornar isto público – avisa o treinador.

– Mas estou confusa, querida – diz Vicki. Ela aponta para mim e para o Jake, com os seus olhos escuros a estreitarem-se. – Vocês já não estão juntos?

– Estamos – digo eu.

Os olhos de Poppy arregalam-se e abre a boca de surpresa.

– O que é que eu não...

– Oh, raios! – murmura o treinador. – Isto é um triângulo amoroso?

– É mais como uma pirâmide – responde Jake.

– Expliquem-se – diz a Vicki, de braços cruzados.

– Nós estamos juntos – digo, olhando para os rapazes. – Nós os quatro. Bem, o Jake, o Caleb e eu estamos juntos – esclareço. – E o Ilmari e eu... mas ele não está com eles.

Todos olham para nós com um ar confuso.

– Sou demasiado velho para isto – diz finalmente o treinador, abanando a cabeça.

– É uma coisa de *swingers*? – pergunta Andrews, claramente a tentar ser suficientemente moderno para perceber.

– Não, é poliamor – responde a Poppy com um sorriso entusiasmado. – Tu és poliamorosa. Não é, Rachel?

Eu aceno com a cabeça.

– Mas juro-te que nunca... nunca planeámos isto. Aconteceu, simplesmente – admito. – Conheci o Jake primeiro, antes de me juntar aos Rays. Conhecemo-nos em Seattle durante a época baixa. E quando cheguei aqui, recomeçámos as coisas. Através dele, eu conheci o Caleb. E o Ilmari veio ter connosco – acrescento com um sorriso, apertando-lhe a mão. – Vivemos todos juntos. Estamos juntos. Somos uma família. E gostaríamos de o tornar público. Mas é complicado por causa da minha família e da minha história. E os rapazes têm de pensar nas suas carreiras na NHL – acrescento, olhando de relance entre Ilmari e Jake.

– Nunca quisemos esconder nada – acrescenta Jake. – Nós apenas fomos cautelosos enquanto considerávamos a melhor maneira de fazer isso. Mars e eu não queremos prejudicar a equipa nem trazer má publicidade a ninguém. Mas também não podemos viver numa mentira. Só vai piorar se o fizermos. Não queremos que os rapazes nos chateiem ou sintam que temos segredos no balneário.

– E os rapazes estão prontos para saber – acrescenta Caleb. – O Novy e o Morrow vieram ter comigo na semana passada dizendo que a equipa nos vai apoiar. A imprensa de fora vai adorar por causa da Rachel e da sua família, mas dentro da nossa equipa, os rapazes parecem estar bem. Só não querem segredos.

– Que história é essa da tua família, Price? – pergunta o treinador, com os seus olhos afiados a olhar para mim.

– Eu... hum... o meu pai...

– O pai dela é a mundialmente famosa estrela de *rock* Hal Price! – grita Poppy. – Sabes, o vocalista dos The Ferryman?

– Cristo, porque é que me esqueço sempre disso? – murmura o treinador, passando a mão cansada pelo rosto.

– Estás a dizer que os rapazes sabem que tens uma relação a quatro com a médica da equipa e não se importam? – diz Andrews, com uma sobrancelha levantada.

– Bem, eles não sabem todos os pormenores – admite Caleb. – Mas sabem algumas coisas. Por exemplo, o Jerry apanhou-me a mim e ao Jake esta noite.

– E o Avery acabou de me apanhar com o Mars – acrescento.

– E os rapazes andam a adivinhar que eu estou com a Rach há meses – diz Jake. – Tínhamos o formulário assinado e tudo. Estávamos apenas a manter o segredo.

– Porra – diz o treinador. – Certo, aqui vai a ordem número um: parem de brincar no maldito celeiro. Eu devia despedir-vos a todos só por causa disso. Não vai haver brincadeiras no trabalho. Percebeste, Compton? – diz ele, apontando-lhe um dedo na cara. – Se me cheira que estás a fazer olhinhos ao Sanford no trabalho, mando-vos embora. O mesmo se aplica a ti, Kinnunen. Mantemos essa merda em casa.

– Sim, senhor Andrews – murmura Jake. O Caleb faz-lhe eco.

O treinador suspira, olhando para mim.

– Há aqui um problema maior, Price.

Eu fico imóvel, mantendo o olhar dele.

– Sim?

– Com base no que ouvi, parece que tiveste uma relação romântica com... não um, mas dois dos meus jogadores esta época.

Aceno novamente com a cabeça.

– Sim, senhor Andrews.

Ele suspira.

– Bem, Vicki, corrige-me se estiver errado, mas ela só teve autorização dos Recursos Humanos com o Compton, correto?

– Está correto, senhor Andrews – responde Vicki.

– Não – murmura Ilmari ao meu lado.

– Não – sussurro eu, apertando-lhe a mão.

– Então, tem estado romanticamente envolvida com Kinnunen, e tem sido a sua principal prestadora de cuidados, certo? Tem estado a tratá-lo ativamente de um problema na virilha? – pergunta o treinador.

Solto um suspiro e aceno com a cabeça.

– Sim, senhor Andrews.

Ele suspira novamente, abanando a cabeça.

– Então, está a ver o nosso problema. Certo, doutora Price?

– Sim, senhor Andrews – digo novamente, não me atrevendo a deixar as

lágrimas invadirem os meus olhos.

– Rakas, não – rosna Ilmari, baixando o rosto para mim.

– Não vou mentir, Ilmari – respondo, tentando manter a minha voz calma. – Nós sabíamos o que estávamos a fazer. Eu sabia. O Jake e o Caleb pressionaram-me, mas eu ignorei-os porque queria ter a certeza de que recebias o nível de cuidados que merecias...

– Isto é tudo culpa do Avery – diz Ilmari, voltando o seu olhar para os treinadores.

– Avery? O que é que ele fez? – pergunta Andrews.

– Ele é do piorio – murmura Jake. – Desculpe a minha linguagem – acrescenta ele ao treinador.

– Os rapazes odeiam-no – revela Caleb. – Alguns deles já nem sequer trabalham com ele. Todos preferem a Rachel. O que o irrita ainda mais. Ele está sempre a prejudicar a Rachel e a dificultar-lhe a vida nos treinos e nos jogos.

Andrews olha para mim.

– Isso é verdade, Price?

– Se os rapazes têm algum problema com o doutor Avery, não mo disseram – admito. – Mas eu trato vários deles na qualidade de médica. Langley e Sully, J-Lo, Karlsson... Kinnunen...

Ilmari dá um passo em frente.

– A única razão pela qual abordei a doutora Price foi porque não confiava no Avery. Fui ter com ele duas vezes na época baixa para falar das minhas dores e por duas vezes ele não me deu ouvidos. Disse-me que precisava de uma melhor rotina de alongamentos. E depois disse que eu era demasiado velho. A recomendação oficial dele foi que eu me reformasse.

Eu suspiro, virando-me para o encarar.

– Ele não disse isso.

– Disse sim – murmura Ilmari. – Porque é que achas que eu estava tão relutante em ter-te a ajudar-me? – Ele vira-se novamente para os treinadores. – Ela ajudou-me quando me senti abandonado pela equipa médica daqui. Ela usou os seus próprios recursos para me levar a Cincinnati para tratamento quando eu me recusei a passar por Avery. A doutora Price nunca fez nada que pusesse em risco a minha saúde ou a minha segurança. E se a despedirem...

– Para aí mesmo, Kinnunen – ladra o treinador. – Podes ser um jogador fantástico, mas não és tu quem manda aqui. A verdade é que ela violou as regras conscientemente e tu ajudaste-a a fazê-lo. Ela sabia que o que estava a fazer não era correto. Ela sabia que o que estava a fazer não era ético...

– É pouco ético prestar o nível de cuidados que um jogador merece? – contra-ataca Jake. – Só porque esta equipa emprega profissionais de saúde de qualidade inferior, não quer dizer que devemos sofrer por isso. O Mars fez bem em ser tratado por ela...

– Não estou a contestar esse facto – exclama o treinador. – Mas a doutora Price envolveu-se numa relação sexual com o seu paciente! Parece

que ela tem feito tudo na sombra desde que cá chegou. Como é que vamos saber o que ela fez ou não fez com o Kinnunen? Onde estão os registos desta viagem a Cincinnati? Porque é que não fui informado de que o meu melhor guarda-redes viajou para outro Estado para procedimentos médicos clandestinos?

Ele vira o seu olhar tempestuoso para mim.

– Não contesto a sua dedicação, doutora Price. Até lhe agradeço o cuidado que tão claramente demonstrou para com os meus jogadores. Mas tem muito que aprender sobre como trabalhar em equipa. Segredos e mentiras e operar por conta própria sem qualquer supervisão não é o tipo de trabalho de equipa que espero. Também não é uma conduta que eu possa tolerar – diz ele, com uma nota de finalidade na sua voz.

– O que quer dizer? – pergunta Jake, com um braço à volta da minha cintura.

– Estou a dizer que isto não está nas minhas mãos – admite. – Posso ser o treinador principal, mas não sou o responsável máximo pela decisão. A minha recomendação é que a doutora Price seja despedida, com efeitos imediatos...

– Treinador, não! – grita Jake.

– Oh, meu Deus! – suspira a Poppy, com lágrimas nos olhos.

– Isto está errado – diz Ilmari.

– É tão errado – diz Caleb.

– Como eu disse, a decisão não é minha – declara o treinador, interrompendo-os. – Isto tem de ir ao diretor-geral. Com todas estas acusações sobre o Avery... para não falar do ninho de ratos que é a vossa complicada vida amorosa. Depois há o Compton e a sua saída do armário, o Kinnunen e o seu anúncio olímpico... Quer dizer, em que raio estás tu a pensar? – exaspera, com os olhos postos em Ilmari. – Eles vão retirar a tua oferta, filho.

– Não vão – responde ele.

– Não vão? – A voz do treinador ecoa num tom incrédulo. – Como é que podem...

– Porque eu já lhes contei tudo – explica.

– Ilmari – murmuro, com as lágrimas a queimarem-me os olhos.

– Disse-lhes que a minha relação com a doutora Price ia ser divulgada na imprensa americana – continua. – Felizmente, os finlandeses são mais recetivos à ideia de que as pessoas podem atrever-se a ter vidas pessoais. E não é escândalo nenhum ser um homem apaixonado por uma mulher inteligente e talentosa. Não é escândalo nenhum que esse homem coabite com dois homens que considera mais próximos do que amigos. Para mim, eles são família. Os finlandeses que conhecem a minha história ficarão felizes por eu ter uma família a qual chamar minha. O meu agente já está a trabalhar nos comunicados de imprensa. Tenho o apoio total da FIHA.

– *Kulta* – sussurro, agarrando a sua mão. Sinto-me inundada pelo alívio, que se mistura com a vergonha e o embaraço. Provoquei uma grande

confusão. O facto de ainda ter o apoio dele significa muito para mim.

– Certo – diz o treinador com um suspiro cansado. – Não posso tomar esta decisão. Não sem a opinião do diretor-geral. O que posso fazer é dizer que, com efeito imediato, a doutora Price está suspensa...

– Não – exclama Jake.

– Cala-te – diz Caleb, agarrando-lhe o braço. – Suspensão não é demissão. É uma vitória, porra.

Jake resmunga, abanando a cabeça. Ao meu lado, Ilmari está silencioso. Jake e Ilmari aproximam-se mais da minha esquerda e da minha direita, apoiando-me.

O treinador mantém o meu olhar fixo.

– Está suspensa até nova ordem, doutora Price. Dê-nos tempo para resolver esta confusão e decidiremos o que fazer com a sua bolsa. Mas tenho de a avisar – acrescenta. – Não me parece prometedora.

– Sim, senhor Andrews – murmuro. – Eu entendo.

Ele suspira novamente.

– Está bem. Não posso lidar com mais nada disto esta noite. Vão todos para casa. E quanto a vocês, Compton e Kinnunen, se deixarem que isto afete o vosso jogo ou as vossas atitudes no gelo, também vos suspendo. Entendido?

– Sim, senhor Andrews – diz Jake.

Aperto a mão de Ilmari, e ele murmura:

– Sim.

– Ótimo. Agora, saiam todos daqui. Estamos de volta ao trabalho bem cedo. Bem... exceto a doutora Price – acrescenta para mim. – Enquanto a suspensão estiver em vigor, terá de entregar a sua identificação e os seus cartões-chave. Está proibida de aceder à equipa até nova ordem.

Faço-lhe um aceno rígido com a cabeça.

– Sim, senhor Andrews.

Funcionando em piloto automático, coloco a mochila à frente e abro o bolso mais pequeno. Com as mãos a tremer, tiro o cordão que contém a minha identificação dos Rays e as chaves de acesso à porta. Dando um passo em frente, entrego o cordão inteiro à Vicki.

Ela aceita-o sem palavras, com lágrimas nos olhos.

Sem esperar para ver se os rapazes me seguem, saio pela porta do balneário e não olho para trás.

CALEB

—Achas que ela ainda está na casa de banho? – sussurra Jake, parando à minha porta.

Ele tem estado num terrível estado de ansiedade desde que chegámos a casa. É compreensível. Estamos todos um caos. A Rachel parecia praticamente uma *zombie* quando a tirámos do pavilhão. E depois deu a desculpa de que precisava de ir à casa de banho assim que chegámos a casa e desapareceu no seu quarto, fechando a porta atrás de si.

Isso foi há uma hora.

– Duvido muito – murmuro, voltando a minha atenção para o meu portátil. O quarto dela é mesmo em frente ao meu, por isso tenho estado casualmente acampado na minha secretária, fingindo estar ao computador, à espera de qualquer sinal de vida por detrás daquela porta fechada.

Normalmente, quando ela está lá, está a ouvir música ou a falar com a Tess ou com o irmão ao telefone. Agora está silenciosa como um rato.

– Devíamos ir ver – diz o Jake.

– Se quiseres – digo com um encolher de ombros.

Ele salta para o outro lado do corredor, batendo à porta dela.

– Querida? Posso entrar?

Quando ela não responde, ele olha para mim por cima do ombro. Depois leva a mão até à maçaneta e abana-a. Ela não a fechou à chave. Não sei se isso é um bom sinal ou não, mas o Jake abre-a.

– Olá, querida... o quê... Seattle, o que é que estás a fazer? – grita ele, desaparecendo dentro do quarto dela.

Levanto-me da cadeira da secretária, tropeçando no corredor até ao quarto dela. Passo por trás do Jake e vejo a Rachel a passar da cómoda para a cama, empilhando roupa dentro de uma mala aberta. O meu coração cai-me

do peito.

– Furacão...

– Querida, não – choraminga Jake. – O que estás a fazer? – Ele atravessa o quarto, fechando a tampa da mala antes que ela possa deixar cair outra pilha de roupa lá dentro. – Rachel, para!

– Jake – suspira ela, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. – Por favor, não faças isto...

– Não faço o quê? – grita ele. – Deixar o amor da minha vida fazer as malas para me deixar?

– Não posso ficar aqui – diz ela, atirando a pilha para dentro da outra mala.

– De que raio estás a falar? Tu vives aqui!

– Como é que posso continuar a viver aqui? Não tenho emprego. Não tenho uma referência. Nem sequer posso voltar para Cincinnati, porque o doutor Halla já preencheu o meu lugar até ao fim do ano.

Ela continua a fazer as malas enquanto fala, correndo para a casa de banho privativa.

– Não posso ficar aqui e arruinar as vossas vidas. Não posso arrastar-vos ainda mais para a minha confusão. Não posso tornar isto ainda pior. Meu Deus, eu pioro tudo. Todos vocês merecem muito melhor. Não sei o que me passou pela cabeça, arriscar os vossos empregos, as vossas reputações... não consigo... não posso... oh, meu Deus...

Ela deixa cair a bolsa com os artigos de higiene no chão, afundando-se na ponta da cama entre as duas malas meio cheias, enterrando a cara nas mãos.

– Mars, vem cá! – grita Jake, antes de se ajoelhar aos pés de Rachel, com as mãos a envolverem-lhe os pulsos, e começa a murmurar-lhe baixinho. – Por favor, não faças isso, minha querida. Não percas a esperança. Não desistas de nós... dos Rays. Isto está uma confusão, mas nós vamos resolver isto. Juntos, vamos resolver tudo...

Ela abana a cabeça.

– Não, o treinador tem razão. Tenho andado por aí, a tomar todas estas decisões, a magoar toda a gente com quem entro em contacto, a pôr tudo em risco. Trabalhaste tanto para construir tudo isto, Jake – diz ela, gesticulando em redor. – Não posso ser eu a deitar tudo abaixo.

Jake olha em redor, incrédulo.

– O quê... a porcaria desta casa? Eu deito-a abaixo. Estou-me nas tintas para esta casa, Rachel. Preocupo-me com as pessoas que a habitam: tu, o Cay, o Mars e o cão... e sim, adoro a minha cafeteira... e o meu ginásio privado – acrescenta. – Mas eu posso comprar uma cafeteira nova – diz ele rapidamente. – Mas não posso comprar uma nova Rachel.

Mars entra na divisão atrás de mim, olhando atentamente em redor.

– Não – diz ele, sem voz.

Rachel olha para cima, vendo-o ali parado.

– Ilmari – suspira, abanando a cabeça.

– Espera – digo eu. – Parem todos, porra. Rachel, não vamos jogar este jogo contigo. Pelo menos, eu sei que não vou. Não vou passar um único momento do meu tempo a convencer-te a ficar...

– Não sejas parvo – rosna-me o Jake.

– Não estou a ser parvo – contraponho. – Estou a reconhecer o meu próprio valor. Não imploro às pessoas que amo que me retribuam amor. Jake, levanta-te e deixa de ser maricas. Se ela quiser ir, deixa-a ir. Se ela quer ficar, deixa-a ficar. Não tentamos convencê-la de nada.

– Concordo – diz Mars, cruzando os braços sobre o peito nu.

Jake está literalmente em guerra consigo próprio, com o seu lado doce a querer derreter-se por ela e a ficar de joelhos. E depois há o lado obstinado e confiante de um homem que domina um ringue de hóquei. Ele quer virá-la e dar-lhe umas palmadas no rabo por se atrever a pensar em deixar-nos. Com um gemido, ele tropeça nos seus pés e dá um passo atrás, o seu corpo tenso enquanto se aproxima para ficar ao meu lado.

– Lindo menino – digo-lhe eu.

– Cala a boca – murmura ele, com o rosto numa máscara de agonia.

Rachel senta-se na ponta da cama onde nunca dorme, vestindo apenas a sua blusa de seda azul e um par de calções de dormir a condizer. O cabelo despenteado emoldura-lhe o rosto, metade para cima, metade para baixo.

– Queres ir, Rachel? Continua a fazer as malas. Aqui o Mars leva-te ao aeroporto, à estação de autocarros, ao cais de cruzeiros. Basta dizer-lhe onde e ele leva-te. Queres ficar? Nós estamos lá em baixo.

Tenho de virar fisicamente o Jake, empurrando-o primeiro para fora da porta, mas nós os três saímos em silêncio, deixando a porta aberta e descemos as escadas para a sala de estar. Eu dou um empurrão no ombro de Jake, e ele afunda-se como uma pedra no sofá.

– Se ela nos deixar, nunca te vou perdoar – murmura ele, com o olhar fixo na direção da televisão.

– Vais, sim – respondo, afundando-me no sofá ao lado dele.

– Oh, achas que sim?

– Acho.

– Porquê?

– Porque, se ela nos deixar, não nos amou o suficiente para ficar, não nos respeitou o suficiente para nos deixar tomar as nossas próprias decisões, nem nos quis o suficiente para lutar contra esta tempestade – respondo. – A minha Furacão é tempestade. Quando ela se lembrar desse facto, vai descer as escadas e vai abanar-nos a todos. Até lá, dá-me a porra do comando. Estamos a ver o concurso de culinária.

RACHEL

Como é que se instalou esta confusão? Há cinco meses, eu estava sentada num bar em Seattle, a chafurdar no meu fracasso profissional, a beber sozinha durante o dia... bem, quase sozinha. Queria estar sozinha.

Depois entrou o meu Rapaz Mistério.

Agora aqui estou eu, cinco meses depois, sentindo que nada mudou. Continuo sozinha. Ainda a chafurdar num fracasso profissional.

Só que tudo mudou. Eu mudei. Eles mudaram-me. O Jake, o Caleb, o Ilmari. Cada um deles agarrou num pedaço de mim e desenrolou os fios, tecendo os seus próprios fios juntamente com os meus. O resultado foi algo completamente novo. Algo mais forte. Algo mais bonito do que eu jamais poderia ter imaginado.

Estive sentada nesta sala durante a última hora, numa espiral fora de controlo. Como um paraquedista sem paraquedas que dá o salto no escuro, tenho andado às voltas, à procura de qualquer coisa para me orientar. Para que lado é que é para cima? Qual é o caminho para baixo? Como é que eu paro esta sensação de queda livre?

E então o meu Caleb deu-me a âncora de que eu precisava.

A escolha.

Todos nós temos uma escolha neste mundo. Ficar ou partir. Amar ou odiar. Lutar ou fugir. Posso escolher o que acontece a seguir. Posso não ser capaz de controlar se os Rays me deixam manter o meu emprego, mas posso controlar a minha reação a isso.

Ficar ou partir, Rachel?

Será que quero ficar aqui? Será que quero ficar com os meus rapazes? Sim, surge a voz profunda do desejo, ecoando do próprio centro do ser. Eu quero ficar. Quero pertencer aqui com eles. Os meus rapazes. A minha

família.

Amor ou ódio?

Será que amo o Jake Compton?

Sorrio, fechando os olhos e deixando a minha mente inundar-se com as memórias da nossa primeira noite juntos. Aquele homem conquistou-me naquela noite perfeita. As nossas almas entrelaçaram-se. Era o destino. Era a natureza em movimento poético. Ele é meu e eu sou dele. Amá-lo é mais fácil do que respirar. A minha alegria e a minha felicidade, ele traz doçura à minha vida. Ele centra-me e faz-me sentir-me completa. Sim, eu amo o Jake Compton.

Mas será que amo o Caleb Sanford?

Mal-humorado, temperamental, distante. Usa uma carapaça dura. Parte dela esconde a sua dor muito real. Ele já foi muito magoado nesta vida. Ele conhece a perda e a tragédia. Mas ele também conhece a esperança resiliente que vem da cura. Ele sabe como resistir a uma tempestade, mesmo aquela que nos reduz a nada. Ele sabe como se reconstruir. Ele é um sobrevivente. Ele é o centro e o forte que segura. Ele é o lugar onde todos nós encontramos força.

E esse é o segredo do Caleb. A sua concha esconde a sua dor. Mas também esconde o seu coração esperançoso. Ele é um otimista, embora nunca o admita. É um sonhador. Quero ver o mundo através dos seus olhos. Quero ver os seus sonhos e torná-los reais. A minha força, o meu coração. Eu amo-o tão loucamente.

E o Ilmari? Será que amo Mars Kinnunen?

Fecho novamente os olhos, respiro fundo, procurando aquela sensação de paz e tranquilidade que só consigo encontrar nos seus braços. Ilmari é como as árvores da floresta, com raízes profundas e altas. Ele é suave, mas inflexível. Robusto. Ele contém multiplicidades. Ele faz-me acreditar que o lar não é um lugar. É um sentimento. Lar é estar nos seus braços. É sentir os seus olhos em mim. É tê-lo enterrado bem fundo, movendo-nos juntos como um só partilhando a carne, a respiração e a alma. Sim, estou apaixonada por Ilmari Kinnunen.

A minha respiração sai num ofegar trémulo enquanto sinto que o meu coração está a bater de amor por estes homens que me conquistaram tão completamente. Eu amo-os a todos. Quero ficar. Quero ser deles. Apenas uma pergunta permanece.

Lutar ou fugir?

Terei a força para ficar? Terei a força para os amar como eles merecem? Sem vergonha, sem medo, e totalmente em voz alta. Meu Deus, espero que sim, porra!

Ponho-me de pé, com o coração a bater, e corro para a porta aberta. Passo para o corredor, descalça em direção às escadas. Apresso-me a descer, com a minha mão a passar pelo metal frio do corrimão.

Desço a escada, percorrendo o pequeno *hall* de entrada que dá para a grande sala. Os meus três homens estão exatamente onde disseram que

estariam, sentados em fila no sofá, à minha espera.

Lágrimas de gratidão escorrem-me pelas faces enquanto eu praticamente tropeço para dentro da sala, contornando a parte de trás do sofá. Todos os olhares estão fixos em mim quando me deixo cair no colo de Caleb e enterro o meu rosto no seu peito soluçando, e deixo as minhas mãos passarem pelo seu cabelo e rodearem a sua nuca.

– Desculpa. Cay, por favor, eu sinto muito. Eu quero ficar. Por favor, deixa-me ficar. Ama-me, e luta comigo e deixa-me ficar.

Lentamente, os seus braços erguem-se e envolvem-me. As suas mãos afagam as minhas costas para cima e para baixo antes de se dirigirem para o meu cabelo. Gentilmente, ele entrelaça os seus dedos e puxa a minha cabeça para trás até conseguir olhar-me nos olhos.

– Vais ficar?

Eu aceno com a cabeça.

– Vais lutar?

Aceno de novo com a cabeça.

– Palavras, Rachel – rosna ele.

– Sim – digo num fôlego. – Quero ficar, lutar e amar-te. A todos vós. Não posso prometer a perfeição. Francamente, não faço ideia do que raio estou a fazer... ou o que vou fazer. Mas eu sei do fundo do meu coração que nós somos mais fortes juntos do que eu jamais poderia sonhar se estivesse sozinha.

Olho de Jake para Ilmari e novamente para Caleb.

– Eu sei que cometi erros. Duvidei e manipulei. Procurei controlar tudo. No meu medo, pensei que tinha de o fazer. Estive tão só durante tanto tempo. Tão habituada a sobreviver sozinha...

– Bem, isso acaba agora – diz Caleb. – Estás a lidar com três jogadores de hóquei, Rachel. Nós não trabalhamos sozinhos. Primeiro a equipa. A equipa sempre.

Aceno com a cabeça, tentando recuperar a minha respiração.

– A equipa em primeiro lugar – repito.

– Eu sei que a tua família tem muito peso para ti. A família Price contra o mundo e tudo isso. Mas isto só vai funcionar se fizerem desta a vossa família. A família Price-Compton-Sanford-Kinnunen.

– Juro por Deus, não vamos hifenizar os nossos nomes assim – murmura Jake.

Eu mordo o lábio para não sorrir. Fechando os olhos, inspiro mais uma vez e aceno com a cabeça.

– Já acabaste de nos ameaçar deixar? – diz Caleb com o seu olhar imperioso, mas mantendo o coração fechado dentro da sua concha.

Eu aceno com a cabeça.

– Sim.

– Ótimo – murmura ele. – Porque o assustaste de morte – diz, apontando para Jake. – Se tens alguma coisa para lhe dizer, agora pode ser

uma boa altura.

Os últimos vestígios das minhas paredes desmoronam-se quando olho para o meu Jake e vejo as lágrimas nos seus olhos. Atiro-me praticamente para ele, rastejando do colo de Caleb para o de Jake.

– Desculpa – choro. – Meu anjo, sinto muito. Eu estava tão confusa.

Jake não tem nada da frieza de Caleb. Ele abraça-me, enchendo-me de beijos no meu ombro, no meu pescoço, na minha bochecha. Cada um deles parece uma dádiva, como se uma centelha da sua vida se impregnasse na minha pele e me iluminasse por dentro, aquecendo-me e dando-me força.

– Amo-te, Jake – murmuro, retribuindo o seu beijo. – Meu anjo, eu amo-te. Amo-te tanto.

– Nunca me deixes ir – suspira ele, com as mãos no meu cabelo. – Rach, por favor. Nunca me deixes ir. Casa comigo. – Ele afasta-se, com as mãos a segurar-me o rosto.

– Casa connosco.

Os meus olhos arregalam-se.

– O quê?

– Não podemos tornar isto oficial – diz ele, abanando a cabeça. – Eu pesquisei no Google. Há leis que dizem que não podemos legalizar, mas eu quero que te cases connosco na mesma. Sem Elvis, sem igrejas, sem papelada. Apenas a tua promessa ligada à minha.

Eu olho para ele e depois para os outros, estupefacta.

– Como é que isso... tu não queres isso – sussurro, olhando para Ilmari.
– Tu querias isso?

Ele faz uma careta para mim.

– O que é que achas que significa «*mennään naimisiin*»?

Eu pestanejo para ele.

– Não sei. Eu não falo finlandês!

– Significa «casa comigo» – resmunga ele. – Eu digo isso a toda a hora.

– Bem, como é que é suposto eu...

– Chega – ordena Caleb. – Furacão, queres ser ilegalmente casada com o Mars com base em nada mais do que um acordo verbal falado aqui nesta sala de estar?

Combato uma gargalhada e aceno com a cabeça. Sentada no colo de outro homem, sentindo a sua pila dura contra a minha coxa, ouço-me a dizer:

– Claro que sim. Eu caso-me contigo, Ilmari.

Ele acena com a cabeça, com os lábios franzidos como se não conseguisse decidir se está satisfeito ou ainda irritado.

– E o Cay, querida? – provoca Jake, passando uma mão pelo meu cabelo desalinhado. – Queres ser casada ilegalmente com o Cay e viver em pecado com ele? Queres ser a sua boa menina e montar o seu estranho pénis cheio de nervuras para o resto da tua vida?

Eu suspiro. É um belo conjunto de votos. Do género que qualquer pessoa definitivamente imortaliza sob a forma de canção para que os seus

filhos e os filhos deles nunca possam escapar disso. Vou pôr o papá a trabalhar nisso como prenda de aniversário para o Cay.

– Sim – digo, o meu olhar fixo nos lindos olhos escuros de Cay. – Eu caso contigo, Caleb. Tu és meu.

Ele sorri, sempre o cliente simpático.

– E eu, querida? – diz Jake, com as duas mãos a tocar-me na cara. – Eu amei-te desde o momento em que te vi. Roubaste-me o fôlego e eu tenho vivido num tempo emprestado desde então. Sê o meu suporte de vida. Mantém o meu coração a bater. Casa comigo, porra.

Sorrio, com as minhas mãos a segurar-lhe as bochechas.

– Amo-te tanto, Jake. Entraste naquele bar e eu não tive qualquer hipótese. Eu sou tão irrevogavelmente tua. Sê meu para sempre.

– Para sempre – murmura ele, os seus lábios roçando os meus. – Para sempre e para sempre e para sempre.

Beijamo-nos, derramando a nossa necessidade um no outro. Eu luto com ele pelo domínio até me estar a contorcer, quebrando o nosso beijo, as suas mãos nos meus seios, amassando-me através da seda da minha camisa.

– Foda-se – ofego, batendo-lhe com as mãos para baixo para que eu possa puxar a minha camisa para cima sobre a minha cabeça. Atiro-a para trás de mim, sem me importar onde vai parar.

– Eu preciso de todos vocês. Preciso de vos ter.

Três pares de olhos observam-me, mas é Caleb quem fala.

– Diz o que queres, Furacão.

Saio do colo de Jake, fico de pé e dou um passo para trás, deixando cair os meus calções de seda para o chão, para ficar nua.

– Eu quero-vos aos três. Todos de uma vez. Quero estar a pingar com o vosso esperma. Deixem-me em polvorosa. Reivindiquem-me para que não haja mais dúvidas sobre o meu lugar.

RACHEL

Todos os meus três rapazes estão a olhar para mim de olhos arregalados. É bom. Eu quero toda a atenção deles. Todo o seu amor. Mas também quero brincar. Quero quebrar a maldição desta noite horrível e voltar a juntar-nos. Quero alegria de novo. Risos e amor.

E quero um sexo realmente fantástico.

– Vou subir agora – digo, pronta para pôr os meus três homens estupidamente lindos em ação. – Quero três pilas dentro de mim. Ou se juntam ou sejam criativos com a minha coleção de brinquedos.

Virando-me, dou exatamente três passos antes de todos eles me perseguirem. Ilmari é o mais rápido, atirando-me para cima do seu ombro sem camisa e carregando-me pelas escadas acima como um saco de farinha. Eu rio como uma louca enquanto Caleb e Jake me seguem, subindo as escadas dois degraus de cada vez.

Ilmari leva-me pelo longo corredor até ao quarto de Jake e atira-me para os pés da cama. A velha armação desapareceu. Em vez disso, os rapazes montaram uma cama de casal *kingsize* num estrado baixo. Ilmari comprou um exemplar do precioso colchão de Jake, para que não houvesse discussão sobre lugares.

Eu arquejo quando me dirijo para o meio. Mas depois suspiro, rindo alto, quando ele me agarra pelos tornozelos e me arrasta pela cama, abrindo-me. Murmurando algo que não apanho em finlandês, ele ajoelha-se no chão e cobre-me a vagina com a boca.

– Oh... – As minhas costas arqueiam-se quando ele me prende no seu aperto firme, a sua língua a provocar-me da vagina ao clitóris.

Eu curvo-me para a frente com um gemido, as minhas mãos no seu cabelo.

Atrás dele, Caleb e Jake despem-se rapidamente. Todos os três estavam sem camisa para começar, por isso tiram as calças e rapidamente ficam prontos. O quarto é iluminado apenas pela luz suave da casa de banho e do corredor, fazendo com que tudo pareça escuro, fechado e confortável.

– Deita-te para trás – ordena Caleb, subindo para a cama ao meu lado. Jake deita-se do meu outro lado. Cada um deles pega num ombro, pressionando-me contra o colchão. Depois pegam nos meus braços, esticando-os acima da minha cabeça. Jake mantém os seus dedos entrelaçados nos meus, segurando-me, enquanto desce para o meu peito, a sua língua ávida a tocar o meu mamilo e a chupá-lo.

Eu suspiro com a sensação feliz de dois homens a amar-me ao mesmo tempo, e depois Caleb começa a beijar-me. Estão aqui os três e a sensação é indescritível. Estou febril. Estou a voar. A cair, a afundar-me, a brilhar.

Fecho os olhos e deixo-me sentir tudo, gritando em êxtase quando a minha primeira libertação me atravessa. Assim que começa a espalhar-se a partir do meu centro, Ilmari enfia dois dedos dentro da minha vagina, a sua língua provocando o meu clitóris.

– Foda-se... – Luto contra o peso dos três homens que me seguram. O meu corpo quer curvar-se para a frente. O meu âmagio quer carregar sobre os dedos de Ilmari. – Mais – suplico. – Eu quero mais.

Ilmari trabalha-me até eu ser uma confusão que se contorce. Depois senta-se sobre os calcanhares, com um sorriso na cara. Olho para ele, para o meu corpo, com o peito a tremer, as pontas dos meus mamilos a brilharem com os beijos do Jake. Depois viro a cabeça para o lado, olhando para Caleb.

– Meu anjo, queres ajudar-me a levar o Cay à loucura?

O olhar de Caleb escurece.

– Foda-se, sim – sorri Jake, apimentando mais alguns beijos no meu peito antes de me morder o queixo. – O que tens em mente?

Eu sorrio, rolando para o meu lado e, em seguida, ponho-me de joelhos.

– Pensei em montar-lhe a cara enquanto lhe chupavas a pila – provoco, passando um dedo pelo maxilar coberto de barba de Caleb.

O seu olhar endurece.

– Não me provoques, porra! – murmura ele, com a mão a agarrar-me o queixo.

– Quem está a provocar? – respondo. – Deita-te.

Ficamos a olhar um para o outro durante mais alguns segundos antes de ele largar a mão e dizer, sem fôlego:

– Foda-se! – Depois, desloca-se por cima de mim em direção ao meio da cama, deitando-se sobre ela na horizontal.

– É isso aí – provoca Jake, abrindo as pernas de Caleb e rastejando entre elas. – Que menino bonito...

– Não comeces, a não ser que me queiras nesse cu – rosna Caleb, ainda apoiado nos cotovelos, com a pila furada dura e pronta.

– Se esperas que eu me sente na tua cara, é melhor deitares-te – digo eu.

– Tenta não te vires – acrescenta Jake, com as mãos a roçar as coxas de Caleb. – Vê quanto tempo consegues aguentar. – Enquanto eu observo, ele envolve uma mão em torno da base de Caleb. Depois desce, afundando a sua boca em torno do pénis de Caleb. Os dois homens gemem, as mãos de Caleb agarram-se com força aos lençóis e fecha os olhos.

Ilmari escorrega da cama, tirando finalmente as calças e afasta-se para o lado.

– Vem, Rakas. – Ele coloca-se em posição junto à cabeça de Caleb e eu sei exatamente o que ambos querem.

Com um sorriso, avanço um pouco, estendendo as mãos a Ilmari. Ele ajuda-me a montar Caleb, segurando o meu peso enquanto a minha vagina nua repousa no peito de Caleb. Olho para baixo e vejo os seus olhos escuros a observarem-me.

– Vais sentar-te ou não, Furacão? – As suas mãos apertam-me o rabo. – Estou a morrer de fome, porra!

Olho de relance para Ilmari e ele acena com a cabeça, ajudando-me a colocar-me em posição sobre o rosto de Caleb. Este segura-me pelas ancas, puxando-me para baixo, e eu começo a gritar, o corpo preso num espasmo enquanto ele me chupa o clítoris.

– Oh, meu Deus! – gemo, as minhas mãos apoiadas nas ancas de Ilmari enquanto ele se aproxima.

Ele aperta-me o cabelo.

– Toma-me, Rakas.

Inclino-me para a frente, agarrando-me às ancas de Ilmari enquanto passo a língua pela ponta do seu pénis, saboreando o gosto salgado do seu esperma. Entretanto, Caleb aperta-me o rabo com as duas mãos e provoca-me os lábios, o clítoris, a vagina. Penetra-me com a língua, mantendo-me imóvel enquanto passa dois dedos dentro de mim, enrolando-os ao longo da minha parede interior.

Eu gemo à volta da pila de Ilmari e a sua mão agarra-se com mais força ao meu cabelo.

– Vem-te outra vez para nós – diz ele. – Enche a boca do Caleb. Faz com que ele se afogue.

Enquanto ele fala, Jake surpreende-me rastejando pelo peito de Cay. As suas mãos sobem para os meus ombros enroscando-se contra mim.

Eu suspiro, olhando por cima do meu ombro.

– Jake... o que...

– Fica quieta. – A sua mão escorrega entre nós e ele faz deslizar o seu pénis entre as minhas pernas por trás, a ponta dele provocando a minha entrada enquanto nós montamos a cara de Caleb juntos.

– Foda-se! – diz Caleb. – Oh, foda-se...

Jake pratica algumas investidas, a sua pila a tocar na minha entrada. Depois a boca de Caleb está lá e ele está a provocar-nos aos dois. É confuso e sujo e eu adoro. Gemo e a cabeça inclina-se para trás para descansar contra o

ombro de Jake.

Depois Ilmari baixa-se, com as mãos no meu cabelo, e beija-me desenfreadamente. A pressão no meu núcleo aumenta à medida que Jake me envolve com as duas mãos, segurando-me com força, fazendo força com as ancas, a sua ponta a provocar a minha entrada sem me penetrar.

Estou a tremer enquanto sinto o meu orgasmo pronto a rebentar como ondas contra a costa rochosa.

– Estou tão perto – grito, a minha boca partilhando o ar com Ilmari.

– Mars, deita-te na cama – diz Jake, puxando-me para trás com força, o meu orgasmo a rebentar como uma bola de sabão.

– Não – grito, com a sensação trémula e desorientadora de uma libertação retardada a fazer-me sentir tonta. – Eu estava mesmo quase – ofego.

Atrás de mim, Jake ri-se, beijando-me o pescoço e o ombro.

– Não seas gananciosa – provoca ele, dando-me uma palmada no rabo. – Sabes que te vamos fazer vir toda a noite. Chupa-lhe a pila outra vez, querida. Eu vou levar esta vagina. Desta vez, faz o nosso homem ver estrelas.

Caleb rebola com um gemido, escorregando para o lado da cama enquanto Mars sobe para o cimo da cama, sentando-se apoiado na cabeceira, com as suas pernas grossas de tronco de árvore bem abertas.

– Vem, Rakas.

Afasto-me das garras de Jake e rastejo para a frente, de mãos e joelhos, beijando as coxas de Ilmari e a pele macia das suas ancas. Inspiro-o, venerando aquele cheiro masculino.

– *Mä rakastan sua* – murmura ele, afastando o meu cabelo para trás enquanto eu baixo a minha boca à volta dele, levando-o para o fundo da minha garganta.

Atrás de mim, Jake bate-me na anca. Eu ajusto a minha posição, alargando as minhas pernas. As mãos dele passam pelas minhas coxas, sobre a curva redonda do meu rabo, enquanto ele avança de joelhos, pronto para se encaixar na minha entrada.

– Espera – diz Caleb.

Paro de chupar Ilmari o tempo suficiente para olhar por cima do meu ombro. Caleb aproxima-se da cama com algo na mão.

– O que é isso? – murmuro.

– O que é que parece? – pergunta ele com um sorriso.

Eu estreito os olhos para a coisa na mão dele.

– Parece um tampão para o rabo.

– É isso mesmo. – Ele tem na mão um vibrador anal cor-de-rosa brilhante e cheio de lubrificante. Estendendo a mão entre mim e o Jake, ele pressiona a ponta no meu rabo. – Queres, Furacão?

Eu aceno com a cabeça. Ele e Jake sorriem, os olhares famintos descendo para o meu rabo enquanto ele pressiona o brinquedo. Eu suspiro, lutando contra a vontade de me apertar.

– É isso – acalma ele. – Respira como uma boa menina. Já disse que vibra?

– Não... ah... foda-se... – grito, o meu traseiro subitamente a zumbir com as vibrações do brinquedo.

– Oh, sim – ri-se Jake. – Inclina-te, rapariga. Vou reclamar esta vagina...

– Não tão depressa – exclama Caleb.

Jake e eu olhamos por cima dos nossos ombros.

– Oh, que raio é aquilo? – murmura o Jake.

– Não pensaste que te ia deixar de fora, pois não, meu anjo? – provoca Caleb.

Os meus olhos arregalam-se quando vejo que ele está a segurar outro vibrador ligeiramente maior. Este é preto.

– Dobra-te – ordena Caleb, a sua mão livre deslizando pela curva do rabo de Jake.

– Oh, foda-se! – geme Jake, curvando-se sobre mim.

O zumbido no meu rabo está a fazer-me sentir tão cheia, trazendo-me o orgasmo de volta ao limite.

– Depressa – imploro. – Por favor.

– Foda-se... – exclama Jake com os olhos arregalados enquanto Caleb insere o vibrador. – Agora, sejam os meus bons animais de estimação e venham-se. – Enquanto Caleb diz a palavra, ele liga o vibrador do Jake.

O Jake geme, o seu corpo fica frouxo atrás de mim enquanto todos os seus sentidos são desviados para a estranha sensação nova do vibrador no seu cu. Eu ouço o zumbido suave, soando ao mesmo tempo que o meu.

– Fode-a, Jake – ordena Caleb. – Fode-a ou eu aumento a intensidade.

– Oh, meu Deus! – gemo.

Ilmari tem estado em silêncio este tempo todo, observando-nos como se fôssemos um interessante documentário da natureza. Agora tem uma mão a punhetar lentamente a sua pila, com um sorriso nos lábios.

– Olha para mim, Rakas – diz ele com aquela voz profunda. – Mantém os teus olhos em mim. Quero vê-lo a levar-te.

Estou a tremer como se tivesse mil borboletas à solta dentro de mim. O calor do olhar de Ilmari é suficiente para me queimar até às cinzas. Entre o olhar dele e o zumbido, eu já morri.

Depois o Jake mete a mão entre as minhas pernas, os seus dedos afundam-se na minha vagina com um gemido.

– Foda-se, consigo senti-lo a zumbir no teu cu. – Depois, ele começa a pressionar com o seu pau. O brinquedo aperta-o bem.

– Santo Deus! – ele geme.

– Sentes-te bem? – murmura Caleb, de pé ao lado da cama, a observar-nos.

– Tão bom – diz Jake. Ele começa a mexer as ancas, mas o movimento é irregular. – Não consigo aguentar, não consigo concentrar-me...

– Esforça-te mais – provoca Caleb. – Ou... talvez devêssemos tornar as coisas mais difíceis.

– Aumenta o volume – ordena Ilmari, com os olhos ainda fixos em mim.

Ambos gritamos quando o zumbido se intensifica. Sou uma confusão de gemidos. Jake faz tudo o que pode para me penetrar. O zumbido rouba-nos toda a sanidade enquanto nos vimos os dois, os nossos corpos sacudidos por ondas de euforia.

Quando estou prestes a implorar por misericórdia, o zumbido para, e eu posso respirar novamente. Atrás de mim, Jake geme, com a sua pila ainda enterrada em mim.

Caleb deixa cair os comandos na cama e inclina-se, beijando-nos aos dois. Primeiro o Jake, depois eu.

– Que bela visão – murmura ele com os seus dedos acariciando o meu ombro. – Furacão, agora que estás bem esticada, vais levar com o Mars no cu enquanto eu te fodo a racha.

Eu gemo e aceno com a cabeça, deixando os meus homens colocarem-me em posição. Ilmari fica no cimo da cama, rolando para a frente até ficar de joelhos. Eles viram-me, ajudando-me a pôr as mãos e os joelhos também, até eu ficar de frente para o fundo da cama.

Jake deita-se ao nosso lado, com o tampão ainda no cu, enquanto o Caleb tira o meu, dando a Ilmari o lubrificante.

– Mais para baixo – ordena Ilmari.

Apresso-me a obedecer, o meu corpo ainda a zumbir da minha libertação. Desço até aos cotovelos, deixando o meu rabo no ar. A sua mão esquerda passa-me pelas costas até às ancas, enquanto a direita começa a pôr mais lubrificante no meu cu. Quando ele já está a enfiar três dedos, sou uma confusão de gemidos, implorando-lhe que me leve.

Ele penetra, murmurando baixinho em finlandês. Mergulhando até ao fundo, a curva das suas coxas pressionada contra a redondeza do meu rabo. Aquela sensação perfeita de plenitude centra-me, aquecendo-me de dentro para fora. O meu coração bate no peito e a minha boca fica seca. Agarro-me aos lençóis com as duas mãos e olho por cima do ombro.

– És meu – murmuro.

– Teu – responde ele, balançando as ancas contra mim. Ele é gentil para um homem tão gigante. Mas mesmo o anal suave com Ilmari é uma experiência de corpo inteiro. Estou a gemer, com suor na testa, enquanto me levanto sobre as mãos, à procura de Caleb.

Ele está ao lado da cama, a ver-nos foder.

– Vem – digo eu. – Vem ter connosco.

Ele dá um passo à frente, afundando-se de novo na cama. Demora um segundo para manobrá-lo debaixo de mim. Ele desliza ao longo do meu corpo e aninha-se nas minhas ancas. Desliza a mão entre nós, os dedos provocando a minha entrada, afastando-se, leva-os aos lábios, saboreando a mistura da libertação de Jake e da minha.

– Tão perfeito – murmura ele com um sorriso nos olhos. – Senta-te, Furacão.

Com uma respiração profunda, deixo cair as minhas ancas, montando Ilmari e Cay num só, deixando que a pila de Caleb me encha e me faça sentir tão apertada e cheia.

– *No niin* – geme Ilmari, murmurando outras maldições suaves em finlandês enquanto ele e Cay rapidamente encontram o seu ritmo. Os *piercings* de Cay dão-nos aquela pressão perfeita de nervuras. Entre isso e o tamanho de Ilmari, eu não tenho hipótese. Nunca tive. Morte por demasiada pila. E essa é uma morte que eu pretendo sofrer de novo e de novo e de novo.

– Por favor, meu Deus, não pares – grito. – Estou mesmo quase, mesmo quase...

Atrás de mim, Ilmari grita, o seu corpo contrai-se contra mim enquanto ele se vem, a sua libertação enchendo-me o rabo. Eu despedaço-me, o meu núcleo aperta-se à volta de Caleb, estrangulando-o com tanta força. A minha vagina pulsa, ameaçando puxá-lo mais para dentro. Debaixo de mim, ele geme, o seu esperma quente enche-me também, misturando-se com a libertação de Jake.

Deixo-me cair sobre o seu peito, com a respiração irregular enquanto recuperamos. Ilmari sai de cima de mim primeiro, escorrega da cama e desaparece na casa de banho. Caleb vira-me de lado, a sua pila escorrega para fora enquanto eu caio de costas desfalecida.

Jake está do meu outro lado, virando-me o rosto com uma mão delicada. Ele inclina-se, beijando-me.

– Amo-te – murmura ele contra os meus lábios. – Amo-te, querida.

– Amo-te – respondo, com as lágrimas a arderem-me nos olhos. Viro a cabeça para olhar para Caleb, tocando-lhe na face.

– Amo-te, Cay.

– Amo-te, Furacão.

– E eu? – pergunta Jake com um murmúrio, levantando-se sobre um cotovelo para olhar Caleb por cima de mim. – Sabes, nunca o disseste. Deixaste-me dizê-lo, mas nunca o disseste.

Caleb revira os olhos, caindo de costas.

– Ei, tu sabes que eu sou um idiota carente – rosna Jake. – A não ser que queiras ter outro desastre emocional nas tuas mãos, é bom que estejas pronto para me dizer alguma coisa agora mesmo, mesmo que tudo o que consigas reunir sejam sentimentos de afeto.

Caleb sorri, colocando as duas mãos atrás da cabeça, sem dizer nada.

– Cay – suspiro com um abanar de cabeça.

– Seu filho da mãe – rosna Jake, escorregando para o fundo da cama. Em alguma altura ele abandonou o vibrador anal. Anda nu em volta da cama, com a pila meio dura a esvoaçar ao sabor da brisa, enquanto sobe para o lado de Caleb e o monta, prendendo-o.

Eu corro para sair do caminho deles enquanto Caleb ri, curvando-se para

a frente como se estivesse pronto para lutar. Mas o Jake é maior e mais forte. Está no auge da sua forma física na NHL. Ele prende Caleb pelos cotovelos, segurando-o com os quadris enquanto olha para ele.

– Diz.

Caleb ri-se de novo.

– Uma confissão sob coação é inadmissível...

– Diz antes que eu retire a minha...

Caleb balança as ancas contra Jake e este fica em silêncio. Ele fá-lo novamente e os olhos de Jake passam da raiva para a luxúria e de volta à raiva.

– Não te atrevas, porra – rosna Jake.

Mas Caleb fá-lo de novo, mexendo as ancas até a sua pila dura roçar na de Jake.

Com o coração na garganta, vejo o Jake gemer, com os olhos bem fechados.

– Oh, meu Deus! – murmura. Distraído, deixa que Caleb o agarre.

Caleb coloca uma mão entre eles, envolvendo as suas pilas juntas na mão.

– Furacão, traz-me o lubrificante.

Eu ajoelho-me e procuro a embalagem na cama. Abro a tampa e deito o lubrificante na mão de Caleb. Ele acaricia-as e os dois estremeçam, gemendo de necessidade.

– Beija-me. – O polegar de Caleb passa sobre a ponta da pila de Jake.

– Diz – responde Jake.

– Beija-me como se eu fosse o último homem que alguma vez beijarás – ordena Caleb. – Porque sou. Tu és meu, Jake Compton. Tens sido meu. Serás sempre meu. – A cada confissão, ele dá um golpe apertado do seu punho.

Os olhos de Jake fecham-se com força.

– Por favor, diz – geme, baixando o rosto até que a sua respiração se espalha sobre os lábios entreabertos de Caleb. – Querido, por favor...

– Amo-te – diz Caleb. – Jake, eu amo-te. Estou apaixonado por ti. Estou tão apaixonado por ti. Faz qualquer coisa, sê qualquer coisa, mas ama-me também.

Jake fica imóvel, a olhar para ele. Lentamente, acena com a cabeça. Depois começam a beijar-se, a derramar a sua necessidade desesperada um pelo outro enquanto batem as ancas uma na outra.

O meu coração transborda por eles, ao vê-los finalmente a desfazerem as suas paredes. Tenciono amá-los e fazê-los felizes, mas a sua verdadeira felicidade virá de partilharem esse amor um com o outro.

Escorregando da ponta da cama, atravesso o quarto em direção à casa de banho. A sensação da sua libertação pegajosa está quente entre as minhas coxas. Quando chego à porta, Ilmari abre-a. Os seus olhos arregalam-se quando vê a cena por cima do meu ombro. Olho para trás também, mesmo a tempo de ver Caleb a atirar Jake para o colchão. Os seus beijos são vorazes,

enquanto Caleb passa uma mão por baixo da coxa de Jake e o abre bem.

– Oh, foda-se... oh, foda-se... faz isso – grita Jake.

Caleb pressiona e Jake arqueia-se na cama com um grito.

Eu suspiro quando sinto um puxão para trás, para dentro da casa de banho. A porta fecha-se e Ilmari pega em mim, apoiando-me no lavatório. Eu assobio, a sensação do lavatório frio é um choque para as minhas nádegas.

– Vamos deixá-los a sós, Rakas – murmura ele, metendo-se entre as minhas pernas abertas. As suas mãos afastam suavemente o cabelo da minha cara. – Estás contente por eles?

Aceno com a cabeça, com as lágrimas a arderem-me nos olhos.

– Muito contente. Eles estão apaixonados.

– E duvidas do amor deles por ti?

– Não – digo num suspiro. – Claro que não. Duvidas do meu amor por ti quando me vês a amá-los?

– Não – responde ele, passando o polegar pelos meus lábios. – O teu amor não tem limites, Rakas. Estou a aprender contigo o que significa amar. E com eles – acrescenta ele sem um pinga de vergonha. – Eu nunca pertenci a nenhum lugar...

– O teu lugar é aqui – digo-lhe com firmeza, segurando-lhe as faces barbudas. – O teu lugar é comigo. Connosco. Nunca duvides disso. Eu sei que estava aborrecida há pouco. Esconder-me é o meu padrão. Escondendo-me quando as coisas ficam difíceis. Mas também estou a aprender sobre o amor contigo. Tu, o Cay e o Jake. A forma como todos vocês me amam... não me quero esconder mais. Quero manter-me firme. Quero lutar. Todas as noites vestem o vosso equipamento e lutam. Aguentas cada golpe, bloqueias cada tiro.

Os seus dedos percorrem o meu pescoço, descem pelo meu esterno, sobre a minha tatuagem. O olhar dele segue o caminho dos seus dedos.

– Chega de te esconderes, Rakas. Chega de medo. Promete-me.

Eu aceno, erguendo uma mão para acariciar o seu antebraço.

– Prometo que vou tentar. Isso é suficiente por enquanto? – Ele acena com a cabeça.

– *Kulta?* – murmuro, olhando para ele. Os seus olhos azuis profundos perscrutam-me.

– O quê?

– O meu rabo está gelado – admito, mordendo o lábio para não sorrir.

Ele suspira, olhando para baixo e vendo como estou nua sobre a bancada. Eu guincho quando ele me pega nos braços e me leva para o chuveiro. Liga os bocais e um jato duplo de água gelada atinge-nos.

– Ilmari!

Ele ri-se, segurando-me enquanto eu me contorço.

– Se vais casar com um finlandês, temos de te endurecer, Rakas. Saunas quentes e duches frios.

– Nunca – gemo, relaxando sob o jato enquanto a água aquece.

Ele põe-me de pé, mas eu não quero perder a sensação de o ter tão perto. Viro-me nos seus braços, a minha pele molhada roça na dele. Enquanto estamos debaixo do jato quente, beijando-nos e explorando-nos um ao outro, a porta da casa de banho abre-se. Caleb e Jake entram nus, bêbados de demasiado sexo, enquanto se beijam e tropeçam para entrar no duche também.

Ilmari e eu abrimos espaço, os braços dele ficam à minha volta enquanto lhes damos espaço debaixo do segundo chuveiro.

Eles continuam a beijar-se, a rir-se e a empurrar-se um ao outro, enquanto Jake vira Cay, empurrando-o contra a parede de azulejos. Caleb grunhe, com as mãos espalmadas. Jake pressiona com as ancas, a sua pila dura aninhada entre as nádegas de Caleb e começa a mexer-se.

– Ainda não estás cansado? – provoco, com o coração aos pulos com o olhar de alegria nos seus rostos.

– Deus, eu amo a porra do poliamor – diz Jake, segurando Cay preso à parede com uma mão enquanto ele se inclina para me dar um beijo rápido. – Mars, a equipa precisa de ti, meu. Fode a nossa miúda. Bem aqui ao meu lado. Deixa-me ouvi-la a desfazer-se enquanto eu tiro ao Cay tudo o que ele tem. – Eu olho para o Ilmari, à espera de ver sua reação.

Com um gemido baixo, ele desliza as suas mãos pelos meus lados até às minhas ancas.

O seu olhar azul de aço fixa-se em mim e ele sorri.

– Para cima, Rakas. – Juro que nunca subi num homem tão rápido na minha vida.

JAKE

Existe algo chamada sexo a mais? Pode mesmo prejudicar as funções normais? Porque acho que posso ter a doença do sexo. Sinto-me de ressaca e não bebi. Todos os meus músculos doem... da melhor maneira possível. O Cay teve de me dar indicações sobre os cuidados a ter depois do sexo, e deixem-me dizer-vos que foi uma conversa estranha para se ter às três da manhã.

Oh, sim, aparentemente, eu sou um *bottom* agora. Adicionem isso à secção «sobre mim» no *site* da equipa dos Rays. O Caleb diz que o termo correto é «*vers*». Estou a aprender todo o tipo de palavras novas. Sou um *vers* bissexual poliamoroso. Como queiram. O Cay pode atirar-me com todas as palavras novas que quiser. Continuo a ser o Jake Compton. Não me sinto diferente.

Ao mesmo tempo, porém, acordei esta manhã sabendo que nada será igual.

Desço roboticamente as escadas em busca do pequeno-almoço e da máquina de café. Esticando os dois braços por cima da cabeça com um bocejo, quase não vejo a grande mala azul empoleirada ao lado da porta da frente. É a mala da Seattle. Oh, mas que raio de merda...

– Rachel! – grito.

Atravessando o *hall* de entrada, paro e encontro a Rachel e o Caleb sentados na ilha da cozinha. O Mars está no fogão a cozinhar qualquer coisa que cheira muito bem. A Rachel e o Cay viram-se, com os olhos arregalados, observando-me.

– Jake? Estás bem? – pergunta ela.

– Por que raio é que a tua mala está ao pé da porta? – pergunto, apontando por cima do meu ombro. – Pensei que tínhamos resolvido isso

ontem à noite.

Caleb resfolega, voltando a concentrar-se no seu pequeno-almoço.

– Eu disse-te que ele não se ia lembrar.

– Lembrar-me do quê? – pergunto eu, com o olhar a vaguear entre eles. Porque é que os rapazes não parecem nada incomodados com a mala feita pela Rachel? É óbvio que me está a escapar alguma coisa...

– Eu disse-te tudo ontem à noite depois do duche – diz ela suavemente.

– Acho que estavas um pouco fora de ti.

– Nós fizemos sexo com ele até à morte – provoca Cay, espetando uma peça de fruta com o garfo.

Ela ignora-o, com os olhos postos em mim.

– Eu vou para Los Angeles por alguns dias. Já comprei a passagem quando entrei na minha pequena espiral de pânico ontem à noite, mas agora tem uma data de retorno – acrescenta ela rapidamente, escorregando de seu banco para vir agarrar a minha mão.

– Porque é que vais para Los Angeles?

Ela parece estar pronta para sair: roupa vestida, cabelo lavado, maquilhagem feita. Aposto que se eu dormisse mais um pouco, acordaria e já não a encontraria. Ela levanta-se na ponta dos pés e dá-me um beijo rápido. Sabe a *bacon*, a morangos e a café fresco.

– Os meus pais estão em Los Angeles – explica ela, levando-me até à ilha.

Há travessas com o pequeno-almoço: sumo fresco, bagas e bananas cortadas às rodelas, um prato grande de *bacon* e cheira-me que Mars está a cozinhar qualquer coisa com ovos.

– Rakas, este era meu? – pergunta ele, afastando-se do fogão para pegar numa caneca de café.

– Hum? – Ela olha por cima do ombro. – Não...

– *Mitā vittua* – pragueja ele, cuspido o café para o lava-loiça e batendo com a caneca na bancada. – Porque é que é de menta?

Rachel resfolega.

– *Kulta*, a caneca azul era do Caleb. A vermelha era tua.

– Sim, muito obrigado, parvalhão – murmura Caleb. – Deves-me uma chávena de café nova.

– Porque é que era de menta? – pergunta Mars outra vez.

– O Caleb gosta de café moca de menta porque é psicótico como o raio – digo eu, irritado, agarrando numa fatia de *bacon*. – Mas não mudes de assunto. Porque é que vais para Los Angeles?

– Porque os meus pais estão lá – repete ela. – E porque lhes devo uma explicação em pessoa. E porque se tiver de ficar aqui sentada durante uma semana a remoer as consequências da minha suspensão, vou trepar às paredes – acrescenta. – Jake, não posso ficar aqui presa enquanto vocês os três vão trabalhar. Vou ficar uma lástima. E os meus pais merecem ouvir de mim, pessoalmente, o que se está a passar.

Olho de relance de Cay para Mars. Eles parecem estar bem com isto. Não me devia assustar, certo?

– E tens um bilhete de regresso?

Ela acena com a cabeça.

– Volto para casa no domingo.

– Ei... nós jogamos em Los Angeles esta semana, não é? O nosso jogo de sábado não é contra os LA Kings?

– Sim – responde Caleb, dando uma dentada na sua torrada estaladiça com manteiga.

– Fixe – digo eu, animada, enquanto apanho uma mão-cheia de mirtilos.

– Então, vamos ver-vos lá fora. E podemos conhecer formalmente os teus pais. Vai ser fantástico!

A Rachel e o Caleb ficam parados.

– O quê? Casar com uma rapariga significa conhecer os pais dela, certo?

– digo eu, metendo duas bagas na boca. – Não é assim que isto funciona?

– Eu... não tinha pensado nisso – murmura ela.

Lentamente, viramo-nos todos para olhar para ela.

– Como assim, não tinhas pensado nisso? – responde Caleb.

– Quero dizer que, literalmente, nunca pensei na primeira conversa do tipo «Olá, mãe, apresento-te os meus namorados» – exclama ela, saltando novamente do banco.

– Como é que isso é possível? – pergunto.

– Bem, não sei! Acho que, na minha cabeça, tive todas estas visões de nós juntos: Natal, férias e jogos, mas em todos esses cenários, eles já vos conheciam – explica ela. – Nunca pensei que fosse necessário ter um momento estranho de apresentação.

Caleb solta uma gargalhada.

– Qual é o problema? Nunca apresentaste um namorado aos teus pais?

O silêncio ensurdecedor na sala é quebrado apenas pelo crepitar dos ovos enquanto nós os três olhamos para ela.

– Deves estar a gozar comigo, Seattle – murmuro. – Nunca apresentaste um namorado aos teus pais?

– Claro que não – exclama ela. – Nos meus vinte e poucos anos eu só conhecia gente que não interessava. Nunca quis desperdiçar o tempo dos meus pais com a apresentação de um tipo que só ia estar por cá o tempo de um...

– Não te atrevas a acabar essa frase – digo eu. – Olha, eu sei que tiveste rapazes antes de nós, mas aqui está a nova regra da casa: as regras do *disc golf* aplicam-se a todas as relações passadas.

Todos trocam um olhar confuso.

– Regras do *disc golf*? – pergunta ela.

– Sim, sabem, será que eu sei que o *disc golf* é uma coisa? Sim, claro que sei. Mas será que quero aprender mais algum pormenor sobre isso, seja ele grande ou pequeno? Claro que não. As tuas relações passadas são *disc golf* para mim, Seattle. E eu terei todo o gosto em estender-te a mesma cortesia.

Ela ri-se, revirando os olhos.

– Essa é a ideia mais estúpida...

– A ideia mais inteligente que alguma vez tiveste – diz Caleb por cima dela. – Estou com o Jake nisto. O *disc golf* é o máximo. Mars, concordas?

– Nem sequer vou a fingir que estou a ouvir – murmura ele, virando-se com a frigideira na mão. – Vai buscar o teu prato, Jake.

Eu pego num prato da ilha e estendo-o enquanto ele me serve uma espécie de ovo mexido.

– Ei, obrigado – digo com um sorriso. – Quem diria que esta coisa de equipa sexual podia ter tantas vantagens? Não me lembro da última vez que alguém me fez o pequeno-almoço.

– Eu faço-te o pequeno-almoço a toda a hora – murmura Caleb.

– Sim, subir as escadas para perguntar se quero o leite que sobrou para os cereais não é fazer-me o pequeno-almoço – respondo, procurando um garfo na gaveta.

– Está bem – declara a Rachel, pondo-se de pé. – Vou lavar os dentes e pegar no meu portátil. *Kulta*, estás pronto em cinco minutos?

– *Joo* – responde ele, de costas para o fogão.

– Vais-te embora agora? – pergunto eu, com o garfo pausado a meio caminho dos meus lábios.

– Hum. O Ilmari vai levar-me ao aeroporto a caminho do ginásio. – Ela inclina-se sobre mim para me beijar a testa. Virando-se, dá também um beijo a Cay. Depois, ela voa à volta da ilha da cozinha, o seu braço desliza em redor da cintura de Mars enquanto murmuram algo em finlandês, e ela dá-lhe um beijo na bochecha. Nesta altura, *Poseidon* segue-a para todo o lado, correndo atrás dela enquanto ela corre para as escadas.

– Então, não te importas mesmo que ela vá? – murmura Cay, assim que ela está fora do alcance dos ouvidos.

– Não, porque é que havia de me importar? – digo com um encolher de ombros. – Faz sentido que ela queira contar à família sobre nós pessoalmente. E não fixe vai ser conhecer o Hal Price?

– Fácil – murmura ele. – Tu sabes como ela fica estranha com ele. Quando o conheceres, tens de ser fixe, está bem? Não a envergonhes. Mais importante ainda, não me envergonhes a mim.

– Não é comigo que tens de te preocupar – digo na defensiva. – Claro, já vi os Ferrymen em concerto uma ou duas vezes. Mas pergunta aqui ao nosso amigo finlandês gigante quantas vezes é que ele já os viu ao vivo. – Viro-me para ele, a sorrir.

O Mars limita-se a encolher os ombros.

– Sim, não estou preocupado que o Mars perca a calma – responde Caleb.

– Eu não vou perder a calma!

– Calem-se os dois – murmura Mars, olhando para as escadas. – Temos assuntos mais importantes para discutir. Eu não vou ao ginásio. Vou levá-la

ao aeroporto e depois volto logo para cá. Temos muito para planear.

– Concorde – responde Caleb. – Estou a pé desde as seis. Já tenho uma lista a fazer.

– Eu também – diz Mars com um aceno de cabeça.

Olho de relance para eles.

– Isto é sobre a Operação Dia da Saída do Armário? Porque eu também tenho um monte de ideias.

– Não, estou a falar do nosso plano para recuperar o emprego da Rachel – responde Caleb.

– O mesmo – diz Mars.

Olho de relance entre eles.

– Okay... sim, isso é importante. Mas sabes o que é ainda mais importante? Tornar pública a nossa relação.

– Não sei se ela ainda vai querer fazer isso se a suspensão for definitiva – diz Caleb com uma careta. – Quer dizer, ela acha que a imprensa só fala dos seus escândalos e dos seus fracassos. Talvez tenhamos de dar tempo para que tudo isto passe.

Mars acena com a cabeça e eu juro que o meu coração me cai do peito.

– Não. Nem pensar – grito. – Não vamos voltar atrás. Olha para mim agora e diz-me que não estamos a andar para trás. – Os dois tipos olham para mim mas não dizem nada.

– Muito bem, oiçam – digo, baixando a voz. – Temos uma hipótese aqui. Uma verdadeira oportunidade. Esta viagem a Los Angeles pode ser o momento perfeito. Vamos tirá-la em segurança, e depois é hora do grande gesto.

Mars levanta uma sobrancelha para mim.

– Hora do grande gesto?

– Sim, acho que podemos tratar dos dois assuntos ao mesmo tempo – explico. – Podemos recuperar o emprego da Rachel e podemos apresentar-nos ao público como o Quarteto do Medo, nome oficial a definir.

Caleb apenas suspira.

– Achas que em cinco dias conseguimos recuperar o emprego da Rachel e coordenar toda uma campanha de relações públicas? Já para não falar que nós temos empregos. Vocês os dois têm de jogar hóquei, lembram-se?

– Claro que sim – respondo. – É por isso que vamos precisar de ajuda. Vamos pedir todos os favores que temos coletivamente. É esse o objetivo de um grande gesto, certo? É preciso um esforço coletivo. A imprensa vai estar à espera de um espetáculo com isto, por isso vamos dar-lho. Ou é em grande ou vai para casa. Estão os dois comigo?

Caleb suspira.

– Conta-me primeiro a tua ideia antes de eu dizer que sim.

Eu sorrio para ele.

– Oh, tu vais adorar!

RACHEL

Quatro dias sem os meus rapazes e eu estou de rastos. Não que me tenha arrependido. Isso não é possível quando se está casada oficiosamente com o Jake Compton. Ele manda-me tantas mensagens como sempre. A mudança de hora torna tudo mais divertido, uma vez que ele costuma acordar às seis da manhã, hora da costa leste, e agora estou na costa oeste.

Tenho tentado ficar calma, passando tempo de qualidade com a minha mãe, relaxando na piscina. Ela está a impor uma proibição rigorosa dos meios de comunicação social. A equipa do meu pai ainda está a tratar dos pedidos da imprensa, mantendo-me fora disso, e as casas dos Price são um porto seguro sem televisão, sem notícias, sem mexericos. Ouvimos música, cozinhámos e ignoramos o mundo exterior. É perfeito. Uma recarga de bateria emocional.

Acontece que o meu medo de me assumir aos meus pais como poliamorosa era totalmente desnecessário... porque o Harrison assumiu-o por mim. Ele fez um excelente trabalho a treiná-los para agirem naturalmente, mas eu percebi imediatamente através dos seus sorrisos estranhos e forçados. O idiota denunciou-me.

– Não te zangues com o Harri, Lem – disse o papá, pondo o braço à volta dos meus ombros e apertando-me. – Ele só estava a fazer o papel de gémeo superprotetor. Se não jurássemos pela nossa vida que não nos importávamos quando nos contasses, ele ameaçava esconder-nos os netos.

Então era isso. Essa foi a grande revelação. No que diz respeito ao papá, se eu estou feliz, ele está feliz por mim. Ele quer que eles venham jantar cá a casa depois do jogo para os conhecer oficialmente.

A mãe tem sido a mais difícil de convencer, mas é ela que faz as perguntas mais difíceis. Ela quer pormenores, histórias, datas. Ela quer saber coisas como «Se tiverem filhos, quem será o pai?» Ou «nenhum de vocês se

importa»? Aquelas conversas casuais à beira da piscina.

É estranho dizer que não estou preocupada? Não estou preocupada com as grandes perguntas sem resposta na nossa relação. As coisas essenciais estão lá. Eu amo-os e eles amam-me. Queremos uma vida juntos. Estamos dispostos a lutar por ela. O resto são apenas pormenores.

Nesta altura, estou mais preocupada com a minha suspensão. As minhas aspirações profissionais nunca tiveram que ver com a necessidade de dinheiro. Sei que é uma coisa incrivelmente privilegiada de se dizer, mas é verdade. Nunca tive de trabalhar. Escolhi trabalhar. Eu queria ir para a faculdade de medicina e tornar-me médica. Queria as longas horas no laboratório, os turnos noturnos ingratos na clínica. E adoro o suor e o stresse do dia do jogo. Adoro sentir-me parte da equipa. Posso não ser jogadora, mas também ganho uma pequena parte de cada vitória.

Esta suspensão é culpa minha. Aceitá-la-ei se eles decidirem demitir-me. Mas vai doer muito. Não importa se acho que fiz a coisa certa pelo Ilmari. Eu quebrei as regras. Não é suposto deixarmos as emoções toldarem o nosso julgamento.

Eu entendo... mas também discordo. Os humanos são complicados. Somos emotivos. As nossas histórias raramente são lineares, as nossas jornadas são dinâmicas. Se eu não tivesse a emoção da história de Ilmari a alimentar-me, talvez tivesse feito escolhas diferentes em relação aos seus cuidados. Se calhar, teria escolhido o caminho de Avery e tê-lo-ia descartado de imediato.

Só gostava de poder fazer mais para lutar pelo meu emprego. Quero estar perante o Dr. Tyler e o diretor-geral e apresentar o meu caso. Mas em quatro longos dias a única coisa que o Tyler pediu foram os exames de Cincinnati. Para além disso, só me deparo com silêncio em todas as frentes.

Tem sido quase assustadoramente silencioso. Nada da Poppy. Nada da equipa de relações públicas do pai. Só paz... e sossego... e mensagens de texto atualizadas do Jake sobre a vigilância dos pelicanos.

Os rapazes dizem que não têm atualizações, mas eu faço parte da equipa há meses. Os Rays fofocam mais do que um círculo de tricô feminino. Eles sabem alguma coisa. Só que não me dizem nada. O que me está a stressar imenso.

O avião deles aterrou muito cedo esta manhã. Como estou em suspensão, não tenho privilégios para os ver no estádio ou no hotel. Não que eu tentasse. Não estou a fazer nada para arriscar que a minha suspensão piore. Nem sequer quero ir ao jogo desta noite. Embora o Jake tenha deixado bem claro que esperam ver-me lá. Ontem à noite, ele enviou-me quatro bilhetes. Área da família Rays, mesmo no gelo.

Estou a tentar não pensar nisso. Vamos encontrar-nos todos para um almoço rápido daqui a uma hora. Tudo parecerá melhor quando eu estiver de novo nos braços deles.

– Tens a certeza de que é aqui? – pergunto eu, espreitando pelo vidro escuro do jipe.

O papá tem alguns motoristas na equipa, e atribuiu-me o Carl para esta semana. Ele é um tipo fixe. Conheço-o desde os catorze anos.

– Foi esse o nome que me deste, querida – diz ele do banco da frente. – O GPS diz que é mesmo aqui.

Volto a espreitar pela janela. Quando o Jake me enviou o nome do restaurante, reencaminhei-o para o Carl e acabei de me arranjar. Estava à espera que fosse um pequeno café num sítio escondido. O Caleb gosta de encontrar sítios peculiares com sanduíches com nomes de celebridades. Caso contrário, o Jake arrasta-nos para comer *sushi* caro.

Este não é nenhum dos dois. Parece o restaurante de um hotel chique.

– Vais ficar ou não, querida? – indaga o Carl. – Tenho de tirar esta besta daqui.

– Vou... ficar – digo eu, com a mão pousada no puxador da porta. Isto é inesperado, mas quem sou eu para julgar? Talvez tenha uma sanduíche de 60 dólares com peru fatiado e *bacon* fumado de maçã chamada «The Kevin Bacon».

– Telefona quando estiveres pronta para ir! – Carl diz do banco da frente.

– Obrigada, Carl – digo eu, saindo pelo banco de trás com o telemóvel na mão. Ligo para o Jake enquanto fecho a porta e atravesso o passeio até ao átrio do hotel.

– Olá, querida! – diz ele com alegria.

– Ei, estou num restaurante estranho de um hotel. Isto está correto? – pergunto eu, olhando em redor. – É um restaurante de guardanapos de pano, porcelana fina e estou de calças de ganga. Os empregados estão a usar fraque.

– Sim, estamos a caminho. Vamos atrasar-nos. Culpa o Cay...

– Não culpes o Cay – ouço o Caleb dizer perto do telefone.

Eu sorrio, sentindo-me melhor por saber que eles estão perto.

– A que distância estão?

– Talvez uns dez minutos – responde Jake. – Nós fizemos uma reserva. Está no meu nome. É só chegar à mesa e já lá vamos ter.

– Está bem – concordo, atravessando as portas duplas de vidro para o restaurante chique.

A rececionista sorri para mim, com a sua pele de ébano fresca e perfeita à luz que entra pelas janelas.

– Boa tarde – diz ela numa voz cantada. – Tem reserva?

– Olá, miúda – diz Jake ao meu ouvido, chamando-me a atenção.

– Sim?

– Nós amamos-te, Rachel.

O meu coração palpita e eu sorrio.

– Sim, eu também te amo, meu anjo.

– Ótimo, estou aí em dez minutos! – E ele desliga.

Deixo cair o telemóvel ao meu lado.

– Menina, tem reserva? – pergunta novamente a rececionista.

– Sim – digo eu, metendo o telemóvel no bolso. – O nome é Compton.

– Sim, claro. O outro membro do seu grupo já cá está. Por aqui, menina.

Fico quieta.

– Outro membro?

– Sim, ele chegou mesmo antes de si – responde ela. – Eu acompanho-a à mesa.

– Não, eles ainda não chegaram.

Acabei de falar com o Jake. Acabámos de desligar, literalmente, e ele não está aqui. Então... quem é que está aqui? Com quem é que me vou encontrar? A pobre rececionista parece tão confusa quanto eu. A minha curiosidade leva a melhor.

– Mostre-me a mesa.

– Claro – diz ela com um girar de dedo. – Por aqui.

Contornamos a elegante parede divisória de vidro e entramos na sala de jantar principal. Está repleta de pessoas que almoçam ao fim da tarde. Vejo pequenas porções de comida requintada em pratos grandes. Sim, nenhum jogador de hóquei do universo escolheria este sítio.

Ela mostra-me uma mesa de canto junto à janela, onde um homem de fato está sentado ao telefone, com um copo de chá gelado na toalha de mesa branca à sua frente. É um homem de meia-idade, cabelo cor de sal e pimenta, olhos sérios sob espessas sobrancelhas escuras. Transpira riqueza e sofisticação. Foi ele que escolheu este restaurante; eu apostaria qualquer dinheiro.

O meu coração cai do peito e agarro-me à minha mala como se fosse um salva-vidas. Conheço bem este homem, embora só o tenha visto algumas vezes. É Mark Talbot, o diretor-geral dos Jacksonville Rays.

Ele olha para cima quando a rececionista se aproxima, o seu olhar desvia-se dela para mim. A sua expressão é impossível de ler quando se levanta, pousando o telemóvel numa pilha de ficheiros em cima da mesa.

– Doutora Price, ainda bem que encontrou o sítio. – Ele estende a mão e eu, automaticamente, dou um passo em frente e aperto-a.

– Vou mandar o empregado de mesa atender-vos agora – diz a rececionista, afastando-se.

Fico ali no canto da mesa, a ver o Sr. Talbot sentar-se. Ele olha para mim, deixando o guardanapo cair no colo.

– Sente-se, por favor – diz, apontando para a cadeira. – Espero que goste de tártaro de atum.

RACHEL

Com o coração na garganta, sento-me em frente ao Sr. Talbot. Olhando ao redor, consigo absorver a verdade. Esta é uma mesa para quatro com lugares postos para dois. Os meus rapazes não vêm. Eles mentiram-me. Tenho a sensação de que o Sr. Talbot está prestes a dizer-me por que razão.

– Já cá estive antes? – pergunta ele, bebendo um gole de seu chá gelado.

– Não – respondo.

– Bem, eu pedi algumas coisas. Podemos ir comendo enquanto conversamos.

Como se fosse uma deixa, o belo empregado aproxima-se e apresenta um prato de tártaro de atum artisticamente preparado. Os pedaços de peixe marinados são equilibrados sobre uma cama de abacate em cubos, guarnecido com cebolinha e sementes de gergelim.

– Deseja beber alguma coisa, senhora?

– Só água – murmuro.

– Pode pedir o que quiser – diz Talbot. – Vinho? Um *cocktail*?

– Só água – repito.

O empregado sai, deixando-nos sozinhos à mesa.

– Bem, vamos começar – diz Talbot, servindo-se de tártaro. – Não quer nenhum...

– Quero saber o que está a acontecer – respondo. – Senhor Talbot, vim aqui para me encontrar... com outra pessoa.

– Você... ah, caramba! – Ele dá uma gargalhada, largando o garfo que chocalha. – Aqueles idiotas sorrateiros. O Compton enganou-a para vir aqui? Meu Deus, isso explica por que está a comportar-se de uma forma tão estranha. – Ele suspira, abanando a cabeça com outra gargalhada e eu relaxo um pouco.

Não digo nada, à espera.

– Bem, então vamos esquecer o maldito tártaro por um minuto – diz ele, empurrando o prato para o lado. – Posso ver pela expressão assombrada do seu rosto que não vai comer nada até saber por que diabo estou aqui.

Concordo com a cabeça, as mãos entrelaçadas firmemente no meu colo.

– Bem, doutora Price. Resumindo, a minha casa está a arder e estou pronto para fazer qualquer coisa para apagar o fogo.

– Fogo, senhor Talbot?

– Sim – responde ele com aqueles olhos escuros colados a mim. – A minha equipa. A minha organização. Nos últimos cinco dias, fomos abalados de cima a baixo. Já tentou apagar um incêndio numa casa, Price? Posso dizer-lhe que não é nada divertido.

– Não estou a entender.

– Não? Tudo isto começou consigo, doutora Price. Acho que é a única que pode pôr fim a isto.

– Pôr fim a quê?

– À loucura que tomou conta da minha equipa – diz ele com um aceno de mão. – Nos últimos cinco dias, mais de metade dos meus jogadores ameaçaram demitir-se. A outra metade está a pedir para ser renegociada. Eles estão a fazer exigências, mantendo os meus pés nas malditas brasas. Estou pronto para negociar. Por isso, aqui estou eu, a conversar consigo. – Ele bate na mesa entre nós.

Isso é sobre mim? A equipa toda está envolvida? Isso não faz sentido.

– Pergunte-me o que quiser e eu respondo, senhor Talbot – digo.

– Na verdade, só tenho uma pergunta para si, doutora Price – responde ele. – Gosta de trabalhar para os Rays?

– Eu... sim, senhor Talbot – murmuro. – Adoro. Eu amo a equipa. Adoro a equipa de apoio, a camaradagem. Adorei a ideia de fazer parte de algo novo, de construir algo duradouro desde o início.

Ele acena lentamente com a cabeça.

– E qual é o seu plano para cinco anos, Price?

Solto um suspiro trémulo.

– Hum... sempre esperei que, se ganhasse a bolsa Barkley, isso me levasse a um cargo a tempo inteiro. Não que estivesse à espera disso – digo rapidamente. – Só sei que os bolseiros Barkley passam frequentemente para cargos permanentes. E é isso que eu quero... queria – corrijo.

– Pelo que percebi, não escolheu os Rays – responde ele. – A bolsa foi primeiramente proposta a outro médico.

Aceno com a cabeça, aclarando a garganta.

– Sim, pelo que sei, ele andou à luta com uma jangada e a jangada ganhou. O lugar ficou vago e eu preenchi-o.

– Então, não escolheu os Rays – insiste ele. – Aceitou a única opção em aberto.

– Acho que não vejo as coisas dessa forma – respondo. – Aproveitei

uma oportunidade. Abriu-se uma porta e eu entrei. E, pelo menos na minha vida, as melhores coisas que me aconteceram foram sempre as que nunca planeei. Alguma vez me imaginei como médica de medicina desportiva de uma equipa da NHL? Não. Sinceramente, quando cheguei a Jacksonville, nem sequer conseguia dizer o nome de todas as posições. Mas rapidamente me apaixonei por esta cidade e por esta equipa. Não trocava a minha posição por nada.

Ele acena com a cabeça, pensativo, enquanto toma mais um gole do seu chá gelado.

O meu olhar pousa na pilha de pastas junto ao seu cotovelo.

– O que é isso? – Atrevo-me a perguntar.

– Isto? – Ele coloca a mão sobre a pilha. – São os seus ficheiros, Price.

– Os meus ficheiros?

– Sim, estes de cima são todos os seus registos profissionais – diz ele, levantando a pasta superior. – Cortesia do doutor Tyler. É o seu currículo, transcrições, a sua candidatura à Bolsa Barkley, incluindo cartas de recomendação de médicos dos LA Galaxy, dos Lakers e da Clínica Desportiva de Cincinnati.

– E as outras?

Ele tira a segunda pasta.

– Bem, estas têm estado a chegar ao meu escritório nos últimos cinco dias. São cartas de apoio de praticamente todos os pacientes importantes com quem já trabalhou.

– Oh, meu Deus! – murmuro, com as lágrimas a arderem-me nos olhos.

Talbot abre o ficheiro, folheando as páginas.

– Tenho aqui cartas de profissionais de golfe, de um mergulhador olímpico medalha de bronze e do que parece ser metade dos Cincinnati Bengals. Todos a elogiá-la. Todas dizem que sou um idiota se não a contratar imediatamente.

Estou pasmada. Foram os meus rapazes. Tem de ser. Como é que eles puseram isto tudo em movimento tão rapidamente?

– Senhor Talbot...

– E depois há isto – diz ele, segurando a última pasta.

Eu mordo o lábio, tentando impedir que as lágrimas transbordem.

– Cartas de apoio de todos os jogadores da minha equipa. Todos os Rays, incluindo a maior parte dos jogadores da equipa principal. O pessoal de apoio também escreveu. Os responsáveis pelo equipamento elogiam a sua simpatia e a facilidade com que trabalha. Até tenho aqui uma carta da senhora do quiosque de café do centro de treinos. Aparentemente, a Candy diz que está a pagar generosamente as aulas de trombone do filho dela este ano, porque ela não as pode pagar. Ele chegou para a orquestra da escola secundária graças a si. E o George, da equipa de limpeza, diz que lhe comprou uma mota nova com um capacete a condizer quando a dele se avariou no mês passado.

Eles até localizaram o George? Sim, estou oficialmente a chorar. Apanho o guardanapo da mesa e limpo os olhos.

– Quanto mais não fosse, todo este drama lançou uma luz sobre uma ferida aberta – continua ele.

– Hã?

– Sim, a maior parte dos rapazes estava insatisfeita com o nível de cuidados que estavam a receber do doutor Avery. Estavam todos a sofrer em silêncio. Mas já não estão em silêncio. Esta semana, mais de metade da equipa esteve no meu gabinete a ameaçar demitir-se se eu não o despedisse. A outra metade tem-me batido à porta a dizer para a contratar a si para o lugar dele.

Abano a cabeça. Isto é demasiado. Não queria ganhar o lugar desta maneira.

– Senhor Talbot, nunca quis causar-lhe tantos problemas – digo, inclinando-me sobre a mesa. – Só queria fazer o meu trabalho. Gosto de ajudar as pessoas e estou numa posição em que o posso fazer. O dinheiro não é nada para mim, senhor Talbot. Acho que deve entender isso melhor do que a maioria – acrescento.

Ele não responde.

– Eu trabalho muito porque quero – continuo. – Ajudo as pessoas porque posso. E juro-lhe que nunca poria em risco a saúde de um jogador. Tudo o que fiz com o Kinnunen foi para o manter seguro. Tirei-o do gelo, mesmo quando ele não queria. Fiz-lhe exames. Fiz com ele todos os exercícios de fisioterapia que pude. Sim, apaixonámo-nos – admito. – Mas isso fez-me empenhar ainda mais nos cuidados de saúde dele, não menos. E se isso faz de mim uma péssima médica por estar emocionalmente envolvida no tratamento dos lesionados, bem... acho que não me importo – digo com um aceno de mão. – Senhor Talbot, eu não me importo. Sou um duplo Caranguejo, o que significa que sou um ser humano emocionalmente destruído que se preocupa e se esforça demasiado. Talvez não devessem deixar os duplos Caranguejos ir para a faculdade de medicina. Mas eu fui e estou aqui, e mantenho as minhas escolhas. Fá-las-ia de novo.

O meu discurso suga-me todo o ar e eu recosto-me na cadeira, agarrando na minha água para beber um gole.

Talbot prossegue como se eu não tivesse acabado de me descontrolar.

– A carta de Langley tem quatro páginas. Ele tem um verdadeiro dom para escrever, ao que parece. Diz que há anos que não se sentia tão bem no gelo e que tudo se deve ao seu regime de terapias físicas.

O seu sorriso transforma-se numa careta decidida quando ele pega no papel de cima.

– Esta é de Kinnunen. – Ele mostra-me o papel e eu vejo a brevidade. A carta inteira mal cobre metade da página. Ele tinha mesmo tão pouco a dizer sobre algo tão importante como isto?

– Quer que lha leia? – Ele olha para a página e pigarreja. – Caro Senhor Talbot, devolva o cargo à doutora Rachel Price ou deixo os Rays

imediatamente. E levo o Jake Compton comigo. E estas... – Agarra numa pilha de papéis presos com um clipe. – Estas são todas as ofertas que ambos receberam, numa questão de dias, de outras equipas dispostas a aceitá-los. Cinco equipas da NHL, três equipas da Liga finlandesa, uma equipa sueca. E recebi uma mensagem da minha secretária enquanto vinha para aqui a dizer que ela também tem ofertas de troca pendentes para quatro outros jogadores.

O meu coração cai-me do peito.

– Senhor Talbot, eu falo com eles. Eles não lhe vão fazer isto, prometo...

– Oh, eles não são os únicos a ameaçar deixar a equipa – responde ele com um murmúrio. – Já lhe disse, Price. Tenho mais meia dúzia de cartas com ameaças semelhantes: Novikov, O’Sullivan, Langley, Morrow, Gerard. Como é que eu vou substituir toda a minha equipa principal? Diga-me você.

– Eu vou... falar com eles – digo, ainda a abanar a cabeça. – Não era assim que eu queria que isto fosse, senhor Talbot. Isto não está correto. Não era assim que eu queria reconquistar o meu lugar nos Rays... com ameaças, assédio e...

– Amizade – corrige ele. – Preocupação, indignação. É isso que tudo isto é, Price – diz ele, segurando a pilha grossa de ficheiros. – É assim que é o trabalho de equipa. É assim que é o respeito. Estes são os ficheiros de alguém que é honrado, alguém que gera lealdade. Estes homens estão prontos para incendiar os Rays por si, e não estou apenas a falar de Compton e de Kinnunen.

Estou a chorar outra vez, a tentar aguentar-me e a falhar miseravelmente.

– Quando toda a minha equipa me está a dizer alguma coisa, cabe-me a mim, como dirigente, ouvir. E o que eles me estão a dizer é que gostam de si, Price. Confiam em si. Querem-na nesta equipa. Não se pode comprar lealdade desta forma – diz ele, batendo no topo das pastas. – Conquistou uma segunda oportunidade. Estou aqui para garantir que a recebe.

– Senhor Talbot...

– Então, eis o meu acordo – diz ele por cima de mim. – Tem mais uma semana de suspensão sem vencimento para que o treinador Johnson fique satisfeito. Ele precisa de ver que as ações têm consequências. E os jogadores também. Dá o exemplo e cumpre o seu tempo de penalização sem se lamentar.

– Sim, senhor Talbot – murmuro, acenando com a cabeça.

– Ótimo. – Ele fica calado por um instante e depois acrescenta: – Depois quero que volte e termine o resto da sua bolsa.

Eu suspiro, olhando para cima.

– Senhor Talbot...

– Deixe-me terminar, Price – diz ele, levantando a mão. – Isto ainda não é oficial, mas os Rays estão a afastar-se do doutor Avery. Como já disse, quando a minha equipa fala, eu ouço. Eles falaram numa só voz. O Avery está fora. Isso significa que tenho uma vaga no meu plantel. Vou propor ao

conselho de administração que aprove a criação de três novos cargos médicos: um diretor e dois adjuntos. Um assistente trabalhará exclusivamente com os nossos jogadores lesionados. O outro será uma contratação conjunta com a equipa de força e condicionamento.

Aceno com a cabeça, sem saber bem o que é que devo dizer. Ele está a acenar com algo que começa a parecer decididamente uma cenoura. Mas eu tenho medo de confiar nela, medo de ter esperança.

– Considere a sua bolsa como um período experimental, Price – continua ele. – Mantenha o seu nome limpo. Nada de se tornar rebelde. Nada de chatear o treinador Johnson. E pelo amor de Deus, nada de se apaixonar por mais nenhum dos meus Rays. No final da bolsa, pode escolher um dos lugares de diretor-adjunto.

Todo o ar sai do meu peito num sopro.

– Senhor Talbot, eu não... – abano a cabeça.

– Diga «obrigada», Price – provoca ele. – E diga: «Sim, Mark, eu aceito.» Porque se eu tiver de ir ter com aqueles tipos e dizer-lhes que não consegui fechar o negócio consigo, estou legitimamente preocupado com a minha segurança. Está a salvar a minha vida com a sua resposta, Price. Diga «sim», e todos nós podemos sair daqui felizes.

– Todos? – digo, confusa com a frase dele.

– Sim, os seus três demónios têm andado a assombrar o canto do restaurante nos últimos cinco minutos – acrescenta, apontando por cima do meu ombro.

Eu viro-me, com os olhos arregalados, para ver Jake, Caleb e Ilmari sentados numa mesa no canto mais distante da sala, observando-nos como falcões. E não estão sozinhos. Sentada ao lado de Ilmari está uma mulher curvilínea com uma cabeça de caracóis castanhos ardentes torcidos num carrapito desarrumado. Os seus lábios pintados de vermelho dividem-se num sorriso e ela sorri e acena. A Tess está aqui.

RACHEL

Antes que eu possa pensar em sair da minha cadeira, os meus homens já se levantaram e estão a vir para cá. Todos os olhares do restaurante os observam a aproximarem-se. É difícil não reparar neles, fazendo do espaço entre as mesas a sua própria *passerelle* desportiva da *GQ*.

O Sr. Talbot e eu levantamo-nos.

– Eu devia ter pedido uma mesa maior – diz ele, apertando a mão de Jake.

– Nós não podemos ficar – responde Jake. – Temos um jogo, lembra-se?

Ilmari só tem olhos para mim, envolvendo-me nos seus braços. Luto contra a vontade de chorar outra vez e respiro fundo, com a minha cara encostada ao seu peito. Ele faz o mesmo, com a sua mão grande a acariciar a parte de trás do meu cabelo e a encostar o rosto à minha têmpora.

Ele murmura baixinho em finlandês coisas que eu não entendo, mas sinto.

Depois, acaricia-me a face, perscrutando-me os olhos.

– Estás bem? – Eu aceno com a cabeça, demasiado abatida para palavras.

– É como eu vos disse em Jax – diz Talbot aos rapazes. – Acredito piamente em segundas oportunidades quando elas são merecidas. A doutora Price ganhou claramente a confiança da equipa e a sua lealdade. Eles querem-na nesta equipa, por isso eu quero o mesmo. Quero a minha equipa feliz, saudável e completa.

– Ele vai deixar-me terminar a minha bolsa – digo eu, encontrando finalmente a minha voz.

– Oh, isso é tão bom, querida – diz Jake, inclinando-se para me beijar enquanto ainda estou nos braços de Ilmari. – A malta vai ficar entusiasmada.

Eles esforçaram-se muito esta semana...

– Sim, e agora preciso que convoques os cães – avisa Talbot. – Espalhem a palavra por todo o lado: a doutora Price ainda é uma Rays. Ela estará de volta ao trabalho a tempo da nossa viagem ao Texas.

– Obrigado, senhor Talbot – diz Jake, apertando-lhe de novo a mão.

– Não me agradeça – responde Talbot. – Foi a coisa certa a fazer. Agora, como a minha vida já não corre perigo mortal, vou sentar-me e acabar este tártaro... e talvez pedir um bife. Imagino que pelo menos três de vocês têm sítios mais importantes onde estar neste momento.

– Merda, sim – diz Jake, verificando as horas no seu telemóvel. – Nós temos de voltar para o hotel. – Ele olha para mim e de novo para Talbot.

O Sr. Talbot apenas ri.

– Vão-se todos embora. De qualquer forma, não queria partilhar isto – acrescenta, arrastando o prato de tártaro à sua frente.

– Obrigada, senhor – murmuro.

Ele está a sorrir quando olha para mim.

– Certifique-se apenas de que aqueles três regressam ao hotel e são metidos no autocarro a tempo.

Viro-me, agarrando nas mãos de Ilmari e Jake enquanto nós os cinco passamos por entre as mesas do restaurante e saímos para o átrio do hotel. Assim que saímos pela porta, os meus rapazes começam a falar ao mesmo tempo, disputando posições enquanto me abraçam e me beijam e me perguntam o que aconteceu.

– Hum... Olá! – Tess acena freneticamente. – A tua melhor amiga está mesmo aqui e ainda nem me cumprimentaste. Miúda, atravessei o país de avião para isto. Larga os teus brinquedos e dá-me um abraço.

Eu viro-me nos braços do Jake dando uma gargalhada e atiro-me para os braços da Tess.

– Que diabos estás a fazer aqui? – exclamo.

– O Caleb convidou-me – responde ela.

Olho para ele por cima do ombro, com uma sobranceira levantada.

– Porquê?

– Se as coisas corresse mal com o Talbot, não queríamos que ficasses sozinha – responde ele com um encolher de ombros.

– Sim, chama-me Senhora Apoio Moral – acrescenta Tess com uma gargalhada. – Mas agora que as coisas estão bem, podemos ir ao jogo juntas! Sabes que estou ansiosa por ver os Rays em ação. A mamã adora um homem poderoso de patins. E o Jake disse que te mandou bilhetes suficientes para partilhares.

– Sim, mandei mais quatro – responde ele. – Mas a Poppy pode arranjar-te mais – acrescenta. – Não há problema. Basta enviar-lhe uma mensagem, Seattle.

Forço um sorriso, sentindo-me subitamente constrangida.

– Não sei... não vai ser estranho? Ainda estou tecnicamente suspensa.

Não quero passar dos limites ou...

O Jake aproxima-se, beijando-me perdidamente. Ao quebrar o beijo, ambos aspiramos ar.

– Tu vens ao jogo – diz ele. – E o Mars e eu fizemos uma aposta. Vais usar a minha camisola esta noite. Já a dei à Tess.

– Sim – diz ela, dando palmadinhas no lado da sua enorme mala. – Tudo pronto para ir! Se tu usares a camisola dele, talvez eu use a do Ilmari...

– Não – rosnam os três rapazes ao mesmo tempo, virando três olhares sombrios para a minha melhor amiga.

Luto contra a vontade de rir quando a Tess se afasta, com os olhos arregalados. A cara dela muda lentamente do choque para a alegria.

– Caramba. Assunto delicado.

As mãos de Ilmari envolvem a minha cintura enquanto me puxa para mais perto.

– Usas a minha no próximo jogo – murmura ele, beijando-me a face. A sua barba macia faz-me cócegas na pele.

– Rapazes, temos de ir – diz Caleb, verificando as horas no seu relógio.

– Vemo-nos no jogo, querida – diz Jake, dando-me outro beijo rápido. – Toma conta da nossa menina, Tess!

– É para já – responde ela com um aceno.

– *Mä rakastan sua* – murmura Ilmari, os seus lábios roçando a minha têmpora.

– *Niin mäkin sua* – respondo, praticando a minha nova frase.

Ele sorri para mim com tanta alegria que as minhas entranhas se iluminam como uma lanterna. Beija-me a testa, passando-me para Caleb.

Cay surpreende-me quando me abraça e me beija também.

– Vejo-te mais tarde, Furacão.

Com isso, os meus rapazes saem pela porta da frente do hotel, deixando-me com a Tess.

– Miúda, ganhaste a lotaria dos homens – brinca ela. – Cerejas triplas. Aqueles tipos estão completamente apaixonados por ti.

Eu sorrio. Não consigo conter-me. Pela quarta vez hoje, estou prestes a chorar.

– Sim – digo eu, com o coração a transbordar.

– Vamos – ri-se ela, envolvendo-me os ombros. – Temos algumas horas antes do jogo e, se bem me lembro, a mamã Price faz um bom jarro de sangria.

– Rachel Diane Price, venha já cá ou vamos chegar tarde! – grita a Tess pelas escadas acima.

Eu ignoro-a. Estou de joelhos no meu quarto, a remexer na minha mala à procura da minha *t-shirt* dos Rays.

– Meu Deus, onde é que ela está?

– Rachel! – A Tess chama-me, a descer o corredor. – Miúda, porque é que sinto que estou sempre a gritar por ti? – Ela está à porta, com as mãos nas ancas. Aparentemente, veio preparada, porque tem vestida uma *t-shirt* dos Rays supergira, com um decote em «V» que faz maravilhas ao seu peito. Ela combinou a *t-shirt* com um par de *leggings* pretas e ténis brilhantes. O seu cabelo selvagem está preso num rabo-de-cavalo desalinhado e um olhar de gato delinea os seus olhos cor de avelã.

– Tess, estás uma brasa – digo eu, com os olhos arregalados. – Caramba. Quem é que estás a tentar impressionar esta noite?

– Ninguém – diz ela, com um movimento do cabelo. – Tenho bom aspeto porque me faz sentir bem. E tu não podes usar isso – acrescenta, apontando para o meu sutiã branco. – Como tua amiga que te apoia emocionalmente, não te posso deixar ir a um estádio de hóquei cheio de gente com as tuas miúdas a saltar para fora.

– Eu sei – digo, voltando-me para a minha mala. – Estou à procura da minha camisola dos Rays.

– Hum, não, não estás. Tu vais a usar a camisola.

Olho de relance para a camisola n.º 42 que está pousada na cama.

– Não vou usar essa.

– Oh, vais sim. – Ela aproxima-se da cama e agarra nela. – O Jake disse que eles atiraram uma moeda ao ar. Está ótimo.

– Sim, sem ofensa, mas eu não acredito neles. Se soubesses o que aconteceu da última vez... – Eu sorrio, permanecendo em silêncio.

– Porquê, o que aconteceu da última vez? – pergunta ela. Depois os seus olhos arregalam-se. – Oh, meu Deus, é uma coisa de sexo, não é? Eu não quero saber. Sim, não. Eu quero, mas não quero. – Ela geme. – Bolas, não estou suficientemente bêbada para isto!

– Tess, eu não vou contar – digo com uma gargalhada.

– Não vais, ainda não. Estamos as duas sóbrias como uma pedra. Espera só até bebermos uns quantos copos de vinho. Agora, braços para cima. Vais vestir isto. – Ela fica mesmo à minha frente, a ajeitar a camisola.

– Tess – digo com um revirar de olhos.

– Braços para cima, Rach. Não me obrigues a limpar-te o rabo também.

Com um suspiro, levanto os braços e ela veste-me a camisola por cima da cabeça. Fica-me enorme. É uma camisola verdadeira, feita para ser usada por cima dos calções do Jake. O grande logótipo dos Rays está cosido na parte da frente, com um 42 em cada ombro. Tenho de enrolar as mangas duas vezes para libertar as minhas mãos.

A Tess está a perder a paciência e bate com o pé junto à porta.

– Pronto, pega na tua carteira e no teu batom e vamos embora!

Chegamos ao estádio e vemos uma multidão de pessoas à espera para entrar. Mais do que os fãs, o que me surpreende é toda a imprensa. As equipas de

paparazzi acotovelam-se, correm como formigas com as suas câmaras e microfones.

– Isto é de loucos – murmuro, espreitando pelo vidro escuro da janela do jipe. – Nunca vi isto assim.

– Bem, é Los Angeles – diz a minha mãe do banco da frente. Decidiu à última hora juntar-se a nós. O papá disse que não queria chamar a atenção.

– Suponho que isso seja verdade – respondo. Não é invulgar as celebridades assistirem aos jogos da NHL, especialmente em Nova Iorque e Los Angeles. – Aposto que acabámos de passar por alguém famoso – ri-me.

– Sim. Tipo... ui... talvez seja o Harry e a Meghan – diz Tess num suspiro.

– Achas mesmo que o Harry e a Meghan largaram tudo para vir a um jogo da NHL num sábado à noite?

– Tu não sabes – responde ela.

– Eu até sei – brinco.

– Vamos lá, meninas – diz a mãe do banco da frente. – Rachel, olhos para a frente, e diretamente para dentro, querida.

– O que...

Antes de conseguir formular o resto da minha pergunta, o jipe vira a esquina e apercebo-me de que estamos a conduzir em direção à imprensa. A polícia colocou barreiras para manter as multidões afastadas. As câmaras estão alinhadas em cada barreira. Atrás delas, as pessoas comprimem-se de ambos os lados, gritando e agitando cartazes enquanto o nosso carro para.

Fico ofegante, com os olhos arregalados, quando vejo dois dos cartazes. Num deles, «PRICE = LOVE» está escrito em todas as cores do arco-íris. Outro cartaz coberto de purpurinas diz «LOVE AT ANY PRICE».

– Mas que raio...

– Rach, vai! – grita a Tess atrás de mim.

Um agente da polícia abre-me a porta e a gritaria intensifica-se dez vezes. A mãe já está no passeio, estendendo-me a mão. Eu pego nela e deixo-a tirar-me do carro. Assim que saio, todas as lâmpadas das câmaras piscam, cegando-me, enquanto a imprensa começa a chamar e as pessoas atrás começam a gritar.

Estou a delirar, pestanejando à luz forte dos flashes, enquanto a mãe me puxa para a frente. A Tess vem atrás de mim e corremos as três para o meio da confusão sem parar enquanto as pessoas gritam à nossa volta.

– Avistada médica boazona!

– Rachel!

– Price é amor!

– Nós amamos-te, Rachel!

Os seguranças do estádio estão prontos para nos abrir as portas, deixando-nos entrar. As portas fecham-se e eu rodopio, com os olhos arregalados, vendo a multidão lá fora.

– Mas que raio foi aquilo? – exclamo.

Olho para a minha mãe e para a Tess. As duas parecem decididamente culpadas. Abano a cabeça em choque e descrença. Seja o que for que está a acontecer neste momento, elas estão metidas nisso.

– Mas o que raio está a acontecer?

RACHEL

—Querida, não te zangues – diz a mãe.

– Não me zango? – exclamo. – Demasiado tarde! Mas que raio foi aquilo? De onde é que veio toda aquela gente? O que estão a fazer aqui?

– Estão aqui para te ver – responde a Tess. – Para te apoiar, Rach. A ti e aos rapazes.

– Apoiar-me?

– Sim, olha, temos mesmo de deixar o Caleb explicar – diz ela, acenando com a cabeça à minha mãe.

– O Caleb? – grito. Sinto-me como o papagaio mais mal treinado do mundo, apenas capaz de fazer eco de cada quatro palavras que me estão a dizer.

– Anda, querida – diz a mãe, agarrando-me no braço. – Tudo vai fazer sentido num instante.

O segurança verifica os nossos bilhetes e depois a mãe e a Tess conduzem-me pelo labirinto do piso inferior em direção aos nossos lugares. Assim que entramos no meio da multidão de pessoas, o inferno começa novamente.

Da esquerda para a direita, as pessoas começam a gritar o meu nome. Querem aproximar-se. A mãe e a Tess ficam de cada lado, segurando-me nas mãos. Os fãs acenam com cartazes quando me veem, aplaudindo e gritando os nossos nomes. Não apenas o meu. Ouço muitos gritos para Jake e Ilmari e até para Caleb.

A maioria dos cartazes tem os números 31 e 42. E há duas palavras em quase todos eles.

PRICE É AMOR

AMOR É AMOR

APAIXONA-TE A QUALQUER PRICE

- Adoramos-vos, Rachel! – grita uma jovem.
- Adoro a camisola! – grita uma jovem da outra direção.
- Estamos aqui para ti, Rachel!
- Amor é amor!

De repente, ao usar esta camisola, sinto que tenho um grande alvo pintado nas costas. Isto é de loucos.

– Tenho de ir à casa de banho – ofego. Não preciso de ir; só preciso de sair desta multidão de pessoas.

A mãe olha por cima do ombro.

– Mas estamos quase a chegar à nossa secção...

– Agora – grito, puxando-nos para fora da multidão em direção à casa de banho das senhoras. Eu entro primeiro. Apressando-me a dar a volta à esquina, encontro a beira do lavatório e agarro-me com toda a força. Olho para o meu reflexo no espelho e respiro fundo.

A mãe e a Tess entram, ladeando-me, a mãe põe a mão no meu ombro. Somos muito parecidas. Exceto que os meus olhos são castanhos-escuros e os dela são azuis.

– Oh, querida – murmura ela. – Peço desculpa. Eu avisei-os de que isto seria muito para ti. O Harrison gosta das luzes da ribalta, mas tu sempre foste o meu coelhinho de estimação. Preferes a calma e o silêncio.

Olho para ela no espelho, as lágrimas nos seus olhos refletem as minhas.

– Isto nunca ia ser fácil – continua ela, afastando o meu cabelo para trás da orelha. – Ao escolhê-los, escolheste um caminho difícil para ti. Um caminho que significa deixar o conforto da tua toca... pelo menos durante algum tempo. Mas se os amas como dizes que amas, tens de compreender o que isto significa para eles. Tens de ver o quanto eles precisam disto. O quanto eles precisam de ti – acrescenta ela gentilmente.

– Mãe – choramingo, com as lágrimas a ameaçar cair.

– Fiquei preocupada quando me falaste sobre eles – admite ela. – Não sobre o poliamor – acrescenta rapidamente. – Nós somos Price. Já vimos e fizemos tudo isso.

Suspiro, abanando a cabeça, enquanto ao meu lado a Tess se ri. A frase mais subentendida da década.

– Eu estava preocupada que eles não te entendessem – continua a mãe. – Estava preocupada que eles te roubassem. E tu és tão generosa, querida. Darias a roupa que tens vestida. Mas eles conhecem-te, Rachel. Eles veem-te. Sabem do que precisas. Deixa-os dar-to agora. Deixa-os mostrar ao mundo o quanto te amam. Deixa-os ter este momento. Passa por isso com eles, e eles serão teus para sempre.

– Eles fizeram isto – sussurro, já sabendo que é verdade. Quem mais poderia ter feito?

A mãe e a Tess acenam com a cabeça.

– E vocês sabiam? Claro que sabiam – respondo por elas. – É por isso

que estás aqui, não é? – digo eu perante o reflexo da Tess.

– Todos nós te amamos, Rach – diz ela com um sorriso aguado. – Mereces o teu «felizes para sempre». Tens três cavaleiros de patins brilhantes lá fora, à espera de mostrar ao mundo o que o teu amor significa para eles. – Ela estende uma mão. – Vamos. Vamos ter com eles.

Aceno com a cabeça, refreando as lágrimas e virando-me. A minha atenção fixa-se em algo no espelho e eu olho para trás.

– Hum... Tess?

Ela olha para trás, para mim.

– Hum?

– O que é que eu tenho vestido?

Ela lança um sorriso à minha mãe.

– Sim, não acredito que me deixaste safar com isto.

Olho-me novamente ao espelho. Estou a usar uma camisola dos Rays. A camisola do Jake. A frente tem o logótipo dos Rays e a parte de cima dos ombros tem o 42 do Jake. Mas a parte de trás é o 31 do Ilmari. E em vez dos nomes de ambos no topo, a camisola diz PRICE.

– O que é que eu tenho vestido? – repito.

– Teeemos mesmo de encontrar o Caleb – diz a Tess, agarrando-me na mão.

A minha determinação transforma-se em pedra e eu ponho o medo e a confusão de lado. Oh, sim, nós vamos encontrar o Caleb. E depois vou ter respostas.

A correr pelas escadas da nossa secção, a mãe volta a dizer os números dos nossos lugares.

– AA, lugares um a quatro!

À nossa volta, as pessoas gritam quando me veem. Ouço mais gente a gritar o meu nome, a acenar com cartazes. Por que raio estão a gritar o meu nome? É isso que eu não estou a entender. Porquê Price?

Quando nos aproximamos do fundo das escadas, eu paro de repente. Ali, na fila BB, mesmo atrás dos nossos lugares, estão duas caras que conheço tão bem como a minha: Harrison e Somchai. Estão ambos a olhar por cima dos ombros, sorrindo para mim.

O meu olhar detém-se no rosto de uma mulher bonita que está ao lado do Harrison. Há qualquer coisa nela que me é familiar. É jovem, talvez na casa dos 20 anos. Tem o cabelo escuro preso num rabo-de-cavalo e segura uma cerveja sorrindo para mim... e tem vestida uma camisola que diz Compton.

Uma explosão rebenta na minha cabeça e agora estou a chorar outra vez.

– Amy – digo, descendo a correr as últimas quatro escadas até à minha fila.

Ela ri-se, esticando um braço, com a cerveja para o lado.

– Olá, Rachel! É um prazer conhecer-te finalmente. O meu irmão não para de falar de ti há meses.

Estou a rir e a chorar enquanto a abraço.

– E vais reparar que o gémeo dela, o homem que partilhou o útero com ela, é ignorado – diz Harrison com um murmúrio.

A Amy solta-me, e depois rimo-nos todos enquanto abraço o Som primeiro. Ele tem um ar de chefe da máfia tailandesa, com tatuagens em quase todo o corpo, até no pescoço e algumas no couro cabeludo. O seu cabelo está a crescer um pouco, comprido em cima como o de Ilmari. Tem um ar durão, mas por dentro é um grande sentimental.

– Olá, miúda – diz ele, dando-me um beijo na bochecha.

– Que raio estão vocês a fazer aqui? – grito, finalmente dando um abraço a Harrison.

– A família Price está sempre em primeiro lugar – diz o Harrison, beijando-me a outra face.

A mãe, a Tess e eu mudamo-nos para a nossa fila. Assim que estou em frente ao acrílico, viro-me e olho para as bancadas. À nossa volta, há pessoas com camisolas 31 e 42. Uma mulher afasta-se para o lado e eu olho para ela duas vezes. Nas costas da camisola dela lê-se PRICE.

O meu coração começa a acelerar à medida que leio mais sinais. Isto não pode estar a acontecer. Isto não é real...

– Finalmente! – chora a Tess.

Viro-me para ver o Caleb a correr pelas escadas da secção, a favorecer a perna boa. Atrás dele, as pessoas gritam e aplaudem. Ele desce até o fim da fila, parando para apertar a mão de Harrison e de Somchai. Amy abraça-o. Depois ele passa pela mãe e ela abraça-o também. A Tess aperta-se para trás na fila e diz:

– Rapaz, é melhor fazeres a tua magia antes que ela se vá embora!

E então Caleb está diante de mim, o seu olhar negro a prender-me às bancadas.

– Ei, Furacão – diz ele com um sorriso. Ele pega na minha mão, entrelaçando os nossos dedos.

– Cay, o que está a acontecer? – murmuro.

– Não tinhas reparado? Pensámos que, se a imprensa ia fazer de nós um espetáculo, devíamos chegar antes deles. – Ele faz um gesto atrás de nós para o mar de pessoas a acenar com cartazes.

– Não percebo – digo com um abanar de cabeça. – O que é que fizeram?

– Saímos do armário – responde ele. – Bem, o Jake e eu saímos. Fomos fotografados todas as noites desta semana em público a... sair – diz ele com um sorriso. – Ele tem estado a dar entrevistas, a gravar *podcasts*, alguns programas de televisão.

– O quê? – digo quase sem fôlego.

– Sim, o Jake Compton assumiu-se oficialmente como jogador bissexual da NHL. A Poppy chama-lhe o novo rosto do *queerness* no desporto

profissional – acrescenta com um revirar de olhos.

– E... tu estás bem? – murmuro, apertando-lhe a mão.

– Mais do que bem – responde ele. – Tinha de acontecer. Para conseguirmos o que todos queremos, ele e eu tivemos de nos assumir.

– Mas vocês não são os únicos, pois não? – digo com uma sobrancelha levantada.

Ele sorri.

– Querida, há cinco dias que nós os três andamos a alimentar a imprensa, a sair de todas as formas possíveis. O Mars até tem estado a fazê-lo em duas línguas.

– O quê? – grito. – Como é que me escapou isto? O meu telemóvel tem estado silencioso – digo, tirando-o do bolso.

Ele atreve-se a fazer um ar um pouco envergonhado.

– Sim... querida, esse não é o teu telemóvel. – Ele tira um telemóvel igual do bolso. Com a mesma capa e tudo. – Este é o teu telemóvel.

Eu suspiro.

– Oh, mas que raio?

– Parece que o Mars pode ser um espião – diz ele. – Ele espelhou-os e trocou-os quando te levou para o aeroporto. Isso é só um gravador. Ninguém te conseguiu contactar porque ninguém tem esse número. E a Poppy e o teu pai têm feito grandes interferências. Está a ficar estranho, para ser sincero.

Eu suspiro, arrancando o telemóvel da mão dele e desbloqueando o ecrã. Tenho centenas de alertas e notificações. Mesmo enquanto seguro o telemóvel, ele está a zumbir com mais.

– Oh, eu vou matar-te! – sibilo. – É por isso que todas estas pessoas estão aqui?

– Sim, agora todos conhecem a nossa história – responde ele. – Eles sabem como tu e o Jake se conheceram em Seattle. Sabem como nos conhecemos no aeroporto. Eles sabem como tu trataste do Ilmari.

Pressentindo o meu pânico, Caleb acaricia-me a bochecha e inclina-se.

– Querida, respira. Isto é bom, está bem? Está tudo bem.

– O que é que queres dizer? – grito, o meu cérebro já a pensar em todas as formas como isto vai rebentar.

– Ensinares-te a pensar que a imprensa é toda má – diz ele. – Que as pessoas que conhecem a tua história só podem ser más. Que só querem deitar-nos abaixo.

Não posso deixar de troçar.

– Bem, enfim...

– Mas olha à tua volta – diz ele, apontando para as bancadas. – Por cada idiota que tem algo negativo a dizer sobre nós, há mais mil pessoas prontas a desejar-nos felicidades. Era isso que te queríamos mostrar esta noite, Rach. Só queríamos que saíesses do teu próprio caminho e nos deixasses mostrar-te que as pessoas podem ser boas. Podem ser amáveis. Podem ser compreensivas. Não estamos sozinhos. E isto não vai ser mau.

– Caleb – suspiro, sem saber o que mais dizer.

– O Jake e o Ilmari fizeram um concurso – prossegue ele. – As primeiras cinquenta pessoas que comprassem bilhetes para a época dos Rays seriam levadas para este jogo com bilhetes de avião, hotel, tudo incluído. Eles estão a pagar a conta juntos. Rach, na primeira hora, a Poppy teve de encerrar o *site*.

– Oh, meu Deus!

– A venda de bilhetes para a época duplicou – acrescenta. – Os nossos próximos seis jogos em casa estão esgotados.

– Para – sussurro, abanando a cabeça. É demasiado bom para ser verdade.

Mas ele apenas sorri.

– A nossa história está a ser divulgada. Está a dar nas vistas em todas as redes sociais. A Poppy teve de contratar um assistente para lidar com o excesso de gente, e acho que o teu pai está pronto para nos matar, mas está a resultar – acrescenta rapidamente. – Estão do nosso lado. Adoram a nossa história. Adoram-te.

Olho para o lado e vejo a minha mãe a tentar fingir que não está a ouvir, com lágrimas nos olhos. Sim, ela tem estado a ajudá-los. A sua proibição dos meios de comunicação social foi eficaz, mantendo-me no escuro. Sempre a proteger-me.

– Porque é que as camisolas dizem Price? – sussurro, necessitando que Caleb o diga em voz alta.

O sorriso dele suaviza-se quando volta a cobrir-me o rosto, com o polegar a roçar-me a bochecha.

– A ideia foi minha. Estás sempre a dizer que é a família Price contra o mundo, certo? Nós achámos que precisavas de um banco mais comprido.

E agora estou a chorar mesmo a sério, pressionando o meu rosto contra o seu peito, agarrada a ele.

– O Mars vai dizer que não pode mudar legalmente o nome a não ser que cases com ele primeiro – diz ele ao meu ouvido, com a voz a ficar mais alta à medida que a música aumenta. – Mas eu pesquisei no Google e a coabitação também funciona, por isso não te deixes enganar. Ele pode ter de esperar cinco anos – acrescenta com um encolher de ombros.

– Esperar... legalmente – exclamo, afastando-me dele.

Caleb acena com a cabeça.

– Eu entreguei toda a papelada na segunda-feira. Dentro das próximas duas a quatro semanas, será oficial. Eu vou ser Caleb Price.

Abano a cabeça, com o coração a transbordar, sem querer acreditar que tudo isto é real.

– E o Jake e o Ilmari?

Antes que Caleb possa responder, a voz do locutor ouve-se nos altifalantes.

– Ponham-se de pé, fãs dos Rays! Está na altura de trazer a equipa inicial!

À nossa volta, os adeptos dos Rays aplaudem e pulam.

– Na frente, número dezanove, Josh O’Sullivan!

Os adeptos dos Rays enlouquecem quando Sully dispara para o gelo, patinando num círculo apertado.

– No ataque o número vinte, Ryan Langley! No ataque o número dezassete, Henrik Karlsson!

Langley e Karlsson saem a patinar um atrás do outro e os rapazes começam a atirar discos para a rede vazia.

– E na defesa dos Rays, o número três, Cole Morrow! Na defesa, o número quarenta e dois, Jake Price!

Os adeptos dos Rays ficam loucos quando Jake patina no gelo com Morrow. Jake fica muito bem na sua camisola branca de jogo fora de casa. Os 42 marcam-lhe os ombros e as costas, mas cosido na parte de cima está o meu nome.

– E a começar na baliza dos Rays está o número trinta e um, Ilmariiiii Priiiice!

Até muitos dos adeptos dos Kings vão à loucura a aplaudir Ilmari. Entretanto, os adeptos dos Rays perdem a cabeça.

Ilmari entra no gelo com o seu equipamento completo de guarda-redes, com a máscara já puxada para baixo, parecendo o Urso. Mas não patina até à sua baliza. Nem sequer olha para ela. Consigo sentir os seus olhos em mim enquanto ele patina diretamente sobre o gelo. Os adeptos atrás de nós enlouquecem quando ele patina até ao vidro e inclina o capacete para trás, com os seus olhos azuis de aço a olharem para a minha alma. Tirando o bloqueador, ele pressiona a mão contra o vidro.

Sem hesitar, estendo a mão e coloco-a na impressão da sua.

– *Oon sun* – digo-lhe através do vidro.

Ele sorri e eu sinto-o em todo o lado.

– *Vain sun*, Rakas.

Enquanto a multidão grita atrás de nós, Jake patina também, tirando a luva, com um largo sorriso no rosto. Ele pressiona a sua mão contra o vidro ao lado da mão de Ilmari.

– Olá, rapariga de Seattle. – O seu sorriso derrete-me por dentro. – Quão zangada estás, numa escala de um a dez? – grita ele através do vidro.

Não consigo deixar de rir, abanando a cabeça enquanto Caleb se inclina para me beijar a têmpora.

– Dez – respondo.

– Sim – brinca ele. – Sexo com maquilhagem zangada é o melhor.

– Oh, Deus! – diz Harrison atrás de mim.

– Tapa os ouvidos, Mamã Price – diz a Tess enquanto os outros se riem.

– Ei, e a minha irmã está aqui! – diz Jake, apontando para Amy. – Eu trouxe-a do Japão, por isso sou o primeiro a ter direito a esta noite.

– Cala-te e vai patinar! – resmunga Caleb.

Todos à nossa volta se riem quando Jake manda um beijo a Caleb e a

mim e sai a patinar, ostentando descaradamente o meu nome nas costas.

Ilmari afasta a mão do vidro, recoloca o bloqueador e baixa a máscara sobre o rosto. Com um aceno de cabeça, vira-se e afasta-se. Ao ver o nome Price nas costas, fico com a sensação de que está tudo bem. Esta é a segunda vez que ele se refaz, reclamando a família que quer, escolhendo a sua vida. Eu também tenho uma escolha.

Inclino-me para mais perto, com as duas mãos pressionadas contra o acrílico.

– Ilmari Price! – chamo, o meu hálito quente a embaciar o vidro gelado. Ele para, olhando por cima do ombro. – Ganha este jogo e eu caso contigo!

À minha volta, os nossos amigos e familiares gritam de surpresa.

Ilmari patina de volta para mim, levantando a máscara, com os olhos a arder.

– Diz outra vez – rosna ele.

– Nem pensar que vou esperar cinco anos para legalizar a mudança de nome – digo eu, apontando para a camisola dele. – Queres ser um Price? – Olhando para Caleb, ele faz um aceno brusco. – Então vais ser um Price – digo eu. – Ganha este jogo e eu caso contigo. Faz com que seja uma vitória e fazemo-lo esta noite.

– E se perdermos? – pergunta ele.

– Não perdes – respondo, lançando-lhe um olhar conhecedor.

O rosto dele está determinado enquanto ele baixa a máscara e patina de novo, sob os aplausos da multidão.

– O Jake vai perder a cabeça quando descobrir – diz Caleb ao meu lado.

– Ele vai ficar bem – murmuro, pegando na sua mão e levando-a aos meus lábios.

– Oh, achas que sim?

– Eu sei que sim – respondo.

– Como?

Virando-me para ele, sorrio.

– Porque se eu casar com o Ilmari, isso significa que tu vais casar com o Jake. E ele realmente não poderia encontrar um homem melhor.

Os olhos dele arregalam-se quando me olha de cima a baixo, com um sorriso no canto dos lábios.

– Sim, pensei que ias gostar disso – provoco. – Mas eles ganham primeiro. Não cedemos a não ser que eles ganhem. Fica forte comigo.

– Foda-se – murmura ele baixinho, observando enquanto Jake passa patinando como se fosse a realização de todos os nossos sonhos.

– Oh, e ainda há mais uma surpresa esta noite! – Harrison chama por trás de nós.

Eu olho por cima do meu ombro com um gemido. Honestamente, não tenho a certeza de quantas mais surpresas consigo aguentar.

– O que é?

Harrison aponta para a pista, onde um grupo de pessoas está a estender

um tapete para o centro do gelo. Um par de homens apressa-se a entrar no gelo com um amplificador e um microfone. Depois, um terceiro homem traz uma guitarra elétrica num suporte.

– Oh, meu Deus! – suspiro, com os olhos arregalados. – Não o meteste nisto – digo eu, virando-me para olhar para o Caleb.

Ele levanta as duas mãos em sinal de rendição.

– Furacão, eu juro por Deus, ele ofereceu-se.

– Aparentemente, expulsaram um coro de crianças por causa dele – diz Harrison com um sorriso, enfiando o rosto entre nós.

– Oh, meu Deus! – gemo, enterrando o rosto nas minhas mãos.

– Vá lá, não é assim tão mau – provoca Caleb. Envolvendo-me nos seus braços, ele pausa o seu queixo no topo da minha cabeça.

– Por favor, levantem-se para a interpretação do nosso Hino Nacional! – diz a voz estrondosa do locutor. – Interpretado esta noite por uma das maiores lendas do *rock and roll*...

O estádio inteiro fica enlouquecido quando o meu pai atravessa o acrílico, as câmaras fazem *zoom* sobre ele. A sua cara sorridente surge no ecrã gigante. Ele parece estar muito bem vestido com a sua *t-shirt* rasgada e casaco de cabedal, calças de ganga e um par de botas de *motard* gastas. Acena ao público enquanto caminha pelo tapete em direção à guitarra que o espera.

– Fãs de hóquei, deem as boas-vindas ao guitarrista principal dos The Ferrymen, o filho nativo de Los Angeles, Hallllll Priiiiice!!!

Satisfeita nos braços de Caleb, sorrio e vejo Jake e Ilmari patinarem até à extremidade do tapete e cada um tirar uma luva para apertar a mão do meu pai. A multidão vai ao rubro quando ele pega na guitarra. Assim que toca a primeira nota, faz-se silêncio. Depois, fechando os olhos, inclina-se para trás e começa a tocar.

EPÍLOGO

RACHEL

Um Ano Depois

—**C**alma, Furacão – murmura Caleb, cobrindo a minha mão com a sua e dando-lhe um aperto suave.

Eu respiro fundo, imobilizando as minhas mãos. Sempre que estou nervosa durante um jogo, eu rodo as alianças de casamento dos rapazes no meu polegar, concentrando a minha energia na sensação do metal frio a roçar na pele. Todos eles têm a mesma aliança – ouro branco, com quatro pequenos diamantes.

É o nosso pequeno ritual. Os rapazes não podem usar joias no gelo, por isso, no início de cada jogo, entregam-me as suas alianças de casamento. Eu devolvo-as quando eles acabam. Tirá-la deixou o Jake tão deprimido que ele acabou por fazer a tatuagem. Agora tem uma faixa fina tatuada à volta do dedo que fica escondida debaixo da aliança.

Esta noite, só tenho um anel na mão, porque o Jake está ao meu lado. Vestido com uma camisola azul e branca da Finlândia, está a lutar com o Harrison pelo controlo do balde das pipocas.

O estádio ferve de entusiasmo e a música de dança anima a multidão. O meu olhar está fixo no centro do gelo, onde estão pintados os anéis olímpicos. É agora. O jogo da medalha de ouro. Finlândia vs. Canadá... no Canadá. Para onde quer que olhe vejo o vermelho e o branco da bandeira canadiana: camisolas, cachecóis, chapéus, cartazes, caras pintadas.

O meu coração parece que vai rebentar de emoção... e gratidão. À minha volta, os nossos amigos e familiares estão aqui para torcer por Ilmari. Harrison e Somchai estão ao lado de Jake, ambos com camisolas Suomi. Som

fica ridículo com um gorro Suomi com uma grande bola de malha azul e branca no topo.

Do outro lado de Caleb, os Kinnunens estão a cantar todas as músicas de apoio. Juhani é uma estrela do hóquei finlandês por direito próprio e, por isso, tem sido rodeado pelos adeptos em todos os jogos. A sua irmã Laura e a sua filha Helena estão à sua direita. Têm sido muito simpáticas e acolhedoras, deixando-nos entrar nas suas vidas enquanto lhes mostramos o quanto gostamos de Ilmari.

Passámos parte do verão passado com eles na Finlândia, e foi muito divertido ver um lado diferente de Ilmari. Agora estou oficialmente convertida às saunas finlandesas e aos banhos frios. Até instalámos uma sauna em casa que o Ilmari usa depois de cada jogo. Sorrio, com as bochechas a aquecer. Já nos divertimos muito naquela coisa.

Distraio-me quando um bebé solta um guincho alto. A mulher de Mäkinen, Kristina, balança a criança na anca, na fila à nossa frente. É um pequeno querubim, com caracóis loiros brilhantes e bochechas cor-de-rosa. Usa auscultadores com cancelamento de ruído do tamanho de um bebé e está vestido com um fato de leão. Assim que o vi, os meus ovários explodiram. O Jake já teve de o tirar dos meus braços uma vez esta noite.

Caleb passa o braço à volta da minha cintura.

– Ele vai sair-se bem, querida. Está a sentir-se bem. Sente-se forte.

Aceno com a cabeça, tentando engolir os meus nervos. O último jogo foi um desastre. Finlândia vs. Suécia. O Ilmari levou uma pancada que fez com que a minha alma ameaçasse sair-me do corpo. Uma cotovelada na máscara atirou-o para trás, empurrando-o para a sua rede. Bateu na trave quando caiu, fazendo com que a baliza se soltasse.

O grito que eu soltei. Enquanto o defesa escoltava o jogador sueco até à área de penálti, os rapazes impediam-me fisicamente de trepar ao acrílico e arrancar-lhe o coração. Estas são as duas partes mais difíceis de ser mulher de um jogador de hóquei: a espera e os golpes. E eu sou uma esposa de hóquei duas vezes.

Não tenho ninguém para culpar a não ser eu própria.

– Ei, Seattle... olha – diz Jake, dando-me um empurrão, com a mão cheia de pipocas – Ele está cá.

Sigo a linha do seu ponto de vista e vejo o Dr. Halla no fim da fila, na coxia, a olhar para o seu bilhete. Também está vestido com roupa Suomi, incluindo uma *t-shirt* e um cachecol. Eu sorrio. Não sei se alguma vez o vi em algo que não fosse uma bata ou um fato. É estranho. É como ver um cão a andar de *skate*.

– Ele veio – murmura Caleb ao meu lado.

Eu sorrio, apertando as mãos de ambos enquanto passo por Jake para o ir cumprimentar.

A verdade é que ninguém consegue guardar rancor como um finlandês. E o meu marido é o finlandês mais finlandês que já conheci. Por isso, estamos

a ir com calma. Halla veio a um jogo dos Rays na primavera. Também veio no final do verão para celebrar o lançamento da organização de conservação de tartarugas marinhas de Ilmari.

Na noite da gala, Ilmari doou meio milhão de dólares a uma organização sem fins lucrativos dirigida por três benfeitores entusiastas, mas bastante infelizes. O seu dinheiro adicional e a sua supervisão proporcionaram uma revisão total da sua organização. Agora, a Out of the Net é uma verdadeira organização sem fins lucrativos com uma direção, um diretor financeiro e uma base de voluntários em crescimento.

Halla também fez uma doação considerável, quase igualando a contribuição de Ilmari. As tartarugas marinhas de toda a costa do norte da Florida vão dormir descansadas sabendo que um par de finlandeses está determinado a mantê-las a salvo.

Eu passo por Harrison e Som, acenando para Halla.

– Ei! Halla, aqui!

Ele acena em sinal de saudação, o seu olhar percorre a nossa fila. Fixa-se em Juhani e Laura e acena com a cabeça. Juhani tem-me apoiado na minha missão de ajudar pai e filho a reparar as suas desavenças. Acho que foi a interferência de Juhani, mais do que qualquer outra coisa, que valeu a Halla um bilhete para este jogo.

– Olá, Rachel.

– Olá – digo eu, sentindo-me sem fôlego. – Ainda bem que pudeste vir.

Som desce um pouco para abrir espaço para nós na ponta.

– Chegaste a ver os outros jogos? – pergunto eu.

– Oh, sim – responde ele. – Gravei-os todos.

– O que achaste do último jogo? – O seu olhar escurece. – Os suecos jogaram sujo.

– Sim, estive quase para matar o número doze – digo eu.

– Vai para a fila – murmura ele.

Ficamos ali parados durante um minuto, com a excitação da multidão a pulsar à nossa volta.

– Bem – digo eu, sentindo-me nervosa. – Devia voltar para o meu lugar...

– Price, eu... Rachel – corrige ele, colocando a mão no meu cotovelo. – Eu nunca te agradeci. Por nada disto, nunca...

– Ei – digo, dando-lhe uma palmadinha na mão. – Está tudo bem...

– Não. Eu devia agradecer-te – insiste ele. – És a única razão pela qual isto está a acontecer. É por tua causa que ele me deixa aproximar. As minhas próprias tentativas têm sido fracas, na melhor das hipóteses. Quando se passa tanto tempo a viver na nuvem dos nossos erros, é difícil ver o caminho para sair do nevoeiro.

– Eu sei o que queres dizer.

E realmente sei. Também passei tanto tempo perdida e à procura, perguntando-me se alguma vez seria importante. A filha selvagem de Hal

Price. A rapariga da festa. A confusão. A pirralha mimada. Eu era tão amarga e zangada e simplesmente assustada.

– Todos nós merecemos uma segunda oportunidade – digo eu. Sentindo que este é o momento da verdade, inclino-me. – Mas fica a saber que, se Ilmari é um leão, eu sou a sua leoa. Se magoares o meu marido, arranco-te a garganta. Combinado?

Ele sorri, dando-me um aceno de cabeça.

– *Joo.*

Eu continuo, aquela simples resposta de uma palavra acende algo na minha memória. Passo à frente de Som para voltar ao meu lugar, mas depois olho por cima do ombro.

– O que é que lhe perguntaste? – Ele olha na minha direção. – Hã?

– Naquela noite – digo, aproximando-me mais. – No jantar em Cincinnati... tu perguntaste-lhe uma coisa. Eu sei o suficiente de finlandês agora para saber que a resposta dele foi «sim». O que é que lhe perguntaste?

Ele solta uma gargalhada, com a boca a sorrir. Levantando uma mão, ele segura a minha bochecha. A ternura parece estranha, mas eu não me afasto.

– Perguntei-lhe se estava apaixonado por ti.

Eu inspiro fundo, com os olhos arregalados. Ele afasta a mão, ainda a sorrir.

O meu coração bate-me no peito. Ele perguntou nessa altura? Ele perguntou em Cincinnati... e a resposta de Ilmari já era sim.

Halla acena-me com a cabeça, os seus próprios olhos estão a lacrimejar.

– Tomas conta dele?

Não é bem uma pergunta. Ambos sabemos que o farei. O Ilmari é meu. Vou amá-lo e lutar por ele até ao meu último suspiro. Lentamente, eu aceno com a cabeça.

– *Joo.*

– Meu Deus! – grito, as minhas mãos agarram-se aos braços do Jake e do Caleb enquanto todos nós saltamos para cima e para baixo. Este jogo está fora de controlo. Os canadianos querem ganhar. Uma vitória para a medalha de ouro no seu próprio gelo? É disso que são feitos os sonhos. Estão a jogar ferozmente e sujo, animados pela multidão selvagem.

Ilmari tem sido uma parede de tijolos, bloqueando remate após remate. E o ataque finlandês tem sido fantástico, liderado por Mäkinen. O resultado está fechado em 1-0 desde o final do segundo período. A Finlândia está a ganhar. E estamos quase a chegar aos derradeiros dois minutos do último período. O Canadá está pronto para dar tudo para igualar o resultado.

– Oh, porra, eles estão a conseguir! – grita Caleb. – O guarda-redes está em movimento!

– Oh, meu Deus! – grito novamente, vendo o guarda-redes canadiano a chegar ao banco. Assim que os seus patins saem do gelo, o avançado mais

rápido sai disparado. Agora, o seu sexto homem é um patinador veloz da NHL, famoso pelo seu remate de primeira.

– Oh, caramba! Estou a passar-me! – Neste momento, o Jake não conseguiria encontrar a calma nem com um GPS. Ele é um maníaco uivante, gritando para os defensores finlandeses verificarem e bloquearem.

Toda a ação se passa na zona defensiva finlandesa. Consigo praticamente sentir a concentração a sair de Ilmari, mesmo daqui. Odeio o facto de ele estar no lado oposto do gelo. Sinto-me tão impotente, mas não há nada que nenhum de nós possa fazer. Este jogo é dele, para ganhar ou perder.

Os finlandeses lutam sujo, tentando arrancar o disco aos canadianos. Se conseguirem soltar o disco e descer o gelo, podem voltar a marcar na rede aberta. Os canadianos sabem que é um risco. Esta é a sua hipótese de empatar o jogo.

– Tirem-no!

– Vamos lá!!!

O estádio inteiro está a ir ao rubro. Os adeptos finlandeses tentam igualar o volume dos canadianos, apesar de estarmos em desvantagem numérica de 50-1. Mäkinen entra ao longo das tabelas, lutando com um avançado pelo controlo. Ele consegue atirar o disco para fora, enviando-o para a linha central.

Ilmari está a ser pressionado à medida que o tempo passa. Depois, o número 10 do Canadá faz um remate desleixado e o disco vai a girar para o canto.

– Fod... golo do guarda-redes! – grita Caleb. – Golo do guarda-redes! Golo do guarda-redes!

– Oh, meu Deus, ele vai fazê-lo! – Jake praticamente estrangula-me enquanto se estica para agarrar o ombro de Caleb, e agora estão os dois a saltar, empurrando-me entre eles.

Mal sei o que estou a ver quando Ilmari corre atrás do disco, saindo da sua rede. Os seus defesas seguram os canadianos durante apenas dois segundos, enquanto Ilmari se vira, preparando o remate com o seu *stick*. Com uma pancada, manda o disco a voar sobre as cabeças dos jogadores.

Observo em câmara lenta, com Caleb e Jake a gritarem de ambos os lados, enquanto o pequeno disco preto percorre toda a extensão do gelo. Aterra na zona de defesa canadiana e desliza sobre o gelo, diretamente para o fundo da rede vazia. Há um momento de imobilização enquanto toda o estádio regista o que acabou de acontecer. Depois, a cereja acende-se, a sirene toca e o marcador muda. 2-0.

E os finlandeses entram em êxtase. A nossa secção das bancadas transforma-se num vulcão humano, explodindo em gritos, choros, abraços e cânticos.

– O melhor jogo de sempre! – grita Jake.

No gelo, a equipa finlandesa aplaude Ilmari. Um golo do guarda-redes nos últimos minutos de um jogo para a medalha de ouro? Sim, não há

hipótese de os canadianos voltarem agora. Acabou-se. A Finlândia vence. Ilmari acaba de garantir a medalha de ouro à equipa.

As lágrimas correm-me pela cara enquanto abraço todos à minha volta, com o coração aos saltos. Aperto o punho com força, adorando a pressão da pesada aliança de casamento de Ilmari contra a minha pele. A aliança dele está bem presa no meu polegar. Inclinando a mão, olho para os três anéis de diamantes que uso como símbolo do casamento. Brilham sob as luzes da arena.

Cada um escolheu o seu. O de Ilmari está no fundo da pilha, um espelho do deles num estilo mais fino. O de Caleb está no meio, uma faixa fina de diamantes, nada chamativo. É perfeito. O do Jake está no topo, quatro diamantes de corte retangular, pontilhados de esmeraldas verdes como os seus olhos. Aperto o punho com mais força, com o coração a transbordar de felicidade.

Ao meu lado, o Jake faz beicinho.

– Meu anjo? – digo eu, envolvendo o meu braço à volta da sua cintura. – O que é que se passa?

Ele abana a cabeça e suspira.

– Não vou poder viver com ele depois disto.

Eu apenas sorrio. Acho que vamos viver todos juntos na perfeição.

– Meu Deus, isto está a demorar uma eternidade – resmunga Jake de olhos postos no telemóvel.

Eu reviro os olhos, ignorando-o. Caleb faz o mesmo. Ilmari mandou-nos uma mensagem há uma hora a dizer que estava finalmente livre e a caminho do hotel.

– Ele chega quando chegar – digo, encostando-me ao lado de Caleb. Quando digo as palavras, ouve-se uma batida na porta.

Jake sai da outra cama *kingsize*, vestindo apenas os calções de desporto, e corre para a porta.

– Finalmente, porra!

Caleb e eu rimo-nos. Deslizo-me para o lado da cama e pego no anel de Ilmari que está na mesinha de cabeceira.

– Aqui está ele! – grita Jake, abrindo a porta. – Oh...foda-se, meu... a sério? Como se eu já não tivesse complexos suficientes?

Não ouço o que Ilmari diz quando passo pela extremidade da cama, mas vejo-o ali à entrada, abraçado a Jake. É uma novidade para eles. Jake insistiu. Ele pode não querer contacto sexual com Mars, mas o nosso Jake é um abraçador. Ilmari apenas deixa acontecer agora, as suas mãos batendo desajeitadamente nos ombros de Jake. Mas o seu olhar está todo virado para mim.

As lágrimas ardem-me nos olhos quando o vejo afastar-se de Jake. Ele está ali de pé com a medalha de ouro ao pescoço, parecendo um deus do

hóquei. Estivemos todos na cerimónia da entrega de medalhas, há pouco. Eu chorei muito quando a puseram ao pescoço dele. E já todos demos os nossos parabéns. Tirámos milhares de fotografias, publicando-as nas redes sociais por insistência da Poppy.

Mas aqui está ele finalmente, na privacidade do nosso quarto de hotel, e podemos celebrar como quisermos. Sem câmaras. Sem imprensa. Sem o circo mediático da «Equipa Price».

Tem sido um ano de grandes ajustes para todos nós, deixando a imprensa e a comunidade do hóquei superar o choque da nossa relação pouco ortodoxa. Mas os meus rapazes tinham razão – por cada idiota na Internet que nos diz para irmos para o inferno, há sempre mais mil pessoas a desejar-nos felicidades.

O olhar de Ilmari aquece mais do que o fogo quando ele passa por Jake, arrebatando-me para os seus braços. Derreto-me contra ele, desesperada por cada toque seu.

– Como é que te sentes? – digo, a meio do beijo, com as minhas mãos a passar pela fita da sua medalha.

As mãos dele estão em cima de mim, segurando-me com força.

– Incrível – murmura ele.

Eu sorrio para ele, levantando a minha mão para afagar a sua face.

O seu olhar vê o brilho do meu polegar e agarra-me no pulso.

– Dá cá isso.

Deixo-o tirar a aliança do meu polegar e observo-o a colocá-la de novo no dedo. É quase como se um peso fosse retirado de cima dele quando a aliança é colocada no lugar, como se ele não estivesse completo sem aquele anel em volta do dedo, lembrando-o de quem ele é e onde pertence.

Ponho-lhe as duas mãos no rosto.

– Estou tão orgulhosa de ti, *kulta*. Foste fantástico.

Ele beija-me outra vez e eu deixo-me perder na sensação do seu poder, da sua alegria. Os nossos beijos aquecem e, em breve, ele separa-se com uma suave maldição.

– O que é que tu queres? – pergunto. – O nosso medalha de ouro olímpico tem o que quiser esta noite.

– Sim, mas só por esta noite – avisa Jake da beira da cama. – Amanhã volto a ser eu a dar as ordens todas.

Ilmari rosna, lançando-lhe um olhar fulminante, enquanto atrás dele Caleb solta uma gargalhada incrédula.

– O que é que tu queres? – pergunto novamente.

– Tu sabes o que eu quero – responde ele, com a voz febril de necessidade.

Respiro fundo e aceno com a cabeça.

– Então, estou a dizer que sim.

– Sim?

– *Joo*.

– Sim, Rakas. – A sua alegria é contagiante quando ele me agarra, puxando-me contra ele. Ele vira-nos, deixando-me cair na cama ao lado do Jake. – Desaparece, Jake – rosna ele.

– O quê? Au... – Jake suspira indignado quando Ilmari afasta a sua mão de mim.

Estou totalmente à mercê de Ilmari quando ele me tira a camisola por cima da cabeça e a atira para o chão, deixando-me em *topless*.

– Vai brincar com o Caleb – ordena ele. – Neste momento, ela é minha.

Jake zomba, empurrando-se para fora da cama.

– Só para que saibas, marcar um golo ao guarda-redes para conquistar a medalha de ouro olímpica é literalmente o único conjunto de circunstâncias em que posso aceitar que consigas o que queres neste momento. Amanhã, se me afastares a mão da minha mulher, arranco-ta à dentada.

– Anotado – murmura ele, com os olhos postos em mim, enquanto tira a medalha de ouro e a deixa cair no chão tirando a camisa a seguir.

Caleb passa por trás dele para ficar ao lado de Jake. Enquanto Ilmari tira os meus calções de seda, eu olho para eles, vendo Caleb colocar um braço em volta do ombro de Jake e segurar o seu pénis.

– Queres ver comigo, meu anjo? Ou posso colocar-te de joelhos e dar uma no teu doce rabo.

Jake geme, inclinando-se para ele, mas é Ilmari quem responde, deixando cair as calças de desporto no chão e apertando o punho à volta da sua pila dura.

– Hoje não se brinca com o cu. E é bom que nenhum de vocês se venha.

Caleb pisca-lhe o olho.

– O quê?

– Não podemos tocar na Rachel, e não nos podemos vir? Fixe – diz Jake. Ele vira-se para Caleb. – Queres jogar às damas ou assim?

Eu solto uma gargalhada, mas sou rapidamente silenciada por Ilmari que me agarra pelas pernas e me arrasta pela cama. Ele põe-se de joelhos, atirando-me as pernas por cima dos seus ombros largos enquanto desce, a sua boca a reclamar a minha vagina necessitada.

– Oh, meu Deus... – suspiro, arqueando as costas e levando ambas as mãos para a sua cabeça. Enfio os calcanhares nas suas costas, segurando-o junto a mim enquanto ele me devora. Não consigo controlar os meus gemidos enquanto a sua língua lambe e provoca. Ele murmura contra mim, sabendo como eu gosto disso. O meu vibrador humano. Este homem lambe como um deus. Todos os meus homens são talentosos. E estão sempre esfomeados. Só o entusiasmo pode levar-nos longe.

Abro os olhos, procurando os meus outros rapazes. O Jake observa, paralisado, enquanto o Caleb o provoca com beijos, a sua mão agora dentro dos calções do Jake, acariciando-o da raiz até à ponta. Lambo os lábios, querendo saboreá-los enquanto Mars me prova, mas ele consegue o que quer esta noite e, neste momento, quer-me só para si.

Com um gemido, Jake vira-se nos braços de Caleb, com a mão livre a segurar a cara de Caleb enquanto se beijam. Cay mantém a sua mão nos calções de Jake, trabalhando-o lentamente enquanto se saboreiam um ao outro. Vê-los amarem-se um ao outro leva-me ao limite. Eu grito, o meu orgasmo a bater-me enquanto Ilmari me trabalha com a sua língua e dedos, bebendo a minha libertação com um gemido faminto. Ele gosta de me aquecer com pelo menos um orgasmo antes de me penetrar. É mais fácil com o tamanho dele se eu estiver escorregadia e pronta. Já está. Estou literalmente desesperada por este homem.

Tiro-lhe as pernas dos ombros, ofegante, e arrasto-me para cima da cama, afastando-me dele.

– *Tule tänne* – ofego. – *Kulta, tule.*

Com um grunhido, ele está de pé, subindo para a cama e para cima de mim. Afunda-se nas minhas coxas. Não é preciso nada para que ele encoste a sua pila à minha entrada e a pressione.

Exalo num longo gemido, relaxando o meu corpo enquanto ele me enche completamente, fixando-se no meu centro. As lágrimas ardem-me nos olhos enquanto me agarro aos seus ombros, balançando-me com ele, com o coração a transbordar.

– Amo-te – murmuro. – Ilmari... tão orgulhosa de ti...

Ele cala-me com um beijo, o seu corpo apodera-se de mim enquanto murmura contra os meus lábios em finlandês, expressando o seu amor por mim. Passa uma mão por baixo da minha coxa, abrindo-me mais e pressionando mais profundamente.

– Oh... – O meu pescoço arqueia-se para trás enquanto sinto a espiral requintada de um orgasmo no ponto G a construir-se no fundo do meu núcleo. Todo o meu corpo aquece e o meu cérebro fica confuso. O aperto é delicioso. – Sim... aí...

– Diz-lhes – rosna ele, batendo-me com as ancas. – Rakas... diz-lhes.

Ofegante, desvio o olhar dele, agarrando-me aos seus ombros.

Caleb e Jake ainda estão de pé ao fundo da cama, sem roupa. Caleb tem os pénis de ambos em punho. A cabeça de Jake está inclinada para trás, com os olhos fechados, enquanto Caleb lhe chupa o pescoço.

– Rapazes – chamo-os. – Jake... Cay...

Eles separam-se, as suas cabeças viram-se para nós. Ilmari abranda as suas investidas, baixando a cara para me beijar o pescoço. Eu gemo de prazer e estendo uma mão para eles.

– Venham cá.

Eles dão um passo em frente e Jake pega na minha mão.

– Eu tirei o meu DIU – digo eu. – Tirei-o na semana passada.

Os olhos deles arregalam-se quando ambos registam todo o significado. Há meses que andávamos a falar sobre isso. O Jake queria que começássemos a tentar na noite em que nos casámos. Felizmente, os outros dois estavam do meu lado, dizendo que devíamos adiar. Aguentar a tempestade mediática,

encontrar o nosso novo normal. Mas agora parece ser a altura certa. Estamos felizes. Estamos prontos. Quero que a próxima fase da nossa vida comece.

– Que grande merda – grita Jake, com uma expressão eufórica. – Estás a falar a sério agora, Seattle?

Eu aceno com a cabeça, mordendo o lábio quando Ilmari começa a mexer-se de novo.

– Oh, foda-se, sim – diz Jake, caindo de joelhos ao lado da cama. Ele pega na minha mão e segura-a, beijando-me os nós dos dedos enquanto Ilmari me adora com o seu corpo.

Caleb fica atrás de Jake, com os olhos arregalados. De todos os rapazes, ele tem sido o mais ansioso com a ideia de ter filhos. Mas o Caleb dá-se sempre melhor com a ação. Não tenho dúvidas de que ele vai aprender fazendo e vai ganhar confiança.

Jake olha com admiração enquanto Ilmari me agarra com força, enterrando-se profundamente a cada investida. Eu afundo-me, de olhos fechados, enquanto deixo a sua paixão fundir-se com a minha. Mais fortes juntos. Para nunca mais nos separarmos. Ilmari Price é o meu marido. Meu amante, meu amigo.

Gemo enquanto o meu orgasmo se aperta mais.

– Vem-te – implora Ilmari. – Vem-te outra vez, Rakas. Vem-te comigo... por favor...

Ouvir o meu marido a implorar faz-me estremecer. As suas ancas entram e imobilizam-se enquanto a sua libertação quente me enche. A minha vagina aperta-o com força. Estou a ofegar, a suar, a ver estrelas. Encosto-me à cama quando ele se retira. Sem fôlego, ele rola para o meu lado, a sua mão vai até à minha vagina. Passa um dedo pela minha entrada, levando-o aos meus lábios. Chupo-lhe o dedo com um gemido ansioso, saboreando a mistura das nossas libertações na minha língua.

– Caleb, vem – ordena Ilmari. – Toma-a. Toma a nossa mulher. Enche-a.

De repente, Caleb parece quase assustado. Eu estendo a minha mão para ele, levantando-me até aos cotovelos.

– Vem cá, querido.

Ele dá um passo em frente, afundando-se de joelhos na beira da cama com um leve estremecimento. Está fora do seu elemento aqui. Nada de jogos, nada de taras. Isto é sexo e intimidade a um nível completamente diferente. Sabendo o que ambos precisamos, eu assumo o controlo, rodando até aos meus joelhos.

– Deita-te – digo, com firmeza.

– Furacão...

– Deita-te, Caleb – digo, pondo a minha mão à volta da sua nuca. – Vou montar a tua pila como uma rainha. Tu és meu. Meu marido. Isto é tudo de nós ou nenhum de nós. Concordas?

Acenando com a cabeça, ele aproxima-se mais, envolvendo-me com os

braços. Beijamo-nos enquanto eu o atiro para a cama. Deixando-me cair sobre os cotovelos, chupo-lhe o *piercing* com a boca. Ele geme, com as mãos no meu cabelo. Estou esfomeada quando subo para o seu colo, mexendo as ancas até o seu pénis estar pressionado contra o meu clítoris. Tremo, sorrindo para ele, enquanto levanto as ancas e o encosto à minha entrada.

Ele só tem olhos para mim e o seu olhar escurece.

– Fá-lo – rosna ele.

Eu afundo-me com força e rapidez, e ambos gritamos. Os seus *piercings* roçam-me tão perfeitamente quando começo a mexer-me, encontrando o meu ritmo enquanto fodo a sua pila perfeita. Ele agarra-se com toda a força, com as mãos nas minhas ancas, vendo com admiração os meus seios saltarem a cada investida.

– Amor, já estou quase – grito, a minha vagina gulosa já a apertá-lo com tanta força.

– Eu também... – Ele geme, a cabeça arqueada para trás enquanto me segura, as suas ancas a baterem em mim.

Eu grito, a força das suas investidas faz-me entrar em queda livre. Estou a ofegar e a gemer, abalada por um orgasmo que me deixa praticamente em convulsão. Aperto-o com muita força, onda após onda a atingir-me. E depois o seu esperma quente enche-me, escorrendo de mim para ele.

Estou a tremer enquanto ambos descemos do nosso auge. Depois, ele senta-se, com a pila ainda enterrada dentro de mim. Nem sequer me apercebo que estou a chorar quando ele limpa as minhas lágrimas e me beija.

– Amo-te, Rachel. Querida, amo-te tanto – murmura ele. Ele é o menos vocal dos meus rapazes, mostrando a sua devoção mais com ações do que com palavras. Ao ouvi-los agora, sou como uma flor à procura da luz do sol, agarrada a ele, a dar-lhe beijos.

– Amo-te – gemo. – Cay, amo-te.

– Amo-te, Furacão – diz ele, quebrando o nosso beijo enquanto procura o Jake.

Sabendo que finalmente é a sua vez, Jake cai na cama ao nosso lado, envolvendo os braços em torno de ambos e beija-me primeiro, depois Caleb, depois eu novamente.

– Amo-vos tanto – murmura ele. – Amo-vos. A minha rapariga e o meu rapaz. Sou o homem mais sortudo do mundo. Até te amo a ti, Mars – acrescenta por cima dos nossos ombros para Ilmari.

Viro-me para ver Ilmari sentado na otomana ao lado da cama, ainda nu. Lentamente, ele acena com a cabeça, o que todos nós já sabemos que é a expressão de Ilmari para «também te amo, mas sou demasiado reservado emocionalmente para o dizer. Por isso, vou ficar a olhar para ti e esperar que seja suficiente».

Sorrio, com o coração a transbordar, quando me viro para Jake, com a pila de Caleb ainda aninhada na minha vagina.

– Meu anjo, por favor – digo-lhe, segurando-lhe na cara. – Tu sabes o

quanto eu preciso de ti.

Ele agarra-me por baixo dos braços, levanta-me de cima do Caleb e vira-se, deixando-me cair na outra cama.

– Mãos e joelhos, miúda. Quero ir fundo.

Eu rolo ansiosamente para os meus joelhos, de frente para o fundo da cama. Mas Jake não me segue imediatamente. Viro a cabeça e vejo-o a empurrar o ombro de Caleb, deitando-o na cama oposta. Curvando-se, ele chupa o pénis meio duro de Caleb, lambendo-o com um gemido faminto. Caleb agarra o cabelo de Jake com as duas mãos, o seu olhar é vulcânico enquanto mexe as ancas, querendo manter-se suficientemente duro para sufocar Jake.

Eu gemo quando, do outro lado da sala, Ilmari geme, com a pila dura nas mãos. Ele está a adorar isto tanto quanto eu. A sua tendência para a reprodução está ao rubro, sabendo que agora é possível engravidar-me.

– Já chega – ordena ele. – Jake, fode a nossa mulher. Agora. Ela tem de receber todo o nosso esperma esta noite.

Jake sai de cima de Caleb com um gemido, levantando-se rapidamente para o beijar.

Depois ele afunda-se no colchão atrás de mim, as suas mãos percorrem os meus lados, sobre os meus ombros, enquanto o seu pau duro se aninha entre as minhas nádegas. Ele inclina-se sobre mim.

– Beija-me.

Eu viro-me, baixando o ombro o suficiente para nos podermos beijar. É desleixado e rápido, mas não nos importamos. Depois a sua mão desliza entre as minhas pernas, procurando a minha entrada.

– Foda-se, querida – geme ele. – Estás tão molhada. Eles fizeram uma grande confusão contigo. Estás a pingar o esperma deles.

Eu gemo com as suas palavras, sentindo-o mergulhar com os dedos, movendo a confusão, enfiando-a de volta.

– Nunca pensei que tivesse uma tendência para a procriação, mas isto está a excitar-me muito – diz ele com outro gemido. – Mars, vem sentir – diz ele.

– Acaba com ela – responde Ilmari.

– Jake, por favor – imploro, começando a sentir-me desesperada com esta espera. – Preciso de ti, meu anjo. Preciso do teu esperma. – As palavras saem entre respirações ofegantes enquanto ele se agarra a mim, cravando-se na minha entrada.

– Tu és minha, Seattle – diz ele, e bate-me com força.

Gritamos os dois e eu caio para os cotovelos, mudando o ângulo. Dou-lhe rédea solta. Quero que ele me use e me encha, batendo com toda a força que quiser.

– A minha mulher – geme ele enquanto me agarra. – Minha amante. Mãe dos meus filhos. A porra da minha alma gémea. É isso que tu és. Tiraste-me a alma na noite em que nos conhecemos, e nunca mais a vou recuperar. E

não a quero de volta. Tu mudaste-me, querida.

– Tu também me mudaste – grito, o meu corpo perdido na euforia de ser tão perfeitamente preenchido.

– Tu és tudo para mim – diz ele. – A porra do meu mundo inteiro. Tu, o Cay e o Mars. Tu és o meu mundo. Ponto final. Nada mais importa.

– Sim – imploro. Se o universo for benevolente, vai deixar-me ficar com eles para sempre.

Partilhando um comprimento de onda, como sempre, ele inclina-se sobre mim, apalpando-me os seios enquanto me penetra.

– Nunca me deixes ir. Rachel, por favor.

Eu arqueio-me para trás até estarmos ambos de joelhos e pressiono as minhas ancas contra ele, balançando-me com ele, as minhas mãos agarradas às dele nos meus seios.

– Nunca – digo com toda a força que consigo reunir. – Nunca, Jake. Meu para sempre.

Depois ele grita, vem-se dentro de mim. A sua libertação desencadeia a minha. Esta é mais lenta e profunda do que as outras. É uma espécie de dor pulsante que se vai acumulando e devorando, como se todo o meu corpo se tivesse transformado subitamente em ouro líquido.

Deixamo-nos cair na cama e ele roda para o meu lado, saindo de dentro de mim. Ilmari está lá num instante, virando-me de costas. Ele põe a sua mão entre as minhas pernas, pegando na confusão que se derrama entre as minhas pernas.

– Toma tudo – rosna ele. – Mantém-nos dentro de ti, Rakas. Faz de nós uma família. Faz-nos completos.

Eu aceno, com lágrimas nos olhos, enquanto os meus três homens vêm para a cama. Jake fica do meu lado esquerdo, Ilmari do meu lado direito. Caleb desliza para a cama atrás de Jake, com o braço a passar por cima dele e a ficar pousado na minha barriga. Ficamos ali deitados, os quatro, numa cama demasiado pequena, e abraçamo-nos.

Podemos ter construído esta fundação em areias movediças, mas juntos estamos a aguentar-nos mais fortes do que nunca. Eu tenho três laços, inquebráveis. Eles também têm os seus próprios laços: laços de amizade, trabalho de equipa e de amor. Independentemente do que o futuro me reserva, sei quem sou agora e sei onde pertenço.

– Alguém quer serviço de quarto? – murmura Jake. – Eu vou pedir um gelado de *sundae*.

Ilmari apenas geme. Acho que o Caleb já deve estar a dormir. Entretanto, não consigo deixar de sorrir. Tudo isto começou num quarto de hotel com o homem ao meu lado. O meu rapaz mistério. Agora aqui estamos nós, a viver uma vida que nenhum de nós poderia ter sonhado.

Aconchego-me mais, fechando os olhos. Não preciso de celebrar este momento com gelado. A vida já é tão doce.

AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria se não fosse a fantástica comunidade de leitores que encontrei e que adoram vibrar e suspirar por tudo o que é romance de hóquei. Espero que gostem tanto da Rachel e dos Rays como eu!

Vou agradecer a algumas pessoas. Primeiro e sempre, obrigada à Ashley, a minha intrépida leitora alfa. Fazes com que o processo de escrever os meus livros seja tão divertido. Obrigada à minha equipa beta: Rachel, Amanda e Alex. Têm sido grandes líderes de claque à medida que vou explorando novos géneros.

Obrigada à minha agente, Susan, por ter apresentado uma prequela às empresas de direitos áudio. Muito obrigada aos meus parceiros da Tantor Media por continuarem a acreditar que todas as personagens do EMILYVERSE merecem ter uma voz.

Kiitos à Shani por ajudar a trazer o meu finlandês para o século xxi. Obrigada à Sandra da @smaldo.designs pela fantástica capa da edição especial com a nossa destemida Rachel! Obrigada à Alex em @aelisabethillustration. Obrigada às minhas Hockey Hoes, Jessa e Nikki. Eu divirto-me tanto a divagar sobre todas as coisas do romance de hóquei convosco.

Por último, quero deixar um enorme OBRIGADA à minha fantástica equipa ARC!!! Estou muito grata a cada um de vós pelo vosso entusiasmo, pelo vosso interesse e pela vossa devoção à Rachel e aos seus rapazes.

BEIJOS

Emily

Contents

1. Ficha Técnica
2. TEMAS, TAGS E AVISOS DE CONTEÚDO
3. CONHEÇA O RAYS
4. PALAVRAS E FRASES FINLANDESAS
5. AQUELA NOITE
 1. 1 RACHEL
 2. 2 JAKE
 3. 3 RACHEL
 4. 4 RACHEL
 5. 5 JAKE
 6. 6 RACHEL
 7. 7 JAKE
 8. 8 RACHEL
 9. 9 JAKE
6. PUCKING AROUND
 1. 1 RACHEL
 2. 2 RACHEL
 3. 3 CALEB
 4. 4 RACHEL
 5. 5 RACHEL
 6. 6 RACHEL
 7. 7 RACHEL
 8. 8 CALEB
 9. 9 RACHEL
 10. 10 RACHEL
 11. 11 RACHEL
 12. 12 JAKE
 13. 13 RACHEL
 14. 14 ILMARI
 15. 15 RACHEL
 16. 16 RACHEL
 17. 17 JAKE
 18. 18 RACHEL
 19. 19 CALEB
 20. 20 RACHEL
 21. 21 RACHEL
 22. 22 RACHEL
 23. 23 ILMARI
 24. 24 RACHEL
 25. 25 RACHEL

26. 26 JAKE
27. 27 RACHEL
28. 28 CALEB
29. 29 RACHEL
30. 30 RACHEL
31. 31 JAKE
32. 32 RACHEL
33. 33 CALEB
34. 34 RACHEL
35. 35 RACHEL
36. 36 RACHEL
37. 37 ILMARI
38. 38 RACHEL
39. 39 ILMARI
40. 40 RACHEL
41. 41 RACHEL
42. 42 RACHEL
43. 43 JAKE
44. 44 RACHEL
45. 45 RACHEL
46. 46 RACHEL
47. 47 JAKE
48. 48 JAKE
49. 49 CALEB
50. 50 ILMARI
51. 51 RACHEL
52. 52 RACHEL
53. 53 RACHEL
54. 54 RACHEL
55. 55 RACHEL
56. 56 CALEB
57. 57 RACHEL
58. 58 ILMARI
59. 59 RACHEL
60. 60 ILMARI
61. 61 RACHEL
62. 62 RACHEL
63. 63 ILMARI
64. 64 RACHEL
65. 65 RACHEL
66. 66 RACHEL
67. 67 JAKE
68. 68 CALEB
69. 69 JAKE

70. 70 RACHEL
 71. 71 RACHEL
 72. 72 CALEB
 73. 73 RACHEL
 74. 74 JAKE
 75. 75 RACHEL
 76. 76 ILMARI
 77. 77 RACHEL
 78. 78 JAKE
 79. 79 RACHEL
 80. 80 ILMARI
 81. 81 RACHEL
 82. 82 RACHEL
 83. 83 RACHEL
 84. 84 CALEB
 85. 85 RACHEL
 86. 86 CALEB
 87. 87 RACHEL
 88. 88 RACHEL
 89. 89 JAKE
 90. 90 CALEB
 91. 91 ILMARI
 92. 92 JAKE
 93. 93 RACHEL
 94. 94 JAKE
 95. 95 ILMARI
 96. 96 RACHEL
 97. 97 RACHEL
 98. 98 CALEB
 99. 99 RACHEL
 100. 100 RACHEL
 101. 101 JAKE
 102. 102 RACHEL
 103. 103 RACHEL
 104. 104 RACHEL
 105. 105 RACHEL
 106. EPÍLOGO RACHEL
7. AGRADECIMENTOS

Landmarks

1. Cover
2. Title-Page

3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)